HISTORIA

DA

UERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

omprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino
desde 1777 até 1834

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

el formado em medicina pela universidade de Coimbra, socio correspondente
do Instituto da mesma cidade
e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo

---

SEGUNDA EPOCHA

TOMO V — PARTE II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1893

HISTORIA DA GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

HISTORIA
DA
GUERRA CIVIL
E DO
ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR
EM
PORTUGAL

Comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

Bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, socio correspondente do Instituto da mesma cidade e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo

> Propter Sion non tacebo, et propter Jerusalem non quiescam.
> *Isaias, cap. 62.*

SEGUNDA EPOCHA

TOMO V — PARTE II

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1893

HISTORIA

DA

GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

Comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

Bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, socio correspondente do Instituto da mesma cidade e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo

Propter Sion non tacebo, et propter Jerusalem non quiescam.
Isaias, cap. 62.

SEGUNDA EPOCHA

TOMO V — PARTE II

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1893

COLLECÇÃO

DE

DOCUMENTOS HISTORICOS OFFICIAES

CONTIDOS NOS

ULTIMOS VOLUMES

DA CITADA

SEGUNDA EPOCHA

DOCUMENTO N.º 82-A

(Citado a pag. 512)

Barbaro procedimento que na villa de Monforte teve o coronel do regimento n.º 13 de cavallaria britannica para com alguns paizanos

Sendo um dever essencial de qualquer magistrado sustentar os impreteriveis direitos do soberano e manter a jurisdicção real que lhe foi confiada, não posso dispensar-me de levar ao conhecimento de v. ex.ª os factos atrozes e escandalosos acontecidos n'estes ultimos dias, n'esta villa, pelo mais estranho abuso e attentados commettidos pelo coronel do regimento de cavallaria britannica n.º 13, que ha tempo se acha n'ella acantonado, para que assim como todo este reino tem experimentado os saudaveis effeitos da protecção de v. ex.ª e d'aquelle zêlo infatigavel com que v. ex.ª tão heroicamente tem sabido pelas suas sublimes virtudes militares e politicas assegurar a independencia e liberdade nacional contra a mais iniqua aggressão de um inimigo barbaro e sanguinario, sempre repellido e humilhado pelo invencivel braço de v. ex.ª, gose tambem este povo da feliz sorte dos mais vassallos de sua alteza real, que devem aos talentos e alta beneficencia de v. ex.ª a tranquillidade e socego que desfructam; e possam estes fieis e pacificos habitantes ver renascer, pelas acertadas providencias de v. ex.ª, a doçura,

harmonia e boa ordem que do meio d'elles tem banido e desterrado o caracter violento, absoluto e despotico do dito coronel.

Tendo-me eu sempre prestado com toda a promptidão ás requisições e pretensões d'aquelle chefe a beneficio da sua tropa e para todas as mais que têem vindo alojar-se n'esta villa ou por ella transitado, como me têem permittido os limitados meios e a escassez de uma pequena terra, e como ge a rexiasão, reconhecimento e boa correspondencia para com a grande e illustre nação britannica, que tanta parte tem tido nos louros e triumphos para confusão e ruina do inimigo commum, não foi bastante esta minha attenção e desvelo para cumprir com uma tão sagrada obrigação, para poupar a este povo o dissabor e magua de ver um dos mais dolorosos espectaculos que em tempo algum tem manchado a terra d'esta villa.

No dia 22 do corrente fevereiro de 1812 tinha o dito coronel mandado prender um paizano portuguez do campo, e, depois de o reter mais de vinte e quatro horas em uma prisão particular, o fez soltar sem m'o haver entregado, como devia, para eu conhecer dos seus crimes, se de algum fosse arguido, ou ficar certo da sua innocencia, em cujo caso não devêra ser preso, porque as nossas leis patrias só permittem prender-se a quem tem culpa formada, ou em flagrante, ordenação, livro I, titulo LXV, § 73.°, e livro V, titulo CXVII, § 12.°, e titulo CXIX, no principio.

Ainda que n'este ultimo caso sejam competentes os militares para prender os paizanos, deve o commandante entregal-os logo ao ministro ou juiz territorial, debaixo da pena do perdimento do posto, pelo alvará de 21 de outubro de 1763, §§ 5.° e 6.°, que regulou e fixou os limites das duas jurisdicções civil e militar, que se devem mutuamente coadjuvar para o commum fim da utilidade publica e da paz e socego dos povos, por meio de uma boa policia, que é inseparavel da disciplina militar.

Vendo eu, ex.mo sr., um tal absurdo, contrario ás citadas leis e ás rectas e profundas intenções de v. ex.ª, que tão

louvavelmente se tem esforçado em promover a felicidade da nação portugueza, que ama e respeita a v. ex.ª como a um terno pae e bemfeitor, pedi ao dito coronel que, para o futuro, não prendesse mais paizanos, ou no caso de prender alguns que encontrasse em desordem, m'os quizesse entregar como a seu juiz privativo e competente; ao que me respondeu que havia de prendel-os elle mesmo sem m'os entregar, declaração que envolve manifesta usurpação e attentado contra a minha auctoridade, ou antes contra a do principe regente d'estes reinos e contra as ordens geraes do exercito, o que consta do documento n.º 1.

Não tardou muito o dito coronel em verificar e reduzir a effeito aquella ameaça, porque logo no dia 25 se abalançou a outro maior e mais espantoso excesso, que causou tanta maior consternação n'este povo, bem morigerado e pouco costumado a violencias e perturbações, quanto n'elle foi novo o exemplo que lhe deu o mesmo coronel na triste scena que apresentou aos seus olhos, fazendo não só prender outro paizano, mas açoutal-o publicamente com o mais desapiedado rigor, sendo amarrado a quatro estacas e depois lançado fóra da villa escorrendo em sangue, castigo nunca usado entre nós, à excepção dos casos mais atrozes, em que elle se decreta só depois de um processo formado conforme a ordem estabelecida no fôro criminal, ouvido primeiro e convencido o réu em juizo competente, e admittido a dar as provas da sua defeza, que é de direito natural, e a ninguem se póde tirar ou supprimir, proferindo-se sentença e appellando-se da mesma para os tribunaes superiores, a quem só pertence confirmal-a e mandal-a executar para a imposição das penas afflictivas, o que a nenhuma outra jurisdicção ou auctoridade subalterna é concedido.

Publicou o coronel que aquelle miseravel paciente havia furtado 3 guinéus a um official inglez de quem era creado; mas esta occupação e serviço não lhe extinguia a qualidade de portuguez, nem o privava dos direitos e prerogativas de cidadão e da sua naturalidade; e sendo paizano e não alistado no serviço da tropa, e estando na sua patria, não podia

ser julgado, nem punido pelas leis e usos militares, e muito menos por um estrangeiro e á face de uma auctoridade constituida do paiz de quem offendia o decoro e se arroga a jurisdicção, pois só a mim tocava o tomar conhecimento do pretendido delicto e proceder contra o réu pelos meios e com as formalidades que as leis prescrevem á vista das provas.

Ainda se torna mais aggravante a conducta d'este official pela notavel circumstancia de ser applicado aquelle ignominioso castigo no logar mais publico d'esta villa, como se mostra do documento n.º 2, quando aos soldados elle o costuma fazer em sitio retirado e subtrahido ás vistas do povo, de que se não consente individuo algum a assistir em similhantes occasiões, o que bem mostra que o seu espirito foi aviltar e insultar a nação portugueza, que tem por timbre amar a honra e o mais decidido brio e pundonor com preferencia á propria vida, como v. ex.ª terá observado nos conflictos e acções bellicas em que os nossos soldados, tendo á sua frente por chefe supremo a v. ex.ª, têem desenvolvido o valor mais denodado e imitado em disciplina e firmeza os seus esforçados e dignos alliados.

Entre nós, ex.^{mo} sr., é prohibido aos julgadores imporem penas a seu arbitrio pela ordenação, livro V, titulo CXXXVII, e muito menos as penas vis, qual é a dos açoutes, pela outra ordenação, livro V, titulo CXXXIX, das quaes são isentas muitas pessoas, o que só no plenario da accusação e da defeza se póde discutir com audiencia do accusado; e sendo todas estas ponderosas considerações preteridas e postergadas pelo coronel, e violando este os direitos do cidadão e da soberania do nosso augusto principe na minha pessoa, attentando contra a minha jurisdicção, igualmente que contra as leis da hospitalidade e da decencia nacional, confio da notoria rectidão e justiça que tanto caracterisa a v. ex.ª, que se dignará occorrer com prompta e efficaz providencia aos males incalculaveis que podem resultar para o futuro, se não forem respeitadas e auxiliadas as auctoridades constituidas do estado, em cuja prosperidade v. ex.ª tanto se interessa.

como o genio tutelar que dirige os destinos das nações peninsulares, de quem faz a principal gloria e ornamento.

Deus guarde a v. ex.ª Monforte, etc.

N. B.—O borrão d'este officio foi feito e dirigido pelo corregedor de Villa Viçosa, Francisco Xavier do Rego Aranha, ao juiz de fóra de Monforte, que lhe tinha ido pedir conselho sobre o que faria á vista das prepotencias do coronel inglez de que n'elle se falla. O referido juiz não só o dirigiu a lord Wellington, mas até deu parte do succedido ao governo para Lisboa, que lhe não mandou resposta, não se sabendo que tivesse havido procedimento algum contra o referido coronel, constando apenas ter recebido ordem repentina para se dirigir á dita cidade de Lisboa, como praticou. Assim consta de uma das cartas que o citado corregedor de Villa Viçosa dirigiu em 1812 á filha do general Vallaré, manuscripto da livraria publica de Lisboa.

DOCUMENTO N.º 82-B, PARTE I

(Citado a pag. 520 e 526)

Memoria sobre a linha defensiva que deve cobrir Lisboa [1]

Pelo major de engenheiros
e lente da antiga academia de fortificação, Lourenço Homem da Cunha de Eça

Em cumprimento das ordens de v. ex.ª tenho a honra de depor na presença de v. ex.ª o detalhe da linha de defensa, que inclue parte do termo de Lisboa. As minhas fadigas ficarão assás recompensadas se eu tiver a fortuna de ter preenchido os meus deveres e a approvação de v. ex.ª Digne-se,

[1] Extrahida do vol. II das *Memorias e reconhecimentos militares*, existentes na bibliotheca da secretaria do estado maior do exercito, pag. 37 a 41. Suppomos ter sido delineada pelo signatario a *Carta militar das principaes estradas de Portugal*, que Romão Eloy de Almeida gravou em 1808.

pois, v. ex.ª prestar-lhe aquella correcção a que os meus poucos talentos não chegaram.

A linha de defeza que deverá cobrir a capital julgo dever passar pelas alturas de Mafra, Cabeça e Bucellas, tendo a direita apoiada no Tejo no sitio da villa da Alhandra, a esquerda no logar da Ericeira e o centro em Bucellas e Cabeça.

O monte da Cabeça de Montachique, a serra do Soeirão, o monte de Serves, o monte que fica proximo á villa da Alhandra, o cabeço do Curral, adiante do logar da Povoa de D. Martinho, no sitio dos Caniços, o cabeço da Agueira, por cima de Friellas, o monte da Boa Vista, junto á Povoa de Santo Adrião, o monte da Quinta Nova do Senhor Roubado, a serra da Amoreira serão pontos dos quaes se observarão os movimentos do inimigo. Haverá um regimento de signaes que fará a communicação de dia e de noite por fachos. Em todos os referidos pontos haverá alguns soldados de cavallaria de eguas para o mesmo fim. Da Cabeça se fará a communicação com os outros pontos que se escolherem até á Ericeira, que deverão uns e outros chegar até á capital.

As forças a empregar na referida defeza serão divididas em cinco divisões, que occuparão as posições indicadas na dita linha, para que se possam sustentar umas e outras, e acudirem a todos os pontos que o inimigo ataque. Todas as divisões devem ter artilheria de calibre 6 e 3, e alguns obuzes de 4 pollegadas. Nas alturas do Zambujal deve haver um batalhão e duas peças de 3 e um obuz de 4. No monte de Cintra, em Sacavem, haverá uma bateria de quatro peças, duas de 9 e duas de 6, e um obuz de 4. Dentro da cerca das Freiras, do mesmo logar, se postarão duas peças de 6 e um obuz de 4. O cabeço da Aguieira e o logar de Unhos serão occupados pelo dito batalhão com seis peças de 3 e dois obuzes de 4.

As divisões assim postadas obrigarão o inimigo a dividir as suas forças e a não se poder avançar sem que primeiro se apodere de todas as nossas posições, pois que elle será indubitavelmente cortado se vier em uma columna. É, por-

tanto, n'estes pontos que se deve fazer maior opposição, pois que se as forças do inimigo forem taes que, tendo vencido alguns dos postos referidos, avançasse com uma columna, deixando outra no posto que venceu, ser-nos-ha impossivel cortal-o, e seremos obrigados a ir tomar outra posição, para que a columna que avança nos não venha cortar. Logo que o inimigo venha pela estrada da borda de agua se fará immediatamente subir á divisão que occupa Bucellas, a qual destacará um corpo com duas peças de 3 a ir occupar as alturas da Portella na estrada da Romaneira, e fará saír guardas avançadas pelas estradas que d'este ponto se dirigem ás villas de Alhandra e Alverca.

Quando a divisão que occupa o posto da villa da Alhandra for obrigada a abandonal-o, o fará saber a todos os pontos occupados na linha. Fará a sua retirada para as alturas do cabeço do Curral e Caniços, onde disputará o passo ao inimigo. Quando seja obrigada a retirar-se, a divisão será dividida em duas, uma com duas peças de 6 marchará pela estrada a ir tomar as alturas do Papaleite, e a outra com duas peças de 3 e um obuz de 4 marchará pelas alturas do flanco direito, buscando todos os pontos d'onde possa bater o inimigo e proteger a nossa retirada. Quando chegar proximo á posição do Papaleite fará alto, e se não retirará sem que a divisão ahi postada a abandone; então marchará ao logar da Debudel, e virá postar-se na saida da estrada que vem á ponte, até que se lhe reuna a outra divisão que vem pela estrada real. Logo que passem será immediatamente destruida a ponte.

Se o inimigo avança até á Porta de Ferro, a bateria no monte de Cintra fará fogo. Quando este consiga vencer a volta que a estrada ahi faz, a artilheria postada na cerca das Freiras fará fogo igualmente, ficando o inimigo batido de frente e flanco, embaraçando tambem a construcção de alguma bateria que intente fazer nas alturas que nos fazem frente.

Quando nos for indispensavel abandonar estes postos (o que só póde acontecer quando o inimigo se dirija por

Loures, ou que tenha passado o rio de Friellas), a retirada se fará pela estrada que vae de Sacavem á rua Nova, Poço do Bispo até ao arco da Cruz da Pedra, ponto de reunião com as forças ahi postadas.

Se o inimigo vier pela estrada de Vialonga buscar o rio de Friellas (o que só póde ser quando tenha sido abandonado o posto do Curral e Caniços), o corpo que occupar o logar de Unhos e cabeço da Aguieira buscará os pontos a que se dirige, disputando-lhe a passagem com o maior vigor com fogo de artilheria, fuzil e granadas. Quando o inimigo consiga passar, se deverão reunir, fazendo a retirada para a ponte de Friellas, onde se devem conservar até que se lhe reunam as divisões que occupam os outros postos.

Se o inimigo vem pela estrada de Vialonga buscar a ponte do Tojal, a divisão de Bucellas, que pelos signaes, piquetes e guardas avançadas deve saber a direcção por onde se dirige, deverá logo vir occupar as alturas do Zambujal e ponte do Tojal, para não ser cortada. Quando as forças que compõem a divisão forem taes que possam destacar um ou mais corpos que cortem o inimigo pela retaguarda, o deverá fazer, tendo toda a certeza que elle não busca as estradas do Sobral e Cabeça, e o mesmo deverá praticar quando o inimigo só vier pela estrada real de Sacavem ou Granja.

Se o inimigo vem buscar Bucellas pela estrada do Sobral, do monte Serves se fará logo signal a todos os pontos de defeza. A artilheria occupará logo as alturas do Carregal, e se destacará um corpo com duas peças de 3 e um obuz de 4, que irá occupar a altura denominada dos Moinhos, que fica entre as estradas do Sobral e da que vae de Villa de Rei e S. Thiago dos Velhos sair á dita do Sobral no sitio da Cruz da Ajuda. O corpo que occupa as alturas da Portella virá postar-se no logar de Villa de Rei, para proteger a retirada dos outros corpos; quando forem obrigados a abandonar estes postos se reunirão á divisão em Bucellas, quando esta já esteja em estado de não poder sustentar os postos que occupa, o que será impossivel quando o inimigo nos não ataque por outros pontos. A retirada se fará para as alturas

do Zambujal e ponte do Tojal. Quando se devam abandonar estes postos, irão tomar as alturas de S. Roque e Pinhal.

Se o inimigo vem buscar a Cabeça de Montachique ou Louza, a divisão postada em S. Roque e Pinhal se deve dividir em duas, uma com artilheria de 3 marchará pela estrada que vae por Pintéus e Fanhões á Cabeça, para que quando o inimigo avance fique cortado. A outra com artilheria de 6 se irá postar em Loures, destacando alguns corpos com artilheria pelas estradas da Cabeça e Louza.

Todas as forças que occupam a posição da Cabeça e Louza, no caso de retirada se reunirão em Loures. Dois batalhões com duas peças de 3 e um obuz de 4 occuparão logo as alturas de Sant'Anna, quando se deva abandonar Loures. O corpo que occupa as ditas alturas fará a sua retirada pelo caminho que d'ali vae a Odivellas e á ponte da Povoa, tanto para embaraçar que o inimigo por aqui não desfile, e nos venha cortar na dita ponte ou largo do Painel das Almas, como porque deve tomar todos os pontos de que possa proteger a nossa retirada até que chegue ás alturas do rio de Odivellas, em que deverá assestar artilheria na direcção em que a estrada real é batida. As forças reunidas no dito logar de Loures farão a retirada pela estrada real, fazendo sempre fogo sobre o inimigo até que passe a ponte da Povoa, tornando a fazer-lhe frente. Destacarão immediatamente dois corpos, um que tome as alturas do flanco esquerdo, para lhes proteger a retirada, e outro irá occupar com duas peças de 3 o alto da Ameixoeira, no ponto a que vae saír o caminho que parte da calçada de Carriche, para evitar que o inimigo, chegando a este ponto, não desfile e nos venha cortar no Lumiar.

Abandonada a dita ponte, irão tomar as alturas do Lumiar, assestando algumas peças e obuzes no cume da estrada. O corpo que occupava as ditas alturas do rio de Odivellas se lhe deverá ter reunido no sitio do largo do Painel das Almas, tendo dirigido a sua marcha pela estrada de Odivellas. As duas peças de 6 e obuzes postados na estrada que do Lumiar vae á Amoreira farão fogo sobre o inimigo logo que este esteja ao alcance, protegendo a nossa retirada para o

Loures, ou que tenha passado o rio de Friellas), a retirada se fará pela estrada que vae de Sacavem á rua Nova, Poço do Bispo até ao arco da Cruz da Pedra, ponto de reunião com as forças ahi postadas.

Se o inimigo vier pela estrada de Vialonga buscar o rio de Friellas (o que só póde ser quando tenha sido abandonado o posto do Curral e Caniços), o corpo que occupar o logar de Unhos e cabeço da Aguieira buscará os pontos a que se dirige, disputando-lhe a passagem com o maior vigor com fogo de artilheria, fuzil e granadas. Quando o inimigo consiga passar, se deverão reunir, fazendo a retirada para a ponte de Friellas, onde se devem conservar até que se lhe reunam as divisões que occupam os outros postos.

Se o inimigo vem pela estrada de Vialonga buscar a ponte do Tojal, a divisão de Bucellas, que pelos signaes, piquetes e guardas avançadas deve saber a direcção por onde se dirige, deverá logo vir occupar as alturas do Zambujal e ponte do Tojal, para não ser cortada. Quando as forças que compõem a divisão forem taes que possam destacar um ou mais corpos que cortem o inimigo pela retaguarda, o deverá fazer, tendo toda a certeza que elle não busca as estradas do Sobral e Cabeça, e o mesmo deverá praticar quando o inimigo só vier pela estrada real de Sacavem ou Granja.

Se o inimigo vem buscar Bucellas pela estrada do Sobral, do monte Serves se fará logo signal a todos os pontos de defeza. A artilheria occupará logo as alturas do Carregal, e se destacará um corpo com duas peças de 3 e um obuz de 4, que irá occupar a altura denominada dos Moinhos, que fica entre as estradas do Sobral e da que vae de Villa de Rei e S. Thiago dos Velhos saír á dita do Sobral no sitio da Cruz da Ajuda. O corpo que occupa as alturas da Portella virá postar-se no logar de Villa de Rei, para proteger a retirada dos outros corpos; quando forem obrigados a abandonar estes postos se reunirão á divisão em Bucellas, quando esta já esteja em estado de não poder sustentar os postos que occupa, o que será impossivel quando o inimigo nos não ataque por outros pontos. A retirada se fará para as alturas

DOCUMENTO N.º 82-B, PARTE II

(Citado a pag. 520 e 526)

Memoria militar em que se descrevem as posições defensivas do terreno vizinho e ao norte de Lisboa

Escripta em maio de 1809 pelo major do real corpo de engenheiros José Maria das Neves Costa, para servir de complemento ao trabalho da carta e reconhecimento militar do referido terreno, que, por proposta do dito major, foi ordenado pelo governo de sua alteza real n'este reino, e de cuja execução elle foi encarregado em novembro de 1808; acrescentada com observações e notas feitas pelo mesmo auctor em 1814, relativas ás posições fortificadas n'aquelle terreno por ordem do duque de Wellington desde novembro de 1809 até 1814.

Idéa geral do terreno a que se refere esta memoria

1.º Lisboa acha-se situada na margem direita do Tejo, no logar onde este rio, correndo de nordeste para sudoeste, volta para o occidente, já envolvido com as aguas do oceano, que muitas leguas acima d'esta cidade o vão receber, para formarem com elle um dos mais bellos, extensos e seguros portos da Europa.

2.º O terreno que na distancia de 10 leguas fica ao norte de Lisboa, e se acha comprehendido entre o Tejo e a costa do mar, é assás irregular, tanto a respeito do seu relevo geographico, como da sua agricultura. As serras de Montejunto ou das Neves e a de Cintra são as principaes montanhas que ali se encontram. Ellas pertencem ao grau de veio ou dorso geographico que se destaca ou prolonga da serra da Estrella, e que depois de fazer a separação das aguas que correm ao sul para o Zezere e ao norte para o Mondego, continúa por Porto de Moz, separando as que correm para a costa do mar d'aquellas que vão para a parte inferior do curso do Tejo. Áquem de Rio Maior o dito dorso deixa de ser tão alto e visivel; o veio ou linha divisoria das vertentes segue então um terreno mais baixo e regular. Junto ao Cer-

dito ponto do Lumiar, onde se fará toda a opposição ao inimigo. Ter-se-hão destacado corpos que occupem todas as bôcas das estradas e azinhagas que fazem communicação de Sacavem com o Lumiar e Campo Grande.

Quando se houver de abandonar o dito posto do Lumiar, a retirada será pela estrada real do Campo Grande a Arroyos, ponto da reunião. Terá havido todo o cuidado em ter feito reunir a tempo todos os corpos destacados, para que, se possivel for, se não perca um só homem.

A divisão que occupa a posição da Porcalhota e Queluz destacará guardas avançadas para as alturas de Queluz, e fará andar sempre pelas estradas piquetes de cavallaria que avancem quanto for possivel para descobrir o inimigo quando este se dirija á Porcalhota. A retirada se fará pela estrada real que vem a S. Sebastião da Pedreira, ponto da reunião, e quando venha a Queluz será pela estrada nova ao alto de Nossa Senhora da Ajuda, tendo disputado em todos os pontos o passo ao inimigo.

Todo o detalhe referido é feito debaixo de uma hypothese, que sendo as forças que tenho a empregar milicias e ordenanças, que chegarão ao numero de dez mil homens, inferiores ao numero que se deve empregar na defeza, conto com as que se devem reunir, pois que os corpos que vierem buscar á capital virão aos pontos da linha que a cobrir. A reserva d'esta linha deverão ser as forças que estiverem destinadas para a defeza da capital, as quaes deverão avançar até ficarem na distancia de 2 leguas da linha.

Cada commandante em particular receberá as instrucções relativas aos pontos que devem occupar e defender, para que se dispute ao inimigo o terreno passo a passo, e se retirem ao ponto da reunião na capital sem que sejam cortados. Ser-lhes-hão indicados os depositos geraes na mesma capital, para onde se devem recolher todos os viveres, gados e cavalgaduras, e o que deverão praticar quando tudo não possa transitar.

Quartel de Sacavem, 20 de março de 1809. = *Lourenço Homem da Cunha de Eça*, governador militar.

principal trabalho de reconhecimento militar d'esta parte da provincia da Extremadura. Alem d'isso seria pela secretaria dos negocios do reino que se poderiam obter dos diversos magistrados com mais exactidão, e sem receio nem mysterios, similhantes informações.

Estradas

5.º Pelo que pertence ás estradas que servem de communicação das diversas partes d'este terreno, limitar-nos-hemos a observar que ellas são pela maior parte mal construidas. As principaes ou chamadas reaes se acharão na carta, marcadas com linhas encarnadas, para as distinguir dos outros caminhos menos frequentados. Esta memoria se tornaria muito extensa se houvessemos de descrever o estado de ruina d'estas estradas e os accidentes do terreno que ellas percorrem.

Na falta de uma carta circumstanciada isto seria necessario para informações dos generaes que houvessem de regular as operações da guerra. Mas tendo presente a carta a que nos referimos, prescindiremos d'estas miudezas, que se podem colligir pelo que dizemos e pelo que faz o objecto principal d'esta memoria.

Considerações militares

6.º O inimigo, approximando-se a 12 leguas de Lisboa, acha a serra de Montejunto, que separa e desliga as operações offensivas que elle póde intentar fazer contra esta capital, obrigando-o a dirigir o seu principal ataque: 1.º, ou entre a dita serra e o mar; 2.º, ou entre a mesma serra e o Tejo; 3.º, ou, com muita desvantagem sua, por ambos os lados ao mesmo tempo [1].

[1] A experiencia tem sido conforme a esta proposição. Lord Wellington em 1808 fez o seu ataque contra os francezes em Lisboa por entre a serra de Montejunto e o mar. O marechal Massena em 1810 dirigiu as suas forças entre a dita serra e o Tejo. Se qualquer d'elles quizesse avançar ao mesmo tempo a leste e a oeste da sobredita serra, toda a vantagem de um tal plano de operações seria a favor do exer-

cal torna elle a elevar-se, formando a serra de Montejun
depois da qual torna a baixar, seguindo uma direcção to
tuosa e irregular por um terreno cheio de pequenas mont
nhas desligadas, até à serra de Cintra, a qual, formando p
espaço de 1 legua uma singular massa de rochedos, termi
no cabo da Roca, que com o de Espichel, que lhe fica ao s
formam os pontos extremos das duas margens e da grand
embocadura da foz do rio Tejo.

Idéa geral da sua cultura

3.º A cultura da porção de terreno representado na car
militar a que se refere esta memoria, consiste em divers
especies de grãos, vinhos, fructas e azeite; trigo, cevada
azeite acha-se em maior abundancia no terreno vizinho
Tejo. Aquelle proximo a Lisboa produz bom trigo, fruct
hortaliças e legumes. O districto de Cintra e Caldas abun
em saborosas fructas. O terreno de Mafra é menos cultiva
e só produz algum grão e pouco vinho. As terras ao poe
de Torres Vedras, sendo fracas por estarem ligadas com
areias da costa, produzem geralmente centeio e milho. O v
nho é o principal producto do resto do terreno d'esta vil
assim como nos da Enxara do Bispo e Cavalleiros, nos
Merceana, Aldeia Gallega e Arruda. As porções mais ele
das do terreno vizinho a Mafra, Sobral e Bucellas, e per
de Lisboa junto a Bellas, são aridas e incultas.

Geralmente fallando, o terreno ao norte de Torres Vedr
e a oeste da serra de Montejunto é arido, pouco cultivad
e fornece poucas commodidades para a subsistencia de u
exercito que ali houvesse de permanecer algum tempo.

Estatistica

4.º Os mappas estatisticos das povoações d'este terre
forneceriam o conhecimento das rendas publicas, dos recu
sos de gados, transportes, população e de todos os divers
objectos que podem ter relação com o serviço da guerr
Estas informações não poderam ser por mim alcançadas, p
motivo da brevidade que o governo exigiu na confecção d

[...]cipal trabalho de reconhecimento militar d'esta parte da [...]ncia da Extremadura. Alem d'isso seria pela secretaria [...] negocios do reino que se poderiam obter dos diversos [...]gistrados com mais exactidão, e sem receio nem myste[...]s similhantes informações.

Estradas

[...]5.º Pelo que pertence ás estradas que servem de com[...]nicação das diversas partes d'este terreno, limitar-nos[...]emos a observar que ellas são pela maior parte mal con[...]truidas. As principaes ou chamadas reaes se acharão na [...]rta, marcadas com linhas encarnadas, para as distinguir [...] outros caminhos menos frequentados. Esta memoria se [...]naria muito extensa se houvessemos de descrever o esta[...] de ruina d'estas estradas e os accidentes do terreno que [...]s percorrem.

[...]Na falta de uma carta circumstanciada isto seria necessa[...]o para informações dos generaes que houvessem de regu[...]r as operações da guerra. Mas tendo presente a carta a [...]e nos referimos, prescindiremos d'estas miudezas, que se [...]dem colligir pelo que dizemos e pelo que faz o objecto [...]incipal d'esta memoria.

Considerações militares

[...]6.º O inimigo, approximando-se a 12 leguas de Lisboa, [...]a a serra de Montejunto, que separa e desliga as ope[...]ções offensivas que elle póde intentar fazer contra esta ca[...]tal, obrigando-o a dirigir o seu principal ataque: 1.º, ou [...]re a dita serra e o mar; 2.º, ou entre a mesma serra e o [...]jo; 3.º, ou, com muita desvantagem sua, por ambos os [...]dos ao mesmo tempo[1].

[1] A experiencia tem sido conforme a esta proposição. Lord Wel[...]gton em 1808 fez o seu ataque contra os francezes em Lisboa por [...]re a serra de Montejunto e o mar. O marechal Massena em 1810 di[...] as suas forças entre a dita serra e o Tejo. Se qualquer d'elles qui[...]e avançar ao mesmo tempo a leste e a oeste da sobredita serra, [...] a vantagem de um tal plano de operações seria a favor do exer-

poente), não são por isso capazes de uma longa resistencia. O antigo castello, situado sobre um pequeno cabeço que se eleva no meio do valle e no extremo noroeste da villa, ainda quando estivesse em bom estado de defeza não poderia contrabalançar os defeitos d'este local.

9.ª Ha de Torres Vedras para Lisboa duas principaes estradas, uma que vae por Mafra e outra por Montachique; a primeira é mais longa, porém acha-se mais bem conservada e mais transitavel do que a segunda.

Indicação das posições em que se pode disputar e defender a estrada que vae de Torres Vedras para Lisboa por Mafra

10.ª A primeira posição vantajosa pela natureza do terreno áquem de Torres Vedras, para disputar ao inimigo a estrada de que se trata, é a da Serra da Villa, pequena aldeia meia legua ao sul da dita villa, e no alto de um serro que a dita serra atravessa, para descer depois ao valle do Carvalhal e Trucifal. Esta posição, porém, é falta de agua e lenha. Na sua direita, a pouco mais de meia legua de distancia, este mesmo serro é atravessado pela estrada que vae a Lisboa

Insistiremos, porém, a observar que a defeza de todas as fortificações alem, a norte e a nordeste de Torres Vedras, achando-se as mais salientes de toda a linha e n'um terreno que não oppõe obstaculos naturaes ao inimigo, será sempre mais precaria e capaz de comprometter o corpo de tropas que ali houver de manobrar em campanha, para auxiliar e ser auxiliado por estas fortificações, as quaes por este motivo julgo se devem considerar como um acrescimo ou superabundancia de defeza, e não como essenciaes ao plano de defeza geral. Não é certamente a villa de Torres Vedras, mas sim as alturas que lhe ficam ao sul e sueste que mais interessam esta defeza geral.

Não acho maior rasão para pretender a conservação de Torres Vedras do que a de Villa Franca e Alhandra, que se abandonaram á discrição do inimigo, para evitar um maior desenvolvimento de forças. Alem d'isto, occupando nós as referidas alturas a sul e sueste de Torres, facilmente inutilisaremos a sua posse sem corrermos o risco de uma defeza debil e precaria, como já observámos, e que só deverá ter logar quando houvermos attendido cabalmente a todos os outros pontos essenciaes da defeza geral.

Posições alem de Torres Vedras

8.º A villa de Torres Vedras é grande, rica e abundante de ...sistencias. Está situada no meio de um valle e na mar... esquerda de um grande ribeiro (o Sizandro), e na di... ...ta de outro menos consideravel que ali se lhe reune. ...ercada de alturas que a dominam na distancia de tiro de ...hão, e que fazem por isso impraticavel a sua defensa por ...io de um recinto qualquer de fortificação. Occupando as ...uras de S. Vicente e as do Outeiro da Forca[3], entre as ...aes passa a estrada que vem de Obidos e Peniche, se po... ...ria demorar algum tempo o passo ao inimigo. Mas estas ...sições, sendo facilmente rodeadas da parte do nascente ...sim como a villa o póde ser de mais longe pelo lado do

...ural do terreno; sendo claro que isto não era dizer que todas quan... ...indicava deviam ser occupadas ou fortificadas.

Esta advertencia seria desnecessaria n'este logar se me não constasse ...samente que lord Wellington criticára a minha memoria como ca... ...z de induzir em erro, por lhe apontar a occupação das alturas da ...stanheira, Povos e Villa Franca, que obrigariam a um maior desen... ...rimento de forças e enfraqueceriam a defeza geral se elle houvera ...ido a minha opinião. Depois do que venho de asseverar, esta ...sação se reconhecerá injusta, emquanto a não demonstrarmos como ... por principios e rasões militares. Entretanto diremos que ha tanta ...ão para eu ser enculpado por um similhante motivo, como haveria ... ser arguido de haver indicado um grande numero de posições no ...rior e na retaguarda d'aquellas que fortificaram em 1810, e que ...o sendo então precisas para a defeza, todavia o teriam vindo a ser ... lord Wellington fosse expulso das posições fortificadas, e quizesse ...inuar a resistir com a esperança de um momento favoravel, ou para ...r a sua retirada e embarque, ou para demorar a conquista da ca... ...al.

[3] Os engenheiros britannicos fortificaram estas alturas de S. Vicente, ...eiro da Forca e antigo castello; construiram, alem d'isso, um reducto ... planicie proxima a sueste da villa e dois nos altos da Urdasqueira. ...es ultimos, assás distantes dos precedentes e situados n'um terreno ...erto de pinhaes, não de facil ataque, não obstam a que o inimigo ...rze os seus fogos para se dirigir ás alturas do Leal no revez da ... e se apodere de todas as sobreditas fortificações. Por este motivo ... que se podia prescindir d'estes reductos da Urdasqueira, construin... ...antes um ou dois nas ditas alturas do moinho do Leal.

na distribuição das tropas e no systema geral das posições defensivas.

Posição do Trucifal

12.° A segunda posição, ainda que pouco forte pela natureza do terreno, mas que seria possivel aproveitar ao menos para uma defeza passageira e provisoria, é aquella do Trucifal, occupando este logar e as pequenas alturas dos moinhos que ficam ao poente, e tendo a direita nos altos que ficam fronteiros ao Carvalhal. O valle que fica á esquerda d'esta posição é coberto de vinhas, de alguns olivaes e pinhaes. É por alí que o inimigo procuraria dirigir-se para nos desalojar, rodeando a nossa esquerda, e onde por consequencia se devem tomar as medidas necessarias para frus-

tante, e por isso inutil para acudir ou para reforçar os outros pontos, digo os outros lados das linhas (o centro e a direita), os mais expostos ao ataque, segundo o que já ponderámos (veja a nota 1).

Parecia mais natural e mais bem applicada n'este terreno aquella economia dos meios defensivos (veja a nota 2) que fizeram abandonar as alturas da margem direita do valle da Arruda do lado da Castanheira e Villa Franca, apesar das attendiveis rasões que parecem favorecer a opinião contraria. Parecia mais judicioso evitar n'este lado da linha a dispersão das tropas n'um terreno tão desnecessario e desfavoravel para a defeza; digo desnecessario, pois naturalmente possuiria outro meio de substituir esta disposição defensiva por outra em todo o sentido mais vantajosa. Tal seria a de augmentar com fortificações a força natural das alturas a sul e sueste de Torres Vedras, isto é, desde o Varatojo até á Matta da Guerra, que por esta maneira, assegurando melhor o flanco esquerdo do nosso centro, permittiriam retirar o lado esquerdo da primeira linha e dar-lhe uma direcção reintrante, que desde as ditas alturas fosse, ou do lado da Portella da Urgeiriça pelo Trucifal e margem direita do valle da Freira ligar com a segunda linha no valle da Picanceira, ou que do lado da Cadraceira fosse pelo casal de Barbas, valle de Almarinhas, Enxara do Bispo e Villa Franca do Rosario ligar com a forte posição ao sul do Gradil. Por este modo as nossas tropas se achariam mais concentradas e dispostas para um mutuo apoio, tendente a ter mais reforçados os lados mais expostos ao ataque. Esta linha reintrante, que substituiria aquella que se construiu entre Torres Vedras e a Praia Formosa, achando-se n'um terreno que tem mais vantagens naturaes, e flanqueando e sendo naturalmente flanqueada pela primeira

trar os seus ataques; a direita só póde ser rodeada pelos caminhos que se apartam da estrada de Montachique, do lado da Portella da Urgeiriça ou Cátefica [5], onde prestaria o seu flanco e poderia ser facilmente envolvido e aniquilado pelos movimentos offensivos do nosso centro.

Portella do Gradil

13.° A terceira posição, e das mais fortes, é a dos altos da Portella do Gradil ou de Chipre. O seu accesso de frente é mais defensavel, e o inimigo tem de fazer grandes rodeios e marchar por um terreno difficil para atacar de flanco ou de revez. As alturas da Chancra cobrem o seu flanco esquerdo; as alturas escarpadas, sobre o cume das quaes vae o muro

e segunda linha, se achará mais ao abrigo de um ataque, sem exigir tantas obras de fortificação para a sua segurança.

Se para contestar a medida que venho de propor se quizesse allegar que, por este modo, a nossa segunda linha do valle da Picanceira viria a ser verdadeiramente o flanco esquerdo da primeira linha, o que nos privaria das vantagens de termos ali uma segunda linha, ou nos obrigaria a novas fortificações para termos estas vantagens, responderia que não haveria inconveniente em deixar aquelle lado sem uma segunda linha, porque: 1.°, nunca devemos esperar um ataque serio ou violento ao longo da costa quando tivermos por objecto a defeza contra um inimigo continental; 2.°, porque a linha do valle da Picanceira gosa de vantagens naturaes, capazes de a tornar inexpugnavel; 3.°, porque ella se acharia tão retirada, que o inimigo não poderia tentar o seu ataque senão depois de nos expulsar do centro e flanco esquerdo reintrante da primeira linha, ou correria o risco de se entranhar n'um *cul de sac*, onde prestaria o seu flanco, e poderia ser facilmente envolvido e aniquilado pelos movimentos offensivos do nosso centro.

[5] Advertimos que na indicação de todas as diversas posições, tendo sómente em vista dar a idéa necessaria sobre a sua maior ou menor força e importancia, eu as considerei segundo a natureza do seu local, independentemente dos reforços de defeza artificial de que podem ser susceptiveis. Por este motivo não deve estranhar-se que esta posição do Trucifal, que eu considero pouco forte pela natureza do terreno, possa vir a ser capaz de uma boa defeza com o auxilio das fortificações e pela sua relação com as disposições defensivas das outras partes do terreno, segundo o que fica exposto na presente nota.

na distribuição das tropas e no systema geral das posições defensivas.

Posição do Trucifal

12.° A segunda posição, ainda que pouco forte pela natureza do terreno, mas que seria possivel aproveitar ao menos para uma defeza passageira e provisoria, é aquella do Trucifal, occupando este logar e as pequenas alturas dos moinhos que ficam ao poente, e tendo a direita nos altos que ficam fronteiros ao Carvalhal. O valle que fica á esquerda d'esta posição é coberto de vinhas, de alguns olivaes e pinhaes. É por ali que o inimigo procuraria dirigir-se para nos desalojar, rodeando a nossa esquerda, e onde por consequencia se devem tomar as medidas necessarias para frus-

tante, e por isso inutil para acudir ou para reforçar os outros pontos, digo os outros lados das linhas (o centro e a direita), os mais expostos ao ataque, segundo o que já ponderámos (veja a nota 1).

Parecia mais natural e mais bem applicada n'este terreno aquella economia dos meios defensivos (veja a nota 2) que fizeram abandonar as alturas da margem direita do valle da Arruda do lado da Castanheira e Villa Franca, apesar das attendiveis rasões que parecem favorecer a opinião contraria. Parecia mais judicioso evitar n'este lado da linha a dispersão das tropas n'um terreno tão desnecessario e desfavoravel para a defeza; digo desnecessario, pois naturalmente possuiria outro meio de substituir esta disposição defensiva por outra em todo o sentido mais vantajosa. Tal seria a de augmentar com fortificações a força natural das alturas a sul e sueste de Torres Vedras, isto é, desde o Varatojo até á Matta da Guerra, que por esta maneira, assegurando melhor o flanco esquerdo do nosso centro, permittiriam retirar o lado esquerdo da primeira linha e dar-lhe uma direcção reintrante, que desde as ditas alturas fosse, ou do lado da Portella da Urgeiriça pelo Trucifal e margem direita do valle da Freira ligar com a segunda linha no valle da Picanceira, ou que do lado da Cadraceira fosse pelo casal de Barlas, valle de Almarinhas, Enxara do Bispo e Villa Franca do Rosario ligar com a forte posição ao sul do Gradil. Por este modo as nossas tropas se achariam mais concentradas e dispostas para um mutuo apoio, tendente a ter mais reforçados os lados mais expostos ao ataque. Esta linha reintrante, que substituiria aquella que se construiu entre Torres Vedras e a Praia Formosa, achando-se n'um terreno que tem mais vantagens naturaes, e flanqueando e sendo naturalmente flanqueada pela primeira

nome. D'aqui para diante o inimigo acha uma boa estrada, ou para o lado de Mafra ou para o de Montachique.

As alturas de Villa Franca do Rosario, as que bordam o valle do Codeçal dentro da tapada, as da Lagoa da Malveira e as do cabeço da Murugeira (dentro da dita tapada), são outras tantas posições vantajosas para disputar este movimento do inimigo e assegurar o flanco direito da posição principal[6].

Posição da Murugeira

16.º A quarta posição é a do logar da Murugeira, d'onde se defende o desfiladeiro da estrada real que atravessa o valle do Codeçal. Na esquerda d'esta posição desemboca a estrada velha de Torres para Mafra, de que acima fallámos, e que passa pela Picanceira, assim como os caminhos que da parte do Sobral da Abelheira se lhe reunem no alto da margem esquerda do sobredito valle. Esta circumstancia exige que a esquerda da posição se estenda para occuparmos e defendermos os pontos por onde o inimigo póde chegar aos referidos altos, a fim de que a posição da Murugeira, ao abrigo do ataque do seu flanco esquerdo, gose das vantagens naturaes que o terreno lhe fornece para resistir efficazmente a um ataque de frente. A direita da posição da Murugeira só póde ser rodeada do mesmo modo que a do Gradil, isto é, da parte da Malveira.

17.º Se o inimigo, porém, conseguisse, ou por surpreza ou por effeito de grandes esforços, ganhar as alturas da margem esquerda do valle do Codeçal, entre a Murugeira e o mar, n'este caso a posição de que tratâmos seria insustentavel contra o ataque do inimigo, que não encontraria mais

[6] Os engenheiros britannicos obraram de accordo com a nossa opinião a respeito d'esta posição do Gradil, que elles fortificaram, assim como as alturas da Chancra, na esquerda, e as do monte do Touro na direita. Os revezes dos flancos d'esta posição foram igualmente fortificados, isto é, o valle da Picanceira e as alturas do logar da Murugeira, no revez do flanco esquerdo, e as alturas da Malveira, no revez do flanco direito.

obstaculos do terreno, percorrendo as ditas alturas até á Murugeira. Seria necessario então, por meio de obstaculos artificiaes, cobrir esta posição através do terreno que medeia entre os valles do Codeçal e Santo Izidoro. O inimigo, querendo evitar estes obstaculos, poderia atravessar o ultimo dos referidos valles para ganhar a estrada real que communica da Ericeira para Mafra, até onde elle não encontraria difficuldades do terreno senão subindo á margem esquerda do dito valle, a leste da Fonte Boa dos Nabos, difficuldades que, todavia, são pouco consideraveis. Para obstar ao resultado d'este movimento, que ameaçaria o revez e a retirada das nossas tropas da posição da Murugeira, estas occupariam as eminencias da tapada, entre o valle do Codeçal e Mafra, onde a nossa esquerda seria protegida pelo barroco ou estreito e fundo do valle do Pombal, e a retirada da Murugeira se praticaria por dentro da tapada, pelas estradas que vão para Cheleiros ou para Montachique. N'esta posição teremos sempre a vantagem de termos as nossas forças reunidas na testada dos diversos valles que d'alí correm para o mar, emquanto os inimigos não nos poderão atacar senão desligados e separados pelos referidos valles [7].

Posição do valle de Cheleiros

18.° A quinta posição é ao sul de Cheleiros, nos altos da margem esquerda do valle d'este nome, que em geral apresenta grandes difficuldades para o atravessar. O flanco di-

[7] Os engenheiros britannicos procederam de accordo com as considerações indicadas n'este artigo, isto é, alem das fortificações construidas para defeza da margem esquerda do valle da Picanceira e das alturas da Murugeira, construiram reductos ao noroeste de Mafra para defender a entrada d'esta villa pela estrada que vem da Ericeira. Construiram um nas alturas dentro da tapada, onde julgo se deveriam augmentar estes esforços de defeza artificial, para nos assegurar a posse das ditas alturas, que são o nó da reunião dos diversos valles e quebradas mui defensaveis que ali correm para o lado do mar e são a chave da defeza para este lado.

reito d'esta posição é coberto pelo barroco por onde corre o ribeiro da Feiteira, entre Anços e Maceira; o esquerdo apoia no estreito e fundo valle da Gargantada. Para chegar a esta posição não ha caminho algum para artilheria, nem mesmo para cavallaria senão a estrada real que ella defende.

Desde Cheleiros até ao mar este valle só é atravessado por um mau caminho de carro, que passa por Almocrim na margem esquerda, e por outro mais praticavel e onde ha uma ponte de pedra junto do logar da Carvoeira, proximo ao mar. Os caminhos que entre estes dois atravessam o valle nos sitios do Carvalhal, na margem direita, e na Moucheira, na margem esquerda, apenas são praticaveis para infanteria, e são para nós de mui facil defeza.

19.° O referido caminho que passa pela Carvoeira é, portanto, aquelle por onde o inimigo mais facilmente póde tentar rodear a posição de Cheleiros pela esquerda. Chegando aos altos da Carvoeira o inimigo póde dirigir-se sem obstaculos de terreno a S. João da Terrugem, d'onde ameaça Cintra pela estrada de Lourel, Oeiras pela estrada do Algueirão, e o revez de Cheleiros pela estrada que vae pela quinta da Granja a Pero Pinheiro. As posições naturaes do resto do terreno até Lisboa não têem o grau de força das precedentes; por consequencia precisâmos sustentar quanto for possivel a posição de Cheleiros, e para isto é necessario assegurar a defeza do valle d'este nome, particularmente no logar da Carvoeira[8].

20.° A direita da posição de Cheleiros só póde ser rodeada com grandes difficuldades pelo caminho que vem de Mafra, deixando o logar da Igreja Nova á direita, e atravessando o valle no vau de Farello, abaixo do logar da Ribeira dos Tos-

[8] Os engenheiros britannicos, obrigados pela falta de tempo e pela extensão dos meios de execução de que podiam dispor a terminar em Mafra o desenvolvimento das fortificações empregadas para reforçar a defeza das posições naturaes d'este lado do terreno, foram, todavia, conformes com a nossa opinião sobre a importancia do logar da Carvoeira, e construiram ali tres reductos destacados para assegurarem a defeza d'aquella posição.

tões, e subindo d'ahi aos Anços, d'onde se precisa descer ao valle da Feiteira, para ir pela Maceira a Pero Pinheiro, ou deixando Anços á direita, seguir o campo da Pedra Furada (impraticavel para carros), d'onde se communica pela vargem do Almargem do Bispo e Urmal com a estrada real que passa pelo Sabugo. Estes caminhos, porém, atravessando o grande valle de Cheleiros, devem considerar-se como impraticaveis para artilheria, e são de mui facil defeza contra as tropas das outras armas. O inimigo poderia tentar atravessar mais acima pelos caminhos que de Alcainça e Malveira vão ao logar das Quintas. Estes são os mais soffriveis para carros, e chegando por ali ao alto das Quintas e Santa Eulalia, o inimigo ameaçaria Loures e Caneças, ou póde dirigir-se ao revez da posição de Cheleiros pela vargem do Almargem. A defensa contra este movimento seria, porém, mui praticavel junto ao logar das Quintas, cuja importancia merece a nossa attenção nas disposições defensivas d'esta parte do terreno.

Posição do Sabugo

21.° A sexta posição é a do Sabugo. Ella, assim como as que se lhe seguem até Lisboa, não offerecem grandes obstaculos naturaes, e devem antes ser consideradas como favorecendo uma retirada ou uma batalha que fossemos obrigados a não poder evitar, do que como posições capazes de assegurar a resistencia de tropas muito inferiores áquellas que as atacarem.

22.° A esquerda d'esta posição póde ser postada nas pequenas alturas do casal da Granja, as quaes não offerecem grandes difficuldades no seu ataque. A direita deve apoiar-se no serro de Monservellos e Almornos, onde se podem defender com vantagem os caminhos difficeis que ali sobem da parte do Almargem do Bispo. D'este lado a posição póde ser rodeada pelo caminho que de Santa Eulalia e Alvogas Velhas vae ao Arnil e D. Maria, d'onde o accesso ao serro de Almornos é mui praticavel e pelo qual o inimigo ameaçaria penetrar até Loures ou Caneças. A esquerda da posição póde ser

rodeada pelo caminho que da quinta da Granja vae a Melecas, d'onde o inimigo se dirigiria ao revez da posição pela quinta de Malhapão ou pela Venda Secca a Bellas. A estrada entre Sabugo e Bellas forma uma especie de desfiladeiro, e por consequencia para segurança da nossa retirada se precisa reforçar a nossa esquerda, defendendo as alturas de Suimo.

Posição de Bellas

23.° A setima posição é aquella ao norte de Bellas, occupando com a direita os altos dos casaes do Machado, com o centro os altos do Suimo, e com a esquerda os de Montalvão, na quinta do marquez de Bellas. A esquerda póde ser rodeada pela estrada que vem de Cintra ou pelo caminho de Barcarena a Queluz. A direita só póde ser rodeada com muita difficuldade pelo valle de Carenque ou da Agua Livre.

24.° A oitava posição é ao sul de Bellas, occupando os altos da margem esquerda do ribeiro de Bellas, entre o Pendão e Queluz. A esquerda póde ser rodeada como a precedente da parte de Barcarena, onde o terreno não foi por mim reconhecido, mas onde não supponho posições capazes de embaraçar o movimento do inimigo. A direita só póde ser rodeada pelo valle de Carenque.

25.° Depois d'estas posições a natureza do terreno não permitte occupar outras com esperança de nos sustentar contra os ataques de um inimigo que houver ali penetrado. Se Lisboa se achar ao abrigo de um golpe de mão, e se existirem fortificações em torno d'esta cidade que lhe assegurem e afiancem uma capitulação que a livre dos estragos de um ataque de viva força, de uma defensa tumultuosa ou de uma rendição á discrição do inimigo, então o resto das nossas tropas, retirando-se sobre a capital, só poderá continuar a defensa do terreno por meio das casas, muros e fazendas que ali se encontram.

Quanto á linha de defensa, que n'esta parte do terreno impõe á primeira vista, e que alguns militares têem aconselhado como vantajosa para cobrir a capital, isto é, aquella

tões, e subindo d'ahi aos Anços, d'onde se precisa descer ao valle da Feiteira, para ir pela Maceira a Pero Pinheiro, ou deixando Anços á direita, seguir o campo da Pedra Furada (impraticavel para carros), d'onde se communica pela vargem do Almargem do Bispo e Urmal com a estrada real que passa pelo Sabugo. Estes caminhos, porém, atravessando o grande valle de Cheleiros, devem considerar-se como impraticaveis para artilheria, e são de mui facil defeza contra as tropas das outras armas. O inimigo poderia tentar atravessar mais acima pelos caminhos que de Alcainça e Malveira vão ao logar das Quintas. Estes são os mais soffriveis para carros, e chegando por ali ao alto das Quintas e Santa Eulalia, o inimigo ameaçaria Loures e Caneças, ou póde dirigir-se ao revez da posição de Cheleiros pela vargem do Almargem. A defensa contra este movimento seria, porém, mui praticavel junto ao logar das Quintas, cuja importancia merece a nossa attenção nas disposições defensivas d'esta parte do terreno.

Posição do Sabugo

21.° A sexta posição é a do Sabugo. Ella, assim como as que se lhe seguem até Lisboa, não offerecem grandes obstaculos naturaes, e devem antes ser consideradas como favorecendo uma retirada ou uma batalha que fossemos obrigados a não poder evitar, do que como posições capazes de assegurar a resistencia de tropas muito inferiores áquellas que as atacarem.

22.° A esquerda d'esta posição póde ser postada nas pequenas alturas do casal da Granja, as quaes não offerecem grandes difficuldades no seu ataque. A direita deve apoiar-se no serro de Monservellos e Almornos, onde se podem defender com vantagem os caminhos difficeis que ali sobem da parte do Almargem do Bispo. D'este lado a posição póde ser rodeada pelo caminho que de Santa Eulalia e Alvogas Velhas vae ao Arnil e D. Maria, d'onde o accesso ao serro de Almornos é mui praticavel e pelo qual o inimigo ameaçaria penetrar até Loures ou Caneças. A esquerda da posição póde ser

gideira. A posição da Serra da Villa facilmente obsta a este ultimo movimento.

27.º A segunda posição é a do casal de Barbas, encostada á montanha da Senhora do Soccorro, que lhe fica na retaguarda, e occupando na frente o cabeço de Monte Godel, que flanqueia a estrada real e bate o caminho que vem do Trucifal pela Malveira. Este ultimo logar seria um bom posto avançado para observar os movimentos do inimigo por aquelle lado. A esquerda da posição se deve estender pelos altos das Antas ou de Almarinhos, onde as aguas que correm para o valle do Gradil formam profundas barrocas, difficeis de atravessar. A direita deve ser protegida pelas alturas da Cadraceira.

28.º A esquerda d'esta posição só póde ser rodeada fazendo o inimigo um grande rodeio pelo valle do Gradil para se dirigir a Santa Christina ou a Enxara do Bispo. Seria preciso, pois, ter um corpo de observação n'este ultimo logar. A direita da posição obriga o inimigo a fazer um rodeio mais consideravel e mais arriscado, por dividir e ter de separar as suas forças, marchando pela estrada que da parte de Runa vem pela Ribaldeira para a Matta da Guerra e Enxara dos Cavalleiros, e que destaca caminhos ruins para o valle de S. Sebastião. Seria preciso, portanto, segurar d'este lado os passos da Portella, do Furadouro e da Matta da Guerra, que são de facil defensa para obstar a este movimento [10].

paiz a oeste da serra de Montejunto e passa pela Bugalheira e Monte Redondo. Estas estradas reunidas passam ali o desfiladeiro de Runa, e desde áquem do Cercal formam a melhor estrada e mais central para communicar do paiz entre o Montejunto e o mar para o terreno entre a dita serra e o Tejo.

[10] Já dissemos que nas alturas da Cadraceira se construiram tres reductos; estes, porém, pela sua situação não defendem o accesso, mas sómente a posse final das ditas alturas, que, para serem bem defendidas como merecem, exigem o reforço da defeza artificial no principio da subida do lado da Portocheira, ou Matacães e Runa. Um só dos ditos reductos póde concorrer para a defeza da Portella do Furadouro, a qual verdadeiramente foi confiada á força natural do terreno.

que desde Pedrouços, pela margem esquerda do ribeiro de Algés, passa pelas alturas de Monsanto, e ali atravessa o valle de Bemfica, d'onde pela Da Correia segue pela direita do valle da Paiam e Odivellas, passando pelo Lumiar e Unhos até terminar no Tejo em Sacavem, observaremos que ella é muito extensa para ser defendida por tropas que se suppõe batidas e desanimadas, no caso que esta linha houvesse de ser defendida em ultimo recurso, e que é mui pouco vantajosa e assás fraca relativamente a outras mais avançadas para haver de principiar ali a defeza, no caso em que se supponha o nosso exercito ainda em bom estado. Observaremos, alem d'isto, que esta linha de figura curva apresenta a sua convexidade e a parte mais saliente no terreno mais fraco, isto é, entre Monsanto e Paiam.

Posições para disputar a estrada que de Torres Vedras vem a Lisboa por Montachique
Posição da Portella da Urgeiriça

26.º A primeira posição que se offerece para disputar a estrada de Torres Vedras para Montachique é a da Portella da Urgeiriça ou Cátefica. A direita d'esta posição é principalmente apoiada nas alturas que dominam o valle do lado da Macheia, Matacães e Runa [9]. A esquerda só póde ser rodeada de perto, descendo o inimigo da Serra da Villa ao valle do Carvalhal, ou marchando pelo Trucifal sobre a Ma-

[9] Já notámos que os engenheiros britannicos, seduzidos pela apparente necessidade da defeza do terreno por onde a posição de Torres Vedras póde ser mais facilmente rodeada, empregaram para este fim todos os recursos da defeza artificial, e omittiram ou não tiveram tempo de acrescentar similhantes reforços ás vantagens naturaes das alturas ao sul de Torres Vedras (veja-se a nota 4). Desde esta villa até ao Furadouro ou Matta da Guerra só construiram n'estas alturas tres reductos, isto é, entre a Portella da Urgeiriça e Matta da Guerra. Acrescentaremos agora que se póde considerar como um erro militar não haverem fortificado e collocado baterias nas alturas de Portocheira, na margem esquerda do valle, defronte de Matacães, onde se reunem as duas estradas que vem de Torres Vedras, e a que vem do interior do

das, ao mesmo tempo que o terreno nos permitte o desenvolvimento de grande numero de tropas de todas as armas, para carregar os atacantes que ali houvessem penetrado. O pico ou cabeço de Montachique descobre todo o terreno vizinho e inaccessivel pela frente, isto é, do lado de uma quebrada que do logar da Cabeça corre para o grande valle da Luiza, de que elle descobre uma grande parte.

31.° A direita d'esta posição só póde ser rodeada pelo caminho que do Freixial sobe a Fanhões, ou pela estrada real que por Bucellas vem a Loures. Os caminhos que da Povoa da Gallega ou de Bucellas conduzem ao Freixial são mui ruins, e aquelle que do Freixial sobe a Fanhões é de mui facil defensa.

32.° A esquerda da posição póde ser rodeada pelo caminho que na venda dos Pinheiros se aparta da estrada que vem de Mafra, e que é mui ruim, descendo ao valle de Luiza, e depois é calçado e mui soffrivel até Loures. De Luiza até á ponte de Luiza elle percorre um valle mui fundo e estreito. Uma parte d'este valle é batida pelas alturas de Montachique. Um corpo das nossas tropas, postado nas alturas da margem direita d'este valle, não só assegurará a sua defeza, mas tambem vigiará os movimentos do inimigo se elle nos quizesse rodear de mais longe pelo valle da Choutaria, de difficil transito [12].

[12] Os engenheiros britannicos deram a esta posição a importancia que realmente merecia. Ella forma um dos pontos principaes da segunda linha geral. As vantagens naturaes do terreno foram reforçadas com defensas artificiaes tanto na direita, do lado de Fanhões e Bucellas, como na frente, no principio da subida, como na esquerda por uma linha de reductos que cobrem a estrada que vem de Mafra pela Venda dos Pinheiros, e liga com os reductos da Malveira, assegurando por este modo esta importante communicação e a estrada do valle de Luiza. Todavia, julgâmos que n'este lado esquerdo ainda não se teve toda a attenção que exige a importancia do terreno entre a Ceiceira Grande e as alturas ao sul da Malveira, entre o logar das Quintas e a Ceiceira Pequena, terreno o mais accessivel d'esta porção da segunda linha, e as alturas cuja posse pelo inimigo lhe descobria o revez das nossas melhores posições na referida linha.

Posição de Loures

33.º A quinta posição é a de Loures. Ella é interessante por contar as estradas reaes de Torres e as que de Bucellas e Alverca vem buscar este ponto para evitar Sacavem, assim como os caminhos que pelos valles de Luiza, Choutaria e da dos Cães vem do paiz entre Mafra e Montachique. Esta posição, porém, não é de grande força natural. A sua importancia provém da sua situação a respeito das referidas estradas, cuja ultima defeza póde induzir-nos a empregar ali os nossos esforços, para retardar ao inimigo a conquista da capital.

34.º A esquerda d'esta posição deve apoiar-se no serro de Montemór, cobrindo-se com os valles da dos Cabos e Camarões. A sua direita deverá estender-se pelo pé das pequenas alturas que bordam a estrada real, tendo na sua frente o rio e os pantanos que elle forma até ás alturas proximas e a sueste de Friellas. É n'este lado direito que devemos estar em força, pois o inimigo não deixará de empregar por ali os seus esforços para nos envolver e cortar a retirada mais directa sobre Lisboa.

Posição do Lumiar

35.º A sexta posição teria logar nas alturas do Lumiar e Ameixoeira, porém com a desvantagem de termos as nossas forças dispersas para obstar aos movimentos que o inimigo póde fazer para a rodear da parte de Friellas, Unhos e Sacavem, e particularmente na nossa esquerda da parte da Paiam e Bemfica. Remediaremos em parte este defeito, procurando tornar inaccessiveis as alturas que especialmente na direita formam esta posição; e por este modo poderiam reunir uma grande força da parte de Carnide e Bemfica, onde o terreno não offerece vantagens para a defeza.

Observações geraes sobre a defeza das outras estradas proximas ás precedentes por onde o inimigo do lado de Torres Vedras se póde dirigir a Lisboa

36.º Alem das duas principaes estradas de que temos tratado, o inimigo poderia seguir outras, se não com a força

principal do seu exercito, ao menos com uma parte d'ella, para auxiliar os seus progressos pelas ditas estradas.

Posição da Carvoeira

37.º Uma d'estas estradas secundarias que de Torres Vedras se dirige a Lisboa é aquella mais proxima e ao longo da costa, que pela Lobagueira ou Freiria se dirige por junto da Ericeira ao logar da Carvoeira, e d'ali por Cintra ou pelo terreno a leste de Cintra para Lisboa. Já indicámos a defeza d'esta estrada mui difficil para o inimigo desde a Freiria até à Carvoeira, e a importancia d'este logar, como o ultimo que favorece a defensa d'esta parte do paiz até à capital.

38.º Suppondo o inimigo apoderado de Mafra ou do terreno por onde passa a estrada real de Torres para Montachique até ao logar da Povoa da Gallega, não lhe será difficil, em qualquer d'estes casos, occupar as alturas da Malveira, assim como as do logar das Quintas, d'onde se dirige uma estrada das mais transitaveis que por Santa Eulalia, Alvougas Velhas e Caneças vae a Lisboa. Nas Alvougas ella destaca um caminho, posto que ruim, que pelo valle da dos Cães communica com Loures, e outro que por Almargem do Bispo se dirige ao Sabugo e estrada real de Bellas.

Posição do logar das Quintas

As alturas do logar das Quintas formam, pois, como já observámos (n.º 20.º) uma posição importante e a mais vantajosa para defender esta estrada.

Alvougas

Depois não se encontra outra senão nas Alvougas, onde o terreno, porém, offerece pouca vantagem, excepto nos flancos que se poderiam apoiar, o direito nas alturas das Covas de Ferro e a do esquerdo nas do Almargem do Bispo.

Caneças

Os altos ao sul de Caneças formariam uma terceira posição mais concentrada e mais vantajosa do que a preceden-

te. Depois já se encontram as alturas do valle da Paiam e Alfornel, onde o terreno apresenta obstaculos pouco consideraveis.

39.° O inimigo póde tambem seguir de Torres Vedras a estrada que vem de Runa, e d'ali pela Ribaldeira marchar ou para o Sobral de Monte Agraço ou para a Enxara dos Cavalleiros.

40.° Até á Ribaldeira a primeira posição para defender esta estrada é a das alturas que medeiam entre Runa e Matacães, e que da parte de S. Gião e Panasqueira se prolongam para oeste para o serro de Figueiredo ou Cadraceira, sendo interrompidas sómente pelo desfiladeiro por onde passa a ribeira de Runa, juntamente com a referida estrada. Este desfiladeiro é visto e batido das alturas de Matacães e Urdasqueira, defeito que só póde ser remediado tendo cobertas ou retiradas as tropas que houverem de defender o dito desfiladeiro, e occupando com artilheria as alturas lateraes e especialmente aquellas da Portocheira.

Posições da Cachoeira

41.° A segunda posição, propria sómente para proteger uma retirada, seria a da Portella ou alto da Cachoeira. O valle de Sirol, que lhe fica á direita, é cheio de fazendas e arvoredos que o tornam difficil. Á esquerda fica a barroca do Furadouro, de facil defeza.

Furadouro ou Matta da Guerra

42.° A terceira posição, seguindo a estrada da Ribaldeira para a Enxara, seria a da Portella do Furadouro ou Matta da Guerra, onde o terreno é mais vantajoso para ser disputado.

43.° Todos os caminhos que do lado da Matta da Guerra ou Enxara conduzem a Lisboa, fóra e ao nascente da estrada real de Torres para Montachique, são mui difficeis na subida aos altos da margem direita do valle da Sapataria.

44.° Se o inimigo, chegando á Ribaldeira, quizesse marchar pela estrada que d'ali vae ao Sobral de Monte Agraço,

poderiamos disputar esta estrada provisoriamente e em retirada no logar de Dois Portos, occupando o valle e as alturas lateraes. D'ali até ao Sobral o terreno póde ser successivamente disputado com vantagem por um corpo que houvesse de cobrir a retirada do nosso exercito.

Indicações mais proprias para defender as estradas que entre a serra de Montachique e o Tejo se dirigem a Lisboa

45.° As principaes estradas que entre a serra de Montejunto e o Tejo conduzem directamente a Lisboa são: 1.°, aquella que pelo Carregado e Villa Franca segue a borda do Tejo por Sacavem, ou para evitar o passo do rio d'este nome deixa o Tejo em Alverca, para ir por Vialonga e Loures a Lisboa; 2.°, a estrada que da parte de Tagarro e Ota segue o pé da serra de Montejunto até á Merceana, e d'ali vem pelo Sobral de Monte Agraço e Bucellas ao valle do Tojal e Loures, estrada, porém, quasi intransitavel no inverno.

Posição para disputar a estrada real que vem a Lisboa pela corda septentrional do Tejo Posição dos altos da Castanheira

46.° A primeira posição que póde servir á defeza d'esta estrada é formada pelas pequenas alturas que ficam ao norte da Castanheira, d'onde se póde bater a ponte do Carregado ou da Couraça, á qual vem dar as estradas que ao norte do Tejo vem da maior parte do reino para a capital. Das referidas alturas se bate uma parte do valle dos Cadafaes, por onde vae do Carregado um caminho para a Arruda e Sobral de Monte Agraço, e batem igualmente a planicie que medeia entre a Castanheira e o Tejo.

47.° Esta posição, porém, tem mais importancia do que força natural para ser defendida. A sua importancia provém da vantagem que ella nos procura para a defensa da margem direita do valle da Arruda, que por ali se póde ligar com a defensa das outras posições mais interiores e ao longo do

Tejo. A sua pouca força natural provém de que estas alturas não são de difficil accesso, e exigem os soccorros da arte para a sua defensa, e porque entre ellas e o Tejo medeia uma extensa planicie por onde o inimigo procurará penetrar para nos rodear. Para obstar a isto o ribeiro da Couraça forma ali um fosso natural, inundado nas marés cheias e coberto de lodo nas vasantes, o que o faz intransitavel. A nossa cavallaria e artilheria ligeira, apoiadas pelas lanchas postadas no Tejo e por alguns reductos construidos n'esta planicie, poderiam servir vantajosamente para reforçar esta posição. A sua esquerda da parte do valle de Cadafaes é tambem mui defensavel, e só poderia ser torneada da parte da Arruda ou da quinta da Parvoice, defronte de Cadafaes, onde o terreno é mais accessivel [13].

Posição de Povos

48.° A segunda posição é aquella de Povos. Ali o Tejo se approxima mais á estrada e ás montanhas. Pequenos cabeços cobertos de arvoredo mascaram um pequeno valle proprio para emboscadas, e que medeia entre os ditos cabeços e as alturas principaes onde fica o convento dos Capuchos. Estas ultimas, ligadas com a defeza da villa de Povos, podem formar uma segunda linha da precedente posição, estendendo desde o referido convento pelos altos da quinta do Palmeiro e do Linhó a ligar com as alturas da testada do valle de Bulhaco e Calhandriz, onde, porém, o terreno exige que

[13] São esta e as duas seguintes posições que motivaram a critica de lord Wellington contra a minha memoria, segundo o que expozemos na nota 2. Emquanto não apontâmos (veja-se a nota 14) as ultimas razões que ainda restam para mostrar o pouco fundamento de similhante critica, observaremos que os engenheiros britannicos principiaram n'esta posição as primeiras obras de fortificação d'este lado do terreno, que depois abandonaram por julgarem dever procurar posições mais concentradas. N'isto, porém, deram elles a conhecer, ou que adoptaram á risca e sem exame as minhas idéas desenvolvidas n'esta memoria, ou que, se obravam independentemente das ditas idéas, elles cairam no mesmo erro que lord Wellington apresentou para recusar perante si

a defeza seja fortemente auxiliada pelos obstaculos artificiaes.

Posição de Villa Franca

49.º A terceira posição e mui importante é a de Villa Franca. Esta villa fica apertada em um pequeno espaço que medeia entre o Tejo e as alturas de Monte Gordo e Moinho Velho. Póde, por consequencia, ser defendida ao abrigo do fogo das embarcações postadas no Tejo ou pelas tropas postadas nas referidas alturas. Esta posição só póde ser rodeada pela esquerda, marchando o inimigo dos altos do convento dos Capuchos sobre os da Agruella, ou da parte da Arruda pela estrada que conduz a Alhandra. Precisa-se, portanto, ligar a defeza d'esta posição com a das alturas que pela quinta do Quintella se dirigem pelo Linhó ás do Bulhaco.

Posição de Alhandra

50.º A quarta posição é a de Alhandra, occupando as alturas de Subserra, que vantajosamente batem a estrada que vem da Arruda pelo valle de S. João dos Montes. Esta posição póde ser rodeada pela direita na planicie que medeia entre a villa e o Tejo, e que, por isso, deve ser defendida por meio dos edificios e das fortificações ou obstaculos artificiaes, auxiliados pelo fogo das embarcações postadas sobre o Tejo. A sua esquerda póde ser rodeada pelo valle de Calhandriz,

alteza real a sua approvação e louvor a todo este meu trabalho, e privar-me por consequencia das remunerações que por um tal serviço eu devia esperar da justiça e benevolencia do mesmo senhor.

(As alturas da Castanheira e de Villa Franca são igualmente indicadas pelo coronel Vincent, entendendo que devem ser fortemente occupadas, o que prova não ser lembrança inicial de Neves Costa a importancia que elle lhes dá. Não é, portanto, liquido se os engenheiros inglezes se regularam pelo que o dito Neves Costa diz na sua memoria, ou se pelo que o coronel Vincent diz na sua, visto que lord Wellington tinha já alcançado em 1809 a memoria d'este official, segundo nos diz Napier. = *Luz Soriano.)*

com a barroca da Verdelha, e parte occupando os altos
casal da Portella [15].

55.º Quanto ao resto da estrada que vae a Sacavem qu
quer posição que se podesse tomar entre o logar d'este no
e a Povoa de Santa Iria, alem de ser pouco vantajosa p
natureza do terreno, seria tambem inutil quando o inim
estivesse senhor do valle de Vialonga, e teria o inconvenie
de não ter outra retirada senão pela ponte de Sacavem, p
onde a nossa tropa seria obrigada a desfilar diante do i
migo.

Posição de Sacavem

56.º A sexta posição, que defende a estrada que de A
verca segue a borda do Tejo para Lisboa, é a de Sacave
Ella é vantajosa por ser formada de alturas quasi aprum
das, tendo por fosso natural o rio, que é impraticavel
passar a vau, não só por causa das marés, como por ca
do lodo.

Esta posição se estende vantajosamente até ao cabeço
Aguieira, junto de Unhos, onde o inimigo a não poderia t
near sem grande rodeio e sem muita difficuldade.

Posições para disputar a estrada real que pela Merceana vem a Lisboa por Sobral de Monte Agra e Bucellas

57.º A estrada que no sul e pelo pé da serra de Mon
junto se dirige pelo Sobral de Monte Agraço e Bucellas
Lisboa, não foi por mim inteiramente reconhecida. Toda

[15] Os engenheiros britannicos não fortificaram a posição das altu
proximas ao sudoeste de Alverca, mas sim fortificaram as outras
indiquei, como um reforço ou supplemento das primeiras. Já pond
mos que, ou por falta de tempo ou por falta de meios, não se deve
perar que se fortifiquem todas as posições que seria possivel ou
veniente defender, mas seria contra a rasão e a justiça (porque as d
alturas não foram fortificadas), concluir que tenha sido um erro i
cal-as como proprias para esse fim.

posso assegurar que ella se acha arruinada, que é quasi intransitavel no inverno em muitos logares, e que difficultosamente se acham posições vantajosas para a defender até ao Sobral.

58.º A villa do Sobral de Monte Agraço acha-se na parte do terreno onde elle principia a ser defensavel, vindo do lado da Merceana. Todas as estradas transversaes que do terreno proximo ao Tejo vão para Torres Vedras, vão buscar o Sobral para evitar as difficuldades do paiz que lhe fica ao sul, circumstancia que faz este logar muito importante para os diversos movimentos militares. A sua defeza, porém, é difficultosa, ainda fortificando a pequena altura do moinho que lhe fica ao norte e que a domina, pois assim mesmo esta posição ficaria mui saliente a respeito das outras, e o terreno por onde póde ser atacada é de facil accesso e favoravel ao inimigo.

Posição junto ao sul do Sobral

59.º A primeira posição que n'esta estrada, vindo do Sobral para Lisboa, póde servir, mas provisoriamente ou para cobrir uma retirada, por não ter grandes vantagens naturaes, seria áquem e proximo da villa, na testada do valle da Barqueira, por onde passa a estrada real e onde fica um moinho, occupando com a direita o alto de Santo Quintino, e com a esquerda os do Salvador e os do moinho do Farinhão. A parte mais fraca d'esta posição é a sua direita.

Posição da serra de Monte Agraço

60.º A segunda posição e das mais vantajosas n'esta estrada é na serra de Monte Agraço. A sua esquerda seria difficilmente rodeada do lado dos casaes da Portella, onde todos os caminhos que ali conduzem são pessimos e de facil defeza. A sua direita é mais fraca, mas não deixa de ser defensavel, occupando os altos da margem direita do valle da Caneira, em cuja origem, junto do serro de Montejunto, o terreno é

mais accessivel, e deve por isso ser auxiliado pelos obstaculos artificiaes [16].

Posição do cabeço de Abroque

61.° A terceira posição é a do cabeço de Abroque, que volta das Ceiras, por cuja encosta passa a estrada entre dois valles profundos e parallelos. Esta posição, exigindo poucas tropas para a sua defeza, poderemos mais facilmente guarnecer os pontos por onde ella póde ser rodeada, que são: á direita pelo valle de S. Thiago dos Velhos, e á esquerda pelo valle da Alcubella (de quasi impraticavel transito), e pelo alto da margem direita d'este valle pelo caminho que vem dos casaes da Portella e Silveira para o Freixial.

Posição de Bucellas

62.° A quarta posição, que se póde occupar provisoriamente (por não ser das mais fortes), é nas pequenas alturas que ficam a nordeste e sudoeste de Bucellas, onde o terreno é cortado de fazendas que o tornam difficil. Esta posição serve como de posto avançado que mascára o desfiladeiro do Trancão. O inimigo poderia seguir desde S. Thiago dos Velhos o caminho que vae pela do Mourão ao casal da Portella, d'onde póde descer pela quinta das Rameiras ao flanco direito e revez d'esta posição, o que nos mostra a necessidade de nos acautelarmos contra este movimento.

Posição da serra dos Serros e Fanhões

63.° A quinta posição, e das mais inexpugnaveis, é a dos serros proximos ao sul de Bucellas, que facilmente se podem tornar inaccessiveis, o que permitte uma defeza efficaz nos unicos pontos por onde elles podem ser atravessados,

[16] Os engenheiros britannicos fortificaram esta posição, assim como a terceira e quinta que se lhe seguem e vão indicadas n'esta memoria.

que vem a ser pelo alto do casal da Portella (a sueste de Alverca), na direita pelo Furadouro ou desfiladeiro do Freixial, e Fanhões na esquerda. Estes dois ultimos são de mui facil e vantajosa defeza.

64.ª Depois d'esta posição o terreno não offerece outra até Loures.

Observações sobre a defeza das estradas que communicam entre si e as precedentes, e pelas quaes o inimigo poderia auxiliar os seus movimentos de ataque contra Lisboa

65.ª Os caminhos mais praticaveis depois das duas principaes estradas de que temos tratado, e que podem servir á marcha do inimigo n'esta parte do terreno, são: 1.º, aquelle que de Alemquer vae ao Sobral de Monte Agraço; 2.º, aquelle que do Carregado remonta o valle dos Cadafaes para a sobredita villa; 3.º, aquelle que junto da Arruda se aparta do precedente para vir a Alhandra. Todos os outros se devem considerar como impraticaveis, principalmente para a artilheria.

66.ª A villa de Alemquer está situada parte no fundo e parte na encosta da margem direita de um estreito valle, e por consequencia é dominada a tiro de fuzil pelas alturas da margem esquerda, que são de facil accesso do lado da planicie do Comernal, que fica entre Ota e Carregado. Se pretendermos, pois, defender a villa occupando as ditas alturas, a não ser por meio de um grande desenvolvimento de obras de fortificação, o inimigo teria muita facilidade em nos desalojar, e nós uma retirada quasi impraticavel por effeito do escarpamento d'estas alturas sobre o rio. Portanto não julgâmos possivel a defeza de Alemquer, que teria mais inconvenientes do que vantagens; e só como posição provisoria, e para cobrir uma retirada poderiamos defender a encosta do valle deixando a villa na frente e occupando os altos da dita encosta. Devemos, porém, ter attenção ao lado esquerdo, por onde o inimigo nos poderia rodear do lado de Pancas.

67.ª Depois d'esta posição até ao Sobral o terreno não

offerece outra para disputar esta estrada. Advertiremos que esta é muito ingreme e difficil para os carros na subida do valle e pela villa de Alemquer, e depois se acha muito arruinada e quasi intransitavel até perto do Sobral, circumstancia que nos deve fazer evitar a marcha da nossa artilheria ou bagagens pela referida estrada.

Posições provisorias dos altos da Chança

68.ª O caminho que do Carregado remonta o valle de Cadafaes é mui ruim no tempo das grandes chuvas. Elle poderia ser disputado como em retirada nas planicies do Tejo para o lado do Sobral: 1.ª, na passagem do ribeiro da Carnota e alturas da Chança, que atravessam o valle e são flanqueadas á direita pelas alturas junto ao logar das Cachoeiras e á esquerda pelas do serro de S. Sebastião da Amoreira, suppondo, porêm, livres do inimigo as referidas alturas lateraes.

Pontes de Monfalim

69.ª A segunda posição seria junto das pontes de Monfalim, onde o valle é muito estreito e vantajosamente defendido pelas alturas das suas margens.

Altos da Cham

70.ª A terceira é a dos altos da Cham, onde a estrada sobe com muita difficuldade, deixando o resto do valle. Esta posição teria os pequenos valles, o dos Folgados na sua direita, e o dos Fetaes na sua esquerda.

71.ª Estas posições, porém, para serem sustentaveis é preciso que o inimigo não avance do lado da Merceana ou Alemquer, sobre a margem esquerda do valle da Arruda, hypothese que não tem probabilidade de se verificar.

Posição a sueste da Arruda

72.ª O caminho que da Arruda communica para Alhandra não póde principiar a ser disputado senão occupando a en-

costa do valle a sueste da Arruda, posição que faz parte da linha geral da defeza da margem direita do valle de Cadafaes.

Posição da Portella do Bulhaco

A segunda posição teria logar nos altos da Cruz da Estrada, ou Portella do Bulhaco, que faz parte da linha de defeza que indicámos. Deve dirigir-se do lado do convento dos Capuchos da Castanheira pela quinta do Palmeiro e altos do Linhó, a cobrir a testada do valle de Calhandriz.

73.º Tal é a indicação geral das posições militares que se encontram em cada uma das principaes estradas d'este terreno, e a das vantagens e defeitos que as acompanham.

O conhecimento d'estas posições fornecerá os dados necessarios para a escolha e determinação d'aquellas que devem formar as linhas geraes de defeza adequadas para resistir ao inimigo, segundo as circumstancias particulares da sua força e movimento de ataque.

N. B. — Veja-se a nota geral que vae escripta no fim d'esta memoria.

Observações geraes

74.º Concluiremos esta memoria observando que difficilmente a defeza d'estas posições póde ter um feliz resultado, se seguirmos o systema de as guarnecer com o fim de obstar por toda a parte ao inimigo. Os movimentos que resultariam de uma tal dispersão de forças do exercito, que já se suppõe inferior ao atacante, não seriam contrabalançados pelas vantagens naturaes das sobreditas posições. Nenhuma d'estas deixará de ser forçada ou rodeada mais ou menos cedo, e é da natureza da defeza de similhantes linhas de posições que uma d'estas que seja ganha pelo inimigo inutilisará todas as outras da mesma linha, que as tropas defensoras serão obrigadas a abandonar antes de serem atacadas, ou correrão o risco de serem cortadas no caso em que ali persistam para as defenderem.

75.º Segundo a minha opinião, o systema de defeza que parece mais proprio n'estas circumstancias, aquelle de que

rão de reconhecer n'estes importantes trabalhos (apesar de quaesquer defeitos que elles possam conter) um evidente testemunho dos desejos que animam o seu auctor em procurar ser util ao serviço do soberano e de concorrer á gloriosa defeza da patria.

Lisboa, 24 de maio de 1809. = *José Maria das Neves Costa*, major do real corpo de engenheiros portuguez.

Nota geral

Temos feito conhecer, em algumas das notas que actualmente addicionámos á copia do original d'esta memoria, que mui injustamente e sem fundamento se tem pretendido desacreditar e desmerecer a dita memoria, allegando que ella induzia a erro por indicar posições que em 1810 os engenheiros britannicos julgaram conveniente não defender, isto é, porque segundo o tempo e meios de execução de que podiam dispor não poderam justificar. O seguinte quadro fará conhecer que, apesar d'aquelle supposto erro, os engenheiros britannicos não podem roubar-me a gloria que só a falta de justiça tem podido escurecer, gloria que se funda em eu os haver prevenido perante o governo de sua alteza real n'este reino, na indicação das posições defensivas, d'onde se podia esperar mui rasoavelmente a defensa da capital, gloria que me provém de haver proposto e executado por um methodo particular e rapido o trabalho da carta militar, unica que existia e lhes foi fornecida pelo dito governo, assim como a presente memoria, muito antes de lord Wellington fazer conhecer no publico o seu modo de pensar e os seus projectos relativos á defeza do dito terreno. Examinemos, pois, quaes foram as posições escolhidas e fortificadas pelos engenheiros britannicos, e reconheceremos melhor de que modo, desdenhando da minha memoria, elles adoptaram os pretendidos erros que ella continha.

Altos da Urdasqueira. — Mencionados no n.º 40, mas suppondo-os fóra da defeza geral, por terem mais inconvenientes do que utilidade.

habeis generaes têem tirado grandes vantagens, e que certamente tem feito admiração os resultados da tactica moderna dos francezes, é o de uma defeza activa, isto é, aquella que aproveita ás posições defensaveis como pontos de protecção e apoio para obrar contra as operações e movimentos do atacante, operações e movimentos determinados, e para assim dizer reconhecidos de antemão pelo defensor por meio das sobreditas posições. O conhecimento exacto e circumstanciado do terreno é a base, e fornece os dados necessarios para a completa execução do systema que venho de aconselhar.

76.º A topographia nos dá a conhecer as posições mais fortes e aquellas que pelas suas relações com a defeza de outras partes do terreno são mais importantes para serem occupadas e defendidas. Ella nos demonstra ao mesmo tempo os logares por onde o inimigo póde procurar rodeal-as para evitar as difficuldades do seu ataque pela frente. Em consequencia, em logar de dispersar uma grande parte das nossas forças para guarnecer igualmente todas as posições, seria mais conveniente distribuil-as de modo que se possa reunir com facilidade e promptidão para atacar o flanco e retaguarda d'aquella parte das tropas inimigas que marchar ao ataque ou rodear as posições principaes.

77.º Não presumo que este systema de defeza activa seja sempre praticavel ou seguido de resultados favoraveis, pois isso depende da qualidade das tropas defensoras, e de muitas circumstancias em que o genio e habilidade dos generaes têem a principal influencia. Julgo, porém, que só approximando-nos quanto for possivel de um tal systema faremos mais decisivos ou mais bem succedidos os nossos esforços defensivos.

78.º Ao genio e talentos superiores dos generaes é que compete decidir sobre o grau de importancia que podem merecer as idéas sobre a defeza do terreno vizinho a Lisboa, que se contém n'esta memoria, referida á carta topographica militar do dito terreno.

Entretanto os srs. governadores d'este reino não deixa-

Posições da primeira linha

A direita da primeira linha de fortificações, construidas pelos engenheiros britannicos no terreno ao norte de Lisboa, principia na planicie que borda o Tejo junto da villa da Alhandra.—Foi indicada por mim no n.º 50.

Altos de Subserra.—Indicados no dito n.º 50.

Testada do valle de Calhandriz.—Indicada e muito recommendada nos n.ºs 50, 53 e 72.

Os altos da margem direita do valle da Arruda, desde o Bulhaco até ao valle da Caneira.—Indicados nos n.ºs 47, 60 e 72.

Serro de Monte Agraço.—Indicados nos n.ºs 29 e 60.

Altos da Patameira.—Ainda que não designados na minha memoria por este nome, todavia pertence e forma a direita da posição da Matta da Guerra, indicada no n.º 42.

Altos da Matta da Guerra e Furadouro.—Indicados nos n.ºs 28 e 42.

Altos entre a Cadraceira e a Portella da Urgeiriça.—Indicados nos n.ºs 11, 26 e 27.

Posições da segunda linha

A direita da segunda linha principia na planicie que borda o Tejo entre Alverca e Povoa pela margem direita do pequeno valle dos Cachuxos.—Foi indicada no n.º 54, como supplemento e reforço á posição de Alverca e segurança do valle de Vialonga.

Abas do serro de Serves, junto á Verdelha.—Indicados e pertencentes á precedente posição no n.º 54.

Serro de Serves.—Indicado no n.º 63.

Desfiladeiro do Trancão, áquem de Bucellas.—Indicado no n.º 63.

Cabeço de Abroque ou volta das Ceiras, alem e ao norte de Bucellas.—Indicado no n.º 61.

Serros de Fanhões e Montachique.—Indicados nos n.ºs 30, 31 e 63.

Altos entre Montachique e a Venda dos Pinheiros. — Indicados no n.º 32.

Altos da Malveira. — Indicados nos n.ºs 15, 20 e 38.

Altos ao sul do Gradil. — Indicados no n.º 13.

Altos de Mafra e Murujeira. — Indicados nos n.ºs 16 e 17.

Margem esquerda do valle da Picanceira até ao mar. — Indicados nos n.ºs 14 e 16.

Posições intermedias e destacadas

No lado direito uma linha de fortificações liga a primeira com a segunda linha geral pelos altos do Mourão e Matta da Cruz. — Indicados no n.º 62, relativamente á marcha do inimigo sobre o casal da Portella, alem d'isso pertencem á defeza do valle de Calhandriz.

Altos do casal da Portella de Alverca. — Indicados nos n.ºs 12, 52, 54 e 63.

Enxara dos Cavalleiros; construiram-se dois reductos junto e ao norte d'esta villa. — Unica posição que não foi por mim indicada, e que o não merecia ser pelas rasões apontadas na nota n.º 10.

Na retaguarda da esquerda de segunda linha se fortificou a passagem do valle de Cheleiros, junto ao logar da Carvoeira. — Indicada e recommendada nos n.ºs 19 e 37.

Na retaguarda da segunda linha a passagem de Sacavem. — Indicada nos n.ºs 35 e 36.

N. B. — Não fazemos menção das fortificações construidas junto de Oeiras, pois não tinham por objecto a defeza de Lisboa.

(Additamento feito pelo auctor no anno de 1814.)

N. B. — Algumas duvidas nos acompanham em ter a precedente memoria como copia fiel da que o seu auctor diz ter entregado a D. Miguel Pereira Forjaz em 6 de junho de 1809, parecendo-nos que n'esta copia ha pontos de redacção alterados, ou addicionados com o positivo fim de provarem

melhor as pretensões do referido auctor em dar-se por iniciador das linhas de Torres Vedras. Como provavelmente ninguem mais viu a memoria original do que o ministro a quem foi entregue, nada mais facil era ao major Neves Costa do que dar em 1822 por copia fiel de um original de 1809 um manuscripto que o não era, sem ter receio algum de ser contrariado, particularmente achando-se tão fortemente empenhado no dito anno de 1822 em conseguir do governo a pensão que d'elle obteve pelos seus serviços de iniciador de taes linhas. E duvidâmos da fidelidade d'esta copia por termos achado algumas differenças entre ella e outras mais copias que vimos, differenças que nos não parecem simples erros de copista. Como quer que seja, só nos desenganariamos da verdadeira redacção da original memoria, se porventura podessemos haver e ter como tal a que pelo seu auctor foi entregue ao citado D. Miguel Pereira Forjaz.=*Simão José da Luz Soriano.*

DOCUMENTO N.º 82-C

(Citado a pag. 526)

Idéa do plano de defeza d'esta capital, pela qual se mostram as rasões por que foram escolhidos os pontos que se andam fortificando e vão fortificar, assim como o uso que se deve fazer d'estas fortificações, e utilidade que d'ellas se póde tirar para uma vigorosa defensa

Considerando ter o inimigo vencido a passagem de Sacavem, e feito retirar todos os nossos postos da linha que começa n'este logar, e circula pelo Tojal, Friellas, Lumiar e Bellas até Cintra, é certo que os caminhos por onde se deve receiar que elle marche a atacar esta capital são as duas estradas de Sacavem, uma que vem pelos Olivaes dar á Cruz da Pedra, e outra que vem pela Portella dar a Arroyos, na qual tambem vem desembocar as estradas de Camarate e Charneca.

Pela do Paço do Lumiar a buscar o Lumiar e a estrada de Loures, que pelo Campo Grande vem dar ao mesmo sitio de Arroyos, e de lá se communica pelas do Rego e Palhavã a S. Sebastião da Pedreira, deixando entre estes dois pontos uma grande planicie toda aberta, e sómente embaraçada pelos muros de algumas quintas.

Por entre o Paço do Lumiar e Bellas tambem não ha embaraço para que venham pela estrada de Bemfica e outros caminhos dar á de Sete Rios e Arco do Carvalhão até á ribeira de Alcantara. Logo é certo que todos os pontos elevados que defenderem os transitos e encruzamentos d'estas estradas devem ser occupados segundo a disposição do terreno, ou pela mosqueteria protegida por algumas peças de artilheria volante, ou por baterias postas em sitios livres de insulto, ou finalmente por algumas fortificações fechadas e resistentes, quaes devem ser as que para defender a planicie que fica entre o alto da quinta do barão de Manique, sobranceira á estrada do Arco do Cego e a estrada que vem de Palhavã saír a S. Sebastião da Pedreira, por ser todo o terreno comprehendido entre estes dois pontos o mais transitavel para a infanteria, cavallaria e artilheria, e todos os mais caminhos pela maior parte obrigam o inimigo a marchar desfilado e exposto de enfiada ao fogo dos travezes que se devem formar nas embocaduras dos mesmos caminhos, o que succede desde a estrada da Cruz da Pedra até á do Arco do Cego e de S. Sebastião da Pedreira até á ribeira de Alcantara.

Vindo o inimigo pelas estradas que ha de Bellas até Cintra ha de precisamente vir pela estrada de Queluz buscar o sitio da Ajuda ou a estrada de Pedrouços a Belem, pelo que se lhe deve fazer opposição desde Pedrouços pelas alturas que ficam sobre a pequena ribeira de Algés, todas occupadas desde o muro da cêrca dos padres Jeronymos com moinhos de vento, que vão sempre mostrando os pontos que devem ser contemplados até ao alto do telegrapho, e d'este ao da Pimenteira até tornar a descer para a ribeira de Alcantara, defronte de Sete Moinhos; ainda que em nenhum

ponto d'esta linha me parece se deve fazer obra alguma, e só sim servirmo-nos d'elles para com mosqueteria e artilheria volante disputar a chegada do inimigo á ribeira de Alcantara, que emquanto a mim é onde deve começar efficazmente a defensa da linha por este lado, desde os baluartes da Alfarrobeira e Livramento, servindo-nos de alguns restos da antiga fortificação que existe pelas alturas sobranceiras á mesma ribeira desde o Livramento até ao Arco do Carvalhão e quinta de José de Seabra.

Á vista do referido, os pontos que julguei occupar com defeza existente são, principiando pela direita, a embocadura da estrada da Madre de Deus para a Cruz da Pedra, entre o armazem de deposito da Fundição, que fica sobre a praia, e o muro da cêrca do mesmo convento, cortando aqui a entrada com seu travez e fosso, flanqueado pelo mesmo armazem, cuja artilheria vareje toda a estrada até adiante de Xabregas, assim como a que se deve pôr na varanda que fica por cima do arco, que pertence á quinta da viuva de Antonio Joaquim de Pina Manique, a qual deve tambem ser guardada e guarnecida de infanteria, tendo algumas peças ligeiras para a parte da estrada de Chellas e travessa do Gargalacho, que tambem devem ser cortadas com travezes. Esta defensa ha de obrigar o inimigo a voltar pelo lado de Chellas para vir buscar a do alto do Varejão, e por isso em todos os logares superiores que ficam sobre este valle, que são os altos das quintas do visconde de Fonte Arcada, do Pinheiro, de S. Pedro e o do casal dos Ladrões, que fica fronteiro a todo o valle de Chellas, no qual uma bateria com duas peças bate de enfiada todo o valle, assim como as outras o batem de flanco, obrigando por isso o inimigo ou a levar estes logares de viva força, soffrendo uma grande perda, ou a rodear por mais longe as communicações que por alem das alturas referidas vão dar ao valle que fica entre o areal do Pina, quinta das Aguias e Sete Castellos, aos altos das quintas do barão de Manique e conde de Linhares; porém este valle o acham batido de enfiada pela artilheria das baterias da Penha de França, quinta das Aguias e Sete Castellos,

cruzada pela do reducto do barão de Manique, cujas communicações e encruzamentos de caminhos devem tambem ser cortados por travezes nos seus competentes logares.

Até aqui a defensa do lado direito da primeira linha, e o centro começa da Penha de França, alto do Manique, alto de Arroyos, casal do Castilho, das Picoas, quinta da Cova da Onça, casas do provedor dos armazens a S. Sebastião da Pedreira, quinta do marquez de Louriçal, antigas fortificações, que se acham dentro da quinta de José de Seabra, alto da Atalaia, sobre a estrada de Campolide, e alto dos moinhos sobre o Arco do Carvalhão. O objecto d'estas obras que fazem o centro da linha é, como já disse, para defenderem o ingresso que o inimigo com mais facilidade e vantagem sua póde ter para esta capital, e por isso são todas construidas para fazerem uma defensa permanente e obstinada, defendendo-se mutuamente umas ás outras, e até sendo susceptiveis de grandes e consideraveis guarnições, porque a da Penha de França contém o convento, cêrca e quintas até á do Monte Agudo, fazendo tudo por communicações interiores uma só fortificação.

A do alto do barão de Manique com a do alto de Arroyos, casas e quinta do conde de Linhares, e todas as outras até ao Cruzeiro fazem tambem uma só fortificação, communicando-se por dentro e disputando a passagem de umas a outras em caso de retirada, que lhe fica facil e prompta para a segunda linha, no caso de ser preciso abandonar-se, o que não é presumivel succeder sem uma grande perda do inimigo. Bem entendido que para se tirar d'estas obras a pretendida utilidade é preciso que ellas sejam vigorosamente defendidas pela artilheria bem jogada e bem servida, e que não seja posta em uso antes que ella possa fazer o devido effeito, pois o contrario só serve de gastar munições infructuosamente, cansar a guarnição e mostrar temor ao inimigo, que não deve conhecer o perigo senão depois de estar immediatamente debaixo d'elle, e ter experimentado o seu vigoroso effeito á custa de muitas mortes, obrigando-o a temer segunda descarga; e o mesmo se deve entender a res-

peito do fogo de mosqueteria e distribuição de tropa, para cujos commandos parciaes se devem nomear officiaes habeis e valorosos que tenham a precisa presença de espirito para communicarem aos soldados o animo e a intrepidez precisa em similhantes occasiões.

O reducto do casal do Castilho, com a quinta, casas, abegoaria e eira do alto das Picoas, cortando a estrada e continuando pela altura do terreno da outra parte da mesma estrada, vae fechar por traz das casas que ficam fronteiras á quinta das Picoas, fazendo tudo uma fortificação communicavel e com prompta retirada para o alto da quinta do conselheiro Francisco Feliciano Velho, que é um dos pontos essenciaes projectado a fortificar-se para a segunda linha, de que fallarei em outro logar.

Esta obra do alto das Picoas flanqueia e cruza os seus fogos de mosqueteria com os da bateria que se anda construindo no alto da quinta da Cova da Onça, fechando toda com as casas que fazem frente para a travessa das Picoas, a qual, cortada com um travez entre as mesmas casas e a quinta do Albuquerque, communica por dentro d'esta até á estrada do Rego, que cortada com outro travez fecha no jardim do provedor dos armazens, do qual se bate todo o valle que fica entre a mesma estrada do Rego e a que vem de Sete Rios, a qual, cortada com outro travez, vae buscar a communicação da quinta de José de Seabra, onde estão as defezas da antiga fortificação até ao alto da Atalaia, que cáe sobre a estrada de Campolide, ficando esta aqui tambem cortada, e cruzando-se os fogos da mesma Atalaia com os da altura dos Tres Moinhos do alto do Carvalhão. É de advertir que todas as obras comprehendidas entre a Penha de França e a Atalaia de Campolide se acham já pela maior parte principiadas e algumas concluidas.

Principiando agora a defeza da linha do lado esquerdo para o centro, apoiada no Tejo pelo baluarte da Alfarrobeira, cuja face bate toda a praia que corre por detrás da rua de Alcantara até ao largo do Calvario, e toda a frente do edificio do Assento, até onde este se communica com a embo-

cadura da ponte, defronte da qual se deve construir um
flexa que lhe sirva de cabeça, e cujos lados um bata a por
ção que d'ali se descobre da rua de Alcantara, e o outro
estrada que por lá da ribeira vae ter á quinta da fabrica
polvora, tendo primeiro cortado a rua de Alcantara com
tro travez no largo onde desemboca a calçada da Tapad
para suster a marcha do inimigo que vier não só da Junqu
ra, mas pela mesma calçada da Tapada, bem como as tr
vessas e ruas que ha da outra parte de lá da ribeira por d
trás da estrada da quinta da polvora, a fim de impedir
prompta chegada do inimigo a este sitio, e se preciso
servirem tambem de abrigo por algum tempo aos defens
res, que talvez se tenham retirado das alturas de alem
ribeira.

A rua do Livramento, junto á calçada das Necessidade
deve-se tambem cortar com um travez, ficando de dentro
mesma calçada e a praça de Alcantara, tendo primeiro
chado solidamente o postigo, que junto ao flanco do baluar
da Alfarrobeira dava antigamente entrada pela estrada vel
ficando tudo para fóra d'este portico batido pelo mesm
flanco.

Alem do fogo que do travez acima dito bate de enfiada
horisontalmente a ponte de Alcantara, devem-se pôr tres
quatro peças de calibre 6 ou 9 nas duas faces do baluar
do Livramento, para baterem não só a mesma ponte, m
toda a estrada que fica da parte de alem da ribeira. Este
gar é importante e é susceptivel de uma boa defensa, co
nuando esta desde a mesma ponte pelo alto da Triste F
até á nova ermida do Senhor do Triumpho, onde se dev
postar tres peças de calibre 6 ou 9, a fim de defenderem
transito do inimigo de alem para aquem da ribeira, cuja d
fensa se deve ir assim continuando pelo alto da encosta q
lhe fica sobranceira até ao casal do Ventoso, e como d
fronte d'este sitio a ribeira se aparta d'esta encosta pa
correr, circulando o alto que lhe fica de entremedio cham
do Sete Moinhos, e este é que depois fica dominando a me
ma ribeira, correndo assim até ao arco grande das aguas

vres, por isso é preciso que nas referidas alturas do casal Ventoso e Sete Moinhos se construam algumas obras permanentes que reciprocamente se defendam e batam a passagem da ribeira e o accesso das mesmas alturas para a estrada que pelo Senhor dos Terremotos vae ao arco do Carvalhão, a qual deve ser cortada por um travez forte na embocadura que faz junto á ribeira, entre as mesmas alturas de Sete Moinhos e casal Ventoso, cujos fogos devem tambem cruzar com os de outras baterias postadas em alguns cabeços que ficam até ao pequeno arco do Carvalhão, e este deve cruzar com o do alto dos Tres Moinhos, que acima disse, aonde termina o lado esquerdo e principia o centro da linha já referido, ficando assim impedidas a entrada de Campolide que vem de Sete Rios e todas as avenidas da ribeira, como acima fica dito.

Advertindo que na continuação da instrucção das defezas d'estes pontos principaes se poderão ainda encontrar alguns que necessitem de córtes do caminho ou das pequenas avenidas, estes se devem fazer para embaraçar o seu transito com alguns obstaculos faceis de construir, cousa que é muito natural que succeda em similhantes defezas, em que se aproveita a natureza e irregularidade do terreno, o que de um golpe de vista se não póde logo miudamente contemplar.

Este é o meu parecer quanto á primeira linha, e sobre elle é que com approvação de s. ex.ª o sr. marechal do exercito Beresford se vae continuando na construcção das obras dirigidas ao fim que n'elle se propõe.

Lisboa, 12 de maio de 1809. = *José de Moraes Antas Machado*, marechal de campo commandante.

Relação das bôcas de fogo que são precisas para as fortificações do centro da linha de defeza d'esta capital, comprehendidas desde o convento da Penha de França até ao alto da Atalaia, sobre a estrada de Campolide, as quaes, supposto não tenham ainda construidas as suas plataformas, se acham já no estado de receber artilheria

Designações	Peças				
	Grossas	Ligeiras	De campanha	Obuzes	Totaes
Penha de França	3	3	2	1	9
Alto da quinta do Manique	6	4	2	1	13
Alto de Arroyos	4	4	2	–	10
Casal do Castilho	2	2	2	–	6
Alto das Picoas	3	3	2	1	9
Quinta da Cova da Onça	–	2	2	–	4
Casa do provedor dos armazens	2	2	–	–	4
Primeira bateria da quinta do marquez de Louriçal	–	4	2	–	6
Alto de Aveira, na quinta de José de Seabra	2	2	2	1	7
Segunda bateria da quinta do marquez de Louriçal	–	4	–	–	4
Terceira bateria na antiga muralha da mesma quinta	2	3	–	–	5
Alto da Atalaia sobre a estrada de Campolide	–	4	2	–	6
Somma total	24	37	18	4	83

N. B.—Entendo por peças grossas as de 12 até 24, e por ligeiras as de 6 até 9, e cada uma d'estas peças deve ter promptos dez tiros de metralha e quarenta de bala raza.

Para cada uma d'estas obras deve já ir uma competente guarda de artilheria, ficando a principal nas casas do provedor dos armazens ou em outras quaesquer no largo de S. Sebastião da Pedreira, e os corpos de guarda parciaes nas casas proximas a cada uma das obras, de fórma que em cada uma d'ellas haja as precisas sentinellas effectivas

conforme o seu ambito, a fim de evitar que o povo as des-truа.

Lisboa, 24 de maio de 1809. = *José de Moraes Antas Machado*, marechal de campo commandante.

DOCUMENTO N.° 82-D

(Citado a pag. 527)

Considérations militaires sur les frontières de terre et de mer du Portugal

Par le colonel du génie Vincent, de l'armée du Portugal (année 1808)

Le développement immense des frontières de terre et de mer du Portugal ouvre nécessairement un vaste champ aux combinaisons d'attaque que peut tenter l'ennemi contre ce royaume, et c'est d'après l'étude de la disposition générale de la frontière, autant que d'après la nature de cette même frontière, que l'on doit chercher à prévenir les différents moyens d'attaque qui peuvent être employés, ainsi que les moyens de défense à opposer.

L'on s'occupera premièrement de ce qui a rapport à la frontière de mer constamment bloquée et menacée.

Il paraît incontestable que les forces à la disposition de l'ennemi sont grandement insuffisantes pour qu'il puisse se flatter d'un succès de quelque importance dû à ses seuls moyens, et l'on croit pouvoir poser en principe que les anglais ne peuvent avoir d'autre objet que de faire naître dans le royaume une insurrection qui seconderait merveilleusement la petite armée qu'ils débarqueraient dans une portion de côte facile à garder, et dont ils s'assureraient la possession avec l'aide des habitants déclarés pour eux.

Il importe donc de bien reconnaître quels sont les points de la côte dont la disposition générale, et la nature favoriseraient un pareil projet.

La portion de côte au nord du royaume qui appartient au Minho paraît peu susceptible de devenir le théâtre de pareils mouvements; le pays quoique montueux n'offre pas des chaînes et des positions près de la mer bien prononcées, et faciles à occuper.

L'on aurait à s'y garder sur les trois côtes de la Gallice, de Traz os Montes et du Douro; une pareille entreprise de la part de l'ennemi qui se trouverait considérablement éloigné de Lisbonne, objet toujours principal de ses combinaisons, n'est nullement vraisemblable. La défense de la côte du Minho ne mérite donc point une grande attention, et il suffit de se mettre à même de repousser des coups de mains sur les points accessibles de la côte.

L'on en peut bien dire autant de la position de côte, comprise entre le Douro et le Mondego, quoi qu'elle soit assez plate et accessible, les parties montueuses de ce territoire sont distantes de la mer, et leur cours dirigé du nord au sud n'offre point un appui commode à l'ennemi qui serait, comme ci-devant, dans le cas d'être attaqué de plusieurs côtés.

La défense particulière du point important de Porto dont le port ne tire que peu d'eau et peut être conséquemment facilement protégé, paraît donc devoir être le principal objet des défenses à établir sur la portion de côte comprise entre le Douro et le Mondego.

Du Mondego au Tage la côte devient plus sure et plus accessible; quelques précautions ont été prises entre le Mondego et Peniche. Elles paraissent insuffisantes.

Quant au point plus inquiétant de Peniche, les défenses qui y sont établies sont à peu près ce qu'elles doivent être, l'on ne pense pas même qu'il convienne d'y rien ajouter, et il paraît préférable de se ménager la faculté d'y rentrer sans grande difficulté plutôt que de lui donner un état de force tel, qu'il pût devenir très coûteux à reprendre dans le cas de quelque événement malheureux qui le ferait tomber au pouvoir de l'ennemi tout puissant pour s'y maintenir à raison de sa supériorité par mer; la grande distance qui sépare Peniche de Lisbonne ne permet pas d'ailleurs de craindre

qu'une petite armée de débarquement osât perdre de vue son escadre pour marcher sur la capitale au travers d'un pays coupé par des vallées et des rivières qui multiplient les moyens de l'arrêter.

De Peniche à l'embouchure de la rivière de Carvoeira quelques petits points de débarquement doivent être défendus, mais l'ennemi ne tentera jamais rien sur un pays pauvre où il se maintiendrait difficilement, et qui se trouve encore trop éloigné du grand entrepôt de Lisbonne.

Il pourrait en être autrement de la portion de côte comprise entre le Carvoeira et l'embouchure du Tage.

Le terrain qui se trouve entre la serra de Cintra, le village de Mafra et la côte, est presque partout cultivé, quelques petites plages favoriseraient un débarquement.

Sept à huit cent hommes qui débarqueraient dans la plage de Collares, et se répandraient dans la montagne de Cintra pendant que d'autres troupes débarqueraient à l'ouest du fort de Cascaes vigoureusement attaqué lui-même par la flotte, suffiraient pour faire succomber le fort dont les défenses du côté de terre ne sont point achevées; la chose serait surtout facile, si quelque intelligence avec l'habitant de la côte facilitait la surprise de la place, et les mouillages à Cascaes une fois enlevés, l'ennemi y débarquerait bientôt les forces nécessaires pour soumettre le fort St-Julien qui serait facilement ruiné de la sommité d'Oeiras qui le domine à l'est.

Les forts de Cascaes et de St-Julien enlevés, la ligne d'opérations de l'ennemi existant dans ses vaisseaux, et qui n'avait joué jusqu'à ce moment qu'un rôle secondaire, prendrait dès lors le soin de la principale attaque, elle aurait bientôt dépassé les défenses inconsistentes épanchés sur les deux rives, et ne trouverait en ce moment d'autre véritable obstacle, que dans la ligne de défense des vaisseaux mouillés en rade, obstacle que l'on doit voir comme celui qui peut le plus tenter l'ambition de l'ennemi, car il n'est plus possible de se dissimuler que tous ses vœux tendent surtout à la destruction de toutes les marines de l'Europe.

pourrait être pareillement entretenue sans beaucoup de dépense à la feitoria, et le projet d'attaque serait déjoué dès le principe et sans efforts.

Les défenses du port au point de Belem doivent aussi être grandement améliorées, et l'on ne peut se dispenser d'y ordonner sur-le-champ des travaux.

L'on vient de jeter un coup d'œuil rapide sur la défense de la portion des côtes comprises entre le Minho et le Tage, l'on a suivre les mêmes recherches pour la partie des côtes sur la rive gauche du Tage, et comprise entre l'embouchure de ce fleuve, et celle de la Guadiana.

Tout près de l'embouchure du Tage, et sur la rive gauche se trouve le point de Setubal qui offre quelques facilités à un débarquement. C'est de ce port que se fit l'embarquement des troupes espagnoles qui conquirent le Portugal en 1580, en débarquant à Cascaes, mais le parti qui prit le duc d'Alba prouve les difficultés qu'il apercevait à vouloir marcher contre Lisbonne par la rive gauche du Tage. Il préféra en effet d'aller chercher la rive droite quoi qu'il ne pût pas se dissimuler que le compétiteur du royaume lui échaperait s'il obtenait quelque avantage en marchant contre Lisbonne. Il prit la capitale, mais D. Antonio, retiré à Coimbra dut être vaincu une seconde fois à Aveiro.

Un débarquement à Setubal qui est bien fortifié, paraît donc peu dangereux, la bonne position de Palmella, les ramifications tortueuses de la montagne d'Arrabida qui forme la péninsule, rendent très difficile le passage des troupes sur la rive gauche du Tage. Un camp est néanmoins placé sur les hauteurs de Palmella, des troupes occupent Setubal, et l'on ne peut rien redouter de ce point; l'on doit seulement insister sur l'utilité d'occuper la position d'Almada, pour y avoir une forte batterie de bombes qui défenderait l'intérieur du mouillage.

La défense de la portion de côte entre Setubal et Odemira n'offre rien d'inquiétant. La plage y est plate et souvent accessible, mais l'ennemi ne peut y trouver aucun moyen d'intelligente assistance, les montagnes étant trop éloignées,

[illegible] attaquables [illegible] aucune [illegible] côtes.

[illegible] du Portugal, [illegible] à celle de [illegible] le nom de [illegible]

La [illegible] annonce [illegible] points, et la [illegible] assurer que l'ennemi [illegible] expulsé d'une côte qui est sans [illegible] à cette considération [illegible] des intelligences dans un pays qui est en [illegible] qu'avec lui, l'on devra redouter avec raison que quelques hommes débarqués, aidés des habitants, s'emparent des points les plus faciles à défendre dans les chaines de montagnes, qui séparent ce royaume de l'Alemtejo: il deviendrait dès lors très difficile de reprendre le royaume du Algarve dont la possession importe infiniment à l'ennemi, qui en retire sûrement, et tous les jours, tous les rafraichissements les plus précieux à la conservation des équipages et garnisons de ses vaisseaux.

Le plus sûr moyen d'interdire les avantages de ce territoire à l'ennemi serait de garnir tous les postes de la côte, et d'occuper à l'avance et peut-être un peu solidement quelques positions principales, et reconnues, qui protégeraient l'arrivée des secours que l'on retirerait de l'Alemtejo; c'est là, une étude importante à faire, le mal existe déjà en partie, il peut considérablement s'accroître, et l'on doit insister sur la nécessité d'atténuer et de le prévenir.

Ce que l'on vient de dire sur la défense des côtes du Portugal laisse peu de chose à redouter des entreprises de l'ennemi, et c'est une circonstance favorable pour le royaume de pouvoir espérer qu'avec des légers travaux, les ports et l'intérieur pourront être à même de repousser des agressions, que la crainte de voir échaper une oppressive domi-

...tion rendra de plus en plus nécessaires à notre puissant et implacable ennemi.

Lisbonne, le 25 mars 1808. = Le colonel du génie, *Vincent.*

Reconnaissance d'une portion de terrain en avant de Lisbonne comprise entre le Tage et la mer, et considérations sur les attaques de terre à redouter pour la ville

(Confidentiel)

Le présent mémoire fut remis au général en chef au commencement de juillet 1808, un mois avant l'arrivée des anglais; une carte de reconnaissance était à l'appui; l'on jugera si j'étais en retard pour les renseignements à fournir.

L'objet principal de ce mémoire était de faire connaître les différentes communications qui peuvent amener sur Lisbonne, et de prouver combien il est facile d'en défendre les ...es, ce que je n'ai cessé de demander.

Il est très probable que l'ennemi qui a saisi bien de précieux portefeuilles prendra le parti de défendre pied à pied le terrain en avant de la ville, ainsi que tout l'annonce.

Dans tous les cas, soit que l'on ait à attaquer Lisbonne, soit qu'on veuille le défendre, le présent mémoire fournira les renseignements essentiels.

Le général chef d'état major, ayant donné dès la fin de juin compte d'une armée ennemie débarquée près du Mondego, le général en chef me fit sortir pour aller en reconnaissance; il n'existait aucun anglais, je profitai de ce moment pour ...er le pays, et revins à Lisbonne, où je trouvai un conseil de guerre délibérant sur les moyens d'évacuer la capitale; je croyais rêver, je ne comprenais rien à ce qui se disait, et repoussai absolument l'idée de tout danger urgent; je fis deux jours après un mémoire dans lequel je demandai au besoin la retraite sur Elvas.

Je demandai aussi, en présentant bientôt après le présent mémoire, que l'on prit position à Sobral, je voulais que l'on défendit les approches de Lisbonne pied à pied. L'on ne me

parle plus; et quand je revins le 5 août à cette idée, l'on me cria avec emportement: «Vincent veut toujours se battre», jusqu'ici je veux que l'ennemi soit détruit avant Leiria; la chose était difficile nous étions tous à Lisbonne, et l'ennemi occupait Leiria.

La nature, si prodigue envers le beau port de Lisbonne, semble avoir aussi voulu que la vaste cité qui lui doit son établissement fût dans le cas d'être puissamment et facilement protégée contre les attaques de terre que l'on pourrait diriger contre elle.

L'on voit en effet que deux lignes naturelles, et bien puissantes, s'étendant au loin, couvrent avec grand avantage au nord et au sud la ville; le Tage du côté du sud, offre jusqu'à Santarem, et au delà le moyen de défense le plus réel; et la chaîne de Montejunto, qui commençant à 10 lieux de distance au nord-nord-est de la ville, se prolonge dans la direction du nord-est au sud-est en se liant à la chaîne de Cintra, qui vient se terminer au cap de la Roca, offre aussi du côté du nord une ligne de défense facile à garder, et à peu près parallèle à celle du Tage que l'on a dit couvrir Lisbonne du côté du midi.

L'on ne fera aucune observation sur les avantages à attendre pour la défense du côté du sud de Lisbonne de la ligne du Tage; ces avantages sont généralement reconnus, et indépendamment de l'impossibilité où serait l'ennemi de tenter le passage d'un pareil fleuve en présence des forces campées sur cette rive, l'on doit voir comme une circonstance des plus essentielles à la défense, la faculté de faire par eau tous les transports nécessaires au service de l'armée sur la défensive.

La chaîne de montagnes que l'on a dit couvrir Lisbonne du côté du nord, et qui commençant à l'est au point de Cercal vient se terminer au cap de la Roca, assure aussi de précieuses combinaisons pour la défense dans cette partie, mais ces combinaisons demandent à être bien étudiées.

L'on observera d'abord qu'à partir du point de Cercal, la chaîne s'élève considérablement jusqu'au vallon de Runa, et

peut être considérée comme inaccessible dans toute cette partie, mais la chaine cesse d'être aussi élevée, et aussi prononcée après Runa, et ce n'est qu'à partir de Cintra qu'elle reprend une élévation qui la rend de nouveau inaccessible jusqu'au cap de la Roca.

Il résulte de cette configuration réelle du terrain que la chaîne de montagnes que nous avons vue comme une défense naturelle de Lisbonne, du côté du nord peut être considérée comme appuyée à ses deux extrémités par des montagnes à peu près inaccessibles dont la partie moins élevée, entre le vallon de Runa et Cintra peut seule favoriser les projets de l'ennemi; les attaques par le nord de Lisbonne ne sont donc à redouter qu'à compter du bassin de Runa à Cintra.

Mais la chaine de montagnes dans cette partie, quoique bien moins élevées que celle des extrémités, conserve néanmoins, dans bien des points, une hauteur suffisante à l'objet d'une vigoureuse résistance. Les hauteurs très prononcées de Chões, d'Estira-Corda et Sobral de Monte Agraço, offrent les positions les plus avantageuses à occuper, au-dessous desquelles l'on ne pourrait arriver que par un pays des plus difficiles à parcourir, et en les supposant même enlevées, la crête de Montachique, les défilés de Bucellas et positions en arrière offriraient de nouveaux obstacles que l'on peut voir insurmontables.

Les détails sur lesquels on entre sur les difficultés à vaincre pour arriver à Lisbonne par le chemin nord paraîtront sans doute exagérés. L'on avoue que l'on a peu craint ce reproche, connaissant le peu de confiance qu'avait généralement l'armée dans sa position dont je connaissais seul toutes les ressources défensives; l'on doit d'ailleurs être bien convaincu des obstacles multipliés à rencontrer.

Les eaux qui du point élevé de Montachique courent au nord-ouest entre la montagne de Soccorro, et les hauteurs de Mafra, offrent aussi des ravines et vallons étroits qui ne laissent aucun chemin praticable, à l'exception de deux routes qui vont de Torres Vedras à Montachique et Mafra.

L'on peut donc, enfin, avec beaucoup de fondement réduire les attaques probables à tenter par le nord de Lisbonne, aux seules attaques qui, venant de Torres Vedras, se dirigeraient sur Montachique et Mafra, et l'on croit ne devoir donner aucune sérieuse attention à celles qui pourraient avoir lieu par les communications entre Mafra et le bord de la mer; ces communications sont si mauvaises et tellement traversées par de profonds ravins que l'on ne saurait supposer que l'ennemi puisse s'acheminer en force au travers de pareilles difficultés.

Cette connaissance prise des principales lignes de défense qui couvrent au nord et au sud les approches de Lisbonne, l'on va rechercher quelles sont les attaques qui pourraient menacer la ville du côté de l'est.

Quand à celles que l'on pourrait redouter de l'ouest, comme elles sont nécessairement combinées avec celles qui pourraient avoir lieu par mer, elles ont été suffisamment discutées dans des notes précédentes.

Du côté du levant les montagnes qui couvrent Lisbonne sont moins élevées, et moins éloignées de la capitale; un assez grand espace reste, en quelque façon, ouvert entre Santarem, les hauteurs d'Alemquer et la pointe est de Montejunto, qui se termine au Cercal, point où passe la grande route qui va de Lisbonne à Caldas.

Le pays ouvert qui se trouve entre ces divers points et qui est traversé par de nombreuses routes qui viennent de la capitale; ce pays qui s'étend jusqu'à la Bueira, présente peu de positions avantageuses à occuper, elles seraient d'ailleurs dans le cas d'être isolées des positions plus rapprochées de Lisbonne, et l'on peut craindre avec raison que l'ennemi, profitant de quelqu'avantage obtenu, conçoive le projet de pénétrer de revers dans le vallon de Runa, tentative la plus vraisemblable à faire dans sa position, car il n'essayerait probablement pas de forcer les bonnes positions de Chões, d'Estira-Corda, Sobral, Bucellas, Montachique, et autres plus éloignées; mais une marche dans le vallon de Runa qui l'obligerait à une fausse route, ne l'amè

nerait toujours que sur Torres Vedras et Mafra, où l'on a déjà observé qu'il pourrait se rendre, et où on le considérera plus tard.

Toujours du côté du levant, l'on peut aussi supposer que l'ennemi cherchera à pénétrer par Rio Maior entre Santarem et Alcoentre, pour venir sur Lisbonne le long du Tage par Castanheira, Povoa, Villa Franca et Sacavem.

Il serait difficile d'empêcher un ennemi puissant de pénétrer par Leiria entre Alcoentre et Santarem, et la très bonne position de cette dernière ville, excellente par elle-même, ne peut assez couvrir le pays entre elle et les racines, à l'est, de Montejunto; l'on doit donc s'attendre que la position de Santarem sera dépassée, mais l'on ne saurait croire que l'armée ennemie osât s'engager dans le très long défilé qui existe entre le Tage et les contre-forts de Montejunto, qui viennent s'appuyer sur la grande route, et la commandent de la manière la plus efficace; quelqu'artillerie placée sur les sommités des principaux contre-forts, entre Castanheira et Sacavem, suffirait pour arrêter une armée qui serait aussi surement beaucoup molestée par les colonnes de flanc dont la rivière faciliterait infiniment l'accès.

Après ces idées générales sur la topographie des environs de Lisbonne, et les attaques de terre à redouter pour la ville, l'on va rechercher les moyens à employer pour repousser ces mêmes attaques.

L'on répète avec confiance que l'on ne présume pas que l'ennemi puisse songer à se porter sur Lisbonne en traversant le Tage, qui sera sans doute efficacement gardé de Lisbonne à Punhete.

Ce ne serait donc tout au plus, qu'entre Punhete et Abrantes, et même plus haut que l'ennemi ferait son passage, d'où il chercherait à se rallier à d'autres forces, qui seraient réunies dans les parties septentrionales du royaume pour venir en masse sur Lisbonne.

Dans cet état de choses l'armée sur la défensive aurait à prendre pour première position la rive droite du Tage dans ses points les plus importants; les hauteurs de Villa Franca

et Castanheira, les postes de Santarem et Punhete, seraient solidement occupés et réuniraient le double avantage de couvrir le Tage et de pouvoir prendre l'ennemi en flanc et sur ses derrières du moment qu'il s'engagerait un peu trop à l'est dans la chaîne de Montejunto.

Du point important de Punhete la première ligne se continuerait par Thomar, Ourem et Leiria, pour s'appuyer à la mer; une ligne aussi étendue serait bien plutôt une ligne d'observation qu'une ligne vraiment défensive. L'on ne saurait même avoir l'espoir fondé de balancer les premiers efforts de l'ennemi dans un pays généralement ouvert, et qui offre peu de positions rassurantes; mais à partir de l'est de la chaîne de Montejunto, cette même chaîne contraindrait l'ennemi qui viendrait des provinces septentrionales à diviser ses forces pour marcher sur Lisbonne des deux côtés de la chaîne, ou à les concentrer pour n'agir que d'un seul côté.

C'est d'après la connaissance que j'avais seul du terrain que le général en chef m'ayant fait marcher le 6 août avec le général Laborde qui commandait mille cinq cents hommes, je vins prendre position en avant de Rio Maior.

Les anglais avaient douze mille hommes, nous ne pouvions tenir la position générale en avant de Rio Maior, il fallut se replier sur Alcobaça, Turquel, etc., pour fermer la route nord sur Lisbonne que suivrait sûrement l'ennemi qui tirait ses vivres de ses vaisseaux.

La position de Turquel et Aljubarrota avait en outre l'avantage de commander la grande route de Leiria à Rio Maior dans le cas où l'ennemi voudrait pénétrer par le sud de Montejunto.

Nos postes avancés eurent connaissance de l'ennemi le 13 au soir; la division ne pouvait recevoir le combat dans une position aussi étendue; elle se mit en marche pour Obidos et Roliça, position que je savais très bonne; une marche forcée de vingt-trois heures nous plaça à Roliça; nous eûmes le temps d'étudier la position, et quand l'ennemi vint la tâter le 15 il fut vivement repoussé.

Je n'avais pas manqué d'envoyer un officier du génie au

général Loison, qui était à peu de distance de nous dans les hauteurs de Alcoentre avec cinq mille hommes, et certes si le cinquième de son monde avait paru sur la gauche de l'ennemi le 17, jour de la belle affaire de Roliça, les anglais étaient détruits.

Après le combat de Roliça la petite division se replia sur Runa, d'où je la ramenai, toujours d'après mes connaissances acquises du terrain, sur Montachique, où elle occupait une position très défensive.

Il est à observer que tous ces événements avaient lieu sans que nous sussions où était le général en chef qui ne quitta Lisbonne que le 16 au matin, et fit 6 lieues dans la journée; il arriva le 17 à Alcoentre après une autre marche de 6 lieues, et ce ne fut que dans la nuit du 18 que nous apprîmes qu'il arrivait à Torres Vedras où nous le rejoignîmes le 19 au matin.

Supposant donc que l'ennemi réunissant des forces entre la mer et Montejunto cherchât à marcher sur la ville par le nord après avoir disputé le terrain pied à pied entre Leiria et la pointe est de Montejunto, la première ligne vraiment forte à occuper aurait sa gauche appuyée au lagôa d'Obidos, d'où passant sur une petite hauteur voisine elle se rendrait sur Roliça, Bombarral et Cadaval, assurant sa droite à quelque point inaccessible de la montagne.

De cette position difficile à forcer la retraite se ferait avec ordre entre Peniche et Torres Vedras, postes très susceptibles de défense, et dont les forces auraient été augmentées du moment que le projet de l'ennemi aurait été connu.

Le camp important de Chões, d'Estira-Corda et Sobral aurait surtout à se distinguer dans le cas d'une pareille attaque, et l'accès que lui procurerait, sur le flanc ou les derrières de l'ennemi, le vallon de Runa, ne permet pas de croire au succès vraisemblable d'aucune attaque dirigée par le nord sur Mafra ou Montachique, dont les approches sont extrêmement à l'avantage d'une armée sur la défensive.

L'on supposera néanmoins l'ennemi arrivé sur Mafra et Montachique, avantage qu'il n'aura obtenu qu'après de gran-

des pertes, et on l'abandonnera ainsi dans cette position pour un moment, afin de considérer l'attaque contre Lisbonne du côté du levant.

Une attaque dirigée contre Lisbonne du côté du levant, occupera toutes les forces de l'ennemi, ou sera faite de concert avec celle qui aurait lieu par le sud, mais dans tous les cas, cette attaque serait réduite à se diriger ou par la route principale qui conduit à la capitale par la rive du Tage, et se trouve invinciblement défendue par les hauteurs d'Alemquer, Povoa, Villa Franca et Alverca, jusqu'à Sacavem, ou à suivre la très mauvaise route qui, au travers du pays difficile au midi de Montejunto, conduirait dans les plantations des vignes qui commencent à la Bucira, mais dans cette marche extrêmement pénible, l'ennemi prêterait le flanc aux troupes situées dans les hauteurs d'Alemquer et Villa Franca, et tous ses efforts ne l'amèneraient encore qu'au pied de la position très défensive de Chões, d'Estira-Corda et Sobral, où il rencontrerait de nouveaux obstacles, avant de s'élever à la hauteur de Montachique, où l'on le supposera néanmoins rendu, quoiqu'on ne juge nullement ce succès probable.

Je répéterai que j'avais demandé instamment que la bonne position de Chões, d'Estira-Corda et Sobral fût occupée et étudiée à l'avance; je voulais que l'on y plaçât mille cinq cents hommes, et son excellence m'ayant paru embarrassée sur le choix à faire d'un bon commandant, je lui ai désigné son premier aide-de-camp Granseigne... Quelle différence pour nous, si nous avions occupé à l'avance Sobral! L'ennemi eût bien difficilement gagné Vimeiro.

L'on ne dira rien ici du projet qu'aurait l'ennemi, qui pour éviter les positions de Chões, d'Estira-Corda et Sobral chercherait à pénétrer par le vallon de Runa sur Torres Vedras et Mafra. Cette supposition, que l'on a déjà faite, a montré cette entreprise comme infiniment hardi et peu vraisemblable.

Quelques réflexions que l'on ait pu faire contre le projet de marcher sur Lisbonne par le sud de Montejunto entre le Tage et la mer, ce parti paraît néanmoins le seul à suivre surtout pour une armée française.

L'on vient de considérer succintement les attaques par re les plus vraisemblables que l'ennemi peut tenter con- Lisbonne, et les moyens de défense à lui opposer; il a ru certain que ce ne serait qu'après bien des efforts et des rtes, qu'un attaquant parviendrait aux points avancés de cavem, Bucellas, Montachique et Mafra, où l'on a néan- oins consenti à le regarder comme rendu, mais c'est en reille circonstance que l'on reconnait avec grand intérêt elles ressources intactes restent encore pour la défense e la ville.

Indépendamment, en effet, des grands moyens de défense ue la nature du pays assure au loin en avant de la ville de isbonne, une nouvelle ligne des plus susceptibles d'une xcellente résistance se présente pour arrêter l'attaquan evenu maître de toutes les belles positions dont on a parlé.t ette ligne s'étend de Sacavem à la Carvoeira; elle suit la rête de la rive droite de rio de Loures et la rive gauche de Carvoeira.

Quelques positions occupées sur les bords très escarpés e la rivière de Sacavem et de Loures suffiront pour assurer ette partie rentrante de la ligne qui doit être soigneusement onservée, car si l'ennemi la forçait, il tournerait de suite outes les positions sur lesquelles la gauche aurait à s'ap uyer si elle était obligée de se replier.

La hauteur de monte de Cintra, située à l'embouchure de a rivière de Sacavem, et la pointe nommée Cabeça d'Aguiei- a, seront aussi occupées; la première découvre le point de assage de la rivière et le chemin qui y aboutit; la seconde écouvre le reste de la vallée, et toute la plaine entre Frie- as et St-Antoine do Tojal; au reste on répétera que toute ttaque dans cette partie peut paraître invraisemblable, ennemi ne pouvant y venir que par le grand chemin com- lètement battu, et par une plaine inondée par les marées, t coupée de canaux.

La position de Loures, qui est à peu près au milieu de la gne de défense que l'on a établie, et sur laquelle aboutis- ent les débouchés de Montachique et Bucellas, doit être dé-

fendue avec opiniâtreté, et l'on aurait eu tout le temps de s'en occuper, l'ennemi ne pouvant y arriver qu'après les plus grands travaux, et après avoir enlevé les positions de Bucellas et de Montachique.

La vallée de Loures à Almargem sera facilement défendue en occupant les hauteurs en arrière des villages de Pinheiro, Tojalinho et Loura. L'ennemi ne pourrait y arriver, d'ailleurs, qu'après avoir forcé la position de Loures, et s'il avait obtenu cet avantage, il est bien probable qu'il chercherait à se rapprocher de Lisbonne, au lieu de se porter sur Almargem, qui doit néanmoins être soigneusement gardé. L'on doit même voir le point le plus faible de la ligne dans la partie comprise entre Almargem et la tête de la vallée de la Carvoeira, où serait nécessairement le point d'attaque dans le cas où l'ennemi déboucherait par la grande route de Mafra, et il est indispensable de reconnaître avec un soin particulier les moyens d'occuper par quelques retranchements cette position qui a vraiment besoin des secours de l'art.

C'est dans cette partie que l'on croit que doivent se diriger les principaux efforts de l'assaillant pour enfoncer la ligne entre l'embouchure du rio de Sacavem, et celle de la Carvoeira, Bucellas, Montachique et Mafra occupés ; il faudra pénétrer par ces hauteurs. Cette ligne forcée, la totalité de Lisbonne ne peut plus être défendue, mais la position centrale de Penha de França, Notre-Dame do Monte et château de Lisbonne, exigera encore des précautions, dominant avec tout avantage la portion la plus précieuse de la ville.

Le village de Cheleiros, sur la route de Mafra, sera aussi occupé avec peu de travail, la vallée étant profonde, et le chemin fort escarpé, quant à la partie de la ligne la plus éloignée de Lisbonne, et qui s'étend jusqu'à la Carvoeira, où s'appuyera la gauche de la ligne. L'on ne pense pas qu'il y ait grande précaution à prendre, et une surveillance active suffira pour mettre au-dessus de tout danger un pays aussi facile à défendre.

Il résulte de l'exposé que l'on vient de faire de la principale ligne de défense qui existe entre Sacavem et la Carvoei-

n, que sa partie, peut-être la seule attaquable, se trouve à peu près au centre, et si l'ennemi parvenait à la forcer, la gauche, qui n'aurait point souffert, se replierait sur Cintra et les hauteurs en avant de Ramalhão, d'où, s'appuyant à Sabugo, elle viendrait par Almargem, se rattacher à la droite de la première ligne.

Il est probable que dans cette nouvelle position le poste d'Almargem serait attaqué et forcé de se replier, ce qui nécessiterait l'occupation d'une nouvelle ligne de Loures à Sabugo, en laissant les crêtes qui séparent les eaux de rio de Loures, de celles qui vont directement au Tage.

Sabugo deviendrait dès lors le point essentiel à bien défendre, et qu'il importerait de bien retrancher à l'avance. La partie faible de cette position pourrait aussi se voir entre Ramalhão et Rio de Mouro; mais c'est ici un rentrant considérable dans lequel un attaquant s'engagerait difficilement dans la crainte d'être enveloppé.

Supposons néanmoins que cette seconde ligne très forte dût encore céder au nombre, il deviendrait alors nécessaire de se concentrer davantage, et d'appuyer la droite à Cabeça d'Aguieira, d'où l'on remonterait le ruisseau jusqu'à Lumiar et couronnerait les hauteurs en avant de Luz, Bemfica, Porcalhota et allant par Bellas, la rive gauche du Papel qui débouche dans le Tage près de Paço d'Arcos.

Il n'est nullement probable que l'ennemi ose tenir cette position, et l'on pense toujours que sa dernière résistance sera vaincue dans les hauteurs qui versent au nord dans la Carvoeira, et au sud dans le rio de Sacavem.

Cette nouvelle position peu étendue est susceptible de la meilleure défense. Elle est à peu près inattaquable de Sacavem à Lumiar, d'où elle peut être fortifiée à peu de frais, jusqu'à Porcalhota; le pays un peu ouvert entre les hauteurs de Porcalhota et Queluz serait la partie faible de la ligne, à laquelle on devrait suppléer en occupant, surtout, solidement le point de réunion des trois routes et en construisant quelques pièces détachées.

La position de Lumiar, où passent les différents chemins

venant de Friellas et Loures, devrait être aussi puissamment gardée.

Admettant néanmoins que les forces de l'ennemi obligeassent d'abandonner cette position extrême, la totalité de la ville paraitrait impossible à conserver, et l'on devrait à l'appui des principaux points de l'intérieur occupés, se voir encore assez puissant pour obtenir de capituler aux conditions les plus honorables. Ce ne serait probablement pas une des moindres entreprises de l'ennemi que la soumission des points de Penha de França, Notre-Dame do Monte et château de Lisbonne, que l'on doit voir comme les derniers et puissants maîtres de la ville, pour laquelle on le répète, on ne voit nulle vraisemblance qu'aucune attaque par terre puisse être dangereuse, et encore moins la faire passer sous une domination nouvelle.

Défense extérieure de Lisbonne[1]

(Confidentiel)

Ce n'est point par les secours ordinaires de l'art des fortifications; ce n'est point à l'aide d'une enceinte bastionnée, ou non bastionnée, qu'une ville aussi immense que Lisbonne peut être puissamment défendue; c'est au dehors, c'est en occupant des postes et positions, militairement reconnus pour bons, que l'on doit chercher à couvrir ce vaste dépôt de richesses.

Si l'on jette d'après ce principe un coup d'œil sur la carte des environs de Lisbonne, l'on remarquera avec satisfaction combien la nature a fait du côté de terre pour la défense de cette ville importante. L'on ne parlera point ici de la portion

[1] Ce troisième mémoire fut remis au général en chef peu de temps après le second; quoi qu'il ne soit dans le fond qu'une répétition du second, il présente néanmoins encore plus clairement les moyens de défense que je jugeais les seuls à employer pour nous conserver Lisbonne, et si comme on le doit croire l'ennemi défend l'isthme... les présentes données pourraient être d'une grande utilité.

de son territoire à l'ouest qui s'étend de Belem au cap de la Roca. Il est de toute évidence que cette partie ne peut être attaquée que par des forces maritimes faciles à repousser à raison de toutes les dispositions faites à l'avance sur les rives du fleuve, et sur la portion des côtes comprises entre la Roca et St-Julien.

L'ennemi n'a point songé à débarquer à l'ouest, nous occupions Cascaes et St-Julien, il ne pouvait oser un pareil débarquement, il ne l'oserait aujourd'hui dans le cas même où nous entrerions dans Lisbonne.

Du côté du midi le Tage offre aussi une belle ligne de défense qui peut être facilement maintenue, et l'on voit peu de dangers à redouter de ce côté aussi longtemps que le fleuve pourra recevoir assez d'eau pour exiger des rassemblements de barques afin de le passer.

J'avais établi d'excellentes défenses sur les deux rives. L'ennemi ne pouvait remonter le Tage. Aujourd'hui il est le maître du fleuve. On peut le gêner, en occupant Almada et Torre Velha.

Dans la partie nord de la côte comprise entre la Roca et le Mondego même, l'on ne peut apercevoir d'autre danger que celui d'un ennemi qui, puissant par mer, opérerait son débarquement et compterait sur des intelligences dans le pays; mais il est bien peu probable qu'un pareil débarquement puisse s'efféctuer sur la portion de côtes bien observée, dangereuse, et misérable entre Nazareth et la Roca, et l'on peut avancer avec assez de confiance que la ville de Lisbonne naturellement assez couverte sur les côtés sud, ouest et nord, n'a réellement à redouter que les attaques qui peuvent être dirigées contre elle de la partie de l'est, c'est-à-dire de cet espace compris entre Santarem et Nazareth.

L'ennemi n'a tenté de débarquement dans cette partie qu'au moment où il a eu pris position à Vimeiro, ce que le camp de Sobral, devait empêcher; aujourd'hui il peut débarquer et embarquer à sa volonté, ce qui indique qu'il ne faut attaquer la péninsule que par un vent de nord forcé qui oblige l'ennemi de tenir le large. Ce vent précieux pour la

santé de l'attaquant souffle. Jusqu'au mois d'août, et il est essentiel d'attaquer avant ce mois la péninsule, la saison des grands secs devant aussi avoir lieu avant cette époque.

Mais c'est encore en pareille circonstance que l'on observe aussi avec confiance combien les approches de Lisbonne, dans cette partie de l'est, sont favorables à une bonne défense. Ces approches ne sont point d'une nature ordinaire; ce ne sont point une ou plusieurs plaines dans lesquelles une ou plusieurs batailles gagnées décident assez souvent du sort d'une place importante; l'on peut éprouver plusieurs échecs à l'est de Lisbonne, mais il n'y aura rien de décisif, et la contexture du terrain est de nature à fournir les moyens de la défendre pied à pied jusqu'à la capitale.

L'on voit en effet qu'à partir de la pointe est de la chaîne de Montejunto, le terrain en avant de Lisbonne qui n'a pas plus de 12 lieues de largeur moyenne, se trouve longé à égale distance de la mer et du fleuve, par la chaîne de Monte-junto à peu près intransitable, et qui se dirigeant au nord-ouest, continue vers la montagne de Cintra où la chaîne va se terminer au cap de la Roca.

Cette chaîne de montagnes bien essentielle à observer, prête de merveilleux secours à la défense. Le premier point où elle peut se passer, en partant de l'est, est celui de Runa, où elle est considérablement abaissée. Ce n'est aussi que dans cette partie qu'elle laisse quelques combinaisons à l'attaquant, en supposant toutefois, ainsi qu'on l'a déjà observé, qu'une force très active et bien dirigée repousse tous les débarquements, ce qui paraît facile, surtout si l'on voulait enfin avoir quelques pièces d'artillerie attelées au-dessus de Ramalhão.

Considérant toujours cette même chaîne de Montejunto que l'on a dit intransitable sur la plus grande partie de son cours, et en cela même facile à défendre, l'on observera qu'elle détache vers le sud différents contre-forts qui vien-nent s'appuyer au Tage, et commandent avec grand avanta la rive droite du fleuve. Plusieurs points de ce genre sero aisément reconnus, mais l'on indiquera plus particulièr

l'église d'Alhandra, et la hauteur qui commande Villa Franca. Ces points seraient très facilement et très promptement occupés dans le cas d'une attaque dirigée par la rive droite du fleuve.

Cet exposé du local établi, l'on supposera que l'ennemi marche sur Lisbonne par le côte de l'est, que nous avons dit être le seul qui offre des facilités à des développements de grands moyens d'attaque; l'on supposera que tout obstacle en avant de Rio Maior et Alcobaça a été forcé, où ce qui est la même chose, que la ligne d'Alcobaça à Tancos est dépassée; l'ennemi pour marcher sur Lisbonne aura trois chemins. Le premier au nord, en passant par Caldas et Obidos l'amènerait sur Peniche, Torres Vedras, Runa ou Mafra. Le second passant au midi de Montejunto l'amènerait par Abrigada sur Sobral, Bucellas, Loures et Lisbonne. Le troisième, enfin, par Carregado, Castanheira et Villa Franca, l'amènerait sur Sacavem et Lisbonne.

Etudions ces trois différentes marches de l'ennemi. Ce ne serait pas sans avoir essuyé quelques pertes que l'ennemi serait parvenu à forcer la ligne de Rio Maior, et il trouverait à peu de distance, en voulant suivre le bord de la mer la position d'Obidos, ou plus rigoureusement de Roliça, très facile à défendre, n'ayant qu'un petit développement, et se trouvant appuyée par sa droite à des montagnes inaccessibles.

Supposant néanmoins qu'elle fut forcé, la défense se porterait alors sur Peniche, disputant le terrain pied à pied, d'où arrivant sur le territoire extrêmement accidenté de Torres Vedras, chaque pas offrirait des positions faciles à occuper avec avantage.

Ainsi que je l'avais toujours annoncé, l'ennemi débarqué près du Mondego, a marché sur nous par l'est. Nous n'avons point pu l'attendre dans la première position que nous avions prise en avant d'Alcobaça et Rio Maior, n'ayant que deux mille hommes y compris le renfort que nous avait donné le général Thomières; il en eut été autrement si les cinq mille hommes du général Loison, arrivé le 11 à Santarem, eussent concertés leurs mouvements avec les nôtres.

Nous fûmes forcés de marcher sur Obidos, ainsi que l'avais prévu. Notre marche fut de dix-sept heures, et le di manche 14 nous atteignîmes ce point à deux heures. L troupe épuisée de fatigues voulait y passer la nuit, et j'eu beaucoup de peine à la conduire jusqu'à la bonne positio de Roliça que je connaissais, et où le général Laborde fi une si belle résistance les 15 et 17, et si les cinq mille hom mes campés sur la droite avaient pris part à l'action, ainsi que le capitaine du génie André avait été le demander, l'en nemi eût été détruit.

Le général Laborde n'ayant aucune nouvelle du général en chef, m'ordonna le 15 au soir, d'aller lui rendre compte à Lisbonne de notre situation après avoir occupé la position de Roliça. Je ne trouvait point le général en chef, il était parti pour Villa Franca le 16 de grand matin ; forcé à Roliça, le général Laborde fit sa retraite sur la Runa, où les pa trouilles ennemies m'empêchèrent d'arriver avant le 18 au matin; je conduisis la petite troupe sur la crête de Monta chique ne pouvant plus faire ferme avec aussi peu de monde. Il en eût été tout autrement si la position de Sobral eût été occupée. Nous aurions pu tenir entre Peniche, Serra del Rei, et la gorge de Runa ; la position de Vimeiro n'eût point été occupée ce jour là par l'ennemi, ni probablement de long temps. Le moindre vent eût écarté la flotte, car il faut re marquer que l'on eut calme plate du 17 au 23 août, et l'ar mée perdant la flotte de vue se serait vue elle même à peu près perdue.

Un grand moyen de déjouer cette première attaque serait d'occuper à l'avance avec une forte colonne la position cen trale et très importante de Sobral. Il n'est nullement proba ble que l'ennemi songeât à pénétrer par le vallon de Runa; mais le cantonnement de Sobral, informé que sa position a été dépassée, se porterait de suite sur les derrières de l'en nemi, où la force et la surprise assureraient des avantages certains, au moment où ce dernier serait arrêté devant la position de Torres Vedras. Ces difficultés toutefois vaincues l'ennemi en trouverait de plus concentrées, et la ligne d'Eri

...i qui chercherait à marcher sur Lisbonne par le Montejunto, et quelques positions légèrement oc- l'avance, en avant de ce point, suffiraient pour l'ar- la manière la plus tranquillisante pour l'attaqué.
...a considérer actuellement le cas peu vraisemblable ...emi après avoir forcé la ligne de Nazareth à Santa- ...déciderait à marcher sur Lisbonne en suivant le côté Montejunto.
...arti qui ne paraît nullement probable l'éloignerait ...ssants secours qu'il doit tirer de la mer. Il se jetterait ...lans des chemins peu praticables, où la nature du ferait naître de nombreuses difficultés, pour n'arriver ...ue sur la bonne position de Chões, d'Estira-Corda ...ral, où l'on a déjà dit qu'une forte colonne aurait dû ...acée à l'avance. Cette position forcée, toutefois, l'on ...it dire que l'ennemi ne serait encore qu'au commen- ... de ses travaux, les meilleures positions étant en ar- ...e Sobral.
...ieu ne plaise qu'aucun esprit de critique me dicte ce ...cris ; je ne cède qu'au besoin de retracer des faits qui ...t aider à la connaissance du pays, et à la direction à ... aux attaques qui pourraient avoir lieu par la suite.
...allon qui descend de Sobral, à Tojal et Loures offre ...s grands avantages pour la défense, et pour peu qui ...ajoutât, il est très probable que l'ennemi qui n'aurait ...aire suivre que par une artillerie peu forte ne parvien- ...as à dépasser Loures, après lequel poste il aurait de ...ux obstacles à vaincre avant d'entrer à Lumiar.

vent y être multipliés, et l'on doit beaucoup se rassurer contre les dangers de cette entreprise aussi longtemps toutefois que la tranquillité de la ville ne sera pas troublée, et que l'on n'aura pas à craindre que la défense puisse être prise à revers.

Quoique l'on cherche à prouver que l'ennemi ne se serait pas décidé à marcher sur Lisbonne par le sud de Montejunto, surtout à raison de l'avantage qu'il avait de s'aider de la mer, l'on est toutefois persuadé que ce chemin est le véritable pour l'attaque des français ainsi qu'on le conseille dans le petit mémoire sur l'attaque.

Il reste à parler de la troisième direction que l'on a dit que l'ennemi pourrait donner à ses attaques en suivant les bords du Tage.

L'on a déjà observé plus haut que la chaîne de Montejunto jette de nombreux contre-forts qui viennent se terminer près du Tage où ils conservent une assez grande hauteur; les mêmes points offrent d'excellentes positions à occuper dans le cas d'une attaque dirigée par la rive droite du fleuve pour s'opposer à la marche de l'ennemi, et l'on a déjà cité les points élevés de Villa Franca et l'église d'Alhandra comme les plus favorables à saisir. Il ne peut suffire toutefois à un projet de défense aussi important, d'indiquer généralement quelques points principaux, quoique dans ce cas particulier la défense fût à même d'obtenir les plus grands secours des bâtiments armés qui pourraient remonter le Tage jusqu'au dessus de Villa Franca, et battre avec tout avantage le grand chemin de Lisbonne à Villa Franca, et c'est encore la position centrale de Sobral que l'on devra occuper à l'avance, afin de bien faire reconnaître aussi à l'avance tout le terrain environnant, et étudier à fond tous les moyens de faire face le plus promptement possible aux différents genres d'attaque que l'on a dit menacer Lisbonne.

La position de Sobral, on le répète, qui n'est qu'à une journée de la capitale, doit paraître de beaucoup la plus puissante, et la plus instructive contre tous les projets de l'ennemi, et l'on ne peut mettre trop d'intérêt à la bien connaître.

La plus belle route à suivre sans doute pour arriver sur Lisbonne est celle qui longe le Tage. Elle est de beaucoup la plus riche et la mieux habitée; l'attaquant maître des hauteurs de Chões, d'Estira-Corda et Sobral aurait probablement aussi bientôt enlevé les sommités des contre-forts qui s'appuyent au Tage, et commandent la grande route aux points de Villa Franca, église d'Alhandra, etc., etc., ce qui pourrait donner à croire que l'on devrait marcher sur Lisbonne par la route du Tage. L'on ne peut se rendre à cet avis par ce que l'ennemi ne manquera pas d'avoir sur le Tage des bâtiments armés qui maîtriseront toujours cette route, et rien ne serait peut-être plus imprudent que de s'y engager. Il semble donc beaucoup préférable de marcher par les hauteurs, en s'appuyant de préférence à la route du nord, en observant Peniche qu'il est aisé de blocquer; le chemin du Tage n'amènerait d'ailleurs, ainsi qu'on l'a déjà observé, qu'aux marais de Sacavem qui offrent encore une position extrêmement forte.

Au surplus en supposant même l'ennemi arrivé jusqu'à Sacavem, il trouverait en avant de lui les marais formés par les débordements du ruisseau qui le forceraient de se jetter sur Loures où il rencontrerait de nouvelles difficultés.

L'on terminera ces recherches sur les moyens de défense à employer au dehors de Lisbonne, en observant que dans les trois projets d'attaque que l'on vient de parcourir, l'on a jamais amené l'ennemi qu'à une journée de la capitale, et cependant l'on a toujours cru pouvoir avancer qu'il arriverait difficilement jusque là. Il resterait donc, en lui supposant même ce succès, il resterait à lui disputer le terrain qui le séparerait encore de la capitale, ce qui offrirait de nouvelles combinaisons de défense multipliées, à l'aide desquelles l'on pourrait voir naître quelques circonstances susceptibles d'ajouter au bonheur d'avoir conservé la ville et le port, l'avantage de pouvoir dicter des conditions, chance qui paraîtrait ne pouvoir plus exister si la ville, et les établissements du port étaient détruits.

DOCUMENTO N.º 83

(Citado a pag. 585)

Força dos exercitos francezes na Hespanha, incluindo o de Massena

Exercito de Portugal

Quartel em Caceres. Commandante em chefe o marechal Massena, principe de Essling.

15 de agosto de 1810

Designação dos corpos	Debaixo de armas		Destacados		No hospital	Prisioneiros	Estado effectivo	Cavallos	
	Homens	Cavallos	Homens	Cavallos	Homens	Homens	Homens	Cavallaria	Trens
Estado maior e gendarmes	199	222	–	–	3	–	202	222	–
Segundo corpo, Regnier	16:418	2:894	2:494	397	3:006	–	21:918	1:969	1:304
Sexto corpo, Ney	23:456	2:496	1:865	577	5:541	193	30:862	1:701	1:372
Oitavo corpo, Junot	18:803	1:959	436	169	4:996	98	24:235	2:016	1:112
Reserva de cavallaria, Montbrun	4:146	4:322	1:138	831	157	31	5:441	4:907	246
Artilheria e engenheria	2:724	2:969	206	159	409	–	3:339	108	3:128
Total do exercito activo	65:746	14:862	6:139	2:119	14:112	302	85:997	10:815	7:162

27 de setembro de 1810

O nono corpo refere-se a 15 de outubro, a reserva de cavallaria e artilheria de cerco a 1 de setembro sómente.

Designação dos corpos	Debaixo de armas		Destacados		No hospital	Estado effectivo	Cavallos	
	Homens	Cavallos	Homens	Cavallos	Homens	Homens	Cavallaria	Trens
Estado maior	192	219	-	-	4	196	219	-
Segundo corpo, commandante o general Regnier	16:575	2:921	2:397	287	2:214	21:186	1:872	1:336
Sexto corpo, commandante o marechal Ney	23:224	2:478	1:708	600	5:418	30:350	1:730	1:348
Oitavo corpo, commandante o general Junot	18:807	2:958	663	140	4:656	24:126	2:027	1:071
Reserva de cavallaria	4:146	4:322	1:138	831	157	5:441	4:907	246
Artilheria de sitio	3:022	3:415	206	159	409	3:637	146	3:128
Batalhão de marcha, que deixou Bayonna a 2 de outubro	-	-	474	16	-	474	16	-
Total	65:966	16:013	6:586	2:033	12:858	85:440	10:917	7:129
Nono corpo, commandante o general Drouet, conde de Erlon	19:062	2:072	413	-	3:516	22:991	1:755	317
Divisão Serras	8:586	1:015	269	35	1:750	10:605	1:050	-
Total geral	93:614	19:100	7:268	2:068	18:124	119:006	13:722	7:446

N. B.—Muitas d'estas sommas não se acham certas, mas limitámo-nos a copial-as do tom. VI da traducção franceza da *Historia da guerra da peninsula*, por W. Napier, pag. 321 e 322.

Quartel general de Massena em Torres No

1 de janeiro de 1811

Segundo corpo, quartel general em Santarem. Commandante o general

Designação dos corpos	Debaixo de armas		Destacados		No hospital	Estado effectivo
	Homens	Cavallos	Homens	Cavallos	Homens	Homens
Divisão Merle, 9 batalhões	4:368	-	150	-	1:549	6:067
Divisão Hendelet, 12 batalhões	5:718	-	451	-	2:646	8:815
Cavallaria ligeira, Soult, 15 esquadrões	1:146	993	523	537	231	1:900
Artilheria e engenheria	1:284	1:121	52	9	189	1:425
Total	12:516	2:114	1:176	546	4:515	18:207

Sexto corpo em Thomar. Commandante o marechal Ney

Designação dos corpos	Debaixo de armas		Destacados		No hospital	Estado effectivo
	Homens	Cavallos	Homens	Cavallos	Homens	Homens
Divisão Marchand, 11 batalhões	4:987	28	529	-	1:121	6:637
Divisão Mermet, 11 batalhões	6:252	-	743	-	1:077	8:404
Divisão Loison, 12 batalhões	4:589	-	1:037	-	3:291	8:917
Cavallaria ligeira, Lamotte, 7 esquadrões	652	651	663	663	117	1:432
Artilheria e engenheria, 28 companhias	1:769	1:372	47	78	165	1:981
Total	18:272	2:051	3:019	741	5:771	27:094

Oitavo corpo em Pernes. Commandante o general Junot

Designação dos corpos	Debaixo de armas		Destacados		No hospital	Estado effectivo
	Homens	Cavallos	Homens	Cavallos	Homens	Homens
Divisão Clausel, 11 batalhões	4:007	18	484	-	3:989	8:627
Divisão Solignac, 14 batalhões	4:997	-	1:953	-	3:337	10:346
Cavallaria de Saint-Croix, 12 esquadrões de dragões	981	1:024	698	698	238	1:917
Artilheria e engenheria	1:106	859	24	4	359	1:522
Com licença	-	-	-	-	-	206
Total	11:108	1:901	3:159	702	7:956	22:605

Montbrun, em Ourem

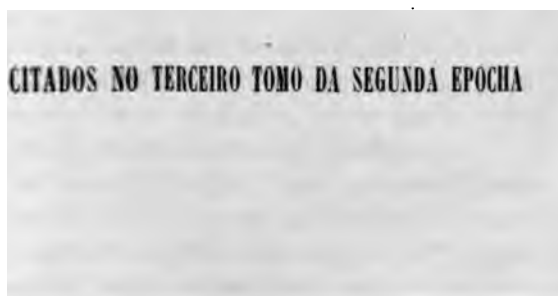
…gnação dos corpos	Debaixo de armas		Destacados		No hospital	Estado effectivo	Cavallos
	Homens	Cavallos	Homens	Cavallos	Homens	Homens	
…a de cavallaria, 24 es-…drões com artilheria…	2:729	2:871	1:486	1:466	178	4:533	4:337
…ria, engenheria e equi-…pas do exercito……	1:546	614	-	-	283	2:090	614
Total…………	4:275	3:485	1:486	1:466	461	6:623	4:951

Nono corpo em Leiria, commandante o general Drouet

…signação dos corpos	Debaixo de armas		Destacados		No hospital	Estado effectivo	Cavallos
	Homens	Cavallos	Homens	Cavallos	Homens	Homens	
…o Claparede, 15 bata-…es em Almeida………	7:863	11	369	-	482	8:714	-
…o Conroux, 12 bata-…es em Leiria…………	7:592	27	447	-	1:299	9:338	27
…taria Fournier, 7 esqua-…es em Toro…………	1:698	1:591	60	67	114	1:872	1:658
…ria e engenheria, em …ade Rodrigo…………	670	464	-	72	742	-	464
Total…………	17:823	2:093	876	139	2:637	19:924	2:149

…z. — O governo de Salamanca comprehendia as cidades de Alba de Tormes, …nda e Salamanca, nas quaes estavam os doentes, os estropeados, as equipa- … os depositos do exercito de Portugal. O total elevava-se a 2:354 homens e 1:102 …s.

	Presentes debaixo de armas	
	Homens	Cavallos
…geral do exercito de Portugal no momento em que occupava …sição de Santarem…………	46:171	9:551
…corpo…………	17:823	2:093
	63:994	11:644
…uir aquellas tropas do nono corpo que não estavam em Por-…l…………	10:231	2:066
…das tropas debaixo das armas de Massena…………	53:763	9:578

[DO]CUMENTOS CITADOS NO TERCEIRO TOMO DA SEGUNDA EPOCHA

DOCUMENTO N.º 84

(Citado a pag. 33)

Exigencias de lord Wellington, ou allegações por elle feitas a mr. Carlos Stuart, de que as operações militares dos dois exercitos combinados eram da sua privativa attribuição, sem n'elles poderem intervir os governadores do reino

Pero Negro, 5 de dezembro de 1810.

Tudo o que tenho feito tem sido fundado sobre estes principios:

1.º Que pela minha nomeação ao posto de marechal general dos exercitos portuguezes, com os mesmos poderes conferidos ao fallecido duque de Lafões, o commando d'este exercito é independente do governo local de Portugal.

2.º Que nos arranjos concordados com os governadores do reino com annuencia do rei, quando sir William Beresford foi pedido pelos primeiros para commandar o exercito portuguez, assentou-se que o commandante em chefe do exercito inglez dirigiria as operações geraes dos exercitos combinados.

3.º Que supposto que o meu grau de marechal general me não dê uma auctoridade independente sobre as operações do exercito portuguez, ou que, como commandante em chefe do exercito inglez, eu não tenha tido o poder de dirigir todas as operações pela fórma acima indicada, teria sido o resultado deverem as operações dos dois exercitos ser feitas separadamente, ou que o governo portuguez tivesse tido o poder de dirigir as do exercito inglez.

4.º Que não tem podido jamais vir ao pensamento de alguem expor os dois exercitos a uma perda certa, fazendo-os operar separadamente, e sem duvida alguma o governo de sua magestade jamais tem sonhado em abandonar o exercito inglez ao governo portuguez para que este fizesse d'elle o que muito bem lhe parecesse.

forma de lhe impedir a communicação com qualquer pessoa que seja até que elle receba as ordens de v. ex.ª, ao qual mandei que communicasse a v. ex.ª a chegada do major Verissimo Antonio Ferreira da Costa, do quarto batalhão de caçadores; que deve ser certamente ou muito mal intencionado ou louco.

Deus guarde a v. ex.ª Quartel general em Abrantes, 18 de junho de 1809. = *William Carr Beresford*, marechal commandante em chefe. = Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Carta do major Verissimo Antonio Ferreira da Costa para o marechal Beresford

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Meu general: — Sou major do batalhão de caçadores n.º 4, que tem a fortuna de estar debaixo das ordens immediatas de v. ex.ª, seguindo as quaes em beneficio da minha patria, do meu soberano e das minhas leis, faço com todo o prazer a guerra, e a farei até á total extincção dos inimigos de cousas para mim tão sagradas. Todavia uma barreira se oppõe aos deveres que cumpria com tanto gosto. Sei que o meu batalhão deve receber o soldo, forragens e fardamentos de Inglaterra, isto é, que passa ao soldo de Inglaterra. Fortuna teria em ser vassallo de uma nação tão digna, para ser d'aquelles a quem a Europa e o mundo inteiro devem a sua salvação das mãos da tyrannia e do dominio do usurpador mais infame que a historia nos apresenta; mas nasci portuguez, e tambem sou feliz em ser filho de uma nação que tem virtudes, e que tem tambem de que se lisongeie. Desde a minha tenra idade procurei fazer-me digno d'ella. Esta é a minha quinta campanha; todo o curso completo para official de infanteria, artilheria e engenheria tem levado os cuidados de toda a minha vida. Para a restauração da minha patria me expuz por vezes, e um milhão de provas não equivocas me abonam por um dos bons portuguezes, e a recompensa que a minha patria e o suave governo que me governa me tem dado me põe nas circumstancias de não desejar mais do que servir e retribuir-lhe até com a vida, que

britannica tivesse nomeado para commandar a sua esquadra destinada para a preservação, segurança e defeza dos meus reinos de Portugal e Algarve e dominios adjacentes. E achando-me informado haver sido á vossa pessoa que sua magestade britannica confiára o commando da esquadra actual, encarregada de uma tão importante commissão; constando-me similhantemente quanto seria agradavel a sua magestade britannica que eu vos manifestasse igual confiança; applaudindo eu uma tão feliz escolha, por serem tão conhecidos e constantes os importantes serviços que tendes rendido ao vosso soberano, a intelligencia, valor e intrepidez que vos distinguiram em todas as acções em que vos tendes achado: hei por bem, por todos estes respeitos, e para dar a sua magestade britannica mais uma evidente demonstração da minha adherencia ao systema de alliança que nos liga, confiar-vos, na qualidade de almirante da minha armada real, a que vos promovo, o commando em chefe das minhas forças navaes estacionadas em Portugal, em cujo posto e exercicio gosareis de toda a auctoridade, prerogativas e preeminencias annexas a um tão importante cargo. O que assim me pareceu participar-vos para vossa intelligencia.

Escripta em o palacio do Rio de Janeiro, em 24 de maio de 1810. — PRINCIPE.

DOCUMENTO N.º 85

(Citado a pag. 34)

Causas que determinaram a demissão do major Verissimo Antonio Ferreira da Costa e a ser depois readmittido no exercito

---

Officio do marechal Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz

Ill.^mo e ex.^mo sr. — Tenho a honra de remetter a v. ex.ª as duas cartas inclusas. A consequencia que poderia seguir-se se similhantes idéas, como tem o sr. major, se espalhassem, m'o faz mandar a Lisboa, ordenando ao general Soares de

«Passe ordem. Seja solto, passando logo para Athouguia, devendo apresentar-se logo ao governador de Peniche, a quem se deve apresentar todos os tres dias, e o governador responsavel por isso».

Carta de Verissimo Antonio Ferreira da Costa para D. Miguel Pereira Forjaz

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Miguel Pereira Forjaz: — Tomo a liberdade de remetter a v. ex.ª a petição inclusa. Não posso, senhor, accommodar-me na Athouguia emquanto tudo arde em guerra. Apesar de medir com o maior recato a minha conducta, apesar de não fazer tenção de voltar mais ao mundo, não posso socegar nas actuaes circumstancias. Serei o martyr do meu melindre; soffrerei os caprichos da perversidade, mas não deixarei de ser o que sou, portuguez, e portuguez são; se não sirvo agora, sou indigno de tão grande e suave nome. Quebre-me v. ex.ª os grilhões que me amarram, nada mais quero. Odeio os postos, odeio os inimigos todos da minha patria. Adoro Portugal, adoro o meu soberano. A melancolica idéa dos males da minha patria está a par com a da minha inutilidade. Destrua-me v. ex.ª esta, e deixe-me (como tantas vezes tenho feito) combater a outra. Aos ataques da avançada de Almeida seguem-se as acções mais sérias entre as vanguardas, e logo a acção geral que decidirá do destino d'esta campanha, pois que os francezes devem perdel-a, e eu hei de estar na Athouguia occupado só em ler e em dormir? Não: v. ex.ª vae arrancar-me d'aqui, eu lh'o agradeço muito e muito. — De v. ex.ª muito attento venerador e obrigado. — Peniche, 19 de junho de 1810. = *Verissimo Antonio Ferreira da Costa.*

Officio do marechal Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz sobre a correspondencia anterior

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Respondendo ao officio de v. ex.ª, em que me participa a supplica de Verissimo Antonio Ferreira da Costa, major que foi do batalhão de caçadores n.º 4, para

n'esta occasião de crise da sua patria ser util á sua defeza com o seu serviço como voluntario, devo segurar a v. ex.ª que estimando eu muito ver que um vassallo de sua alteza real reconheça o seu erro e busque remedial-o, nenhuma duvida se me offerece em que este sujeito entre por este modo no serviço, promettendo primeiro não se intrometter com as cousas de politica, nem se embaraçar por quem e com que dinheiros o exercito é pago, empregando-se sómente nas obrigações de soldado; e eu terei muita satisfação se elle pelo seu comportamento o merecer, de o propor a sua alteza real para ser perdoado.

Deus guarde a v. ex.ª Quartel general da Lagiosa, 4 de agosto de 1810.=*W. C. Beresford*, marechal commandante em chefe. — Ill.mo e ex.mo sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

N. B.—Este official, entrando por fim na fileira, novamente foi demittido do serviço sendo tenente coronel; e fazendo parte da conspiração de 1817, escapou, todavia, de ser executado no campo de Sant'Anna, onde o foram em 18 de outubro do referido anno onze dos conspiradores, porque Gomes Freire, seu chefe, o foi junto da torre de S. Julião.

DOCUMENTO N.º 85-A

(Citado a pag. 35)

Officio de lord Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz, expondo as rasões por que se devia sobreestar n'uma promoção feita no Rio de Janeiro, sem preceder proposta do marechal Beresford

Ill.mo e ex.mo sr. — Tenho a honra de remetter inclusa a v. ex.ª a copia de uma carta e lista de promoções no exercito feitas por sua alteza real o principe regente na côrte do Brazil, e o que hei recebido do marechal Beresford. Pretendo pela primeira opportunidade ter a honra de me dirigir a sua alteza real sobre o assumpto d'esta promoção, no emtanto

peço permissão para recommendar aos srs. governadores do reino que hajam de suspender a publicação d'esta promoção, em rasão dos motivos que passo a mencionar, até que haja de receber a ultima determinação de sua alteza real n'este particular.

Primeiramente pedirei permissão para chamar á lembrança dos srs. governadores do reino que quando o marechal Beresford foi chamado do serviço de sua magestade britannica para tomar sobre si o commando do exercito de sua alteza real, foi estipulado com o dito marechal que lhe ficaria exclusivamente pertencendo o poder de premiar, como tambem o de castigar os officiaes e soldados do exercito, ou, em outras palavras, que seria elle quem exclusivamente recommendaria os officiaes para serem promovidos e o que approvaria e determinasse a execução das sentenças proferidas nos conselhos de guerra. Este poder foi depositado nas mãos do marechal Beresford, não porque fosse desejavel como um obsequio que se lhe fazia o deixar á sua posição uma tão grande porção de patrocinio como uma vantagem e honra, e como uma demonstração de favor a elle conferida por sua alteza real, mas sim lhe foram dados com o fim de facilitar e segurar a execução dos mui arduos deveres de que elle se havia encarregado, isto é, de reformar e melhorar o estado do exercito portuguez. Os motivos e o objecto de conferir estes poderes ao marechal Beresford foram a beneficio do serviço de sua alteza real, e em vantagem do seu reino de Portugal.

Não é necessario que eu agora entre a expor sobre as considerações de que se estas, entre outras medidas que se adoptaram n'aquelle periodo, têem ou não sido bem succedidas. Na minha carta de 24 do mez de abril expuz eu a sua alteza real a minha opinião da conducta do marechal Beresford e o bom resultado dos seus esforços, tendentes á reforma dos exercitos do mesmo senhor, e a experiencia de todos os dias bem prova a justiça da opinião que eu n'aquella occasião levei á presença do mesmo augusto senhor; porém devo agora observar que o systema que parece ter sido adoptado de fazer promoções no Brazil de officiaes

não têem sido positivamente recommendados para se-
promovidos pelo marechal Beresford, é uma directa
lação das estipulações em que se entrou com aquelle offi-
l ao tempo em que elle emprehendeu a execução de tão
duos deveres, e os quaes elle tem com tão bom successo
enchido. Em segundo logar pedirei licença para chamar
attenção dos srs. governadores do reino sobre o facto
que este systema não é menos prejudicial aos interesses
sua alteza real e aos do seu reino de Portugal, quanto é
mbem inconsistente com as estipulações feitas com o mes-
marechal Beresford, sendo igualmente subversivo de
da a auctoridade em Portugal.

Não entrarei no detalhe das circumstancias de cada um
s individuos que hão sido promovidos, pois que isto ha
do sufficientemente considerado na carta inclusa do mare-
al Beresford; porém desejaria gravar na memoria dos
s. governadores do reino e de sua alteza real e dos seus
nistros no Brazil a impossibilidade que existe de pôr em
rça qualquer systema de disciplina ou obediencia no exer-
o, ou de conduzir os negocios do paiz através das difficul-
ades que temos a vencer quando individuos que, em logar
cumprirem com os seus deveres á satisfação dos seus im-
ediatos superiores no campo dos acontecimentos (Portugal)
merecerem premios em resultado de solidos e substanciaes
rviços, zêlo e merito, os hão de adquirir por via de priva-
s solicitações para com os ministros de sua alteza real na
rte do Brazil, sendo por isto mesmo obvio que os interes-
s de sua alteza real e de Portugal devem materialmente
ffrer em todas as instancias em que este systema de pro-
ação for levado á execução. É igualmente tendente a
bverter toda a auctoridade local em Portugal, e não póde
pois d'isto esperar-se que o marechal Beresford possa
ecutar deveres que hão exigido que todo o patrocinio
litar do governo lhe fosse depositado e confiado em or-
m a habilital-o á sua feliz execução, emquanto os minis-
s de sua alteza real no Brazil attenderem a secretas soli-
tações de individuos, assim como tão pouco poderão os

srs. governadores do reino continuar na execução dos mui importantes deveres que lhes hão sido impostos, e cujos deveres os mesmos senhores hão até ao presente executado com tanta vantagem publica, quando os mesmos senhores não gosem da completa e inteira confiança de sua alteza real, e se as solicitações secretas forem attendidas pelos ministros de sua alteza real no Brazil, inconsistentes com os arranjamentos feitos pelo governo local d'este paiz debaixo da auctoridade do mesmo real senhor, ou com as recommendações e advertencias que este mesmo governo achar do seus deveres humildemente fornecer a sua alteza real para bem dos interesses do mesmo senhor e do seu reino.

Debaixo d'estas impressões recommendo com a maior vehemencia aos srs. governadores do reino que suspendam a publicação da presente lista de promoções, esperando que sua alteza real se inclinará, por effeito das rasões n'esta carta expressadas, a supprimil-a no seu total effeito, e que benignamente se dignará ordenar aos seus ministros na côrte do Brazil que hajam de no futuro observar com toda a particularidade as estipulações que se hão feito com o marechal Beresford, e que igualmente cessem de recommendar para serem promovidos ou premiados com algumas distincções honorificas quaesquer dos officiaes militares do exercito em Portugal que não tenham sido anteriormente recommendados á real consideração de sua alteza real pelo marechal Beresford.

Tenho a honra de ser com estima e respeito de v. ex.ª ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Miguel Pereira Forjaz, muito attento fiel servidor. = *Wellington*. = Quartel general de Celorico 14 de agosto de 1810.

DOCUMENTO N.º 86

(Citado a pag. 41)

Carta de D. Miguel Pereira Forjaz a lord Wellington, remettendo-lhe uma memoria para a defeza de Lisboa pela margem esquerda do Tejo

Lisboa, 4 de março de 1810.

Mylord: — Permitti-me que vos apresente as minhas observações sobre a importancia que ligo á occupação e defeza da quasi ilha entre Setubal e o Tejo no caso de ataque dos francezes contra este paiz, e particularmente contra Lisboa.

Parece-me evidente que o projecto dos francezes, depois de terem occupado a Andaluzia, será o marcharem em grande força contra o Alemtejo, atravessando o Guadiana. A marcha d'esta força, sendo combinada com o ataque que pretendem fazer na Beira e nas duas margens do Tejo, não encontrará obstaculo que a possa demorar, e a natureza do paiz dá-lhe toda a facilidade de avançar rapidamente do lado opposto a Lisboa, no que farão consideraveis damnos: 1.º, difficultar e quasi que embaraçar a entrada e saida do porto de Lisboa; 2.º, excitar algum tumulto n'esta grande cidade, o que lhe poderia facilitar, apesar de todos os cuidados, atravessar o Tejo, e tornear absolutamente pela direita a excellente posição que tendes escolhido entre o Tejo e o mar, ou pelo menos dariam com isto serios cuidados ao exercito quando fosse atacado de frente sobre a margem direita; 3.º, privando-nos d'este ultimo asylo e de um logar tão proprio para um embarque seguro quando, por uma inesperada fatalidade, tivessemos de deixar Lisboa e o paiz á direita do Tejo.

Segundo o que entendo, e mais amplamente desenvolvo na memoria junto, considero da mais alta importancia não sómente para nós, mas tambem para a causa geral da Europa inteira, a segurança de Lisboa e do seu porto na presente campanha, importancia que eu desejava fazer conhecer

a toda a Inglaterra, para se não arriscar a perder to
despezas e esforços que até ao presente tem feito po
rer poupar um pequeno sacrificio mais com que asseg
um feliz resultado.

Julgo, portanto, que se em logar de sessenta mil ho
entre os dois exercitos vós podesseis dispor de oiten
noventa mil, podendo defender com cincoenta ou se
mil a posição entre o Tejo e o mar, occupando com d
o isthmo entre Setubal e a Mouta, tendo Palmella bem
ficada e alguns outros pontos pela retaguarda, e po
dispor de quinze a vinte mil como reserva, para co
acudir a qualquer parte do Tejo, e mesmo sobre os fl
ou a retaguarda dos corpos inimigos, separados entre
este rio e a serra de Montejunto, julgo, repito, com a
inteira segurança que vós farieis por este modo baldar
prio Buonaparte em pessoa com todas as forças que po
reunir para vos obrigar a abandonar a defeza da peni
o que coroaria todos os felizes successos que v. ex.ª
alcançado n'este paiz contra os seus generaes. Para ist
tava mandar vir da Inglaterra mais quinze a vinte m
mens, e ajudar-nos a ter n'esta campanha pelo men
quarenta a quarenta e cinco mil homens disponiveis
ao exercito inglez. Parece-me do meu dever apresent
o que acima fica exposto, assim como aos ministros
magestade britannica.

Espero, mylord, que o interesse que me dictam
observações me servirá de desculpa junto de vós, já
objecto, e já pelo incommodo que vos causará a leitu
tão extensa carta.

Tenho a honra de ser com toda a consideração, my
de v. ex.ª, etc.=*Forjaz.*

Memoria a que se refere a carta supra

A crise actual é uma d'aquellas que deve naturalm
decidir a sorte da Europa. A guerra da peninsula pód
considerada como o ultimo esforço da liberdade das n

que a compõem, contra a ambição a mais desenfreada, e até ao presente a mais feliz dos ultimos seculos. As faltas que se têem repetido em cada uma das guerras que se tem emprehendido desde vinte annos para se lhe oppor, todas têem servido ao engrandecimento do tyranno, sem que nenhuma tenha corrigido os mais interessados a opporem-se-lhe. Procuremos, pois, aproveitar os poucos momentos que restam ás nossas esperanças, e livremo-nos de abandonar ainda precipitadamente o ponto que póde salvar a Europa do naufragio politico que quasi a tem inteiramente submergido.

A guerra da peninsula é aquella que pela sua natureza, objecto e meios offerece os maiores recursos á boa causa, e que mais capaz é ou de derrubar o tyranno, ou de decidir a consummação dos seus projectos. É esta uma guerra verdadeiramente nacional; uma guerra emprehendida para defender o que ha de mais sagrado entre todas as nações, atacadas pela mais reconhecida perfidia e a mais bem comprovada; uma guerra em que os inimigos não podem até esperar concluir uma enganadora paz, onde não podem dominar senão o terreno que em força occupam; e, finalmente, um vasto estado cercado por tres lados por mares que o inimigo não poderá ter livres, são circumstancias tão preciosas e tão difficeis de reunir, que, se uma vez se abandonam, corre-se o risco de perder para sempre toda a esperança de salvação. O exemplo da Hespanha, que já tem servido e servirá ainda a fazer reviver o sentimento da independencia entre os outros povos subjugados, não servirá, se vier a falhar na sua empreza, senão de fazer lançar de novo as cadeias da escravidão ás nações europêas, pois que nenhuma outra á vista de similhante desgraça se aventurará mais a pretender quebral-as.

Apesar dos successos que Buonaparte tem ultimamente obtido, tanto no norte, como no sul da Europa, ainda assim o julgo em situação extremamente difficil para sustentar o enorme peso dos negocios que a sua desmedida ambição lhe tem suscitado com a sua reconhecida má fé, e a precipita-

ção que tem posto na execução dos projectos que lhe dicta a sua politica.

A força que ainda conserva na Austria e na Prussia, a necessidade de intervir nos negocios da Turquia, o pouco que póde contar com a affeição dos seus novos subditos e dos seus vizinhos, os seus projectos sobre a Hollanda, a desaffeição que em França lhe deve ter levantado a estagnação do commercio e a interminavel guerra em que nenhuma outra cousa existe senão a sua insaciavel ambição, aquella que deve naturalmente ter excitado o seu procedimento para com o papa; finalmente, a desconfiança em que deve estar quanto á côrte da Russia, que alguma vez virá em que abra os olhos sobre as fataes consequencias da sua actual politica, que uma mudança natural ou violenta póde subitamente desconcertar, e assim todas as esperanças que apoia em similhante gabinete, são estas outras tantas circumstancias que naturalmente o devem obrigar a conservar a maior parte das suas forças disseminadas pela superficie da Europa, porque, se a compressão não for igual á resistencia, elle arrisca-se a ver derrubada toda a geringonça d'esse imperio universal, em que descobertamente tem já posto os olhos. N'uma igual situação e n'um estado tão violento para elle e para os povos que tem subjugado, ha tanto a esperar da sua prolongação, visto que a sua continuação não póde deixar de se lhe tornar fatal.

Isto posto, creio eu que o estado actual da guerra da Hespanha está bem longe de ser desesperado, como o poderiam fazer acreditar á primeira vista os ultimos successos dos francezes, e estou persuadido que se a Inglaterra quizer continuar a fazer os esforços que ella póde e deve fazer para a sua propria utilidade, para a honra da nação e para assegurar finalmente os fructos das enormes despezas e sacrificios que já lhe tem custado o importante papel que tem feito desde tantos annos de guerra, não sómente Buonaparte deixará de conquistar a Hespanha, mas tambem da fallencia d'esta terceira tentativa que propõe fazer em pessoa contra um paiz que elle diz desde tão longo tempo conquistado, e

onde as suas armas têem verdadeiramente soffrido revezes extremamente humilhantes para uma causa cuja injustiça os mesmos francezes reconhecem, não póde deixar de ter para elle e para o seu governo as mais funestas consequencias. O interior da Hespanha está sujeito pela força, pois temos provas de lhe não estar de boamente sujeito, comtanto que os alliados se assegurem da posse de dois ou tres pontos do continente da peninsula que possam servir-lhes de ponto de reunião, de apoio e de retirada aos patriotas, ou tornar tão precaria ao inimigo a posse do interior da Hespanha, que não possa ter por seu senão o espaço que podér occupar em força.

A esta difficuldade, que já é muito grande pela necessidade que para o inimigo resulta de empregar um grande numero de tropas, unicamente para ter seguras as suas communicações, devemos ajuntar a outra que provém da necessidade em que se acha de fazer os principaes esforços a 200 leguas das suas fronteiras, sem poder servir-se dos transportes maritimos, sem poder fazer a maior firmeza sobre os recursos de um paiz pobre em si mesmo, e devastado desde dois annos pela mais cruel guerra. Podem agourar-se quaes serão os favoraveis acontecimentos em favor dos alliados, comtanto que empreguem bastantes tropas para reduzir Buonaparte á necessidade de empregar mais forças do que póde dispor para os atacar, ou mais do que lhe é possivel sustentar na situação a que o levará a necessidade de similhantes esforços.

Nada me occuparei de Cadiz, ou de qualquer outro ponto que se possa escolher sobre as costas da Hespanha; mas limitar-me-hei tão sómente, no sentido em que fallo, a fazer conhecer a importancia de assegurar a cidade e o porto de Lisboa com o numero de tropas que julgo necessario para a defender contra todas as forças com que Buonaparte a poderia atacar. Esta cidade póde ser considerada como encerrando a maior parte dos recursos de Portugal, e a invasão momentanea de todas as suas provincias para nada servirá se d'ella o inimigo se não podér assenhorear. O seu soberbo

porto, o mais amplo e seguro de toda a peninsula, e o mais commodo para entrar e saír em todo o tempo, facilita infinitamente todas as operações da marinha no mar Atlantico, para que se lhe não dê a preferencia sobre todos os outros. Se a tudo isto juntarmos as mui consideraveis vantagens que tem pelo lado de terra relativamente á sua defeza, ver-se-ha que nenhuma outra posição merecerá com mais justo motivo a preferencia, ainda mesmo sem enumerar as rasões de conveniencia politica.

As approximações a Lisboa devem ser feitas, ou pela direita ou pela esquerda do rio Tejo, sobre o qual se acha situada 2 leguas pouco mais ou menos distante da sua foz. Este rio conserva 6 leguas ainda acima da cidade uma largura e profundidade que nem permittem o estabelecimento de pontes, nem dão vau em estação alguma do anno. O espaço comprehendido entre a margem direita do Tejo e a costa vae estreitando á medida que se caminha para Lisboa, e n'este espaço duas estradas se apresentam sómente para chegar a ella, separadas entre si por uma montanha impraticavel, que se chama serra de Montejunto, a 9 ou 10 leguas de Lisboa. O caminho mais proximo do mar vem pelas Caldas, Obidos, Torres Vedras, Mafra, etc., e aquella que mais se approxima do Tejo passa pelo Carregado, Castanheira, Villa Franca, etc. Todos os caminhos que atravessam as duas referidas estradas são para áquem d'esta grande massa de montanhas de que tenho fallado e que absolutamente as separa.

Na esquerda do Tejo e defronte de Lisboa existe um vasto terreno quasi em fórma de ilha, cujo isthmo não se estende alem de 3 leguas. Uma consideravel parte d'esta extensão é occupada pela montanha de Palmella, cujo castello, muito vantajosamente situado, póde muito bem tornar-se uma cidadella de grande força. O porto de Setubal forma a direita do isthmo; o rio da Mouta, que entra no Tejo na sua maior largura, forma a esquerda. O interior d'esta quasi ilha é um paiz cheio de arvoredos e cortado de pequenas ribeiras, e dá assento a uma cadeia de grandes montanhas, que se esten-

em até á borda do mar. Em similhante situação, possuindo dos os meios maritimos, parece-me que oitenta ou noventa il homens podem segurar a sua posse contra todas as for- s que Buonaparte podér conduzir para similhante paiz. Os ncos, apoiados por uma e outra parte no mar, impedem inimigo não sómente o poder torneal-os, mas até o deslo- l-os, ainda que elle tivesse forças muito maiores que as s alliados. A serra de Montejunto e o Tejo separam infal- elmente os corpos que devem atacar, e as suas communi- ções, que só podem ter logar por meio de grandes circui- s e voltas, dão ao exercito defensor a vantagem de prevenir mpre os seus movimentos, e até o de os poder aproveitar ra bater o corpo que mais tiver enfraquecido por movi- ntos mui curtos, e por conseguinte muito mais rapidos. almente, a facilidade que o exercito alliado achará para fornecido de viveres, tendo pela sua retaguarda o porto cidade de Lisboa, e tocando quasi por toda a parte o r, sómente poderá ser igualado pela difficuldade que o migo tem de experimentar para fazer subsistir por muito mpo um grande numero de tropas n'um espaço tão aper- do e já exhausto, deixando atraz de si um paiz sublevado prompto a sel-o nos primeiros revezes que experimentar.

Resposta de lord Wellington á carta e memoria supra

Vizeu, 8 de março de 1810.

Meu senhor: — Acabo de receber as vossas duas cartas de de março. Farei a revista da polvora que temos em Portu- l, e quando me pareça que não ha sufficiente farei vir de glaterra a mais que for necessaria. Agradeço-vos a carta memoria que me escrevestes sobre a actual situação dos gocios da peninsula e sobre os planos de defeza que fiz ra Portugal. Convenho comvosco em quasi todas as partes vossa memoria. Acredito realmente que se podérmos ntinuar a guerra da peninsula em Portugal e Hespanha, Europa não será perdida, e creio tambem que se nós nos

podérmos sustentar em Portugal, a guerra não poderá terminar na peninsula.

Tenho igualmente a crença de que a posição que escolhi para sustentar a lucta é boa; que ella está calculada para defender a alma (se assim me posso expressar) de Portugal, e até que se o inimigo nos não podér n'ella forçar ou obrigar a retirar d'ella, será elle o que tenha de abandonar uma posição em que terá grande risco de se perder e de ser forçado a abandonar todo o territorio portuguez. Quando nos obrigue a abandonar esta posição, teremos sempre os meios de nos embarcar no Tejo, sobretudo se nos atacar (o que é provavel) na boa estação. Mas para sustentar este ataque do inimigo, que seguramente será feito por tão numerosas forças, quantas elle possa sustentar n'este paiz, necessario é concentrar todas as nossas forças, sobretudo a infanteria, no ponto do ataque principal. Este ponto será certamente a direita do Tejo, ainda que haja, como espero, um corpo inimigo, que provavelmente será consideravel, na margem esquerda do mesmo rio, que se assenhoreie das alturas que vão desde Almada até á Trafaria.

Convenho em que esta posição do inimigo póde ter inconvenientes para nós, sendo o maior aquelle que mencionaes, isto é, o de se collocar no caso de poder excitar tumultos na cidade de Lisboa, o que será de cuidado para a retaguarda do exercito na sua posição da direita do Tejo. Não penso que elle possa ou passar o rio nas partes em que acima fallo, ou impedir a navegação ou fazer mal á cidade de Lisboa, sobretudo tirando-se todas as peças de grosso calibre que lá estão; mas elle terá sempre o inconveniente e o risco de que fazeis menção. Conto mandar occupar o forte de S. Filippe em Setubal e o de Palmella, sobretudo para cobrir a retirada das provisões e dos meios de transporte, que se tirarão da provincia da Extremadura portugueza; mas não creio que tudo o que podemos fazer possa remediar os inconvenientes de que fazeis menção. Necessario é que desde já vos diga que quando o exercito inglez estivesse completo, pois o não está por causa do destacamento que ultimamente foi enviado

para Cadiz, e porque outros reforços ainda não têem vindo de Inglaterra, o exercito portuguez estava longe de se achar no pé em que deveria estar. Quando calculei com trinta mil homens de tropas portuguezas para defender a posição da direita do Tejo, contava com um exercito de cincoenta mil homens, dos quaes dez mil eram destinados para guarnições, dez mil seriam doentes e faltos ao estado completo e trinta mil para o serviço. O ultimo estado era o de cinco mil doentes e fóra do serviço, e nove a dez mil faltando ao estado completo, d'onde resulta que devo contar mais com vinte mil homens do que com trinta mil de tropas portuguezas collocadas em posições.

Apesar d'estes desfalques não abandonei o meu plano. Pelo que vi dos governadores do reino em Lisboa, mudei um pouco o plano das posições que tinha escolhido, depois de ter feito um reconhecimento mais perfeito do terreno, de modo que as posições que presentemente se preparam poderão ser defendidas por tropas menos numerosas; mas valeria melhor ter sessenta mil que de quarenta a cincoenta mil para estas posições, e seguramente nenhuma força se póde destinar para a margem esquerda do Tejo. Mas vós dizeis que a Inglaterra, que é tão interessada (alem de ser da sua gloria e da sua politica) a sustentar a lucta sobre a peninsula, deveria reforçar ainda o seu exercito com mais dez a quinze mil homens, não sómente para conservar a margem esquerda do Tejo, mas tambem para ter em reserva um corpo que podesse acudir a um ou outro lado do rio, como parecesse conveniente. Escrevendo-vos em confidencia não tenho escrupulo em vos dizer que não julgo que a Inglaterra tenha mais de dez ou quinze mil homens que lhe era necessario ter para este objecto. Se ella os tivesse, vós conheceis tão bem como eu as difficuldades que existem nos meios pecuniarios e nos meios de subsistencia, tanto para a manutenção do exercito que presentemente temos em Portugal, como para dar ao governo portuguez o auxilio de que elle precisa. A Inglaterra não tem o numerario que é necessario para a manutenção de um exercito maior sobre a peninsula,

DOCUMENTO N.º 87

(Citado a pag. 42)

Projecto para que o Minho seja a base das operações militares no caso de perder-se Lisboa

Officio de D. Miguel Pereira Forjaz para lord Wellington

Ill.^mo e ex.^mo sr. — Tenho a honra de accusar a recepção da carta que v. ex.ª me fez a honra de escrever de Leiria em data de 3 d'este mez, incluindo o original despacho interceptado ao marechal Massena, que se fez publicar hoje da fórma que v. ex.ª desejava.

Quando o governo observa que a defeza do reino está confiada por fortuna d'este paiz e da Hespanha a um general tão habil como v. ex.ª, que tem dado tão repetidas provas da sua pericia militar, e que presentemente as está dando em presença de um contendor que, apesar da sua reputação, se tem já mostrado inferior a v. ex.ª na direcção dos seus movimentos, não póde por um instante vacillar sobre o resultado final de um plano maduramente combinado por v. ex.ª e executado sem acontecimento algum que o transtorne, antes com successos favoraveis que devem concorrer para o seu mais completo desenvolvimento. É por isso que o objecto que serve de assumpto á presente carta não deve ser considerado por v. ex.ª senão como uma medida dictada pela prudencia, que em objectos d'esta natureza calcula até com os acontecimentos menos verosimeis.

Nas actuaes circumstancias, ainda quando acontecesse, contra as mais bem fundadas esperanças, que as forças de Massena conseguissem superar aquellas com que v. ex.ª defenderá seguramente esta immensa capital, e com ella o reino e a peninsula, nem o reino nem a causa se podia reputar perdida sem recursos, e não cessavam por isso as funcções do governo, havendo provincias livres, e que o inimigo

difficilmente occuparia com as forças que lhe restassem de-
pois da contenda, tendo que attender á segurança da capital
e á das suas communicações com a Hespanha e á conquista
d'estas provincias. É, pois, um objecto digno de consideração
para que parte n'este caso se deveria transferir o governo
e a tropa que se podesse embarcar, e isto é o que o governo
me incumbe de perguntar confidencialmente a v. ex.ª, a fim
de tomar em consequencia as suas medidas de precaução a
tempo conveniente.

As provincias do norte parecem ao mesmo governo que
devem ser aquellas que muito importantes rasões obrigam
a preferir, não só pela sua maior população, mas mesmo
pela vizinhança da Galliza, com quem podem ainda fazer a
beneficio da causa commum esforços poderosos.

Na supposição que se adopte esta idéa lembra o governo
que seria uma medida acertada ir desde já preparando ali
os meios que não fizessem falta aqui, e que em todas as
supposições nos podem ser proveitosos ali; isto é, enviar
officiaes que vão procurando por meio de proclamações do
governo formar ali novos corpos, e preparando meios ou
para auxiliar os nossos successos aqui, ou para resarcir as
nossas perdas, e entreter o espirito de independencia em
toda a parte da peninsula emquanto isto possa ter logar.

Lembra pela mesma rasão enviar para ali desde já e para
algum ponto que se repute mais ao abrigo do insulto, tal
como Caminha ou Valença, alguma polvora, peças que aqui
nos sejam inuteis, armas desconcertadas, que se não podem
melhorar actualmente n'este arsenal, o que n'aquellas pro-
vincias se poderá conseguir.

Os dois engenheiros, Caula e José Maria das Neves, que
andam annexos ao exercito, lembravam para esta commis-
são quando a sua falta se não julgasse prejudicial no mo-
mento actual. A necessidade que tem o governo de attender
ao aprovisionamento da capital lhe faz desejar que algumas
medidas podessem ser adoptadas no Alemtejo, ou seja por
meio de companhias de eguas ou de outra qualquer especie
de guerrilhas que evitassem quanto fosse possivel as corre-

vas das partidas de cavallaria inimiga na margem esquerda do Tejo, a fim de cobrirem e de assegurarem de algum modo os transportes de grãos que se tem encommendado, e que se esperam de differentes terras d'aquella provincia e da Extremadura hespanhola; lembra, finalmente, crear aqui em Lisboa, para dar um emprego util á mocidade d'esta capital, e como um meio addicional de defeza, mais quatro batalhões de caçadores, á imitação dos que já existem, e em que se empregariam os officiaes reformados que têem saído do exercito, e que o marechal Beresford julgasse mais proprios para este serviço.

Transmittindo a v. ex.ª estas differentes proposições, acerca das quaes o governo deseja o parecer e resposta de v. ex.ª, aproveito a occasião de renovar a v. ex.ª a expressão da minha distincta consideração com que tenho a honra de me assignar de v. ex.ª o mais fiel servidor. = *D. Miguel Pereira Forjaz.* = Lisboa, palacio do governo, em 6 de outubro de 1810.

Resposta de lord Wellington ao precedente officio

Ill.^mo e ex.^mo sr. — Hei tido a honra de receber a carta de v. ex.ª da data de 6 do corrente, em resposta á qual tenho a informar a v. ex.ª que considero como mui improvavel os successos do inimigo, ainda que seja um resultado a contemplar e a providenciar-se para quando se realisassem. Conseguintemente tenho ha muito embarcado todos os petrechos e bagagens do exercito britannico, para em caso de occorrer esta desgraça eu estar habilitado a embarcar as tropas sem difficuldade ou demora. Pelas mesmas rasões hei recommendado que os petrechos, armas, fardamentos e artilheria pertencentes ao exercito portuguez, e não exigidos para as operações da guerra n'estas partes, fossem igualmente embarcados e todas as preparações feitas para serem removidas, tanto as tropas, como tambem os principaes funccionarios do governo com as suas familias, no intento de não sómente remover as suas pessoas e effeitos de cairem nas mãos do inimigo, mas tambem de os transportar para

aquelle logar em que podessem servir a sua alteza real para o bem da causa.

Apesar, porém, das minhas ponderações os srs. governadores do reino não se têem mostrado inclinados a ouvir as mesmas recommendações; hão preferido o dar sancção á vergonhosa e futil calumnia de que eu pretendia embarcar o exercito britannico e deixar o paiz entregue ao destino que a sorte lhe preparasse, e agora nos ultimos momentos é que procuram o meu conselho! Felizmente devo esperar que serão indifferentes quaesquer medidas que os mesmos senhores tomem, pois que o inimigo não está assás apto para pôr os seus designios em execução. Umas taes medidas de precaução poderiam ter habilitado os srs. governadores do reino a continuarem a guerra onde quer que se julgasse mais conveniente. Onde ella deverá ser continuada no supposto caso de desgraça, é esta uma questão politica e militar, sobre a qual não penso ser por agora necessario dar uma opinião.

Quanto ao empregar-se um corpo de cavallaria na margem esquerda do rio Tejo, é esta uma operação militar que eu saberei quando compete adoptal-a. Não vejo necessidade alguma por agora para serem mandados engenheiros para as provincias do norte de Portugal. Protesto contra serem levantados corpos de caçadores em Lisboa. Seria muito bom que, pelo contrario, o governo fizesse um esforço para completar de homens os regimentos regulares do exercito, particularmente aquelle que devia ter sido levantado em Lisboa. A consequencia de levantar corpos da descripção proposta é que não se podem ao depois procurar ou achar homens para os regimentos de linha, e quando os taes corpos são precisos para se apresentarem no campo contra o inimigo, duas terças partes do seu numero se ausentam sem licença, como é agora caso identico com as milicias de Portugal, com grande descredito do paiz.

Tenho a honra de ser, com consideração e respeito, de v. ex.ª, ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Miguel Pereira Forjaz, o mais attento e fiel servo. = *Wellington.* = Quartel general de Alemquer, 7 de outubro de 1810.

DOCUMENTO N.° 87-A

(Citado a pag. 82)

cio de lord Wellington, participando a D. Miguel Pereira Forjaz a quéda de Almeida

ll.mo e ex.mo sr.—Os srs. governadores do reino terão
sabedores, por via dos meus officios da data d'este, das
cumstancias que hão acompanhado a entrega da praça de
meida, as quaes, ainda que desaffrontadas e inesperadas,
ao menos acompanhadas da consolação de que o gover-
dor da mesma praça e a guarnição, á excepção do tenente
e major commandante de artilheria, cumpriram com os
s deveres, e que o reino tem tudo a esperar de uma dis-
lina e bravura igual a esta que praticaram as tropas que
enderam aquella praça tanto tempo quanto o hão feito, e
ual continuariam a defender se acaso não tivesse sobre-
do o mais terrivel e inevitavel accidente, cujo resultado
o privar a guarnição de todos os meios com que poderia
prolongado a sua defeza e resistencia contra o inimigo.
Ainda que não posso approvar, não admira a conducta dos
dados do regimento n.° 24 em se alistarem com o inimigo,
esperança e com o intento de desertarem d'elle antes do
e supportar as miserias e soffrer as crueldades que tinham
tivos para esperar em uma longa marcha, quando hou-
sem sido remettidos como prisioneiros para França; po-
m confesso que estou admirado, mortificado e pezaroso
m a conducta dos officiaes.
Não posso entreter no meu peito suspeita alguma contra
atriotismo dos officiaes do regimento n.° 24, quando con-
erados como um corpo. Os srs. governadores do reino
ão ha muito informados da boa opinião que hei formado
a confidencia que repouso no bom senso, lealdade e pa-
tismo da nação em geral. A experiencia nos ha, comtudo,
inado que ha entre nós alguns individuos traidores; po-
u não posso suspeitar que este ou qualquer outro corpo

de officialidade se haja de unir ao inimigo com o infame e vil designio de o ajudar a invadir a patria e a destruir a sua felicidade e independencia. As suas vistas e fins hão por certo sido aquelles que hão declarado, isto é, os de procurarem a primeira occasião para desertarem do inimigo e outra vez vir servir a sua patria.

Desapprovo esta e igualmente as outras vistas. Os officiaes devem expor-se a quaesquer trabalhos, devem soffrer crueldades e até mesmo a morte antes do que tornarem-se complices de um acto de deshonra, tal qual eu devo considerar a alliança ou estipulação em que se entra com o inimigo, ainda mesmo com o intento e firme resolução de o enganar. Penso por conseguinte que o governo ha de attender á recommendação que lhe ha sido transmittida pelo marechal Beresford, para o fim de serem riscados os nomes d'estas infelizes pessoas, e tiradas da lista do exercito como incapazes de serem classificadas na mesma graduação ou sociedade dos mais officiaes do exercito. Recommendo aos srs. governadores a adopção d'esta medida, não porque eu deseje que o castigo d'estes desencaminhados officiaes possa dissuadir outros de seguirem o seu exemplo, mas sim como uma retribuição feita ao mesmo caracter do exercito, o qual deve ser livre da mancha de serem taes pessoas a elle pertencentes.

Renovo os protestos da confiança que tenho na disciplina, bravura e boa conducta de todo o exercito, e no final exito da causa quando o paiz, como estou convencido, seja fiel a si mesmo. Nas circumstancias extraordinarias em que Portugal e a peninsula se acham collocados com um inimigo em possessão de poderosos recursos, e cujo objecto é o subjugar e roubar este em outro tempo feliz e sempre leal povo, é necessario que seja feito o sacrificio do socego temporario, até mesmo de alguns bens, em ordem a effectivamente salvar o paiz e segurar a sua independencia. Alguns annos são passados desde que Portugal se devia ter submettido ao inimigo se acaso o povo não estivesse preparado e firme em resistir-lhe e a supportar inconvenientes momentaneos, e a fazer o

insignificantes sacrificios a que a natureza e o curso da contenda para o seu final triumpho, independencia e salvação os possa expor. Os srs. governadores do reino estão scientes do plano que hei formado para destroçar o inimigo depois que considerei e maduramente ponderei os meios de defeza do reino.

Á excepção do infeliz acontecimento que faz o principal objecto d'este officio, nada tem até ao presente momento succedido que deixasse de ser esperado ou previsto, ou que não tenha sido muito mais favoravel para a causa dos alliados do que se tinha esperado. E se acaso eu jamais tenho feito qualquer cousa que mereça a confidencia dos srs. governadores d'estes reinos e dos seus habitantes, eu confio que continuarão a repousar em mim a mesma confidencia até que vejam o resultado das operações que se estão seguindo. Tenho no presente momento uma melhor opinião da contenda do que jamais tive, e repito que se os portuguezes forem fieis a si mesmos e leaes para com os seus mais verdadeiros interesses, elles deverão ser salvos.

Tenho a honra de ser com estima e respeito de v. ex.ª, ill.ᵐᵒ e ex.ᵐᵒ sr. D. Miguel Pereira Forjaz, muito attento e fiel servidor. = *Wellington.* = Quartel general de Gouveia, 5 de setembro de 1810.

DOCUMENTO N.º 87-B

(Citado a pag. 83)

Portaria dos governadores do reino estabelecendo pensões para as familias dos mortos e prisioneiros durante o cerco de Almeida

O desastre acontecido na praça de Almeida, que motivou a sua perda, foi menos sensivel ao real animo de sua alteza real pelas suas consequencias militares, do que pela infelicidade dos valorosos guerreiros que foram sepultados nas

ruinas causadas pela terrivel explosão do armazem da polvora e pelo destino dos que cairam prisioneiros no poder do inimigo. O mesmo senhor, conciliando a sua piedade com a sua inflexivel justiça, é servido determinar:

1.º As familias de todos os que falleceram no cerco de Almeida pertencem á patria, e ficarão percebendo os soldos que percebiam seus defuntos maridos, paes ou irmãos quando estes fossem cabeças da familia, sendo os ditos soldos pagos pelas thesourarias mais proximas á sua residencia.

2.º As pessoas das familias dos prisioneiros de guerra que se acharem nas mesmas circumstancias ficarão recebendo meio soldo, na fórma acima declarada.

3.º O real coração de sua alteza real não lhe permitte acreditar que algum dos seus fieis vassallos se esquecesse da qualidade de portuguez até ao ponto de passar para o serviço dos infames inimigos da sua patria; e até se lisonjeia que se algum violentado pela força houver tomado este triste partido, será unicamente com tenção de melhor aproveitar a occasião de se restituir a este reino. Suspende, portanto, sua alteza real os justos effeitos da sua justiça; concede um mez de termo a estes desgraçados, contado da data da presente portaria, para se apresentarem n'este reino, com a comminação de que não voltando no dito termo não só se suspenderá o soldo que as suas familias ficam percebendo emquanto se considerarem na classe de guerra, mas serão considerados como traidores, e processados como taes com todo o rigor das leis e na conformidade dos decretos expedidos sobre esta materia.

O secretario do governo encarregado dos negocios da guerra fará publicar immediatamente a presente portaria, e a communicará ao marechal commandante em chefe do exercito, para a fazer constar e dar á sua devida execução. Palacio do governo, em 6 de setembro de 1810.=*(Com cinco rubricas dos governadores do reino.)*

DOCUMENTO N.° 87-C

(Citado a pag. 89)

Aviso expedido do Rio de Janeiro ao patriarcha eleito de Lisboa relativo ao marquez de Alorna e aos «setembrisados»

Ex.^{mo} e rev.^{mo} sr.—A sua alteza real o principe regente nosso senhor tinha já sido constante que os governadores do reino mandaram proceder contra o marquez de Alorna D. Pedro de Almeida, por constar por algumas cartas particulares que elle vinha no exercito francez destinado a atacar Portugal. E pela conta n.° 61, recebida proximamente pela galera *Boa Fortuna*, se vê verificado desgraçadamente este horroroso facto, o que supposto era bem de esperar da fidelidade, zêlo e actividade com que os mesmos governadores se empregam no real serviço, que expedissem, como expediram, a portaria n.° 3, de que remetteram alguns exemplares impressos e que fizeram publicar, declarando a este traidor caído das suas honras e considerado como banido, ordenando alem d'isto que pelo executor da alta justiça fossem queimadas as infames proclamações que o dito Pedro de Almeida espalhára, e que continuasse o processo contra elle principiado com as formalidades praticadas no reinado do senhor rei D. José, de gloriosa memoria, nos processos dos réus de lesa-magestade, o que tudo mereceu a real approvação de sua alteza real, como tambem a providencia de fazer recolher a marqueza sua mulher no convento da Estrella [1].

Fica sua alteza real inteirado das medidas que esse governo tomou em consequencia da representação n.° 9, do desembargador Jeronymo Francisco Lobo, ajudante do intendente geral da policia, de mandar prender as pessoas declaradas na relação junta á mesma representação pelos mo-

[1] Do convento da Estrella passou depois para o de Chellas, por ella mesma escolhido.

tivos que n'ella se declaram, fazendo-os embarcar em uma
fragata para serem transportados ás ilhas dos Açores, ha-
vendo de se proceder a summarios sobre os crimes ou su-
peitas de que são arguidos; e reconhece o mesmo senhor
que as actuaes criticas circumstancias e a segurança do es-
tado, que a tudo deve prevalecer, fazem indispensaveis
estes procedimentos mais extraordinarios, e não tão con-
formes ao modo ordinario de proceder segundo as leis
criminaes. E porque é de receiar que alem d'aquelles pre-
sos haja infelizmente outros, visto que se tinham expedido
tambem ordens a este respeito para fóra da cidade de Lis-
boa, de cuja execução ainda não constava, não julga sua
alteza real conveniente que todos elles se remettam para
aquellas ilhas, parecendo-lhe acertado que alguns vão tam-
bem para a ilha da Madeira.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 2
de novembro de 1810. = *Conde de Aguiar*. = Sr. patriarcha
eleito de Lisboa.

DOCUMENTO N.º 88

(Citado a pag. 93)

Officio do conde de Linhares ao ministro de Portugal em Londres sobre terem-se mandado para Inglaterra alguns «setembrisados» com destino á ilha Terceira

Ill.^mo e ex.^mo sr. — Tendo os governadores do reino feito
constar na augusta presença de sua alteza real o principe
regente nosso senhor, que havendo tomado a resolução de
mandarem prender e remetter em estado de prisão para as
ilhas dos Açores varias pessoas suspeitas pelas informações
dadas pelo desembargador encarregado da policia, e pela
sua anterior conducta no tempo do intruso governo francez,
succedeu que no momento de partir a fragata que os devia
conduzir ao seu destino pedira o almirante Berkley, em vir-
tude de uma recommendação de sua alteza real o duque de

Sussex, que se deixasse ir para Londres José Sebastião de Saldanha, e que mr. Stewart, ministro britannico, pedíra outro igual favor para o cirurgião Antonio de Almeida, e que, finalmente, havendo-se pedido o mesmo favor para outros presos que os governadores recusaram, foram depois alguns d'elles relaxados na ilha Terceira para bordo da fragata *Lavinia* a rogos do seu commandante, e entre elles os desembargadores Sebastião de Sampaio e José Diogo Mascarenhas Netto.

E sendo presentes a sua alteza real os graves inconvenientes que se podem seguir d'estes favores concedidos a pessoas indignas, e que em Londres, por meio da liberdade de imprensa, tentariam infamar os fieis creados e servidores de sua alteza real, foi o mesmo augusto senhor servido ordenar que aos governadores do reino se declarasse que sua alteza real não approvava que elles tivessem concedido estes favores particulares, sem sua alteza real ter decidido o que ulteriormente se devia praticar a respeito dos réus tão gravemente suspeitos, e que tanto ao almirante Berkley, como ao ministro Stewart se communicassem as duas cartas que sua alteza real mandou copiar do livro secreto da correspondencia de Junot com Buonaparte, que se apprehendeu depois da batalha do Vimeiro, e onde verão o que Junot diz de José Sebastião de Saldanha na carta com que o mandava correio a França com o infame acto em que elle fazia pedir um rei, e sobre o que José Sebastião devia informar; e igualmente conhecerão que Sebastião de Sampaio e Antonio de Almeida, corypheus e pilares dos *pedreiros-livres*, foram do maior auxilio a Junot quando entrou em Portugal, e por consequencia eram merecedores, não só do pequeno castigo de precaução que deviam soffrer, mas de muito maiores, não podendo sua alteza real deixar de lhes fazer conhecer que mandava reclamar pelo seu embaixador em Londres contra um facto que podia trazer graves consequencias contra o seu real serviço e contra o bem dos seus povos; o que sua alteza real ordena que v. ex.ª assim faça e que desde logo insista diante do ministerio inglez para

que se esses presos, subtrahidos á vindicta da lei, se conduzirem em Londres de maneira a dar justa inquietação a sua alteza real e a poderem causar damno ao seu real serviço, que v. ex.ª exija uma segurança que hajam de ser mandados saír pelo *Aliens-Bill*, e de modo que não continuem a ser prejudiciaes ao real serviço do mesmo augusto senhor.

Sua alteza real manda remetter a v. ex.ª os extractos do copiador de Junot, para que v. ex.ª os communique tambem a esse ministerio; e encarrega a v. ex.ª de dar regularmente conta do modo com que os taes presos procedem, e se merecem que se façam contra elles as reclamações que sua alteza real auctorisa a v. ex.ª de fazer logo que o real serviço assim o exija, a fim de que sejam mandados saír de Inglaterra e possam remetter-se a portos dos reaes dominios, onde possam ser detidos.

Aproveito tambem esta occasião para participar a v. ex.ª que sua alteza real é servido que v. ex.ª não deixe de participar ao ministro de sua alteza real em Cadiz tudo o que lhe constar sobre o modo de pensar do ministerio britannico a respeito dos direitos eventuaes de sua alteza real a princeza nossa senhora e do seu reconhecimento, a fim de que elle possa seguir ali, de accordo com o sr. Wellesley, as negociações de que sua alteza real o tem encarregado, e de que v. ex.ª estará informado até pelos officios que d'aqui levou o secretario da legação em Hespanha, e que foi d'aqui mandado a Londres, para depois se retirar a Cadiz.

Sua alteza real o principe regente nosso senhor e toda a mais real familia continuam a gosar da mais perfeita saude, ouvindo assim o céu os fieis sentimentos que os seus ditosos vassallos lhe dirigem pela conservação d'estes sagrados penhores.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 7 de janeiro de 1811.=*Conde de Linhares.*

DOCUMENTO N.º 89

(Citado a pag. 94)

Memoria que os governadores do reino remetteram a lord Wellington ácerca dos «setembrisados», por intermedio de um officio de D. Miguel Pereira Forjaz de 17 de setembro de 1810

Os procedimentos de policia praticados ultimamente não tiveram a sua primeira origem no governo, mas sim nas informações adquiridas pelos magistrados competentes, e verificados com a devida circumspecção a respeito dos individuos que foram o objecto d'estes procedimentos. O governo auxiliou a execução das ditas medidas, porque julgou de absoluta necessidade dar este passo na crise actual, em que convem mais que nunca manter a ordem e unir estreitamente a nação entre si e com os nossos alliados, muito mais tendo-lhe sido mui especialmente recommendado por sua alteza real vigiar sobre as intrigas dos mal intencionados, e separal-os da sociedade dos outros cidadãos, para que o contagio se não espalhe. Isto é o que aconteceria no caso presente, se se não procurasse atalhar o mal sem perda de tempo, porquanto constou ao governo, pelo ministerio da policia, que havia pessoas infieis á sua patria, que semeavam surdamente a desconfiança entre o povo, dizendo entre outros desvarios que as tropas britannicas só tratavam de embarcar e abandonar-nos, proposição infame e que podia ser funesta á causa commum se chegasse a ganhar credito, exagerando a força franceza e extenuando a nossa para inferirem d'ahi a impossibilidade da resistencia, erigindo-se em juizes dos movimentos dos nossos exercitos, que referiam pouco exactamente, e explicavam sempre como effeitos, ou de impericia nos chefes ou de falta de confiança nas tropas, ou de um projecto premeditado de retirada; malquistando maliciosamente o governo, a quem culpavam de frouxidão, de parcialidade, porque tinha poupado as pessoas de maior representação, e até de se dispor para sair do reino quando

os quaes, em rasão das relações politicas que com elles mos, formam com este reino uma associação de interes que não podem separar-se. Os meios que têem adopt para conseguir o dito fim são a administração imparcial justiça, a franqueza em dizer ao publico sempre a verda o exemplo em estreitar pela sua parte cada vez mais os v culos da amizade com a grande nação britannica, a promp dão em dar as necessarias providencias, e o vigor e ener na sua execução. Por estes meios espera com toda a ras que pondo a nação a sua inteira confiança no zêlo, probida e intelligencia do governo quanto aos negocios politicos, vis e economicos, e dos chefes do exercito quanto aos mili res, se anime a mais decidida resistencia, soffra de boa v tade todos os sacrificios que exigir a salvação da patr conheça que o governo não quer transigir com o inimigo d'esta maneira se torne invencivel, pois que não é possi conquistar um povo, cujos corações e braços estão unid para uma resistencia vigorosa, muito mais quando as ope ções da guerra são dirigidas por chefes habeis e auxilia por um poderoso exercito alliado.

Resposta de lord Wellington á precedente memoria

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — Tive a honra de receber a carta v. ex.ª da data de 17 do corrente mez, contendo uma r moria que me mandaram remetter os srs. governadores, lativa á explanação das rasões que induziram os mesmos nhores a mandarem ha pouco para fóra do reino a cer pessoas, e cujas rasões confesso que não considero suffici tes, e se acaso tivesse sido consultada a minha opinião, e teria dado contra uma tal medida. Estes individuos são s peitos de serem inclinados ao inimigo, e o que elles mostrado por nenhum outro acto, excepto por algumas ticas sobre a conducta dos exercitos, e por asserções qu exercito britannico havia de embarcar, e por outros fa d'esta natureza calculados para enfraquecerem o enthus

ão do povo. Muitas das suas asserções terão sido perfeitamente verdadeiras, apesar de serem imprudentes nos actuaes momentos, e devo dizer que não é justo que o governo puna e infame a individuos meramente por palavras que hão imprudentemente articulado. Deveria ter merecido consideração, se acaso o tom e materia d'estas suppostas conversações não tinham sido tiradas das recentes deliberações do mesmo governo.

Tudo o que é requerido do governo é o punir aquelles que se tornam cumplices de negligencia e de uma conducta caviliosa nos seus empregos, assim como aquelles que desobedecem ou retardam o obedecer ás ordens que lhe são dadas, aquelles que negligenceiam, demoram ou omittem o executar os respectivos deveres das suas situações. D'esta fórma, produzindo-se uma reforma nas maneiras e opiniões do paiz a semilhante respeito, renderiam os srs. governadores do reino um serviço real, e seria certamente salvo o mesmo paiz; porém sinto dizer que, não obstante as minhas repetidas recommendações, não tenho ainda ouvido que tenha sido punido individuo algum por qualquer d'estes nomeados crimes, os mais fataes n'estes tempos, e os quaes ainda existem até um grau mui lamentavel.

Sou feliz em ouvir e saber de uma tão alta auctoridade, como a dos srs. governadores, que os clamores publicos não tiveram parte n'esta medida, sobre a qual me hei expressado depois de a haver considerado, pois que confesso que ao principio fiquei apprehensivo de que unicamente o clamor popular tinha sido a causa d'ella.

Tenho a honra de ser com estima e respeito de v. ex.ª, ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Miguel Pereira Forjaz, muito attento e fiel servo. = *Wellington*. = Quartel general do Bussaco, 24 de setembro de 1810.

DOCUMENTO N.° 90

(Citado a pag. 94)

**Representação dirigida á côrte do Rio de Janeiro
pelos governadores do reino
contra os «setembrisados» e a sua volta para o reino**

Senhor: — Levâmos á soberana presença de vossa alteza real as contas das copias juntas, que nos dirigiu o desembargador que serve de intendente geral da policia, cujas reflexões nos pareceram de tanto peso, que julgâmos indispensavel procurar novamente as reaes ordens, suspendendo entretanto um procedimento que por circumstancias que talvez não podessem ser presentes a vossa alteza real entendemos que teria os mais funestos resultados para o bom exito de uma guerra de que depende a existencia politica d'este reino e a conservação do throno na augusta pessoa do seu legitimo soberano.

Os individuos que em 1810 foram removidos para fóra do reino, como suspeitos de favorecerem a causa do inimigo, representam a vossa alteza real que foram condemnados sem serem ouvidos; clamam que se lhes faça o processo em fórma legal; imploram a justiça de vossa alteza real contra o supposto despotismo dos governadores do reino; fazem publicar em Londres, pelo redactor do *Correio braziliense*, o infame folheto de que um dos seus socios é o auctor, com o qual esperam ganhar partido entre o povo, representando-se como homens perseguidos, victimas da malevolencia e espirito vingativo dos seus inimigos. Em taes circumstancias cumpre-nos mostrar perante vossa alteza real: 1.°, que remoção dos ditos individuos foi justa e necessaria, e uma das medidas que mais concorreram para a tranquillidade de Lisboa; 2.°, que os motivos que então fizeram necessaria esta remoção existem ainda agora, e que a sua restituição teria as mais funestas consequencias, não só para bem do estado, mas para este governo, para o publico

para os mesmos exterminados; 3.º, que esta restituição será o infallivel resultado de um processo regular, sendo este o motivo por que elles tão afincadamente o requerem. Para mostrar a justiça e necessidade d'este procedimento bastaria sobejamente haver elle sido já approvado por vossa alteza real. Mas permitta-nos vossa alteza real acrescentar que elle teve toda a solemnidade que se póde exigir nos de policia.

O governo, senhor, não decretou por auctoridade propria a prisão e exterminio de uma só pessoa. Deferiu aos officios do ajudante do intendente geral da policia, Jeronymo Francisco Lobo, em que representava o grande risco em que a residencia d'estes homens em Portugal punha a segurança publica, porque eram suspeitos de affeição aos francezes, de que tinham dado repetidas provas, porque no momento do geral sobresalto que devia causar n'esta capital a approximação de um grande exercito que marchava sobre ella, se aproveitariam da occasião para aterrar o povo, para excitar desconfianças contra o governo, para semear a discordia entre a nação e os nossos alliados, e para destruir a energia, a união e reciproca confiança que só nos podiam salvar em tão criticas circumstancias. E com effeito já a malevolencia espalhava a voz de que o exercito britannico tratava de se embarcar, e já os agentes do tyranno insinuavam surdamente ao povo que era necessario impedir a sua saida, queimando-lhe os transportes.

Obrigado o governo de tão poderosos motivos, conhecendo a inteireza, prudencia e imparcial justiça do dito magistrado, que a vossa alteza real mereceu sempre a maior confiança, e constando-lhe que o contagio das perfidas maximas d'estes homens ia lavrando rapidamente, assentou que era absolutamente necessario arrancar do seio da patria as viboras que a queriam dilacerar. Este passo restabeleceu a tranquillidade publica, grangeou ao governo o amor e confiança do povo, e unido ás outras providencias que ao mesmo tempo se tomaram, conservou Lisboa em profundo socego, apesar de ter o inimigo tão perto dos seus muros.

A Providencia, que tão visivelmente tem protegido a nossa

causa, desviou de nós o perigo em que a proximidade dos exercitos francezes nos tinha então posto. Os dominios europeus de vossa alteza real estão livres de inimigos, mas a guerra continúa. O mesmo marechal em chefe, conde do Vimeiro, considera possivel uma nova invasão, e por conseguinte ainda dura o risco que obrigou o governo a fazer saír estes homens do reino, com a differença de que se voltarem agora orgulhosos com o seu triumpho serão muito mais temiveis, espalharão suas pestiferas doutrinas mais descaradamente, e acautelando-se só de factos que possam servir de base a um processo regular, aterrarão os povos com falsas ou exageradas noticias, darão novo animo a seus sequazes, de que infelizmente ha ainda muitos nos dominios de vossa alteza real, e em qualquer occasião de susto verdadeiro ou inventado por elles mesmos, como costumam, tornarão a ouvir-se as funestas vozes de *traidor* e *traição*, que, excitando o furor popular, foram já fataes a tantos dos vassallos de vossa alteza real.

Seria, portanto, a restituição d'estes homens, por meio de um processo em fórma, de pessimas consequencias: 1.º, para o governo, cuja auctoridade ficaria vilipendiada e exposta aos insultos dos restituidos; 2.º, para a opinião publica. Todos os que então foram comprehendidos no exterminio estão já antecipadamente proscriptos no juizo de toda a nação, e quando o governo os mandou sair do reino, longe de fazer esta medida alguma estranheza, admirou-se o povo de que ella não comprehendesse maior numero de pessoas que considerava em iguaes circumstancias, de que resulta que a sua restitução causaria um escandalo geral, e affrouxaria os bons cidadãos com a presença de homens que detestam, e faria esfriar os esforços de patriotismo, sem os quaes não póde ultimar-se a salvação do reino; 3.º, para os mesmos restituidos, pois que no caso de qualquer novo susto correriam o maior risco de serem sacrificados á furia do povo, já por effeito da antiga indisposição, já porque o mesmo povo se persuadiria então que elles tinham intelligencias com o inimigo, e que estavam dispostos para auxiliar os seus pla-

trado que exercita este cargo acautela os delictos
açam a segurança publica, verifica as suspeitas por
ções secretas, e quando se persuade que a residen-
n individuo é perigosa separa-o sem estrondo da so-
, não profere contra elle uma sentença que o infame,
nicamente em vista a conservação da tranquillidade
Sendo este o procedimento geralmente praticado
zes onde ha um magistrado ou tribunal de policia,
m o que se tem seguido constantemente em Portu-
de que o senhor rei D. José I, augusto avô de vossa
real, creou o logar de intendente geral da policia,
numeraveis os exemplos de pessoas que no reinado
mo augusto senhor, da rainha nossa senhora e de
lteza real têem sido removidas do reino por este ma-
em rasão de se reputar perigosa a sua residencia
formações havidas pela repartição de que elle é chefe.
ctoridade exorbitante, mas indispensavel, concedida
arregados da policia, faz que os soberanos escolham
para taes logares magistrados da maior probidade,
e actividade; homens taes como o fallecido inten-
eronymo Francisco Lobo, cujas virtudes, rectidão e
foram bem conhecidos pela alta confiança que tão
ente mereceu a vossa alteza real e a todo este reino.
estes principios, que justificam os procedimentos da
não podem servir de base a um processo crime, no
não trata de evitar um delicto, de que algum indivi-

d'aqui a concluir-se que o homem que foi justamente removido pelo magistrado da policia póde ser justamente restituido pelo magistrado criminal. Para evitar esta contradicção apparente e escandalosa para o vulgo, a quem parece que um dos dois procedimentos necessariamente foi injusto, reservaram geralmente os soberanos para si pôr termo ás medidas de policia quando têem cessado os motivos que lhes deram causa. Então o cidadão que se achava separado da sua patria se restitue a ella por uma graça do seu principe, sem que a auctoridade do magistrado, que no real nome do mesmo senhor o havia removido, fique de alguma maneira compromettida, nem o seu procedimento reprovado como injusto por uma sentença proferida em tribunal de diversa natureza.

A salvação do reino, alto e poderoso senhor, é sempre a primeira e mais sagrada lei, e na presente occasião em que elle se acha atacado por um inimigo mais terrivel ainda pela intriga do que pela força, todas as outras leis lhe devem ceder. Os legisladores britannicos, que tanto se prezam de proteger a liberdade individual, têem suspendido o seu celebre estatuto do *habeas corpus*, sempre que a segurança publica o exige. Seja-nos, pois, permittido supplicar a vossa alteza real com a maior submissão, que á vista das rasões expostas se digne mandar suspender a ordem para se fazer o processo aos individuos removidos d'este reino em virtude dos officios do intendente geral da policia, protestando com o mais profundo acatamento na augusta presença de vossa alteza real que a sua restituição põe a defeza do mesmo reino e a conservação dos sagrados direitos de vossa alteza real no mais imminente risco.

Se vossa alteza real annuir ás nossas preces quando o perigo tiver cessado, nós mesmos imploraremos da real munificencia de vossa alteza real a graça de lhes permittir que voltem aos seus lares, aos quaes poderão então restituir-se, não só sem escandalo do povo, mas até sem arriscarem a sua propria segurança.

A muito alta e muito poderosa pessoa de vossa alteza real

guarde Deus muitos annos, como desejâmos e havemos mister. Lisboa, no palacio do governo, em 25 de janeiro de 1812. = *Bispo Patriarcha Eleito* = *Marquez Monteiro Mór* = *Principal Sousa* = *Conde de Redondo* = *Ricardo Raymundo Nogueira* = *Alexandre José Ferreira Castello.*

DOCUMENTO N.° 91

(Citado a pag. 96)

Officio dos governadores do reino para o principe regente solicitando a liberdade dos «setembrisados»

Senhor: — Na conta de 25 de janeiro de 1812, n.° 141, tivemos a honra de pôr na augusta presença de vossa alteza real, que nós mesmos implorariamos da real munificencia de vossa alteza real a graça de permittir que voltassem para os seus lares os individuos que foram removidos em setembro de 1810 para fóra do reino, como suspeitos de favorecerem a causa do inimigo commum, quando o perigo estivesse acabado. Parecendo que a feliz mudança das circumstancias, pelo grande abatimento do tyranno, era mui favoravel para a nossa supplica, ordenámos pelo aviso n.° 1 ao intendente geral da policia que informasse se com effeito tinha cessado a urgencia das medidas da policia, ou se ainda existia algum motivo que exigisse a continuação d'ellas, e que assim o declarasse. O dito intendente affirma na informação n.° 2 que já não subsiste o aperto das circumstancias espinhosas que dictaram as ditas medidas de cautela em conjunctura totalmente differente da actual, sendo o seu parecer que não só os que embarcaram, mas tambem os que ficaram presos e hoje estão em homenagem debaixo da vigilancia da policia, devem esperar a dita graça, á excepção de tres sobre que faz as suas ponderações.

Nós, persuadidos que com effeito têem cessado os motivos das sobreditas medidas, e que por consequencia é chegada a occasião de fazermos ás nossas preces, a aproveitâmos

sem demora para supplicarmos, como supplicâmos a vos
alteza real com a maior submissão, a graça do regresso d
que embarcaram para fóra do reino pelas referidas medid
e a liberdade dos que pelas mesmas se acham em homen
gem dentro d'elle, sendo todos vigiados pela policia. N
mesma graça, comtudo, parece se não póde comprehend
José Diogo Mascarenhas Netto pelos crimes posterior
que representa o intendente geral nas suas ponderaçõe
as quaes não devem excluir o padre Van-Zeller, porque
sua reclusão anterior foi já determinada pela mesma raz
de suspeito com os outros.

Quanto, porém, ao desembargador Vicente José Ferre
Cardoso, de que tambem tratam as ditas ponderações, pe
mos a vossa alteza real licença para não interpormos o no
parecer, porque por uma parte subindo á augusta presen
de vossa alteza real os dois assentos, que por votos unâ
mes regularam os procedimentos contra elle, e a conta n.°
em que o governo representou os motivos que o tinham
mado a favorecer o dito desembargador com a mudança
embarque determinado de Angola para a ilha de S. Migu
para onde elle mesmo havia pedido licença, dignou-se vo
alteza real, por aviso de 23 de junho de 1810, approva
dita equidade e mais procedimentos praticados, e pela ou
parte são bem manifestos os libellos infamatorios com q
elle por meio das gazetas e impressões de Londres tem
sultado furiosamente e procurado desacreditar no estado
Brazil, n'estes reinos e á face de toda a Europa a dignid
e respeito do governo em geral, e de alguns dos seus me
bros em particular, com quebrantamento da sua auctorid
decoro e reputação, e com escandalosa transgressão das le
apesar da confiança com que vossa alteza real honra o m
mo governo, o qual sem ella não póde desempenhar o a
ministerio de que vossa alteza real o encarregou, e faz to
os esforços pela merecer, procurando efficazmente serv
Deus e a vossa alteza real o melhor que póde. Por estes
sultos já o governo executou a ordem para o pagamento
maiores ordenados, sem fazer as reflexões que vossa alte

declarou, no aviso de 28 de outubro, podia ter feito an- de a executar.

O patriarcha eleito parece que ainda é cedo para o re- dos suspeitosos, mas concorda em tudo o que diz respeito ao dito desembargador. O principal Sousa concorda o patriarcha eleito, parecendo-lhe tambem cedo o re- dos suspeitosos, e acrescenta que mandando vossa real que estes voltem para este reino, devem ter des- conforme as notas da policia.

A muito alta e muito poderosa pessoa de vossa alteza real de Deus muitos annos, como desejâmos e havemos mis- Lisboa, no palacio do governo, em o 1.º de março de 1. = *Bispo Patriarcha Eleito* = *Marquez Monteiro Mór* = *de Borba* = *Principal Sousa* = *Ricardo Raymundo* *ira* = *João Antonio Salter de Mendonça.*

DOCUMENTO N.º 92

(Citado a pag. 96)

expedido do Rio de Janeiro ao marquez monteiro mór, sobre a vinda dos «setembrisados» dos Açores para o reino, pondo-se tambem em liberdade os que tinham sido presos e se achavam em homenagem

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — Levei á augusta presença de sua alteza o principe regente meu senhor a conta n.º 278, do 1.º março passado, em que os governadores do reino, depois ouvirem o intendente geral da policia ácerca dos indivi- que foram removidos em setembro de 1810 para fóra reino como suspeitos de favorecerem a causa do inimigo commum, acham ter-se verificado a opportunidade que in- ram na conta n.º 241, para recorrerem por elles á real munificencia; e attendendo o mesmo senhor a haverem ces- as circumstancias de perigo que aconselharam aquella medida de policia para a salvação da patria: ha por bem que voltar para as suas casas as pessoas que foram obri- a sair do reino, mencionadas na relação dada pelo in-

tendente geral da policia, que volta inclusa por copia, á excepção de José Diogo Mascarenhas Netto e do dr. Vicente José Ferreira Cardoso, pelos motivos que pondera esse governo; e que sejam tambem postos em liberdade os que por effeito da mencionada providencia estiveram presos e hoje se acham em homenagem fóra do reino. O que v. ex.ª fará presente aos mais governadores, para que assim se execute, fazendo constar esta real determinação pela maneira que parecer mais propria e conveniente.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1814.=*Marquez de Aguiar.*

DOCUMENTO N.º 92-A

(Citado a pag. 97)

Officio dos governadores do reino para o principe regente, opinando que os «setembrisados» com empregos publicos sejam pagos dos seus vencimentos, embora não tenham exercicio

Senhor: — Por aviso de 13 de abril de 1815 mandou vossa alteza real informar não só sobre serem ou não reintegrados nos seus empregos os priores de S. Jorge e dos Anjos, e as pessoas que se mandaram para fóra do reino e já se acham n'elle, mas tambem sobre os requerimentos de D. Helena Frizoni Verdier, que pede a restituição de seu marido Timotheo Lecussan Verdier, a bem do importante estabelecimento da fabrica de Thomar e da sua familia. Informaram sobre tudo o juiz da inconfidencia e o intendente geral da policia. O juiz da inconfidencia é de parecer que Verdier não está por ora nos termos de voltar para o reino, porque sendo a sua expulsão fundada nas provas do seu mau caracter e de sequaz das maximas revolucionarias francezas, não convem n'elle emquanto se não consolidar a paz da Europa um homem tão turbulento, e que os deportados estão nas circumstancias de serem reintegrados nos seus empregos, por não ter havido processo e sentença que os privasse d'elles. Ao

intendente geral da policia parece que Verdier não está nos termos de voltar a este reino sem primeiro se revogar a ordem que o expulsou ou ser absolvido das culpas, porque a dita ordem declarou que elle devia ser punido, ainda que ignora a qualidade das mesmas culpas. De outra sorte as pessoas envolvidas na determinação da mesma ordem terão direito a pretensões similhantes.

Parece-lhe, outrosim, que os ditos deportados, que se acham em perfeita liberdade, possuem plenamente os seus bens, e até não foram excluidos dos seus empregos; posto que os não tenham exercido, podem esperar da grandeza e piedade de vossa alteza real a conservação nos mesmos empregos, mas que serem reintegrados plenamente n'elles, nem a justiça o exige, nem a politica o aconselha, porque sendo o motivo da sua deportação os malevolos sentimentos com que se fizeram o escandalo de um povo que se não poupava a sacrificios alguns para conservar a monarchia, foi a sua restituição um acto de piedade; porém a reintegração nos empregos publicos, que não são propriedade de alguns individuos, mas o premio da confiança que o soberano tem no prestimo e fidelidade das pessoas a quem os confere, ficando privado de os servir aquelle que teve o infortunio de perder a mesma confiança, só póde ser acto de justiça, recaíndo sobre prova de innocencia, para não ficar uma evidente contradicção. Alem de que estes individuos, administrando justiça, commandando no exercito e marinha e curando almas, não inspirarão confiança alguma, sem a qual não podem servir com proveito, e vossa alteza real d'estes mesmos empregados publicos já foi servido demittir ou aposentar Jacome Ratton e Domingos Vandelli, deputados da real junta do commercio, Francisco Duarte Coelho, desembargador dos aggravos, e a Manuel Alves do Rio, juiz do terreiro publico. A esta mesma informação se refere na que deu sobre o requerimento que fez o dito Manuel Alves do Rio, para ser reintegrado no exercicio de juiz do terreiro publico, e que vossa alteza real mandou informar separadamente por aviso de 8 de agosto proximo passado.

O governo, tomando em consideração por uma parte que a paz geral está bem consolidada pelos ultimos tratados e grandes cautelas que se vão pondo em execução para sua firmeza e permanencia, e pela outra parte a falta que faz Verdier para a administração e conservação do importantissimo estabelecimento da fabrica de Thomar, tão importante a este reino, e que os inglezes procuraram todos os meios para a destruir, é de parecer que o dito Verdier se acha nos termos de merecer a innata piedade de vossa alteza real para ser perdoado e ter licença para vir tratar da mesma fabrica, mas sempre com a recommendação de ser vigiado pela policia, visto que a sua expulsão foi fundada nas provas de mau caracter e sequaz das maximas revolucionarias dos francezes, como diz o juiz da inconfidencia, para elle ser admittido sómente no tempo da consolidação da paz geral.

O governo conforma-se com o intendente geral da policia para que as pessoas que se recolheram com licença de vossa alteza real continuem a vencer os seus ordenados e soldos como até agora sem exercicio algum pelas rasões que elle pondera, mas não pelos exemplos que aponta, pois Domingos Vandelli e Manuel Alves do Rio conservam-se com os vencimentos dos seus ordenados sem alteração alguma; a Jacome Ratton deu vossa alteza real por acabado o logar de deputado por outros motivos antes de saír do reino, e Francisco Duarte Coelho foi escuso do real serviço por querer seduzir na relação alguns ministros para requererem a observancia do codigo de Napoleão em logar das nossas ordenações, sendo repellido por todos a quem fallou, e não se tendo até agora justificado, apesar de ser admittido a fazel-o ha muito tempo. Sobre os dois priores, porém, de S. Jorge e dos Anjos nada póde dizer o governo, porque não está bem informado das culpas por que elles foram degradados antes da invasão dos francezes.

A muito alta e muito poderosa pessoa de vossa alteza real guarde Deus muitos annos, como desejâmos e havemos mister. Lisboa, no palacio do governo, em 15 de janeiro de

1816. = *Marquez de Borba* = *Principal Sousa* = *Ricardo Raymundo Nogueira* = *João Antonio Salter de Mendonça.*

DOCUMENTO N.º 92-B

(Citado a pag. 100)

Aviso dos governadores do reino, mandando syndicar a respeito dos portuguezes que vieram no exercito de Massena contra a sua patria

Constando que no exercito inimigo existem alguns officiaes portuguezes que têem tomado armas contra a sua patria, ajudando os inimigos com os seus conselhos, e fazendo-se por isso réus de alta traição: ordena sua alteza real que v. s.ª passe immediatamente a inquirir summariamente sobre esta materia, dando conta do resultado, assim que apparecer tanto quanto baste para os culpar, sem que por este meio cessem os procedimentos militares ordenados pelo decreto de 20 de março de 1809, se alguns d'elles forem entretanto apprehendidos, e cuja prompta execução sua alteza real muito recommenda a v. s.ª

Deus guarde a v. s.ª Palacio do governo, em 5 de setembro de 1810. = *D. Miguel Pereira Forjaz.* = Para o desembargador José Antonio de Oliveira Leite de Barros.

DOCUMENTO N.º 92-C

(Citado a pag. 100)

Portarias dos governadores do reino mandando processar o marquez de Alorna e sequestrar-lhe os bens

---

Primeira portaria

Constando por differentes vias, e ultimamente pela carta original interceptada n.º 1, e o officio do encarregado de ne-

gocios de sua magestade catholica n'esta capital (n.º 2), que o marquez de Alorna se acha em Hespanha para auxiliar a invasão das tropas francezes n'este reino, onde já esperava entrar o anno passado: manda o principe regente nosso senhor que se proceda a sequestro em todos os bens do dito marquez pelo juizo competente, e que elle seja processado na conformidade das leis, servindo de corpo de delicto esta portaria, e ajuntando-se ao mesmo processo não só os ditos papeis n.os 1 e 2, mas tambem a carta n.º 3, copiada de outra do sobredito marquez, interceptada e remettida pelo marechal Beresford, copiadas dos originaes (igualmente interceptados) e remettidas pelo marechal general a mr. Villiers, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de sua magestade britannica.

O chanceller da casa da supplicação, que serve de regedor, o tenha assim entendido e o faça executar. Palacio do governo, em 25 de junho de 1810.=*(Com as rubricas dos governadores do reino.)*

Segunda portaria

Tendo visto sua alteza real com horror e magua do seu paternal coração o infame procedimento de D. Pedro de Almeida, marquez de Alorna, o qual, esquecido do seu nascimento e das distinctas mercês com que o mesmo senhor o havia honrado, se declarou contra a sua patria e senhor natural, lançando-se entre o inimigo, achando-se empregado no ataque contra estes reinos, e tendo procurado pelos meios da força e da seducção alienar os animos dos fieis portuguezes, affectando ser general portuguez para melhor os illudir, espalhando proclamações sacrilegas e destinadas a seduzir o povo e a tropa, a quem convida ao serviço francez, para a levar a morrer desgraçadamente nas injustas guerras d'esta potencia, do mesmo modo que já praticou com os infelizes que o acompanharam para França no tempo do intruso governo, para irem perecer pelo ferro, pela miseria e pela fome, longe das suas familias nos campos da Allemanha:

manda o principe regente nosso senhor declarar o dito D. Pedro de Almeida réu de lesa-magestade de primeira cabeça, e procedendo sobre a notoriedade do facto, como convem em tão atroz, execrando e abominavel delicto, o manda privar de todos os titulos, honras e dignidades, e até do nome illustre de portuguez, de que se fez indigno; determina que se considere como banido para que cada um do povo o possa matar sem crime, e offerece o premio de mil moedas de oiro a quem o apresentar ou vivo ou morto, e o perdão de seu crime, no caso que seja seu cumplice.

Manda, outrosim, que o chanceller da casa da supplicação faça queimar dentro em vinte e quatro horas as proclamações por elle espalhadas e assignadas por sua mão, pelo executor da alta justiça, para cuja entrega se expediram as ordens necessarias ao intendente geral da policia, e para que chegue á noticia de todos manda o mesmo senhor que a presente portaria se affixe em todo o reino nos logares do costume, e se leia em alta voz no acto em que se queimarem as ditas proclamações, ao qual deve assistir o ministro que pelo dito chanceller for nomeado. Sua alteza terá o mesmo procedimento a respeito de todos os outros traidores que são cumplices do dito infame Pedro de Almeida, assim que na sua real presença se verificar o seu crime. Assim se castigam os traidores.

Palacio do governo, em 6 de setembro de 1810.=*(Com cinco rubricas dos governadores do reino.)*

DOCUMENTO N.° 93

(Citado a pag. 111)

Perdão concedido ao marquez de Loulé que fôra banido do reino por jacobino

Primeiro decreto

Tendo em consideração a devoção e respeito que é devida ao dia de hoje, em que celebra a santa Igreja os mysterios

da paixão e morte de Jesus Christo, nosso Redemptor, e observando o antigo costume dos reis meus predecessores de perdoar n'este dia, no qual tambem concorre um forte motivo para que eu haja de imital-os: hei por bem perdoar a Agostinho Domingos José de Mendonça a pena ultima, em que foi condemnado pela sentença dada em Lisboa a 21 de novembro de 1811; e como foi na mesma sentença declarado banido, lhe hei outrosim por levantada esta pronuncia, ordenando que possa saír da prisão em que está e andar livremente pelo reino, e defendo ás justiças appellidarem contra elle e a qualquer offendel-o, sob pena de incorrerem nos castigos estabelecidos pelas leis.

Os governadores do reino o tenham assim entendido e façam constar onde necessario for, para que assim se fique observando, e se façam os precisos e necessarios assentos para este effeito. Palacio da real fazenda de Santa Cruz, em 20 de março de 1818. = *(Com a rubrica de sua magestade.)*

Segundo decreto

Tendo-se apresentado ante mim Agostinho Domingos José de Mendonça, usando do indulto que por meu real decreto de 20 de março do corrente anno lhe concedi de estar no reino, pedindo e resignando-se a tudo que fosse da minha real vontade e supremo poder; e considerando que por elle se entregar á minha justiça de um modo que não póde servir de exemplo em similhantes casos, eu tenho justo motivo para só me lembrar a seu respeito da minha real grandeza: hei por bem, de meu motu proprio e poder real, rehabilital-o e conceder-lhe as honras, mercês e bens de que gosava emquanto estava no meu real serviço, ficando em esquecimento o facto e sem effeito a sentença contra elle proferida em 21 de novembro de 1811, salvas, porém, as alienações que tiver havido n'este meio tempo, e aquillo em que houver prejuizo de terceiro; e revogo, para este effeito sòmente, quaesquer leis ou disposições em contrario.

Os governadores do reino de Portugal, a mesa do desembargo do paço de Lisboa e do Rio de Janeiro o tenham assim entendido e façam executar, participando-o onde convier. Palacio da Boa Vista, em 29 de agosto de 1818.= *(Com a rubrica de sua magestade.)*

Aviso expedido ao sobredito marquez

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.—El-rei nosso senhor, por effeitos da sua real grandeza, houve por bem rehabilitar a v. ex.ª, concedendo-lhe as honras, mercês e bens de que v. ex.ª gosou emquanto estava no seu real serviço, ficando no esquecimento e sem effeito a sentença contra v. ex.ª proferida, e me ordena que assim o faça constar a v. ex.ª para sua intelligencia, e para que se ache v. ex.ª hoje presente na festa que se ha de celebrar na capella da real quinta da Boa Vista.

Deus guarde a v. ex.ª Paço, em 29 de agosto de 1818.= *Thomás Antonio de Villa Nova Portugal.*=Sr. marquez de Loulé.

DOCUMENTO N.º 94

(Citado a pag. 117)

Proclamações dos governadores do reino quando se approximou o exercito invasor commandado por Massena em 1810

Portuguezes! — Nova occasião se vos offerece de assignalar o vosso patriotismo, de colher novos trophéus sobre os nossos inimigos. Mais temiveis pelas suas intrigas do que pelo seu valor, elles ameaçam as nossas fronteiras com um exercito commandado pelo marechal Massena. Lembrae-vos que as armas portuguezas triumpham sempre quando pelejam pela conservação da propria independencia. Lembrae-vos que sois os descendentes dos famosos guerreiros que lançaram os fundamentos da monarchia, e souberam repellir constantemente seus inimigos, derramando seu sangue e

correrias militares, tenhamos união e constancia; contrastemos inalteravelmente as suas intrigas com a nossa fidelidade, as suas armas com a nossa intrepidez, e a patria será salva.

Palacio do governo, em 1 de junho de 1810.

DOCUMENTO N.º 94-A

(Citado a pag. 132)

Carta de lord Wellington a mr. Villiers, ministro inglez em Lisboa, queixando-se do principal Sousa

Elvas, 25 de maio de 1811.

Tive o prazer de receber a vossa carta de hontem, e ficovos muito obrigado. Ninguem póde apreciar melhor do que vós as difficuldades que tenho tido a vencer, mas creio que vós as não conheceis todas. Hei persistido no systema que julguei melhor, apesar dos avisos de todos os officiaes inglezes existentes no paiz, que pensavam dever eu fazer embarcar o exercito, ao passo que por outro lado as auctoridades civis portuguezas pretendiam ser preciso manter a guerra nas fronteiras, quando para isto faltavam não sómente as forças materiaes, mas tambem os meios de prover às precisões das tropas que podiam pôr em campo. Julgo que nenhuma outra cousa, a não ser a minha firmeza, me podiam fazer triumphar d'esta discussão de nove mezes entre as opiniões contrarias. Ajuntae a isto que a opinião publica em Inglaterra varia quasi como o vento, e reconhecereis em tal caso que o melhor que tinha a seguir era o reportar-me a mim mesmo.

Magoa-me dizer-vos a vós, que vos interessaes em tudo que respeita a este paiz, que nos achâmos n'uma penosa posição com o governo portuguez. No mez de agosto ultimo o principal Sousa foi nomeado membro do governo, e soubemos ao mesmo tempo ser elle o agente de uma especie de

intriga para afastar Beresford do commando do exercito para se dar ao duque de Brunswick, cousa que me não era muito agradavel, como vós acreditareis facilmente. Depois d'isto deitou-se a perseguir os partidistas dos francezes, e ninguem ficou isento pela sua parte de similhante accusação. Mousinho, Lemos e o proprio Sodré[1] foram accusados, e teriam sido removidos se me não tivesse declarado contra taes procedimentos. Para o dizer de passagem, elle pretendeu mesmo dar-nos por auctores d'aquillo que elle chamava despotismo da secretaria, e por fim indispoz-se com Forjaz, attribuindo-lhe o empregar, depois da vossa chegada a Lisboa, os servos do governo inglez na direcção dos negocios de Portugal.

Desde então não houve objecto algum em que a actividade maligna do seu espirito se não intromettesse. Foi elle o mais activo promotor do parecer de que a guerra se devia fazer nas fronteiras. Nas suas conversações sobre este assumpto levou a sua indiscrição ao ponto de inspirar á milicia de Lisboa opiniões tão perigosas, que Beresford e eu julgámos conveniente para honra d'este corpo chamal-a ao exercito, e confiar a outras tropas o serviço da cidade. Tambem desde então, pela influencia que exerceu na regencia, retardou por meio de discussões sobre este objecto todas as medidas que no começo do estio tinham sido aconselhadas para a remoção das pessoas, dos bens e dos viveres, e para se pôrem os moinhos em estado de não servirem, de que resultou fazer-se tudo isto muito tarde, e d'elle se devem, portanto, queixar de se terem os francezes por tanto tempo demorado no paiz.

Foram estas circumstancias as que me pozeram em discussão directa com esta personagem, e d'ella me queixei ao principe regente n'uma carta que lhe escrevi no passado mez de dezembro, e que mandei aberta á regencia. N'ella dizia eu ao principe que de nenhuma vantagem era para elle

[1] Mousinho era Manuel de Brito Mousinho, ajudante general do marechal Beresford; Lemos era Antonio de Lemos Pereira de Lacerda secretario militar do referido marechal, mais tarde visconde de Juromenha; Sodré era Francisco Sodré, secretario privado de lord Wellington para a sua correspondencia em portuguez.

conservar-nos ao mesmo tempo no seu serviço, a mim e ao principal Sousa. O principe deu a esta carta uma resposta que mostra bem que a intriga se acha pertinazmente estabelecida no Brazil.

Tudo isto seria, todavia, indifferente para mim, do mesmo modo que me é indifferente saber quaes são as pessoas que governam o reino, se as cousas não tivessem peiorado a ponto de ameaçarem a existencia do paiz no caso dos francezes o tornarem a invadir. Nós não podemos conseguir do governo fazer a menor cousa. Todas as repartições do exercito estão peiores que inuteis; o mesmo exercito está muito longe do seu estado completo; verdadeiramente não temos em campo vinte mil homens de tropas portuguezas; circumstancias se apresentaram ultimamente que demonstraram bem o perigo real do systema segundo o qual obrâmos, de que resultou declarar eu ao nosso governo ser a minha opinião que o exercito inglez se não devia submetter a elle quando os francezes tornassem de novo a ter superioridade no paiz.

Forjaz pediu a sua demissão; mr. Stuart já não assiste ás sessões da regencia; eu não tenho correspondencia com ella, e penso que o paiz está perdido quando não possâmos restabelecer a influencia da Gran-Bretanha nos conselhos do Brazil se os francezes renovarem os seus ataques. Depois do que vós tendes aqui feito, esta minha exposição não vos será muito agradavel, mas é perfeitamente verdadeira, assegurando-vos que não tenho exagerado as consequencias que resultarão, segundo toda a apparencia, de similhante estado de cousas. O peior é que não sei como remedial-o. A remoção do principal Sousa do governo não é bastante n'estas circumstancias; e o que vejo de mais efficaz é uma mudança radical de systema no governo, tanto d'aqui, como do Brazil. = *Wellington.*

P. S. — Espero que o publico em Inglaterra se não irritará com a perda que Beresford experimentou no seu encontro com Soult. O mal proveiu dos hespanhoes, que se não me-

n. Beresford apressou-se muito em fazer o seu relato-
orque quasi todos os homens que elle deu como faltos
uniram depois aos seus regimentos.

DOCUMENTO N.º 94-B

(Citado a pag. 132)

Carta de lord Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz contra o procedimento do governo portuguez

ouveia, 3 de setembro de 1810.

ara pôr um termo a estas miseraveis intrigas rogo-vos
informeis o vosso governo de que não ficarei no paiz, e
que aconselharei o governo de el-rei a que retire a assis-
cia que sua magestade presta á Hespanha quando por al-
ma maneira se intervenha, tanto na escolha do estado
or do marechal Beresford, pois elle é o responsavel pe-
seus officiaes, como nas operações do exercito, ou mes-
em tudo aquillo que tem relação com as cousas concer-
s com o referido marechal, e que exclusivamente foram
adas á sua direcção.

Exporei, portanto, os factos ao conselho de sua magestade,
eportar-me-hei á sua decisão para saber que medidas de-
rão ser tomadas se o governo portuguez recusa ou retarda
dopção dos arranjos que tenho recommendado e que têem
ação com as operações militares a meu cargo. Muito tempo
que tenho fallado da adopção de medidas preparatorias
a a destruição dos moinhos, ou ao menos para se pôrem
estado de não poderem servir, e o marechal Beresford
escreveu ao governo senão depois que lhe repeti que
este o meu desejo. Entretanto peço que estas medidas
paratorias sejam executadas, não sómente no paiz entre
jo e o Mondego, e ao norte de Torres Vedras, como ori-
riamente tinha sido recommendado, mas tambem que
sejam adoptadas em todo o Portugal, e que os magis-
s e mesmo todos os outros individuos sejam obrigados

a pôr os moinhos fóra do estado de servir, desde que para isso receberem ordem dos officiaes militares. Já adoptei esta medida com successo n'esta parte do paiz, e deve-o ser tambem em toda a outra onde é provavel que o inimigo procurará penetrar. Esta medida parecerá necessaria a todos aquelles que reflectirem na posição em que se acha o paiz, e concorda com todas as outras medidas que desde ha um anno tenho recommendado ao governo, a fim de impedir, ou pelo menos retardar, o progresso e o estabelecimento do inimigo n'este paiz. Mas parece que o governo descobriu recentemente que n'isto lhe faziamos aggravo, e á imitação da junta central pede com grandes brados batalha e successos promptos. Se eu tivesse algum poder teria impedido os exercitos hespanhoes de corresponderem a um tal appello e a causa seria ganha. Entretanto que o poder está nas minhas mãos, não deixarei escapar a unica circumstancia que me resta para salvar a causa, dando a mais pequena attenção ás suggestões insensatas do governo portuguez. Confesso que esta mudança de conducta da parte do referido governo muito me offende, e como eu devo attribuir isto ás pessoas que n'elle foram novamente introduzidas, é isto para mim um novo motivo de censurar a sua nomeação, e se a sua conducta me der novos motivos de queixa escreverei ao principe regente.

Fica-vos livre de communicar á regencia toda ou parte da minha carta, segundo o que julgardes conveniente. = *Wellington.*

DOCUMENTO N.° 94-C

(Citado a pag. 132)

Carta de lord Wellington a Carlos Stuart sobre o mesmo assumpto da precedente

Rio Maior, 6 de outubro de 1810.

Vós me obsequiareis em informar a regencia, e particularmente o principal Sousa, que sua magestade e o principe re-

gente me confiaram o commando dos seus exercitos, assim como a conducta das operações militares, d'onde resulta não admittir eu que pessoa alguma n'este mundo se intrometta n'estas cousas. Eu sei melhor que a regencia e Sousa onde convem acantonar as tropas e onde é melhor dar batalha, e não mudarei um plano amadurecido pela reflexão, unicamente porque lhes apraz serem de uma outra opinião. Eu sou responsavel por aquillo que faço, e as pessoas a que me refiro não o são. Sómente lhes recommendo que vigiem nas medidas que estão a seu cargo e por que são responsaveis, isto é, que provejam á tranquillidade de Lisboa, á subsistencia do exercito e á do povo emquanto as tropas fizerem rosto ao inimigo.

Quanto ao principal Sousa, rogo-vos o favor de dizer-lhe da minha parte que nenhuma satisfação tenho em tudo o que hei obrado a bem do paiz desde que elle é um dos membros do governo; e que, tendo começado as operações militares de que espero obter um feliz resultado, eu as continuarei até ao fim, mas que não ha algum poder na terra que me faça permanecer na peninsula um só instante depois que tiver obtido de sua magestade a permissão de resignar o commando, uma vez que o principal Sousa continue a fazer parte do governo ou mesmo a residir em Lisboa. Ou eu ou elle devemos deixar o paiz. Se for eu, terei o cuidado em que a Europa, ou pelo menos todo o Portugal e o principe regente, sejam perfeitamente informados das rasões que me constrangem a obrar assim.

Segundo a carta que recebi no dia 3 de mr. Forjaz, esperava eu que o governo estaria contente do que eu tinha feito e me propunha fazer, e portanto que em logar de tornar toda a defeza ulterior superflua, perturbando o espirito da populaça de Lisboa, teria elle cumprido com o seu dever, tomando as medidas que assegurassem a tranquillidade da cidade; mas supponho que, como todos os governos fracos, este ajunta a duplicidade á sua propria fraqueza, e que as suas expressões de approvação, e mesmo de gratidão, só téem servido de mascara á sua censura. = *Wellington*.

P. S. — Tudo o que eu peço á regencia portugueza é o manter a tranquillidade em Lisboa, e prover á subsistencia das suas proprias tropas emquanto se acharem occupadas n'esta parte do paiz. Não tenho a certeza de aproveitar; todavia tenho-me achado n'um grande numero de batalhas, para saber que nenhuma d'ellas offerece um resultado certo, ainda no caso das melhores disposições. Estou, portanto, desejoso de que o governo tome todas as medidas preparatorias, e tire do caminho do inimigo todos os individuos e todas as familias que tenham de soffrer caindo nas suas mãos.

Carta de lord Wellington a Carlos Stuart, provando-se pelo seu conteúdo que o dito lord foi interrogado sobre a nomeação e attributos de uma regencia em Lisboa

Pero Negro, 26 de outubro de 1810.

Responderei ás questões de lord Wellesley sobre a regencia portugueza, a qual, segundo a minha opinião, deve ser escolhida pelo principe regente e pelo tempo que lhe convier; que este corpo deve ter pleno poder de obrar em todas as circumstancias possiveis, de nomear para os empregos, de exonerar os individuos não capazes, de fazer as leis, de mudar aquellas que não estão em harmonia com as precisões, e ter finalmente o mesmo poder que exerceria o principe regente, se elle aqui estivesse; que elle deveria fazer conhecer detalhadamente, tanto a sua conducta, como os motivos que a dictam; que o principe deveria tambem recusar todos os pedidos dos seus officiaes ou de outros subditos portuguezes que lhe não fossem transmittidos por uma maneira regular pelo governo aqui estabelecido, e não adoptar a respeito de Portugal medida alguma que não fosse recommendada pela regencia. Quanto menos individuos compozerem a regencia melhor funccionará ella; mas não creio que se possa aconselhar a exclusão de qualquer pessoa que presentemente a compõe, com a unica excepção do principal Sousa, com o qual eu não posso, nem quero ter nada a tra-

tar. Segundo o meu parecer, o patriarcha é um mal necessario; elle tem adquirido no paiz uma sorte de popularidade e de confiança, que augmentariam ainda se elle fosse removido dos conselhos, e é um homem que faria muito mal se não se achasse empregado. Se conseguirmos desviar o principal (o que deve ter logar), penso que o patriarcha se terá por advertido, e obrará melhor para o futuro.

Quanto ás operações militares, nem a regencia, nem algum outro corpo do estado se deve n'ellas intrometter. Quando isto succedesse, eu não poderia ficar responsavel por cousa alguma. Se o governo inglez resolve fazel-o assim ou o principe regente, dar-se-me-hão as ordens muito detalhadamente; eu as executarei com toda a restricção o melhor que for possivel, e não serei responsavel absolutamente senão pela sua execução; mas quando deva tomar tudo sobre mim e ser responsavel por tudo, devo ter pleno poder, e de ninguem deverei receber ordens. Estimarei ver as instrucções detalhadas do principal Sousa a respeito das suas emboscadas sobre a margem esquerda do Tejo. Se este homem não vae para Inglaterra, ou para qualquer outra parte que me não importa, comtanto que deixe Portugal, o paiz está perdido. Nós perdemos um tempo precioso em discutir cousas que deveriam estar já executadas, e é inconcebivel como as deliberações do governo tomam uma falsa direcção. As pessoas designadas para fazer executar no Alemtejo as medidas de defeza deveriam ter chegado ali depois do dia 24; mas em logar de as fazerem partir têem-se perdido tres dias de bello tempo, porque o governo se não decide a tomar parte nos nossos arranjos, que, bem que fecundos em resultados felizes, não serão muito agradaveis para aquelles com quem vão contender; todavia, é bem certo tambem que tarde ou cedo os mesmos individuos a quem estes arranjos descontentam serão arruinados, deixando atraz de si todos os bens que caírem no poder do inimigo, e lhe facilitarão todos os meios de permanecerem no paiz: é isto o que succedeu já n'esta região.

Quanto à nota de mr. Forjaz de 22, encerrada na vossa

sem data, nenhuma outra cousa tenho a dizer senão q
conheço outras carroças e caleças, empregadas no e
inglez, senão as necessarias ao commissariado geral,
sei que se tenha retido alguma. Desejo que as auctor
portuguezas ou os seus agentes citem os nomes d'a
que as têem guardado em contradicção ás minhas re
ordens, ou que elles citem o regimento ou pelo men
gar onde essas carroças ou caleças estavam estacio
mas é o que seguramente se não fará. Tudo o que nós
a fazer d'ellas é o servirem para transporte dos d
quando os ha. Não direi que as caleças vindas de Lisb
passem para alem de Bucellas, Montachique, etc.; o e
tem precisão de muitas cousas que não podem ser c
das por machos, mas pelas caleças. Muitas vezes s
faltarem os ditos machos, sobretudo ás tropas portug
por conseguinte é preciso recommendar ao commiss
geral do exercito o não enviar, se lhe é possivel, as
de Lisboa a maior distancia que aos logares acima n
nados.

Desejo em todo o caso que se observem os regulam
mas tambem que aquelles que os fazem tenham cuid
que sejam executados, e apoio-me muito sobre este po
Wellington.

DOCUMENTO N.° 95

(Citado a pag. 136)

Nota dirigida do Rio de Janeiro pelo conde de Linhares ao m britannico n'aquella côrte, repellindo as queixas que se contra o principal Sousa, seu irmão

Levei á presença de sua alteza real o principe re
meu senhor, tudo o que v. ex.ª me confiou secreta e
dencialmente, relativamente aos negocios do governo
boa e á divergencia de opinião entre o principal Sousa
Wellington, ou para melhor dizer relativamente ao
do referido lord para com o dito principal, e do qual

conhece a origem e os motivos, segundo as minhas particulares representações; e sua alteza real, vivamente sentido por ver nascer uma tal desunião no momento em que mais do que nunca seriam necessarios todos os esforços combinados e o accordo de todos os bons servidores de sua alteza real e de sua magestade britannica, encarregou-me de fazer ver a v. ex.ª a maneira por que sua alteza real considera estes objectos, e tudo o que julga conveniente fazer da parte dos dois soberanos, a fim de que a causa commum e a causa da peninsula e a da Europa se não resintam, e de que v. ex.ª assim o faça conhecer á sua côrte. V. ex.ª conhece a imparcialidade com que eu trato os negocios, e posto me occupe de um irmão meu, cujos talentos aprecio, assim como a sua fidelidade e o mais puro affecto ao seu senhor; verá v. ex.ª que sua alteza real faz a mais inteira justiça a lord Wellington, e conhece que não é senão sobre falsas informações que elle formou o seu juizo, e que ha todo o logar para crer ter-se enganado, obrando todavia na melhor fé. Vou, pois, entrar em materia, e seguirei passo a passo tudo o que vós me dissestes, rogando-vos me desculpeis se por acaso me tornar alguma vez severo, porque logo que o coração sangra pelas desgraças do seu paiz, não póde deixar de ser sensivel.

É verdade, mylord, que os governadores do reino fizeram chegar á presença de sua alteza real o principe regénte meu senhor as medidas que se tomaram logo em seguida á gloriosa batalha do Bussaco, de que resultou affluir de repente á capital uma immensa população da Beira, saida das suas habitações, as quaes viram destruidas por amigos e inimigos, chegando a Lisboa morta de fome, de miseria e sem ter com que se vestir, nem onde se alojar. Verdade é que a opinião publica attribuia o primordial plano de tudo que habilmente sè executou, para remediar taes males, ao principal Sousa; mas posso assegurar a v. ex.ª que lord Wellington, todo dedicado por então ao seu exercito, para nada d'isto contribuiu, e que mr. Stuart, ligado a maus portuguezes, tendo desgostado muito os governadores por embaraçar o salutar effeito da deportação de pessoas muito suspeitas,

cousa a que talvez muito mais do que a qualquer outra me-
dida se deve a tranquillidade de Lisboa, não tomou n'isto
parte alguma, ou pelo menos parte essencial.

Depois da devastação do Palatinado, durante o ministerio
de Louvois, nunca mais se imaginára um plano igual de re-
mover os habitantes dos seus lares e devastar provincias in-
teiras, e todo o bom portuguez não póde ver sem horror a
adopção de um plano que quasi aniquilou as duas mais con-
sideraveis provincias do reino, a Beira e a Extremadura;
todavia o principal Sousa não se oppoz a isto, nem podia fa-
zer-lhe alguma opposição, não se occupando senão de dois
objectos: o primeiro foi o de propor, desde que soube exis-
tir uma similhante idéa, que se fizesse saber á côrte de Lon-
dres as tristes consequencias de um tal plano e a difficuldade
de o levar a effeito, proposta que teve por si o apoio de todos
os mais governadores; o segundo foi o esforçar-se para se
prevenirem as más consequencias que desgraçadamente,
não obstante a sua ignorancia, se têem realisado tal qual a
tinha predito.

Não foi por suggestão do commandante em chefe, mas foi
por ordem do referido commandante, sob pena de morte
que os habitantes da Beira abandonaram tudo e tudo des-
truiram, e por cima d'isto deve confessar o commandante
em chefe que os governadores o auctorisaram a fazer tudo
não sendo culpa sua se um plano tal veiu a falhar por si
mesmo. A verdade, mylord, força-me ainda a dizer-vos que
o escrupulo com que se executaram as ordens do comman-
dante em chefe nada influiu na paralysação das operações
do inimigo, porque, segundo o que o principal tinha dito
não se poderam recolher os cereaes que ainda se achavam
nos campos, nem os milhos que ainda estavam verdes e em
pé, nem as uvas que por então se achavam na maturidade.
E não penseis, mylord, que fosse possivel fazer isto, ainda
quando o exercito fosse o encarregado da execução das or-
dens, pois que Massena, retirando-se depois para Santarem,
deixou ainda em pé milho verde e não colhido nos terrenos
pantanosos, que nós chamâmos paues.

É com muito prazer e com um verdadeiro conhecimento de causa que todo o bom portuguez faz justiça aos generosos esforços do ministerio inglez, que apenas soube da sorte de Lisboa e do subito augmento da sua população, para ella mandou dez mil medidas de trigo e uma grande quantidade de bacalhau, para serem distribuidas pelo commandante em chefe; mas por que cuidados não passaram os governadores do reino para fazerem chegar á capital todos os trigos do Alemtejo, porque occorrendo então a inopinada retirada de lord Wellington, Lisboa apenas estava aprovisionada para seis dias, contando com o recurso das lezirias e do paiz vizinho da capital, e todos estes esforços, dignos dos maiores elogios, a opinião publica os attribuiu ao principal Sousa, que inteiramente se dedicou a similhante objecto! E é, todavia, este mesmo homem que se pinta ao ministerio inglez como tendo paralysado as operações de lord Wellington!

Vamos agora ás accusações directas que se fazem ao principal Sousa, designando-se a sua conducta como digna de censura, perigosa para o serviço publico e muito immoderada nas occasiões da mais alta importancia, e sobre as proposições que affectavam profundamente as medidas necessarias para a defeza do paiz. A accusação é bem vaga; mas tentemos applical-a aos factos que se conhecem. Apenas entrára na regencia o principal Sousa, soube elle no mez de agosto ou setembro, por uma carta dirigida pelo marechal Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz, que se exigiam ordens para se destruirem os moinhos desde o Alva e Mondego até Alverca, nas vistas de privar o inimigo d'este recurso no caso de se retirar o exercito. O principal horrorisou-se ao aspecto de um plano tão duro, quanto nocivo, e que não podia produzir o effeito que se desejava; todavia, apenas se contentou em propor que se dessem as ordens pedidas pelo marechal, mas representando-se-lhe sobre a adopção de similhante plano, esclarecendo-se o marechal sobre a localidade do paiz, e fazendo-se-lhe sentir que as importantes colheitas do milho e do vinho seriam sacrificadas a ter logar a retirada.

Eis-aqui como o principal influia nas deliberações. Propoz depois, como subdito fiel ao seu senhor, que se fizesse saber o estado das cousas ao ministerio inglez, esclarecendo-o sobre os factos e as tão interessantes localidades. Os governadores do reino concordaram todos sobre este ponto, e declararam francamente que ignoravam similhante plano, e que, á excepção de D. Miguel Pereira Forjaz, nenhum d'elles sabia cousa alguma. Os mesmos governadores declararam na conta que dirigiram a sua alteza real sobre este objecto, que elles deram sempre as ordens que o commandante em chefe exigiu, sem que pela sua parte houvesse n'isto retardamento algum, cousa que evidentemente prova que o principal não occasionou n'isto demora, como os governadores declaram, e que se uma tal cousa succedesse, o que não está provado, deve isto recair em D. Miguel Pereira Forjaz.

Verificada a retirada para Lisboa dos povos da Beira e Extremadura, foi o principal Sousa que propoz todas as grandes medidas que se adoptaram, e sobre este ponto lhe faz o publico a mais inteira justiça. Até ao momento da entrada do principal Sousa no governo, o publico não tinha por este consideração alguma, eram os secretarios os que ordenavam, o que depois deixou de ter logar; repetia-se sempre e v. ex.ª mesmo muitas vezes o declarou, que os governadores tinham os braços ligados pelas ordens de sua alteza real, não podendo fazer cousa alguma, asserções que cessaram desde então, facto reconhecido pela rigorosa maneira com que se procedeu ao castigo do que tivera o titulo de marquez de Alorna. Os secretarios do governo eram tudo até áquella epocha, mas depois d'ella só têem sido o que deviam ser, ao passo que a influencia indirecta de mr. Stuart com mr. Forjaz diminuiu, sendo isto o que forma a grande base da querella de mr. Stuart contra o principal Sousa.

Logo que teve logar a chegada dos francezes ao Sobral e Villa Nova, foi o principal que chamou a attenção do governo sobre o abandono em que se achava o territorio do sul do Tejo, e que se Massena passasse este rio perdia-se todo o Alemtejo, do que resultou propor que se fizesse saber isto

ao marechal general, por lhe parecer que era uma cousa da mais alta importancia, e v. ex.ª verá uma copia da nota apresentada, e que se acha escripta com a maior moderação. Todavia, foi em consequencia d'esta proposição, tão moderada como necessaria, que mr. Stuart, erigindo-se em soberano de Portugal, lhe escreveu no seguinte dia a carta que aqui vae junta, intimando-lhe que pedisse licença para se retirar para Inglaterra, cousa que o principal Sousa desprezou, como devia fazer, mas que não deixa de ser um rasgo digno de um agente do governo francez, mas não de um ministro britannico!

Foi por via de mr. Stuart que o governo inglez foi informado de que o principal Sousa protestára contra a retirada de lord Wellington para as linhas de Alverca, e contra toda e qualquer expedição de tropas ao longo da costa de Portugal e da Hespanha, e esta informação, que mr. Stuart provavelmente teve de mr. Forjaz, é segundo toda a probabilidade da maior falsidade. O principal Sousa clamou contra o plano de abandonar e sacrificar as provincias da Beira e Extremadura nas mãos dos francezes, mas não poz obstaculos ao plano de lord Wellington, nem protestou, nem fez opposição alguma contra a execução do plano, conhecendo que a raia que elle não devia ultrapassar em similhante materia era a da representação, e foi a isto que elle se limitou.

A memoria do governador, dr. Nogueira, é um negocio de intriga, e basta lel-a para ver que ella vae muito alem dos verdadeiros principios em iguaes materias. Seguramente os governadores do reino não têem o direito de se opporem aos planos de campanha do marechal general, nem mesmo o de o não auxiliarem nas suas operações; mas ninguem duvidará de que, se os governadores do reino viam ou previam as desgraçadas consequencias do plano adoptado, não fossem obrigados a representar ao marechal general similhantes inconvenientes, e de fazel-os conhecer aos dois governos, portuguez e britannico, sendo, portanto, absurda e insustentavel a idéa de mr. Nogueira quando recusa simillhante direito aos governadores.

Diz mr. Stuart que o principal Sousa o ameaçou de pedir os seus passaportes e partir para o Brazil quando lhe censurou intrometter-se nos negocios militares; mas é muito provavel que tudo o que o principal disse por então se limitasse a declarar que, a olharem-no como um homem nocivo a sua alteza real, elle pediria a sua demissão, como effectivamente pediu; e foi muito singular que mr. Stuart, que poucos dias antes lhe tinha quasi ordenado que partisse para Inglaterra, não o secundasse então nas suas intenções de pedir a sua demissão.

Á vista, pois, d'isto v. ex.ª confrontará agora a conducta de mr. Stuart com a do principal Sousa, e decidirá qual dos dois é mais nocivo á causa commum dos dois paizes. O primeiro liga-se com um secretario do governo para se oppor á marcha natural dos negocios, procura sustentar uma intriga que no fundo se acha ligada com os inimigos do systema federativo que actualmente existe, protege as pessoas vendidas aos francezes, e que por este motivo se fizeram saír de Portugal, despreza a opinião dos governadores, intimando a retirada para Inglaterra a uma parte d'elles, semeia a divisão entre esses governadores, quer forçal-os a irem para Inglaterra sem ordem do seu soberano, e finalmente pelo seu orgulho e pelos seus discursos revolta contra si todos os bons portuguezes. O segundo, ligado por principios ao systema federativo inglez, representa os inconvenientes da adopção de um plano de que prediz as fataes consequencias, e que quando destruisse o exercito de Massena, privava Portugal pelo menos de um terço dos seus recursos, propõe que isto mesmo se declare ao marechal general e ao governo inglez; mas vendo adoptado esse plano, sustenta-o, e faz pela sua parte tudo quanto é possivel para lhe diminuir os inconvenientes. Julgo, mylord, que depois d'este parallelo da conducta de mr. Stuart e do principal Sousa, é evidente que todas as queixas são contra o primeiro, e que a conducta do segundo, podendo ser alvo de um rigoroso exame, se acha ao abrigo de toda a imputação.

Depois de tudo o que acabo de expor a v. ex.ª, e que se funda sobre factos authenticos, sua alteza real o principe regente, meu amo, julga que seria contra a sua propria dignidade e os interesses da sua corôa exonerar um governador que o tem servido com zêlo e fidelidade, sem que a nação em geral veja que motivos politicos de uma ordem superior o levem a tomar uma tal resolução, e sem que tenha logar a remoção de pessoas suspeitas, a respeito das quaes sua alteza real me encarrega de vos dizer que se sua magestade britannica consente em retirar de Lisboa o seu enviado, mr. Stuart, e se não se oppõe a que sua alteza real ordene a D. Miguel Pereira Forjaz que deixe a secretaria do governo e que aqui venha dar conta da sua conducta, em tal caso sua alteza real expedirá para Lisboa a acceitação da demissão pedida pelo principal Sousa, a fim de se retirar do governo no mesmo momento em que mr. Stuart apresentar as suas cartas de revocação; e sua alteza real julga que obrando de similhante maneira dá uma nova prova de verdadeiro affecto e inteira adhesão para com os desejos e vontades de sua magestade britannica, consentindo na exoneração de um subdito fiel, e que lhe tem manifestado o maior zêlo e dedicação, não pedindo em troca mais que uma reciprocidade necessaria para tranquillisar a nação, que, exasperada pelas desgraças succedidas depois de tantos sacrificios inuteis, abertamente se queixa das pessoas a quem se refere o citado chamamento.

Eis-aqui, mylord, o que sua alteza real me encarregou de vos fazer saber confidencialmente, esperando que, apesar da vossa resistencia e opposição ao que acabo de ter a honra de vos expor, fareis subir tudo ao conhecimento de sua magestade britannica, vosso augusto amo, o qual, conhecendo o caracter justo e virtuoso de sua alteza real e a sua adhesão para com sua magestade britannica, fará justiça aos principios que servem de base e apoio aos sentimentos de sua alteza real, e que parecem ser de uma eterna verdade.

Sua alteza real tambem me ordenou de vos declarar que encarregou o seu embaixador em Londres de fazer estas mesmas representações e pedir a ellas uma resposta, a fim

de a enviar para Lisboa, e obrar de perfeito e inteiro accordo. Sua alteza real faz tambem conhecer isto mesmo a lord Wellington, para lhe dar mais esta prova da sua inteira confiança.

Tenho a honra de ser com os sentimentos da mais perfeita e alta consideração, mylord visconde de Strangford, de v. ex.ª o mais humilde e obediente creado. = *Conde de Linhares.*

Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 7 de fevereiro de 1811.

N. B. — O original estava em francez, de que a precedente é traducção.

DOCUMENTO N.º 95-A

(Citado a pag. 136)

Carta de lord Wellington a Carlos Stuart, queixando-se dos governadores do reino não terem feito observar as suas propostas para a remoção dos generos alimenticios entre o Tejo e o Mondego

Pero Negro, 1 de novembro de 1810.

Não duvido que o governo portuguez produza volumes inteiros para provar que deu as ordens relativas a tudo o que esta carta contém; mas seria muito para desejar que elle fizesse conhecer se os magistrados ou todos os outros individuos têem sido punidos por não terem obedecido a estas ordens. O facto é que o governo, depois da nomeação do principal Sousa como membro da regencia, imaginou que a guerra podia ser feita sómente sobre a fronteira (o que eu e os officiaes d'este paiz dissemos sempre ser impossivel), e em logar de dar as ordens positivas sobre todas as medidas exigidas pelo acontecimento mais provavel, a *retirada dos alliados,* o governo perdeu muito tempo em discutir commigo a conveniencia de uma medida inteiramente impraticavel, e esqueceu-lhe ordenar tudo o que era preciso para a evacuação do paiz situado entre o Tejo e o Mondego.

E quando, finalmente, se convenceu de que o exercito se retirava, impoz-me esta tarefa, posto dever saber que eu ignorava inteiramente os nomes dos magistrados que deviam fazer executar as leis, o logar onde residiam e a natureza das suas diversas funcções. Alem d'isto eu não tinha junto a mim senão uma só pessoa que podesse escrever o portuguez.

Obrigado a publicar elle mesmo as suas ordens, o governo quiz ainda que a execução e os detalhes d'ellas me pertencessem, e isto sem me prevenir, sem lhe prestar o meu consentimento, sabendo bem que eu não tinha meio algum, qualquer que elle fosse, de estabelecer communicações atravez de todo o paiz, e fez estas publicações no momento em que o inimigo deixou Almeida para seguir para a frente. Se eu não tivesse podido demorar o inimigo no Bussaco, teria elle chegado onde presentemente está muito tempo antes que as ordens tivessem ido ao seu destino. Toda esta conducta deve ser attribuida á mesma causa, o desejo de evitar uma medida que, posto que util aos verdadeiros interesses do paiz, desarranjava os habitos indolentes e a doce vida dos habitantes [1], e o desejo de lançar sobre mim e o governo inglez todo o odioso d'esta medida.

Confessei na minha proclamação que eu era o auctor d'ella, podendo o governo pôr-se ao seu abrigo, attenta tal declaração; mas elle tem tido por principio, na verdade cousa muito recente, procurar a popularidade, e por conseguinte nada adoptará que desagrade á populaça de Lisboa, posto que seja salutar ao paiz.

[1] Chama lord Wellington desarranjar os habitos indolentes e a doce vida dos habitantes da Beira e Extremadura o serem obrigados com pena de morte a deixarem as suas casas, a inutilisarem tudo o que comsigo não podessem trazer para Lisboa, para onde com as suas familias se deviam recolher, e finalmente serem elles os proprios que se reduzissem á miseria pelo estrago total da sua fortuna, incluindo a destruição dos moinhos para com aquelles que os tivessem por seus! Se esta medida houvesse de se executar na Inglaterra, estou certo que lord Wellington a havia de encarar por outro modo.

Não posso convir em que seja justo para o secret
d'estado admirar-se de que esta medida devesse ser
executada quando completamente o foi na Beira Alta, ai
que o exercito se achasse lá e empregasse em seu serv
todos os meios de transporte. Nenhum individuo ficou lá
a exceptuar Coimbra, onde nem a minha auctoridade, n
mesmo a minha influencia se fizeram sentir, tambem lá
ficaram viveres, nem recursos alguns. Todos os moinhos
bre o Coa, o Mondego e os seus affluentes foram postos
estado de não poderem servir. Mas lá não se discutia so
a conveniencia de manter a guerra sobre as fronteiras.
ordens eram dadas, foram executadas a tempo e o inim
soffreu muito.

N'esta parte de Portugal, apesar de toda a vantagem
haver um logar de refugio onde os habitantes se podess
encerrar, ainda que a retirada por agua lhes ficasse ab
e o Tejo fosse navegavel sobre muitos pontos na epocha
que tinham a transportar os seus bens sobre a margem
querda, e por cumulo de fortuna elle tivesse engross
quando o inimigo se approximou, os referidos habitan
abandonaram as suas habitações como o fariam em todas
circumstancias, sem attenderem ás minhas ordens ou áqu
las do seu governo; mas elles deixaram atraz de si tud
que podia ser util ao inimigo e á nutrição do seu exerci
os seus moinhos ficaram intactos. Por este modo o inim
póde achar-se defronte de nós, posto que as suas commu
cações com Hespanha e os outros corpos do exercito estej
cortadas, e se as provisões que achou são sufficientes e
conserva, o que eu não posso saber, ser-lhe-ha possivel c
tinuar aqui a permanecer até que o exercito da Hespanha
lhe venha reunir. Creio que sómente Santarem e Villa Fr
ca, pela sua posição sobre o Tejo e pelos seus proprios
cursos, poderão fornecer viveres ao inimigo por longo te
po. Isto fará ver a differença de uma medida executad
proposito, e esta mesma medida retardada até ao ult
momento. Desejo que o paiz, assim como os alliados,
sintam a experiencia das consequencias funestas que p

te amor da popularidade que mostra a regencia de Por-
. Esta regencia tem pelo mesmo motivo retardado por
os meios possiveis a execução de uma outra medida
mmendada ulteriormente, tal como a de pôr em logar
ro todos os bens transportaveis dos habitantes do Alem-
não se adoptando por fim senão contra vontade. Como
ostume, ella encetou commigo uma discussão sobre a
ssidade de impedir o inimigo de passar o Tejo, para o
me enviou um dos seus officiaes civis com o fim de re-
r as minhas instrucções, depois ella lhe transmittiu umas
as de . . . , sobre as quaes me proponho fixar a attenção
ua alteza real o principe regente e tambem do governo
ez. Ambos elles verão de que maneira a regencia actual
disposta a cooperar commigo.

A ordem addicional de 30 de outubro, datada de 5 nas
essas de mr. Forjaz, mostra que a mesma regencia acha-
insufficientes as instrucções dadas ao desembargador Ja-
tho Paes de Mattos. Posso-me ter enganado sobre o sys-
a de defeza a adoptar para este paiz, e o principal Sousa,
im como os outros membros da regencia, podem ser me-
res juizes do que eu da capacidade das tropas e das ope-
ões a fazer. N'este caso devem desejar que sua magesta-
e o principe regente me retirem o commando do exercito.
s elles não podem duvidar do meu zêlo pela causa em
e nos achâmos empenhados, e sabem que eu não tenho
a só hora, um pensamento, que não sejam empregados
fazer triumphar esta causa. Os annaes do governo por-
guez mostrarão o que eu tenho feito, tanto para o governo,
mo para o paiz. Se, portanto, os membros d'este governo,
o pedindo a minha remoção, não mostram descontenta-
ento, nem falta de confiança nas medidas que adopto, elles
obrigados por dever de honra como homens, e por fide-
ade como subditos votados ao seu principe, a obrarem de
certo commigo, empregando todos os meios ao seu al-
ce, não devendo por conseguinte paralysar estas medi-
, ou seja por uma opposição aberta, ou seja por demoras
iscussões interminaveis. N'outro tempo tinha eu a satis-

fação de ser secundado e sustentado pelo governo, e sinto que se tenha obtido de sua alteza real o principe regente o fazer n'elle uma mudança, cujos resultados são tão evidentemente funestos ao seu povo e aos seus alliados.

A respeito das operações sobre a esquerda do Tejo tenho sempre acreditado que as ordenanças são capazes de embaraçar o inimigo de enviar para ella as suas partidas de forrageadores, e estou pouco disposto a preparar n'ella uma resistencia mais real, bem persuadido que desde que as circumstancias tornarem necessaria a retirada das tropas que se houvessem postado sobre a esquerda do rio, as ordenanças se dispersariam. A verdade é que apesar da opinião de alguns membros do governo, todo o portuguez nas mãos de quem se mette uma espingarda não se constitue por isto um soldado em estado de fazer face ao inimigo. A experiencia que falta ás pessoas que acreditam n'isto me tem feito conhecer quanto se enganam, e como se podem empregar as differentes tropas nacionaes. Seria para desejar que o governo deixasse exclusivamente ao marechal Beresford e a mim todo o cuidado das disposições militares. A conducta do governador de Setubal é sem duvida alguma a causa dos inconvenientes que presentemente se sentem na margem esquerda do Tejo. Elle fez avançar a sua guarnição para o rio em sentido contrario ás suas ordens, não reflectindo (talvez o podesse elle saber menos do que eu), de que a ser atacado n'esta posição, como isto teria tido provavelmente logar, toda a sua gente teria sido dispersada, e então Setubal, assim como o regimento que a devia occupar, teriam sido perdidos. Foi necessario por conseguinte e em todo o caso prevenir esta desgraça, e ordenar ás tropas a sua retirada de Setubal; as ordenanças têem-se dispersado como de ordinario; são quinhentas armas novas que o governo perderá, e alem d'isso algumas peças de calibre 3, se o inimigo podér passar o Tejo a tempo.

Eis-aqui o que acontece logo que as pessoas, que nada entendem dos negocios militares, se propõem fazer manobrar as tropas sem conhecerem o uso que d'ellas se póde tirar.

Entretanto acho-me precisado de enviar um destacamento sobre a esquerda do Tejo, o que é nocivo ao exercito. = *Wellington*.

DOCUMENTO N.º 95-B

(Citado a pag. 136)

Carta de lord Wellington a Carlos Stuart pedindo castigo para os desertores de milicias

Pero Negro, 28 de outubro de 1810.

Os gados e outros artigos de necessidade, que o governo devia ter feito tirar das lezirias, lá se acham ainda. É mais que provavel que o secretario d'estado D. Miguel Pereira Forjaz, que esteve hontem em Alhandra, terá visto estas provisões. Folgarei de saber se o governo se propõe punir os magistrados que têem desobedecido ás suas ordens, que o têem enganado com falsos relatorios, e como é que elle os punirá. Os officiaes e soldados de milicias que estão ausentes dos seus corpos são sujeitos a castigos, dos quaes uns são puramente militares e outros civis. Primeiramente elles podem perder tudo o que lhes pertence em propriedade, quando deixem os seus corpos sem permissão; em segundo logar elles podem ser enviados para os regimentos de linha pela mesma falta; e finalmente elles são sujeitos a todos os castigos infligidos aos desertores pelos tribunaes militares. São os magistrados os que devem pronunciar sobre as duas primeiras penas, e estimaria muito que se mostrasse um só exemplo dos magistrados de Lisboa terem obedecido á lei em similhante caso ou em que o governo os tenha a isso constrangido. Rogo, portanto, que se façam conhecer os nomes dos officiaes e soldados que em Lisboa têem deixado sem licença os regimentos de milicias; que se destituam publicamente um ou muitos dos principaes officiaes por haverem vergonhosamente desertado do seu posto no momento do perigo; que se apprehendam todas as propriedades dos

soldados milicianos ausentes sem licença, e que estes homens se enviem para os corpos de primeira linha.

Rogo que se adoptem estas medidas sem distincção de individuos, nem de regimentos, e que se executem as leis *bona fide*. Por este modo me convencerei da boa intenção das auctoridades, e de que desejam sinceramente salvar o paiz; mas se as cousas têem de continuar como até aqui tem succedido, se a Gran-Bretanha deve conceder soccorros immensos e de toda a natureza para fazer triumphar uma causa para a qual os que n'ella são mais interessados não tomam parte alguma; e se os membros do governo, ainda que prevenidos, em logar de se servirem das leis e de todo o poder de que dispõem para forçarem o povo a fazer o que convem nas criticas circumstancias em que o paiz se acha, desprezam o dever que tão altos interesses lhes impõe e não fazem executar as leis, então deverei ter como falsos todos os seus protestos, e que preferem uma abjecta popularidade á gloria de salvarem o seu paiz; que infieis ao seu senhor, os seus alliados não porão n'elles confiança alguma. A respeito das leis militares com certeza serão executadas, e um dia virá em que os militares que têem trahido os seus deveres n'estes momentos de crise serão punidos como merecem.

Os governadores do reino esquecem as innumeraveis advertencias que lhes têem sido dirigidas sobre os vicios dos seus tribunaes militares, vicios que, logo que a guerra se acha travada, tornam as sentenças dos ditos tribunaes inteiramente irrisorias. Citarei em apoio d'isto o caso dos officiaes do regimento de milicias de Oliveira, os quaes, tendo-se conduzido mal no negocio que teve logar em Villa Nova de Foscoa no começo do mez de agosto ultimo, fizeram com que se lhes convocasse um conselho militar, o qual ainda até hoje não deu sentença, apesar de estarmos actualmente no fim de outubro, e provavelmente não a pronunciará antes do Natal. A mesma cousa tem logar a respeito dos desertores milicianos. Reunem-se com muito trabalho os officiaes necessarios para o conselho, e o julgamento faz-se esperar por um

...o tal, que se não tira proveito algum do exemplo que ...uz um castigo infligido a proposito.
...ão se tem deixado de fazer ver ao governo quanto vi... é simillhante administração, indicando-lhe os meios de ...ediar tantos abusos; estes meios têem por si a sanc... do principe regente, mas o governo não os tem que...lo adoptar. Melhor era que não houvesse taes leis mili...res, do que ter as que existem e não serem executadas. = ...*Vellington*.

DOCUMENTO N.º 96

(Citado a pag. 140)

Carta dirigida por lord Wellington ao principe regente de Portugal queixando-se do principal Sousa[1]

Senhor! — Os governadores do reino terão sem duvida transmittido, para ser levada á real presença de vossa alteza real, uma relação circumstanciada dos recentes successos e negocios do reino de Portugal, e por isto não julgaria eu necessario incommodar com esta na presente occasião a vossa alteza real, se acaso algumas discussões que ha pouco hei tido com os governadores do reino não tornassem para mim mui desejavel o fazer conhecer a vossa alteza real a natureza das opiniões que tenho mantido e os principios sobre os quaes me hei estribado e operado.

Vossa alteza real está informado que até ao momento da recente mudança que houve no governo d'este reino eu tive a boa fortuna de gosar da confiança e boa opinião dos governadores do reino, e não obstante a magnitude, a variedade e o intrincado dos negocios que eu tinha tratado com os mesmos governadores do reino não existiu jamais differença de opinião sobre qualquer dos pontos importantes de

[1] O signatario mandou-a aberta aos governadores do reino para depois seguir o seu destino.

que tratavamos. Quando a paz foi feita na Allemanha em o mez de outubro de 1809, tornou-se então necessario que eu considerasse sobre o systema de operações que devia ser seguido e observado pelos exercitos alliados de vossa alteza real e de sua magestade britannica, cujo commando me havia sido confiado. Este systema devia ter por base uma referencia no seu todo á situação e negocios da peninsula, sendo igualmente attendida a descripção de tropas de que se compunham os exercitos e a defensa dos dominios de vossa alteza real. Havendo n'esta conformidade formado o meu plano, de concerto e accordo com o marechal Beresford, passei das fronteiras da Beira, onde então me achava nos principios do mez de fevereiro passado, a Lisboa de proposito e com o fim de o communicar aos governadores do reino, o que com effeito fiz, e recebi sobre elle a approvação dos mesmos governadores, incluindo a do patriarcha.

É escusado o fastidiar a vossa alteza real com a relação dos differentes detalhes d'este plano. Foi elle fundado sobre um indubitavel facto, isto é, que o exercito alliado, que eu tinha a honra de commandar, era o unico corpo organisado, existente na peninsula, que podia manter o campo contra o inimigo. Julguei ao mesmo tempo que a força e estabilidade do governo de vossa alteza real, o ponto de communicação com a sua real pessoa e com o governo de sua magestade britannica essencialmente exigia que os alliados retivessem a posse de Lisboa e do Tejo, quando por outro lado sabia muito bem o quanto conviria ao inimigo o obter a posse d'estes pontos. Igualmente abracei o expediente que requeriam as existentes circumstancias da guerra da peninsula de evitar arriscar a decisão de toda a contenda a uma acção geral, cujo resultado poderia talvez, por circumstancias não previstas, ser duvidoso.

Em conformidade a estes ponderados e assás fortes motivos tomei por um dos principaes objectos da minha attenção a posse de Lisboa e do Tejo. Differentes outros objectos foram tambem considerados, porém deviam ficar subordinados aos primeiros, e mantidos ou não segundo as circum-

tancias do momento ou apparencias que se apresentassem de bom successo na lucta que teria a manter com as forças que o inimigo destinasse para obter as suas respectivas posses. Estes principios foram plenamente entendidos e approvados, como igualmente o foram os detalhes do plano fundado sobre elles, e tenho invariavelmente obrado em sua conformidade em todas as operações que hei dirigido desde que tomei o commando do exercito alliado.

Infelizmente uma das personagens ultimamente nomeadas por vossa alteza real para ser um dos membros do novo governo não approvou o plano de operações ou mesmo dos principios em que elle se estribava, ao mesmo tempo que, quando vossa alteza real foi servido nomear-me marechal general dos seus exercitos, e me concedeu as mesmas graças, prerogativas e isenções que em tal ponto gosou o duque de Lafões, vossa alteza real por esta fórma me constituia (e não ao governo local de Portugal ou qualquer dos seus membros) responsavel pelo plano e direcção das operações militares. Em todo o caso sua magestade britannica, por quem me ha sido confiado o commando do seu exercito em Portugal, me considera responsavel pelas operações, honra e segurança do seu exercito, ao mesmo passo que me não convinha o deixar que individuo algum (qualquer que seja a sua alta situação) se intromettesse na execução de deveres peculiares e exclusivamente (segundo o meu parecer) no seu todo meus.

O principal Sousa ha, comtudo, sido de opinião que a guerra devia em todo o caso ser mantida sobre as fronteiras da Beira; que operações sobre a offensiva deviam ter sido mandadas dentro do territorio hespanhol, e que se devia dar uma batalha a todo o risco, e d'esta maneira entretido o inimigo; e opinando sobre os differentes detalhes das operações, offerecia infinidade de pareceres em uma materia que a meu ver nada devia ter com ella. Inclinado e decisivamente aferrado ao seu parecer e systema de plano, que julgou se devia ter adoptado em contradicção áquelle sobre o qual eu apoiava as operações de campanha, pôde, por effeito da sua influen-

cia sobre os demais membros do governo, prevalecer com elles que omittissem e demorassem o determinar que fossem executadas muitas das medidas que eu recommendava, calculadas a ajudarem com o seu resultado as operações militares, assim como a serem uteis aos habitantes do reino. Estas perniciosas dilações em momento de tanta seriedade tinham por motivo o ser-me referido, e por conseguinte a discussão sobre a adopção do plano que o principal Sousa preferia.

Como se fazia mui provavel que talvez uma combinação de circumstancias tornasse conveniente e acertado o trazer a contenda a uma decisão nas vizinhanças da capital, era por isso mesmo necessario que as diversas divisões de que o exercito se compunha fossem retiradas da fronteira. No meio tempo recommendei ao governo que determinasse aos povos mais expostos que se removessem para alem do alcance do inimigo, e que levassem comsigo, em tanta parte quanta lhes fosse possivel, todos os seus effeitos de valor e tudo aquillo que podia (quando encontrado) ser util ao inimigo, e que ao mesmo passo inutilisassem todos os moinhos das terras que deixassem.

Uma similhante medida tinha sido com muito bom successo adoptada na Beira Alta, em conformidade ao prescripto n'uma proclamação que fiz aos povos, e sem duvida poderiam em toda a sua extensão ser effectivamente postas em execução, e até mesmo com vantagem para os habitantes das outras partes mais remotas do reino; comtudo, dependiam os seus felizes effeitos, no fim a que nos propunhamos, tão sómente de que fossem adoptadas nos primeiros momentos do periodo em que o meu ardente desvelo pelo bem dos povos me deliberou a recommendal-as á attenção dos governadores do reino. Desgraçadamente, porém, foi demorada a sua execução, respectivamente ao territorio situado entre o Mondego e o Tejo, até aos ultimos momentos, em rasão das varias discussões que então subsistiam, assim como por differentes pretextos que se offereciam, e muito principalmente porque o principal Sousa entendia que a guerra devia man-

e nas fronteiras. Não tiveram os povos por consequen-
empo para dar á execução tão saudaveis medidas, e in-
mente o inimigo ha achado na Extremadura todas as
sas que não sómente podiam cooperar para o seu con-
to, mas até mesmo para a sua subsistencia, e para o habi-
r a manter a sua posição em Portugal, não obstante que
circumstancias locaes (como vossa alteza real terá pre-
nte) da Extremadura portugueza offerecem infinidade de
ios para serem removidos os indicados objectos e effeitos
ra fóra do alcance do inimigo, e que talvez não existam
es proporções em muitas das outras partes do paiz.

Apesar, porém, de eu ter adoptado aquelle plano de ope-
ções que hei até aqui seguido e abraçado, depois de haver
to sobre elle a mais madura e séria reflexão, ao mesmo
sso que a experiencia diaria me deixa de mais a mais con-
ncido do quanto elle é util e acertado, e visto o estado
s cousas com que luctâmos, póde muito bem ser possivel
e o principal Sousa haja acertado no seu plano, ao mesmo
mpo que eu tenha errado no meu, e que n'esta ultima sup-
sição haveria sido muito acertado o expediente de adoptar
systema recommendado por elle, importando pouco que
julgasse que a dolorosa experiencia derivada dos aconte-
mentos desastrosos e desgraças na Hespanha excluia um
systema de toda ou ainda mesmo parcial acceitação; po-
m, ainda mesmo n'este caso direi sempre que apesar de
do os governadores do reino deveriam ter adoptado sem
mora as medidas que julguei acertado recommendar, e
veriam igualmente ajudar e conformar-se com o plano
bre o qual eu estribava (a meu ver com acerto) as opera-
ões da campanha.

Hei já n'esta expressado a vossa alteza real que alguns
s governadores do reino, incluindo o patriarcha, approva-
m o plano que formei; porém, ainda que não tivessem
té mesmo admitto que o principal Sousa o desapprovava),
a não *obstante* dos deveres dos governadores do reino
udarem a cooperar com todos os seus esforços e meios a
m *de tal plano*, e muito principalmente não atravessar,

nem demorar a execução de medidas que eu recommendava. Se acaso eu errava ou me mostrava incapaz de executar os deveres da minha situação e da grande confiança que se havia depositado em mim, eram então os meios mais expedientes que deviam abraçar os governadores do reino o pedirem a vossa alteza real e a sua magestade britannica que se dignassem demittir-me do commando que se me havia confiado; porém, no emtanto que eu continuava a exercel-o, os governadores do reino, não sómente como personagens de tanta probidade, mas tambem como desejadores do melhor bem da sua patria, deviam secundar e cooperar para ter effeito o que eu recommendava.

Ha sido, pois, a consequencia da opposição occasionada pelo principal Sousa contra as indicadas medidas o terem ellas ficado improcedentes e parte dos territorios de vossa alteza real, assim como do seu povo, estão agora supportando vexames e mui pesados soffrimentos. A influencia do principal Sousa se ha por tal modo manifestado perniciosa, que por isto deixo ás sabias determinações de vossa alteza real decidir se acaso será conveniente que esta personagem continue a ser um dos membros do governo. É com muita magua que eu levo á presença de vossa alteza real esta representação. Estou plena e amplamente convencido e certo no mui alto patriotismo e perfeita inteireza das intenções do principal Sousa, e da sua connexão e estreita união com personagens da mais alta graduação no serviço de vossa alteza real e de relevante consideração n'este reino. Não devo, comtudo, occultar a vossa alteza real que não tenho tratado com gosto ou satisfação os negocios que se hão offerecido entre mim e o governo d'este reino desde que o principal Sousa ha sido um dos membros do mesmo governo. Toda a confiança mutua se ha extincto, e n'esta triste situação vossa alteza real poderá julgar se é compativel ou mesmo possivel que as cousas continuem a girar em um tão deploravel estado.

É desnecessario que eu incommode a vossa alteza real com uma relação circumstanciada respectiva aos sentimen-

tos e maneira de pensar de cada uma das personagens que constituem na classe de membros o governo local d'este reino, em respeito ás questões a que é relativa esta representação. Sufficiente será o dizer a vossa alteza real que em recentes instancias eu creio que o maior numero dos referidos membros do governo se hão peremptoriamente decidido a abraçar as medidas que eu lhe hei recommendado para o bem do estado, e não hão soffrido que fossem demoradas por meio de novas referencias ou discussões suggeridas pelo principal Sousa. Estou por isto mesmo cada vez mais convencido que no caso do principal Sousa ser demittido do governo os negocios publicos serão manejados com a mesma invariavel satisfação que eu sempre derivei até ao momento da nomeação do principal Sousa para um dos membros do governo.

Não devo concluir esta representação a vossa alteza real sem mencionar, em justiça e abono meu, que não hei jamais prestado ou introduzido o meu parecer sobre as deliberações do governo em algum assumpto que não fosse immediatamente connexo com o serviço militar, menos que me não seja previamente pedido. As differenças de parecer que tem havido entre mim e o governo (ou mais propriamente fallando com o principal Sousa), hão sido em assumptos exclusivamente militares, ou sobre outros intimamente connexos com as operações da presente campanha, pois que em nada mais, alem d'estes negocios, tomo a menor parte.

Deus guarde a vossa alteza real por felizes e dilatados annos. Quartel general do Cartaxo, novembro 30 de 1810. = Senhor: beija a real mão de vossa alteza real o seu mais humilde e fiel servo. = O marechal general, *Wellington*.

DOCUMENTO N.º 96-A

(Citado a pag. 142)

Officio do conde de Linhares para o embaixador de Portugal em Londres sobre o procedimento dos generaes inglezes, e pouca confiança que mereciam na côrte do Rio de Janeiro D. Miguel Pereira Forjaz e João Antonio Salter de Mendonça

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Recebi e levei á augusta presença de sua alteza real o principe regente, nosso senhor, o officio em primeira e segunda via que v. ex.ª me dirigiu, referindo a gloriosa acção do Bussaco e a successiva retirada do exercito portuguez e inglez, para vir occupar a forte posição de Alverca a Torres Vedras e Mafra; e sua alteza real approvou muito que v. ex.ª se servisse na occasião de navios mercantes para communicar tão interessante noticia na falta de paquete. Esta noticia, que de uma parte deixa a consoladora esperança de que o general Massena, separado dos seus armazens mais de 40 leguas e cercado de toda a parte de tropas inglezas e portuguezas, não poderá deixar de ser victima da atrevida resolução que abraçou, da outra chegou aqui acompanhada de tão tristes relações da ruina que causára ás provincias da Beira e Extremadura, que não póde deixar de commover o piedoso e benigno animo de sua alteza real, tanto mais vivamente, quanto que o estado do exercito nacional e do auxiliar parecia pela sua força dar logar a esperar que podesse obrar offensivamente e defender o reino na fronteira, não se atrevendo o inimigo a entranhar-se pelo interior do reino.

Se todo este successo moveu e agitou o piedoso animo de sua alteza real, muito mais o affligiu e inquietou o ver que os agentes inglezes, de que tanto tem havido até aqui que louvar-se, de repente pareceram mudar de sentimentos, e querer separar-se dos governadores do reino, que em tão criticas circumstancias haviam julgado dever representar tanto ao marechal general lord Wellington, quanto á côrte

ondres, por via de v. ex.ª, sobre as tristes consequen- que se seguiam do plano adoptado, e do qual nada se participou senão no momento em que principiou a sua cução. Acresceu a isto que os mesmos agentes, não in- mados dos justos motivos com que o novo e energico go- no que sua alteza real nomeou havia segurado a tranquil- ade do reino, fazendo deter e transportar para fóra d'elle las as pessoas mais suspeitas de adhesão ao governo fran- z, quizeram oppor-se, como já disse a v. ex.ª, á execução sta medida, e fizeram retirar para Inglaterra muitos dos los culpados, sendo notavel que um dos protegidos do mi- stro britannico Stuart fosse o desembargador Netto, cujo ho foi depois apanhado, sendo mandado como correio por assena a Buonaparte.

Feriu tambem muito os olhos de sua alteza real o ver que o momento em que um governo energico, e que merecia confiança do povo, se mostrava disposto a concorrer com das as vistas e planos do marechal general, este se mos- asse pouco affecto ao mesmo governo, e só mostre pôr a a confiança nos dois secretarios do governo, João Antonio lter e D. Miguel Pereira Forjaz, que ambos têem de todo rdido a confiança da nação, e que sua alteza real não póde nsiderar como bons servidores e zelosos dos interesses da a real corôa.

Do quadro que acabo de expor a v. ex.ª ser-lhe-ha facil ncluir a justa inquietação em que sua alteza real fica a speito da situação do reino e da sua futura defensa, e da cessidade que ha de que v. ex.ª faça chegar ao conheci- ento de sua magestade britannica, por via do marquez de ellesley, quanto sua alteza real julgaria conveniente que procurasse fazer cessar todo o germen de desconfiança e possa existir entre os governadores do reino e o mare- al general lord Wellington, e que se fizesse conhecer a te ultimo que sempre acharia os governadores do reino spostos a concorrerem para a execução dos seus planos, da a inteira confiança que o seu genio e talentos militares reciam a sua alteza real, mas que tambem era justo que

s. ex.ª, em occasião tão extraordinaria como a prese
zesse conhecer aos governadores com antecipação o
devia executar, para que elles concorressem com as
das necessarias, e não vissem com surpreza chegar á
tas de Lisboa quarenta ou cincoenta mil fugitivos da I
Extremadura, com os quaes não contavam.

Igualmente julgava sua alteza real que era indisp
estabelecer e fundar cada vez mais aquella união, q
alteza real tanto havia procurado promover entre o
agentes e os de sua magestade britannica, e que de
outra parte assim se declarasse, advertindo-se tambe
mutuamente se deviam respeitar aquelles em quem s
nhecesse verdadeira fidelidade e amor aos seus resp
soberanos, e detestar aquelles que por intriga queri
nhar a benevolencia d'aquelles de quem dependian
attender ao que o serviço dos dois soberanos e o in
das duas monarchias deviam imperiosamente exigir.
mente v. ex.ª faria um grande serviço a sua alteza
obtivesse fazer conhecer bem isto mesmo ao gover
tannico, e se igualmente lhe deixasse ver bem os car
de muitas pessoas que hoje o illudem, e que muito c
a sua alteza real que sejam desmascaradas.

Por esta mesma occasião conviria muito que v. e
trasse no objecto de lhe fazer conhecer quanta ene
necessaria ao nosso governo para intimidar e conter
rentes de muitas pessoas da nobreza e magistratur
desgraçadamente se entregaram aos francezes, e qu
procuram favorecer a sua causa; e debaixo d'este po
vista entram as representações que sua alteza real m
fazer sobre os que foram deportados, e que acharan
tecção nos agentes inglezes, com grave escandalo de
os bons portuguezes.

Tambem seria agora o momento de poder conhecer
o governo britannico se propõe fazer na proxima ca
a favor de Portugal, e de ter emfim alguma respost
este objecto, e sobre os outros não menos essenciaes,
o dos direitos eventuaes de sua alteza real a princez

nhora e o do partido que se deve abraçar a respeito das
ovincias de Buenos Ayres, onde ainda agora continúa a in-
rreição.

Eis-aqui tem v. ex.ª os grandes objectos que sua alteza
eal lhe manda recommendar, e que espera que v. ex.ª siga
om o mais incansavel zêlo até poder dar respostas satisfa-
torias sobre tão interessantes objectos, e que tanto convem
lucidar a bem do real serviço.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 10
le fevereiro de 1811. = *Conde de Linhares.* = Para o conde
do Funchal, embaixador de Portugal em Londres.

DOCUMENTO N.º 97

(Citado a pag. 142)

fficio do conde de Linhares para o embaixador portuguez em Londres, defendendo o principal Sousa, censurando o plano de lord Wellington e pedindo a remoção de Carlos Stuart e de D. Miguel Pereira Forjaz

Ill.^mo e ex.^mo sr. — Sua alteza real o principe regente nosso
senhor manda remetter a v. ex.ª a carta que lord Wellington
lhe dirigiu sobre o principal Sousa, um extracto dos papeis
confidenciaes que lord Strangford recebeu da sua côrte ao
mesmo respeito, a memoria confidencial que lhe dirigiu, ou-
tra nota confidencial que me entregou, e finalmente a res-
posta que lhe dei por ordem de sua alteza real, a que tam-
bem se une copia da resposta que sua alteza real manda dar
á carta de lord Wellington.

De todo este complexo de memorias verá v. ex.ª que o
principal Sousa, victima do seu puro zêlo e fidelidade a sua
alteza real o principe regente nosso senhor, e das intrigas
que D. Miguel Pereira Forjaz e talvez Salter urdiram com
Stuart contra elle no momento em que no meio da mais te-
rrivel crise fez a sua alteza real grandes serviços, segundo a

voz publica e geral, é considerado pelos agentes inglezes como nocivo ao serviço de sua alteza real e da causa commum, emquanto membro do governo em Lisboa.

Sua alteza real, conhecendo perfeitamente a intriga, sendo-lhe muita suspeita a conducta de mr. Stuart, julgou que para cohonestar no publico a demissão do principal Sousa, que elle mesmo pede, cujo zêlo, intelligencia e pureza de sentimentos são geralmente conhecidos, era indispensavel pedir a sua magestade britannica o sacrificio de uma pessoa igualmente odiada em Lisboa, e que afastando-se da referida cidade, assim como D. Miguel Pereira Forjaz, se fariam cessar as intrigas existentes, e se daria alguma satisfação ao publico sobre a demissão de um vassallo fiel, popular, intelligente e activo, e que por um tal modo se salva a dignidade da corôa; sendo certo que no momento actual daria grande desgosto retirar-se um tal servidor só por ter predito as funestas consequencias do plano de campanha que se adoptou, e que só poderia ser justo e proprio se Massena atacasse com duzentos mil homens, e que fosse necessario sacrificar o reino para salvar a capital, como ponto de communicação.

Sua alteza real declinou entrar no plano de campanha, porque não quiz dar logar a que se excite alguma decisão de que possam ser victimas os seus interesses, e por isso sua alteza real, limitando-se sómente ao que pede a dignidade da sua corôa, deixou sua magestade britannica arbitro da demissão do principal Sousa, mas insistiu em que se removesse mr. Stuart e D. Miguel Pereira Forjaz, anneis principaes da cadeia de intrigas que existem desde que mr. Stuart chegou a Lisboa, e que já haviam principiado com mr. Villiers, mas que elle tinha sabido habilmente conter.

O que sua alteza real ordena, e principalmente encarrega a v. ex.ª, é que faça conhecer isto mesmo a esse ministerio e que insista em que a demissão do principal Sousa, ainda que custa ao justo e pio animo de sua alteza real, não deve deixar de ter effeito se sua magestade britannica a julga necessaria para o bem da causa commum, e até para que lor

ngton não julgue que se conserva um governador que ulga ser-lhe opposto, mas que é indispensavel satisfa- ambem à dignidade e decoro da corôa de sua alteza real, e é indispensavel remover mr. Stuart, de quem ha tão s motivos de queixa, e separar dos negocios a D. Miguel eira Forjaz, que parece ser o unico que é verdadeira- nte culpado em todo este negocio.

Sua alteza real espera que v. ex.ª faça conhecer bem o ado da intriga a s. ex.ª o marquez de Wellesley, e que lhe eixe bem entender que sua alteza real deseja ter toda a onsideração por lord Wellington, em quem, alem dos seus randes talentos militares, reconhece toda a honra e probi- lade, mas que ha um limite que sua alteza real não póde assar, e é o sacrificio da dignidade da sua corôa, e que só n'este ponto é que insiste junto de sua magestade britannica.

V. ex.ª não deve deixar de fazer conhecer ao marquez de Wellesley que o principal Sousa foi sempre o maior admi- rador dos talentos militares de lord Wellington, que nunca houve entre elles divisão alguma de sentimentos, e que o ter o principal Sousa mostrado as consequencias do plano de campanha que se adoptou, não foi em opposição a lord Wellington, foi porque, conhecendo o paiz, previu os tristes effeitos que se deviam esperar, e que essa conducta era di- ctada pela sua consciencia, e não criminosa, tanto mais que em nada se oppoz a tudo o que o marechal general exigiu, e que todos os governadores do reino seguram que sempre se executára tudo o que lord Wellington requerêra. V. ex.ª ajuntará a isto a declaração que não é para conservar o prin- cipal Sousa no governo que faz estas declarações, mas sim para que se conheça a verdade e se corte pela raiz a intriga que póde e deve ser fatal á causa commum.

Sua alteza real se lisonjeia que v. ex.ª, com o seu conhe- cido zêlo pelo real serviço, conseguirá este objecto, em que sómente se trata de salvar a dignidade da sua real corôa; mas sua alteza real auctorisa a v. ex.ª para que no caso em que veja que a demissão do principal Sousa, sem indemnisa- ção do real serviço, é absolutamente indispensavel para im-

pedir maior frialdade ou indisposição decidida contra os inte-
resses da corôa de sua alteza real, que v. ex.ª possa escrever
ao principal Sousa que se demitta e que largue o logar de
governador, para que sua alteza real o manda auctorisar;
mas v. ex.ª não deve consentir n'este objecto, que é contra
a dignidade da corôa, senão quando vir imperiosas circum-
stancias que assim o exijam. E sua alteza real auctorisa mais
a v. ex.ª para que n'este caso procure dar algum ciume ao
ministerio por meio da opposição, se assim o julgar conve-
niente[1], vendo se é tambem possivel interessal-a para que
force o ministerio a continuar aquelles poderosos auxilios de
que Portugal necessita, muito mais depois que o plano de
campanha que se adoptou acaba de arruinar uma terça parte
do reino completamente.

Tenho assim amplamente informado a v. ex.ª do que sua
alteza real é servido encarregal-o em tão delicado negocio.
Nada consequentemente me resta senão segurar-lhe que sua
alteza real fica certo de que v. ex.ª, empregando a sua co-
nhecida intelligencia, zêlo e actividade pelo real serviço,
conseguirá salvar a honra e dignidade da corôa de sua al-
teza real, e promover para o futuro em Lisboa o estabele-
cimento de bons principios e de uma decidida intelligencia
e boa harmonia de que tanto se necessita para conseguir a
salvação do reino, de que tanto depende a conservação da
peninsula, e talvez até a existencia da civilisação da Europa,
de cuja total ruina nos achâmos cruelmente ameaçados.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 11
fevereiro de 1811. = *Conde de Linhares.* = Para o embaixa-
dor de Portugal em Londres.

[1] Por esta e outras passagens da sua correspondencia se vê que ao
conde de Linhares cabe com inteira justiça o epitheto de intrigante, que
elle dava a outros.

DOCUMENTO N.º 98

(Citado a pag. 144)

[O]ffic[i]o do conde de Linhares para o embaixador portuguez em Londres ordenando que em ultimo caso concorde na demissão do principal Sousa

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — Havendo já escripto largamente a v. ex.ª sobre acceitar sua alteza real a demissão do principal Sousa, em que parece interessar-se o ministerio britannico e lord Wellington, como v. ex.ª verá do officio e documentos que lhe dirijo a esse respeito, e a qual sua alteza real julgou não dever acceitar *in limine*, e sem mostrar quanto lhe era penoso este sacrificio e a justiça com que pretendia se salvasse a dignidade da sua real corôa, retirando-se de Lisboa os auctores de similhantes intrigas, e muito suspeitos pela sua adhesão a pessoas pouco affectas ao paternal governo de sua alteza real: manda novamente o mesmo augusto senhor recommendar a v. ex.ª que não insista na compensação que pede senão emquanto vir que póde, sem inconveniente do real serviço, sustentar tão justa pretensão; mas que se v. ex.ª conhecer que a insistencia em tal ponto póde alienar o ministerio britannico dos interesses de sua alteza real e da conservação de Portugal, que tanto sua alteza real deseja segurar, que n'esse caso v. ex.ª ceda, e assim o faça logo constar ao principal, para que dê immediatamente a sua demissão, e se retire para o Brazil, pois que sua alteza real, reconhecendo o zêlo, intelligencia, pureza de vistas e intenções com que o principal o serviu, está certo que elle fica amplamente recompensado com a declaração de sua alteza real se dar por bem servido da sua conducta, e está certo que elle mesmo desejará demittir-se, como pediu, bem persuadido que não póde ser util ao seu real serviço.

Debaixo d'estes principios ordena sua alteza real que v. ex.ª, sem de modo algum comprometter o seu real serviço, sustente a dignidade de sua alteza real só até ao ponto

que julgar conveniente aos interesses da sua real corôa; e que só insista em tal caso até que se conheça a justiça com que procede sua alteza real e o fundamento que tem para esperar que se lhe dê uma compensação que justifique aos olhos dos seus vassallos o procedimento que manda ter com um vassallo que a voz geral e publica manifesta ter mostrado o maior zêlo e actividade no real serviço e nas apertadas circumstancias em que se achou Portugal, e que certamente lord Wellington não conhece senão pelas informações de mr. Stuart, que tambem as recebe de D. Miguel Forjaz e de Salter, que brilham pelas suas intrigas, fazendo-se cada dia mais odiosos ao seu soberano e ao povo de Lisboa, que lhes rende perfeita justiça.

Sua alteza real, tendo sempre ante seus olhos o bem do seu povo, não quiz proceder logo contra D. Miguel Forjaz e Salter, sem que sua magestade britannica fosse primeiro informado dos sentimentos de sua alteza real, e não se escandalisasse de que sua alteza real mandasse retirar estes dois vassallos dos cargos que occupavam, podendo suppor-se que elles eram muito agradaveis a sua magestade britannica pela informação dos seus agentes em Portugal; e sua alteza real ordena que v. ex.ª faça valer esta condescendencia, mas deixe ver a necessidade que ha de que sua magestade britannica se abra em tal materia com sua alteza real, pois seria indecoroso que por mais tempo continue da parte de sua alteza real uma similhante tolerancia a respeito de vassallos em quem possa ter perdido a sua confiança.

Tenho assim participado a v. ex.ª as reaes ordens de sua alteza real; só me resta acrescentar que o mesmo augusto senhor é servido que v. ex.ª, por differentes vias e com a possivel expedição, dê conta de todo o arranjamento que tomar a este respeito, pois sua alteza real fica inquieto sobre o effeito que póde ter uma resolução que é puramente motivada pela dignidade da sua real corôa, e que sua alteza real está bem certo não póde ser de modo algum offensiva a sua magestade britannica, bem que pela circumstancia de cortar o fio de uma intriga urdida com sagacidade, póde ser

resentada com outras côres pelas pessoas que temerão r expostas á luz do dia e em perfeita evidencia. Sua alza real confia do zêlo e intelligencia de v. ex.ª que este gocio será conduzido á feliz conclusão que se deseja, e é lvar a dignidade da real corôa, e promover o bem do real rviço e da causa commum.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 15 e fevereiro de 1811. = *Conde de Linhares.*

DOCUMENTO N.º 98-A

(Citado a pag. 144)

fficio do conde de Linhares ao embaixador portuguez em Londres, remettendo, para ser posto á disposição do principe de Galles, regente de Inglaterra, o decreto demissorio do principal Sousa, mas continuando a invectivar D. Miguel Pereira Forjaz

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — Sua alteza real o principe regente nosso senhor manda remetter a v. ex.ª, para sua intelligencia, o decreto para a demissão do principal Sousa, que se transmittiu a lord Strangford, juntamente com a carta que sua alteza real lhe mandou dirigir na mesma occasião, para que pozesse na presença de sua alteza real o principe de Galles o dar ou suspender a demissão do principal Sousa, e que posto que sua alteza real julgasse que uma tal resolução era muito contraria aos interesses da sua real corôa e aos de sua magestade britannica, comtudo sua alteza real não queria deixar de dar mais esta prova de que em cousa alguma deixaria de mostrar que estava disposto a fazer todo o justo sacrificio para o bem da causa commum dos alliados, e que não tinha outro algum objecto em vista.

Sua alteza real encarrega a v. ex.ª de fazer esta mesma declaração a s. ex.ª o marquez de Wellesley, fazendo-lhe bem entender que talvez tarde conheça quanto perde a causa publica com retirar sua alteza real do seu serviço o homem que merece a sua confiança e a da nação, verdadeiramente

interessado na conservação do systema federativo que felizmente subsiste, e que só tem por oppositores homens que o povo portuguez detesta, que em grande parte foram ligados ao systema da alliança franceza, e que só têem merecido a confiança dos generaes inglezes pelos terem rodeado de pessoas do seu partido, e que em grande parte são a verdadeira causa da falta de popularidade que principiam a ter os generaes inglezes, e que talvez chegue desgraçadamente ao ponto em que estão em Hespanha, não obstante os grandes serviços que têem feito a sua alteza real e aos seus vassallos, o que certamente nasce do artificio com que se tem procurado separal-os dos bons vassallos e patriotas, que tanto interesse tomaram em os verem acreditados, e em que a nação lhes rendesse a justiça que merecem como militares. Sua alteza real tem assim satisfeito ao dever de illuminar os seus alliados sobre os seus verdadeiros interesses, e não lhe resta senão declarar que as consequencias d'esta resolução ficarão em totalidade pertencendo ao ministerio britannico, e que sua alteza real só toma este partido para evitar que nunca se lhe impute o ter deixado de comprazer com as representações do seu antigo e fiel alliado.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 2 de novembro de 1811. = *Conde de Linhares.*

DOCUMENTO N.º 99

(Citado a pag. 179)

Participações officiaes da batalha do Bussaco dadas ao governo portuguez

Officio de lord Wellington

Coimbra, 30 de setembro de 1810.

Ill.mo e ex.mo sr. — Emquanto o inimigo estava avançando de Celorico e Trancoso sobre Vizeu, as differentes divisões das milicias e ordenanças se empregavam sobre os flancos e retaguarda do inimigo, e o coronel Trant com a sua divisão

atacou a escolta da caixa militar e reserva da artilheria perto do Tojal a 20 do corrente. Tomou dois officiaes e cem prisioneiros; porém o inimigo, havendo juntado uma força tirada da sua frente e retaguarda, obrigou-o a retirar-se outra vez para as bandas do rio Douro. Hei ouvido que a communicação do inimigo com Almeida está completamente cortada, e que elle possue unicamente o terreno sobre o qual está o seu exercito.

O meu officio de 20 do corrente terá deixado a v. ex.ª informado das medidas que eu tinha adoptado, e as quaes estavam em progresso para juntar o exercito nas vizinhanças d'esta cidade, e se fosse possivel impedir que o inimigo obtivesse a sua posse. A 21 a guarda avançada do inimigo avançou com rapidez para Santa Combadão, logar onde se unem os rios Criz e Dão, e o brigadeiro general Pack se retirou para a banda de cá atravez do Criz, e se uniu em Mortagua ao brigadeiro general Crawfurd, havendo primeiro destruido as pontes que existiam sobre aquelles dois rios. A guarda avançada do inimigo, tendo concertado a ponte, passou a 30 o rio Criz, e toda a força do sexto corpo se juntou da banda de cá d'aquelle rio, e por conseguinte retirei a cavallaria pela serra do Bussaco, á excepção de tres esquadrões, e isto em rasão do terreno não ser favoravel para as operações d'esta arma. A 25 toda a força do sexto e segundo corpo passou o Criz nas vizinhanças de Santa Combadão, e o brigadeiro general Crawfurd com a sua divisão e o brigadeiro general Pack com a sua brigada se retiraram para a posição que eu tinha fixado para o exercito no cume da dita serra do Bussaco. Estas foram seguidas n'este momento por todas as forças dos corpos de Ney e Reynier (sexto e segundo); porém o brigadeiro general Crawfurd as conduziu com grande regularidade, seguindo para a posição destinada sem que soffressem perda de importancia. O quarto batalhão de caçadores portuguezes, que se havia retirado para a direita das outras tropas, e os piquetes da terceira divisão de infanteria, que se achavam postados em Santo Antonio do Cantaro, commandados pelo major Smith, do regimento n.º 45,

se bateram pela tarde com o corpo de Reynier, havendo n'esta occasião o quarto batalhão de caçadores mostrado aquella bizarra firmeza que as outras tropas portuguezas hão depois mostrado.

É a serra do Bussaco uma alta cordilheira que se estende desde o rio Mondego em direcção ao norte na extensão de umas 8 milhas inglezas. No mais alto ponto d'esta cordilheira, e perto de 2 milhas da sua terminação, está situado o convento e a matta do Bussaco. Une-se esta serra por meio de um espaço de paiz montanhoso á serra do Caramulo, a qual se estende em uma direcção para o nordeste até além de Vizeu, e separa o valle do Mondego do valle do rio Douro. Sobre a esquerda do Mondego, e quasi em uma linha parallela com a serra do Bussaco, ha uma outra cordilheira da mesma natureza, chamada serra da Murcella, circumdada pelo rio Alva e unida por terrenos montanhosos á serra da Estrella. Todas as estradas de Coimbra em direcção para leste passam por cima de uma ou outra d'estas serras. São mui difficultosas para a passagem de um exercito; o accesso ao cume d'estas cordilheiras não póde ter logar por ambos os lados senão por um paiz montanhoso.

Como todo o exercito do inimigo estava no lado direito do Mondego, e como era igualmente evidente que elle intentava forçar a nossa posição, o tenente general Hill passou aquelle rio fazendo um pequeno movimento para a sua esquerda na manhã de 26, deixando o coronel Lecor postado com a sua brigada na serra da Murcella, em ordem a cobrir a direita do exercito, e o brigadeiro general Fane com a sua divisão de cavallaria portugueza e com o regimento de dragões ligeiros n.º 13, postado na frente do rio Alva para observar e rebater os movimentos no Mondego da cavallaria inimiga. Á excepção d'estas tropas, todo o nosso exercito estava junto sobre a serra do Bussaco, tendo a cavallaria britannica postada na retaguarda do seu flanco esquerdo, observando a planicie e a estrada que vae de Mortagua para o Porto através do terreno montanhoso que une a serra do Bussaco com a do Caramulo. O oitavo corpo uniu-se ao inimigo na nossa

frente no dia 26 do corrente; porém n'este dia não fez elle ataque algum serio. As tropas ligeiras de ambas as partes se batiam ao longo de toda a linha. Ás seis da manhã do dia 27 o inimigo fez dois desesperados ataques sobre a nossa posição, um na direita e outro sobre a esquerda do mais alto ponto da serra. O ataque sobre a direita foi feito por duas divisões do segundo corpo n'aquella parte da serra, occupada pela terceira divisão de infanteria.

Uma divisão de infanteria franceza chegou ao cume da cordilheira a tempo que foi atacada com a mais bizarra maneira pelos regimentos n.os 88 e 45[1], e o regimento portuguez n.º 8, commandado pelo tenente coronel Douglas, dirigidos todos pelo major general Picton. Estes tres regimentos avançaram com bayoneta calada e fizeram retroceder a divisão do inimigo do terreno vantajoso que havia obtido. A outra divisão do segundo corpo atacou a maior distancia, igualmente na direita pela estrada que vem para Santo Antonio do Cantaro, e da mesma sorte em frente da divisão do major general Picton. Este ataque foi repellido, antes que tivesse chegado ao cume da cordilheira, pelo regimento inglez n.º 74[2] e pela brigada de infanteria portugueza, commandada pelo coronel Champalimaud, dirigida pelo coronel Makinnon. O major general Leith igualmente se moveu para a sua esquerda para supportar o major general Picton, ajudando a destroçar o inimigo n'esta parte o terceiro batalhão do regimento dos reaes, o primeiro batalhão do regimento n.º 9 portuguez, e o segundo batalhão do regimento n.º 38.

N'estes ataques distinguiram-se os commandantes dos corpos portuguezes, cuja conducta foi igualmente elogiada pelo que respeita aos regimentos n.os 9 e 21, comman-

[1] A *Gazeta de Lisboa*, publicando tambem este officio, mas com algumas variantes, acrescenta que os ditos corpos eram commandados pelos tenentes coroneis Wallace e Meade.

[2] Sob o commando do tenente coronel Trench, segundo se lê na citada *Gazeta*.

dados pelos tenentes coroneis Sutton e Araujo Bacellar, bem como a artilheria portugueza commandada pelo major Arentschild[1].

Peço permissão para assegurar a v. ex.ª que nunca presenciei um mais bravo e denodado ataque do que aquelle feito pelos regimentos n.os 88 e 45 e pelo regimento portuguez n.º 8 sobre a divisão do inimigo, que havia subido a serra e ganhado o cume da cordilheira.

Na esquerda o inimigo atacou com tres divisões de infanteria do oitavo corpo aquella parte da serra, occupada pela divisão de tropas ligeiras, commandada pelo brigadeiro general Crawfurd e pela brigada portugueza commandada pelo general Pack. Uma unica divisão de infanteria inimiga fez algum progresso na subida para o cume da serra; porém foi immediatamente carregada á bayoneta calada pela brigada do general Crawfurd com os regimentos n.os 43, 52 e 95 e o batalhão n.º 3 de caçadores portuguezes, sendo obrigada a retroceder com immensa perda. A brigada portugueza de infanteria commandada pelo brigadeiro Coleman, que estava em reserva, foi movida para supportar a direita da divisão do brigadeiro general Crawfurd, e um batalhão do regimento portuguez n.º 19[2] fizeram um denodado e bem succedido ataque

[1] Na folha official não se encontra o referido paragrapho, mas outros do teor seguinte: «N'estes ataques os majores generaes Leith e Picton; os coroneis Makinnon e Champalimaud, no serviço portuguez (o qual foi ferido), o tenente coronel Wallace, o honrado tenente coronel Meade, o tenente coronel Sutton, do regimento portuguez n.º 9, o major Smith, do regimento n.º 45 (o qual infelizmente foi morto), o tenente coronel Douglas e o major Birmingham, do regimento portuguez n.º 8, se hão distinguido. — O major general Picton reporta a boa conducta dos regimentos portuguezes n.os 9 e 21, commandados pelos tenentes coroneis Sutton e Araujo Bacellar, e da artilheria portugueza commandada pelo major Arentschild. — Tenho igualmente a mencionar de uma maneira mui particular a conducta do capitão Danser, do regimento n.º 88. — O major general Leith reporta a boa conducta do regimento real, e do primeiro batalhão do regimento n.º 9 e segundo batalhão do regimento n.º 38».

[2] Commandada pelo tenente coronel Mac Bean. *(Gazeta.)*

que contra um corpo de outra divisão do inimigo, que estava procurando penetrar n'aquella mesma paragem[1].

Alem d'estes ataques as tropas ligeiras de ambos os exercitos bateram-se durante todo o dia 27, e o batalhão n.º 4 de caçadores portuguezes e os regimentos n.os 1 e 16, dirigidos pelo brigadeiro general Pack, e commandados pelos tenentes coroneis Rego Barreto e Hill, assim como o major Armstrong, mostraram grande firmeza e bravura.

A perda do inimigo foi enorme. Deixou dois mil mortos no campo, dizendo-se extraordinario o numero dos feridos; entre estes contam-se o general Graindorge, o general de divisão Merle e o general Maucune; o general Simon ha sido feito prisioneiro, bem como tres coroneis, trinta e tres officiaes e duzentos e cincoenta homens[2].

O inimigo não renovou o ataque no dia 28, excepto o fogo que fizeram as suas tropas ligeiras; porém removeu um grande corpo de infanteria e cavallaria da esquerda ao seu centro para a retaguarda, d'onde vi a sua cavallaria em marcha na estrada que sae de Mortagua atravez das montanhas com direcção para a banda do Porto. Havendo pensado que provavelmente procuraria o inimigo envolver o nosso flanco esquerdo por aquella estrada, tinha determinado ao coronel Trant que com a sua divisão de milicias marchasse para o Sardão com a intenção de que elle houvesse de occupar estas montanhas; mas infelizmente elle foi mandado para as vizinhanças do Porto pelo general que commandava nas par-

[1] «N'este ataque o brigadeiro general Crawfurd, o tenente coronel Beckwith, do regimento n.º 95, e Barclay, do regimento n.º 52, e os officiaes commandantes dos regimentos empregados n'esta parte da acção, se hão individualmente distinguido». *(Gazeta.)*

[2] No mencionado periodico de Lisboa a redacção do paragrapho lê-se pela seguinte fórma: «A perda que o inimigo ha soffrido n'este ataque do dia 27 ha sido enorme. Hei ouvido que o general de divisão Merle e o general Mocur (?) hão sido feridos, e o general Simon ha sido feito prisioneiro pelo regimento n.º 52, assim como o hão sido tres coroneis, trinta e tres officiaes e duzentos e cincoenta homens. O inimigo deixou mortos no campo da batalha dois mil homens, e hei ouvido dos desertores e prisioneiros que a sua perda em feridos ha sido immensa.»

tes do norte, em consequencia de um pequeno destaca
do inimigo se achar na posição de S. Pedro do Sul; e
das diligencias que fez para chegar a tempo, não con
chegar ao Sardão senão a 28 pela noite, a tempo que
migo se achava já de posse do terreno.

Como era provavel que o inimigo no curso da noite
lançasse todo o seu exercito n'aquella estrada, com
podia chegar a Coimbra, evitando a serra do Bussaco,
sando pela estrada real do Porto, e por esta fórma fica
nosso exercito exposto a ser cortado d'aquella cidade,
uma acção geral em terreno menos favoravel; e como
nha na minha retaguarda reforços, fui induzido por est
tivos a retirar-me da serra do Bussaco. O inimigo, desf
nas montanhas ás onze horas da noite de 28, e faze
marcha esperada, a sua guarda avançada estava hont
Avelães, na estrada do Porto para Coimbra, e todo
exercito foi visto em marcha atravez as montanhas;
o exercito do meu commando estava já nos terrenos
entre a serra do Bussaco e o mar, e o todo do mesmo
cito, á excepção da guarda avançada, está n'este dia n
gem esquerda do Mondego.

Ainda que a circumstancia desgraçada da tardia ch
do coronel Trant ao Sardão me infunda receios de n
saír bem do projecto que tinha em vista quando atrav
Mondego e occupei a serra do Bussaco, todavia não
rependo do que fiz. As operações que effectuei no dia
offereceram uma opportunidade de mostrar ao inin
qualidade das tropas de que era composto o meu ex
bem como a de conduzir pela primeira vez as tropas
guezas recentemente recrutadas e organisadas a uma
com elle em uma vantajosa posição. As tropas d'esta
hão mostrado que o trabalho e desvelos que com ella
veram não foram baldados, e que se tornam dignas d
baterem nas mesmas fileiras das tropas britannicas p
interessante causa, á qual ellas offerecem as melhore
ranças de salvação. Durante todo o conflicto da serra
marchas que o precederam e se lhe seguiram todo o e

se conduziu perfeitamente bem. Por conseguinte todas as operações se executaram com facilidade. Os soldados não soffreram privação alguma, nem supportaram fadiga inutilmente; não houve perda alguma material, e todo o exercito se acha nas melhores disposições. Os officiaes generaes e os do estado maior todos me prestaram a mais efficaz assistencia durante todo o conflicto. O tenente general sir B. Spencer foi-me tão util quanto a sua experiencia lh'o permittia sel-o. Sou particularmente obrigado ao ajudante e quartel mestre general e aos officiaes das suas repartições; ao tenente coronel Bathurst e aos officiaes do meu estado maior pessoal; ao major general Howarth e á artilheria, sobretudo ao tenente coronel Fletcher, ao capitão Chapman e aos officiaes dos engenheiros reaes. Devo igualmente citar mr. Kennedy e os officiaes do commissariado, cuja repartição tem sido dirigida com todo o acerto. Eu seria injusto para com os serviços, e faria violencia aos meus proprios sentimentos, se acaso deixasse passar esta occasião sem chamar a attenção de v. ex.ª para com os meritos do marechal Beresford; a elle exclusivamente, e debaixo do governo de sua alteza real, é devido o cuidado de haver levantado, formado, disciplinado e equipado o exercito portuguez, o qual acaba de se mostrar capaz de atacar e bater o inimigo. Deu-me alem d'isso todo o auxilio que a sua experiencia, habilidade e conhecimento que já tinha do paiz lhe permittiam dar-me.

Os francezes não têem feito movimento algum na Extremadura hespanhola, ou no norte desde que escrevi a v. ex.ª a respeito das operações da presente campanha. A perda do exercito alliado n'esta batalha foi a de cento setenta e nove mortos no campo (oitenta e dois do exercito portuguez e noventa e sete do inglez); novecentos e doze feridos (quatrocentos setenta e oito do exercito portuguez e quatrocentos trinta e quatro do inglez); quarenta e sete extraviados (dezoito do exercito portuguez e vinte e nove do inglez); sendo o total da perda mil cento trinta e oito homens, dos quaes quinhentos setenta e oito do exercito

portuguez e quinhentos e sessenta do inglez. Tambem houve seis cavallos feridos.

Deus guarde a v. ex.ª, etc. = *Wellington* [1].

Officios do marechal Beresford

1.º

Quartel general de Coimbra, 30 de setembro de 1810.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tenho a maior satisfação de annunciar a v. ex.ª, para conhecimento de sua alteza real, que o exercito combinado, debaixo das ordens de s. ex.ª o marechal general lord Wellington, bateu completamente o exercito inimigo, commandado pelo marechal Massena, na tentativa que fez contra a nossa posição sobre as alturas do Bussaco. Como s. ex.ª o marechal general dará, para serem submettidos a sua alteza real, todos os detalhes sobre o que respeita aos movimentos e disposições que conduziram a esta brilhante victoria, eu me limitarei ao que respeita á conducta particular das tropas de sua alteza real, que se cobriram de gloria, e se mostraram dignos emulos dos seus companheiros de armas do exercito inglez, e dignos herdeiros da gloria dos seus antepassados.

Tendo o inimigo em o dia 25 adiantado os seus postos avançados até á parte debaixo da nossa posição sobre a montanha, n'esse mesmo dia ali se estabeleceu, e durante o dia 26 ali reuniu a força total dos seus tres corpos de exercito. Ás seis horas da manhã do dia 27 atacou elle por dois pontos differentes a nossa posição com fortes columnas, e o maior vigor do fogo durou pouco mais ou menos duas horas e meia, e os corpos portuguezes que se distinguiram foram todos aquelles que tiveram a felicidade de estar nos pontos atacados, sendo estes os corpos seguintes: a brigada de n.^{os} 9 e 21, debaixo das ordens do coronel Champalimaud,

[1] Este officio não é versão do inglez, nem da traducção franceza, mas copia do que lord Wellington remetteu a D. Miguel Pereira Forjaz.

depois que este foi ferido, do tenente coronel Sutton; o regimento n.º 8, commandado pelo tenente coronel Douglas; brigada de n.ºs 1 e 16 de linha e o quarto batalhão de caçadores, debaixo das ordens do brigadeiro general Pack; brigada de n.ºs 7 e 19 e caçadores n.º 2, ás ordens do brigadeiro general Colman: os batalhões de caçadores n.ºs 1 e 3 com a divisão ligeira ingleza e o batalhão n.º 6 da brigada do brigadeiro general Campbell; duas brigadas de artilheria, commandadas immediatamente pelo major Arentschild, e duas de n.º 3 postadas mais á esquerda.

A unica differença que houve em a conducta de todas estas tropas consistiu nas occasiões que se offereceram a cada corpo de se darem a conhecer, podendo este ser chamado um dia glorioso para o nome portuguez, havendo as suas tropas adquirido pela sua conducta tanto a admiração, como a plena confiança do exercito inglez. A conducta do regimento n.º 8, debaixo das ordens do tenente coronel Douglas, e onde o major Birmingham se distinguiu muito, lhe adquiriu a gloria com dois regimentos inglezes de desalojar o inimigo á bayoneta das alturas que havia ganho, fazendo-lhe pagar caro a sua vantagem momentanea. Os regimentos n.ºs 9 e 21 mereceram a completa approvação do major general Picton, e merecem muito louvor o coronel Champalimaud, o tenente coronel Sutton, que commandou a brigada depois da ferida do primeiro, e o tenente coronel José Maria de Araujo Bacellar, commandante do regimento n.º 21. O brigadeiro general Pack merece os mesmos agradecimentos, assim como os corpos que estiveram debaixo das suas ordens, e os seus commandantes os tenentes coroneis Hill e Luiz do Rego, e o major Armstrong. A conducta do batalhão de caçadores n.º 4 merece ser particularmente mencionada, assim pelo valor no ataque, como pela constancia com que sustentou por todo o dia o fogo do inimigo. O batalhão de caçadores n.º 1, commandado pelo tenente coronel Jorge de Avillez, comportou-se extremamente bem, e este official merece todos os meus elogios. O batalhão n.º 3, debaixo do commando do tenente coronel Elder, distinguiu-

se muito particularmente, e ajuntando-se á sua reput
disciplina a do seu valor, é impossivel que haja nada
que este batalhão. A brigada do brigadeiro general C
de n.os 7 e 19 e caçadores n.º 2, merece tambem tod
gio pela sua conducta, e que sejam nomeados os se
mandantes, os coroneis Palmeirim e José Cardoso de
zes Sotto-Maior e o tenente coronel Nixon, e particula
cinco companhias do regimento n.º 19, as quaes,
das ordens immediatas do tenente coronel Mac Bean,
um ataque de bayoneta sobre o inimigo, ataque par
mente mencionado por todos os officiaes dos dois ex
que o viram como uma cousa perfeita, tanto pela su
plina, como pelo valor que mostraram. O batalhão d
dores n.º 6, da brigada do brigadeiro general Cam
commandado pelo tenente coronel Sebastião Pinto, c
tou-se muito bem, e merece os meus agradecimentos
brigadas de artilheria de calibre 9 e 6, debaixo das
pessoaes do major Arentschild, distinguiram-se t
muito, supportando com constancia durante toda a
o fogo de quatorze peças de artilheria, e causando
d'este uma grande perda de homens ao inimigo, a
desmontaram tres das suas peças, fazendo-lhe tamb
tar dois carros de munições. Duas outras brigadas
lheria n.º 3 merecem tambem a minha approvação.
os officiaes e soldados d'estes corpos são dignos de
leve á presença de sua alteza real a sua boa e ex
conducta, que teria feito honra aos soldados mais a
dos, porque pela confissão de todos os officiaes ingl
les mostraram assim o valor, como a disciplina.

Emquanto ás tropas que não entraram em acção
eu lhes observei o mais ardente desejo de se medir
o inimigo, e segundo as apparencias ellas terão bre
occasião para isso. Mas com uma conducta tal como a
tropas portuguezas mostraram na batalha do Bussac
liada com o valor conhecido do exercito inglez, não p
deixar de prever favoravelmente o resultado da nos
actual, e que o inimigo pagará caro a devastação e c

des que tem commettido em Portugal. São elogiados os talentos e zêlo do quartel mestre general do exercito portuguez o coronel d'Urban, do ajudante general Manuel de Brito Mousinho, e o secretario militar o brigadeiro Antonio de Lemos Pereira de Lacerda. O inimigo deixou no campo da batalha mais de dois mil mortos, e varios generaes seus foram feridos; o general de brigada Simon foi feito prisioneiro, e os officiaes que tomámos dizem que os generaes Merle, Maucune e Graindorge estão feridos.

Deus guarde, etc. = *William Carr Beresford,* marechal commandante em chefe. = Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

2.º

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — S. ex.^as^ os srs. governadores do reino saberão sem duvida de s. ex.^a^ o marechal general, tanto as circumstancias em que nos achâmos, como as suas causas. S. ex.^as^ saberão que o inimigo, temendo fazer outro ataque sobre a nossa posição do Bussaco, se determinou a tornear-nos pelo caminho que passa de Mortagua para o Sardão, e que a meia distancia volta á esquerda para a Mealhada, e passa por este modo por detraz do Bussaco; e ainda que este caminho atravesse grandes alturas não ha ali posição assignalada, e se ali a houvessemos tomado haveria sido necessario deixar a do Bussaco, e este caminho sendo mais curto haveria o exercito sido inteiramente cortado de Lisboa. Mylord Wellington se determinou, pois, debaixo de todas as considerações a deixar a posição do Bussaco para se approximar de outra mais proxima a Lisboa. Elle havia bem querido tomar a de Coimbra; mas ella é só posição quando o Mondego vae cheio, e n'esta estação elle é vadeavel por toda a parte; e pelo curso que toma o rio, passando-o um inimigo abaixo de Coimbra, ficará sempre mais proximo de Lisboa que o exercito que se conservar na posição de Coimbra. E é este o peior modo possivel de ser torneado, porque no instante em que isto aconteça fica-se tambem cortado.

Não é ainda certo se s. ex.ª julgará sabio ou ne
occupar alguma outra posição antes d'aquella das n
nhas, preparadas desde Alhandra a Torres Vedras
mas no fim será n'esta posição que se fará o esforço
salvar o reino. É ali que s. ex.ª está determinado
del-o e a impedir que o inimigo se adiante; emfin
que será a ultima batalha, para a qual eu julgo que
e s. ex.as os governadores do reino concordarão c
que nós devemos ali reunir a maior força possivel,
toda a força para traz d'este logar depois da batalha
será, nem ao reino, de utilidade alguma. A posição
occuparmos e as obras que ali temos construido no
sentam a occasião de nos prevalecer de todas as
de tropas que nós temos, pois que aquellas que
sufficientemente disciplinadas para operarem em can
dem ser collocadas em os fortes e na defeza das part
escarpadas das posições sobre a frente da nossa linl
ponho, pois, o fazer ali tantos regimentos de milicia
tos as circumstancias das fortalezas e outros servi
mittirem, e julgo que poderemos empregar con
vantagem os batalhões de artilheiros e de fuzileiros
dos em Lisboa. Elles são todos compostos de pess
peitaveis, e sem duvida se comportarão bem. Assim
que eu os não queira mandar, pois que julgo ser ist
o seu engajamento, será bom de os enthusiasmar, in
do-os da verdade, e mostrando-lhes que se elles
servir a sua patria é agora o tempo, e que o campo
lha será adiante de Lisboa; que Portugal pertencer
les que a ganharem, e que se nós a perdermos será
suppor que poderemos depois defender Lisboa. Eu
vido que discorrendo como portuguezes elles servi
luntariamente onde deve ser decidida a fortuna da
tria. Pelo que me respeita nunca jamais duvidei
resultado, e agora mais, depois de ter visto a discipli
lor das nossas tropas, eu não posso diminuir em esp
e estou seguro de que não ha um só portuguez que
seje o ser ali pessoalmente engajado. Para a policia

se deixará lá a cavallaria e infanteria da policia, a ca-aria e infanteria dos corpos do commercio, e mylord ellington para ali mandará um regimento de dragões in-ezes ou portuguezes, conforme s. ex.as os governadores reino julgarem melhor. Eu espero que v. ex.a, consultan-o, se o julgar necessario, com o general commandante corte, me dará uma resposta sobre esta proposição com menor demora possivel, a fim de que mylord Wellington ssa arranjar as suas distribuições para a defensa das ras. V. ex.a não deixará de ver que mettendo estes cor-s em obras, isto nos poupará o mesmo numero de sol-dos, com o qual se augmentará o nosso exercito dispo-vel e de combate, sendo isto uma cousa da maior conse-encia. Espero tambem que os individuos que compõem regimentos de milicias de Lisboa serão obrigados a unir-lhe immediatamente. Eu vejo em um regimento mais de zentos e setenta ausentes debaixo de differentes pretex-. Sei muito bem que isto é por favor, mas não é a occa-o para isto.

Emfim, é agora o tempo de animar a todos, ou por moti-de honra ou de vergonha, a fazerem o seu dever; e en-o não se poderá por modo algum duvidar do resultado. ex.a conhecerá presentemente a necessidade de arran-r tudo de maneira que não haja falta alguma de viveres ra as tropas. Julgo que tudo isto deve vir de Lisboa, a vez que as tropas estejam dentro das linhas, e v. ex.a rá a precisão de se não faltar sobre este artigo, e cer-mente a occasião é tal, que se deve dar ou vinho ou aguar-nte.

Finalmente, faça v. ex.a tudo por animar e alentar as tro-s. Os transportes para todas estas cousas devem estar ar-njados com antecipação, e eu farei saber a v. ex.a com a ssivel brevidade as differentes posições a que os viveres vem ser levados, e os transportes promptos não haverá tra difficuldade. Rogarei tambem a v. ex.a que as barra-s estejam todas promptas para o instante em que forem didas, e eu lhe ficarei muito obrigado se me mandar um

mappa do que ha de mais presentemente, e o que contém cada differente especie.

Deus guarde a v. ex.ª Quartel general de Leiria, 2 de outubro de 1810. = *William Carr Beresford*, marechal commandante em chefe. = Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

As barracas pedidas para as linhas são: Torres Vedras, para dois mil e quinhentos homens; Sobral de Monte Agraço, dois mil; Alhandra, cinco mil; Bucellas, cinco mil; Montachique, dez mil.

DOCUMENTO N.º 99-A

(Citado a pag. 151)

Mémoire militaire sur le Portugal remis au moment de l'entrée de l'empereur en Espagne

Par le colonel du énie Vincent, de l'armée du Portugal (année 1808)[1]

Sans moyens de subsistances, privé en quelque sorte de communications avec le continent, le Portugal, dont le développement des côtes est immense à raison de son territoire, et dans lequel on ne parvient à s'introduire par terre qu'après avoir vaincu de nombreux obstacles, peut être, militairement parlant, considéré comme une isle dans laquelle on ne doit aborder qu'après avoir surmonté de grandes difficultés, et qui ne peut se soutenir que par les versements qui se font dans ses ports, particulièrement dans celui de Lisbonne, que tous les avantages locaux rendent le plus bel entrepôt du monde.

Telle est même l'importance de ce point, telle est son influence sur les destinées du royaume qui ne peut exister sans le secours qu'y verse Lisbonne, que si l'on pouvait

[1] Esta memoria foi acompanhada por uma carta dirigida pelo auctor ao ministro da guerra.

s'emparer de ce port en s'isolant du Portugal, ce serait de beaucoup le parti le plus sage pour devenir bientôt maître de tous le pays.

C'est ainsi que sous Filippe II les espagnoles, maîtres de la mer, ayant débarqués à Setubal menacèrent de passer le Tage pour entrer dans la péninsule de Lisbonne; puis, profitant habilement de leur marine, ils vinrent prendre terre auprès de Cascaes; la conquête de Lisbonne dépendit dès lors d'une bataille, qui fut facilement gagnée. La capitale soumise, les débris de l'armée battue ne présentèrent plus qu'une faible résistance dans les environs de Coimbra, où ils furent dispersés pour la dernière fois.

L'on peut donc avancer avec raison que le moyen le plus sûr, et le plus simple pour soumettre et conserver Lisbonne, et le Portugal, est de débarquer dans l'isthme et près de la capitale, vérité inquiétante pour celui qui doit s'y introduire par terre, et qui annonce déjà tous les avantages dont jouit le maître de la mer, pour défendre ce pays ou le conserver, lorsqu'il y maintiendra des intelligences.

Après cette légère exposition d'une donnée des plus influentes sur les destinées du Portugal, l'on va considérer les moyens d'envahir ce pays, en y pénétrant par la frontière de terre, opération vraiment difficile.

L'on ne pense pas devoir prendre en considération cette portion nord de la frontière que le Minho sépare de l'Espagne, le projet d'entrer en Portugal par cette partie présente des difficultés que l'on peut voir insurmontables, indépendamment du chemin immense qu'il nécessiterait pour arriver à la capitale, l'on doit également redouter le grand nombre de rivières à passer près de leurs embouchures, et les obstacles de tout genre que l'ennemi, maître de la mer, ne manquerait pas de multiplier avec facilité, sur toute la portion de route qui longerait pour ainsi dire la mer[1].

[1] J'étais loin de soupçonner lorsque sa majesté me fit l'honneur de m'interroger l'année dernière, sur l'occupation du Portugal, qu'il pût être question d'entrer dans ce royaume par le nord; je ne voyais de possibilité à l'envahissement qu'en pénétrant par le chemin le plus court,

Toute la portion de frontière de terre du Portugal comprise entre la chaîne des Asturies et le cours du Tage, est extrêmement montueuse, mais c'est surtout en se rapprochant de la chaîne des Asturies, que l'on trouve les plus âpres montagnes. Les bords de la rive droite du Douro qui sont les premières dépendances de la grande chaîne des Asturies, doivent donc être plus élevés et plus difficiles à traverser que les bords de la rive gauche. La province portugaise de Traz os Montes est effectivement bien plus impraticable à raison de ses montagnes que le Beira, et si l'on ajoute à ces réflexions générales que le chemin le plus court pour venir de France en Portugal est par le Beira, l'on se persuadera facilement que l'entrée la plus naturelle pour pénétrer en Portugal, doit être le Douro et le Tage.

Plusieurs communications difficiles se présentent dans cette partie, à une armée qui serait dans l'intention d'envahir, et si l'on observe que le pays manque absolument de vivres, l'on pensera avec raison qu'il y a de bien importantes précautions à prendre pour pouvoir soumettre le Portugal.

La première serait de s'emparer des places d'Almeida et Ciudad-Rodrigo, pour en faire des lieux d'entrepôt qui seraient alimentés par le dépôt général de l'armée de Portugal

parce que nous pouvions arriver à Lisbonne avant les anglais. J'ai laissé dans le cabinet de sa majesté une bonne carte du cours du Coa, et de la position d'Almeida et Ciudad-Rodrigo. Je me permis de dire: «L'on ne peut atteindre les anglais en leur courant après; c'est dans ce bassin, c'est à ce point que votre majesté devrait avoir vingt mille hommes pour être maîtresse des anglais et des portugais». Je reçus alors l'ordre de monter à cheval. J'étais arrivé depuis quatre jours du fond du Morbihan à Madrid. J'étais malade, sans chevaux, sans domestiques, ni vêtements. Je l'observai à sa majesté; je montai néanmoins à cheval, et beaucoup plus à pied qu'à cheval, je me rendis à Astorga. Je m'étais fait souvent un devoir de dire au prince du Neufchatel, et au général Bertrand, qu'il m'était impossible de suivre l'armée. Je sollicitai des secours, mes domestiques et chevaux, n'ayant pu me rejoindre, je n'obtins rien, et mon état de maladie et de misère augmentant, je fus forcé de m'arrêter à Astorga, bien convaincu que le parti de suivre les anglais perdait tout, et qu'on aurait absolument dû marcher sur Lisbonne.

qui serait placé à Salamanca. L'on doit donc regarder avant tout l'occupation de Salamanca, Almeida, Ciudad-Rodrigo et même la tranquillité en Espagne, comme nécessaires à une armée qui voudrait envahir Lisbonne et le Portugal; une communication difficile, mais néanmoins praticable pour les petites voitures du pays, vient d'Almeida à Coimbra, d'où part une grande et belle route qui se rend à Lisbonne.

Indépendamment de l'entrée en Portugal par Almeida et le haut Beira, il en existe une autre par le bas Beira qui vient d'Alcantara sur Castello Branco et Abrantes; cette seconde entrée extrêmement difficile entre Castello Branco et Abrantes, a l'inconvénient de rencontrer le Zezere à Punhete dans sa plus grande profondeur, et c'est là une grande difficulté, de plus que l'armée française n'aurait pas pu vaincre en 1807, si les portugais ne s'étaient portés de la meilleure volonté à la transporter d'une rive à l'autre. L'on doit donc voir le projet d'entrer en Portugal par le bas Beira comme extrêmement dangereux, parce que le pays manquant absolument de vivres, le corps d'armée qui serait arrêté par le Zezere, ou par les positions extrêmement fortes entre Castello Branco et Abrantes, serait évidemment exposé à y périr, et l'on pense que l'entrée du Portugal par le bas Beira, en suivant la rive droite du Tage, ne doit pas se tenter, surtout en hiver; il en serait peut être autrement dans la saison des secs, et lorsque le Tage est guéable auprès d'Abrantes, et sous le Zezere; des mouvements combinés sur les deux rives pourraient grandement faciliter l'entreprise d'une armée, dans le cas surtout où elle pourrait tirer des secours des entrepôts que l'on aurait eu la précaution d'établir à Zarza-la-Major et Alcantara, condition que l'on doit toujours voir inséparable du succès.

Mais en supposant même qu'une armée fut parvenue à pénétrer en Portugal, et eut obtenu le très difficile avantage de prendre position en avant du Zezere entre le Tage et le Mondego, occupant Coimbra, Pombal, Thomar et Tancos, il lui resterait encore de bien grandes difficultés à vaincre avant d'arriver à Lisbonne, et l'on doit voir toute la péninsule de

ce nom jusqu'à la ligne entre Coimbra et Tancos, com
camp retranché des plus puissants que la nature s'est
rendre extrêmement fort, à raison de l'aspérité du pay
digieusemente accidenté qui couvre Lisbonne. Ce can
tranché, appuyé par ses deux extrémités au Tage e
mer, semble même devoir être, osons le dire, exclusiv
la propriété du dominateur des mers, pour peu qu'il
s'aider des localités en avant de la capitale; la ligne
Santarem et Peniche seul est de nature à offrir des di
tés presque insurmontables, étant appuyée à la mer
Tage. L'on reviendra sur les détails d'une attaque p
point.

Après avoir donné un aperçu des contrées difficile
peuvent amener une armée en Portugal, en passant p
portion de frontière comprise entre le Douro et le
l'on doit aussi donner quelque attention à celles qui
raient paraître praticables sur la rive gauche de ce fl
quoique de pareilles communications qui auraient le dés
tage d'augmenter considérablement les marches de l'a
eussent en outre le grand inconvénient de nécessiter l
sage du Tage, opération extrêmement délicate deva
ennemi, qui réunira surement tous les moyens pos
d'être maître du fleuve, et il parait toujours que si l'on
faire une diversion par l'Alemtejo, ce ne doit être que
la saison où le Tage peut devenir guéable, afin de com
surement les mouvements de la rive droite du fleuve
ceux de la rive gauche, et s'emparer aussi sur cette
gauche du point important d'Almada, ainsi que de la po
de Torre Velha, d'où l'on pourrait chasser l'ennemi d
principaux mouillages.

L'on ne croit pas devoir faire mention des différentes
munications qui donnent l'entrée du Portugal au sud,
s'éloignent tant des principaux magasins de l'armée en
sante. La plus belle est celle, sans doute, qui trav
l'Extremadura passe par Badajoz et Elvas, et nul doute
devrait être suivie, si l'on pouvait faire tomber faci
Badajoz et Elvas. Plusieurs autres entrées au-dess

celle-ci, amèneraient aussi dans des pays qui offriraient quelques moyens de subsistance, mais toutes ont le désavantage d'obliger l'armée envahissante à d'immenses circuits qui rapprochent trop de la mer d'où l'ennemi tire ses plus puissantes ressources. Les passages des fleuves de la Guadiana, et du Tage enfin, présentent des difficultés qui doivent, autant que possible, être évitées.

Il résulte de tout ce qui vient d'être exposé sur les différents moyens de pénétrer en Portugal avec une force armée, que l'entrée la plus naturelle, et la plus facile pour une armée française surtout, doit avoir lieu par les haut et bas Beira, en saisissant dans les temps secs la possibilité de lier les mouvements offensifs des Beira avec ceux de la rive gauche du Tage; l'on osera entreprendre de parler avec quelques détails de cette difficile opération.

L'on a déjà observé que l'armée qui aurait à envahir le Portugal par le haut Beira, devrait nécessairement s'assurer avant tout, des places de Salamanca, Ciudad-Rodrigo et Almeida; l'on en dira autant de la nécessité d'occuper Zarzala-Major et Alcantara, où doivent être aussi les dépôts du centre, ou de la gauche de l'armée qui entrerait par le bas Beira, ou la rive gauche du Tage. L'on doit consulter, pour l'attaque de Ciudad-Rodrigo, ainsi que pour tout ce qui a rapport à la marche depuis Bayonne à cette place et Alcantara le très bon, et très instructif mémoire du chef de bataillon du génie Paris. Les meilleurs plans de la place d'Almeida, et d'excellents mémoires ont aussi été remis aux dépôts de la guerre et des fortifications; l'on peut marcher avec confiance d'après les renseignements qu'ils fournissent, et la prise d'Almeida coûtera peu de travaux; mais le plus difficile sera encore à faire après cette conquête, et l'impraticabilité des chemins présentera des obstacles que l'on ne peut trop redouter.

De bonnes reconnaissances militaires des haut et bas Beira ont été fournies, mais ce que l'on doit apprécier par dessus tout, en cette circonstance, est le secours à obtenir des connaissances locales du général marquis d'Alorna qui

connait à fond le pays, et a fait ouvrir lui même dans le
Beira une route militaire que l'on doit voir de beaucou
plus commode pour arriver à l'importante position a p
dre entre Coimbra et Tancos.

Supposant donc l'armée d'invasion maîtresse des pl
de Salamanca, Ciudad-Rodrigo, Almeida, Zarza-la-Majo
Alcantara, sa droite sera campée dans le bassin de Coa,
tre Almeida et Ciudad-Rodrigo, bassin dont on a fourni
excellente reconnaissance. Le centre de l'armée passant l'
à sec, marchera sur Castello Branco; les meilleures carte
cette position importante du pays, ont aussi été fournie
si le Tage était guéable au-dessous d'Abrantes, et un
établi à Villa Velha, une forte division entrerait dans l'A
tejo en couronnant les hauteurs du Sever pour se re
maîtresse de la rive gauche du fleuve, en s'aidant de
cours qu'elle pourrait tirer de la rive droite au moyen
pont et du gué, et vice-versa; l'armée supposée maîtr
des deux rives du Tage tirera les plus grands secours
l'Alemtejo, dont une très bonne reconnaissance a été ren
accompagnée du mémoire militaire le plus détaillé, écri
portugais. Ce mémoire ne laisse rien à désirer. L'on ne
faire trop de cas de ces renseignements, ainsi que de
ceux dont l'on a fait mention, et comme l'Alemtejo es
pays riche qui peut soutenir quelque temps de la caval
il n'est pas douteux que les principaux mouvements de
mée devraient s'opérer par cette province, surtout si
attend la saison des basses eaux pour attaquer, ce que
regarde comme une condition essentielle, tant à raison
passage du Tage aux environs et au-dessous d'Abrantes,
de la difficulté de procurer des subsistances à l'armée, a
rieurement aux temps de recolte.

L'armée envahissante occupant les positions dont on
de parler, et devant nécessairement en venir à occuper
entre Coimbra et Tancos, l'on devra chercher à évite
route suivie par l'armée en 1807. Les positions milit
entre Castello Branco et Abrantes, telles que Talhadas, S
mingos, Maçâo, le passage du Codes, présentent les

grandes difficultés, et les mouvements de l'armée doivent tendre à les tourner, ce qui serait possible en entrant par le chemin d'Almeida sur Coimbra, et par le chemin d'Alorna sur Thomar; quant à la gauche de l'armée, l'on supposera nécessairement le Tage guéable sous Abrantes et le Zezere, et l'existence du pont de Villa Velha; dès lors des marches combinées feraient arriver les divisions de droite et de gauche, de manière à se protéger mutuellement pour prendre la position nécessaire entre Tancos et Coimbra, après avoir tourné le Zezere et les difficiles positions comprises entre Castello Branco et Tancos.

Le général Loison a une parfaite connaisance des mouvements à exécuter sur la droite. Le général d'Alorna connaît à fond toute la ligne occupée, et ne peut être trop consulté, ainsi que tous les précieux documents qui ont été fournis sur cette portion de la frontière.

Me voici parvenu à ce que j'ai appellé la péninsule de Lisbonne, qui se trouve renfermée entre la mer, le Tage, et la ligne qui lie les embouchures du Mondego et du Zezere.

Le soin qui m'a constamment occupé du moment de mon arrivée à Lisbonne, et pendant le séjour que j'y ai fait, a été d'étudier les genres d'attaques que nous avions à redouter de la part de l'ennemi, et les moyens à notre disposition, pour les repousser; j'aperçus bientôt que les forces de l'ennemi consistant principalement dans sa marine, des vaisseaux profitant d'un bon vent fait, pourraient forcer le port et venir mouiller devant Lisbonne; de nombreuses batteries armées de mortiers et de canons du plus gros calibre, furent en conséquence construites sur les deux rives du fleuve, et tel était leur ensemble dès la fin de juillet de 1808, qu'il était peu vraisemblable que l'ennemi osât entreprendre de les dépasser pour arriver au mouillage.

Pendant que de nombreuses constructions s'élevaient pour la défense du port, je sortais seul pour aller reconnaître le terrain en avant de Lisbonne que je voyais bien être celui par lequel l'ennemi marcherait sur nous; j'en ai donné une carte bien exacte, elle est unique, je l'ai accompagnée d'un

mémoire dans lequel je prévoyais tous le danger qui nous menaçait, et proposais les moyens de soutenir, et repousser l'ennemi. Les événements ont plainement justifié ma manière de voir; l'ennemi nous a attaqué ainsi que je l'avais annoncé; nous avons parfaitement soutenu son premier choc à Roliça ou Obidos, avec une poignée d'hommes dans une position que j'avais fait occuper; il eut été défait en entier si on l'avait voulu, mais le général Laborde ne fut point secondé, et combattit seul. Je n'ai point laissé ignorer ces particularités, au général chef de l'état major des armées en Espagne, et lui ai proposé de demander, pour plus ample instruction, au général Solx qui était alors avec nous à Valladolid, pourquoi il n'avait pas attaqué à Caldas le 17 août, ainsi qu'il en avait l'ordre par écrit; un entretien d'un moment, eut fait connaître de grandes vérités... Quoiqu'il en soit, l'ennemi maltraité à Roliça ou Obidos, gagna fort tranquillement Vimeiro, où il prit une excellente position que l'on attaqua sans s'être occupé de la bien reconnaître. La situation actuelle des affaires doit faire grandement regretter que le parti de défendre pied à pied le terrain jusqu'à Lisbonne, n'ait pas été adopté, ainsi qu'il avait toujours été recommandé, l'ennemi ne serait pas facilement arrivé jusqu'à la capitale, le coup de vent du 25 août lui eût ôté la ressource de ses vaisseaux, et l'armée privée de toute subsistance, eût été forcée à capituler; cependant le puissant génie dont les vastes conceptions jetterent si hardiment, à la fin de 1808 le cerceau qui enchaina les principales positions de l'Espagne eut bientôt paru sur la crête des Pyrennées, il eut atteinte et protégé en même temps Ciudad-Rodrigo, Almeida, Elvas et Lisbonne; le Portugal eut été conservé, et depuis un an la guerre d'Espagne serait terminée [1].

[1] Je remis au commencement de juillet un mémoire et une carte de reconnaissance du terrain en avant de Lisbonne; je demandais deux mille hommes pour Sobral et désignai l'officier qui devoit le commander, si j'avais été écouté, l'ennemi ne serait pas arrivé à Vimeiro qui en est à peu de distance.

rès ce court exposé des événements qui ont décidé du
lu Portugal en 1808, exposé qui ne saurait être entiè-
nt étranger à l'objet de ce mémoire, puis que ces évé-
ents ont eu lieu sur le terrain qui nous occupe, l'on va
er des moyens de se porter en avant sur Lisbonne.

'armée avant de quitter sa ligne entre les embouchures
Mondego et du Zezere, se sera bien assurée des bouches
ce fleuve, et aura mis une forte garnison à Coimbra et
ueira; son premier mouvement se fera dès lors par sa
ite qui viendra s'appuyer au port de Nazareth, d'où elle
levera sur Aljubarrota, Batalha, Porto de Moz, Minde,
rres Novas, Gollegã et Tancos.

Dans cette position, la première opération difficile sera la
ise de Santarem que l'ennemi aura surement fortifié et
'il aura liée par une bonne communication avec le Tage;
carte très détaillée de cette position a été remise; il faut
consulter, et par dessus tout la carte d'ensemble de la
esqu'isle sur laquelle j'ai tracé les marches de l'armée,
ses deux combats du mois d'août 1808. Cette carte est la
ule, le gouvernement seul la possède, elle est assez exacte
l'on ne peut la remplacer.

Santarem supposé occupé, l'armée y appuyra sa gauche,
prendra position à Rio Maior, Tagarro, Cercal, Cadaval,
mbarral, Roliça et Obidos.

C'est dans cette position que l'armée aura en avant d'elle
chaîne de Montejunto; qui courant de Cercal au cap de la
ca, rend impraticable pour les armées une grande partie
la péninsule, et ne laisse que trois routes déterminées
ur marcher sur Lisbonne. La première au nord suit le
rd de la mer à quelque distance, et passe par Torres Ve-
as, Mafra, Cheleiros, Bellas et Bemfica, au point de Roliça.
tte route en rencontre une autre qui s'élève par Runa, et
passer le Montejunto au seul point où il s'abaisse pour se
ndre à Lisbonne par Montachique et Loures.

L'ennemi occupant solidement Peniche, et tirant tout avan-
ge de la mer, la route dont on vient de parler, et qui est
versée par de nombreuses difficultés, ne paraît pas devoir

être préférée pour arriver à Lisbonne. L'on devra néanmoins occuper la position de Vimeiro pour observer la mer, et mettre de fortes garnisons à Lourinhã, Runa et Torres Vedras, pour s'opposer à tout débarquement sur la côte du Mondego à Peniche.

La seconde route qui conduit à Lisbonne, est au sud de Montejunto, et longe à peu près le Tage. Elle ne paraît point pouvoir être suivie, étant tracée sur la croupe des différents contre-forts de la principale chaîne d'où elle peut être parfaitement battue, ainsi que des bâtiments armés que l'ennemi ne manquera pas de tenir en bon nombre sur le Tage pour découvrir avec tout avantage des portions de route qui deviendraient absolument impraticables, et ne conduiraient d'ailleurs qu'aux marais de Sacavem qui présentent une position des plus fortes pour la défensive. L'on ne peut donc croire que la route qui longe le Tage, doive convenir à une armée envahissante.

Il reste un troisième chemin, c'est celui qui, au sud de Montejunto, passe presqu'à égale distance de la mer et du Tage, et vient de Cercal sur Abrigada, Aldeia Gallega, Chão d'Estira-Corda, Sobral, Bucellas, Loures, etc., etc., nul doute que cette dernière route doit être celle de l'armée envahissante qui devra toujours tenir les positions de Roliça, Torres Vedras, Runa, Vimeiro et Santarem, pour observer les débarquements.

Supposant donc l'armée en mouvement, son centre se portera sur Abrigada, et fera tout pour venir sur les hauteurs occuper les sommités de Villa Franca et Alhandra. L'ennemi de son côté ne manquera pas de se porter en force sur Sobral, et le moyen de le combattre dans cette position, sera de marcher sur lui par deux colonnes, celles du centre venant de Cercal, et celle du nord venant de Roliça par la vallée de Runa sur Sobral.

La position de Sobral supposée enlevée, et c'est bien la plus importante, deux accès seront ouverts sur Lisbonne, l'un par Torres Vedras et Montachique, et l'autre par Sobral et Montachique ou Bucellas.

parait toujours que le plus grand effort doit partir du
re, c'est-à-dire de la position de Sobral; aucun torrent,
un précipice ne s'oppose aux mouvements de l'armée
s cette partie. Il n'en est pas de même de Torres Vedras
isbonne par Mafra et Cheleiros; cette route présente de
mbreuses difficultés locales[1].

Parvenue sur les crêtes de Montachique et Bucellas, l'ar-
ée envahissante dominerait tout le terrain en avant de Lis-
nne, et verrait sur sa gauche les marais de la rivière de
cavem, dans lesquels elle devrait craindre de s'engager,
nsi que le vallon de Loures surement fortifié. Elle tiendrait
nc les hauteurs d'Almargem et de la Carvoeira, d'où elle
urrait probablement tourner les défenses établies à Lou-
s, point de concours des deux routes venant de Mafra et
ucellas; ce mouvement sur la droite serait d'autant mieux
, qu'il pourrait être appuyé par une colonne qui serait
nue par Mafra et Cheleiros sur Almargem, redoutant tou-
urs les troupes de débarquement que l'ennemi introduirait
r Ericeira, et la rivière de Cintra.

En général l'on doit croire que l'ennemi sera en force
r la hauteur de Sabugo, au sommet des versants de la ri-
ère de Sacavem et de la Carvoeira, et il est probable que
est dans cette position qu'il recevra le dernier combat qui
écidera du sort de Lisbonne.

L'on ne doit pas pousser plus loin, sans doute, les présen-
s recherches sur les mouvements de l'armée envahissante;
rivée sur les hauteurs de la Carvoeira, elle découvrira en
ant d'elle tout le terrain qui la sépare encore du but im-
ortant qu'elle poursuit, et rien ne lui sera plus utile pour
chever sa glorieuse et difficile entreprise que la carte de
connaissance des environs de Lisbonne remise au général
chef, carte dont il n'existe aussi point de copies.

[1] Ayant obtenu trop tard une copie de ma carte de la péninsule je
i pu détailler autant qu'il serait à désirer des moyens d'attaque; ce
e je regretterais infiniment si ces notes étaient jamais dans le cas
tre lues, ce qui n'aura probablement pas lieu.

Je dirai néanmoins que le grand objet de l'armée doit ê[illegible] d'envelopper Lisbonne pour intercepter tous secours [illegible] pourrait lui être donné par mer ou par le Tage. Cascaes St-Julien sont sous ce rapport, deux points qui doivent êt[illegible] scrupuleusement observés.

Supposant, enfin, l'armée maîtresse de Lisbonne, et qu'el[illegible] ait atteint le terme de ses pénibles travaux, ce dont on cr[illegible] toujours devoir douter, surtout à raison de l'impossibili[illegible] de lui assurer des subsistances, l'armée qui ne devra p[illegible] être moindre de quarente mille hommes, éprouvera plus q[illegible] jamais la pénurie des vivres, toute communication avec [illegible] mer se trouvant interceptée; l'on doit même craindre le m[illegible] contentement de la population des grandes villes, et celle [illegible] Lisbonne prête à s'insurger sur nos derrières en 1808, co[illegible] tribua sans doute pour beaucoup au parti que l'on jugea d[illegible] voir prendre. Le même inconvénient serait encore à redo[illegible] ter, sans doute, si l'on ne pouvait tirer aucun moyen [illegible] subsistance de l'Espagne, et l'on répétera que l'envahiss[illegible] ment du Portugal, et surtout de sa capitale par la force d[illegible] armes, sur un ennemi maître de la mer, est une opérati[illegible] tellement délicate que l'on ne saurait mieux faire que d'av[illegible] l'air de la vouloir ardemment sans jamais la poursuivre si[illegible] cèrement aussi longtemps que l'Espagne, loin de procur[illegible] des secours, exigera au contraire d'énormes sacrifices.

Lettre adressée au ministre de la guerre en novembre 1809

Monseigneur: — Je crus de mon devoir il y a quatre m[illegible] d'écrire un mémoire militaire sur l'envahissement du Port[illegible] gal[1]; j'ignore jusqu'à ce jour si cet écrit est parvenu à [illegible] destination, mais comme il est très probable qu'il n'aura [illegible] été mis sous les yeux de v. ex^ce je crois encore faire ch[illegible] utile pour mon pays, en osant vous l'adresser directeme[illegible]

[1] É a primeira memoria das tres que constituem o docum[illegible] n.º 82-B, já transcripto.

j'ajouterai que je demandais, il y a quatre mois à servir comme volontaire ou officier d'état major, près du général chargé d'entrer en Portugal.

Des circonstances défavorables qui tiennent à une aveugle destinée, et contre lesquelles toute prudence humaine devoit échouer, m'ont déjà trop fait prouver, que je m'effraye peu des mauvais traitements qui peuvent m'atteindre personnellement pour oser manifester d'importantes vérités, et certes ce n'est qu'avec une peine infinie que je cède encore au besoin d'émettre une opinion que je désire bien n'être qu'erronée, mais quand je vois deux fortes armées au moment d'en venir aux mains pour une première affaire dont le succès ne sauroit être douteux à raison du vaste théâtre sur lequel elles agissent, je me demande toujours, quel sera le résultat d'un premier avantage obtenu? L'armée victorieuse ira-t-elle jusqu'à Lisbonne?

Ce projet, je le pense, causerait la ruine de l'armée envahissante; il est impossible à la France de nourrir dans Lisbonne une population de deux cents mille âmes et les vingt mille hommes nécessaires pour les maintenir dans l'ordre et la famine. Les positions les plus défensives appuyées par la mer et le Tage séparent Lisbonne de la ligne importante à occuper; les principaux points de cette ligne seraient Porto, Coimbra, Aljubarrota, l'embouchure du Zezere, Santarem, Almada, Torre Velha, Setubal, la côte des Algarves et surtout Ayamonte.

Dans cette position l'armée qui devrait se retrancher contre Lisbonne maîtriserait tout le commerce du pays, et négligerait surtout à raison des difficultés militaires presqu'insurmontables, l'inquiétante population de Lisbonne qu'il faudrait détruire, ou nourrir; une seule frégate, une seule bourée mouillée dans les bouches du Tage, empêchant absolument toute communication avec une ville qu'il faudrait laisser entièrement à la charge des anglais, et qui ne communiquant plus avec le royaume ne pourrait plus l'agiter, et le forcerait de tourner son industrie vers la culture.

Que l'on batte donc l'ennemi dans de trop vastes positions

pour lui, mais que l'on redoute de le poursuivre aux en
de Lisbonne, et dans son enceinte; j'ai cru cette opini
sentielle à manifester. Elle est susceptible de grands
loppements qui s'agrandiront encore dans la vaste p
des hommes particulièrement appelés à la solution d'u
blème que toutes les localités rendent facile à l'enne
que l'on a rendu aussi intéressant qu'il me paraît diffi
résoudre à notre avantage.

DOCUMENTO N.º 99-B

(Citado a pag. 159)

Parte official descrevendo a surpreza feita no caminho de Ades para Bans sobre as bagagens do exercito francez sob o com de Massena, em 21 de setembro de 1810

Officio do marechal Beresford a D. Miguel Pereira Fo

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Tenho a honra de remetter a v.
relação do coronel Trant, relativa a um ataque que el
sobre a retaguarda do inimigo, na conformidade das ins
ções geraes, dadas por mim ao tenente general Bacella
o arranjamento e as disposições feitas pelo coronel Tra
vessem sido secundadas pela disciplina das milicias em
porção do valor que ellas mostraram, um golpe muito
importante teria sido dado ao inimigo, o qual não teve e
senão por falta de uma melhor disciplina. É, portanto,
que o valor sem disciplina não basta contra um ini
aguerrido, e não é menos evidente que os portuguezes
ciplinados são superiores aos seus inimigos, e devo fel
sua alteza real de estar já provada esta ultima propos

Deus guarde a v. ex.ª S. Quintino, em 11 de outub
1810.=*William Carr Beresford,* marechal commandant
chefe.=Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Officio do coronel Trant ao general Manuel Pinto Bacellar

Moimenta da Beira, 22 de setembro de 1810.

Meu general: — Tendo a permissão de atacar a linha de communicação do inimigo, marchei na tarde de 19 por Segões, sobre o caminho de Vizeu, distante de Moimenta da Beira 3 leguas e de Vizeu 4. Não pude ali chegar com o meu corpo antes das tres horas da manhã de 20, e tendo ainda legua e meia de marcha, ou pouco mais ou menos tres horas de tempo antes de alcançar a estrada real de Trancoso a Vizeu, por onde o oitavo corpo do exercito francez tinha marchado nos precedentes dias, fui obrigado a suspender as minhas operações por esta noite. Aproveitei-me, entretanto, do seguinte dia para fazer um reconhecimento, pelo qual approximei as minhas tropas ao logar de Castello.

Informado dos movimentos do inimigo, pude saber que um consideravel comboio de bagagens com muita artilheria (o parque de reserva do exercito) se approximava, vindo de Trancoso. Decidi-me, pois, a atacal-o de frente. Formei, pois, uma vanguarda dos meus granadeiros e de trinta dragões, e antecipei-me á columna e ao resto da cavallaria; mas desgraçadamente o commandante do esquadrão n.º 6 tomou um caminho contrario áquelle pelo qual me adiantei, e foi seguido pela infanteria, circumstancia que occasionou uma demora de mais de uma hora de tempo, e fez mallograr a mais importante empreza, da qual teria resultado uma inteira privação de recursos pecuniarios ao marechal Massena, porque este comboio continha a caixa militar do exercito, e era acompanhado de toda a bagagem pessoal do general em chefe, do marechal Junot e de muitos outros officiaes superiores. A sua escolta immediata era de trezentos homens de infanteria, e pouco mais ou menos cem gendarmes imperiaes; mas a escolta da reserva da artilheria, e que estava uma legua á retaguarda, consistia em dez batalhões de infanteria, e era seguida, segundo affirmam os prisioneiros, de uma reserva de dois mil homens de cavallaria, commandados pelo general Montbrun. Eu tinha apenas commigo dois

mil homens de milicias da divisão do Porto e duzentos dragões, porque a brigada que eu esperava de Moncorvo ainda me não tinha chegado, tendo alem d'isto sido obrigado a deixar um destacamento em Moimenta da Beira, para me proteger o caminho para Lamego. Tambem tinha outros destacamentos em differentes postos de precaução, bem como alguns piquetes de cavallaria. Como o fogo da minha artilheria deveria necessariamente excitar o alarme em Vizeu e entre os batalhões em marcha de Trancoso, julguei conveniente postal-a sobre uma elevação do terreno perto de Castello, guardada por trezentos homens, para me poder abrigar debaixo do fogo das peças no caso de desgraça.

Logo que me chegou a minha cavallaria dirigi-me sobre Adesoromil, povoação que tomei, fazendo alguns prisioneiros, apprehendendo alguns carros de viveres e alguns carros de bagagem pessoal; mas eu descobri-me durante a demora de que acima fiz menção, e a caixa militar foi retirada antes da minha chegada. Tres officiaes montados perceberam o meu reconhecimento, e os mandei perseguir pelo coronel Wilson e tres ou quatro dragões; mas ainda que este official os não pôde alcançar, teve occasião de se certificar da posição sobre a qual se tinha retirado a escolta, e não pôde duvidar dos esforços que ella fazia para operar uma juncção com as tropas que conduziam o parque de artilheria, e que não estava senão meia legua para a retaguarda de Adesoromil. Apressei então a marcha do meu corpo, e avançando com a minha cavallaria pude obrigar a fazer alto este comboio e a acautelar-se; mas ainda que chegado ao ponto que tanto tinha ambicionado, a minha experiencia diminuiu pela approximação da noite, não só porque já o sol se começava a pôr, mas porque tambem a minha infanteria ainda não tinha chegado depois da minha marcha a Adesoromil. N'estes termos conclui, pois, que se o inimigo ainda não tinha sido reforçado, elle incessantemente o seria, e por conseguinte esperei que a todo o momento viesse a ser atacado pela retaguarda por algum destacamento de Vizeu; um só expediente me restava, e eu o adoptei.

presentei-me só aos primeiros postos como parlamenta-; chegou um official superior, e propuz-lhe entregar-me bagagem, permittindo aos officiaes reunirem-se ao seu ercito com metade da sua cavallaria para os escoltar; elle receu hesitar, e pediu submetter o negocio a um official estado maior mais graduado. Este pediu tempo para de-berar; recusei-lh'o, mas permitti-lhe consultar um terceiro fficial, que era primeiro ajudante de campo do general em hefe Massena. Este official só quiz entreter tempo, tendo só-mente em vista envolver-me entre forças superiores. Rompi ntão a negociação, annunciando-lhes a minha determinação de os atacar promptamente. Já por este tempo fazia escuro; perigo augmentava de todos os lados, e até para conseguir uma retirada era preciso effeitual-a desde logo, porque sem este preliminar já quasi não estaria no poder de alguem re-tirar sem ser perseguido.

Eu tinha tres columnas cerradas já preparadas para o ata-que: ordeno-lhes de marchar para diante *a passo de carga*, e dei ordem á cavallaria para atacar a direita do inimigo. Prometti ás tropas que a presa lhes seria dada em partilha. Posto que a cavallaria não pôde conseguir o seu fim, isto é, romper o quadrado que o inimigo tinha formado, compor-tou-se todavia com uma bravura admiravel. Ella teve quatro mortos e sete feridos, dos quaes um era official, o tenente Joaquim Ferreira, do regimento n.º 6, e perdeu dez caval-los. As columnas de infanteria avançaram com rapidez até aos postos avançados do inimigo. Aqui o fogo começou, e nós o retribuimos; mas do lado do inimigo, tendo cessado subitamente, persuadi-me que se escapasse durante a noite, o que me foi confirmado na seguinte manhã. Não pensei mais em o perseguir, mas puz-me em retirada, de modo que sem ser interrompido cheguei á posição que havia occupado pela manhã. A infanteria teve pouco mais ou menos trinta ho-mens mortos e feridos. Não posso calcular a perda do ini-migo, mas fizemos-lhe perto de oitenta prisioneiros de diffe-rentes regimentos, incluindo dois officiaes, tres sargentos e dois gendarmes imperiaes. A recommendar as minhas tro-

pas, pelo que respeita á bravura, não ha outras que melhor se possam comportar, qualidade que contribuiu a tornar os espiritos agitados, e a excitar alguma confusão pelo seu arrebatamento. Sendo esta a primeira vez que este corpo de milicias manobrou debaixo do fogo do inimigo, é de esperar que em qualquer outra occasião futura se apresente com mais disciplina, pois que quanto a mim tenho n'elle grande confiança nas suas intenções, etc., etc.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. tenente general Manuel Pinto Bacellar, commandante do exercito das provincias do norte. = *Nicolau Trant.*

DOCUMENTO N.° 99-C

(Citado a pag. 182)

Parte official que o general Massena deu ao governo francez sobre a batalha do Bussaco

Coimbra, 4 de outubro de 1810.

Meu senhor: — A 16 de setembro pozemo-nos em marcha para entrar em Portugal, como já informei a vossa alteza. No quinto dia chegámos a Vizeu, tendo passado por muito más estradas. Fomos obrigados a demorar-nos ali cinco dias, para dar tempo a que chegassem o parque de artilheria e as bagagens, e pol-as em ordem, como tive a honra de vos mandar dizer de Vizeu. D'esta cidade parti no dia 24. Depois de tres dias de marcha cheguei diante da posição do Bussaco, que estava occupada pelos exercitos inglez e portuguez combinados. No dia seguinte ao romper do dia reconheci esta posição; mandei atacar na esquerda pelo segundo corpo, e no centro pelo sexto, ficando de reserva o oitavo corpo. Esta posição é certamente a mais forte de todo o Portugal. Apesar d'isso o general Reynier ganhou o cume do monte, e começou a estabelecer-se n'elle quando o general Hill com um corpo de vinte mil homens atacou em columna cerrada as nossas tropas, que estancadas de fadiga começavam a for-

mar-se no cume das montanhas, e as fez descer d'ali. Esta retirada, sustentada por uma forte reserva, foi executada em boa ordem, e o segundo corpo tornou a tomar a sua primeira posição. No centro estavam as duas divisões, Loison e Marchand. A primeira fez um ataque sobre a direita da estrada que conduz ao convento do Bussaco, e o outro sobre a esquerda.

O general Loison, sendo obrigado a trepar por uma montanha muito escarpada para ganhar a estrada real, chegou a ella depois de grandes esforços; mas não tinha tido ainda tempo de se formar em columna cerrada e estabelecer-se ahi, quando duas columnas inglezas vieram em ordem cerrada, e protegidas por uma numerosa artilheria carregar esta divisão e a obrigaram a retirar-se. O general Marchand, que devia sustentar este ataque, tomou uma posição para suspender o inimigo. Os inglezes não ousaram adiantar-se mais de 300 toezas da sua linha de batalha. O resto do dia passou-se em escaramuças. Tendo cuidadosamente reconhecido esta posição (que lord Wellington não teria ousado tomar, se assim como eu a não tivesse julgado excessivamente forte), eu formei immediatamente o projecto de alcançar pelos meus movimentos o que me teria custado muitos soldados valorosos. Mandei partidas de cavallaria e infanteria para a direita e para a esquerda, nas vistas de reconhecer o paiz e ter o inimigo na incerteza dos meus movimentos.

Em rasão das informações que tive, decidi-me a rodear o exercito inglez pela minha direita. A posição da ponte da Murcella, que o inimigo tinha fortificado, e para onde elle podia fazer mover o seu flanco pela montanha de Penacova, dava-lhe meios de poder dirigir para ali todas as suas forças em menos de duas horas, ao mesmo tempo que a estrada do Sardão, atravessando a garganta de Caramulo, me conduzia a Boialvo em um paiz plano e fertil. Este movimento rodeava a esquerda do inimigo, e punha-me em estado de manobrar no seu flanco.

A 28, pelas seis horas da tarde, deixei a posição de Moura, e marchei para Boialvo. O oitavo corpo, que não tinha

soffrido, formou a vanguarda, o sexto o centro e o segu
a retaguarda. Todos os meus feridos me seguiram nos
ros e nas bestas de carga do corpo dos transportes. O
migo, tendo percebido depois da meia noite esta man
sobre a sua esquerda, deixou uma forte retaguarda no
saco, e marchou em grande desordem por muitas colum
para Coimbra, depois de ter queimado todos os seus ar
zens e munições.

No 1.º de outubro cheguei a Coimbra. O inimigo tinh
deixado toda a cavallaria com alguns regimentos de infa
ria que desalojámos. D'ali se retirou para Condeixa.

No dia 2 mandei a minha vanguarda para este lo
d'onde o inimigo foi desalojado, e está actualmente na
dinha. A minha cavallaria apoderou-se de todas as estr
que conduzem á estrada real de Lisboa, e o general M
brun marcha para a Figueira. Lord Wellington retira-se
Lisboa com o exercito alliado. Elle diz que a sua intenç
disputar-nos todas as posições. Eu marcho em um só co
e farei tudo o que podér para o induzir a dar a batalha, u
meio de o destruir ou de o obrigar a embarcar-se. O e
cito alliado é reputado em sessenta a setenta mil hom
inclusos vinte e cinco mil inglezes. O inimigo queima e
troe tudo á proporção que evacua o paiz, e obriga os h
tantes a abandonar os seus lares. Coimbra, cidade de
mil habitantes, está deserta. Nós não achámos provis
O exercito sustenta-se de milho e dos vegetaes que fica
na terra. A nossa perda em mortos e feridos sobe a tres
homens, incluso um grande numero de officiaes [1]. O gen
Graindorge morreu das suas feridas. O general de div
Merle está ferido, assim como os generaes de brigada
e Maucune. Por algum tempo não estarão em estado de
vir. Os coroneis do regimento n.º 26 de linha, do 6.º e
de infanteria ligeira ficaram mortos, e muitos outros fer

[1] A perda dos francezes foi de quatro mil quatrocentos oitenta
homens, entrando duzentos quarenta e cinco officiaes, como se p
no *Jornal historico*, de mr. Fririon, pag. 50 e 51.

Ha nos differentes corpos muitos logares de officiaes vagos, que é necessario preencher. O exercito anglo-luso confessa que perdeu quatro mil homens, metade dos quaes inglezes [1]. Deixo os meus doentes e feridos na minha retaguarda em Coimbra, onde eu mandei fortificar dois conventos. Não posso deixar senão um pequeno numero de tropas para os defender. A melhor protecção que posso dar-lhes é derrotar os inglezes, e forçal-os a embarcar-se. = *Massena*.

DOCUMENTO N.º 99-D

(Citado a pag. 236)

Parte official que o coronel Trant remetteu ao marechal Beresford, ácerca da tomada de Coimbra quando Massena marchou para Lisboa em perseguição de lord Wellington

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — Tenho o gosto de participar a v. ex.ª ter hoje atacado com vantagem a cidade de Coimbra só com a perda de uns poucos de mortos e feridos.

Participei já a v. ex.ª que no dia 6 tencionava marchar para a Mealhada, esperando unir-me ás forças do brigadeiro general Miller e do coronel Wilson, combinando um ataque sobre esta cidade; mas quando lá cheguei soube que estes dois corpos estavam demorados por falta de mantimentos n'aquelle districto, tão exhaurido, que se estende immediatamente ao norte do Bussaco, e que a cavallaria que lhe fôra aggregada não estava em estado de avançar, em consequencia da fadiga que tinha padecido nas marchas anteriores. N'esta situação não me restava outro arbitrio senão o de avançar com a minha divisão, emquanto havia uma grande probabilidade de que ignoravam a minha chegada á Mealha-

[1] A perda do exercito luso-britannico já atraz se viu na parte official de lord Wellington, montando apenas a mil cento trinta e oito homens (quinhentos setenta e oito do exercito portuguez e quinhentos e sessenta do inglez).

da, a fim de impedir que tomassem algumas medidas de defeza em Coimbra, d'onde só estava distante 3 pequenas leguas. Para este fim marchei ao meio dia, tendo um esquadrão de cavallaria na frente debaixo das ordens d'aquelle valoroso official Doutel, cujo nome eu já tive occasião de pôr na presença de v. ex.ª Este esquadrão era sustido por duzentos homens de tropa de linha. O regimento de milicias de Coimbra formava a testa da columna, por ser este o ponto de honra.

O meu plano de ataque era de entrar ao mesmo tempo por dois pontos: uma divisão pela estrada do Porto; a outra, separando-se da columna depois de passar Fornos, e cobrindo as alturas a leste da cidade, devia entrar pelos arcos de Sant'Anna, passando pelo Loreto; mas esta disposição só devia ter logar no caso de acharmos o inimigo prevenido. A pouca distancia de Fornos, na estrada da Mealhada, um pouco á direita d'aquelle logar, encontrei-me com um destacamento do inimigo, o qual principiou a fazer fogo; mas fazendo avançar rapidamente a cavallaria sobre Fornos, alcancei cortal-os de toda a communicação com Coimbra, e elle se entregou depois de perder alguma gente, e não encontrei outro posto do inimigo. Ordenei que a cavallaria passasse a galope pelas ruas principaes, que atravessasse a ponte do Mondego, e, penetrando até á estrada de Lisboa, interceptasse a communicação com o exercito principal. Isto se effectuou com a maior promptidão pelo tenente Doutel, com a perda de um só dragão morto. Mandei postos de infanteria para os pontos principaes da cidade. Houve uma resistencia irregular por uma hora, em que tivemos só dois mortos, sendo vinte e seis feridos, incluindo o coronel Serpa Pinto, do regimento de milicias de Penafiel. Este official commandava a primeira brigada, e a sua conducta merece todo o louvor.

Na margem do Mondego, do lado de Santa Clara, onde a maior parte da força do inimigo estava collocada em posição no convento, houve algum fogo emquanto a cavallaria passava a ponte; mas o commandante francez, logo que o tenente Doutel a tinha passado, propoz uma capitulação, que não acceitei senão a de se renderem á discrição, prometten-

do-lhe de os proteger contra os insultos do povo, e esta tropa entregou-se.

Tenho rasão para crer que o numero dos prisioneiros excede a cinco mil, dos quaes partiram já para o Porto quasi quatro mil, incluindo uma companhia inteira das guardas da marinha do imperador. Achámos tres mil e quinhentas espingardas, quasi todas carregadas, pelas quaes se póde fazer uma idéa do numero de gente que havia em estado de servir defensivamente. Distribui estas armas pelas ordenanças d'estas terras; mas não achámos artilheria alguma. Apoderámo-nos de uma quantidade de bois e carneiros que o inimigo tinha juntado para a subsistencia das suas tropas, e que nos serviu de valioso mantimento para as nossas. Entre os prisioneiros acham-se uns oitenta officiaes. Sinto dizer que os paizanos commetteram algumas acções violentas, mas não julgo que fossem victimas da sua vingança mais que seis ou oito francezes, justa vingança do estado de miseria a que tinham reduzido a cidade.

O inimigo, não satisfeito com a ter saqueado até ao ultimo ponto, e em despir os poucos moradores da mesma roupa que traziam vestida, pozeram barbaramente o fogo a algumas casas, e deitaram ás ruas em geral desordem todos os moveis que não poderam levar com o exercito, e portanto não se podia esperar que soldados, dos quaes oitocentos eram habitantes da cidade e vizinhanças, acompanhados pelos seus desgraçados parentes, podessem com paciencia ser testemunhas de uma scena de ruina, na qual os seus bens tinham sido d'este modo, tão injusto e irremediavel, inteiramente destruidos.

Como os corpos do brigadeiro general Miller e do coronel Wilson devem aqui chegar ámanhã, tenciono deixar n'esta cidade uma das minhas brigadas, e marchar com o resto da minha divisão, servindo de escolta para os prisioneiros até ao Porto, pois que tal é a raiva da gente d'esta terra, animada pela ultima passagem do exercito inimigo, que considero a minha presença absolutamente necessaria, particularmente no districto entre o Mondego e o Vouga.

Concluo esta parte a v. ex.ª assegurando-lhe que o anim
das milicias n'esta occasião foi tal que faria credito a qual
quer tropa de linha.

Deus guarde a v. ex.ª Coimbra, 7 de outubro de 1810, á
oito horas da manhã.—Ill.mo e ex.mo sr. marechal Beres
ford.=*Nicolau Trant.*

DOCUMENTO N.º 99-E

(Citado a pag. 238)

Réflexions sur la situation de l'armée de Massena près de Lisbonn après l'affaire de Bussaco

Par le colonel du génie Vincent, de l'armée de Portugal (année 1808)[1]

Des avantages de tout genre, et tels que jamais la natur n'en a peut-être offert à une armée sur la défensive, secon dent, en ce moment, les efforts de l'armée anglaise près d Lisbonne.

L'isthme, près de l'extrémité duquel se trouve situé cette place, longé dans son milieu par la chaîne élevée d Montejunto, qui, de Cercal, va se terminer au cap de l Roca, n'ayant qu'une bien faible largeur, tous les contre-fort nombreux qui se détachent de cette chaîne élevée, ont né cessairement une chute rapide vers le Tage et la mer p distants de la crête de la chaîne.

Il résulte de ces données locales, un terrain infinimen accidenté, beaucoup de sommités peu accessibles et de pro fonds ravins fouillés par des eaux qui ont une rapidité ex trême. C'est ainsi que vers le Tage, et du côté du sud, San tarem, Alemquer, Sobral, les hauteurs au-dessus de Villa Franca et l'église d'Alhandra, offrent, en ce moment, les po sitions les plus faciles à défendre, et toutes placées en avant

[1] Diz o auctor ter sido entregue ao imperador Napoleão durante a campanha de Massena, depois da batalha do Bussaco.

uisseau de Sacavem, dont les eaux inondent certaine-
t une très grande partie de la plaine de ce nom.
u côté du nord, la mer brisant habituellement avec fu-
r, la côte se trouve coupée à pic, et le pendant des eaux
moins étendu que du côté du sud, ce qui donne lieu à
ravins beaucoup plus encaissés, et les ruisseaux de Che-
ros, d'Ericeira et de la Carvoeira, offrent des difficultés
iniment difficiles à vaincre.
En arrière et au centre de toutes ces difficultés, et comme
cavalier retranché à sa gorge par les vallons de Sacavem,
Cheleiros et autres, se trouve, au-dessus de Sobral, la
sition dominante de Montachique, où l'on ne peut guère
river qu'en face; les défilés de Bucellas et la ravine de
heleiros permettant peu de la tourner; l'on y réussirait que
ennemi ferait sûrement sa retraite par le vallon de Loures
ppuyé par des postes multipliés, tels que Cabeça de Saca-
em, la chapelle en avant de Lumiar, et autres qui bordent
rive droite du ruisseau de Sacavem; sa gauche ne serait
as moins protégée par les hauteurs d'Almargem, de Sabugo
t les ravines de Cheleiros, Ericeira et de la Carvoeira.
Supposant néanmoins que les efforts de l'armée attaquante
ussent obtenu le prodigieux avantage de camper sur le pla-
eau de partage des eaux des ruisseaux de Sacavem, et la
arvoeira, l'ennemi qui aurait sans cesse concentré ses forces,
e trouverait encore dans le cas de présenter la plus vigou-
euse défense, en occupant, au milieu de Lisbonne, la puis-
ante position de Penha de França, Senhora do Monte, Graça
t du château de Lisbonne, qu'il n'abandonnerait jamais qu'à
a dernière extrémité, ayant toujours tout secours et toute
acilité de retraite parfaitement assurés, au moyen des bat-
eries formées à leurs gorges qui sont sur la rive droite du
Tage, et au moyen des deux points fortifiés de St-Julien et
de Cascaes.
Si l'on ajoute à tous ces avantages qui caractérisent la po-
sition défensive de Lisbonne, du côté de terre, les secours
inappréciables que peut assurer à cette même position la
possession de la mer, on se persuadera avec raison que les

anglais ont pu dire qu'ils y seraient inexpugnables, et bea coup d'autres le pensent sans doute tellement avec eux, q l'on est tenté de croire que c'est une profonde et heureu pensée que celle qui a concentré jusqu'à soissante-dix mil hommes de troupes ennemies sur un point aussi coûteux conserver qu'essentiel à isoler du reste du royaume.

Continuant effectivement à considérer cette importan position sous le rapport des avantages que lui assurent l mer et le Tage, l'on voit que le camp ennemi se trouva appuyé, par ses extrémités à ces deux puissantes limites l'assaillant perd l'avantage de ces vastes combinaisons, qu exécutées avec l'agilité, et le zèle qui caractérisent le sold français, ont si souvent fait faire à la victoire des pas qu lui ont été inconnus jusqu'à ces derniers moments où elle si rapidement parcouru l'Europe. Il faut donc attaquer, e enlever de front aujourd'hui les positions ennemies en avan de Lisbonne; celui qui a quelque idée du site ne peut croir au succès de cette entreprise.

Appuyé sur la côte nord de l'isthme, par la petite plac de Peniche, la gauche de l'ennemi peut recevoir, dès qu la mer le permet, tous les secours qui lui sont essentiels du côté du sud, le Tage toujours pratiquable et qui appuy la droite de l'ennemi, assure aussi toute facilité pour se opérations, et les ressources à retirer de ses vaisseaux.

L'on voit donc qu'indépendamment des nombreux avantages que cumule la position de l'ennemi, du côté de terr la possession de la mer ajoute encore infinement à la forc de cette position; et, si jamais défense fut pleinement rassurante pour le moral des troupes, c'est sans doute celle d l'armée anglaise en avant de Lisbonne; car, dans le cas d'u très grand nombre d'échecs, elle verrait sa retraite parfaitement assurée, n'ayant rien à redouter qui puisse l'empêche de s'embarquer à Lisbonne et tout le long de la côte, entr la place et St-Julien, aussi longtemps que nous n'occuperon pas les hauteurs d'Almada et de Torre Velha, et dans ce ca la retraite de l'ennemi, par St-Julien et Cascaes, serait enco assurée.

Qu'il soit donc permis de supposer que l'on a jamais voulu rieusement forcer les lignes en avant de Lisbonne, et voyons uel peut être le résultat de cet état de choses.

Trente mille anglais occupent ces lignes. L'horrible destrution qui a dévasté le théâtre de leur retraite, a forcé le rassemblement dans Lisbonne de trois cents mille individus qui doivent être pour la plus part nourris à la main par l'armée ennemie. Un tiers de cette nombreuse population, chassée de ses foyers par ses alliés, est souffrante et malheureuse. Le sentiment de l'indignation, et le besoin se réunissent donc dans cent mille âmes, au moins, pour les porter à exiger par tous les moyens possibles, leur subsistance journalière qui ne peut être assurée que par la mer; et telle est la position des anglais, qu'ils devraient craindre avec toute raison d'être assaillis par la population de Lisbonne s'ils négligeaient de lui assurer des vivres. L'on doit même penser qu'ils ne sont nullement maîtres de se rembarquer aujourd'hui; car il est évident, pour la population de la ville, que le jour où les anglais se seront retirés, après avoir détruit toutes ses ressources, les secours de subsistance qui lui sont indispensables cesseraient de lui être assurés.

L'on peut donc voir les anglais comme placés en face d'un ennemi, peut être moins inquiétant pour eux que l'immense rassemblement d'hommes opprimés qu'ils ont sur leurs derrières, et qui doivent sincèrement redouter tout mouvement de leur part. Quelques marches en avant de la position actuelle, ou une retraite par mer, seraient également redoutables pour la souffrante population de Lisbonne, qui serait dans l'impossibilité d'être nourrie à la suite des dévastations exercées.

La situation de l'armée anglaise la contraint donc de nourrir journellement deux cents à trois cents mille âmes à l'aide de ce qu'elle doit tirer de ses vaisseaux; et, certes, une pareille situation est aussi onéreuse que critique. Sans doute aussi, l'on peut voir comme une circonstance fort heureuse pour la France, l'armée anglaise dans cette position vraiment violente, et surtout bien moins inquiétante que si elle se

portait sur un grand nombre d'autres points. L'on a toujours pensé, enfin, que le grand objet des français doit être de bloquer les anglais, du côté de terre, dans leur position actuelle, d'occuper les principaux points de la côte, et surtout les hauteurs d'Almada, d'où il est si facile de tourmenter les principaux mouillages de l'ennemi ; et l'on voit comme un très grand succès obtenu, et auquel il convient de se borner, celui d'avoir forcé l'ennemi à se retirer où il est, à y faire des travaux immenses, et à y pourvoir à la subsistance de trois cents mille individus. Une pareille campagne fait grand honneur à l'armée française.

Si l'on considère actuellement l'état des choses quant à l'intérêt de la France, le résultat prouvera peut-être qu'il est grandement en sa faveur.

Quel est, en effet, le grand objet du gouvernement français ? C'est de changer le génie industriel des portugais, et d'en faire de bons agriculteurs, sachant arracher de leur sol une subsistance certaine, au lieu de celle que leur procurent, d'une manière précaire, leurs rapports commerciaux avec l'Angleterre. Or le plus sûr moyen d'atteindre ce but, c'est d'isoler le royaume de sa capitale.

Une remarque bien vraie, est que les zelés partisans des anglais, ennemis implacables du système continental, sont les habitants des principaux ports de mer et de commerce. Consultez le paisible cultivateur du nord, de l'Amérique, celui de l'intérieur des terres du Portugal. Tous aiment la France, et ses nobles travaux pour le succès de l'agriculture, et de l'indépendance des mers; mais bornant toutes ses pensées à des idées de lucre, et n'appercevant la gloire de son pays, que dans le meilleur état de son comptoir et de son coffre fort, le spéculateur des principaux ports de mer, ne voit que les bénéfices immenses que peuvent lui rapporter actuellement ses relations avec le dominateur des mers, auquel il sacrifie journellement et l'intérêt et la gloire de son pays.

Telle est sur toute la place de Lisbonne, où le commerce anglais a toute prépondérance; les relations avec les riches

colonies du Portugal absorvent toutes les idées, et comme les anglais maîtrisent toute communication maritime, les habitants de cet immense entrepôt de commerce ne connaissent et ne chérissent que les vues anglaises.

Il serait donc plus dangereux qu'on ne pense, pour le système à faire prévaloir en Portugal, de laisser communiquer l'intérieur du royaume avec la capitale. Le portugais doit apprendre que son travail peut le soustraire au besoin d'attendre, dans l'indigence et l'oisiveté, son existence des anglais; et sans doute il travaillera plus volontiers, lorsqu'il aura la certitude qu'il n'a rien à attendre de Lisbonne, dont les nombreux spéculateurs ont intérêt à le faire croupir dans une honteuse inertie, et à lui faire oublier la culture de son sol.

Le temps et les grands hommes qui ont éclairé le Portugal ont souvent fait connaître ces vérités; mais le riche commerce de Lisbonne les écartera toujours, et s'il est un moment propice pour les faire admettre, c'est celui où toute communication avec la capitale interceptée l'habitant de l'intérieur reconnaîtra qu'il ne peut obtenir sa subsistance qu'en la demandant au sol qu'il se verra forcé de cultiver.

Loin donc de voir comme défavorable la position actuelle de l'armée française, loin de vouloir ambitionner un nouveau succès qui sortirait l'armée ennemie d'une crise qui doit lui être fatale, qui mettrait à la charge de la France l'approvisionnement d'une cité immense, et laisserait l'armée ennemie maîtresse de se porter sur tout autre point où elle serait bien plus inquiétante, l'on peut contempler avec satisfaction l'obligation à laquelle se trouvent soumis les habitants de Lisbonne de surveiller le camp ennemi, d'en exiger leur nourriture journalière, en même temps que le camp ennemi se trouve lui-même comptable aux yeux des portugais de la cessation de toute relation avec les dehors de la place, cessation que l'on doit voir dans les intérêts les plus vrais de la France, poursuivant toutefois plus longtemps le résultat à apercevoir du coûteux effort qui amènerait l'armée française dans Lisbonne; l'on doit bien se persuader que tous les bâ-

timents du port, en état de tenir la mer, seraient conduits dans la rade de Cascaes où ils recevraient les richesses de la ville avec lesquelles s'embarqueraient cinquante mille à soixante mille âmes. L'on ne peut assez concevoir combien un pareil embarquement doit être ambitionné des anglais. Les avantages qui en résulteraient pour leur commerce sont au-dessus de l'imagination la plus brillante qui voudrait s'arrêter à l'idée que toute cette précieuse et riche population qui se porterait nécessairement dans le Brésil n'y commercerait qu'avec l'Angleterre, et ajouterait le plus haut prix aux rapports commerciaux si précieux déjà existants et qui l'on doit voir comme les plus solides, étant fondés sur l'ignorance d'un peuple opprimé par le génie de ses meneurs uniquement voués aux idées mercantiles.

C'est donc ainsi que je l'ai toujours pensé, malgré l'opinion généralement contraire; c'est donc un état de choses qui peut plaire à un vrai français, que celui dans lequel se trouvent aujourd'hui les armées près de Lisbonne, et il doit être permis de faire des vœux, pour qu'il puisse être longtemps maintenu. Le plus sûr moyen d'y réussir, serait de tourner tous les soins vers la culture des terres, en leur demandant de préférence au vin, des grains, et tout ce que l'on désigne sous la domination générale de vivres de terre. L'homme qui amènera ce précieux changement en Portugal, en sera le vrai bienfaiteur, et méritera que la voix aimée du peuple le salue au nom de roi.

DOCUMENTO N.° 99-F

(Citado a pag. 267)

Parte official dirigida por lord Wellington ao governo portuguez sobre a retirada do marechal Massena das linhas de Lisboa para Santarem

Ill.^mo e ex.^mo sr. — O inimigo retirou-se da posição em que se tinha sustido durante o mez passado, com a sua direita sobre o Sobral e a sua esquerda postada sobre o rio Tejo.

Teve logar esta retirada na noite de 14 do corrente, tomando a sua direita a direcção da estrada de Alemquer e a de Alcoentre, e a sua esquerda a estrada de Villa Nova. N'esta disposição continuou nos seguintes dias a sua retirada para as bandas de Santarem. O exercito alliado desfilou das posições que occupava na manhã de 15 do corrente, seguindo a marcha do inimigo, e a guarda avançada d'este exercito se achava já em Alemquer a 15 do presente mez, ao mesmo tempo que a cavallaria britannica com a guarda avançada se achava em Azambuja e Alcoentre no dia 16, e n'este logar no dia 17. Durante estes movimentos foram feitos prisioneiros perto de quatrocentos homens das tropas do inimigo.

As tropas que assim hei mencionado foram seguidas na sua marcha pela divisão do commando de sir Brent Spencer, e pela quinta divisão de infanteria, commandada pelo major general Leith. A 17 do corrente recebi participações do major general Fane, mandadas da margem esquerda do Tejo. Por via d'ellas me communicava que o inimigo tinha construido uma segunda ponte sobre o Zezere, tendo sido levada pelas enchentes a primeira que ali havia lançado. Avisa-me mais o mesmo general de que o inimigo tinha n'aquelle dia mandado marchar de Santarem para as bandas da Gollegã um grande corpo de tropas. Immediatamente a esta noticia fiz passar o tenente general Hill com o corpo do seu commando para a margem esquerda do Tejo, embarcando para este fim em Vallada nos barcos que para ali tinha tido a bondade de mandar o almirante Berkeley, com o fim de coadjuvar e facilitar as operações do exercito. Foi o objecto d'este movimento o postar o general Hill na situação propria para secundar e ajudar Abrantes, no caso que o inimigo se destinasse a atacar aquelle ponto, ou de contrario, quando elle emprehendesse a sua retirada de Portugal atravez da Beira Baixa, poder incommodar e perseguir o inimigo na sua retirada.

A 18 do corrente a cavallaria britannica e a guarda avançada achou a retaguarda do inimigo tão fortemente postada

na frente de Santarem, que foi impossivel o podel-a atacar com alguma apparencia de feliz resultado; e ainda que sou informado pelos nossos postos da margem esquerda do Tejo que o inimigo continúa a mandar tropas e bagagens ao longo da estrada situada na margem direita do Tejo com direcção ao Zezere, a sua guarda avançada continúa a suster-se no mesmo posto, tendo evidentemente, tanto n'este como em Santarem, um sufficiente numero de tropas que os habilita a manterem a forte posição de Santarem contra qualquer ataque que eu podesse emprehender na sua frente. Ao mesmo tempo as chuvas copiosas que hão caído desde 15 do corrente têem completamente destruido as estradas e enchido as ribeiras e vallas, que hão feito com que eu até ao presente tenha achado impossivel o desalojar o inimigo da posição que occupa em Santarem por via de movimentos feitos através das alturas e montes sobre o flanco direito do mesmo inimigo. O mau estado das estradas ha tambem (é possivel) sido causa d'elle se demorar por tanto tempo na citada posição.

Apesar d'elle ter movido grandes corpos de tropas de Santarem para as bandas do nascente, não hei ainda sabido que algum numero grande tenha passado para a outra banda do Zezere. Não posso por isto mesmo estar certo de que a sua intenção seja a de inteiramente se retirar de Portugal. Achando-se, como se acha o seu exercito, junto entre Santarem e o Zezere, está elle em uma situação que o habilita a procurar suster-se n'aquella forte posição até que os reforços que sei estão nas fronteiras se lhe possam reunir. Por estas rasões, e porque não quiz expor ao rigor da estação um maior corpo de tropas do que era absolutamente necessario para empregar e apertar a retaguarda do inimigo e suster a nossa guarda avançada, deixei uma consideravel parte do exercito alliado em reserva, parte d'elle nos acantonamentos situados na linha das nossas posições fortificadas. Hei igualmente ordenado ao general Hill que faça alto com a vanguarda do seu corpo na Chamusca, na margem esquerda do Tejo, até que os movimentos do inimigo se tornem decisivos.

Não tenho ouvido nada do general Silveira (o qual se acha
as fronteiras da Beira Alta) de 9 do corrente para cá.
N'aquella data me informava dos movimentos dos differentes
corpos de tropas inimigas na Castella, e os quaes eu suppuz
fazerem ao todo vinte mil homens, apparentemente empregados
em levantar contribuições de viveres para o exercito
de Portugal. Estas participações hão sido confirmadas por
outras de uma mais recente data (de 13 do corrente), vindas
de Salamanca. Tenho avançado das posições em que me havia
postado, e nas quaes estava habilitado a trazer o inimigo
a um ponto e a obrigal-o a retirar, sem que se aventurasse
sobre qualquer ataque.

Devo de justiça ao tenente coronel Fletcher, e á officialidade
dos reaes engenheiros, chamar a attenção de v. ex.ª
para a pericia e diligencia com que hão formado e executado
as fortificações, com as quaes fizeram as ditas posições fortes
a um tal grau, que tornam qualquer ataque, feito n'aquella
linha occupada pelo exercito alliado, mui duvidoso ou inteiramente
sem a menor esperança para o inimigo no seu resultado.
O seu exercito poderá reforçar-se, e ainda outra
vez induzir-me a achar acertado o expediente, no estado
actual dos negocios da peninsula, a voltar para as mesmas
posições; mas não creio que dependa d'elle trazer contra
nós uma tal força, que possa tornar a contenda materia de
duvida. Somos devedores por estas vantagens ao tenente coronel
Fletcher e á officialidade do real corpo dos engenheiros,
entre a qual devo com particularidade mencionar o capitão
Chapman, que por vezes repetidas me tem já prestado
os seus serviços.

No meu despacho da data de 20 de outubro participei a
v. ex.ª que o marquez de la Romana se havia unido ao exercito
alliado nas posições fortificadas na frente de Lisboa,
trazendo comsigo consideraveis destacamentos de tropas do
exercito hespanhol do seu commando. O mesmo marquez
continúa a permanecer entre nós, recebendo eu d'elle conselhos
de mui alto preço, assim como uma assistencia mui
efficaz e de valor na sua tendencia. Por todo o periodo du-

rante o qual occupámos as posições já mencionadas tod
as cousas e parte do serviço foram feitas com a maior reg
laridade e com satisfação minha, não obstante ser a for
que as occupava (como v. ex.ª sabe) composta de trop
de varias qualidades e de diversas nações. Attribuo est
vantagens inteiramente ao zêlo que tem pela causa em qu
estamos empenhados, e ás conciliadoras disposições dos ch
fes e officiaes generaes dos exercitos das differentes naçõe
e não duvido que a mesma cordialidade continuará a perm
necer tanto quanto tempo se julgue necessario que os exe
citos continuem unidos. O tenente general sir Brent Spence
o marechal sir William Carr Beresford e os officiaes do e
tado maior do exercito têem continuado a prestar-me tod
os serviços que lhes são possiveis. Os meus ultimos desp
chos de Cadiz chegam á data de 9 do corrente.

Tenho a honra de ser, com consideração e respeito, d
v. ex.ª, ill.mo e ex.mo sr. D. Miguel Pereira Forjaz, o ma
attento e fiel servidor. = *Wellington.* = Quartel general d
Cartaxo, novembro 21 de 1810.

DOCUMENTO N.º 99-G

(Citado a pag. 280)

Relatorio da campanha do anno de 1810
dirigido por lord Wellington ao governo inglez [1]

23 de fevereiro de 1811.

O ultimo relatorio das operações do exercito inglez na p
ninsula terminava na epocha em que o referido exercito d
xára a sua posição nas fronteiras da Extremadura e do Ale

[1] Tanto este relatorio, como o já passado da campanha de 1809
o que ainda se verá de 1811, foram traduzidos da obra franceza *Rec
choisi des dépêches et des ordres du jour du feld-marechal duc de W
lington*. Bruxellas, anno de 1843.

tejo para ir tomar uma outra na Beira Alta, entre o Mondego e o Tejo, no meado do mez de dezembro de 1809.

Eis-aqui quaes eram os motivos d'este movimento. Primeiramente acreditava-se que os francezes tinham reconhecido que emquanto não desalojassem o exercito inglez de Lisboa e do Tejo não podiam esperar invadir com successo a Andaluzia, ou conseguir tornarem-se senhores d'este paiz. Esta crença era confirmada pela sua conducta depois da batalha de Ocaña no mez de novembro. Os resultados d'esta batalha e o estado a que o exercito hespanhol se achava reduzido offereciam-lhes a mais favoravel occasião de entrarem sem opposição na Andaluzia, e até mesmo de se assenhorearem de Cadiz; mas em logar de proseguirem nas suas vantagens, fizeram retrogradar immediatamente as suas tropas para Castella Velha, e deram por isto logar a acreditar-se que elles estabeleceriam a sua linha de operações por este lado. Em segundo logar havia toda a rasão para julgar que consideraveis reforços entrariam em Hespanha durante o inverno, e que immediatamente viriam sobre a fronteira de Portugal. Em terceiro logar o enchimento do Tejo e do Guadiana, que tinha tido logar até um certo ponto, havia posto um obstaculo material á marcha dos francezes na Extremadura hespanhola, e as chuvas que se esperavam deviam, segundo toda a apparencia, tornar os caminhos inteiramente impraticaveis, o que junto aos meios que se achavam na provincia debaixo das ordens do duque de Albuquerque pareciam pol-a ao abrigo de uma invasão.

O exercito inglez tinha terminado a sua marcha a 15 de janeiro, e tomado os seus aquartelamentos, apoiando a sua direita na Guarda; a sua esquerda estendia-se para o Douro e os seus postos avançados para o Coa; o seu quartel general achava-se em Vizeu. Por aquelle tempo a força do referido exercito era de dezenove mil e quinhentos homens no campo; n'este numero contavam-se dois mil e oitocentos homens de cavallaria e dezeseis mil e setecentos de infanteria, dos quaes oitocentos tinham ficado em Abrantes sobre o Tejo, debaixo das ordens do tenente general Hill; eram o

nucleo do corpo que se propunha formar debaixo das ordens d'este general para operar sobre as fronteiras do Alemtejo e Extremadura hespanhola, quando, contrariamente a toda a apparencia e a toda a espectativa, o inimigo invadisse esta parte do paiz. Á excepção dos hussards, a cavallaria deixou-se ficar nas margens do Tejo para estar ao alcance de receber as forragens que sabiamos não lhe poderem ser fornecidas pela Beira Alta. O exercito portuguez n'aquella mesma epocha ainda não estava em estado de entrar em campo, por causa sobretudo da falta de vestuario e dos artigos de equipamento necessarios aos soldados para fazerem uma campanha no inverno. A sua disciplina, a sua organisação e o seu equipamento haviam retrogradado até um certo ponto, por causa das suas operações no precedente estio, e resolveu-se não o mandar sair dos aquartelamentos que occupa no interior do paiz senão no ultimo momento, quando isto se podesse fazer, a fim de lhe dar o tempo necessario para se formar e equipar, emquanto que as tropas inglezas se conservariam na fronteira.

As forças e as posições dos alliados eram as seguintes n'aquella mesma epocha: vinte e quatro mil homens, que, pouco mais ou menos, se haviam recolhido dos fugitivos da batalha de Ocaña, estavam na Carolina occupando as principaes passagens da serra Morena; doze mil homens, pouco mais ou menos, debaixo das ordens do duque de Albuquerque, estavam em Medellin sobre o Guadiana; e vinte mil homens, que se haviam reunido depois do conflicto do duque del Parque em Alba, estavam em S. Martin de Trebojo, na serra de Gata. Havia alem d'isto de seis a oito mil homens em Astorga e em Villa Franca na Galliza, debaixo das ordens do general Mahy, e uma guarnição em Cidade Rodrigo. Por muitas vezes se recommendára ao governo hespanhol que reforçasse os corpos do duque de Albuquerque. Se este corpo estivesse mais forte, e sobre elle se tivessem apoiado as operações das tropas hespanholas, ter-se-ia defendido a passagem do Tejo em Almaraz, e o inimigo, em logar de tentar esta passagem, teria dirigido todas as suas forças

a a Mancha, como fez depois, de que resultaria poder e corpo lançar-se sobre o seu flanco direito pelo valle do adiana.

As forças do inimigo consistiam e estavam repartidas pelo eguinte modo: o corpo de Sebastiani (o quarto), o de Victor primeiro), e o de Mortier (o quinto), estavam postados nas izinhanças do Tejo e de Madrid; depois o corpo de Soult, a uarda real e a reserva de Dessoles compunham um exercito pouco mais ou menos de sessenta e cinco mil homens. O corpo de Soult achava-se em Talavera de la Reyna e suas vizinhanças, sendo a sua força de uns doze mil homens. O de Ney (o sexto) estava na Castella Velha, e na epocha em que o exercito inglez chegou á Beira, recebeu uns reforços que o elevaram a trinta e dois mil homens. No meiado do mez de janeiro o oitavo corpo, forte de vinte e sete mil homens, debaixo das ordens do duque de Abrantes, entrou tambem em Hespanha. Alem d'estes corpos de exercito, que fazem o objecto principal d'esta relação, havia o terceiro corpo, commandado por Suchet no Aragão, e o exercito da Catalunha, que ao principio estivera debaixo das ordens de Augereau, e que então estava debaixo das de Macdonald na mesma Catalunha. Estas divisões achavam-se occupadas nas operações de campanha contra os exercitos hespanhoes de Valencia e da Catalunha, mas como estas operações são inteiramente distinctas das que tiveram logar nas partes occidentaes e meridionaes da peninsula, não nos occuparemos d'ellas.

A primeira operação emprehendida pelo inimigo depois da chegada dos seus reforços á Hespanha foi forçar as passagens da serra Morena. Depois de ter manobrado durante alguns dias na base das montanhas, franqueou as passagens em opposição da parte do exercito hespanhol, que se retirou em diversas direcções. A maior parte, debaixo das ordens do proprio general Areyzaga, retirou-se para Jaen, e de lá para Granada, cidades que elle abandonou successivamente, indo depois para Murcia, onde formou o exercito d'esta denominação. Uma parte dirigiu-se para a serra de

Ronda, e de lá para Gibraltar, d'onde foi para Cadiz;
outra parte, debaixo das ordens do visconde de Gand,
rou-se para Sevilha, e de lá para o condado de Niebla,
ficou debaixo das ordens do general Copons. Uma di
com artilheria atravessou o Guadalquivir em Sevilha, e
gou a Monasterio na Extremadura, d'onde a artilher
mandou para Badajoz, indo as tropas embarcar-se em
monte.

Os francezes, depois de terem franqueado a serra Mo
dirigiram a sua esquerda, indo o corpo de Sebastiani
Jaen, e para Sevilha e Cadiz o primeiro corpo com a gu
real e a reserva, debaixo das ordens do rei. Todavia,
que de Albuquerque deixou a posição que tinha sol
Guadiana, e penetrou pelo Guadalcanal na serra Mo
pouco mais ou menos na mesma occasião dos francez
chegando a Xerez occupou a ilha de Leão antes que os
cezes se tivessem approximado da praça. Emquanto qu
tes movimentos tinham logar, a junta central foi dissol
Antes da sua dissolução ordenára ao corpo commandado
duque del Parque que se dirigisse da Castella para a E
madura, exceptuando tres mil homens debaixo das o
do general Carrera. Por aquelle mesmo tempo o ma
de la Romana foi designado para tomar o commando d
corpo.

Já se expoz qual era a misera situação do exercito
tuguez por aquella epocha. Era impossivel pol-o em
mento sem correr o risco de o tornar inutil durante a
panha. Comprehendendo a cavallaria (exceptuando a br
do general Slade, que tinha sido ligada ao corpo do ge
Hill), todo o exercito inglez que podia operar activamen
fronteiras da Castella contava, entre o meado e o fim
neiro, menos quinze mil homens, aos quaes se podiam
tar dez a doze mil homens do exercito portuguez, quan
julgasse a proposito pôr estas tropas em campo, não obs
as rasões que se acabam de expor. A estas forças oppun
o corpo de Ney em Salamanca. O oitavo corpo, comma
por Junot, achava-se em marcha sobre a fronteira da H

a, e em todo o caso sabia-se no fim de janeiro o que se ti-
a passado na Andaluzia, onde uma diversão se teria feito
ra o impedir. As passagens da serra tinham sido franquea-
s sem obstaculo. O exercito hespanhol tinha-se dispersado;
vilha, a séde do governo, com os seus arsenaes e os seus
tabelecimentos, achavam-se em poder dos francezes, e a
opria cidade de Cadiz se via ameaçada. Operação alguma,
ando se não fizesse por um corpo de tropas muito pode-
so, superior em numero e bem sustentado, poderia ter
ido uma diversão capaz de obstar ás consequencias de si-
lhante estado de cousas.

Era evidente que os francezes tinham commettido uma
lta entrando na Andaluzia. Deveriam ter começado por di-
gir as suas grandes forças contra os inglezes em Portugal,
ra conter em respeito o exercito hespanhol da Andaluzia,
mo na precedente primavera tinham feito. Por este modo
riam facilmente conquistado então a Andaluzia; mas da
aneira por que se conduziram foram obrigados a destacar
rpos um depois do outro do exercito d'aquella provincia
ra os enviar contra Portugal. D'aqui resultou fortificarem-
e Cadiz e Portugal n'este intervallo, tornando-se duvidoso
derem assenhorear-se em tempo algum d'este paiz ou
aquella cidade. Esta consideração, o conhecimento de que
lucta se estabeleceria talvez em Portugal, e a certeza de
e o inimigo tinha meios de reunir forças superiores ás
ssas, mesmo no caso de não ter sido ainda reforçado, fo-
m as causas que nos impediram de correr o risco de fa-
rmos uma diversão durante o mez de janeiro. A estação,
que por outro lado não permittia fazer operação alguma, e
o temor que sempre houve de que tivessem chegado refor-
ços ao inimigo, quando emprehendeu o seu movimento para
o sul, foram estes os principaes motivos.

Logo que em Portugal se soube que os francezes haviam
entrado na Andaluzia, e que o governo hespanhol desejava
que se fosse em seu soccorro para defender Cadiz, para lá
se destacou no começo de fevereiro os regimentos n.os 79,
87 e 94, inglezes, bem como duas companhias portuguezas

de artilheria e o regimento n.º 20 da mesma nação, tudo debaixo das ordens do major general Stewart. Durante o mesmo tempo, pouco mais ou menos, soube-se que o segundo corpo do exercito francez havia entrado na Extremadura hespanhola, acompanhado e apoiado pelo quinto corpo (o de Mortier), vindo da Andaluzia. O quinto corpo partira de Sevilha a 2 e 3 de fevereiro, apparentemente para dispersar uma divisão em fugida do exercito de Areyzaga, que atravessára o Guadalquivir; mas esta divisão retirára-se para Ayamonte, e enviára a sua artilheria para Badajoz. Parece que o governo francez imaginára que a invasão da Andaluzia, a posse de Sevilha e dos seus arsenaes, etc., assim como a dissolução da junta, pareciam desgraças de tal magnitude, que fariam cessar toda a resistencia; e no mesmo dia 12 de fevereiro os francezes intimaram ao mesmo tempo ás praças de Cadiz, Badajoz, Cidade Rodrigo e Astorga que se rendessem.

Immediatamente depois de recebido o aviso da entrada dos francezes na Extremadura, o general Hill poz-se em marcha com a sua propria divisão ingleza, duas brigadas de infanteria portugueza na força de quatro mil homens, commandados pelo major general Hamilton, uma brigada de cavallaria ingleza de mil homens, debaixo das ordens do major general Slade; o quarto regimento de cavallaria portugueza, uma brigada de artilheria allemã e duas brigadas de artilheria portugueza. Estes corpos deveriam dirigir-se em primeiro logar a Portalegre; mas o general Hill recebeu ordem de cooperar com as tropas hespanholas, anteriormente debaixo das ordens do duque del Parque, que se suppunham ter atravessado o Tejo e embaraçado o inimigo, se lhe fosse possivel, de fazer alguma tentativa séria contra Badajoz. O inimigo retirou-se d'esta praça quando soube da chegada do general Hill a Portalegre. O marechal Ney, á testa de duas divisões, intimou Cidade Rodrigo que se rendesse; mas retirou-se de novo sobre o Tormes ao saber que a vanguarda do exercito inglez havia atravessado o Coa. O general Loison, á testa da terceira divisão do corpo de Ney, intimou pela sua

mesma cousa a Astorga, demorando-se por algum
nas vizinhanças d'esta praça; depois foi substituido
avo corpo, commandado por Junot, e approximou-se
manca. Desde então nenhum movimento houve mais
ortancia por lado algum até ao meado de março, em
separou o corpo francez da Extremadura; Mortier
u para o sul, e Reynier com o corpo de Soult per-
eu nas vizinhanças de Mérida. As tropas alliadas, in-
e hespanholas, sobre as fronteiras de Portugal e
nadura, achavam-se por então até um certo ponto su-
es em numero ao corpo francez na mesma Extrema-
de que resultou agitar-se a questão se deveria ou não
se. No exame de toda a questão d'esta especie ha
pontos fundamentaes que é preciso passar em revis-
s seguintes são d'este numero:

O fim que se tinha procurado alcançar em similhante
sendo possivel, era o de desbaratar ou destruir intei-
te o segundo corpo, que se achava na Extremadura;
eciava-se que se não podesse conseguir isto, suppon-
smo que os corpos reunidos do general Hill e do mar-
le la Romana tivessem sido julgados bastantemente
para tentarem expellir o dito segundo corpo da sua
o sobre o Guadiana, elles não o impediriam de se re-
quer pela serra Morena, quer pelo valle do Guadiana,
e dirigir para Cidade Real, e quer por entre o Tejo
adiana para ir sobre a ponte do Arcebispo; era pre-
ois, que o ataque fosse feito por um só corpo em
sobre uma ou outra margem do Guadiana; então os
s teriam tido a escolha do caminho pelo qual o ini-
e deveria retirar, se é que estivessem em estado de
r a isso.

Os meios para effeituar este projecto consistiam em
il homens de infanteria e cavallaria, metade ingle-
etade portuguezes, debaixo das ordens do general
pouco mais ou menos em dez mil hespanhoes, com-
los pelo marquez de la Romana, cujo corpo fôra
ravelmente reduzido pelas molestias e falta de vi-

veres; o general Carrera havia permanecido na Castella Velha com tres mil homens, não tendo o inimigo para se oppor ás citadas forças menos de dezeseis mil homens, porque o segundo corpo, assim como os outros, tinham recebido reforços.

3.° Os riscos que se corriam n'esta expedição eram que provavelmente o segundo corpo faria de novo a sua juncção com o quinto, antes de effeituar se um ataque serio contra elle; o marquez de la Romana tinha pouca cavallaria n'esta epocha, e é notorio que a cavallaria hespanhola nada valia; a cavallaria portugueza formava-se por então; conseguintemente não podia haver confiança para o serviço d'esta arma n'um paiz aberto como era este senão sobre a cavallaria ingleza; o segundo corpo era sempre mais forte em cavallaria que os alliados na Extremadura hespanhola; mas a reunir-se este corpo com o quinto, não sómente a superioridade do inimigo em cavallaria se teria augmentado, mas a sua infanteria teria sido igualmente superior, e a retirada dos alliados sobre as praças fortes far-se-ia com mais ou menos precipitação quando porventura não experimentasse difficuldades.

4.° As difficuldades da empreza, pondo de parte as da estação, são as mesmas que têem acompanhado e acompanharão sempre toda a operação tentada na peninsula.

Ha relativamente a estas operações um velho adagio militar, que é estricta e constantemente verdadeiro, tal é o de que, *se taes expedições se fazem com pouca força, ellas falharão; com muita força, o exercito morrerá de fome*. Os habitantes da Hespanha e Portugal não querem ceder as suas provisões, ainda mesmo por dinheiro. Grandes mercados de cereaes não os ha em parte alguma da peninsula, á excepção dos portos de mar e de algumas grandes e populosas cidades, subsistindo geralmente os habitantes das provisões que armazeneiam nas suas casas ou que escondem na terra, d'onde resulta que a tomar-se-lhes uma parte consideravel dos seus viveres annuaes, ou se levam a morrer de fome ou têem elles de ir procurar ao longe novas provisões, pois que os seus vizinhos não lh'as querem vender.

Este estado de cousas explica tambem as difficuldades que os exercitos alliados experimentam em se aprovisionarem, emquanto que o inimigo póde facilmente subsistir. A força empregada pelos alliados para procurar viveres no paiz consiste na influencia que os magistrados civis exercem, e a que os francezes empregam é o terror. Obrigam elles os habitantes, debaixo da pena de morte, a entregarem-lhes sem pagamento tudo o que elles têem em suas casas para o seu consumo annual, sem se lhes importar com o que acontecerá a esta desgraçada gente. Os exercitos inglezes não podem, e os do paiz não querem seguir este exemplo, ainda que estes ultimos não attendam tanto ás consequencias d'isto. Todavia, até ao presente nenhum official hespanhol se tem arriscado a fazer requisição de viveres nas cidades, a não ser pela influencia dos magistrados civis que a têem por si, e as tropas hespanholas têem sempre experimentado faltas n'aquelles mesmos logares onde os francezes têem depois encontrado viveres. Quando se perguntou ao marquez de la Romana e aos seus officiaes se garantiam a subsistencia das tropas n'esta expedição, responderam que não podiam, e com effeito o seu exercito achava-se por então n'uma extrema falta de viveres, e litteralmente morrendo de precisão d'elles nos seus aquartelamentos. Finalmente, pondo em parallelo o unico objecto que se tinha em vista n'esta expedição com os perigos que n'ella se corriam, e a difficuldade da empreza, julgou-se que era melhor não a tentar.

O acontecimento de alguma importancia que depois teve logar succedeu no começo do mez de abril: foi o ataque regular feito a Astorga pelo oitavo corpo, debaixo das ordens do duque de Abrantes. N'esta epocha examinou-se de novo se conviria tentar uma diversão em favor dos hespanhoes, penetrando na Castella. No fim de março o exercito inglez em Portugal achava-se na força de vinte e dois mil homens no campo, dos quaes dois mil setecentos trinta e tres de cavallaria. O general Hill achava-se no Alemtejo com mil setenta e dois homens d'esta arma e cinco mil cento e doze de infanteria, sendo quatrocentos homens de Lisboa; por con-

seguinte na Beira restavam sómente quinze mil homens effectivos no campo, de infanteria e cavallaria.

Por este mesmo tempo o exercito portuguez tinha chegado ao seu melhor equipamento, e nós teriamos podido tirar d'elle, para os juntar ao nosso exercito, doze regimentos de infanteria regular e quatro batalhões de caçadores, fazendo pouco mais ou menos quatorze mil homens effectivos no campo, sem contar as tropas portuguezas debaixo das ordens do general Hill. Este reforço teria levado os exercitos alliados na Beira á força de uns trinta mil homens. Com elles era-nos preciso atacar o marechal Ney á testa do seu corpo, que era mais numeroso que o nosso[1] (infinitamente superior em cavallaria), na forte posição que elle occupava em Salamanca, podendo de mais a mais reunir-se-lhe, ou em totalidade ou em parte, o corpo de Junot, ou tambem a divisão que Kellermann commandava na Castella Velha, e isto no mesmo intervallo de tempo em que houvesse de ser informado que tinhamos atravessado o Agueda, e chegavamos a Salamanca quando porventura nos deixasse alcançar esta praça. É de crer que nós tivessemos feito marchar para a Beira para esta operação uma parte, se não a totalidade, do corpo do general Hill; mas ainda mesmo com a totalidade d'este corpo não tinhamos força bastante para o ataque, e não teriamos conseguido obrigar os francezes a levantar o cerco de Astorga. Mas se a totalidade do corpo de Hill tivesse sido tirada das fronteiras do Alemtejo para as da Beira, o inimigo teria entrado na primeira d'estas provincias, não encontrando nada entre elle e Lisboa.

Acrescentemos mais a isto que todos os raciocinios, relativos ás difficuldades de alcançar viveres na projectada expedição á Extremadura no mez de março, se apresentavam ainda mais fortes contra a que se meditava para a Castella no fim do dito mez e no começo do de abril, ao passo que o tempo tornava impraticavel toda a operação n'esta epocha.

[1] O corpo de Ney, segundo os seus relatorios, contava trinta e dois mil homens.

Astorga entregou-se a 22 de abril, tendo saltado pelos ares um armazem de polvora que estava n'uma igreja.

A 24 a terceira divisão do corpo do marechal Ney deixou os seus acantonamentos para se dirigir sobre Cidade Rodrigo; tomou posição no dia 26, e bloqueou a praça na margem direita do Agueda. No mesmo dia a vanguarda ingleza chegou a Gallegos, e communicou livremente com a praça desde este momento até 10 de junho.

O exercito inglez da Beira poz-se em movimento no dia 26 de abril, e estabeleceu os seus acantonamentos sobre a frente. O quartel general foi transportado no mesmo dia de Vizeu para Celorico. Não ha duvida que se o exercito inglez tivesse avançado sobre o Agueda no fim de abril, a divisão de Loison teria sido forçada a deixar a sua posição nas vizinhanças de Cidade Rodrigo, uma vez que o estado do tempo e dos rios não pozesse a isto obstaculos. Elles tinham então cincoenta e sete mil homens effectivos no sexto e no oitavo corpo na Castella, e alem d'isso as tropas que estavam debaixo das ordens de Kellermann, e algumas debaixo das de Serras; se, portanto, tivessemos obrigado Loison a retirar-se, isto só teria sido por pouco tempo. Cidade Rodrigo nada teria ganhado com esta retirada, porque as communicações com a cidade pela margem esquerda do Agueda estiveram livres por tanto tempo, quanto ellas o poderam estar n'estas circumstancias, emquanto que as nossas tropas teriam tido a soffrer todos os inconvenientes e incommodos resultantes de as termos feito sair dos seus acantonamentos antes de haverem cessado as chuvas. Cidade Rodrigo não se poderia ter salvado senão por uma diversão operada pelo general Mahy na Galliza, e pelos habitantes e guerrilhas da Castella quando os exercitos francezes se tivessem reunido para o cerco. E com effeito elles teriam obrigado os francezes a destacarem tropas para suffocarem a insurreição ou para forçarem Mahy a reentrar nas suas montanhas, o que diminuiria a força do exercito sitiante a ponto de nos levar a arriscar o ataque. Mas o general Mahy não fez movimento algum, e os habitantes ficaram espectadores apathicos, não

fazendo mais que injuriar-nos por nós não querermos correr o mesmo perigo que Cidade Rodrigo.

O exercito inglez em Portugal no 1.º de junho consistia em vinte e cinco mil homens no campo, dos quaes tres mil duzentos sessenta e um de cavallaria; cinco mil trezentos oitenta e um homens de infanteria e quatrocentos quarenta e nove homens de cavallaria estavam com o general Hill, e cêrca de dois mil homens de infanteria estavam em Lisboa. Restavam, portanto, na Beira dezesete mil homens, dos quaes quatorze mil de infanteria. Sobre os dois mil homens em Lisboa, mil e quinhentos pertenciam á guarda real, bem como ao 9.º e 38.º regimentos vindos da ilha de Walcheren; não se julgou necessario fazel-os sair de Lisboa antes da estação se pôr boa, não partindo, portanto, senão no fim de junho. O exercito portuguez contava no 1.º d'este mesmo mez vinte e nove mil homens effectivos no campo, cavallaria, infanteria e artilheria. Sobre este numero mil e duzentos homens de cavallaria, cinco mil de infanteria e trezentos de artilheria estavam com o general Hill; restavam então vinte e tres mil homens effectivos. Havia cinco regimentos de infanteria empregados nas guarnições, um estava destacado em Cadiz; tres regimentos e dois batalhões da leal legião lusitana, improprios para o serviço de campanha, compunham com a cavallaria, tambem impropria para o serviço, não menos de dez mil homens effectivos; não restavam então, portanto, na Beira senão quinze mil homens. Tudo isto fazia que no mez de junho o nosso exercito na Beira não contasse senão trinta e dois mil homens effectivos, pouco mais ou menos, comprehendendo a artilheria; eram estas todas as forças que nós tinhamos podido reunir sobre a fronteira.

Os tres regimentos vindos de Walcheren, os tres regimentos invalidos de infanteria portugueza, os dois batalhões da leal legião lusitana, e os tres batalhões de milicias, assim como tres brigadas de artilheria portugueza, foram reunidos no começo de julho, e postos de reserva sobre o Zezere debaixo das ordens do general Leite; mas estes corpos não se

acharam proprios para se reunirem ao exercito senão no fim do mez de setembro.

Eu tinha reenviado no mez de maio a brigada de infanteria do coronel Mac-Mahon, porque ella era impropria para o serviço. A 25 de junho o quartel general foi transferido para Almeida, a fim de estar mais perto do theatro dos acontecimentos, e no 1.º de julho estabeleceu-se em Alverca, por ser um logar situado mais no centro das nossas proprias tropas. Tudo foi disposto para pôr o exercito inglez em estado de salvar Cidade Rodrigo, quando isto fosse possivel. Mas não o foi, a não se suppor que nós podessemos bater um exercito quasi duas vezes mais forte que o exercito alliado, e tendo quasi quatro vezes mais cavallaria n'um paiz admiravelmente proprio para o emprego d'esta arma. A praça rendeu-se, portanto, no dia 11 de julho. Os movimentos do inimigo depois da rendição de Cidade Rodrigo foram incertos durante alguns tempos, sem que nos fizesse conhecer quaes as suas intenções. Nós sabiamos que Reynier tinha recebido ordem de passar o Tejo e de manobrar sobre Alcantara, a fim de sustentar o ataque contra Cidade Rodrigo; mas não executou esta marcha senão a 18 de julho, e o seu movimento foi immediatamente seguido pelo do general Hill, que igualmente atravessou o Tejo em Villa Velha, e tomou posição em face de Reynier na Beira Baixa.

Finalmente, no dia 24 de julho a divisão do general Crawfurd foi atacada pelo inimigo perto de Almeida com a totalidade do corpo de Ney, e a obrigou a atravessar o Coa, não sem algumas perdas. Era para desejar que nós conservassemos pelo maior espaço de tempo possivel os nossos postos para alem do Coa, tanto para observar os movimentos do inimigo, como para entreter a nossa communicação com Almeida; mas não era da nossa intenção travar batalha para alem do mesmo Coa. Foi necessario fazer retirar as tropas da ponte de Almeida durante a noite; então a vanguarda do inimigo passou-a na madrugada, e Almeida foi investida. O inimigo, tendo atravessado em força o Coa, tornou-se necessario retirar a divisão de infanteria que estava em Pinhel,

onde se achava exposta a ser atacada de frente pelo
corpo, e de flanco pelo sexto; a vanguarda retirou até
xedas, e o exercito concentrou-se entre a Guarda e
coso.

Os designios do inimigo eram ainda incertos. Ha
olhado como muito provavel, segundo os moviment
segundo e oitavo corpos, e depois da demora que
nos seus preparativos para sitiar Almeida, como tan
depois do estado avançado da estação, que renunciaria
zer esta operação, mas que penetraria em Portugal
estradas que atravessam a Beira Baixa, para tomar pel
taguarda o corpo do general Hill, e tornear a direita d'aq
que eu commando, ou que cairia com as suas forças co
tradas em massa sobre os dois flancos e o centro do
que eu commando, a fim de precipitar a sua retirada,
não teria podido fazer-se senão por uma só estrada.
esta apprehensão fez-se recuar o exercito uma marcha
o valle do Mondego, conservando uma divisão na Gu
O general Hill recebeu ordem de ir para Sarzedas na
e a divisão de milicias do coronel Lecor foi destinada
treter as communicações entre o general Hill e o exe

Finalmente, a 15 de agosto manifestou-se que o ini
se propunha atacar Almeida. Em consequencia d'isto
centrou-se de novo o exercito entre Trancoso e a Guar
a vanguarda dirigiu-se para Freixedas, tanto para obri
inimigo a concentrar o seu exercito de sitio, e para da
sim a facilidade e a occasião ás guerrilhas e ás outras t
em Hespanha de executar as suas operações, como pa
pôr em estado de aproveitar todas as occasiões que se
sentassem de descarregar um grande golpe sobre o ini
A praça rendeu-se a 27 de agosto, em consequencia d
plosão de um armazem de polvora; e a 28 a infanter
exercito marchou para o valle do Mondego.

A fim de tornar mais clara a natureza d'estas e da
guintes operações, é necessario indicar que as duas gra
estradas de Portugal entre o Tejo e o Mondego se a
sobre as differentes encostas da grande cadeia de mont

mada serra da Estrella. Os rios Zezere e o Mondego têem a origem na Estrella, e dirigem os seus cursos sobre os erentes lados d'esta cadeia. O primeiro corre durante a consideravel distancia para o sul e para o oeste, depois na para o sul e cáe no Tejo em Punhete; a segunda corre principio para o norte até Celorico, onde volta para oeste, vae caír no mar na Figueira. A Guarda está situada na exemidade oriental da serra da Estrella, e póde-se ali atrassar a montanha. Nenhuma estrada existe por onde as opas possam atravessar as montanhas, partindo do valle o Zezere e do Mondego, a não ser ao oeste, na ponte da lurcella, do outro lado do Alva. Este rio nasce igualmente a serra da Estrella, e corre n'uma direcção noroeste para Mondego, onde se vae lançar 5 leguas pouco mais ou menos acima de Coimbra.

Segundo esta descripção geral, vê-se evidentemente que exercito inglez não podia concentrar-se para alguma operação a leste do Alva, sem abrir ao inimigo uma das grandes estradas do paiz. O corpo do general Hill não teria podido fazer a sua juncção com aquelle que eu commando sem passar pela Guarda, ou a leste d'esta cidade. Reynier fazia-lhe constantemente face, e teria podido occupar immediatamente as passagens da Beira Baixa; teria, portanto, resultado que a salvação do exercito e da capital dependeria das operações da reserva sobre o Zezere. Se a reserva houvesse de ser reunida ao exercito, esta juncção não teria ainda composto uma força sufficiente para emprehender qualquer operação importante, e um revez experimentado pelo general Hill, que não era tão forte como Reynier, teria exposto a uma ruina todos os nossos interesses. Se tivessemos reunido a reserva, que consistia em mil e quinhentos homens de infanteria ingleza e quatro mil portuguezes, o corpo do general Hill, contando uns doze mil homens, e o corpo da Beira, tendo trinta e dois mil homens, o que faria um total de cincoenta mil homens, ainda assim teriamos sete mil homens de menos que o sexto e o oitavo corpo, excluindo as tropas de Serras, Bonet ou Kellermann; e o segundo corpo,

composto de dezeseis a dezesete mil homens, teria podido ou lançar-se sobre nós, ou chegar de repente a Lisboa pela Beira Baixa, sem que algum obstaculo achasse entre elle e a referida cidade n'este supposto caso.

Á vista, pois, d'isto resolvi-me observar os movimentos do inimigo, e concentrar o exercito na primeira posição favoravel que encontrasse, depois d'elle ter feito conhecer a sua linha de ataque. Se elle houvesse de atacar em duas linhas, o exercito não teria provavelmente podido concentrar-se antes de ter chegado ás vizinhanças de Lisboa. M[illegible] os movimentos do inimigo fizeram ver como mais provav[illegible] que atacaria n'um só corpo concentrado pelo valle do Mondego, em cujo caso se tomaram as medidas para concentr[illegible] o exercito na serra da Murcella sobre o Alva. Jamais se imaginou que os francezes tivessem feito a marcha que executaram através da Beira Alta, depois de passado o Mondego. Conhecia-se, todavia, o terreno ao norte do Mondego, e as medidas que se tinham tomado nas vistas de concentrar o exercito inglez sobre o Alva facilitaram o movimento das tropas atravez do Mondego e a sua concentração no Bussaco.

O quartel general, que chegára a Celorico no dia 28 de agosto, foi transferido no dia 4 de setembro para Gouveia em consequencia da reunião das forças do inimigo sobre o alto Coa e os seus movimentos sobre Alverca. Alli permaneceu até ao dia 16, em que as cabeças dos dois corpos do inimigo (o segundo e o sexto) entraram em Celorico, e que o terceiro (o oitavo) entrára em Trancoso. Os primeiros re[illegible] passaram o Mondego em Fornos. O exercito poz-se então em movimento para tomar uma posição, concentrando-se sobre a do Bussaco.

O exercito inglez em Portugal ao tempo da batalha do Bussaco achava-se na força de vinte e sete mil cento oitenta [illegible] oito homens no campo, dos quaes dois mil oitocentos trinta e nove de cavallaria. Havia em Lisboa dois mil e duzentos homens de infanteria, dos quaes mil e novecentos acabavam de chegar, e mil trezentos e cincoenta de infanteria estavam em marcha para se nos juntarem; por conseguinte

exercito combatente contava apenas vinte e quatro mil homens.

O exercito portuguez contava ao mesmo tempo vinte e seis mil homens effectivos de infanteria no campo e tres mil trezentos setenta e cinco de cavallaria. Na guarnição de Elvas havia empregados mil trezentos e cincoenta homens de infanteria, em Cadiz mil cento quarenta e dois, e em Abrantes quinhentos sessenta e tres; restavam, portanto, para entrar em batalha vinte e tres mil e oitocentos de infanteria. Da cavallaria quinhentos homens estavam em Elvas, seiscentos em Badajoz, quinhentos ao norte do Douro e duzentos em Lisboa; o que deixava mil trezentos setenta e cinco homens para o exercito; o total do exercito portuguez era, portanto, de vinte e cinco mil cento setenta e cinco homens[1]. Os dois exercitos reunidos montavam, portanto, a quarenta e nove mil homens, sem contar a artilheria, da qual havia quatro brigadas e duas companhias inglezas e seis brigadas portuguezas.

O exercito francez consistia em oitenta e nove batalhões de infanteria, que, segundo os mais recentes relatorios, contavam cincoenta e seis mil homens; em cincoenta e quatro esquadrões de cavallaria, montando a oito mil homens, e em perto de seis mil homens de artilheria. Todo o exercito, comprehendidos os sapadores, não andava por menos de setenta e dois mil homens. Era impossivel destacar do exercito um corpo para occupar a serra do Caramulo, depois do conflicto de 27 de setembro, logo que se soube que o coronel Trant

[1] Temos sempre pouca fé n'estas apreciações que os generaes, quer francezes, quer inglezes, costumam fazer, tanto das suas, como das forças dos contrarios, exagerando estas para mais e aquellas para menos, julgando fazer sobresair assim o seu merito militar no caso de victoria, e attenuar os seus desaires no caso de revez. Os inglezes são geralmente n'isto menos exagerados que os francezes, mas nem por isso deixam de tambem ser inexactos. Não sabemos ao certo quaes eram as forças inglezas na batalha do Bussaco; mas as portuguezas contavam vinte e nove mil sessenta e cinco homens, ou mais tres mil oitocentos e noventa homens que os designados acima por lord Wellington.

não tinha chegado ao Sardão, por ter sido no dito conflicto rudemente tratado e obrigado a retirar-se. N'este caso fôra-lhe preciso effeituar a sua retirada sobre o Sardão ao norte de Portugal. Não pôde, portanto, reunir-se ao exercito, ficando este por conseguinte privado dos seus serviços na posição fortificada perto de Lisboa.

Resolvi-me, pois, a confiar a occupação da serra do Caramulo ao coronel Trant, cuja linha de operações e de retirada se effeituára para o norte. A não se destacar um corpo consideravel nada teria impedido os francezes de mandarem um grosso corpo de tropas para a serra do Caramulo. Ainda depois da perda que experimentaram no dia 27, elles tinham pelo menos doze a quatorze mil homens mais do que nós; e por boa que fosse a nossa posição, a sua era igualmente boa. Quando, portanto, elles tomaram a estrada da serra do Caramulo o melhor que havia a fazer era o retirarmo-nos da serra do Bussaco. Depois de termos deixado esta serra, não havia posição alguma que podessemos occupar com vantagem, e em que estivessemos certos de embaraçar o inimigo de chegar a Lisboa antes de nós, a não serem as posições fortificadas que tinhamos antes d'esta cidade, onde chegámos a 8 de outubro, e onde finalmente nos estabelecemos no dia 15. Pouco depois da nossa chegada o marquez de la Romana se nos reuniu com cinco mil homens effectivos no campo.

No começo do mez de novembro o exercito inglez em Portugal contava vinte e nove mil quatrocentos noventa e sete homens no campo, dos quaes dois mil quatrocentos setenta e nove de cavallaria: quatrocentos sessenta e cinco homens de infanteria estavam em Lisboa. O effectivo do exercito portuguez era como se segue: vinte e seis mil e quinhentos homens de infanteria, dos quaes mil e quinhentos estavam em Elvas, mil cento setenta e tres em Cadiz e mil e quinhentos em Abrantes; restavam, portanto, para o exercito vinte e dois mil e quatrocentos homens. O effectivo da cavallaria consistia em dois mil seiscentos trinta e sete homens, dos quaes cento sessenta e tres estavam em Elvas, setenta e seis em Abran-

tes, cento e trinta no norte e seiscentos na Extremadura. Restavam, portanto, mil e quinhentos para o exercito e para Lisboa, o que elevava o exercito portuguez a uns vinte e quatro mil homens. O exercito inglez estava na força de vinte e nove mil homens, e o hespanhol na de cinco mil, o que com a artilheria fazia montar o exercito alliado a sessenta mil homens, pouco mais ou menos. O exercito francez n'esta epocha não contava mais que cincoenta a cincoenta e cinco mil homens effectivos. As perdas causadas pela morte, a deserção e as molestias deviam ter sido consideraveis. Todavia, no começo do mez de novembro o seu numero não era inferior ao acima citado. Cuidou-se por então em o atacar; mas decidiu-se não o fazer. Effectivamente as alternativas de successo eram todas contra nós.

A força do inimigo, bem que inferior á nossa, era muito superior pela qualidade das suas tropas a uma grande parte das nossas. A sua posição, como acontece em todos os paizes accidentados, era pouco mais ou menos tão boa como a nossa, sem que nos podessemos servir da nossa artilheria contra ella. Tambem se não podia tentar torneal-a sem deixar abertos os caminhos que conduziam a Lisboa, circumstancia de que elle não podia deixar de aproveitar-se. Os francezes têem feito ver durante toda a guerra da peninsula, e sobretudo na ultima campanha em Portugal, que elles operam constantemente sobre os flancos e a retaguarda dos seus adversarios e sobre as suas communicações, sem de modo algum se lhes importar com as d'elles; e effectivamente emquanto não têem batido os seus inimigos nas planicies, elles não possuem jamais senão o terreno em que se acham. A prova d'este facto é que em Portugal elles não perderam o seu hospital e tudo quanto tinham em Coimbra senão no dia em que o quartel general deixou esta cidade. As difficuldades que encontraram e as perdas que constantemente experimentaram, enviando officiaes e mensageiros como correios, assim como a sua falta total de informações, foram a causa de similhante successo. Este systema é a consequencia do modo por que fazem subsistir os seus exerci-

tos. Elles roubam tudo quanto acham no paiz; tudo, e
ral, nutrição ou vestuario, todo e qualquer animal, t
especie de viaturas são consideradas pelo exercito fr
como pertencendo-lhe de direito e sem pagamento al
Elles não procuram ter communicações para a retag
senão para transmittir as informações e receber as o
do imperador. Os outros exercitos não podem subsisti
terem communicações livres para a sua retaguarda. O
cito inglez em particular não deve perder as suas com
cações com o seu porto de embarque; e é esta a pri
causa das grandes difficuldades que experimenta n
lucta com os francezes.

A 14 de novembro os inimigos abandonaram a p
que occupavam em face dos alliados, a saber: a sua d
apoiada no Sobral e a sua esquerda sobre o Tejo, effe
do por differentes caminhos a sua retirada para Sant
Ali tomaram uma forte posição, occupando a collina de
tarem com o segundo corpo, para fazerem a frente dos
aquartelamentos, devendo o segundo corpo sustentar
direita; o sexto corpo foi posto em segunda linha em T
Vedras, Gollegã ou perto do Zezere, sobre o qual la
pontes, occupando tambem Punhete com uma cabe
ponte.

O exercito alliado os seguiu passo a passo; e segun
avisos que recebeu a 17 da esquerda do Tejo, que o ini
partia de Santarem, julgou que o seu exercito estav
plena retirada, e que não ficára em Santarem mais c
segundo corpo para cobrir a sua retaguarda. Este aviso
se tinha recebido do major general Fane, era confir
pela probabilidade do inimigo ter a intenção de se re
É evidente que, como corpo militar, era este o partid
mais lhe convinha adoptar: 1.°, retirando-se para H
nha, poderia prover abundantemente durante o inve
subsistencia do seu exercito; 2.°, teria podido pol-o em
e seguros aquartelamentos; 3.°, tendo perdido todos
cultativos, medicamentos, etc., que tivera, poderia hav
de que precisava para os seus numerosos doentes; 4.°

se-ia em estado de vestir e reequipar as suas tropas do calçado, etc., que lhes faltava; 5.º, devia perfeitamente saber que mesmo no caso de não ter forças para emprehender cousa alguma contra a posição dos alliados em Portugal, não experimentaria difficuldade para vir da fronteira retomar novamente a sua posição de Santarem; 6.º, finalmente, devia ter reconhecido que emquanto permanecesse no paiz não só impedia que elle se cultivasse, mas destruia até pela raiz os unicos recursos que lhe podiam fornecer os meios de atacar no futuro os alliados. Taes foram as reflexões que confirmaram a noticia de que o inimigo estava em plena retirada, e de que não havia em Santarem senão o segundo corpo.

Destacou-se, portanto, para o outro lado do Tejo o general Hill com o corpo que no dia 18 havia sido posto debaixo do seu commando, estabelecendo-se o quartel general no Cartaxo. A 19, depois da chegada de um corpo sufficiente para sustentar a vanguarda, deu-se ordem, não para atacar a posição de Santarem, como se suppõe, mas de atravessar Rio Maior sobre differentes pontos, e de atacar os postos avançados do inimigo sobre esta ribeira, a fim de podermos reconhecer mais exactamente a posição de Santarem, ver se havia meio de atacar este posto, e qual era o projecto real do inimigo, mantendo-se n'elle. Tendo-se, infelizmente, encravado no caminho uma brigada de peças de artilheria, este plano não pôde executar-se como se imaginára, e para o qual se tinha effectivamente dado ordem. Alem d'isto caíu tanta chuva durante a noite e a manhã seguinte, que foi impossivel atravessar Rio Maior, e até mesmo fazer o menor movimento com as tropas. Todavia, continuámos a manobrar com ellas sobre a direita da posição de Santarem, por nos parecer mais facil approximar-nos d'ella por este lado logo que a 22 o inimigo mandou vir da sua retaguarda as tropas do oitavo corpo, e com ellas acommetteu os nossos piquetes da parte de lá da ponte de Calhariz. Esta circumstancia e outras de que tivemos conhecimento quasi ao mesmo tempo, nos fez claramente ver que todo o exercito inimigo es-

tava entre Santarem e o Zezere. Agitou-se então a questão se conviria atacal-o em Santarem, idéa que se abandonou, tanto porque este plano era n'aquelle momento impraticavel, por causa do estado dos caminhos e ribeiras, como por ser evidente que o inimigo tinha reunido todo o seu exercito na posição certamente a mais forte de Portugal. Não nos podiamos, portanto, saír bem d'isto sem experimentarmos consideraveis perdas, e não teriamos podido fazer esta tentativa em similhante epocha sem corrermos o risco de termos alguns dos nossos destacamentos isolados e cortados de toda a communicação com outros.

Por este tempo, pouco mais ou menos, soubemos da marcha dos reforços do inimigo sobre a fronteira, e de que o general Silveira fôra feliz em novembro n'uma empreza sua contra a vanguarda franceza que havia repellido para alem do Coa[1]. Era a vanguarda de uma divisão que se acabava de formar debaixo das ordens do general Gardanne. Esta divisão era composta dos convalescentes pertencentes [illegible] terceiro corpo em Portugal na força de mil e quinhentos homens, que tinham sido enviados para Hespanha no mez de outubro para servir de escolta ao general Foy, e de dois ou tres batalhões pertencentes ao oitavo corpo, que tinham sido destacados para junto do general Serras por ordem do [illegible]

[1] Quando se tomaram as disposições para a defeza de Portugal [illegible] tropas de linha e o exercito inglez foram postos sobre os pontos mais invulneraveis entre o Douro e o Tejo e ao sul d'este ultimo rio. Confiou-se a guarda das provincias septentrionaes ás milicias do norte em numero pouco mais ou menos de quinze mil homens, que eram [illegible] melhores de Portugal. Repartiram-se em tres divisões, uma das quaes foi posta debaixo das ordens do general Silveira, uma outra debaixo das do coronel Miller, e a terceira debaixo das do coronel Trant. Cada divisão tinha comsigo um corpo de cavallaria regular e de artilheria. O todo era commandado em chefe pelo general Bacellar. Quando o inimigo se decidiu a penetrar em Portugal entre o Douro e o Tejo, todos estes corpos atravessaram o Douro, e continuaram depois a manobrar sobre o lado de cá d'este rio, fazendo diversas operações para interceptar as communicações do inimigo, mas o seu objecto principal era defenderem as provincias septentrionaes.

perador, e estavam fóra dos oitenta e nove batalhões que entraram em Portugal. Suppunha-se que a totalidade montava a oito mil homens.

Depois do successo de Silveira o inimigo passou o Coa, dirigiu-se para o Sabugal pelo mesmo Coa superior, e entrou em Portugal pela Beira Baixa, deixando a serra da Estrella ao norte sobre a sua direita. Marchou para a frente até que conseguiu ganhar o Tejo; mas depois retrocedeu subitamente, e entrou em Hespanha mais como um rebanho que foge, que como um exercito em marcha; as ordenanças da Beira Baixa perseguiram-no, e fizeram-lhe muito mal, tendo tambem muito a soffrer da inclemencia do tempo.

A 13 de dezembro uma divisão do nono corpo (compondo-se este de vinte e seis batalhões de infanteria, e que havia chegado a Hespanha no mez de setembro), saíu repentinamente de Cidade Rodrigo com o mesmo destino de Gardanne, em virtude de uma ordem vinda de Paris para tentar de novo entrar em Portugal. Esta divisão era composta de onze batalhões, e julgava-se que com a de Gardanne este destacamento apresentaria uma força de treze a dezeseis mil homens, mas não contava mais de dez mil. Alcançou ella o exercito a 27 ou a 29 de dezembro, tendo sido atacada na sua passagem do Alva pela divisão de milicias do coronel Wilson, que lhe occasionou algumas perdas. Este destacamento não levava comsigo nem viveres, nem munições.

Depois d'esta epocha, e mesmo depois que o inimigo tomou posição em Santarem, não se applicou elle senão a descobrir os meios de passar o Tejo. Via com o mais extremo ciume o nosso exercito sobre a margem esquerda d'este rio, onde continúa a existir. O rumor geral que corria no seu exercito quando deixou o Sobral era, e eu tambem assim o penso, o de que tinha a intenção de passar immediatamente o Tejo e ir-se estabelecer no Alemtejo; mas elle foi d'isto impedido pelo general Hill, que passou este rio a 18 de novembro, e ainda ao presente se acha d'isso impedido pela posição d'este corpo, actualmente debaixo das ordens de

sir William Carr Beresford, sobre a margem esq
Tejo.

Esta relação dos acontecimentos que se passara
fim de 1810, faz ver que nós temos feito tudo o qu
dependia em favor dos alliados. Até ao ultimo mom
temos sido sempre inferiores ao inimigo, e infinitan
feriores á qualidade das tropas; e se se attender ás
ções que recebi, tanto ao seu espirito, como ás int
ções dadas por outras cartas, penso que não dev
accusado por não fazer mais do que tenho feito.
é tambem que desde que o inimigo occupou a po
Santarem, foi-lhe impossivel fazer a menor tentativa
o mau estado das estradas e o crescimento das ribe
effeito das chuvas.

Nota. — Quando Reynier passou o Tejo no mez d
nós bem sabiamos que Mortier o substituia na Extrei
mas o marquez de la Romana imaginou que o seu c
bastante forte, não sómente para o conter em rece
até para o expulsar da provincia.

Na sua espectativa foi muito enganado pela má e
dos seus officiaes, sendo uma parte do seu exercit
tado em 11 de agosto por Mortier. Todavia, o marq
abandonou o seu terreno, tendo-se-lhe juntado em
xilio uma brigada de dragões portuguezes, que par
lhante fim se destacára da reserva que eu formára
Tejo. Depois que Mortier desbaratou este corpo foi e
Andaluzia, onde o marquez de la Romana o seguiu,
algumas vantagens contra os seus pequenos postos.
tornou a vir para a Extremadura e o marquez de la
retirou-se. A 14 de setembro a cavallaria portugueza
a do inimigo perto da Fonte de Cantos.

O estado dos negocios em Portugal obrigou o mar
la Romana, pouco mais ou menos por esta epocha, a
a sua attenção para este lado, e havia resolvido reun
exercito dos alliados com uma parte do seu corpo, d
as divisões de Mendizabal e de Ballesteros, assim

cavallaria e todas as guarnições na Extremadura. Mortier, tendo sabido o resultado da batalha do Bussaco, entrou a 8 de outubro na Andaluzia, e o marquez de la Romana teve a liberdade de fazer uma irrupção na Extremadura, e de juntar-se aos alliados, sem compromettér os interesses d'esta provincia.

DOCUMENTO N.° 99-H

(Citado a pag. 367)

Parte official da retirada de Massena de Portugal expedida por lord Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz

Ill.mo e ex.mo sr. — O inimigo retirou-se da posição que havia occupado em Santarem e suas vizinhanças na noite de 5 do corrente. Puz então logo em movimento o exercito britannico para o seguir na manhã do dia 6 do presente mez. Os seus primeiros movimentos indicaram a intenção de juntar uma força consideravel em Thomar. Em consequencia fiz marchar sobre aquella villa no dia 8 um numeroso corpo de tropas, formado de uma parte dos corpos do commando do marechal sir William Carr Beresford, debaixo do do major general William Stewart, e que haviam passado o Tejo em Abrantes e ao depois o Zezere, e da quarta, sexta e parte da primeira divisão de infanteria, assim como de duas brigadas de cavallaria britannica. Continuou, comtudo, o inimigo na sua marcha para as bandas do Mondego, levando ao mesmo tempo pela estrada do Espinhal o segundo corpo, pela de Anciães a divisão do general Loison, indo o resto do exercito pela estrada que se dirige á villa do Pombal.

Estas ultimas forças foram seguidas e nunca perdidas de vista pela divisão ligeira, regimento dos reaes dragões e o primeiro dos hussards, cujas forças então fizeram ao inimigo perto de duzentos prisioneiros.

A 9 reuniu o inimigo em frente da villa de Pombal o sexto corpo, á excepção da divisão do general Loison, o oitavo

corpo, o nono e a divisão de cavallaria, do comman
general Montbrun. Os hussards, os reaes dragões,
achavam immediatamente com a divisão ligeira na
do exercito inimigo, se distinguiram n'esta occasião e
carga que contra elle fizeram debaixo do commando
ronel Arentschild. Um destacamento do regimento d
gões n.° 16, commandado pelo tenente Wegland, e q
via estado de observação ao inimigo perto de Leir
prisioneiro um destacamento de dragões inimigos n'a
pontos.

Não me foi possivel juntar um sufficiente numero
pas para começar as minhas operações contra o inimi
ao dia 11. N'este dia a primeira, terceira, quarta,
e a divisão ligeira de infanteria, a brigada do general
e toda a cavallaria britannica, se reuniram sobre o
immediatamente em frente do inimigo, o qual tinha
piado a retirar-se da sua posição durante a noite. Foi
seguido pela divisão ligeira, pelos hussards, dragões
e brigada do general Pack, tudo debaixo do comman
major general sir W. Erskine, e do major general Sl
fazendo esforços para manter o antigo castello da vi
Pombal, foram desalojados d'elle; porém o sexto cor
cavallaria do general Montbrun, que formavam a retag
sustidos pelo oitavo corpo inimigo, mantiveram o cam
banda de cá da villa, não tendo as nossas tropas cheg
tempo para completarem as disposições do ataque ant
anoitecesse. N'esta occasião se distinguiu o terceiro ba
de caçadores portuguezes, commandado pelo tenente
nel Elder.

O inimigo retirou-se durante a noite; e no dia seg
12 do corrente, o sexto corpo com a cavallaria do g
Montbrun tomou uma forte posição na saída de um d
deiro situado entre Pombal e Redinha, collocando a s
reita em um pinhal e sobre o rio de Soure, e a sua es
estendida para as alturas e bandas dos terrenos mon
sos para cima do rio que passa na Redinha; esta vil
ficava então pela retaguarda. Ataquei-os no mesmo dia

posição com a terceira, quarta e a divisão ligeira de infanteria, e com a brigada do general Pack e cavallaria. As outras tropas formavam a reserva.

O posto do pinhal, sobre a direita do inimigo, foi primeiro forçado pelo major general sir William Erskine com a divisão ligeira. Podémos então formar as tropas na planicie para alem do desfiladeiro, ao mesmo passo que a terceira divisão, debaixo do commando do major general Picton, se formou nas bordas do pinhal em duas linhas, e igualmente sobre a direita.

A quarta divisão, commandada pelo major general Cole, formava em duas linhas no centro, tendo a brigada do brigadeiro general Pack apoiando-lhe a sua direita, e communicando com a terceira divisão, e a divisão ligeira formada em duas linhas na esquerda. Estas tropas estavam apoiadas na sua retaguarda pela cavallaria britannica. A primeira, quinta e sexta divisões formavam a reserva. As nossas tropas foram formadas com a maior exacção e celeridade, e pondo-se á frente d'ellas e guiando a linha que se dirigia contra a posição do inimigo nas alturas o tenente general sir Brent Spencer, d'ellas foram immediatamente desalojados, perdendo muitos homens mortos, feridos e prisioneiros.

O major general sir William Erskine particularmente menciona a bizarra conducta do regimento n.º 52 e a dos caçadores portuguezes, do commando do tenente coronel Elder, no ataque do pinhal, a cuja participação devo ajuntar que nunca vi desalojar por mais bella maneira a infanteria franceza como a que n'esta occasião occupava o referido pinhal. Havia unicamente uma mui apertada ponte e um vau perto d'ella no rio da Redinha, por onde passaram as nossas tropas ligeiras com as do inimigo; porém, como este dominava com a sua artilheria estas paragens, passou-se algum tempo antes que podessemos pôr da banda de alem um sufficiente numero ou corpo de tropas para tomar novas disposições, e atacar as alturas em que elles outra vez se haviam postado. Passou, comtudo, a terceira divisão, e novamente manobrou sobre o flanco esquerdo do inimigo, emquanto a infanteria

ligeira e a cavallaria, apoiadas pela divisão ligeira
recuar na direcção de Condeixa as suas principaes
A infanteria ligeira, pertencente á divisão do comm
general Picton, e debaixo d'aquelle do tenente coro
liams, e os caçadores portuguezes n.º 4, commanda
coronel Luiz do Rego, foram as tropas que princip
tiveram parte n'esta operação.

Achámos hontem todo o exercito inimigo, á exce
segundo corpo que ainda estava no Espinhal, pos
uma forte posição em Condeixa, e observei que
então mandando para diante as suas bagagens pela
da ponte da Murcella. Conclui d'esta circumstanci
coronel Trant não havia deixado Coimbra, e que o
havendo sido mui apertado, e perseguido de perto
retirada, não lhe tinha sido possivel destacar trop
forçar ou desalojar d'aquella cidade o referido coron
Fiz por conseguinte marchar a terceira divisão, de
commando do major general Picton, através das mo
sobre a esquerda dos inimigos, e para as bandas
estrada que lhes ficava aberta para a sua retirada. P
esta manobra o immediato effeito de os desalojar
posição que occupavam em Condeixa, e hontem á
acamparam nas montanhas em um logar chamado C
vo, distante 1 legua de Condeixa. Immediatamente
communicação com Coimbra, e fizemos prisioneiro
tacamento de cavallaria inimiga, que se achava na
que vae para a dita cidade.

Achámos esta manhã o sexto e oitavo corpos form
uma mui forte posição perto do Casal Novo. A divisã
atacou e rechaçou desde logo os seus postos ava
porém unicamente podiamos desalojal-os da posi
occupavam por via de movimentos nos seus flancos.
sequencia fiz mover a quarta divisão, debaixo do co
do general Cole, sobre Penella, em ordem a segura
sagem do rio Eça, e a communicação com o Espinha
do qual logar o major general Nightingale havia est
observação dos movimentos que fazia o segundo co

igo, e isto desde o dia 10 do corrente mez, ao mesmo asso que a terceira divisão, commandada pelo major general Picton, se moveu immediatamente, volteando a esquerda o inimigo, emquanto a divisão ligeira e a brigada do brigadeiro general Pack, debaixo do commando do major general ir William Erskine, volteava a sua direita, e o major general Campbell com a sexta divisão apoiava as tropas ligeiras, pelas quaes era o inimigo atacado de frente. Estavam estas tropas apoiadas na cavallaria e primeira e quinta divisões, e a brigada do commando do coronel Ashworth em reserva. Estes movimentos compelliram os inimigos a abandonar todas as posições que successivamente tomavam nas montanhas, e os dois corpos do exercito que formavam a retaguarda dos mesmos inimigos foram então repellidos para traz sobre o grosso do seu exercito, postado em Miranda do Corvo e rio Eça, com consideravel perda de mortos, feridos e prisioneiros. Nas operações d'este dia os regimentos n.os 43 e 52, e o terceiro batalhão de caçadores portuguezes distinguiram-se particularmente, como tambem o fizeram os batalhões de infanteria ligeira pertencentes á divisão do general Picton, e commandados pelo tenente coronel Williams, e os caçadores portuguezes n.º 4, commandados pelo coronel Luiz do Rego, e a artilheria volante commandada pelos capitães Ross e Bull.

O resultado d'estas operações tem sido salvarmos Coimbra e a Beira Alta das assolações do inimigo, e abrirmos a communicação com as provincias do norte, assim como obrigar o inimigo a fazer a sua retirada pela estrada da ponte da Murcella, na qual poderão ser incommodados e perseguidos pelas milicias que operam com segurança nos seus flancos, ao mesmo passo que o exercito alliado continúa a apertal-os e perseguil-os pela retaguarda. Toda esta parte do paiz lhes dá comtudo muitas vantagens em posições para um exercito em retirada, e das quaes o inimigo ha desde já mostrado que sabe a fórma de se aproveitar d'ellas. Elles vão retirando do paiz da mesma maneira que n'elle entraram, isto é, em uma massa solida, cobrindo a sua retaguarda em todas

as marchas com as operações de um ou dois corpos de
cito nas fortes posições que o paiz lhes offerece. Este
pos de exercito são de mui perto apoiados pelo gros
exercito. Antes que largassem a sua posição destru
parte da sua artilheria e munições, e têem depois d'isto
voar e inutilisado todas as cousas e trem que os seus
los não podiam conduzir. Não levam viveres, excepto os
roubam ou hão saqueado, os quaes são conduzidos ás c
dos soldados, alem de algum gado que tambem levam.

Tenho grande dor em ser obrigado a acrescentar a
relação que a conducta do inimigo na sua retirada e
toda a parte é tal, que não têem sido jamais vistas
barbaridades e poucas vezes igualadas, porém nunca
didas. Até mesmo na villa de Torres Novas, Thomar e
nes, onde os quarteis generaes haviam estado por m
e os moradores tinham sido induzidos por promessa
bom tratamento a permanecerem, foram assim mesm
queados, e muitas das suas habitações queimadas na
em que o inimigo se retirou da posição que occupava. T
elles depois d'isto queimado todos os logares e villas
onde passam na sua retirada. O convento de Alcobaç
queimado por ordem mandada do quartel general fra
O palacio do bispo de Leiria, assim como toda a cidade
qual o quartel general de Drouet havia estado, teve a m
sorte; e não existe um unico habitante do paiz de qual
classe ou categoria, dos que ficaram e trataram com o
cito francez, que não tenha rasão para amargamente se
xar das atrocidades que lhe hão feito os inimigos. Ha
d'esta maneira que as suas promessas têem sido cumpri
assim como preenchidas as suas asserções, inculcada
proclamação do commandante em chefe do exercito fra
em que dizia aos habitantes do reino de Portugal que
vinha fazer a guerra contra elles, porém sim que trazi
poderoso exercito de cento e dez mil combatentes para
çar fóra do reino e obrigar os inglezes a embarcarem-s

É de esperar que o exemplo do que ha occorrido n
paiz ensinará aos povos d'elle e aos das outras nações

lor devem dar a taes promessas e a similhantes asserções, que a unica segurança que existe para serem conservadas vidas e tudo aquillo que as torna apreciaveis não é outra não uma decisiva e determinada resolução de resistir contra o inimigo.

Pelo respectivo mappa se vê que os corpos do exercito ortuguez que entraram em combate contra os francezes esde 11 até 15 de março, e que n'elles tiveram perda foam: caçadores n.os 1, 3, 4 e 6; infanteria n.os 1, 9, 11, 16, 1 e 23. A perda foi a de cento vinte e tres homens, a saer: vinte e um mortos, noventa e dois feridos e dez extraiados. A do exercito inglez foi de trezentos quarenta e oito omens, a saber: trinta e um mortos, trezentos e um ferios, dezeseis extraviados, e vinte e um cavallos.

Devo recommendar a assistencia do general Spencer e a o marechal Beresford, a quem havia rogado que passasse o Tejo, e ha estado commigo desde o dia 11 do corrente. Devo teis serviços ao meu quartel mestre general, o coronel Murray; e ao ajudante general, o honrado coronel Pakenham.

Tenho muito sentimento em informar a v. ex.a que a praça de Badajoz se rendeu a 11 do corrente ao inimigo. Ainda não sei as particularidades d'este successo, porém não tenho duvida alguma no que respeita ao facto. Desde o momento em que o inimigo entrou na Extremadura, e dirigiu as suas vistas e esforços contra aquella praça, foi a minha attenção chamada e dirigida para os meios de a salvar, e as copias da correspondencia que para este fim mantive com os officiaes hespanhoes terão sido remettidas para Inglaterra por mr. Wellesley. Antecedentemente á desgraçada batalha de 19 de fevereiro cuidei em reforçar o exercito hespanhol com perto de quatorze mil homens tirados do exercito do meu commando, para ver se obrigava os francezes a levantarem o assedio d'aquella praça. Esta remessa devia ter logar logo que me chegassem os reforços que esperava de Inglaterra nos fins de janeiro. Antes da chegada d'estes reforços não podia com segurança distrahir do meu exercito tão consideravel porção de gente.

A batalha de 19 de fevereiro destruiu as tropas hes
nholas em que eu confiava, e tornou-se desde então imp
sivel destacar-se tão grande numero de tropas quanto
precisava para fazer levantar o cerco ao inimigo, ainda m
mo depois que me chegaram os esperados reforços de
glaterra, que só recebi nos primeiros dias de março.

Fiz communicar ao governador de Badajoz, por meio
signaes feitos de Elvas, que Massena havia principiado a
tirar-se, e que ficasse certo que eu o iria soccorrer logo
me fosse possivel, esperando que elle sustentaria a praça
ao ultimo extremo. N'esta conformidade, e apenas o inim
começou a levantar do Tejo e do Zezere mandei marchar
gumas tropas para Thomar na manhã de 9, sendo ao mes
passo posta em movimento aquella parte dos corpos do co
mando do marechal Beresford, que tinham ficado de alem
Tejo, cuja vanguarda ha chegado á distancia de tres marc
da praça de Elvas.

Na manhã de 9 recebi em Thomar as mais favoraveis
ticias de Badajoz. A morte do seu governador Menacho ti
feito succeder-lhe o general Imas, pessoa de reputação ig
á do fallecido governador. Na tarde do mencionado dia 9
achava com a guarda avançada do exercito em frente da v
do Pombal, e notei a reunião que já mencionei das tro
inimigas. Pareceu-me então que me devia decidir ou a d
xar o inimigo effeituar a sua retirada de Portugal sem o m
lestar, e por aquella estrada que elle preferisse, expon
Coimbra e a Beira Alta a ser por elle devastada, ou do c
trario a puxar novamente para este exercito as tropas
particularmente as da cavallaria que tinha destinado p
irem soccorrer Badajoz, e que ainda persistiam em Thom
Conseguintemente tornou-se a unir a este exercito a qua
divisão de infanteria e uma brigada de cavallaria pesa
convencido que Badajoz se havia de manter pelo tempo
que eu precisava manter unido todo o exercito. Entreta
Badajoz caiu no dia immediato áquelle em que o seu gov
nador foi por minha ordem informado de que eu o iria s
correr na primeira occasião possivel.

inutil acrescentar qualquer reflexão aos factos acima
ados. A nação hespanhola tem perdido no decurso de
mezes as praças de Tortosa, Olivença e Badajoz, sem
para isto houvessem sufficientes causaes, e no mesmo
iodo o marechal Soult com um corpo de tropas, que
ica se reputou de mais de vinte mil homens, tem, alem
tomada das duas ultimas praças, aprisionado e destruido
a cima de vinte e dois mil homens de tropas hespanholas.
Tenho a honra de ser, com consideração e respeito, de
ex.ª, ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Miguel Pereira Forjaz, o mais
ento e fiel servidor. = *Wellington*. = Quartel general em
la Secca, 14 de março de 1811.

DOCUMENTO N.° 100

(Citado a pag. 382)

Proclamação dirigida á nação portugueza por lord Wellington quando Massena foi expulso de Portugal

rd Wellington, cavalleiro do Banho, marechal general dos
exercitos de sua alteza real o principe regente de Portugal, etc., etc., etc.

A nação portugueza é informada que o cruel inimigo que
via invadido Portugal e devastado o paiz, ha sido compel-
do a evacual-o e a retirar-se através do Agueda, depois de
ter soffrido grandes perdas. Os habitantes dos districts
vadidos podem com segurança voltar para os seus lares
principiarem as suas occupações e arranjos domesticos.
marechal general lhes recorda todavia o conteúdo da pro-
mação que lhes dirigiu no mez de agosto passado, cuja
ia vae ao lado d'esta [1]. A nação portugueza conhece agora

[1] É a que vae transcripta a pag. 118 e 119 do tom. III.

por experiencia que o marechal general não se enganou na natureza ou extensão dos males com que era ameaçada, nem tão pouco nos unicos meios de precavel-os ou impedir seus effeitos, e os quaes eram e são uma firme resolução de resistencia, remover e occultar todos os bens e effeitos que podiam contribuir para a subsistencia do inimigo e facilidade dos seus progressos. Tem decorrido perto de quatro annos desde que o tyranno da Europa invadiu com um poderoso exercito o reino de Portugal; não teve por motivo esta invasão uma defeza pessoal; não foi para vingar insultos ou injurias que lhe houvesse feito o benevolente soberano d'este reino; não foi, finalmente, o ambicioso desejo de augmentar o seu poder politico, pois que o governo portuguez sem resistencia havia condescendido com todas as exigencias do tyranno; foi, porém, o seu objecto o insaciavel desejo da pilhagem e de perturbar a tranquillidade, e apoderar-se das riquezas de uma nação que gosava das doçuras da paz ha perto de meio seculo. Os mesmos desejos occasionaram no anno de 1809 a invasão das provincias do norte de Portugal e a inclinação para o roubo e pilhagem, e motivaram tambem a do anno de 1810, que felizmente acaba de ser frustrada, e o marechal general appella para a experiencia dos que hão presenceado as tristes invasões, a fim de que testifiquem se acaso durante ellas o procedimento do exercito francez não tem sido o de confiscar, roubar e commetter quantos ultrages póde suggerir-lhes a sua barbara e atroz indole, e se desde o general até ao ultimo soldado se não deleitavam em praticar taes excessos.

Aquelles paizes que se hão submettido á tyrannia não têem experimentado melhor sorte do que os que hão resistido. Os habitantes perderam todos os seus bens, as suas familias foram deshonradas, as suas leis atropelladas, a sua religião banida, e sobretudo se hão privado da honra d'aquella varonil resistencia á oppressão, contra a qual os habitantes de Portugal têem dado tão singulares e felizes exemplos. O marechal general, ao mesmo tempo que annuncia os resultados da ultima invasão, considera ser do seu dever recordar aos

habitantes de Portugal que, não obstante ter-se removido o perigo que os ameaçava, não ha ainda completamente desapparecido. A nação portugueza ainda tem riquezas, as quaes o tyranno procurará pilhar. Ella é feliz debaixo do moderado governo do seu benefico soberano, e isto basta para que o tyranno se esforce a destruir a sua felicidade. Ella lhe tem prosperamente resistido, e por conseguinte não deixará elle de fazer quanto lhe seja possivel para submettel-a ao seu jugo de ferro. A nação não deve affrouxar nos seus preparativos para uma firme e decidida resistencia. Todo o individuo capaz de pegar em armas deve aprender o seu manejo, e os que por sua idade ou sexo não podem pegar n'ellas devem de antemão fixar para se acolherem as paragens mais occultas e de maior segurança, fazendo ao mesmo tempo todos os necessarios arranjos para se recolherem a ellas quando se approximar o momento perigoso. Os effeitos de valor que tentam a avareza do tyranno e a dos seus satellites, e que são o grande perigo da sua invasão, devem de antemão cuidadosamente enterrarem-se, cada individuo occultando os seus, não confiando o segredo á fraqueza d'aquelles que não tenham interesse em guardal-o. Devem tomar medidas para occultar ou inutilisar os viveres que se não possam transportar para logares seguros, assim como tudo quanto possa contribuir a facilitar o progresso do inimigo, pois que é bem notorio que as tropas inimigas se apoderam de quanto encontram, e nada deixam ao legitimo dono.

Se se adoptarem estas medidas, por superior que seja o numero da força que o desejo da pilhagem e da vingança possa induzir o tyranno a mandar novamente invadir este paiz, o resultado será certo, e a independencia de Portugal e a felicidade dos seus habitantes ficará finalmente estabelecida com eterna honra da presente geração.

Quartel general, 10 de abril de 1811. = *Wellington.*

DOCUMENTO N.° 100-A

(Citado a pag. 452)

Ordem do dia do marechal Beresford, contendo duas cartas e lord Wellington agradece os serviços dos corpos de milici rante o tempo que o exercito alliado recolheu ás linhas de Vedras

Quartel general em Almendralejo, 3 de maio de 181
Determina s. ex.ª o sr. marechal commandante em que, alem de se publicar esta ordem aos corpos de linh licias e batalhões de atiradores e artilheiros naciona Lisboa oriental e occidental, se publique tambem ás co nhias de artilheiros ordenanças que estiveram empre na linha de defeza, em consequencia de se terem feito d da contemplação de s. ex.ª o sr. marechal general lor conde Wellington.

Primeira carta

Ill.mo e ex.mo sr.—Tenho a honra de remetter a v. copia inclusa da carta que escrevi ao general Bacellar, ordenar ás divisões de milicias e outras tropas do seu mando que atravessem o Douro e voltem para as prov do norte d'este rio.

Recommendo a v. ex.ª o inserir esta carta na orde dia, e requeiro a v. ex.ª que tome esta occasião para mir os meus sentimentos a respeito dos serviços feitos patria pelos differentes corpos de milicias, voluntarios denanças que estiveram de guarnição nas obras constr entre o Tejo e o mar; vem a ser, os regimentos de Tom Vizeu, Castello Branco, Covilhã, Idanha, Feira, Leiria, mar, Santarem, Setubal, Alcacer, Torres Vedras, ter Lisboa occidental, Lisboa oriental, Lisboa occidental, lhões de atiradores e artilheiros de Lisboa oriental e dental, as diversas companhias de artilheiros orde organisadas nas immediações das mesmas obras, o c

ão Lobo Brandão de Almeida e toda a guarnição da praça e Abrantes.

É necessario, porém, ao mesmo tempo fazer observações bre a conducta d'aquelles individuos, tanto officiaes, como ldados, que desampararam os seus corpos no periodo de ue acima faço menção quando a sua patria estava em peigo; peço a v. ex.ª que especialmente os nomes dos officiaes e publiquem em toda a parte do reino, e que aquelles hoaens que não têem voltado ao seu regimento, segundo o inulto recentemente publicado pelo governo, sejam procurados e punidos conforme as leis do paiz.

Tenho a honra de ser de v. ex.ª o mais obediente creao. = O marechal general, *Wellington*. = Ao marechal sir uilherme Carr Beresford.

Segunda carta

Ill.mo e ex.mo sr. — Rogo a v. ex.ª que ponha em execução disposição feita a respeito da divisão do commando do coonel Wilson, e a que igualmente respeita á mudança do uartel general de v. ex.ª, cujas verbalmente communiquei sta manhã a v. ex.ª

Devo-me aproveitar d'esta opportunidade para congratur a v. ex.ª, em rasão da evacuação que o inimigo acaba de azer d'este paiz, e ao mesmo tempo dar a v. ex.ª os meus gradecimentos pela ajuda e cooperação que hei recebido de . ex.ª nas operações que se hão dirigido durante o anno, e ue hão sido trazidas ao presente resultado.

Igualmente peço a v. ex.ª que transmitta os meus agradeimentos ao general Silveira, coronel Trant e Wilson, pela juda que hei recebido de cada um d'elles, e pelo zêlo que ão manifestado na causa, e habilidade com que se têem conuzido nas differentes situações em que individualmente hão ido postos.

Tambem peço a v. ex.ª que da minha parte transmitta á fficialidade e officiaes inferiores e soldados que têem serido debaixo da direcção de v. ex.ª e immediato commando

do general Silveira, coronel Trant e Wilson, as dispos
do alto apreço que entretenho da sua bizarria e discip
quanto a soldados, e do seu patriotismo e lealdade para
o seu soberano, e das minhas asseverações de confianç
ultimo e feliz resultado da causa por que tão justam
contendemos, se acaso elles e todos os mais, e em ig
circumstancias, continuarem a fazer os mesmos esfor
a conduzirem-se em uma maneira digna da antiga repu
d'este paiz.

Como o marechal sir Guilherme Carr Beresford se
distante de mim, faço directamente esta communicaç
v. ex.ª, da qual transmittirei ao mesmo marechal uma
petente copia.

Deus guarde a v. ex.ª Quartel general de Villar Forn
10 de abril de 1811.=O marechal general, *Wellingto*
Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. tenente general Bacellar.

Com muita satisfação manda o sr. marechal fazer pu
ao exercito as cartas acima transcriptas de s. ex.ª o sr.
rechal general lord visconde Wellington, e sente um p
particular pelas expressões bem merecidas, e justiça
s. ex.ª o sr. marechal general quiz ter a bondade de
mesmo fazer aos officiaes e tropas mencionadas. O sr.
rechal não quer diminuir o valor do elogio feito aos offi
e soldados, acrescentando-lhe cousa sua; as expressões
da melhor e da maior auctoridade, e contenta-se de fel
o sr. tenente general Manuel Pinto Bacellar, e todos os
que o mereceram.

O sr. marechal sente extremamente que houvesse
causa para as observações que lhe recommenda s. e
sr. marechal general na ultima parte da carta; por
certissimo que houve individuos tão baixos e destit
assim de todo o sentimento de honra, como de todo o
cipio de patriotismo, que fugiram, e outros que despre
o comparecerem nas fileiras quando a sua patria esta
vastada, saqueada e ameaçada de escravidão e de extir

pelo inimigo o mais deshumano que tem visto a Europa moderna. Homens taes merecem ser declarados como cobardes e indignos da sua patria. O sr. marechal não faltará a conformar-se com as instrucções de s. ex.ª o sr. marechal general.

DOCUMENTO N.º 100-B

(Citado a pag. 459)

Correspondencia de lord Wellington com o principe regente, governadores do reino e o ministro inglez em Lisboa, relativamente ao principal Sousa e ao patriarcha eleito

Carta para o principe regente

Quartel general de Villar Formoso, 7 de maio de 1811.

Senhor: — Os governadores do reino terão communicado a vossa alteza real os recentes acontecimentos militares que têem tido logar n'estas paragens, os quaes sinto observar que terão mallogrado a expectação que vossa alteza real havia formado.

Em resposta ao conteúdo da carta de vossa alteza real, peço respeitosamente permissão a vossa alteza real para lhe expor, que sendo o senhor d'este reino, tem todo o direito de nomear para governal-o aquellas personagens que a sabedoria de vossa alteza real escolher, e quando vossa alteza real conceda a sua attenção ás suggestões ou conselhos dos vassallos de sua magestade britannica, na escolha d'estas personagens tem, não obstante isto, vossa alteza real todo o jus para ajuntar á sua graciosa consideração aquellas condições que vossa alteza real for servido.

Tenho feito ver a vossa alteza real que eu nunca pensava que podia continuar com vantagem a exercer o serviço de vossa alteza real, no caso que o principal Sousa continuasse a ser um dos membros do governo, e vejo agora que vossa alteza real se acha disposto a depol-o, se acaso sua mages-

tade britannica consentir em remover de Lisboa o seu r
nistro, mr. Stuart, e que se não façam objecções a q
vossa alteza real chame á sua real presença o secretario
governo D. Miguel Pereira Forjaz a responder por causa d
demoras de que me queixei a vossa alteza real, sobre c
assumpto vossa alteza real é quem melhor póde julgar; p
rém a minha anciedade pelos interesses de vossa alteza r
e pelo seu reino me induz a respeitosamente urgir e pe
a vossa alteza real que considere bem esta materia antes q
deponha do seu serviço aquelles que por inclinação, zêlo
talentos são da maior utilidade ao real serviço de vossa
teza real nas criticas circumstancias em que este reino
acha ainda collocado.

Igualmente espero que da exposição que n'esta occasi
faço a vossa alteza real não resultará detrimento algum
secretario do governo D. Miguel Pereira Forjaz, e que
embaraços e declarações de que me queixei a vossa alte
real (os quaes vossa alteza real na mesma carta parece i
justamente lhe suppõe), não são por motivo algum attribu
veis áquelle ministro, e que pelo contrario a sua disposiçã
talentos e ingenuidade tem tido em movimento a machi
do governo até ao presente momento.

Espero que este paiz em breve tempo estará em um estad
que torne possivel para mim, e sem detrimento para a caus
dos alliados, o supplicar a sua alteza real o principe regent
do reino unido da Gran-Bretanha e Irlanda, que me alliv
de uma tão penosa situação, na qual não tenho tido a feli
dade de satisfazer a vossa alteza real, apesar de haver si
o instrumento empregado por sua magestade britannica pa
salvar por tres vezes da mão do inimigo commum o reino
vossa alteza real.

Desejava ter conseguido a felicidade de contentar e deix
amplamente satisfeito a vossa alteza real, e que a confiar
que vossa alteza real ha sido servido declarar que repousa
em mim o tivesse induzido a olhar com indulgencia quae
quer erros que eu podesse ter commettido até que vossa
teza real podesse conseguir uma opportunidade de consid

rar e conhecer as circumstancias em que me achava posto, e os meios que tinha á minha disposição, em comparação ao inimigo commum, invasor do reino de vossa alteza real. Porém, lamentando, como lamento muito, o ver a vossa alteza real descontente, não me posso arrepender de haver adoptado o plano de operações que occasiona este desgosto, pois que estou plenamente convencido que no caso que tivesse adoptado qualquer outro, teria perdido a vossa alteza real o seu reino e a sua magestade britannica o seu exercito, posto debaixo do meu commando para o empregar na sua defeza.

Deus guarde a vossa alteza real por dilatados annos. Senhor! Beija a real mão de vossa alteza real o marechal general, *Wellington*.

Carta regia em resposta á missiva de lord Wellington

Conde do Vimeiro, lord Wellington, do meu conselho, marechal general e commandante em chefe do exercito combinado. Amigo: Eu, o principe regente de Portugal, vos envio muito saudar, como aquelle que prézo. Sendo-me presente a vossa carta de 7 de maio, de que faço aquelle apreço e estimação que podeis julgar, foi-me muito doloroso ver que vós não rendeis justiça ao alto conceito e superior confiança que sempre me merecestes, e que se fosse possivel teria crescido cada dia mais, experimentando por factos os effeitos do vosso heroico valor e de vossos grandes talentos militares, que se vos deixam iguaes na Europa, não nos deixam ver alguns que vos sejam superiores, nem posso ainda conceber como, conhecendo eu os altos feitos e gloriosas acções com que tendes tres vezes libertado o meu reino e a minha corôa, na fórma que sempre vol-o tenho expressado, como podeis imaginar que me tivesse esquecido do que vos havia escripto! Muito mais quando depois da ultima invasão, e durante a mesma, sempre approvei os vossos planos, sempre esperei o feliz resultado que se realisou, e ainda no meio das crueis calamidades inseparaveis da guerra, que me fazia soffrer pela sorte dos meus vassallos, nunca deixei de

considerar os vossos planos como os mais sabios e ad
dos ás criticas e difficeis circumstancias. Tendo, pois,
a rasão para exigir da vossa generosidade e digno
de pensar uma reparação tanto mais justamente mer
quanto deveis salvar a minha gloria e reputação pes
face da Europa, dos meus povos, da vossa nação e da
ridade, e não consentir que depois de tão assignalados
mortaes serviços que tendes rendido a mim, á minha
e á causa commum dos alliados, se possa acreditar q
mais cessastes de ter a minha plena e inteira confiança

Não pude condescender com o vosso desejo, demitti
principal Sousa, que tambem n'essa occasião me pedi
demittido, sem dar aos meus povos alguma demonst
que fizesse ver que não separava do meu serviço u
sallo fiel e muito zelador dos meus reaes interesses, e
mente o maior admirador e enthusiasta dos vossos sub
talentos militares, sem os mais fundados motivos de
cular consideração, mas que d'isto mesmo fazia res
veis os que podia julgar como fautores de uma divisã
se manifestava entre aquelles a quem tinha confiado a
nistração e governo do reino, e de que presumia se t
originado as informações pouco fundadas que haviam
vado a vossa representação. Posso agora com gosto a
rar-vos que os principios de desconfiança, que mesmo
tive contra a conducta do ministerio britannico, têem
cessado, o que com a lealdade do meu caracter hoje c
so, e o farei constar ao meu fiel e antigo alliado, sua n
tade britannica, e que se desvaneceram na minha re
sença todas as duvidas que se haviam suscitado,
reconheceu os bons serviços que elle fez a mim e á
corôa, ou seja no arranjamento que fez com Argel, o
no aprovisionamento com que se procuraram subsist
para o reino, que auxiliou até com o seu proprio c
como muito especialmente me representou o principal
succedêra nas transacções que com elle teve em simi
materia.

Não é certamente a menor prova que vos dou da

por vós tenho o segurar-vos que restituo á minha in-
a confiança a D. Miguel Pereira Forjaz, secretario do go-
no, unicamente attendendo á vossa recommendação, e
podendo deixar de revestir da minha protecção o ho-
m que vós estimaes, e esquecer-me de muitos factos em
e não vi aquelle zêlo e amor do real serviço e obediencia
minhas reaes ordens que devia esperar do seu nasci-
ento e do muito que me deve; mas se elle continuar a me-
ecer a vossa confiança, podeis estar certo que ha de sem-
re merecer a minha especial protecção, e que lhe reconhe-
erei este serviço com particular recompensa.

Se vós reflectirdes nas difficeis circumstancias em que se
cha a Europa, se considerardes quanto sois necessario á
ausa commum dos alliados, se vos lembrardes que os sen-
imentos de generosidade vos obrigam a mostrar-vos ligado
um soberano que procura dar-vos todas as provas de con-
sideração e reconhecimento pelos immortaes serviços que
lhe tendes feito, jamais haveis de abandonal-o, nem pedireis
sua alteza real o principe regente do reino unido da Gran-
Bretanha e Irlanda, que me prive dos vossos serviços, nem
vossa gloria vol-o permitte, pois destinado pela Providen-
cia para conter o inimigo commum do genero humano, não
pódeis, sem renunciar os vossos louros, abandonar a causa
da peninsula antes de erigirdes no cume dos Pyrenéus as
bandeiras dos soberanos alliados, e d'ali proclamárdes a in-
dependencia da peninsula, que tereis então salvado, e para
que tão gloriosamente tendes já concorrido.

Nas expressões que vos dirijo nada ha de excessivo; é o
meu real coração quem vos falla, e quem de vós espera uma
heroica acção, e é que persuadido da minha real confiança
que inteiramente vos tenho dado, convencido que não ten-
des senão admiradores, ainda mesmo n'aquelles que julgas-
tes serem-vos oppostos, que vos encarregueis no meu real
nome de ser o conciliador de todos os partidos que me são
addidos por uma reconhecida fidelidade, e que, moderados
todos elles, concorram igualmente para o bem do meu real
serviço, que é tambem o da causa commum dos mesmos al-

liados. Tambem vos encarrego de fazerdes conhecer no meu real nome ao marechal Beresford a justa idéa e alto conceito que formo dos seus serviços, e quanto prazer me deu a gloria de que se cobriu na batalha de Albuera, em que destroçou o exercito de Soult.

Não posso tambem deixar de prevenir-vos que para me não mostrar esquecido ou ingrato para aquelles que presencearam a restauração do reino, tenho sido obrigado a contemplar aqui individuos que ahi não tiveram, depois da restauração, tão exacta conducta como era de esperar; mas é conforme ao meu real caracter não deixar de favorecer os que de qualquer modo me têem servido, e mostrar com factos evidentes que só com traidores e com os que renunciaram o seu dever para commigo e para com a minha nação é que sou inexoravel, e que os abandono ao duro castigo que as leis lhe dão. Quiz fazer-vos esta explicação para que vejaes a minha boa fé, e que nada vos occulto do que póde ainda remotamente dizer-vos respeito, esperando que vós assim o praticareis commigo, fazendo-me constar sem consideração alguma tudo o que julgardes conveniente ao meu real serviço, bem certo que nunca deixarei de dar-vos a mais inteira consideração a tudo o que por vós me for representado. Assim o cumprireis.

Escripta no palacio do Rio de Janeiro, aos 24 de julho de 1811.=O Principe.=Para o conde do Vimeiro, lord Wellington.

Carta para os governadores do reino

Ill.^mos^ e ex.^mos^ srs. — Tenho a honra de transmittir a v. ex.^as^, a copia de uma carta regia que n'este dia recebi de sua alteza real o principe regente de Portugal, a qual expressa em termos os mais vivos os beneficos sentimentos e intenções do mesmo augusto senhor, e tão efficazes para excitarem a gratidão de todas aquellas pessoas a quem são relativas, que eu seria injusto se as occultasse a v. ex.^as^ Estão certos v. ex.^as^ que eu pensei ter rasão para me queixar da conducta de al-

guns de v. ex.as, e d'esta mesma conducta me queixei a sua alteza real em carta que lhe escrevi aos 30 de novembro de 1810, a qual transmitti aberta a v. ex.as para a lerem, pois que é inconsistente com os principios que nutro o queixar-me jamais de pessoa alguma, sem que lhe dê uma opportunidade de se justificar. Sua alteza real me fez a honra de responder áquella carta, e novamente dirigi outra ao mesmo senhor, datada de 7 de maio, a qual não mandei aberta a v. ex.as, porque não tinha queixa contra pessoa alguma; mas d'esta carta envio agora a v. ex.as a copia, sendo esta a que sua alteza real é servido noticiar na carta regia que me envia de 24 de julho.

V. ex.as hão de, creio eu, fazer-me a justiça de se persuadirem, apesar de que pensei tinha rasão de me queixar de alguns de v. ex.as, que nunca deixei por isso de fazer quantos esforços eu podia em beneficio de sua alteza real, e isto tanto quanto me permittem os meus talentos e segundo o melhor do meu descernimento, e tenho em toda a occasião em que v. ex.as o tem requerido, ou em toda a que me persuadi lhes podia ser util, prestado o meu parecer em conformidade a quanto me podiam segurar os meus conhecimentos nas differentes circumstancias dos negocios a tratar. Qualquer, pois, que tenha sido a minha opinião a respeito de v. ex.as ou da conducta de alguns individuos, ter-me-ía sido impossivel o fazer mais do que tenho feito no serviço de sua alteza real e em beneficio do seu reino. Eu não prefiro, porém, o viver n'um estado de inimizade, nem é necessario que as differenças sejam perpetuas entre mim e pessoas que estão cooperando em uma causa publica, e ainda mesmo que ella não perca por isto, nem tão pouco penso ter jus para requerer a sua alteza real que demitta do seu real serviço pessoas que é do meu dever persuadir-me que são leaes e habeis, e bem intencionadas, meramente porque estas ou eu temos differido em opinião sobre alguns pontos, e sobretudo não sou nunca pessoa que possa resistir a um tal mandado, como aquelle que me dirige sua alteza real na sua inclusa carta.

Em vista, pois, de taes circumstancias lanço mão da
sente opportunidade para abraçar esta maneira de sol
para que tudo que se tem passado sobre assumptos des
daveis seja para sempre esquecido, podendo eu com s
rança affirmar que não tenho inimizade a pessoa algum
contra qualquer das pessoas de que pensei eu tinha
para me queixar, pois que as circumstancias em que t
estado collocado me têem privado de formar mais do qu
tenue conhecimento com algumas d'ellas, ao mesmo
que nunca vi algumas das outras, e crendo que não e
inimizade contra mim. V. ex.as me acharão finalmente
posto a dar-lhes nos negocios que se offerecerem toda
operação e assistencia que couber no meu poder e em
as maneiras que me for possivel, esperando eu que rest
a satisfação de promover sempre entre v. ex.as aquella
com tanta vehemencia e tão justamente recommendad
sua alteza real o principe regente de Portugal.

Quartel general de Freineda, 20 de outubro de 18
Deus guarde a v. ex.as por muitos annos.=Marechal
ral, *Wellington*.=Ill.mos e ex.mos srs. governadores do

Resposta dos governadores do reino á precedente c

Ill.mo e ex.mo sr.—Recebemos a carta que v. ex.a
honra de nos dirigir em 20 de outubro com as inclusa
a acompanhavam, e temos a maior satisfação em obse
ampla justiça que sua alteza real o principe regente d
tugal rende ao distincto merecimento de v. ex.a e ao
portantes serviços que v. ex.a tem feito a bem da
commum, serviços que já por tres vezes libertaram
reino da invasão dos seus implacaveis inimigos, pondo
o sêllo á gloria militar que havia adquirido com tantos
bates e com os brilhantes successos da ultima camp
que fará epocha nos annaes da historia.

Esta mesma foi sempre a opinião do povo portugu
cujos sentimentos mais de uma vez temos sido orgão,

do igualmente penetrados de admiração e reconhecimento, á vista das grandes virtudes militares e politicas que v. ex.ª tem patenteado em todo o progresso d'esta porfiada contenda, e de que tem resultado a salvação da nossa patria e vergonhoso transtorno para o inimigo. Mas o tributo de louvor que a nação e as pessoas que em nome de sua alteza real aqui regem, constantemente offertaram a v. ex.ª, adquire agora maior realce, achando-se confirmado pela suprema e respeitavel auctoridade do nosso augusto soberano, com expressões nascidas do seu regio coração, sempre grande e generoso, e que são bem dignas do principe excelso que as profere e do homem illustre a quem são dirigidas.

Sendo estes os sentimentos que em todo o tempo professâmos, não seria possivel que qualquer differença de opinião que tenha havido entre v. ex.ª e todos, ou alguns dos membros do governo, tivesse por causa ou por effeito a mais pequena indisposição pessoal. V. ex.ª, a quem temos a satisfação de nomear nosso collega, trabalha de commum accordo comnosco na grande causa da independencia de Portugal, da gloria das armas alliadas e da humilhação do inimigo da liberdade do mundo. Todos nos dirigimos ao mesmo fim, e quando deliberâmos sobre os meios, a boa fé e desejo sincero de acertar presidem inalteravelmente ás nossas deliberações.

Continuando, pois, a seguir este systema, estamos seguros que cada vez se consolidará mais a harmonia e boa intelligencia que nunca deixou realmente de existir, e que forçosamente deve conservar-se entre pessoas que reciprocamente se estimam e estão empenhadas com igual valor na mesma empreza.

Temos exposto a v. ex.ª os nossos sentimentos com a franqueza correspondente á que v. ex.ª manifesta na sua carta; e estando certos de concordarmos nos mesmos principios, rogâmos a v. ex.ª, em cumprimento do que sua alteza real expressamente nos recommenda, que nos auxilie com as suas luzes nos graves negocios da fazenda, de que mui sinceramente devemos cuidar, pois que este objecto não só inte-

ressa a v. ex.ª na qualidade de governador do reino, mas é da maior importancia para o final successo das armas dos alliados, que deve immortalisar o chefe que tão digna e gloriosamente as commanda.

Palacio do governo, em ... de novembro de 1811.—Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. = *Bispo, Patriarcha Eleito* = *Conde de Redondo* = *Carlos Stuart* = *Ricardo Raymundo Nogueira* = *D. Miguel Pereira Forjaz* = *Alexandre José Ferreira Castello*. = Ill.^mo e ex.^mo sr. conde do Vimeiro, lord Wellington.

Carta para mr. Carlos Stuart notando a incoherente conducta do patriarcha eleito sobre os assumptos da guerra

Cartaxo, 18 de janeiro de 1811.

É necessario que eu fixe a vossa attenção, assim como a do governo portuguez, sobre os sentimentos que acaba de manifestar o patriarcha nas ultimas sessões publicas da regencia. Parece que s. em.ª se pronunciou pela inutilidade de impor aos povos novos encargos, que evidentemente não têem outro fim senão alimentar a guerra no coração do reino. Desde logo dever-se-ia conhecer que similhantes discussões não convinham agitar-se n'uma assembléa publica, convindo quando muito n'uma deliberação de ministros, e especialmente no conselho privado de pessoas que sua alteza real o principe regente tem chamado a governar o seu reino durante a actual crise.

Tenho sempre agrupado s. em.ª o patriarcha entre aquelles que pensam que se devem fazer todos os sacrificios imaginaveis, comtanto que o reino conserve a sua independencia, e acho muito importante que o gabinete inglez, o conselho do principe regente, e finalmente todo o mundo devem ser desenganados, se é que nós temos sido enganados até ao presente. S. em.ª oppõe-se á adopção de medidas, cujo immediato objecto é procurar os fundos para a manutenção dos exercitos de sua alteza real, porque poderia succeder que a guerra existisse no interior do reino.

Receio, todavia, que o patriarcha tenha esquecido como é que o inimigo commum entrou n'elle em 1807; como é que foi d'elle expulso, ainda que d'elle estivesse inteiramente senhor em 1808; como é que se fez senhor do Porto e das duas mais importantes provincias em 1809; e finalmente como é que foi expulso d'estas mesmas provincias. Esquece que na sua presença foi estatuido no mez de fevereiro de 1810, em presença do marquez de Olhão, de D. Miguel Pereira Forjaz, de João Antonio Salter de Mendonça e do marechal sir William Carr Beresford, que era provavel que o inimigo invadisse por esta vez o reino com um exercito tal que nos obrigaria a concentrar todas as nossas forças para lhe resistir com alguma probabilidade de successo; que esta concentração podia ser feita com segurança sómente na vizinhança da capital; que este plano de campanha, que devia trazer o inimigo ao coração do reino, lhe foi submettido, e que elle patriarcha lhe testemunhou altamente a sua approvação diante das pessoas acima mencionadas. Se elle se lembra d'estas circumstancias notará que nada tem succedido n'esta campanha que não tenha sido previsto, e que todas as medidas adoptadas para este fim, e que então foram muito approvadas por elle, hoje desapprova as suas consequencias.

A nação portugueza está empenhada n'uma guerra que não é nem de aggressão, nem mesmo de defeza pela sua parte; que em consequencia ella não adheriu a systema algum de politica, porque abandonou todas as suas allianças, todos os seus systemas politicos, a fim de pacificar o inimigo. O povo portuguez começou a guerra pura e simplesmente por si, tendo por fim sacudir o jugo do tyranno, cujo governo se achava estabelecido em Portugal, e salvar a sua vida e as suas propriedades; elle encarregou-se só por si d'esta pesada incumbencia, principalmente por instigações de s. em.ª o patriarcha; n'isto appellou para sua magestade, como antigo alliado de Portugal, cuja alliança tinha sido abandonada desde que o inimigo commum lh'o tinha exigido; elle pediu a sua magestade que o ajudasse no glorioso esforço que queria fazer para recobrar a independencia nacional e toda

a segurança relativa á existencia dos individuos e ás suas propriedades.

Não mencionarei aqui como é que sua magestade correspondeu a este appello; não enumerarei os serviços que os seus exercitos têem feito. Qualquer que seja o desfecho da lucta, nada me poderá fazer acreditar que os portuguezes esquecerão jamais similhantes serviços; mas quando uma nação toma sobre si fazer toda a resistencia, e isto em circumstancias taes como aquellas em que a defeza foi unanimemente resolvida no anno de 1808, tendo n'essa resistencia perseverado, não se póde acreditar que não fosse da sua intenção não soffrer algum dos males da guerra, ou que o seu governo falte, segundo o seu pensamento, quando diz que convem não impor novos deveres ao povo, pois que isto não teria outro fim senão chamar a guerra para o interior do reino.

O patriarcha em particular esquece os seus antigos principios, as suas proprias acções, que foram as que mais contribuiram para manter o seu paiz n'uma contenda que elle agora aconselha abandonar-se, porque similhante contenda traz por terceira vez a guerra ao interior. Ainda que o patriarcha particularmente e a maioria do governo existente tenham approvado o plano que lhes submetti em fevereiro de 1810, bem que elle devesse provavelmente fazer d'este reino o theatro da guerra, admitto que s. em.ª e os outros membros da regencia podem desapprovar a guerra e a presença do inimigo.

Fiz ver ao governo de Portugal em mais de um despacho as difficuldades e os riscos que se seguiriam a todo o ataque das posições do inimigo, e o successo provavel que não sómente nós, mas os nossos alliados tirariam, se seguissemos com perseverança o plano que tenho adoptado, e que até ao presente tão satisfactorios resultados tem dado, porque os alliados não têem experimentado perda alguma, e o exercito nacional está mais completo do que não estava em abril ultimo na abertura da campanha. Só uma parte dos habitantes do paiz tem soffrido e continúa a soffrer.

Mas sem entrar nas discussões que desejo evitar, sobretudo n'esta occasião, repito que se os meus conselhos tivessem sido seguidos, estes soffrimentos teriam sido alliviados. Farei mesmo observar que é a primeira vez que tenho ouvido dizer que os males de uma parte, e da mais fraca parte da nação, são rasão sufficiente para recusar a adopção de uma medida que tem por objecto a libertação da nação inteira. Todavia, o patriarcha póde desapprovar o systema que tenho seguido, e concebo que elle possa impunemente desejar que sua magestade e o principe regente me tirem o commando dos exercitos. Isto estaria de accordo com a conducta que elle já tem tido, e com a pouca estima que por mim tem; mas esta medida é inteiramente separada da recusa de concorrer para se impor ao povo tudo o que é necessario para se obter bom successo. S. em.ª não se póde recusar a ver, assim como toda a pessoa sabedora da situação real dos negocios de Portugal, que só por um grande esforço se podem proporcionar os recursos ás despezas necessarias, e que sem isto todos os planos e todos os systemas de operação serão similhantes, porque o exercito portuguez não estará em estado de executar algum.

N'este momento, ainda que todos os corpos estejam concentrados na vizinhança dos seus armazens, e que o Tejo torne os meios de transporte muito faceis ás tropas portuguezas, faltam-lhes muitas vezes os viveres, porque não ha dinheiro para lhes pagar o transporte, e que toda a administração do exercito, em que se comprehendem os hospitaes, carece igualmente de fundos para custeio das suas urgentes despezas, e para fazer tudo o que lhe convem. Desde que eu aqui estou tenho sempre visto o exercito portuguez no mesmo embaraço e nas mesmas difficuldades, e é confessado que elle se teria debandado mais de uma vez se o exercito inglez não tivesse dividido com elle os seus viveres, as suas munições e o seu dinheiro.

S. em.ª póde igualmente acreditar que á medida que as operações do exercito tomarem mais desenvolvimento a despeza augmentará, e que será por conseguinte cada vez mais

urgente proporcionar os fundos ás suas precisões, porq
sem isto ver-se-iam de repente aniquilados o exercito e a
suas operações. Recusar a adopção de medidas que tende
a augmentar os recursos do governo não é outra cousa s
não resolver a cessação da guerra, seja qual for a maneir
por que se queira conduzir.

Desejando que sua magestade e o principe regente me t
rem o commando dos seus exercitos, s. em.ª procura desen
baraçar-se de uma pessoa que acha incapaz de desempenh
a incumbencia que lhe foi confiada ou mal disposta para iss
Supponho que augmentem os recursos do paiz, ella most
uma opinião differente a respeito da terminação da luct
e o desejo de renunciar tanto ás vantagens que assegur
como á independencia do paiz, a vida dos individuos e
suas propriedades não a sensibilisam.

O meu parecer é o de que o patriarcha se poz n'uma t
situação a respeito do paiz, que sua magestade o devia lev
a dizer claramente o que pretende, recusando o seu concur
ás medidas necessarias para obter dinheiro e pôr o paiz e
estado de continuar a guerra. Em todo o caso peço que es
carta lhe seja communicada em pleno conselho, e que u
copia d'ella seja enviada a sua alteza real o principe regent
a fim de que sua alteza veja que eu tenho dado a s. em.ª
occasião de explicar os seus motivos, ou seja formulando
objecções que me são pessoaes, ou seja reconsiderando
mudança das suas opiniões, dos seus sentimentos e dos se
desejos relativamente á independencia do seu paiz. = We
lington.

DOCUMENTO N.º 100-C

(Citado a pag. 343)

Ordem do dia do marechal Beresford em 1 de maio de 1811 relativa á batalha da Barrosa, junto a Cadiz

S. ex.ª o sr. marechal commandante em chefe não pó
deixar de publicar a promoção do regimento de infanter

n.º 20, abaixo transcripta, sem felicitar a nação portugueza e o exercito pela nova addição de gloria que adquiriram, e por haver mais uma prova de que a nação é a mesma que era no tempo dos Albuquerques e dos Castros, etc.

O destacamento do sobredito regimento, ás ordens do tenente coronel Bushe (cuja morte, consequencia das feridas que recebeu na gloriosa e memoravel batalha de 5 de março ultimo, será sentida por esta nação e pelo exercito), conduziu-se de modo na referida batalha, em que commandou s. ex.ª o sr. tenente general Graham, que mereceu os maiores elogios a este general, e que faz honra á sua patria. Todos os individuos que o compunham se mostraram dignos associados dos bravos alliados da sua nação. O sr. marechal, em nome de sua alteza real o principe regente nosso senhor, faz as honrosas expressões e dá os maiores agradecimentos aos officiaes e soldados do mencionado destacamento. Os officiaes promovidos pela sua excellente conducta foram recommendados ao sr. marechal por s. ex.ª o sr. tenente general Graham, e pelo seu bravo commandante o tenente coronel Bushe, de que elles têem agora de lamentar a perda. Os capitães Thomaz Bambury e João Chrysostomo Calado mereceram tambem os mais fortes elogios de s. ex.ª o sr. tenente general Graham e do tenente coronel Bushe pela sua valorosa conducta n'aquelle dia. O sr. marechal não se esquecerá do seu merecimento na primeira occasião favoravel, e entretanto o faz publico. Na patente de cada um dos officiaes promovidos se ha de pôr em grandes caracteres: *Promovido por boa conducta no campo da batalha*, conforme está annunciado na ordem do dia de 3 de agosto de 1810.

Promoção do regimento de infanteria n.º 20

Por decreto de 10 de abril de 1811: graduado em major o capitão da segunda companhia, Luiz Diogo Pereira Forjaz; graduado em capitão o tenente da quinta companhia, Pantaleão de Oliveira e Sousa; graduado em capitão o tenente da

setima companhia, D. Estevão de Carvajal; tenente aggregado com o soldo de effectivo o alferes da quarta companhia, Feli[illegible] Antonio de Miranda; alferes da primeira companhia o sargento ajudante, João Antonio Apparicio; alferes da quar[illegible] companhia o primeiro sargento da primeira de granadeiros Manuel Pereira de Matos.

DOCUMENTO N.º 100-D

(Citado a pag. 497)

Instrucções dadas aos dois commissionados que foram ás terras invadidas pelos francezes no anno de 1810 fazer a distribuição do donativo das 100:000 libras votadas pelo parlamento inglez para soccorro dos respectivos moradores

Tendo a commissão encarregada de dirigir a distribuição do donativo votado pelo parlamento do reino unido da Gran-Bretanha e Irlanda, para soccorro das terras de Portugal, devastadas pelo inimigo, nomeado o sr. desembargador João Gaudencio Torres para visitar as ditas terras em companhia do sr. Croft, e para fazerem a repartição do donativo entre os seus habitantes na conformidade das instrucções que lhes fossem dadas, e achando-se esta nomeação confirmada pela portaria de 2 do corrente mez, que muniu o mesmo desembargador da auctoridade necessaria para a execução da referida diligencia: ordenou a commissão, em conferencia de hoje 5 de setembro, as seguintes instrucções, com as quaes lhes roga se conformem exactamente, para que a distribuição do donativo se faça com brevidade, justiça e discernimento, e debaixo de regras certas e inalteraveis, e sem alguma excepção de pessoas.

1.º Os srs. desembargador João Gaudencio Torres e João Croft vão encarregados da distribuição de gados e sementes, do arranjamento dos meios para soccorro dos doentes, do offerecimento de auxilios que possam promover a construc-

ção de carros, e da averiguação da quantidade de madeiras com que se poderá acudir ao reparo das casas incendiadas e sitios d'onde ellas devem ser tiradas.

2.° Elles partirão immediatamente, e correrão todas as terras que foram devastadas pelo inimigo, demorando-se em cada uma d'ellas unicamente aquelles dias que lhe forem absolutamente precisos para executarem a sua commissão.

3.° Para o bom desempenho d'ella haverão as informações convenientes das camaras, magistrados, parochos e de quaesquer outras pessoas publicas e particulares que julgarem util consultar sobre esta materia.

4.° Depois de terem alcançado as ditas informações passarão á execução dos differentes ramos de serviço de que vão encarregados.

Quanto aos bois e vaccas

5.° A repartição geral do gado pelas comarcas devastadas é ordenada á proporção do mappa da perda que em cada uma causou o inimigo aos proprietarios e rendeiros de uma só junta de bois e vaccas, comparada com o numero de bois e vaccas que ha para repartir.

6.° Não sendo possivel reparar a perda total do gado, seguir-se-hão na distribuição do que toca a cada comarca as regras seguintes: Só terão direito a ser soccorridos os proprietarios ou rendeiros de uma só junta de bois, que a perdessem por facto do inimigo. Entre as pessoas d'esta classe serão preferidas aquellas cujos filhos ou proximos parentes combateram na tropa de linha, e mais particularmente aquellas cujos filhos morreram na defeza da patria; serão tambem preferidos devidamente os milicianos que têem effectivamente supportado as fadigas da guerra. Pelo contrario devem ser excluidos todos os individuos que se deixaram ficar nas terras invadidas, em contravenção das ordens dadas para a sua evacuação.

7.° Se para fazer chegar o donativo a maior numero de pessoas parecer conveniente dar a algumas uma só cabeça

de gado, se poderá fazer esta limitação nas terras pequenas e distantes da estrada militar, pois que se deve ter em vista auxiliar mais particularmente as terras das vias militares para facilitar assim o serviço do exercito.

Quanto a sementes

8.º Devem informar as que são necessarias para cada comarca, examinando os logares onde se podem fazer commodamente as compras de generos, indicando igualmente os sitios aonde convem estabelecer os depositos, para d'ali se repartirem aos lavradores debaixo das regras seguintes: Na cabeça da comarca será feita a repartição pela camara com assistencia do carregador; nas villas subalternas, pela camara com assistencia do presidente d'ella, sendo juiz de fóra; e não o sendo, com assistencia do parocho, remettendo as ditas camaras as relações nominaes da distribuição ao ill.mo sr. intendente geral da policia.

Quanto a remedios

9.º Remetterão ao ill.mo sr. intendente geral da policia uma informação do numero dos doentes que existem nas differentes terras, a qualidade das molestias e as suas causas em geral. Com esta informação recorrerá o ill.mo sr. intendente ao sr. dr. Fergusson, o qual mandará pôr á sua disposição os remedios e roupas que julgar necessarios, seguindo-se a respeito da sua remessa, distribuição e responsabilidade dos que os receberem o mesmo que se acha estabelecido e se tem praticado na remessa dos remedios que pela intendencia se tem mandado para soccorro dos povos invadidos. Aonde houver misericordias se entregarão os remedios e roupas aos provedores, de quem se cobrará o competente recibo.

Quanto á construcção de carros

10.º Devem persuadir as camaras a que façam o maior numero de carros que couber na sua possibilidade, fazendo-

lhes constar que se lhes dará gratuitamente o ferro que for preciso para a sua construcção, a qual as mesmas camaras deverão verificar por meio de relações judiciaes, assignadas por todos os officiaes da camara e revestidas das necessarias formalidades.

Quanto a madeiras

11.º Devem informar que pinhaes ha mais proximos ás terras incendiadas e arruinadas, declarando as administrações a que pertencem e o modo mais facil do seu córte e conducção.

12.º A correspondencia deve ser dirigida a s. ex.ª o sr. Carlos Stuart, ministro de sua magestade britannica, e ao ill.mo sr. intendente geral da policia.

Lisboa, 5 de setembro de 1811. = *Ricardo Raymundo Nogueira* = *Henrique Teixeira de Sampaio* = *Carlos Stuart* = *João Bell.*

DOCUMENTO N.º 100-E

(Citado a pag. 502)

Resumo geral da distribuição do gado nas provincias da Extremadura e Beira

Das contas geraes e particulares entregues pelo desembargador João Gaudencio Torres e por João Croft á commissão estabelecida para distribuir o soccorro votado no parlamento britannico a favor das terras de Portugal devastadas pelo exercito francez em 1810, e a que se procedeu, relativamente aos proprietarios e rendeiros possuidores de uma só junta de bois e vaccas, segundo as seis differentes classes comprehendidas nos tres casos prescriptos nas instrucções de 5 de setembro, que constituem o documento n.º 100-D, acima impresso, consta o seguinte:

Bois	Vaccas	Lavrador (e)	Bois	Vaccas	Lavrador (f)	Bois	Vaccas	Total dos lavradores	Total das rezes: Bois	Vaccas	Vitellas	Total geral
6	10	–	–	–	4	4	–	42	37	42	–	79
6	–	5	10	–	11	16	–	24	42	–	–	42
21	2	15	15	8	17	9	9	56	67	19	–	86
60	6	56	68	–	43	54	–	402	652	27	1	680
44	8	100	196	–	47	89	–	245	441	34	–	475
51	–	19	38	–	35	69	–	164	325	–	–	325
5	–	39	43	–	4	4	–	52	60	–	–	60
34	–	34	40	18	33	18	36	151	173	99	–	272
227	26	268	410	26	194	263	45	1:136	1:797	221	1	2:019
2	–	52	53	2	17	14	3	72	69	6	–	75
–	–	2	4	–	–	–	–	2	4	–	–	4
35	–	138	161	–	53	73	–	282	383	–	–	383
9	–	155	165	–	114	115	–	308	336	–	–	336
1	–	7	9	–	1	1	–	11	13	–	–	13
17	9	183	132	67	76	58	31	347	272	148	–	420
5	–	20	23	–	11	12	–	41	49	–	–	49
8	5	36	40	13	75	76	14	147	156	48	–	204
9	3	44	53	5	40	39	8	123	140	22	–	162
7	7	44	30	15	7	3	4	78	53	29	–	82
93	24	681	670	102	394	391	60	1:411	1:475	253	–	1:728
320	50	949	1:080	128	588	654	105	2:547	3:272	474	1	3:747

ilicianos novos, paes ou irmãos dos mesmos. (Segundos preferentes.)
aizanos pobres que têem mais de um filho ou seus herdeiros. (Idem.)
aizanos pobres que perderam os bois e fugiram. (Não preferentes.)

DOCUM

Distribuição geral das £

Provincias e comarcas		Para orphãos – Dinheiro – Na lei	Para orphãos – Dinheiro – Metallico	Para lavrad – Dinheiro metallico para compra de sementes	Para lavrad – Vasilhas para vinho ou azeite
Extremadura	Ribatejo	685$714	-$-	273$000	200
	Torres Vedras	685$714	-$-	494$900	-
	Alemquer	1:828$571	-$-	1:495$300	-
	Santarem	2:285$714	1:200$000	2:834$600	185
	Thomar	1:828$571	1:000$000	2:787$100	-
	Ourem	1:371$428	400$000	1:475$200	-
	Alcobaça	1:828$571	-$-	1:242$800	-
	Leiria	2:285$714	1:200$000	3:346$300	-
	Chão de Couce	914$286	200$000	267$400	-
	Crato	1:142$858	-$-	376$700	-
	Somma	14:857$141	4:000$000	14:593$300	385
Beira	Coimbra	-$-	2:400$000	6:277$100	-
	Tentugal	2:285$714	-$-	1:430$600	-
	Aveiro	-$-	799$940	357$800	-
	Arganil	1:371$428	-$-	1:388$700	-
	Vizeu	-$-	2:400$000	4:334$000	-
	Lamego	914$286	-$-	886$400	-
	Trancoso	2.285$714	-$-	2:965$000	-
	Pinhel	-$-	982$905	917$200	-
	Linhares	914$286	-$-	680$000	-
	Guarda	2:285$714	-$-	3:868$800	-
	Castello Branco	2:285$714	-$-	2:301$400	-
	Somma	12:342$856	6:582$845	25:406$700	-
		27:199$997	10:582$845	-$-	-
	Total	37:782$842		40:000$000	385

–F

o governo inglez

Para doentes				Numero dos beneficiados		
Camisas	Camas	Cobertores	Lençoes	Orphãos	Lavradores	Doentes
56	56	56	112	100	135	285
190	129	117	284	142	782	258
160	120	120	240	130	791	1:187
405	405	405	810	340	474	2:202
901	596	582	1:252	843	1:232	4:106
250	250	250	500	155	1:492	1:624
192	192	192	384	140	798	1:497
1:903	1:771	1:645	3:507	718	2:500	9:474
50	50	50	100	42	131	181
181	179	179	358	673	224	543
4:288	3:748	3:596	7:547	3:283	8:559	21:357
1:222	1:072	1:052	2:184	853	2:805	4:237
55	55	55	110	79	778	230
160	160	160	320	68	707	400
251	251	251	502	116	2:899	528
535	535	535	1:070	818	3:876	1:157
139	139	139	278	51	503	252
1:449	980	980	1:960	894	2:020	7:530
282	239	198	464	69	203	825
60	60	60	120	755	450	391
1:258	1:126	1:000	2:217	1:139	2:350	2:867
1:006	834	668	1:612	113	1:394	3:982
6:417	5:448	5:098	10:837	4:955	17:985	22:399
–	–	–	–	–	–	–
10:705	9:196	8:694	18:384	8:238	26:544	43:756

5.º Receber mais generos do que é necessario para o consumo, ou por um preço mais caro que podiamos ter no paiz, influirá igualmente na falta total, e será equivalente a uma diminuição n'uma somma que já se reconhece inferior á necessidade.

6.º No estado actual do paiz, e segundo os esforços continuos desde tres annos, não nos podemos lisonjear achar recursos que até ao presente têem impedido a dissolução d'esta monarchia, e de toda a necessidade se precisa assegurar a sua conservação por meios mais effectivos.

Eis-aqui o que me demonstra a minha rasão, e o que me põe n'um embaraço de que realmente confesso não saber como possa saír. Bem vejo que o estabelecimento do commissariado é uma marcha absolutamente necessaria; mas por outro lado ninguem se quererá encarregar de uma tal responsabilidade sem que se lhe assegurem os meios. Será a mais rematada loucura fazel-o, e será isto fazer falhar desde logo um arranjo indispensavel do exercito, e que terá tantos inimigos quantas as pessoas interessadas nos actuaes abusos. Estou prompto, se assim o quizerem, a sacrificar a minha vida pela salvação do estado, se assim for preciso; mas eu faltarei ao que deverei fazer, e encarregar-me-ía de uma grande responsabilidade para com o mundo inteiro se não fizesse conhecer ao governo dos dois paizes a insufficiencia dos meios e as consequencias que infallivelmente devem resultar, a fim de que, quando chegarem, se esteja já prevenido da sua verdadeira origem.

O estado actual do paiz mostra claramente que a não se importar para elle dinheiro de fóra, aquelle que existe em circulação, sendo obrigado a saír continuamente para pagar a importação de quasi todas as subsistencias, vestuario e outros artigos que nos vem de fóra, e que não podem ser compensados pelas nossas exportações, que presentemente estão quasi reduzidas a nada, será preciso, digo eu, que esta massa de numerario diminua cada dia, e no fim ella se extinguirá inteiramente. Ora, d'aqui virá uma grande difficuldade ao commissariado inglez para negociar as letras de cambio.

se os nossos recursos ficarem dependentes sómente d'esta negociação, a todo o instante nos arriscaremos a faltar ou a retardar extraordinariamente o que devemos satisfazer, retardamento que algumas vezes produz o mesmo resultado que a fallencia.

Espero que tomareis tudo o que digo no sentido em que o escrevo. Simplesmente vos pretendi expor as difficuldades que se apresentam á minha imaginação. Sei muito bem que a Inglaterra faz por nós e gratuitamente esforços muito maiores do que se podia ou devia esperar; mas se estes esforços são dirigidos a um certo fim, é preciso fazer-lhe conhecer se elles são ou não sufficientes para o conseguir.

Rogo-vos de me acreditar sempre com toda a consideração vosso muito humilde e obediente creado.=*Forjaz*.= S. ex.ª o marechal sir William Carr Beresford.

DOCUMENTO N.º 102

(Citado a pag. 554)

Parte official dirigida por sir William Carr Beresford a lord Wellington relativamente á batalha de Albuera

Albuera, 18 de maio de 1811.

Mylord: — Tenho grande satisfação de informar a v. s.ª que o exercito alliado, reunido aqui debaixo das minhas ordens, ganhou a 16 do corrente, depois de um combate dos mais sanguinolentos, uma completa victoria sobre o do inimigo, commandado pelo marechal Soult. Passo a referir a v. s.ª as circumstancias d'isto.

No primeiro relatorio informei a v. s.ª que o marechal Soult havia partido de Sevilha, e por conseguinte que eu tinha julgado prudente levantar o cerco de Badajoz, e preparar-me para ir ao encontro d'elle com as nossas forças reunidas, para não ter dois objectos em que cuidar ao mes-

mo tempo, arriscando-me com isto a faltar a ambos.
longo tempo o marechal Soult, segundo parece, tinh
inauditos esforços para reunir as forças que lhe pare
sufficientes ao seu projecto de soccorrer Badajoz. Pa
fim tinha mandado vir muita gente dos corpos do m
Victor e do general Sebastiani; e tambem, segundo
do exercito francez do centro. Depois de ter assim f
seus preparativos poz-se em marcha de Sevilha no di
corrente com um exercito que por então se reput
quinze a dezeseis mil homens, e descendo para a
madura juntou-se-lhe mais o corpo do general Latou
bourg, avaliado em cinco mil homens.

Desde que s. ex.ª o general Blake soube da mar
marechal Soult, conformando-se exactamente com o
proposto por v. s.ª, tratou de fazer a sua juncção
corpo debaixo das minhas ordens, chegando a Valver
pessoa no dia 14 do corrente. N'aquelle logar tiv
conferencia com s. ex.ª e o general Castaños, resol
se que deveria ir ao encontro do inimigo e dar-se-lh
lha. Apenas reconheci que o designio do inimigo er
soccorrer Badajoz, dirigi-me para esta praça, fazend
char a infanteria para uma posição adiante de Valve
excepção do major general sir George Lowry Cole, q
xei com dois mil homens de tropas hespanholas para
ger o levantamento das nossas provisões. A cavallaria
segundo as ordens que lhe dei, tinha recuado á medi
o inimigo avançava, foi junta em Santa Martha pela c
ria do general Blake; a do general Castaños, comma
pelo conde de Penne Villemur, tinha estado sempre co

Como a nossa estada em Valverde, ainda que n'um
posição, deixava Badajoz inteiramente descoberta,
tomar uma outra n'este logar (tal como a que se podia
lher n'um paiz tão descoberto), pondo-me directamen
tre o inimigo e aquella praça. Por conseguinte o e
reuniu-se aqui a 15 do corrente. O corpo do general
não pôde cá chegar senão pela noite, apesar de para
zer uma marcha forçada, não podendo occupar a su

ção senão a 16 pela manhã, logo que a divisão do general Cole com a brigada hespanhola, debaixo das ordens de D. Carlos de Hespanha, tambem se me reuniu, e um pouco antes do começo do ataque. A nossa cavallaria fôra obrigada a retirar-se de Santa Martha na manhã de 15, e aqui se nos juntou. Depois do meio dia d'este mesmo dia o inimigo apresentou-se em face de nós. Na manhã seguinte fizeram-se as nossas disposições para o receber. Nós estavamos formados em duas linhas quasi parallelas á ribeira de Albuera, no alto do monte que gradualmente se levanta d'esta ribeira, dominando nós por este modo as estradas que vão para Badajoz e Valverde, ainda que v. s.ª não ignora que toda a superficie d'este paiz é praticavel geralmente para todas as armas. O corpo do general Blake estava á direita formado em duas linhas; a sua esquerda, sobre a estrada de Valverde, fazia juncção com a direita da divisão do major general sir William Stewart, cuja esquerda tocava na estrada de Badajoz. N'este ponto começava a direita da divisão do major general Hamilton, que formava a esquerda da linha. A divisão Cole com uma brigada da do general Hamilton, formava a segunda linha do exercito inglez e portuguez.

O inimigo não se fez esperar por muito tempo. Pelas oito horas da manhã de 16 percebeu-se pôr-se elle em movimento, e viu-se a sua cavallaria passar a ribeira de Albuera, bem acima da nossa direita, fazendo sair pouco depois do bosque em face de nós uma numerosa cavallaria e duas grossas columnas de infanteria, que dirigiu sobre a nossa frente, como para atacar a povoação e ribeira de Albuera. Durante este tempo, ao abrigo da sua cavallaria, immensamente superior á nossa, fez desfilar o grosso da sua infanteria para alem da ribeira, e superiormente á nossa direita, não passando muito tempo que se não percebesse que a sua intenção era a de nos tornear por este flanco e separar-nos de Valverde. Em consequencia ordenou-se á divisão do general Cole que formasse uma linha obliqua por traz da nossa direita, ficando a sua direita para a parte posterior. E sendo evidente a intenção do inimigo em atacar a nossa direita,

roguei ao general Blake que formasse sobre esta uma parte da sua primeira linha e toda a sua segu que assim se fez. O inimigo começou o seu ataque nove horas, sem cessar de ameaçar ao mesmo te nossa esquerda, e depois de uma vigorosa e brilhante tencia das tropas hespanholas, ganhou as alturas em achavam formadas. Durante este tempo a divisão do general, o honrado William Stewart, tinha sido ch para a sustentar, e a do major general Hamilton, p esquerda da linha dos hespanhoes, e formada em col cerradas por batalhões para se mover em todas as dire A brigada de cavallaria portugueza, commandada pelo deiro general Otway, ficou a alguma distancia á es d'esta divisão para se oppor ás tentativas que o inim zesse na baixa da villa. Como as alturas de que o inim tinha assenhoreado enfiavam e dominavam inteiramen a nossa posição, conhecemos a necessidade de empreg todos os nossos esforços para lh'as retomarmos e n'el conservarmos, e assim o fez heroicamente a divisão neral Stewart, tendo á sua frente este bravo official.

Quasi ao começar o ataque do inimigo sobreveiu ur lenta chuva, que junta ao fumo produzido pelas des da artilheria impediu o ver cousa alguma distincta Este acontecimento e a natureza do terreno tinhar muito favoraveis ao inimigo para formar as suas colu fazer um novo ataque. A brigada da direita da divi general Stewart, commandada pelo tenente coronel ne, foi a primeira que se empenhou no combate, e n conduziu da mais corajosa maneira; porque, vendo columna do inimigo não podia ser abalada pelo fog tou-se contra ella á bayoneta; mas quando a carrega corpo de lanceiros polacos, a quem a obscuridade da phera e a natureza do terreno tinham occultado, a to (Esta cavallaria tinha por outro lado sido reputada por les da brigada, quando a descobriram, por cavallaria nhola, e por conseguinte não lhe fizeram fogo.)

Atacada assim pela retaguarda de uma maneira in

da, a brigada foi rota desgraçadamente, e soffreu muito. O regimento n.º 31, que formava a sua esquerda, foi o unico que escapou da carga, e debaixo das ordens do major Lestrange, manteve-se no seu terreno até á chegada da terceira brigada, commandada pelo major general Houghton. Esta brigada conduziu-se com uma bravura muito notavel, e a segunda brigada, commandada pelo tenente coronel o honrado A. Abercromby, em nada lhe cedeu. O major general Houghton, levando a sua brigada a carregar, caiu atravessado de golpes.

Ainda que o principal ataque do inimigo tivesse tido logar sobre este ponto da direita, não cessou de fazer tentativas contra a parte da nossa frente, formada primitivamente sobre a villa e a ponte, que foram defendidas muito bravamente pelo major general barão Carlos Alten e pela brigada de infanteria ligeira da legião allemã, cuja conducta foi a todos os respeitos notavelmente bella. Este ponto formou então a nossa esquerda, e a divisão do major general Hamilton para ahi foi levada e se deixou para dirigir a sua defeza; emquanto que o ataque do inimigo continuava na nossa direita, uma imponente massa de tropas hespanholas sustentava a defeza n'este local. A cavallaria do inimigo tinha procurado tornear a nossa direita, emquanto que a sua infanteria se esforçava para a obrigar a lhe deixar o terreno; mas as habeis manobras do major general, o honrado William Lumley, commandante da cavallaria dos alliados, ainda que infinitamente inferior em numero á do inimigo, tornou vãs as suas tentativas. O major general Cole, vendo o ataque do inimigo, fez muito judiciosamente avançar a sua esquerda, marchando em linha para atacar a esquerda do inimigo, e chegou muito a proposito para contribuir com as cargas das brigadas da divisão do general Stewart, para obrigar o inimigo a abandonar a sua posição, e retirar-se a toda a pressa para se refugiar junto da sua reserva. A brigada de fuzileiros distinguiu-se particularmente n'esta occasião. O inimigo foi perseguido até uma grande distancia pelos alliados, que não pararam senão quando o julgaram prudente, por causa

da immensa superioridade da sua cavallaria, contentando-me eu em o ver repassar a villa de Albuera.

Tenho todos os motivos para elogiar a maneira por que a nossa artilheria serviu e combateu. O major Hartmann, que commandava a artilheria ingleza, o major Dickson, da artilheria portugueza, e todos os officiaes e soldados têem direito aos meus agradecimentos. As quatro peças de artilheria a cavallo, commandadas pelo capitão Lefevre, levaram a destruição aos esquadrões inimigos. Tambem notei uma brigada de artilheria hespanhola (a unica sobre o campo de batalha), que foi bem e corajosamente servida. Nós perdemos na desgraça que succedeu á brigada commandada pelo tenente coronel Colborne (que o general Stewart diz ter-se comportado, e que se comportára de uma maneira sublime, conduzindo a brigada n'uma ordem admiravel), um obuz que o inimigo teve tempo de levar comsigo com duzentos ou trezentos prisioneiros feitos a esta brigada antes de chegar a brigada do bravo major general Houghton.

Depois de ter visto o seu principal ataque repellido, o inimigo continuou aquelle que havia feito perto da villa; mas nada pôde conseguir, nem passar a ribeira, posto ter em sido obrigado a tirar d'esta posição uma grande quantidade de tropas para sustentar o principal ponto do ataque: mas o inimigo, vendo-se n'elle repellido, tambem desistiu da sua tentativa por este lado. A divisão portugueza do major general Hamilton desenvolveu por toda a parte uma firmeza e coragem extremas, e manobrou tão bem como os inglezes. A brigada portugueza do general Harvey, pertencente á divisão do general Cole, teve occasião de se distinguir, marchando em ordem de batalha através da planicie, e repellindo com a maior intrepidez uma carga da cavallaria inimiga. É impossivel citar todos os exemplos de disciplina e de valor dados n'este dia, tão caramente disputado. Nunca houve tropas que sustentassem mais valentemente, nem mais gloriosamente a honra dos seus respectivos paizes. Não posso designar particularmente as divisões, brigadas ou regimentos hespanhoes que principalmente se empenharam em com-

bate, porque nem conheço as suas denominações, nem os seus nomes; mas tenho grande prazer em dizer que a sua conducta foi muito valente e honrosa, e que posto que o numero superior e a importancia das forças do inimigo tivessem obrigado aquelles d'entre si que estavam na posição atacada a ceder o terreno, isto não teve logar senão depois de uma corajosa resistencia, continuando elles em boa ordem a sustentar os seus alliados. Nenhuma duvida tenho em que s. ex.ª o general Blake faça inteira justiça a este respeito, mencionando a honra d'aquelles que o merecem.

A batalha, começada pelas nove horas da manhã, durou sem interrupção até ás duas horas depois do meio dia, hora em que o inimigo havia sido repellido para alem de Albuera, não se fazendo mais que canhonar e escaramuçar o resto do dia. É impossivel saber o meio de fazer justiça ao brilhante valor das tropas. Todo o mundo fez admiravelmente o seu dever; a prova está no grande numero de homens que perdemos sempre em repellir o inimigo; e notou-se que os nossos mortos, e sobretudo os do regimento n.º 57, jaziam como tinham combatido, tendo as suas feridas sido todas recebidas pela frente. O major general, o honrado William Stewart, muito se distinguiu sobretudo, e contribuiu eminentemente para a honra d'este dia. Posto que recebesse duas contusões, elle não quiz deixar o campo da batalha. O major general, o honrado G. L. Cole, tambem tem direito a todos os elogios; e sinto bem que a ferida que recebeu me prive por algum tempo dos seus serviços. O tenente coronel, o honrado A. Abercromby, commandante da segunda brigada da segunda divisão, e o major Lestrange, do regimento n.º 31, merecem uma particular menção; mas nada excedeu a conducta e a bravura do coronel Inglis á testa do seu regimento. Eu devo muito ao major general, o honrado W. Lumley, pela habilissima maneira com que fez rosto á numerosa cavallaria do inimigo, mallogrando os seus projectos. Tambem sou muito devedor ao major general Hamilton, que commandava a esquerda durante o ataque serio dirigido contra a nossa direita. As brigadas portuguezas dos brigadeiros generaes

Fonseca e Archibald Campbell merecem ser menciona
Tambem tenho bastante a elogiar o major general C. Al
a excellente brigada debaixo das suas ordens; e é com n
prazer que eu asseguro a v. s.ª que a boa conducta e a
vura de cada corpo e de cada individuo se achou na altura
occasiões que se lhe offereceram para se distinguir. Nã
de pessoa alguma que faltasse ao seu dever. Sinto bem
de lamentar a perda para o serviço do coronel Collins,
mandante de uma brigada portugueza, a quem levou
perna uma bala de artilheria; é um official de grande me
Tambem deploro bem vivamente a morte do major ger
Houghton e a de dois officiaes que promettiam muito
tenentes coroneis sir William Myers e Duckworth.

É uma grande satisfação para mim não sómente o te
dar parte a v. s.ª da conducta cheia de firmeza e de bra
dos nossos alliados, os hespanhoes, debaixo das orden
s. ex.ª o general Blake, mas tambem de vos assegurar
a mais perfeita harmonia existiu sempre entre nós. O g
ral Blake conformou-se com a linha geral de conducta
çada por v. s.ª não sómente quanto ao todo, mas tam
quanto aos detalhes. Qualquer proposição que eu fizes
s. ex.ª recebia logo d'elle a mais cordial segurança da
cooperação. Nada se omittiu pela sua parte para assegu
o successo dos nossos esforços reunidos; e durante a b
lha contribuiu essencialmente para o seu feliz resultado
sua experiencia, conhecimentos e zêlo. S. ex.ª o capitão
neral Castaños, que havia ajuntado as poucas tropas que
tavam em estado de serem postas em campo ás do gen
Blake, e as havia posto debaixo das ordens d'este ulti
assistiu pessoalmente á batalha; e não sómente n'esta o
sião, mas em todas as outras sou grandemente devedo
general Castaños por nos prevenir sempre em tudo o
podia contribuir para o successo da causa commum. A
que por desgraça eu não possa citar os corpos, nem m
d'aquellas tropas hespanholas que se têem distinguido,
esquecerei todavia de citar o nome do general Ballest
cuja bravura foi muito notavel, assim como a do corpo

commandava. Outro tanto direi dos generaes Zayas e D. Carlos de Hespanha. A cavallaria hespanhola conduziu-se extremamente bem, e o conde de Penne Villemur merece uma particular menção.

Junto aqui a relação das nossas perdas n'este dia tão acaloradamente disputado; ellas são crueis. Devem-se-lhe juntar as experimentadas pelas tropas de s. ex.ª o general Blake, tanto em mortos, como em feridos e extraviados, de que não sei o estado. Tambem não conheço a extensão das perdas do inimigo, mas devem ter sido maiores, pois deixou no campo da batalha quasi dois mil mortos, e nós lhe fizemos de novecentos a mil prisioneiros. Teve elle cinco generaes fóra do combate, contando-se os de divisão Werle e Pepin no numero dos que morreram, incluindo-se entre os feridos Gazan e mais dois outros[1]. As forças do inimigo eram muito maiores do que se nos havia dito, persuadindo-me que não desenvolveu menos de vinte a vinte e dois mil infantes, e seguramente quatro mil cavallos, com uma grossa e numerosa artilheria. A sua pesada cavallaria desarranjava e paralysava todas as nossas operações, e logo que lhe derrotámos a infanteria foi com a artilheria que elle se salvou. Depois da batalha acampou n'um terreno em que anteriormente estivera, mas occupando-o como posição; e esta manhã, ou antes durante a noite, começou a retirar-se para Sevilha, tomando a estrada por onde tinha vindo, e abandonando assim Badajoz á sua sorte. Pelo caminho ficaram muitos feridos, que nós soccorremos conforme nos foi possivel. Enviei depois a cavallaria em sua perseguição; mas como a d'elle é tambem muita, duvido que possamos tentar alguma cousa nas planicies que atravessa.

Foi por este modo que recolhemos as vantagens que nos tinhamos proposto com a nossa resistencia ás tentativas do

[1] Foram Maransin e Brayer, segundo diz Peltier na sua obra *Campagne de Portugal en 1810 et 1811*.—Paris, impr. de le Normant, 1814, pag. 92. N'algumas gazetas e memorias d'aquella epocha vemos, porém, os appellidos d'estes generaes escriptos por diversas fórmas, e portanto não garantimos qual seja a mais exacta.

inimigo. Este ultimo, depois de haver sido forçado a ab
donar o objecto por que tinha despojado a Andaluzia
quasi todas as suas tropas, em logar de pôr em pratica
altos feitos que o marechal Soult pomposamente annunci
ás suas tropas ao deixar Sevilha, para lá voltou com
exercito mutilado, talvez ainda mais mal disposto para c
o seu general, cuja reputação declinou.

Enumerando os serviços que tenho recebido dos offici
do meu estado maior, devo chamar sobretudo a attenção
v. s.ª sobre aquelles do brigadeiro general D'Urban, qua
mestre general do exercito portuguez, a quem não po
louvar tanto quanto o aprecio. Experimentei os effeitos v
tajosos dos seus talentos e serviços em toda a occasião, e
bretudo n'esta em que essencialmente contribuiram pa
successo d'este dia. Tambem não omittirei o nome do
nente coronel Hardinge, quartel mestre general deput
das tropas portuguezas, cuja intelligencia e esforços
recem todos os meus agradecimentos. Igualmente sou
vedor ao brigadeiro general Mousinho da assistencia
d'elle recebi como ajudante general do exercito portugu
ao tenente coronel Rooke, assistente do ajudante gen
das forças reunidas inglezas e portuguezas; ao brigad
general Lemos, e a todos os officiaes do meu estado m
pessoal, bem como estou muito obrigado ao tenente cor
Arbuthnot (major ao serviço de sua magestade), pelos se
ços que me prestou. É elle o portador d'esta carta para v.
e se acha em perfeito estado de vos dar as mais amplas
formações, se o desejardes, sendo digno de todos os fav
que houverdes por bem pedir a sua alteza real o prin
regente lhe conceda.

Tenho a honra de ser, etc. = *W. C. Beresford*, mare
e tenente general.

P. S. — A divisão do major general Hamilton e a bri
de cavallaria portugueza do brigadeiro general Madden
se-hão em marcha ámanhã pela manhã para investir de
Badajoz sobre a margem meridional do Guadiana. = W.

DOCUMENTO N.º 103

(Citado a pag. 582 e 620)

Memorandum das operações militares de lord Wellington no anno de 1811

Freneda, em 28 dezembro de 1811.

O ultimo *memorandum* das operações na peninsula levou-as até ao fim do anno de 1810, epocha em que uma divisão do nono corpo, assim como outras tropas que d'antes haviam tentado fazer a sua juncção com Massena, vindas das fronteiras da Castella pela Beira Baixa, chegaram, tomando o seu logar á direita do exercito inimigo em Leiria. Estas tropas, que se avaliavam em oito a dez mil homens, tinham sido inquietadas na sua marcha pelo destacamento do coronel Wilson sobre o Alva. A outra divisão do nono corpo, debaixo das ordens do general Claparede, elevando-se tambem pouco mais ou menos a dez mil homens, ficou sobre a fronteira, e contém em respeito pelas suas manobras o general Silveira durante a marcha da divisão de Drouet pelo valle do Mondego. Em 30 de dezembro de 1810 Silveira atacou a vanguarda inimiga na Ponte do Abbade, onde soffreu derrota, e elle proprio foi tambem atacado e batido em Villa da Ponte a 11 de janeiro. Então se retirou ao principio para Lamego, e depois atravessou o Douro. Claparede avançou sobre Lamego, mas tendo o general Bacellar posto as divisões de milicias, commandadas pelo general Miller e coronel Wilson, sobre os flancos e suas communicações, foi forçado a retirar-se, e veiu á Guarda, como Massena lhe ordenára. Mas o principal acontecimento do começo d'este anno foi a marcha de forças consideraveis da Andaluzia para a Extremadura com o fim de operar uma diversão em favor de Massena. O exercito do sul, commandado por Soult, consistia no primeiro corpo, que se occupava nas operações do cerco de Cadiz; no quarto corpo, estacionado em Granada, e no quinto corpo, uma divisão do qual, commandada por

Gazan, que difficilmente se mantinha na Extremadura c
tra a divisão hespanhola de Mendizabal e Ballesteros, e
quanto que a outra, sob o commando de Girard, permane
no condado de Niebla, conservando abertas as communic
ções entre Sevilha e o exercito sitiante de Cadiz. Todo
exercito do sul não contava menos de cincoenta mil homen
no começo do anno.

Soult partiu a 21 de dezembro de diante de Cadiz c
cinco mil homens pouco mais ou menos, e reuniu em Se
lha as tropas que destinava á invasão da Extremadura. Ti
comsigo cerca de vinte mil homens, em que se compreh
dia um consideravel corpo de cavallaria. Havia para se
opporem as divisões hespanholas de Mendizabal e Balle
ros, que subiam a dez mil homens, uma brigada de ca
laria portugueza, e approximadamente mil e quinhen
cavallos hespanhoes, fazendo ao todo dois mil e trezen
homens de cavallaria, e, alem d'isso, as guarnições hes
nholas de Badajoz e Campo Maior, de Albuquerque e
Valencia de Alcantara. A brigada de D. Carlos de Hespan
contando cerca de dois mil homens, que estava á direita
exercito inglez perto de Abrantes, tambem se consider
como disponivel para servir na Extremadura. Se este co
tivesse ficado completo, prudentemente conduzido, se
muito sufficiente, ainda mesmo que se lhe não reunissem
tropas pertencentes ao exercito do marquez de la Roma
encorporado no exercito inglez, para impedir o inimigo
passar o Guadiana, que n'esta estação do anno se ach
engrossado. Mas a primeira cousa que fez o governo hes
nhol a 21 de dezembro, n'aquelle mesmo dia em que So
partiu diante de Cadiz, foi ordenar a Ballesteros que m
chasse para o condado de Niebla com uma parte da sua
visão.

Posto que a 29 de dezembro tivessemos recebido no C
taxo a nova de que Soult partira diante de Cadiz, o gene
Mendizabal não o soube senão alguns dias depois, e o
eiro conhecimento que teve foi-lhe dado por nós. Elle
nhum modo se achava preparado para retirar, fazend

com precipitação e por uma outra maneira e disposições differentes d'aquellas que lhe tinham sido ordenadas. Havia-se-lhe prescripto que destruisse as pontes de Mérida e de Medellin, e que defendesse as passagens do Guadiana. Retirou-se sobre Badajoz e Olivença, e o official de engenheiros que tinha sido enviado para destruir a ponte de Mérida, em logar de obedecer ás ordens que recebêra, fez um relatorio que foi enviado para o Cartaxo ao marquez de la Romana para lhe pedir as suas ordens. A mesma cidade de Mérida não foi defendida, e resultou d'aqui assenhorear-se d'ella uma vanguarda de cavallaria franceza. Esta praça era, portanto, aquella em que quatrocentos homens de tropas francezas se haviam mantido contra todo o exercito hespanhol, tendo de mais a mais por si a vantagem do Guadiana se achar por então vadeavel, e estarem as tropas hespanholas de posse de todas as avenidas da cidade.

O general Mendizabal, retirando-se sobre Badajoz e Olivença, deixou tres mil homens da divisão do general Ballesteros n'esta ultima praça, havendo o resto da divisão com o mesmo general Ballesteros partido para o condado de Niebla por ordem do governo. A divisão do general Mendizabal retirou-se sobre Badajoz com toda a cavallaria, á excepção de um pequeno corpo que se dirigiu para Mérida. Muitas versões havia sobre os movimentos dos francezes, e de facto conhecia-se pouco em que direcção e com que fim se tinham posto em marcha. Verificou-se positivamente uma vez terem passado a ponte de Mérida a 15 de janeiro, dirigindo-se para a ponte de Almaraz sobre o Tejo; annunciou-se n'outra occasião que tinham acampado em Caceres, mas soube-se no fim que elles não haviam ainda atravessado em força o Guadiana, mas que bloqueavam as tropas do general Ballesteros em Olivença. Este bloqueio começou a 15 e durou até 23 de janeiro, em que a guarnição se entregou. O general Mendizabal fez duas ou tres tentativas para levantar o bloqueio, mas não o conseguiu, e como a guarnição se entregou por fim, antes que o inimigo tivesse atacado a praça e sem que lhe faltassem viveres, julgou-se que ella se tinha vendido.

No mez de janeiro o marquez de la Romana foi acon
tido no Cartaxo de uma doença, de que morreu a
mesmo mez. Tinha elle ordenado a D. Carlos de Hes
que fizesse marchar a sua brigada logo que soubesse
rigo em que se achava o destacamento de Balleste
consequencia da approximação das tropas francezas,
o resto das tropas que estavam encorporadas no ex
inglez se pozessem em movimento de Villa Franca,
tinham sido acantonadas, o que se effectuou a 20 de ja

Depois de sabermos da marcha dos francezes de C
sobretudo n'estes ultimos tempos tive frequentes entr
com o marquez de la Romana sobre a situação dos ne
na Extremadura; e como elle se não achasse bom, e
em fórma de nota as minhas idéas sobre o plano das
ções a seguir, tanto no que tinha relação á guerra em
como ao fim particular de salvar Olivença, ou antes de
as tropas que n'ella se achavam, e a respeito das q
marquez de la Romana se mostrava achar inquieto.
quez morreu tres dias depois de ter recebido esta not
elle a tinha feito circular entre os officiaes debaixo d
ordens, testemunhando-lhes o desejo de que se conf
sem com ella. Um golpe de vista sobre esta nota, e so
cartas e despachos d'esta epocha, mostrará até que
elles seguiram uma e outra cousa.

Depois de duas tentativas para fazer levantar o bl
de Olivença, a praça entregou-se a 23 de janeiro. O i
investiu Badajoz sobre as duas margens do Guadian
do referido mez, e a 29 abriu a trincheira sobre a m
esquerda d'este rio. Os generaes hespanhoes não t
tomado partido algum sobre as medidas a adoptar n
cumstancias em que se achavam. Mas no fim as trop
haviam deixado o exercito alliado a 20 de janeiro r
ram ordem de marcharem para Badajoz. Ellas restab
ram immediatamente a communicação entre Elvas e
joz, forçando a cavallaria franceza a retirar-se para al
Gevora; e tendo então entrado na cidade, tentaram fa
vantar o cerco, operando uma sortida sobre as obras

migo. Foram repellidas com perda, e, tendo ficado na cidade, a cavallaria inimiga interceptou de novo a communicação entre Elvas e Badajoz. As tropas hespanholas ainda, todavia, saíram da cidade a 9 de fevereiro, e tomaram finalmente posição sobre as alturas de S. Christovão, como se lhes tinha recommendado, sobretudo para fazer partir de Badajoz a ponte de barcos, cuja falta tão funesta se tornou depois para a causa.

O exercito hespanhol, forte pouco mais ou menos de dez mil homens, e tendo alem d'isso cerca de dois mil de cavallaria, comprehendendo-se n'este numero a brigada portugueza do general Madden, continuou na sua posição de S. Christovão até 19 de fevereiro, tendo adiante de si o Gevora, bem como este rio e o Guadiana entre si e o inimigo. N'este dia foi elle ali atacado de surpreza por cinco a seis mil francezes, e totalmente destruido como corpo militar. Foi-lhes tomado o campo e a artilheria, e dispersados os que não ficaram mortos ou prisioneiros, á excepção da brigada de cavallaria portugueza e de alguma centenas de hespanhoes. Em Badajoz se salvaram pouco mais ou menos dois mil homens. Lendo-se as cartas que n'esta epocha escrevi a mr. Wellesley e ao secretario d'estado, ver-se-ha qual era a minha inquietação para o livramento de Badajoz e as medidas que aconselhei se tomassem para o conseguir. A medida mais efficaz de todas era indubitavelmente destacar um corpo de tropas inglezas para aquella parte do paiz; mas reflectindo um momento no numero relativo dos dois exercitos sobre o Tejo n'esta epocha, e na extensão, assim como na natureza das posições que nós deveriamos occupar, ver-se-ha que era impossivel dispor de alguma parte do nosso exercito, pelo menos emquanto os reforços que por então esperavamos não tivessem chegado ao Tejo.

Massena havia entrado em Portugal com setenta e dois mil homens, dos quaes perdeu dez mil na batalha do Bussaco e em consequencia d'ella. Póde suppor-se largamente que elle tinha perdido em janeiro dez mil homens mais, ou seja mortos de doença ou prisioneiros, desertores e mortos nos

pequenos encontros que tiveram logar. Estas perdas reduziram o numero, com que começára, a cincoenta e dois mil homens, e um dos seus ajudantes de campo, feito prisioneiro em dezembro, referiu que o exercito contava este numero de homens antes da juncção de Drouet. Este general em dezembro e Foy no mez de janeiro ajuntaram a este numero doze mil homens pouco mais ou menos, o que elevou o exercito a sessenta e quatro mil homens. Claparede estava na Guarda com oito a dez mil homens. Dos ditos sessenta quatro mil podem-se tirar quatorze mil como doentes, attendendo ao mau estado de saude em que este exercito se achava. Por conseguinte não poderia haver no Tejo promptos para o serviço mais que cincoenta mil homens.

O exercito inglez contava no dia 20 de janeiro quarenta e um mil e quarenta homens; n'este numero comprehendiam-se seis mil setecentos e quinze doentes, em destacamentos mil novecentos setenta e quatro, e prisioneiros de guerra mil quinhentos oitenta e seis. Restavam, portanto, quanto aos presentes para o serviço, trinta mil setecentos sessenta e cinco homens. Sobre este numero o segundo batalhão do regimento n.º 88 (quatrocentos oitenta e cinco homens), estava em Lisboa, e o segundo batalhão do n.º 58 em Torres Vedras, o que deixava para o serviço trinta mil homens approximadamente, dos quaes dois mil seiscentos cincoenta e cinco eram de cavallaria.

O exercito portuguez, reunido ao inglez para fazer o serviço de campanha, subia ao mesmo tempo a trinta e dois mil homens effectivos, não comprehendendo as guarnições de Abrantes e Elvas, em cada uma das quaes existiam dois regimentos de infanteria; um regimento de infanteria estava em Cadiz, e um regimento de infanteria (o n.º 24) com o general Silveira.

O plano do general francez n'esta epocha era sem duvida alguma passar o Tejo. Elle tinha a escolha de tentar esta passagem n'um espaço pouco mais ou menos de 30 milhas de Santarem ao Zezere, e mesmo mais acima da juncção d'estes rios. Era, portanto, necessario guardar todo o curso

que nós, e que podia ter tomado a posição de Coimbra e do Mondego quando a toda a pressa não saísse d'esta cidade, foram as causas de se continuar a reter a quarta divisão, assim como a brigada de cavallaria do general Grey, até que as operações de 13 obrigassem o inimigo a passar Coimbra, e nos tivessem permittido communicar com esta cidade.

As tropas destinadas para Badajoz pozeram-se logo em movimento para voltarem para o sul; mas desgraçadamente soubemos durante a noite que esta fortaleza tinha succumbido a 10. Esta nova foi acompanhada do aviso de que o inimigo ameaçava sem demora Campo Maior; e quando mesmo não fosse desejavel o impedil-o de estender as suas conquistas por este lado, a quéda de Badajoz facilitava tanto a sua entrada em Portugal, e Badajoz achava-se por tal modo mais proxima de Lisboa do que o logar onde então estavamos, que era impossivel continuar a perseguir Massena, mesmo durante uma só marcha, sem prover á segurança do nosso flanco direito, pondo um corpo consideravel sobre o Tejo. Por conseguinte foi ainda necessario fazer este destacamento, posto que o objecto a que fôra destinado na sua origem já não existisse.

Continuou-se a perseguir Massena com o mesmo successo até ao dia 9 de abril, em que atravessou definitivamente o Agueda. Entretanto os nossos reforços ainda não haviam chegado todos a Portugal, e os que já ali estavam só no fim de março se reuniram ao exercito. Mesmo então ainda eramos menos numerosos que o inimigo, sobretudo quando se approximou da fronteira, em que se lhe reuniu o nono corpo debaixo das ordens de Claparede, vindo da Guarda. Os nossos movimentos estavam, portanto, paralysados, e nós fomos obrigados a obrar com precaução quando era necessario fazel-o com a maior actividade. Reflicta-se, entretanto, quão differentes não seriam os resultados da invasão de Massena em Portugal, se as operações sobre o Guadiana no mez de janeiro tivessem sido conduzidas como deviam; se a regencia hespanhola não tivesse tirado Ballesteros da Extremadura no momento em que esta provincia era atacada; se as tropas

de Olivença se não tivessem vergonhosamente vendido; se a batalha de 10 de fevereiro não tivesse sido perdida; e, finalmente, se a mesma praça de Badajoz se não tivesse tambem vergonhosamente vendido ao inimigo na manhã do dia em que o governador soube que ia ser soccorrido. Logo que os francezes foram repellidos para alem do Agueda, Almeida foi investida, e ver-se-ha no seguimento d'este *memorandum* que o inimigo fez no mez de maio uma tentativa para soccorrer esta praça. Qual seria o resultado d'esta tentativa? E, ainda mais, deveria ella ter sido feita quando nós tinhamos em linha vinte e dois mil homens, que n'esta epocha se achavam na Extremadura? Se a nossa attenção se não tivesse voltado unicamente para a Extremadura, onde nós deviamos ter uma parte do nosso exercito, em consequencia dos acontecimentos supervenientes n'esta provincia durante os mezes de janeiro, fevereiro e março, qual seria o resultado de uma tentativa feita pelas forças e os recursos reunidos do exercito alliado para se assenhorear de Cidade Rodrigo no mez de maio depois da quéda de Almeida?

Outras circumstancias, porém, sobrevieram que ainda não se mencionaram n'este *memorandum*, e que demonstraram mais evidentemente os funestos effeitos do systema dos hespanhoes nas suas operações militares. Ainda que o general Ballesteros se achasse fraco, e não o devessem nunca ter feito sair da Extremadura, resistiu, comtudo, a um corpo francez que o atacou a 25 de janeiro. Uma parte do exercito francez da Extremadura tinha, portanto, sido retirada d'esta provincia, reduzindo-se as forças empregadas no cerco de Badajoz.

Um outro acontecimento succedeu muito vantajoso por todos os motivos ao estado dos negocios na Extremadura. O inimigo tinha diminuido o numero das suas forças diante de Cadiz no mez de dezembro de 1810. As auctoridades inglezas e hespanholas pensaram ser esta uma bella occasião para os sitiados atacarem o exercito sitiante. Este ataque fixou-se para 28 de fevereiro, mas os ventos contrarios e outras causas o retardaram até ao dia 6 de março. Foi, por-

tanto, n'esta data que se deu a batalha de Barrosa, quatro dias antes da entrega de Badajoz, e, segundo todas as probabilidades, se Badajoz se sustentasse por um dia mais, o inimigo não teria permanecido para d'esta praça tomar posse.

As tropas que foram destacadas do exercito a 14 de março em Condeixa não chegaram a Portalegre senão a 22 d'este mez. Campo Maior, que o inimigo tinha atacado regularmente a 14, entregou-se a 22. O marechal sir W. Beresford, tendo reunido o seu corpo, avançou contra o inimigo, surprehendeu-o a 25 em Campo Maior, que lhe tirou do poder. A sua cavallaria fugiu para Badajoz, deixando atraz de si um regimento de infanteria e toda a artilheria. Por desgraça a excessiva impetuosidade das tropas (do 13.° de dragões ligeiros sobretudo), impediu que sir W. Beresford conseguisse toda a vantagem que esperava d'estes acontecimentos; alguns dos dragões do 13.° foram presos sobre a ponte entre a Cabeça da Ponte e a porta de Badajoz. As instrucções dadas a sir W. Beresford eram as de passar o Guadiana logo que se tivesse assenhoreado de Campo Maior, e de bloquear Badajoz até ao ponto de chegarem os meios de atacar regularmente esta praça. Aqui ainda, por desgraça, a conducta dos hespanhoes tornou vãs as nossas operações. Uma das cousas particularmente recommendadas era a de enviar para Elvas a ponte de barcos que estava em Badajoz. Havia-se insistido n'isto por muitas vezes, e as rasões para de novo o fazer acham-se expostas n'este *memorandum*. Era a unica ponte que os alliados tinham, e se estivesse em Elvas, o marechal Beresford teria passado o Guadiana e bloqueado a 26 de março Badajoz, e, segundo toda a probabilidade, esta praça cairia nas suas mãos, como succedêra a Campo Maior e depois a Almeida, attendendo a que n'esta epocha Badajoz estava desprovida de viveres e de munições. Como quer que seja, elle não pôde passar o Guadiana senão a 4 de abril, e avançar no dia 6 ou 7; e n'este intervallo o inimigo metteu dentro da praça todos os provimentos e munições de que precisava para se manter até que podesse finalmente soccorrel-a no meiado de junho.

Quando os francezes passaram o Agueda a 9 de abril, abandonaram Almeida á sua sorte, e esta praça foi logo investida e bloqueada pelas nossas tropas. O inimigo retirou-se para alem do Tormes, e até algumas das suas tropas para alem do Douro, e Cidade Rodrigo foi abandonada como Almeida. Todavia o nosso exercito apenas tinha forças para o bloqueio de Almeida, e seguramente não podia abranger o de Cidade Rodrigo. O estado do Agueda punha-nos na impossibilidade de tirar os nossos viveres do lado opposto d'este rio. O inimigo tendo passado o Douro, Almeida achando-se investida, e as cousas estando sufficientemente tranquillas nas fronteiras de Castella, o quartel general dirigiu-se no dia 15 de abril para o Alemtejo, chegando a Elvas no dia 20. Sir W. Beresford atravessára o Guadiana no dia 4 de abril, tendo tambem bloqueado Badajoz e Olivença. Havendo recusado render-se a guarnição d'esta ultima praça, mandou-se vir artilheria de Elvas, e o tenente general Cole forçou a praça a entregar-se no dia 15 de abril.

No meio d'estas circumstancias sir W. Beresford avançou com a segunda divisão de infanteria, a divisão do general Hamilton e a cavallaria, tanto para obrigar o inimigo a evacuar a Extremadura, como para sustentar o general Ballesteros, que fôra obrigado a retirar-se do condado de Niebla para esta provincia. O marechal Beresford surprehendeu a 16 de abril a cavallaria inimiga em Los Santos, e a bateu, fazendo-lhe experimentar uma grande perda. Reconheceu-se Badajoz a 22, fixando-se por então o plano geral do ataque. Mas por desgraça a chuva que tinha caido na terceira semana de abril engrossou consideravelmente o Guadiana, e a ponte que o marechal sir W. Beresford tinha construido em Juromenha com muito trabalho, difficuldades e tempo, foi levada pelas aguas na noite de 23 de abril. O marechal recebeu por conseguinte a instrucção de differir as operações do cerco até que tivesse estabelecido a ponte e o rio se tornasse vadeavel. As instrucções do marechal auctorisavam-no tambem a dar batalha se o julgasse conveniente para proteger o cerco de Badajoz. Estas instrucções

irigiram-se igualmente ao corpo do general Blake, que por ste tempo havia desembarcado em Ayamonte. Tendo-se ito todas estas disposições, o quartel general foi de novo ansferido para as fronteiras da Castella. Deixando Elvas a 5 de abril, achava-se em Alameda no dia 28. Recebêra-se viso de que Massena tivera ordem de Paris para forçar-nos levantar o bloqueio de Almeida, tentativa para que o ma-echal Bessières devia cooperar com uma parte do exercito o norte.

O exercito inimigo reunira-se no fim de abril em Cidade odrigo; mas a mesma chuva que tinha engrossado os rios a Extremadura, engrossára igualmente os da Castella, e ste exercito só pôde começar a marcha em 2 de maio. lle nos atacou em Fuentes de Oñoro a 3 e a 5; mas não onseguiu fazer-nos mal algum, e no fim retirou-se a 10, pas-ando inteiramente o Agueda durante a noite[1]. Pela meia oite de 10, depois que inteiramente se retomou o bloqueio m força, o general Brenier, governador de Almeida, fez altar a praça, e escapou-se com a sua guarnição pela ponte e Barba de Porco. Deve-se attribuir este acontecimento a iversas circumstancias desgraçadas: 1.ª, o official comman-ante do regimento da rainha, que estava perto da praça,

[1] O inimigo nunca fôra tão superior em numero ao exercito luso-ritannico como n'esta occasião. Tinha elle comsigo toda a infanteria o quarto corpo, que estivera êm Portugal, assim como toda a caval-aria, com tres novos regimentos recentemente creados, o que não fazia enos de doze mil homens e novecentos de cavallaria da guarda. Nós inhamos de cavallaria ingleza mil trezentos trinta e quatro homens, de avallaria portugueza trezentos, ou mil seiscentos trinta e quatro ho-mens d'esta arma ao todo; mais infanteria ingleza dezoito mil homens, nfanteria portugueza dez mil cento quarenta e dois, ou vinte e oito mil ento quarenta e dois homens d'esta arma ao todo. Contavamos tambem uas divisões (a quinta e a sexta), a brigada do general Pack e a ca-allaria portugueza na esquerda, formando ou protegendo o bloqueio, estas tropas não entraram no combate. O inimigo tinha contra nós ouco mais ou menos cinco contra um em cavallaria, e mais de dois ontra um em infanteria.

(Nota do mesmo Wellington feita a esta parte do seu *memorandum.*)

não conheceu a natureza da explosão que ouviu, ou que a guarnição se escapava, e nada fez; 2.ª, o official commandante do 4.º regimento, que tinha recebido ordem de ir para Barba de Porco pela uma hora da manhã de 10 quando os francezes se retiraram, enganou-se na estrada, e embora a distancia que tinha a percorrer apenas fosse de 3 milhas, não chegou a Barba de Porco senão pela manhã de 11, quando os francezes tinham já ali chegado; 3.ª, o 8.º regimento portuguez recebêra ordem de partir dos seus acantonamentos para Junca, dirigindo-se a Barba de Porco no caso de ouvir alguma explosão. Estas ordens foram executadas; o regimento marchou para Barba de Porco, onde chegou antes dos francezes e antes que o major general Campbell apparecesse com o 4.º e 36.º regimentos; mas achando ali sómente um piquete de cavallaria, o commandante acreditou haver-se enganado sobre a natureza da explosão, de que resultou tornar para os seus acantonamentos.

A terceira e setima divisões tiveram ordem de sair da Extremadura a 13 e 14, e recebendo-se a 15 avisos de que Soult estava a ponto de partir de Sevilha, o quartel general foi de manhã transportado novamente para Elvas, onde chegou no dia 19. Sir W. Beresford tinha investido Badajoz no dia 4 sobre as duas margens do Guadiana, abrindo trincheiras a 8. No primeiro dia perdeu alguns homens sobre a margem direita do rio em face da Cabeça da Ponte, e a 10 consideravel numero n'uma sortida que fez o inimigo. A 12 soube o mesmo Beresford que o marechal Soult tinha reunido um grosso corpo de tropas nas vizinhanças de Sevilha, e que se achava em marcha para a Extremadura. Levantou então immediatamente o cerco, e conforme ás instrucções que lhe dera e á recommendação feita, elle e os generaes hespanhoes reuniram as suas tropas sobre o rio de Albuera. A batalha de Albuera foi dada a 16 de maio sobre o terreno designado nas instrucções. O que houve de mais notavel n'esta batalha foi a indisciplina dos hespanhoes. Estas tropas conduziram-se com a maior bravura, mas perdeu-se a

perança de as fazer manobrar. Pela manhã o inimigo ganhou uma eminencia que dominava toda a extensão da linha os alliados. Esta eminencia era occupada ou devia sel-o or tropas hespanholas. O mais natural era fazel-a retomar elas ditas forças; mas isto foi impossivel. As tropas inglesas para ali se dirigiram, e as baixas que soffreram provieram unicamente da reconquista de um ponto elevado que não devia jamais ter estado um só instante em poder do inimigo.

Depois da batalha de Albuera o inimigo retirou-se sem se pressar para Llerena e Guadalcanal. A immensa superioridade da cavallaria desenvolvida pelo inimigo n'esta batalha m relação ao numero total dos alliados, que com difficuldade tinham batido o inimigo, não podendo tirar grande vantagem do seu bom exito, evidentemente demonstraram que pouca cousa havia a esperar do ataque de Soult na posição que tomára em Llerena. Nada o podia impedir de se retirar para Sevilha, ou mesmo para as tropas empregadas o cerco de Cadiz quando elle se achasse por tal modo apertado que devesse seguir este partido; e a chegada dos reforços, que com rasão esperava, teria posto em perigo as tropas que se houvessem obrigado a tomar este caminho. as raciocinando assim é preciso suppor que Soult reconhecesse a necessidade de abandonar a forte posição de Llerena e Guadalcanal, em consequencia das medidas que tivessemos tomado na Extremadura no fim de março. Creio que esta hypothese é sem fundamento.

As tropas alliadas que foram para as fronteiras da Castella e chegaram a 23 e 24 de maio a Campo Maior, nada mais fizeram que compensar a perda experimentada na batalha de Albuera e no primeiro cerco de Badajoz. Tornára-se evidente na batalha de Albuera que nós não podiamos contar com os hespanhoes em assumptos de manobras, nem, por conseguinte, confiar n'elles para uma operação tal como de atacar o exercito de Soult nas posições de Guadalcanal Llerena. Estas operações, ainda mesmo no caso de serem m executadas, só teriam por effeito obrigar Soult a recuar

durante um certo tempo, e então levantar-se-ia a que
sobre se convinha fazer esta tentativa. Sabia-se que Dr
se havia posto em marcha de Salamanca no dia 16 ou 1
maio com dezesete ou dezenove batalhões do nono c
pertencente ao exercito de Portugal, destinados a ref
rem Soult, e havia-se calculado que estes batalhões s
reuniriam a 8 de junho, pouco mais ou menos.

N'este estado de cousas teve-se por melhor não per
tempo que ia desde 25 de maio a 8 de junho, tentando
car Soult, o que não apresentava esperança alguma,
de aproveitamento da nossa superioridade na batalha d
buera, quer da proxima chegada dos nossos reforços
fazer um ataque vigoroso contra Badajoz. Conseguintem
esta praça foi investida de novo a 25 de maio, abrindo
fogo no dia 2 de junho. Houve então todo o motivo
crer que nos poderiamos assenhorear d'esta praça ant
dia em que era possivel que Soult avançasse para a libe
É certo que a sua posse dependia da tomada da obra ex
de S. Christovão, que domina o ponto de ataque con
castello. Acreditou-se que esta obra externa estava e
tado de ser tomada de assalto no dia 6, e de novo no
Estas duas tentativas falharam; e a questão de saber s
dajoz podia ser tomada ou não no espaço de tempo du
o qual o exercito alliado se empregasse n'esta operaçã
uma das rasões que nos fizeram decidir que não esta
nosso poder tomar esta praça. Em consequencia d'is
vantámos o cerco no dia 10, posto que continuassem
bloqueio d'ella até ao dia 17 [1].

Emquanto proseguiam as operações do segundo cer
Badajoz, soube-se que o marechal Marmont estava a
de saír de Salamanca para a Extremadura, a fim de a

[1] Penso (diz lord Wellington em nota) que o mau successo
que de S. Christovão deve, como muitos outros acontecim
attribuido á falta de experiencia do exercito inglez: 1.º, a bat
brecha devêra estabelecer-se na crista da explanada; 2.º, a não
possivel, dever-se-ia cuidar desde o começo em impedir ao in
remoção das ruinas durante o fogo contra a rampa.

oult nas operações de soccorrer Badajoz. Os primeiros movimentos do seu corpo de exercito foram dirigidos sobre Cidade Rodrigo, onde Marmont fez entrar um comboio no dia de junho. O tenente general sir B. Spencer retirou-se para traz do Coa. N'este caso Marmont retrogradou e marchou sobre Plasencia pelo Porto de Banhos. O tenente general sir B. Spencer fez um movimento correspondente sobre Castello Branco, onde recebeu aviso de que o inimigo tinha postos sobre o Alagon e a cavallaria em Coréa. Houve então algumas duvidas sobre a sua intenção de atravessar o Tejo. Todavia, a testa do seu exercito atravessou este rio no dia 12, e chegou a 13 a Truxillo. A sua vanguarda foi a Mérida, e communicou com Soult a 16. Soult tinha no dia 12 partido repentinamente de Llerena e de Guadalcanal, logo depois de se lhe ter juntado Drouet. Dirigiu-se sobre Zafra, e a sua vanguarda foi no dia 13 a Los Santos. O exercito alliado concentrou-se immediatamente sobre Albuera, á excepção da terceira e setima divisões, que faziam o bloqueio de Badajoz. Mas chegando a Albuera a nova de ter entrado em Truxillo a vanguarda do exercito de Portugal, e Soult tendo feito um movimento de Zafra para Almendralejo[1], e mostrando por isto que se achava informado da chegada d'este exercito, julgou-se a proposito mandar retirar do outro lado do Guadiana.

Tanto quanto podémos julgar, os francezes tinham n'esta epocha na Extremadura sessenta mil homens, dos quaes sete mil eram de cavallaria. O exercito inglez consistia em mil seiscentos setenta e um homens de cavallaria e onze mil oitocentos e doze de infanteria; o exercito portuguez em novecentos homens de cavallaria e doze mil oitocentos oitenta e cinco de infanteria. O general Blake tinha pouco mais ou menos oito mil homens.

A testa da columna de sir B. Spencer só fez a sua junc-

[1] Soult levou para Zafra um pouco mais que a sua vanguarda e a cavallaria. O grosso do exercito marchou directamente de Llerena sobre Almendralejo e Mérida.

ção no dia 20, e a quinta divisão no dia 24. A força de todo o exercito depois que se reuniu era:

	Homens
Infanteria ingleza........................	25:123
Infanteria portugueza......................	18:926
	44:049
Cavallaria ingleza........................	3:197
Cavallaria portugueza......................	1:200[1]
	4:397

Era impossivel aos alliados manter o bloqueio de Badajoz com as forças que podiam oppor às do inimigo durante os dias que decorreram de 17 a 24 de junho, não podendo a-riscar-se por mais tempo a atacar o inimigo na Extrema-dura, compostos como se achavam, porque, ainda mesmo contando com os hespanhoes e sir B. Spencer, eram infe-riores em numero, sobretudo em cavallaria, e muito quanto a composição. Estas circumstancias foram expostas n'uma conferencia que teve logar a 14 de junho em Albuera com o general Blake, e em carta que precedentemente se lhe di-rigiu pedia-se-lhe para cooperar com os exercitos alliados inglez e portuguez, ou, depois de ter atravessado o Guadiana para Juromenha, de descer ao longo da sua margem direita, passar este rio em Mertola, e procurar assenhorear-se de Sevilha, emquanto que chamariamos sobre nós o inimigo na fronteira do Alemtejo. O general Blake preferiu esta ultima operação, e a 22 de junho repassou o Guadiana. Mas em logar de se dirigir de um só golpe sobre Sevilha, tentou a 30 de junho assenhorear-se de Niebla, onde o inimigo tinha apenas trezentos homens. Todavia não o conseguiu, e Soult tendo percebido, nos fins do mez de junho, o movimento

[1] Esta conta comprehende a quinta divisão e a brigada de cavallaria portugueza do visconde de Barbacena, que chegou a Portalegre a 24 de junho. A quinta divisão tinha a força de cinco mil homens. N'este computo não se comprehende a artilheria.

do general Blake, e tendo destacado um corpo de tropas para a Andaluzia, o mesmo Blake embarcou-se em Ayamonte no dia 6 de julho.

Emquanto tudo isto se passava, o exercito alliado inglez e portuguez tomou posição a 19 de junho entre Elvas e Campo Maior. O objecto que sobretudo se tinha em vista tomando esta posição era o de proteger as duas praças, e assegurar a chegada dos comboios de viveres destinados a abastecel-as. No dia 22 de junho o inimigo veiu reconhecer a posição do nosso exercito, mas não mostrou desejo algum de o atacar. Os exercitos permaneceram em presença um do outro até 14 do mez de julho, dia em que Marmont se retirou do outro lado do Tejo, acantonando o seu exercito em volta de Plasencia e ao longo do mesmo Tejo até Talavera; e Drouet conduziu o quinto corpo para Zafra. Antes que estas tropas se separassem os alliados eram certamente superiores ao inimigo em infanteria, mas este era mais forte em cavallaria. O ataque que contra elle se houvesse dirigido não teria outro effeito senão forçal-o a retirar-se da Extremadura. Podia-se conseguir isto sem correr o risco de um ataque com uma cavallaria inferior em numero á sua, e sem expor as tropas ao incommodo de fazer longas marchas na Extremadura n'esta estação.

O inimigo, tendo-se retirado da Extremadura, examinou maduramente a questão relativa ás operações futuras do exercito, e resolveu transferir o theatro da guerra para as fronteiras da Castella, sendo os motivos d'esta decisão: 1.º, que n'esta estação não nos podiamos arriscar a emprehender cousa alguma contra Badajoz; que não estavamos bastantemente fortes para nos aventurarmos na Andaluzia; 3.º, que depois de todas as informações que tinhamos recebido, a força do exercito do norte era menor que a do sul; e que o exercito de Portugal, que estava destinado a combater-nos, por qualquer lado que dirigissemos as nossas operações, não devia provavelmente ser tão fortemente sustentado no norte como no meio dia. Enganei-me n'esta supposição. O exercito do norte, mesmo antes da chegada dos seus reforços, era

mais forte que o do sul; mas cumpre notar que nada é mais difficil do que obter esclarecimentos sobre as forças do inimigo em Hespanha. Ha poucas communicações entre as cidades, e ainda que se possa ter sempre a conta exacta do numero de homens que passa por uma, não se obtem informação sobre o d'aquelles que atravessam a cidade vizinha. Acrescente-se a isto que os hespanhoes são naturalmente dispostos a exagerar as suas proprias forças, e os seus successos, assim como os dos seus amigos, e a rebaixar os do inimigo, e n'este caso não póde causar surpreza que por muitas vezes tivessemos sido mal informados sobre o numero do inimigo.

Fôra a nossa primeira intenção ficar nos acantonamentos do Alemtejo, que haviamos tomado logo que Marmont se retirára até que o trem da artilheria e as munições fossem do Porto para atacar Cidade Rodrigo. A marcha das tropas não teria, portanto, tido logar senão no começo de setembro. Este movimento fez-se no fim de julho e no começo de agosto pelas seguintes rasões: No fim de julho notou-se que posto ter o marechal Bessières evacuado as Asturias e Astorga logo que Marmont veiu para a Extremadura no começo de julho, e que por este modo augmentára as forças disponiveis debaixo do seu commando, D. Julião fôra tão bem succedido em bloquear Cidade Rodrigo, que desde então o inimigo não pôde communicar com a praça, nem abastecel-a. Havia-se igualmente interceptado um comboio de viveres para esta praça quando Marmont a deixou no começo de junho, o que fez pensar que as suas provisões se teriam esgotado por 20 de agosto.

Resolveu-se, portanto, enviar immediatamente o exercito para alem do Tejo e bloquear Cidade Rodrigo, se não tivesse sido abastecida, e, no caso contrario, acantonar o exercito na Beira Baixa até que chegassem o trem da artilheria e as munições. Soubemos que a praça fôra abastecida no momento em que manifestámos os designios que tinhamos contra ella. Mas duas outras rasões havia de tomarmos na Castella, de preferencia á Beira Baixa, os acantonamentos do

estio: uma era que na Castella podiamos procurar os viveres de que tinhamos grande precisão, emquanto que os não podiamos obter na Beira; a outra era que ameaçando Cidade Rodrigo deviamos, segundo toda a apparencia, impedir que a Galliza e o exercito do general Abadia fossem atacados pelo exercito do norte, como ambos se achavam ameaçados. Fizemos por conseguinte o bloqueio de Cidade Rodrigo na primeira semana de agosto, e o continuámos desde este momento. O trem de cerco chegaria na primeira semana de setembro a Almeida. Mas antes d'esta epocha tivemos aviso da chegada a Hespanha de reforços vindos ao inimigo. Tambem se soube, por um correio interceptado do exercito do norte, que elle era muito mais forte do que se tinha supposto em julho, quando se resolveu fazer o cerco de Cidade Rodrigo. Segundo isto, e como Almeida não podia offerecer segurança alguma para o trem da artilheria de bater, nem para as suas munições, decidiu-se que nada d'isto viesse, e que limitassemos os nossos esforços ao bloqueio de Cidade Rodrigo.

Na terceira semana de setembro o inimigo reuniu todo o seu exercito do norte (á excepção da divisão Bonet, que observava os movimentos de Abadia do lado da Galliza), duas divisões da Navarra, que tinham vindo recentemente da Calabria, cinco divisões e toda a cavallaria do exercito de Portugal para escoltar um comboio para Cidade Rodrigo. O inimigo não tinha menos de sessenta mil homens, dos quaes mais de seis mil eram de cavallaria, e nós apenas quarenta mil, pouco mais ou menos, para lhe oppor. Se nós tivessemos dado batalha para manter o bloqueio de Cidade Rodrigo, ficar-nos-ia o rio Agueda e a respectiva praça por detraz, e no caso de derrota a retirada seria impossivel. Ainda que nos não dispozemos a dar batalha para proteger o bloqueio de Cidade Rodrigo, o exercito foi reunido na margem esquerda do Agueda, e tivemos em 25 de setembro em El-Bodon um choque parcial que foi muito honroso para as nossas tropas. O fim a que nos propozemos, tomando uma posição tão perto do inimigo, era a de obrigal-o a mostrar

o seu exercito. Emprehendemos isto porque, conhecendo as forças contrarias, e acreditando e dizendo o povo, segundo o costume, que estas eram em menor numero do que nós o sabiamos, se elle não visse com os proprios olhos a sua importancia, conceberia uma opinião muito desfavoravel do exercito inglez, o que convinha evitar. Este intento conseguiu-se pelas operações dos ultimos dias de setembro.

Ainda que a partida do exercito do Alemtejo não preenchesse todo o fim que se tinha em vista quando se operou este movimento, obrigou, todavia, o inimigo a reunir as suas forças para libertar Cidade Rodrigo, abandonando todas as outras operações e projectos. O exercito do norte foi forçado a suster as hostilidades contra Abadia, e posteriormente a chamar em seu soccorro duas divisões vindas pouco antes da Calabria, e que estavam occupadas na Navarra contra o general Mina. Os successos de Mina na Navarra tinham sido extraordinarios, e os seus partidistas haviam-se rapidamente augmentado.

Depois das operações para a libertação de Cidade Rodrigo resolveu-se perseverar no mesmo systema até que o inimigo fizesse alguma mudança na disposição das suas tropas, continuando-se a ameaçar Cidade Rodrigo, a fim de o constranger a empregar as forças mais importantes na observação das nossas operações, e impedil-o de fazer cousa alguma por outra parte. Fomos obrigados a seguir este plano, tanto pela força relativa dos dois exercitos, como pela doença extraordinaria que reinava entre a nossa tropa. Todos os soldados novamente chegados de Inglaterra, e todos aquelles que tinham estado na ilha de Walcheren, assim como um grande numero de officiaes foram atacados de uma febre, que, sem ser violenta, os tornava todavia incapazes de fazer serviço algum; e aquelles que se restabeleciam experimentavam uma recaída á menor fadiga. Se, portanto, se apresentasse ensejo de emprehender alguma cousa a este respeito, a desgraçada situação do exercito impediria de nos aproveitarmos d'ella. Era inutil enviar o exercito para as fronteiras da Extremadura, onde se podia offerecer a eventualidade de effei-

tuar alguma cousa de importante, pois que n'este caso o general Abadia era abandonado a si mesmo, e facilmente seria victima do exercito do norte. Nós aproveitámo-nos da occasião que se nos offereceu de descarregar um grande golpe contra Girard na Extremadura, por meio do qual ficou livre de inimigos o paiz situado entre o Tejo e o Guadiana.

Mas temo-nos occupado pouco n'este *memorandum* das operações dos hespanhoes que tiveram logar, principalmente sobre a costa oriental da peninsula; as quaes pouco influenciadas foram por aquellas que se effeituaram no poente. Tortosa foi entregue por traição a 2 de janeiro, como Lerida o tinha sido alguns dias antes. As tropas do commando de Suchet preparavam-se então para atacar Tarragona, que foi tomada de assalto a 28 de junho. No corrente inverno soube-se que Soult tinha a intenção de atacar Carthagena, a fim de ficar prompto para o ataque de Valencia pelos dois flancos, de accordo com Suchet. Elle tentou executar este projecto no mez de julho, depois de haver obrigado o general Blake a embarcar-se em Ayamonte. Todavia o general Blake dirigiu-se por mar com o seu exercito sobre a costa de Murcia, e n'ella desembarcou no mez de agosto, emquanto Soult avançava n'esta direcção por Granada. Parece que o general Blake deixou o exercito desde que fez a sua juncção com o exercito de Murcia, chamado o *terceiro exercito*, e que foi para Valencia, incumbindo ao general Freire o commando das tropas de Murcia.

Os francezes avançaram de Granada, mas os hespanhoes, não retirando a tempo, soffreram grandes perdas. Todavia tiveram occasião de reunir as suas divisões dispersas, e o povo de Murcia tomou as armas. Então, em parte por este motivo, em parte por causa da febre amarella, que se exacerbára em Carthagena e em toda a provincia de Murcia, e ainda tambem por causa da marcha do exercito alliado inglez e portuguez contra Cidade Rodrigo, o que tornava necessaria a concentração das tropas francezas na peninsula, Soult voltou para o oeste e chegou a 17 de setembro a Sevilha. Durante este tempo Suchet, que tinha recebido refor-

ços vindos de França, e que dispersára as tropas que o general Lacy tentára reunir na Catalunha, penetrou no reino de Valencia. O general Blake havia-se occupado desde o mez de agosto em preparar a defeza d'esta cidade. Tinha elle reunido o exercito de Valencia e os de Aragão e Catalunha, e em ultimo logar o general Mahy poz-se em marcha de Murcia para se juntar ás tropas que o general Blake trouxera de Cadiz com uma parte do terceiro exercito, isto é, o de Murcia. Suchet, havendo-se apoderado de Propeza, começou o ataque do castello de Sagunto a 29 de setembro. Fizera muitas tentativas para o tomar de assalto, falhando em todas ellas; mas no fim, tendo mandado vir alguma artilheria grossa, abriu a trincheira regularmente adiante da praça, e bateu o muro em brecha, fazendo muitas tentativas para a escalar, mas em nenhuma aproveitou. Logo que o general Blake reuniu a si em Valencia o exercito de Murcia, debaixo das ordens do general Mahy, partiu de Valencia a 24 de outubro, e a 25 atacou Suchet, mas foi batido com perda de alguns prisioneiros e oito peças de artilheria. Os francezes intimaram immediatamente á guarnição que se rendesse, o que ella fez por capitulação. Suchet dirigiu-se então sobre Valencia, e sabe-se que abriu o seu fogo a 2[illegible] de novembro contra uma parte da posição intrincheirada que Blake occupava em frente da cidade. Tambem é facto que a 2 de dezembro teve elle um encontro serio em Valencia, no qual os francezes soffreram consideravelmente.

Estas circumstancias e o movimento do exercito de Marmont para Toledo a fim de ajudar Suchet, como se suppõe, obrigaram-nos a fazer os preparativos para sitiar Cidade Rodrigo. Por este meio faremos recuar Marmont, forçando provavelmente o exercito do norte a reunir-se. Depois que Suchet se acha em Valencia as guerrilhas têem sido muito activas e emprehendedoras no Aragão e na Navarra. Mina bateu um destacamento de mil e cem homens enviado contra elle, do qual sómente se escaparam tres; e além de outras vantagens de pouca importancia, elle, o Empecinado e Duran, tendo-se reunido, diz-se que fizeram prisioneira

guarnição de Daroca, forte de dois mil e quatrocentos homens.

Logo que o general Blake embarcou a 6 de julho na embocadura do Guadiana, o general Ballesteros, que ali ficára com uma divisão, igualmente se fez de véla, chegando a 24 de agosto á serra de Ronda. Este ultimo foi muito feliz contra os francezes nas suas escaramuças na retaguarda do seu exercito, e tem sempre uma retirada segura para Gibraltar. O coronel Skerret foi destacado de Cadiz a 10 de outubro com cêrca de mil e duzentos homens para soccorrer o general Ballesteros e augmentar a segurança de Tarifa. Esta medida obrigou os francezes a retirarem-se de S. Roque na noite de 21 de outubro. Tinham elles bloqueado Ballesteros n'esta posição debaixo da artilheria de Gibraltar. Ballesteros lhes fez muito mal na sua retirada, assim como no ataque ulterior contra um dos seus destacamentos em Bornos. Foi depois obrigado de novo a refugiar-se no fim de novembro debaixo da artilheria de Gibraltar, e o coronel Skerret, assim como o general hespanhol Copons, em Tarifa. O projecto dos francezes, n'estas circumstancias, era atacar Tarifa emquanto bloqueavam Ballesteros; começaram, porém, a sua retirada a 12 de dezembro.

Esta exposição demonstrará que se os hespanhoes se tivessem comportado com a mais simples prudencia, ou se a sua conducta fosse pelo menos soffrivel, a campanha de Massena em Portugal daria em resultado a libertação do sul da peninsula. Temos tido a luctar contra as consequencias das faltas de uns, a traição de outros, a loucura e a vaidade de todos; mas, não nos aproveitando d'essas circumstancias, como aliás podiamos e deviamos ter feito, conseguimos, comtudo, não perder terreno, e com um punhado de soldados inglezes em estado de servir alcançámos por toda a parte pôr o inimigo em receio desde o mez de março. Até ao presente elle nada tem ganho, nem por lado algum feito progresso. É certo que não aproveitou nas suas tentativas contra o reino de Valencia, mas creio que não ha pessoa alguma conhecedora da situação dos negocios n'esta provincia

que não pense, depois de ter lido a narrativa feita por Suchet do seu encontro de 25 de outubro com Blake, que Valencia teria sido salva se o mesmo Blake não tivesse dado este combate. Deverão os ministros e os generaes inglezes ser responsaveis pelos erros de Blake?

DOCUMENTO N.º 104

(Citado a pag. 621)

Carta regia expedida do Rio de Janeiro para o marechal Beresfor[illegible]d, ampliando-lhe as suas prerogativas com o fim de obstar ás des[illegible]er-ções, de augmentar o recrutamento e remonta do exercito, [illegible] de castigar os remissos entre os que do mesmo recrutamento e[illegible]am incumbidos de reformar as milicias e ordenanças, etc.

Conde de Trancoso, do meu conselho, marechal comm[illegible]an-dante em chefe dos meus reaes exercitos. Amigo: Eu o p[illegible]in-cipe regente vos envio muito saudar, como aquelle que pr[illegible]zo. Sendo-me constante a necessidade que ainda ha de que [illegible]no-vamente vos renove a approvação que sempre tenho d[illegible]do aos vossos gloriosos esforços com que tendes recread[illegible] meu exercito e o tendes elevado ao grau de perfeição [illegible] se desejava, para que mostrasse não só igualdade, mas [illegible] superioridade sobre o exercito francez, o que os success[illegible] das campanhas de Portugal tem verificado, fazendo-se [illegible] exercitos portuguez e inglez invenciveis debaixo das o[illegible] dens do marechal general conde do Vimeiro, lord Wellin[illegible] ton, commandante em chefe dos exercitos alliados e d[illegible] vossos; e sendo-me igualmente presente que vós desejavei[illegible] ser mais especificadamente auctorisado para dardes alguma[illegible] ulteriores providencias a respeito de objectos muito impor-tantes, seja para corpos do meu exercito, seja para admis-são e manutenção do mesmo exercito em campanha, e posto que em taes materias já vos tivesse inteiramente auctorisado, comtudo sempre julguei dever-vos repetir as mesmas minhas

reaes ordens, para que de accordo e perfeito consentimento com o marechal general, commandante em chefe dos exercitos alliados, conde de Vimeiro, lord Wellington, possaes dar todas as providencias que julgardes conveniente, e tenhaes entendido que tudo que diz respeito ao exercito e aos corpos militares, seja de tropa de linha, seja de milicias, seja de ordenanças, vol-o tenho confiado, e que podeis provisoriamente estabelecer, innovar e alterar tudo o que julgardes conveniente de accordo com o marechal general, dando-me depois conta de tudo, para que possa mandal-o observar como lei perpetua e inalteravel, e que assim se fique executando.

Principiarei, pois, encarregando-vos de fazer constar aos generaes, officiaes e soldados que compõem o meu exercito a plena approvação que me merece a sua gloriosa conducta, e que espero ver sempre renovada, emquanto durar a guerra, por novas provas do seu valor, da sua disciplina e da sua subordinação, e d'aquelle amor da gloria que é o distinctivo caracteristico do bom soldado, que nada tem em vista senão a grandeza do seu soberano e a salvação da sua patria, sacrificando tudo a estes grandes e dignos objectos.

Igualmente, tendo encarregado aos governadores do reino que sempre em todas as occasiões de acções gloriosas, ou por assignaladas victorias ou por combates em que ficasse vencedor o meu exercito, não deixassem de lhe significar o meu reconhecimento e de lhe mostrar com lisonjeiras expressões a minha approvação e agradecimento, agora novamente lhes repito a mesma ordem para que assim o executem em todas as occasiões que para o futuro possam acontecer, e que tenham entendido que essa é a minha real intenção para que assim o mandem executar.

Havendo tambem conhecido que vos seria agradavel o dar-vos expressamente a faculdade de me poderdes representar e fazer subir ao meu real conhecimento os nomes d'aquelles que por seus trabalhos, privações e perigos inherentes a tão gloriosas campanhas mais se tivessem distinguido por seus relevantes serviços, merecendo que eu assim

os mandasse contemplar com premios honorificos em remuneração de acções praticadas, o que muito serve de estimulo para as provar e multiplicar: sou servido auctorisar-vos para que assim o pratiqueis, e que proponhaes os premios e recompensas honorificas que segundo o grau de merecimento julgardes se lhes devem deferir, para que tome tudo na minha real consideração e decida o que julgar mais conveniente, e assim vol-o mando participar, podendo desde já assegurar-vos que me não esquecerei de attender aos dois officiaes generaes Manuel Pinto Bacellar e Antonio José de Miranda Henriques, que recommendastes na minha real presença.

Sendo bem demonstrado que o promover o recrutamento e evitar a deserção são os dois pontos mais essenciaes para formar e conservar um bom e numeroso exercito, e que mutuamente se ligam entre si, pois que da difficuldade e do mau systema de recrutamento se origina em grande parte a deserção; considerando tambem que esta ultima procede do pouco zêlo, relação e impunidade dos magistrados territoriaes, dos capitães móres e officiaes das ordenanças, e que o grande numero de desertores se compõe de soldados bisonhos, chamados de nova leva; e que os prejuizos e falsas idéas e impressões dadas aos camponezes produzem invencivel horror para que não venham voluntariamente alistar-se na tropa, e que para se evadirem ao recrutamento emigram de districto para districto, de provincia para provincia, d'onde se segue que quando nos districtos se fazem recrutas faltam homens capazes e de domicilio conhecido, tendo d'isto culpa os magistrados e os officiaes das ordenanças, que não vigiam sobre a gente do seu districto e transito dos forasteiros, acrescendo tambem que os conventos e casas dos grandes, dos fidalgos e dos ricos proprietarios servem de asylo aos homens sujeitos ao recrutamento; que os coroneis de milicias, para preencherem os seus regimentos, acceitam soldados que não deveriam; que os creados de servir, gente propria pela sua robustez e sujeita ao alistamento, se isentam assim de assentar praça, e que ha regimentos, assim

como o n.º 22, que ainda não entrou em campanha, porque, tendo recebido um grande numero de recrutas, foram sempre tão incapazes e desertaram tanto, que nunca o regimento póde entrar em campanha; que, finalmente, os capitães móres e seus subordinados não se interessam no recrutamento e illudem a boa disposição das leis. Para obviar, pois, a tão graves inconvenientes, sou servido nomear-vos conselheiro de guerra, aonde ordeno que tomeis o primeiro logar, em attenção ao vosso eminente posto de marechal commandante em chefe dos meus exercitos, como tenho ordenado por decreto da data d'esta minha carta regia, e encarregar-vos de que me proponhaes e desde logo façaes executar tudo o que julgardes conveniente para estabelecer um bom e exacto recrutamento, prescrevendo-vos que principieis a dar todos os convenientes remedios aos grandes males existentes que vos acabo de communicar, e que desde logo procureis que a deserção se evite com a segura e infallivel execução das penas da lei contra os culpados; que o processo seja breve e o castigo prompto; que procureis que se faça algum exemplar castigo sobre os magistrados ou capitães móres, ou quaesquer outras auctoridades que a consentirem; que façaes estabelecer que durante a guerra ninguem transite sem passaportes; que todos os viajantes e forasteiros sejam examinados pelos postos de policia dos corpos de ordenanças que vós tiverdes estabelecido; que procureis que se estabeleçam bons premios aos que prenderem desertores, pagos pelas pessoas (sem excepção alguma), em cujas casas se acharem, pelas auctoridades que consentirem, ou pelos povos aonde os desertores habitarem, fazendo que todos estes rigorosos castigos se executem com uma justa e austera severidade, que de uma parte nada deixe a desejar, para evitar a deserção, e da outra se faça respeitar pela imparcialidade da justiça com que é praticada. Sobre esta materia do recrutamento não vos esquecerá o procurar pelas tabellas dos nascidos, mortos e numeramento da povoação, que os governadores vos deverão communicar annualmente, uma especie de cadastro da povoação, pelo qual regulareis o systema de

recrutamento que annualmente se póde estabelecer em todo o reino, e que deve ser proporcionado á sua povoação quando cessem as actuaes circumstancias da presente guerra, durante a qual o manter a força do exercito deve ser superior a toda e qualquer outra consideração.

Segue-se o recommendar-vos a reforma das milicias; e constando-me que nas mesmas ha erros essenciaes, não só vos auctoriso para que os reformeis, mas para que os façaes restabelecer, e me proponhaes aquelle plano que julgardes mais possa convir ao meu real serviço, e que executado logo provisoriamente, haja depois de receber a minha perfeita e inteira approvação, para ficar sendo inalteravelmente executado. Actualmente os erros principaes introduzidos na pratica e que vos encarrego de reformardes logo com toda a brevidade, são os seguintes: 1.º, a impropriedade da escolha e eleição dos officiaes e ignorancia absoluta dos mesmos; 2.º, a sordida e repugnante venalidade ou corrupção com que muitos coroneis, chefes de regimentos milicianos, recebem dadivas ou favores para isentarem muitas pessoas ou cavalheiros de assentarem praça de soldados, como deviam, fazendo-os logo nomear officiaes para satisfação do seu egoismo ou da sua fraqueza e frouxidão, d'onde se segue o grave inconveniente de só se recrutarem para soldados de milicias, contra o disposto nas minhas leis, gente pobre e outros que pertencem ao recrutamento de linha, e haverem assim immensas deserções, alem de que os corpos milicianos jamais se acham completos; 3.º, a falta de regularidade e methodo nas promoções dos officiaes, e igualmente o mau methodo de recrutar, do que procede a deserção e estado incompleto nos corpos. Deixando-vos o arbitrio e escolha de remedios proporcionaes a taes e tão sensiveis males, sou servido sómente lembrar-vos que pareceria muito conveniente que os coroneis dos regimentos fossem escolhidos do numero dos bons officiaes maiores das tropas de linha, e que na guerra e paz tivessem o soldo de coroneis de linha, porque só assim, sendo habeis e independentes, poderão crear e educar bons officiaes, e aperfeiçoar na disciplina seus regimentos,

devendo essa maior despeza resultar de alguma boa economia, que vos auctoriso a estabelecer do modo que julgardes conveniente provisoriamente, e que depois fareis subir á minha real presença para eu a sanccionar; que igualmente parece que estes habeis, honrados e activos militares farão desapparecer os males que nascem do peculato e corrupção; que nas milicias não deverão existir officiaes aggregados, procurando dar-se saída ao multiplicado numero de coroneis que ha actualmente nos corpos milicianos; e que, finalmente, deve estabelecer-se que nas milicias as propostas para officiaes sejam feitas gradualmente de posto a posto, passando o alferes a tenente, o tenente a capitão, e o capitão a tenente coronel, progredindo assim; e que sobre o systema de recrutamento o mesmo se fizesse observar rigorosamente segundo a lei estabelecida e alterações que se julgassem convenientes por officiaes honrados e sujeitos á mais austera responsabilidade do serviço militar.

Não devo tambem deixar de recommendar-vos que deis a maior attenção ao corpo das ordenanças, o qual forma, por assim dizer, o levantamento em massa de todos os meus vassallos quando chamados a defenderem os proprios lares; e tendo a experiencia mostrado que este corpo merece uma grande alteração e regulamento na fórma com que se deve organisar, para lhe dar certa ordem e maior ponto de perfeição no systema actual; tendo mostrado a experiencia de tres campanhas serem quasi geralmente maus os capitães móres e seus officiaes, e o maior numero tendo pouco zêlo, prestimo, patriotismo, valor e desembaraço, sendo muito velhos, enfermos e ignorantes, sem espirito, indolentes, preguiçosos e até venaes, e que dando grandes sommas para serem eleitos, depois se indemnisam opprimindo os povos com vexações, enriquecendo-se á cústa dos mesmos, e na face do inimigo fugindo para evitar o perder suas riquezas, deixando assim os povos sacrificados e abandonados á sua triste sorte: sou servido ordenar-vos me proponhaes tudo o que julgardes mais essencial para produzir o desejado melhoramento; e por agora conferindo-vos toda a eminente au-

ctoridade para alterar e estabelecer o que vos parecer necessario e util ao desejado fim, de que depois me dareis uma exacta conta para que tenha a minha real approvação, mando por ora lembrar-vos o nomear um inspector geral que se occupe em inspeccionar especialmente todos os corpos de ordenanças em cada provincia, e proceder á reforma de todos os officiaes que julgardes incapazes, e estabelecer que as propostas sejam remettidas ao inspector para este verificar as qualidades e circumstancias dos promovidos, e que o mesmo inspector a remetta a vós, como marechal commandante em chefe do meu exercito, com a sua informação, devendo vós depois propor-me pelo conselho de guerra os que julgardes mais capazes; recommendando-vos, porém, muito que façaes guardar os privilegios das casas reaes, grandes donatarios, e que só procureis que os mesmos não sejam prejudiciaes ao meu real serviço, combinando sabiamente as auctoridades estabelecidas com o que exigir o bem do meu real serviço. Se vós julgardes necessario o estabelecimento d'este inspector, procurareis estabelecer-lhe o seu competente soldo, ou de alguma nova pequena contribuição de todas as camaras, ou de alguma economia que possaes introduzir, e de tudo me dareis a competente parte.

Muito cuidado me tem merecido, e muito vos mando agora de novo especialmente recommendar, a remonta da cavallaria, pois sem a competente força d'esta arma jamais se poderá segurar a defeza do reino, e é talvez á sua falta e pouca força que se deve attribuir que os grandes successos das armas não tenham tido toda a extensão que era de esperar da grandeza dos mesmos. Parece, pois, que deveis tomar em consideração: 1.º, que os cavallos se vão extinguindo, e que é necessario cuidar na creação e propagação dos mesmos, attendendo-se ás providencias que mandei dar pela carta regia ultimamente dirigida aos governadores do reino para o augmento e melhoramento das minhas manadas reaes e das coudelarias do reino; 2.º, que a cavallaria inimiga é sempre superior á nossa, ainda mesmo combinada com a ingleza; 3.º, que sua magestade britannica não póde auxiliar

m a quantidade que deseja pela difficuldade dos transpor-
s; 4.°, que sendo mesmo completo o numero da nossa ca-
llaria de sete mil cavallos, unidos á cavallaria ingleza, ape-
s nos podem servir para sustentar a defensiva do reino;
°, que o completo de sete mil cavallos nunca no effectivo
cedeu de tres mil, e que nunca se deram providencias de
rma indispensavel para que a remonta da cavallaria seja
ta com fructo; e na realidade que a lei que obriga aos
rticulares a entregar os cavallos é executada com muita
uxidão; que quando mandada executar militarmente pro-
ziu algum effeito, o qual logo parou tanto que se mandaram
ar simplesmente dos meios ordinarios, não se havendo
posto as penas da lei aos que commetteram actos contra
mesma; e, finalmente, que não se havendo feito entrar
s caixas regimentaes as massas economicas, por cujo meio
poderiam ter comprado cavallos, assim como fez o regi-
ento n.° 12, e que se acham atrazados de sete e oito me-
s, d'ahi tem resultado a falta de remonta para os regi-
entos.

Desejando, pois, occorrer a tão graves e essenciaes in-
nvenientes, recommendo-vos em primeiro logar que, de
cordo com os governadores do reino, procureis logo prin-
piar a dar as mais activas providencias para o restabeleci-
ento das minhas manadas reaes e das coudelarias do reino,
a conformidade do que a este respeito se acha estabele-
do; em segundo logar mando agora participar-vos que já
rdenei ao estribeiro mór que mandasse dar para a remonta
dos os cavallos que existissem ou se recolhessem nas mi-
has reaes cavallariças, exceptuando sómente os cavallos
aes que se devem conservar para perpetuar as boas raças;
m terceiro logar ordeno-vos que, de accordo com os gover-
adores do reino, fixeis logo uma certa somma para se prin-
piarem a pagar os cavallos que se tomarem para a tropa,
referindo sempre no pagamento todos os que trouxerem
hespanhoes; em quarto logar que se proceda novamente
já ordenado alistamento e numeramento de todos os ca-
llos do reino, sem entender com os cavallos paes, e que

se tomem por avaliação todos os precisos para a tropa, dando-se logo o bilhete para o seu pagamento, o qual se pague exactamente, posto que haja alguma demora, se o estado das finanças assim o exigir imperiosamente; em quinto logar que lembreis aos governadores do reino que procurem haver, se for possivel, cavallos de Africa, d'onde seria facil o transporte; e que até se faça alguma tentativa, se for possivel, para ter cavallos ou das ilhas de Cabo Verde ou do Pará, posto que de uma e outra parte será mui difficil e custoso o transporte.

Este grande e interessante objecto, que tanto tenho mandado recommendar aos governadores do reino, agora novamente sou servido recommendar-vol-o, para que de accordo com os mesmos se dêem todas as providencias essenciaes, seja para augmentar as minhas reaes manadas e coudelarias, seja para procurar os cavallos fóra do reino, particularmente de Hespanha, Inglaterra e Africa; seja, finalmente, para haver todo o numero dos que existem dentro do reino, e que, sendo pagos pelos seus competentes preços, devem agora unicamente ser empregados para a salvação e defeza do reino.

Deve-me tambem grande cuidado o provimento das bestas necessarias para a artilheria; e constando-me que o mau estado das mesmas tem feito até desmontar algumas brigadas: sou servido mandar-vos declarar que já ao meu estribeiro mór acabo de ordenar que expeça as competentes ordens para que das minhas reaes cavallariças se vos dêem, como já se vos deveriam ter dado, todas as parelhas que ainda ali possam existir, e todas as que se forem recolhendo e se podérem recolher das minhas reaes manadas, e que igualmente façaes proceder a tirar todas as dos particulares por uma justa avaliação, pondo-vos de accordo em tal materia com os governadores do reino, a fim de que obrem com toda a energia em tão importante materia.

Seria, finalmente, aqui o logar de vos recommendar as mais energicas providencias para se introduzir um melhor, mais activo e mais economico systema nos transportes e no aprovisionamento dos viveres para o exercito, assim como

na administração dos hospitaes militares, e no regulamento dos professores de medicina e cirurgia do exercito, e na thesouraria geral das tropas; mas havendo eu tomado a resolução de adherir ás representações que o marechal general e vós mesmo me fizestes contra o systema das administrações estabelecidas no reino, e havendo mandado abolir pelo alvará que já vos terá sido communicado pelos governadores do reino, e de que vos mandei remetter copia com esta minha carta regia, tanto a junta das munições de bôca, como o logar de physico mór e junta do arsenal do exercito e até a thesouraria geral das tropas, se for necessario; e igualmente havendo ordenado que se introduzissem em logar dos antigos planos um commissariado e todos os planos do marechal general e vossos, nada em tal materia me resta a dizer senão recommendar-vos que procedaes sem demora, de accordo com os governadores do reino, a organisar os novos planos, e que procureis que na pratica correspondam á espectação que formo das luzes, genio e talentos, tanto do marechal general como vossos, e que possam ser tão uteis a promover a mobilidade e prompto aprovisionamento do meu exercito, quanto o exigem imperiosamente as circumstancias de fazer a guerra a um poderoso e activo inimigo, e que jamais se esquece de que para conservar a sua monstruosa existencia deve vencer sempre, porque se uma vez for infeliz arrisca de todo ver cessar a sua existencia.

Para vos mostrar que nada me esquece, auctorisando-vos para fazer todos os melhoramentos que podem ser necessarios para dar a maior consistencia e força ao meu valoroso exercito, muito vos recommendo, finalmente, que procureis ajustar com os governadores do reino os recursos e fundos que vos podem fornecer para que o exercito se possa conservar sempre prompto a obrar e mostrar a mais activa mobilidade, e as epochas em que os podem entregar, ajustando tambem comvosco os meios de circulação e credito de que podem servir-se para fazerem exactos pagamentos, e para poderem por esse modo cobrir a falta de rendas ordinarias, que em caso algum possam servir a pagar despe-

zas ordinarias e extraordinarias, e sobretudo em uma guerra da natureza d'aquella que o reino actualmente soffre. Com assignados e com successivas bancarotas creou a França o poder que ainda desola e opprime toda a Europa. Com um papel que tambem acabou por uma bancarota, e que depois resurgiu transmutado em outro que hoje circula em grande credito, crearam os Estados Unidos os meios com que resistiram á mãe patria, cuja força e poder a Europa admira, e ao qual deve no momento actual a esperança que ainda tem de poder ver restabelecido o seu antigo equilibrio. Com meios de similhante natureza e sem serem levados a um tal excesso, ajudados dos subsidios e emprestimos da Gran-Bretanha, podem achar-se recursos proporcionados ás grandes despezas do exercito e da defensa do reino, que em beneficio dos meus vassallos é o unico objecto dos meus mais energicos votos, e de vós espero que animeis e illustreis os governadores do reino para entrarem na execução d'estas grandes vistas, que não tenho cessado de recommendar-lhes desde que principiou a feliz restauração do reino.

Lisonjeio-me e espero do vosso zêlo e das vossas luzes que, de accordo com o marechal general, executareis tudo que mando agora novamente recommendar, e será mais esse um motivo para que eu possa ter novas occasiões de reconhecer os grandes serviços que tendes feito á minha real corôa. Assim o tenhaes entendido e fareis cumprir.

Escripta no palacio do Rio de Janeiro, em 16 de novembro de 1811.=PRINCIPE.=Para o conde de Trancoso.

Carta regia para os governadores do reino com referencia á precedentemente transcripta

Governadores do reino de Portugal e dos Algarves. Amigos: Eu o principe regente vos envio muito saudar, como aquelles que amo e prézo. Tendo julgado conveniente renovar ao conde de Trancoso, marechal commandante em chefe dos meus exercitos, a lembrança dos differentes e interes-

DOCUMENTOS CITADOS NO QUARTO TOMO, PRIMEIRA PARTE, DA SEGUNDA EPOCHA

DOCUMENTOS CITADOS NO QUARTO TOMO, PRIMEIRA PARTE, DA SEGUNDA EPOCHA

DOCUMENTO N.º 105

(Citado a pag. 121)

Ordem do dia do marechal Beresford, contendo a de lord Wellington com os agradecimentos do parlamento inglez ao exercito luso-britannico pela tomada de Badajoz

Quartel general de Fonte Guinaldo, 12 de junho de 1812. — S. ex.ª o sr. marechal Beresford, conde de Trancoso, tem muita satisfação em publicar ao exercito a copia que abaixo segue da ordem do dia do ill.mo e ex.mo sr. marechal general lord conde de Wellington e marquez de Torres Vedras, pela parte que n'ella têem as tropas portuguezas que foram empregadas no sitio e escalada da praça de Badajoz.

Copia da ordem do dia

Secretaria do ajudante general em Fonte Guinaldo, 27 de maio de 1812.

O commandante das forças tem muito prazer em communicar ao exercito as resoluções abaixo transcriptas das casas dos lords e dos communs em approvação do comportamento dos generaes, officiaes e soldados que serviram no cerco e escalada de Badajoz.

Die lunæ, 27 de abril de 1812.

Resolvido, *nemine discrepante*, pelos lords espirituaes e temporaes, em assembléa do parlamento, que se dêem os agradecimentos d'esta casa ao general conde de Wellington, pela grande capacidade e industria militar que manifestou no recente cerco de Badajoz, pela qual se arrancou aquella importante fortaleza da posse do inimigo.

Resolvido, *nemine discrepante*, pelos lords espirituaes e temporaes, em assembléa do parlamento, que se dêem os agradecimentos d'esta casa ao tenente general sir W. Carr Beresford, cavalleiro do Banho; aos tenentes generaes James Leith e Thomás Picton; aos majores generaes o honorable Carlos Stewart, o honorable Carlos Colville, Bernard Gord Bowes, Andrew Hay, George Townsend Walker e James Kempt; e igualmente aos brigadeiros generaes Guilherme Mc. Awnedy Hervey, Champalimaud e Manley Power, no serviço portuguez, pela sua distincta conducta durante o recente sitio de Badajoz, que foi terminado gloriosamente pelo bem succedido assalto d'aquella importante fortaleza em a noite de 6 do corrente.

Die lunæ, 27 de abril de 1812.

Resolvido, *nemine discrepante*, pelos lords espirituaes e temporaes, em assembléa geral do parlamento, que se dêem os agradecimentos d'esta casa aos officiaes pertencentes ao corpo dos reaes engenheiros, ao da real artilheria e da artilheria portugueza, que serviram debaixo do commando do conde de Wellington em o recente sitio de Badajoz, pela habilidade na sua profissão, e pelo valor e zêlo infatigavel que mostraram em todo o tempo d'esta difficil empreza.

Die lunæ, 27 de abril de 1812.

Resolvido, *nemine discrepante*, pelos lords espirituaes em assembléa do parlamento, que se dêem os agradecimentos d'esta casa aos officiaes das forças britannicas e portuguezas que se empregaram no recente sitio de Badajoz, pelo valor, zêlo e capacidade que manifestaram no decurso d'esta diffi-

al empreza, e particularmente na gloriosa conquista da praça por assalto em a noite de 6 do corrente.

Die lunæ, 27 de abril de 1812.

Resolvido, *nemine discrepante*, pelos lords espirituaes e temporaes, em assembléa do parlamento, que esta casa sobremaneira reconhece e approva o distincto valor, zêlo e disciplina manifestado pelos officiaes inferiores e soldados das forças britannicas e portuguezas que serviram no recente sitio de Badajoz, e particularmente na gloriosa conquista d'aquella praça por assalto em a noite de 6 do corrente.

Die lunæ, 27 de abril de 1812.

Ordenaram os lords espirituaes e temporaes, em assembléa do parlamento, que o lord chanceller transmittirá as ditas resoluções ao general conde de Wellington, e que depois s. ex.ª as communique aos generaes e exercitos alliados que serviram no ultimo cerco e tomada de Badajoz. = G. *Rou*, secretario do parlamento.

Die lunæ, 27 de abril de 1812.

Resolvido, *nemine contradicente*, que se dêem os agradecimentos d'esta casa ao general conde de Wellington, pela grande capacidade e industria militar que manifestou no recente sitio de Badajoz, pelo qual aquella importante fortaleza foi arrancada da posse do inimigo.

Resolvido, *nemine contradicente*, que se dêem os agradecimentos d'esta casa ao tenente general sir W. Carr Beresford, cavalleiro do Banho; aos tenentes generaes James Leith e Thomás Picton; aos majores generaes o honorable Carlos Stewart, o honorable Carlos Colville, Andrew Hay, George Townsend Walker, Bernard Gord Bawes e James Kempt; e igualmente aos brigadeiros generaes W. M. Hervey, Chamalimaud e M. Power, ao serviço portuguez, pela sua distincta conducta durante o recente sitio de Badajoz, que foi tão gloriosamente terminado pelo bem succedido assalto d'aquella importante fortaleza em a noite de 6 do corrente.

Resolvido, *nemine contradicente*, que se dêem os agr
cimentos d'esta casa aos officiaes pertencentes ao corpo
reaes engenheiros, ao da real artilheria e artilheria po
gueza, que serviram debaixo do commando do conde
Wellington no recente sitio de Badajoz, pela habilidade
sua profissão, valor e zêlo infatigavel que manifestaram
decurso d'esta ardua empreza.

Resolvido, *nemine contradicente*, que se dêem os agr
cimentos d'esta casa aos officiaes das forças britannic
portuguezas empregadas no recente sitio de Badajoz,
valor, zêlo e capacidade que manifestaram no decurso d'
ardua empreza, e particularmente na gloriosa conquista
praça por assalto em a noite de 6 do corrente.

Resolvido, *nemine contradicente*, que esta casa sobre
neira reconhece e approva o distincto valor, zêlo e discipl
manifestado pelos officiaes inferiores e soldados das for
britannicas e portuguezas empregadas no recente sitio
Badajoz, e particularmente na gloriosa conquista d'aque
praça por assalto em a noite de 6 do corrente.

Ordenado que o orador transmitta as ditas resoluções
general conde de Wellington, e que s. ex.ª as communi
aos generaes e exercitos alliados que serviram no ulti
sitio e tomada de Badajoz. = *I. Ley*, secretario da casa
communs = *John Watens* = Tenente coronel *A. A. G.*

Está conforme. = *T. H. Browne D. A. A. G.* = Ajuda
general *Mosinho*.

DOCUMENTO N.º 106

(Citado a pag. 192)

Parte official da batalha de Salamanca, dada por lord Wellington ao conde de Bathurst

Flores d'Avila, 24 de julho de 1812.

O meu ajudante de campo, o capitão lord Clinton, en
gará a v. s.ª a presente relação da victoria que as tropas
liadas debaixo das minhas ordens ganharam em um enco

geral que tiveram perto de Salamanca na tarde do dia 22 do corrente. Fui obrigado a differir esta remessa até ao presente, por me achar empenhado desde o dito encontro na perseguição das tropas inimigas em derrota. Informei eu a v. s.ª pelo meu despacho de 21 que os dois exercitos se achavam perto do Tormes. O inimigo atravessou este rio com a maior parte das suas tropas depois do meio dia pelos vaus entre Alba de Tormes e Huerta, e poz-se em movimento pela sua esquerda pelas estradas que conduzem a Cidade Rodrigo. O exercito alliado, á excepção da terceira divisão e da cavallaria do general d'Urban, atravessou igualmente o Tormes durante a tarde pela ponte de Salamanca e os vizinhos vaus, pondo eu as tropas n'uma posição em que a direita se achava n'uma das duas alturas chamadas dos Arapiles, e a esquerda sobre o Tormes, abaixo do vau de Santa Martha. A terceira divisão e a cavallaria do brigadeiro general d'Urban foram deixadas em Cabrerizos, sobre a margem direita do Tormes, em attenção a que o inimigo tinha ainda d'este lado do rio um consideravel corpo sobre as alturas acima de Babila Fuente, não me parecendo improvavel que o inimigo achando de manhã o nosso exercito em attitude contra elle sobre a margem esquerda do Tormes quizesse mudar o seu plano manobrando sobre a outra margem.

Na noite de 21 recebi eu a nova, de cuja exactidão não pude duvidar, de que o general Clausel chegára no dia 20 a Pollos com a cavallaria e artilheria a cavallo do exercito do norte para se juntar ao marechal Marmont; estava bem certo de que estas tropas effeituariam a sua juncção a 22 ou 23, o mais tardar. Não havia, portanto, tempo a perder. Resolvi, quando as circumstancias me não permittissem atacal-o no dia 22, marchar sem mais demora sobre Cidade Rodrigo, visto que a differença numerica da nossa cavallaria podia occasionar uma marcha de difficil manobra, como a que já tinhamos feito durante os quatro ou cinco ultimos dias, e cujo resultado teria sido duvidoso. Na noite de 21 o inimigo assenhoreára-se da aldeia de Calvarassa de Arriba e das al-

turas que lhe estão ao pé, chamadas de Nossa Senhora da Peña. Pela sua parte a nossa cavallaria estava de posse de Calvarassa de Abaxo. Pouco depois do nascer do dia os destacamentos dos dois exercitos procuraram assenhorear-se d'aquella das duas alturas, chamadas dos Arapiles, a mais afastada da nossa direita. O inimigo conseguiu isto por serem os seus destacamentos mais fortes, e pelos ter escondido nos bosques que estavam mais perto d'esta collina do que nós. Este successo tornou a sua posição muito mais forte e deu-lhe mais meios de nos fazer mal.

Pela manhã as tropas ligeiras da setima divisão e o batalhão 4.º de caçadores portuguezes, pertencente á brigada do general Pack, atacaram o inimigo sobre a altura chamada de Nossa Senhora da Peña, e ali se mantiveram contra o inimigo durante todo o dia. Entretanto a posse que o inimigo tinha do mais afastado dos Arapiles obrigou-me a estender a direita do exercito, formando um colchete defensivo sobre a altura por traz da aldeia dos Arapiles, e a occupar esta aldeia com a infanteria ligeira. Ali puz eu a quarta divisão debaixo das ordens do tenente general o honorable L. Cole; e ainda que pela diversidade dos movimentos do inimigo fosse difficil avaliar exactamente as suas intenções, vi em geral que as suas vistas se fixavam sobre a margem esquerda do Tormes. Em consequencia d'isto ordenei ao major general o honorable E. Pakenham, que commandava a quinta divisão na ausencia do tenente general Picton, por causa do seu mau estado de saude, que atravessasse o Tormes com as tropas debaixo das suas ordens, comprehendendo n'ellas a cavallaria do brigadeiro general d'Urban, devendo postar-se por traz de Aldeia Tojada. A brigada de infanteria portugueza do brigadeiro general Bradford e a infanteria de D. Carlos de Hespanha tinham sido igualmente enviadas para a vizinhança das Torres, entre a terceira e quarta divisões.

Depois de diversas evoluções e movimentos o inimigo pareceu ter fixado o seu plano pelas duas horas depois do meio dia, e pelo auxilio de uma forte canhonada, que todavia nos fez pouco mal, estendeu a sua esquerda e fez avançar as

suas tropas, evidentemente na intenção de embaraçar, pela posição d'ellas e pelo seu fogo, o nosso posto sobre aquelle dos dois Arapiles que possuiamos, e depois d'isto atacar e romper a nossa linha, ou em todo o caso tornar difficil qualquer movimento da nossa parte para a direita. Todavia a extensão da sua linha na esquerda, e o seu extremo sobre a nossa direita, ainda que as suas tropas occupassem ainda um terreno muito forte, e a sua posição fosse bem defendida por artilheria, forneceram-me occasião de o atacar. Era isto o que eu esperava desde muito tempo. Reforcei, pois, a nossa direita com a quinta divisão, debaixo das ordens do tenente general Leith, que puz por traz da aldeia dos Arapiles, á direita da quarta divisão, tendo a sexta e setima divisões em reserva; e logo que estas tropas tomaram a sua posição ordenei ao major general, o honorable E. Pakenham, que avançasse em quatro columnas com a terceira divisão, a cavallaria do general d'Urban e dois esquadrões do 14.° de dragões ligeiros, debaixo das ordens do tenente coronel Hervey, para tornear a esquerda do inimigo sobre as alturas, emquanto que a brigada do brigadeiro general Bradford, a quinta divisão, commandada pelo tenente general Leith, a quarta divisão pelo tenente general o honorable L. Cole, e a cavallaria pelo tenente general sir S. Cotton, o atacavam de frente, sustentados em reserva pela sexta divisão commandada pelo major general Clinton, a setima commandada pelo major general Hope e a divisão hespanhola de D. Carlos de Hespanha. O brigadeiro general Pack devia apoiar a esquerda da quarta divisão, atacando aquelle dos Arapiles que o inimigo occupava. A primeira divisão e a divisão ligeira occupavam o terreno á esquerda, estando em reserva.

O ataque contra a esquerda do inimigo fez-se da maneira acima descripta, sendo completamente proficuo. O major general, o honorable E. Pakenham, formou a terceira divisão por entre o flanco do inimigo, e destroçou tudo quanto se lhe poz diante. As tropas foram sustentadas o mais bravamente possivel pela cavallaria portugueza, commandada

pelo brigadeiro general d'Urban, e os esquadrões do 1
do tenente coronel Hervey, que repelliram successivam
todas as tentativas feitas pelo inimigo contra o flanco da
ceira divisão. A brigada do brigadeiro general Bradford
divisões quinta e quarta e a cavallaria, debaixo das ord
do tenente general sir S. Cotton, atacaram o inimigo
frente, e adiante de si o repelliram de uma para o
altura, fazendo avançar a sua direita para augmenta
força contra o flanco do inimigo, á medida que ganha
terreno. O brigadeiro general Pack fez um ataque m
brilhante sobre os Arapiles, que todavia lhe não aprove
senão para desviar a attenção do corpo do inimigo, qu
se achava postado, da marcha das tropas que command
o tenente general Cole. A cavallaria do tenente general
S. Cotton executou uma muito brilhante e feliz carga co
um corpo de infanteria inimiga, que destroçou e fez
postas. O major general Le Marchant foi morto n'esta ca
á frente da sua brigada; lamento n'elle a perda de um o
cial muito capaz.

Logo que a crista da altura foi ganha, uma divisão de
fanteria inimiga sustentou o choque da quarta divisão, q
foi obrigada a ceder depois de uma séria lucta, havend
inimigo lançado algumas tropas sobre a esquerda d'esta
visão depois do revez do brigadeiro general Pack no s
ataque contra os Arapiles, e do tenente general o honora
L. Cole ter sido ferido. O marechal sir W. Beresford, q
ali se achava, ordenou á brigada do brigadeiro general Sp
da quinta divisão, e que estava em segunda linha, que fize
uma mudança de frente e dirigisse o seu fogo contra o fla
da divisão inimiga. Com pezar acrescento que ao tem
em que fazia executar esta manobra, recebeu uma fer
que me privará, como bem o sinto, durante algum tem
da vantagem dos seus conselhos e da sua assistencia. Qu
no mesmo instante o tenente general Leith recebeu tamb
uma ferida, que desgraçadamente o obrigou a deixar o ca
da batalha. Ordenei á sexta divisão, debaixo das ordens
major general Clinton, que soccorresse a quarta, de que

sultou ser o combate promptamente restabelecido no seu primitivo successo.

Entretanto a direita do inimigo, reforçada pelas tropas que tinham fugido da esquerda e por aquellas que se haviam retirado dos Arapiles, persistia ainda em resistir. N'este caso ordenei á primeira divisão e á divisão ligeira, á brigada portugueza do coronel Stubbs da quarta divisão, que se tinha tornado a formar, e á brigada do major general W. Anson, igualmente da quarta divisão, que torneassem a direita do inimigo, emquanto que a sexta divisão, sustentada pela terceira e quinta, o atacariam de frente. A noite veiu antes da dita sexta divisão assim o effeituar, e o inimigo fugiu através dos bosques para o Tormes. Deitei-me a persegui-l-o com a primeira divisão, a divisão ligeira, a brigada da quarta divisão do major general W. Anson, e alguns esquadrões de cavallaria debaixo das ordens do tenente general sir S. Cotton, o que fizemos por tanto espaço de tempo que por fim nos achámos todos juntos, dirigindo a nossa marcha sobre Huerta e sobre os vaus do Tormes, por onde o inimigo tinha passado á sua chegada; mas a obscuridade da noite foi-lhe extremamente favoravel, e por esta causa muitos se escaparam, que nos teriam caído nas mãos a não ser isto. Tenho o desgosto de acrescentar que pela mesma causa o tenente general sir S. Cotton foi desgraçadamente ferido por uma das nossas proprias vedetas, depois de termos feito alto.

Na seguinte manhã continuámos a perseguir com as mesmas tropas e as brigadas de cavallaria dos majores generaes Bock e Anson, que durante a noite se nos tinham juntado; e depois de termos atravessado o Tormes alcançámos a reguarda da cavallaria e infanteria inimigas perto de la Serna. As duas brigadas de dragões as atacaram immediatamente, mas a cavallaria fugiu, abandonando a infanteria á sua sorte. Nunca presenciei uma carga mais brilhante que a executada contra a infanteria inimiga pela brigada da cavallaria pesada da real legião allemã, commandada pelo major general Bock, a qual teve um pleno successo. Todo o corpo da infanteria inimiga, consistindo em tres batalhões da primeira divisão,

caiu prisioneiro. A perseguição continuou ainda posteriormente até Peñaranda na derradeira noite, e as nossas tropas ainda por então perseguiram o inimigo na sua fugida. O seu quartel general esteve n'esta cidade, distante mais de 10 leguas do campo da batalha, durante algumas horas na ultima noite, e actualmente está muito adiante sobre a estrada que vae para Valladolid por Arevalo. Hontem juntou-se-lhe na sua retirada a cavallaria e artilheria do exercito do norte, que lhe chegaram muito tarde, sendo necessario esperar a occasião de lhe serem uteis.

É impossivel avaliar a somma das perdas do inimigo n'esta batalha; mas depois de todas as narrativas, ella foi muito consideravel. Nós tomámos-lhe onze peças de artilheria [1], muitos caixões de munições, duas aguias e seis bandeiras. Um general, tres coroneis, tres tenentes coroneis, cento e trinta officiaes de patente inferior e seis a sete mil soldados foram prisioneiros, e ainda presentemente os nossos destacamentos os estão enviando. O numero dos mortos sobre o campo de batalha é muito grande. Sou informado de haver o marechal Marmont sido gravemente ferido e que perdêra um braço; que quatro officiaes generaes foram mortos e muitos feridos. Tenho muito prazer de declarar a v. s.ª que em todo o curso d'este dia decisivo, cujos acontecimentos lhe tenho narrado, só tenho a louvar a conducta dos officiaes generaes e das tropas. A narração que fiz de taes acontecimentos dará uma idéa geral da parte que cada um n'elles tomou. Não posso elogiar bastante a conducta de cada um no posto que lhe foi designado.

Sou infinitamente devedor ao marechal sir W. Beresford pelos conselhos que me deu e assistencia que me fez como amigo, tanto antes como depois da batalha; aos tenentes generaes sir S. Cotton, Leith e Cole, e aos majores generaes Clinton e honorable E. Pakenham pela maneira por que dirigiram as divisões de cavallaria e infanteria debaixo das

[1] Fóra dos relatorios officiaes disse-se terem sido vinte as peças que se lhe tomaram.

suas respectivas ordens; ao major general Hulse, commandante de uma brigada da sexta divisão; ao major general G. Anson, commandante de uma brigada de cavallaria; ao coronel Hinde; ao coronel o honorable W. Ponsonby, que tomou o commando da brigada do major general Le Marchant, depois d'este official ter succumbido; ao major general W. Anson, commandante de uma brigada da quarta divisão; ao major general Pringle, commandante de uma brigada da quinta divisão, e da mesma divisão logo que o general Leith foi ferido; ao brigadeiro general Bradford; ao brigadeiro general Spry; ao coronel Stubbs, e ao brigadeiro general Power, ao serviço de Portugal.

Sou igualmente devedor ao tenente coronel Campbell, do 94.º, commandando uma brigada da terceira divisão; ao tenente coronel Williams, do 6.º de infanteria; ao tenente coronel Wallace, do 88.º, commandante de uma brigada da terceira divisão; ao tenente coronel Ellis, do 23.º, que commandava a brigada do major general o honorable E. Pakenham, da quarta divisão, logo que este passou a commandante da terceira; ao tenente coronel o honorable C. Greville, do regimento 38.º, commandante da brigada do major general Hay, da quinta divisão, durante a sua ausencia com licença; ao brigadeiro general Pack; ao coronel Douglas, do 8.º regimento portuguez; ao tenente coronel o conde de Ficalho, do mesmo regimento; e ao tenente coronel Bingham, do 53.º regimento.

Sou tambem devedor ao brigadeiro general d'Urban e ao tenente coronel Hervey, do 14.º de dragões ligeiros; ao coronel lord E. Somerset, commandante do 14.º de dragões; e ao tenente coronel o honorable S. Ponsonby, commandante do 12.º de dragões ligeiros.

Devo tambem fazer menção do tenente coronel Woodford, commandante do batalhão ligeiro da brigada das guardas, que, sustentado por duas companhias de fuzileiros ás ordens do capitão Crowder, se manteve na aldeia dos Arapiles contra todas as forças do inimigo antes que a posição d'este ultimo tivesse sido atacada pelas nossas tropas.

Tendo, pois, a conducta de todos sido admiravelmente bella, sinto que os estreitos limites de um despacho me privem de fazer conhecer a v. s.ª a conducta de um maior numero de individuos. Mas posso assegurar a v. s.ª que nem um só official ou um só corpo empenhados n'esta batalha deixaram de cumprir o seu dever para com o seu soberano e o seu paiz. A real artilheria e artilheria allemã, commandadas pelo tenente coronel Framingham, distinguiram-se pela certeza do seu fogo em toda a parte em que foi possivel empregal-o, sendo levadas ao ataque da posição inimiga com a mesma bravura que as outras tropas.

Sou igualmente devedor ao tenente coronel Lancy, deputado quartel mestre general, actual chefe d'esta repartição na ausencia do quartel mestre general, assim como aos officiaes d'esta mesma repartição e aos do corpo d'estado maior, pela coadjuvação que d'elles recebi.

Devo muito ao tenente coronel o honrado L. Dundas, ao tenente coronel Sturgeon, do ultimo corpo, e ao major Scowell, do primeiro, assim como ao tenente coronel Waters, presentemente à testa do departamento do ajudante general no quartel general, e aos officiaes d'esta repartição, tanto aos do quartel general, como aos das differentes divisões do exercito; ao tenente coronel lord Fitz Roy Somerset e aos officiaes do meu estado maior pessoal. Entre estes peço a v. s.ª de uma maneira muito particular que chame a attenção de sua alteza real o principe regente sobre sua alteza serenissima o principe herdeiro de Orange, cuja conducta sobre o campo da batalha, como em todas as mais occasiões, lhe dá titulos para a mais viva recommendação, e lhe adquiriu o respeito e a estima de todo o exercito.

Tenho toda a rasão de estar satisfeito da conducta do marechal de campo D. Carlos de Hespanha e do brigadeiro D. Julião Sanches, assim como da das tropas debaixo das suas respectivas ordens. Outro tanto direi do marechal de campo D. Miguel de Alava e do brigadeiro D. José O'Lawlor, empregados n'este exercito pelo governo hespanhol, os quaes, assim como as auctoridades hespanholas e o povo

em geral, me prestaram toda a assistencia que devia esperar.

Tambem é de justiça fixar n'esta occasião a attenção de v. s.ª sobre o merito dos officiaes das repartições civis do exercito. Apesar do desvio sempre crescente em que dos nossos depositos punham as nossas operações, e do completo esgotamento do paiz, nada nos tem faltado até ao presente, graças á actividade e aos cuidados do commissario geral mr. Bissett e dos empregados da repartição que dirige.

Tambem devo dizer que, pelo zêlo e habilidade do dr. M. Grigor e dos empregados da sua repartição, os nossos feridos, assim como os do inimigo que cairam nas nossas mãos, têem sido bem tratados, e espero que muita d'esta brava gente poderá reentrar no serviço.

O capitão lord Clinton terá a honra de depor aos pés de sua alteza real o principe regente as aguias e bandeiras tomadas ao inimigo n'esta batalha.

DOCUMENTO N.º 106-A

(Citado a pag. 222)

Officio de Joaquim Severino Gomes a D. Miguel Pereira Forjaz sobre o levantamento do sitio de Cadiz como consequencia da batalha de Salamanca

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Com o maior alvoroço e satisfação posso annunciar finalmente a v. ex.ª a liberdade d'esta desgraçada cidade. Depois de dois mezes de um successivo fogo de bombas e granadas, que diariamente causava mortes e ruinas, triumphou (graças á misericordia de Deus, que tanto tem protegido os exercitos alliados) da tyrannia e sagacidade dos inimigos.

Hoje pela uma hora da manhã principiaram os francezes a destruir as baterias, encravando a artilheria e lançando fogo a todas as grandes obras, nas quaes têem empregado milha-

res de homens por espaço de dois annos e meio. Já se tinham conhecido aqui alguns movimentos e confusão da linha inimiga, e constava desde hontem o ter chegado a ella um grande reforço de cavallaria, que se fazia subir a dois mil homens, e que segundo os avisos dos confidentes devia servir para cobrir a retirada. Effectivamente logo que aclarou o dia ella se manifestou pelo caminho de Xerez, ficando só a cavallaria em toda a costa para impedir o desembarque immediato das tropas alliadas. O fogo que lançaram ás suas obras principiou pelo castello de Santa Catharina, e seguiu pela esquerda em todas as baterias que formavam a grande linha até Santipetri. A vista era horrorosa pelo grande incendio dos reductos, pontes e mais obras de fortificação, pelos tiros da artilheria que se achava carregada, e sobretudo pela explosão de alguns depositos de polvora; porém os habitantes de Cadiz nunca viram de certo um espectaculo que lhes fosse tão agradavel, nem eu uma scena mais pathetica.

Para dar uma idéa a v. ex.ª do contentamento d'este povo basta dizer-lhe que duas terças partes d'elle, que estavam vivendo no campo junto á muralha em armazens, etc., voltam hoje mesmo ás suas casas, que não esperavam tão cedo habitar.

Deus guarde a v. ex.ª Cadiz, 25 de agosto de 1812.— Ill.mo e ex.mo sr. D. Miguel Pereira Forjaz.=*Joaquim Severino Gomes.*

P. S.—Em Matagorda, Fort-Luiz, Rota e Trocadero já está arvorada a bandeira hespanhola; a este ultimo loga foram muitos barcos com trabalhadores. O quartel general anglo-portuguez se traslada esta noite para Porto Real, e o hespanhol para Chicana, devendo unir-se-lhe o general Ballesteros. Já chegou o primeiro correio ordinario de Madrid com cartas para o publico.

DOCUMENTO N.º 107

(Citado a pag. 481 e 490)

Partes officiaes dadas por lord Wellington ao conde de Bathurst relativamente á marcha do exercito luso-britannico sobre Vittoria e á batalha ali ganha

Villa Diego, 13 de junho de 1813.

O exercito passou o Carrion a 7, tendo-se retirado o inimigo para traz do Pisuerga. Nos dias 8, 9 e 10 fizemos avançar a nossa esquerda e atravessámos este rio. A promptidão da nossa marcha n'esta epocha e as difficuldades que provavelmente ali encontrariamos, assim como a necessidade de prover á subsistencia do exercito, me obrigaram a avançar lentamente a 11 e a mandar fazer alto á esquerda a 12; mas n'este dia fiz marchar para diante a direita, debaixo das ordens do tenente general sir R. Hill. Compunha-se ella do segundo regimento inglez, da divisão de infanteria hespanhola do general Morillo e da infanteria portugueza do conde de Amarante; da divisão ligeira, debaixo das ordens do major general barão C. Alten, e das brigadas de cavallaria do major general Fane, do major general Long, do major general V. Alten, do brigadeiro general Ponsonby e do coronel Grant (dos hussards). Dirigiu-se ella sobre Burgos, na intenção de reconhecer a posição e o numero do inimigo perto da cidade, e de o forçar a decidir-se ou a abandonar o castello á sua sorte ou de o defender com a totalidade das suas forças. Achei o inimigo postado com forças consideraveis, commandadas, como acabo de saber, pelo general Reille sobre as alturas á esquerda do Hormaza, a sua direita acima da aldeia de Hormaza e a esquerda adiante de Estepar. Nós torneámos a sua direita com os hussards, a brigada de cavallaria do general Ponsonby e a divisão ligeira vinda de Isar, emquanto que a brigada de cavallaria do general Victor Alten, e a brigada do coronel o honorable W. O'Callaghan, da segunda divisão, avançavam de Hormaza

sobre as alturas, e o resto das tropas, commandadas pelo
nente general sir R. Hill, ameaçava as alturas de Estepar
Estes movimentos desalojaram immediatamente o
migo da sua posição. A cavallaria da nossa esquerda e
centro achava-se toda sobre a retaguarda do inimigo,
foi obrigado a retirar-se para lá do Arlanzon pela gra
estrada para Burgos. Ainda que perseguido pela nossa
vallaria, e experimentando grandes perdas pelo fogo da
tilheria a cavallo do major Gardiner, e obrigado a execu
os seus movimentos a passo accelerado, para não dar ten
á chegada da nossa infanteria, a sua retirada fez-se n'
admiravel ordem; mas perdeu uma peça de artilheria e
guns prisioneiros que lhe tomaram um esquadrão do 14.
dragões ligeiros, commandado pelo capitão Milles, e um
tacamento do 3.º de dragões que lhe carregou a sua r
guarda. O inimigo tomou posição sobre a esquerda dos
de Arlanzon e de Urbel, engrossados consideravelmente
las chuvas, retirando-se durante a noite todo o seu exer
para Burgos depois de ter abandonado e destruido as o
do castello, que com grandes despezas havia construid
aperfeiçoado, destruição que effeituou tanto quanto p
durante o pouco tempo que ali se demorou. Actualm
vae em retirada para o Ebro pela estrada real de Briv
e de Miranda. Todo o exercito dos alliados fez hoje um
vimento sobre a esquerda; o corpo hespanhol da Galliza,
baixo das ordens do general Giron, e a esquerda do exer
inglez e portuguez, commandada pelo tenente general
Thomás Graham, atravessarão ámanhã, como espero, o
Ebro nas pontes de Rocamunde e de San Martin.

Nos dias 9, 10 e 11 D. Julião Sanches perseguiu v
mente a esquerda do inimigo, fazendo-lhe um bom num
de prisioneiros.

Hei hoje examinado o castello de Burgos, e tenho a
tuna de informar a v. s.ª que me parece possivel repa
com pouca despeza. É um posto da maior importancia
o paiz, sobretudo durante o inverno; e se vir que isto se
fazer, pol-o-hei em estado de defeza.

Subijana sobre Bayas, 19 de junho de 1813.

A esquerda do exercito passou o Ebro a 14 sobre as pontes de San Martin e Rocamunde, e o resto do exercito o atravessará a 15 por estas mesmas pontes e pela Puente de Arenas. Nos seguintes dias continuámos a nossa marcha sobre Vittoria. O inimigo reuniu em 16 e 17 em Espejo, não longe de Puente Larra, um consideravel corpo composto de algumas tropas que durante algum tempo haviam estado nas provincias de Biscaya em perseguição de Longa e de Mina, e outras tropas destacadas do grosso do exercito que se achava em Pancorbo. Tinha tambem desde o dia 16 uma divisão de infanteria e alguma cavallaria em Frias, para o fim de observar os nossos movimentos sobre a margem esquerda do Ebro. Estes dois destacamentos pozeram-se em marcha hontem pela manhã; o de Frias sobre San Millan, onde foi encontrado pela divisão ligeira do exercito alliado, debaixo das ordens do major general C. Alten; e o de Espejo sobre Osma, onde o achou a quinta e sexta divisões, commandadas pelo tenente general sir T. Graham. O major general C. Alten expulsou o inimigo de San Millan; cortou depois a brigada da retaguarda da divisão, fez-lhe trezentos prisioneiros, matou-lhe e feriu-lhe muita gente, e a brigada dispersou-se nas montanhas.

O corpo partido de Espejo era muito mais forte que o corpo dos alliados commandado por sir T. Graham, que tinha chegado quasi ao mesmo tempo a Osma. O inimigo avançou para o atacar, mas foi immediatamente obrigado a retirar-se, sendo perseguido até Espejo, d'onde tambem se retirou pelas montanhas. O dia estava na sua declinação logo que as outras tropas chegaram á posição avançada, que havia sido tomada pelas do tenente general sir Thomás Graham. Eu mandei fazer alto á quarta divisão, que rendeu a quinta perto de Espejo. O exercito dirigiu-se hoje sobre este rio. Achei a retaguarda inimiga n'uma forte posição sobre a margem esquerda do rio, tendo a sua direita coberta por Subijana e a esquerda pelas alturas adiante de Pobes. Nós torneámos a esquerda inimiga com a divisão ligeira, em-

quanto que a quarta divisão, debaixo das ordens do tenente general sir S. Cole, o atacava de frente, e a retaguarda era repellida sobre o grosso do exercito que marchava de Pancorbo a Vittoria, tendo de lá partido na ultima noite. A divisão do coronel Longa reuniu-se ao exercito a 16, por occasião da sua chegada a Medina de Pomar.

Salvatierra, 22 de junho de 1813.

O inimigo, commandado pelo rei José, tendo o marech[illegible] Jourdan por major general do seu exercito, tomou posiçã[illegible] na noite de 19 do corrente adiante de Vittoria, tendo a sua e[illegible] querda postada sobre as alturas que se terminam em Pueb[illegible] de Arganzon, d'onde se estendia através do valle do Zadorr[illegible] fronteira á aldeia de Ariñez. Occupava elle com a direita [illegible] centro uma altura que dominava o valle do Zadorra. A [illegible] reita do seu exercito estava postada perto de Vittoria, e e[illegible] destinada a defender as passagens do rio Zadorra nas vi[illegible] nhanças d'esta cidade. Na retaguarda da sua esquerda, [illegible] aldeia de Gomecha, tinha elle uma reserva. A natureza [illegible] paiz que o exercito havia atravessado desde que chegára [illegible] Ebro havia necessariamente distendido as nossas columna[illegible] Fizemos alto no dia 20 para as approximar, e eu fiz avança[illegible] a esquerda sobre Murguia, onde era provavel que tivessem[illegible] d'isto precisão. N'este dia reconheci a posição do inimig[illegible] com as vistas de o atacar na manhã seguinte, quando a [illegible]li permanecesse. Conseguintemente nós o atacámos hontem, e tenho a fortuna de informar a v. s.ª que o exercito alliado debaixo das minhas ordens alcançou uma completa victoria.

Nós batemos o inimigo em todas as suas posições; tom[illegible]á-mos-lhe cento cincoenta e uma peças de artilheria, os se[illegible]us caixões de munições, toda a sua bagagem, as suas provisões, o seu gado, o seu thesouro, etc., assim como um conside[illegible]a-vel numero de prisioneiros. As operações começaram p[illegible]la tomada e posse das alturas de Puebla pelo tenente gene[illegible]ral sir R. Hill, alturas sobre as quaes estava a esquerda do i[illegible]ni-migo, que as não occupava com grandes forças. Sir. R. H[illegible]li

estacou para esta expedição uma brigada da divisão hespanhola commandada pelo general Morillo; a outra brigada occupava-se em entreter as communicações entre o grosso do seu exercito sobre a estrada real de Miranda a Vittoria e as tropas destacadas sobre as alturas. Todavia o inimigo reconheceu immediatamente a importancia d'esta posição, e de tal modo reforçou ali as suas forças que o tenente general sir R. Hill foi obrigado a mandar para lá o regimento n.º 71 e o batalhão de infanteria ligeira da brigada do general Walker, debaixo das ordens do tenente coronel o honorable H. Cadogan, e successivamente outras tropas sobre o mesmo ponto. Os alliados não sòmente se apoderaram d'estas importantes alturas, mas n'ellas se mantiveram durante o curso das operações, apesar de todos os esforços do inimigo para as retomar. A lucta n'este ponto foi todavia muito séria, e muito consideravel a perda que ali se experimentou. O general Morillo foi ferido, mas não deixou o campo da batalha; e é grande a minha afflicção ter de vos participar que o tenente coronel o honorable H. Cadogan succumbiu em consequencia de grave ferimento. Sua magestade perdeu n'elle um official de grande merito e de uma comprovada bravura, tendo já conseguido a estima e a consideração de todas as pessoas importantes, na certeza de que se sobrevivesse teria feito assignalados serviços ao seu paiz. Uma vez senhor d'estas alturas e protegido por ellas, sir R. Hill passou successivamente o Zadorra em Puebla, o desfiladeiro e o mesmo rio Zadorra; depois atacou e assenhoreou-se da aldeia de Subijana de Alava, sobre a frente da linha do inimigo, o qual fez reiteradas tentativas para a retomar.

A natureza accidentada do paiz oppoz-se a que as communicações entre as nossas differentes columnas, que tinham deixado as suas posições sobre a ribeira de Bayas para atacar, tivessem logar tão felizmente quanto eu o esperava. Era já tarde quando soube que a columna composta da terceira e setima divisões, debaixo das ordens do conde de Dalhousie, tinha chegado ao sitio que lhe havia marcado. Todavia a quarta divisão e a divisão ligeira passaram o Zadorra imme-

diatamente, depois que sir R. Hill se assenhoreou de Subijana de Alva, a primeira na ponte de Nanclares e a segunda no ponto das Tres Pontes, e logo depois de terem atravessado o dito rio, a columna do conde de Dalhousie chegou a Mendoza. A terceira divisão, debaixo das ordens do tenente general sir F. Picton, atravessou o rio sobre a ponte mais contra a corrente de agua, e foi seguida pela setima divisão debaixo das ordens do conde de Dalhousie. Estas quatro divisões, que formavam o centro do exercito, eram destinadas a atacar a altura sobre que estava postada a direita do centro do inimigo, emquanto que o tenente general sir R. Hill avançava de Subijana de Alava para lhe atacar a esquerda. Todavia o inimigo, tendo enfraquecido a sua linha para reforçar o destacamento sobre as alturas, abandonou a sua posição no valle logo que percebeu que nos dispunhamos ao ataque, começando a retirada em boa ordem sobre Vittoria. As nossas tropas continuaram a avançar bem dispostas, apesar das difficuldades do terreno. No intervallo o tenente general sir T. Graham, que commandava a esquerda do exercito, composta da primeira e quinta divisões, das brigadas de infanteria dos generaes Pack e Bradford, e das brigadas de cavallaria dos generaes Bock e Anson, e que no dia 20 fôra a Murguia, avançou d'este logar sobre Vittoria pela estrada que conduz d'esta cidade a Bilbau. Tinha alem d'isto comsigo a divisão hespanhola do coronel Longa; e o general Giron, que fôra enviado sobre a esquerda, segundo uma differente idéa da situação dos negocios, e chegára a 20 a Orduña, partiu de lá no mesmo dia pela manhã, prompto a sustentar o tenente general sir T. Graham, se d'isto tivesse precisão.

O inimigo tinha uma divisão de infanteria com alguma cavallaria adiante sobre a estrada real de Vittoria a Bilbau; a sua direita postada sobre as fortes alturas que cobriam a aldeia de Gamarra Mayor. Gamamarra e Abechuco estavam occupadas em força como *cabeças de ponte*, assim como as pontes sobre o Zadorra que conduzem para estes logares. O brigadeiro general Pack com a brigada portugueza, e o

ronel Longa com a divisão hespanhola, tiveram ordem de rnear e ganhar as alturas, sendo sustentados pela brigada de dragões ligeiros do major general Anson e pela quinta divisão de infanteria, sob as ordens do major general Oswald, ao qual se deu o commando de todas estas tropas. O tenente general sir T. Graham refere que as tropas portuguezas e inglezas da expedição se conduziram admiravelmente. O quarto batalhão de caçadores e o oitavo d'esta mesma arma foram os que sobretudo se distinguiram. O coronel, que estava na sua esquerda, apoderou-se de Gamarra Menor.

Desde que nos assenhoreámos das alturas, a aldeia de Gamarra Maior foi bravamente assaltada e ganha pela brigada do major general Robinson, da quinta divisão; ella avançou por batalhões em columnas debaixo de um vivissimo fogo de artilheria e mosqueteria, sem disparar um só tiro, tendo apenas duas peças da brigada de artilheria do major Lawson. O inimigo soffreu consideravelmente, e perdeu tres bôcas de fogo. O tenente general propoz-se então atacar a aldeia de Abechuco com a primeira divisão, dirigindo contra ella uma forte bateria, composta da brigada do capitão Dubourdieu, e da tropa de artilheria montada do capitão Ramsay; e ao abrigo d'este fogo a brigada do coronel Halkett avançou ao ataque da aldeia, tomando-a, e os batalhões ligeiros carregaram, apoderando-se de tres peças e um obuz sobre a ponte. Este ataque foi apoiado pela brigada de infanteria portugueza do general Bradford.

Durante a operação contra Abechuco o inimigo fez os maiores esforços para retomar a aldeia de Gamarra Maior; mas foi valentemente repellido pela quinta divisão, sob as ordens do major general Oswald. Todavia o inimigo tinha sobre as alturas da margem esquerda do Zadorra duas divisões de infanteria em reserva, sendo impossivel atravessar as pontes antes que as tropas que se haviam dirigido contra o centro e a esquerda do inimigo as tivessem repellido para alem de Vittoria. Todas ellas se pozeram, portanto, em sua perseguição, que só parou ao declinar do dia.

A marcha das tropas debaixo das ordens do tenente general sir T. Graham, e a sua occupação de Gamarra e de Abechuco interceptaram a retirada do inimigo pela estrada real que conduz a França. Por conseguinte foi obrigado a tomar a estrada de Pamplona; sendo-lhe, porém, impossivel manter-se por muito tempo em posição alguma que lhe permittisse salvar a bagagem e a artilheria. Assim, pois, as nossas tropas que já se tinham apoderado de muitas peças nos ataques dos successivos pontos occupados pelo inimigo na sua retirada, desde a primeira posição em Arinez e sobre o Zadorra, acabou por lhe tomar o resto perto de Vittoria, bem como todas as munições e bagagem. Sou levado a crer que o inimigo não levou comsigo senão uma só peça de artilheria e um obuz.

O exercito do rei José compunha-se da totalidade das forças do sul e do centro, de quatro divisões e de toda a cavallaria de Portugal, assim como de algumas tropas do exercito do norte. A divisão portugueza do general Foy estava nas vizinhanças de Bilbau, e o general Clausel, que commandava o exercito do norte, occupava as proximidades de Logroño com uma divisão portugueza commandada pelo general Taupin, e outra do exercito do norte, commandada pelo general Van der Maessen. A sexta divisão do exercito alliado, debaixo das ordens do major general o honorable E. Pakenham, estava igualmente longe d'aqui, tendo sido demorada em Medina de Pomar durante tres dias para cobrir a marcha dos nossos armazens e das nossas provisões.

Não posso altamente louvar a excellente conducta de todos os generaes, officiaes e soldados do exercito n'esta batalha. O tenente general sir R. Hill falla com grande elogio da conducta do general Morillo e das tropas hespanholas sob as suas ordens, assim como da do tenente general o honorable W. Stewart, e da do conde de Amarante, que commandavam as divisões de infanteria que elle dirigia. Tambem se deve fazer menção da conducta do coronel o honorable R. W. O'Callaghan, que conservou a aldeia de Subijana de Alva, apesar de todos os esforços do inimigo para

retomar, e a do tenente coronel Rooke, da repartição do ajudante general e do tenente coronel o honorable A. Abercromby, da repartição do quartel mestre general. É impossivel dirigir os movimentos das tropas com mais coragem e regularidade do que o fizeram nas suas respectivas divisões os tenentes generaes conde de Dalhousie, sir F. Picton, sir L. Cole e o major general barão C. Alten. As tropas avançaram em escalões por cada regimento, sobre duas e accidentalmente sobre tres linhas; e as tropas portuguezas da terceira e quarta divisões, debaixo das ordens do brigadeiro general Power e do coronel Stubbs, romperam a marcha com uma firmeza e bravura que nunca se viram maiores em outra alguma occasião. A brigada do major general o honorable C. Colville, da terceira divisão, foi seriamente atacado na sua marcha por uma força muito superior e bem formada, a quem todavia repelliu com ajuda da brigada da setima divisão do general Inglis, commandada pelo coronel Grant, do regimento 88.º Estes officiaes e as tropas debaixo das suas ordens distinguiram-se.

A brigada do major general Vandeleur, da divisão ligeira, foi destacada durante a marcha sobre Vittoria para sustentar a setima divisão, e o tenente general conde de Dalhousie fez um relatorio muito favoravel da sua conducta. O tenente general sir T. Graham louva particularmente a assistencia que recebeu do coronel Delancy, deputado do quartel mestre general, do tenente coronel Bouverie, da repartição do ajudante general, e dos officiaes do seu estado maior pessoal, assim como do tenente coronel o honorable A. Upton, adjunto do quartel mestre general, e do major Hope, adjunto do ajudante general junto á primeira divisão. O major general Oswald faz o mesmo elogio á conducta do tenente coronel Berkeley, da repartição do ajudante general, e á do tenente coronel Gomes, da repartição do quartel mestre general.

Sou particularmente devedor ao tenente general sir T. Graham, e ao tenente general sir R. Hill, pela maneira por que cada um d'elles dirigiu o serviço que lhe foi confiado

desde o começo das operações até ao seu termo na batalha de 21, e pela sua conducta na referida batalha. Igualmente o sou ao marechal sir W. Beresford, pelos conselhos e ajuda que me deu como amigo em todas as occasiões durante as ultimas operações. Tambem não devo passar em silencio a conducta do general Giron, que commanda o exercito da Galliza; elle fez uma marcha forçada desde Orduña, e chegou opportunamente sobre o terreno prompto a sustentar o tenente general sir T. Graham.

Devi muitas obrigações ao quartel mestre general sir G. Murray, e por mais de uma vez tenho tido occasião de chamar a attenção de v. s.ª sobre a sua conducta; elle ainda me prestou maior assistencia nas ultimas operações e na batalha de 21 de junho. Sou igualmente devedor a lord Aylmer, deputado do ajudante general e do quartel mestre general. Sou-o tambem ao lord Fitz Roy Somerset, ao tenente coronel Campbell e aos officiaes do meu estado maior pessoal, assim como ao tenente coronel sir R. Fletcher, e aos officiaes dos reaes engenheiros. Sua alteza serenissima o principe herdeiro de Orange, coronel, esteve commigo sobre o campo da batalha na qualidade de ajudante de campo, e conduziu-se com a sua bravura e intelligencia costumadas. O marechal de campo D. L. Wimpffen e o inspector geral D. T. O'Donoju, assim como os officiaes do estado maior do exercito, constantemente me têem dado toda a assistencia que dependia d'elles durante todo o curso d'estas operações, e apresso-me em me aproveitar d'esta occasião para exprimir a satisfação que experimentei pela sua conducta, assim como pela do marechal de campo D. M. de Alava, e do brigadeiro general D. J. O'Lawlor, que tão longa e utilmente têem servido commigo. A artilheria, que judiciosamente foi collocada pelo tenente coronel Dickson, tambem fez bom serviço, e o exercito deve sobretudo obrigações a este corpo. A natureza do terreno não permittiu á cavallaria tomar parte no geral d'esta lucta, mas os officiaes generaes que commandavam as diversas brigadas tiveram as tropas debaixo das respectivas ordens junto da infanteria, promptas a sustental-a, e perse-

guiram vivamente o inimigo depois de ter sido repellido para alem de Vittoria.

Envio este despacho pelo meu ajudante de campo, o capitão Fremantle, que tomo a liberdade de recommendar á protecção de v. s.ª Elle terá a honra de depor aos pés de sua alteza real a bandeira do quarto batalhão do regimento n.º 100 e o bastão de marechal de França do marechal Jourdan, tomado pelo regimento n.º 87. Junto aqui o estado dos mortos e dos feridos nas ultimas operações, assim como o das peças de artilheria, das carretas e das munições apprehendidas ao inimigo na batalha de 21 do corrente.

DOCUMENTO N.º 108

(Citado a pag. 492)

Ordem do dia do marechal Beresford elogiando os corpos do exercito portuguez que se distinguiram na batalha de Vittoria

Com o mais perfeito prazer e satisfação passa s. ex.ª o sr. marechal Beresford, marquez de Campo Maior, commandante em chefe do exercito, a fallar da conducta das tropas portuguezas na famosa batalha de 21 do mez passado, em que o exercito alliado ganhou uma completa victoria sobre o exercito francez. O sr. marechal felicita a nação portugueza pelo comportamento das suas tropas n'esta memoravel batalha; e fazendo aos corpos portuguezes, que n'ella tiveram parte, o mais alto elogio, só vem a dizer o que elles mereceram. O sr. marechal julga-se obrigado a mencionar com particularidade a conducta das duas brigadas, a composta dos regimentos de infanteria n.ºs 9 e 21 e batalhão de caçadores n.º 11, commandada pelo sr. brigadeiro Manley Power, e a composta dos regimentos de infanteria n.ºs 11 e 23 e batalhão de caçadores n.º 7, commandada pelo sr. coronel Thomás Guilherme Stubbs. O ill.mo e ex.mo sr. marechal

general, duque de Victoria, e o sr. marechal presencearam a brilhante conducta d'estas duas brigadas, cuja firmeza, boa ordem e valor não se podem exceder; e s. ex.ª o sr. marechal general mostrou por tal comportamento a maior admiração.

O sr. marechal assegura a estas duas brigadas que não faltará a pôr com particularidade na presença de sua alteza real o principe regente nosso senhor a sua conducta, e a pedir a sua alteza real um distinctivo de honra especial para os corpos que as compõem. O sr. brigadeiro Manley Power e o sr. coronel Thomás Guilherme Stubbs, os commandantes dos corpos e os mais officiaes, officiaes inferiores e soldados d'estas brigadas acceitarão os agradecimentos do sr. marechal; e não especifica official algum, porque todos fizeram nobremente o seu dever. A conducta do commandante das quatro companhias de granadeiros dos regimentos de infanteria n.ºs 9 e 21 merece ser mencionada com particularidade, assim como a das mesmas quatro companhias. O sr. marechal não póde prescindir de dar os seus agradecimentos á brigada do sr. brigadeiro Diniz Pack, composta dos regimentos de infanteria n.ºs 1 e 16 e batalhão de caçadores n.º 4, e de exprimir a sua completa satisfação a respeito de todos os officiaes, officiaes inferiores e soldados d'estes corpos. O sr. brigadeiro, os commandantes dos corpos, officiaes, officiaes inferiores e soldados d'esta brigada acceitarão a approvação do sr. marechal, que não deixará de fazer menção d'elles a sua alteza real. O sr. brigadeiro Diniz Pack, em rasão de ter sido destacado com a sua brigada o batalhão de caçadores n.º 8, faz honrosa menção d'elle, e s. ex.ª se regosija de que este batalhão cuide em conservar a reputação que tem adquirido.

O sr. marechal dá os seus agradecimentos ao sr. brigadeiro Frederico Sprye, e aos officiaes, officiaes inferiores e soldados da brigada do seu commando, composta dos regimentos de infanteria n.ºs 3 e 15, pela sua boa conducta e firmeza. As brigadas de artilheria portugueza satisfizeram ao que lhes competiu, e mereceram a approvação do sr. ma-

chal. O sr. marechal tem toda a rasão de estar satisfeito com a brigada do commando do sr. coronel Carlos Arshworth e com os corpos da divisão ligeira, o regimento de infanteria n.º 17 e os batalhões de caçadores n.ºs 1 e 3, ainda que as circumstancias e as suas posições respectivas na batalha não lhes offereceram occasião de se distinguirem com particularidade. O mesmo diz o sr. marechal a respeito da divisão do commando de s. ex.ª o sr. tenente general conde de Amarante, e da brigada do commando do sr. brigadeiro Lecor, que posto não tivessem occasião de entrar em combate, os seus desejos e boa ordem foram visiveis. Não é possivel que todas as tropas de um exercito entrem em acção em uma batalha, e ainda menos que todas tenham occasião de se distinguirem; porém o sr. marechal tem o gosto de dizer ao exercito portuguez que está perfeitamente satisfeito com todas as que estiveram n'esta famosa batalha. Todos os corpos fizeram o seu dever relativamente ás circumstancias em que se acharam, e nenhum corpo deixou de se distinguir sempre que teve occasião. O sr. marechal repete que terá o mais vivo prazer em levar á presença de sua alteza real a boa conducta particular e geral de todo o seu exercito que se achou na batalha e victoria de Vittoria, em 21 de junho de 1813.

DOCUMENTO N.º 109

(Citado a pag. 494)

Decreto ordenando as legendas de distincção para as bandeiras dos corpos das duas brigadas de infanteria portugueza que entraram na batalha de Vittoria

Tendo-me sido presente pelas relações que o marechal general commandante em chefe dos exercitos alliados na peninsula o duque da Victoria, e o marechal do exercito marquez de Campo Maior, commandante em chefe das minhas forças militares em Portugal, dirigiram á minha real

presença, referindo-me nos termos mais expressivos e distinctos o heroico comportamento que o meu exercito manifestou na occasião da famosa e memoravel batalha de 21 de junho do presente anno contra o exercito francez, o completo triumpho que obtiveram os exercitos alliados junto á cidade de Vittoria; e tendo visto com a mais viva satisfação os relevantes elogios com que aquelles invictos generaes louvaram a intrepidez, o brio, a destemida resolução e decisivo enthusiasmo com que atacaram as tropas inimigas nas fortes posições que occupavam, e de que foram desalojadas com immensa perda, assim de combatentes, como de artilheria e bagagens, não duvidando os mesmos generaes attestar-me terem sido taes as proezas feitas pelo meu exercito n'aquelle celebrado e venturoso dia, que merecendo o mais completo applauso, assim d'estes illustres chefes, que o conduziram pelo caminho da gloria, como de todo o exercito alliado, que presenciou seus altos feitos, foi reconhecido e publicado que não havia infanteria na Europa melhor que a infanteria portugueza; tendo sido esta arma a que mais se distinguiu, por não haver permittido a configuração do terreno que as outras armas tivessem sido empregadas com igual vantagem;

Querendo eu que seja constante quanto me foram agradaveis e satisfactorias taes e tão distinctas provas de valor e intrepidez, reguladas pela admiravel ordem e disciplina militar com que as minhas tropas se conduziram e mostraram invenciveis, cobrindo-se de credito e adquirindo uma immortal gloria;

E desejando eu similhantemente que se não ignore quanto me lisonjeio e prézo ser o principe regente de tão fieis leaes e valorosos vassallos, a quem nenhum obstaculo e fadiga atemorisa, e que com desprezo da morte arrostam os maiores perigos em defeza da minha soberania, independencia e salvação da patria, parecendo que a renovação de maiores difficuldades seja para elles um novo e pungente incentivo para emprehenderem maiores e mais assignaladas proezas:

Sou servido que estes meus reaes e agradecidos senti-

mentos, suggeridos pelo paternal amor que lhes consagro, sejam a todos constantes e notorios pelas expressões com que me praz louvar tão altos feitos.

E tendo-me sido igualmente constante que as duas brigadas de infanteria, compostas a primeira dos regimentos n.os 9 e 21 e do batalhão de caçadores n.º 11, commandada pelo brigadeiro Manley Power, e a segunda formada pelos regimentos n.os 11 e 23 e pelo batalhão de caçadores n.º 7, commandada pelo coronel Guilherme Stubbs, achando-se pela casualidade das posições em que estavam postadas envolvidas nos pontos em que a peleja se travava com maior valor e animosidade, haviam com a maior intrepidez, presença de espirito e sangue frio marchado direitas ao inimigo, vencendo gloriosamente todos os obstaculos e difficuldades extremosas que se lhes apresentavam, e conseguiram desalojal-o valorosamente de todas as suas posições, obtendo merecer por uma tal conducta esclarecida a admiração e applauso do duque marechal general, e não menos de todos os militares do exercito alliado que presencearam tão decisivos feitos;

Querendo eu que a memoria de tão relevante conducta, que a sorte da guerra e a casualidade das posições parecia haver preparado para theatro do impavido comportamento e gloria d'aquelles corpos[1]:

Hei por bem premial-os com a nobre recompensa de um distinctivo de honra que os tornem notaveis como merecem, e sou, portanto, servido que nas bandeiras dos sobreditos quatro regimentos de infanteria n.os 9, 21, 11 e 23, que compõem as duas referidas brigadas, se haja de pôr, circumdando as minhas reaes armas, a seguinte inscripção em letras de oiro «*Julgareis qual é mais excellente — Se ser do mundo rei, ou de tal gente*», a qual se conservará nas mesmas bandeiras para memoria, emquanto em cada um dos regimentos

[1] Assim se lê na *Gazeta de Lisboa* e mais tres livros que consultámos, mas sem duvida houve falta typographica, ficando, portanto, incompleta a redacção d'este paragrapho.

sobreditos existir vivo algum official, official inferior ou
dado dos que assistiram á batalha de Vittoria, e só de
terminar em cada corpo com a morte do ultimo d'estes
dividuos.

E como os batalhões de caçadores não têem bandei
hei por bem concedel-as aos dois batalhões n.os 7
acima mencionados, para usarem d'ellas nas paradas, e
servarem-nas debaixo das mesmas clausulas que ficam
terminadas para os quatro regimentos de infanteria, deve
estas bandeiras ser formadas e esquarteladas pelas c
que denotam o distinctivo da minha real casa, azul e es
late, ficando as minhas reaes armas no centro, e logo ab
uma palma circumdada pela inscripção «*Distinctos vós se
na lusa historia — Com os louros que colhestes na victori*

Os governadores do reino de Portugal e dos Algarve
tenham assim entendido e o façam executar com os de
chos necessarios. Palacio da real fazenda de Santa Cruz,
13 de novembro de 1813. =*(Com a rubrica do princip
gente.)*

DOCUMENTOS CITADOS NO QUARTO TOMO, SEGUNDA PARTE, DA SEGUNDA EPOCHA

DOCUMENTO N.º 110

(Citado a pag. 48)

Officio do ministro de Portugal em Cadiz expondo a rasão por que não póde vencer nas côrtes, installadas n'aquella cidade, a regencia da princeza D. Carlota Joaquina

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Aproveito a occasião de um portador fiel, que parte hoje para o Algarve, devendo ser remettida d'ali a v. ex.ª pelo seguro do correio a presente carta, a qual servirá de continuação á que tive a honra de lhe dirigir no dia 13 do corrente mez. Já v. ex.ª não ignora que se acham presentemente em Cadiz differentes partidos em opposição a que se ponha á frente da regencia uma pessoa real. O partido inglez, agora mais do que nunca, empenhou-se a que não saisse regente a senhora princeza; e os partidos republicano e francez, tendo-se augmentado consideravelmente com os maus hespanhoes que têem chegado aqui das provincias livres, todos elles juntos se conspiraram a obstar a que se não fizesse a proposição no dia 20, como estava determinado para a discussão. Era já publico em Cadiz que duas terças partes do congresso, isto é, cem votos seguros, estavam a favor de sua alteza, e que havia já entregue um deputado de antemão a um dos secretarios das côrtes um excellente discurso para se ler em publico, concluindo com a proposição.

Ha uma resolução das côrtes do anno de 1811, a pedido do chefe dos liberaes (Arguelles), que em se tratando de uma pessoa real para a regencia, se propozesse em sessão publica, porque nas sessões particulares não têem os libe-

raes o partido do povo illudido. Já é constante que em havendo alguma questão importante em publico, se procuram encher as galerias de pessoas para approvarem ou desapprovarem, e sabendo eu que dos partidos que acima digo iam bastantes, procurei tambem mandar um reforço de gente ordinaria por dinheiro, e de alguns amigos que graciosamente se offereceram para contribuir a um fim tão justo. N'estes termos tudo estava disposto com a reserva possivel para se fallar no assumpto no dia 20 de março de 1813, quando, depois que entraram os deputados no congresso, se espalhou por toda a cidade, pelas esquinas e dentro das mesmas côrtes, o papel incendiario que remetto a v. ex.ª, e que o redactor não quiz inserir no seu periodico, seguindo-se a isto diversas patrulhas dos partidos contrarios (em que não julgo entrasse o inglez) de liberaes republicanos e afrancezados, ameaçando em altas vozes de assassinar a punhaladas o deputado que fizesse a proposição a favor da senhora princeza, de maneira que se amotinou toda a cidade, e por consequencia se lhe reuniu um grande numero de povo, que de ordinario lhe agrada tudo que é novidade e tumulto.

Logo constou esta novidade dentro do congresso, e o presidente, que era mui addicto á nossa causa, procurou dissimular, fazendo que se lesse sómente n'aquelle dia o dictamen da commissão para se discutir nos dias seguintes, e levantou a sessão.

Continuaram os tumultos e os escriptos em todos os periodicos contrarios ou liberaes, a que procurei responder com outros escriptos, guardando sempre a dignidade, que era propria da pessoa a quem defendia; e chegou a tal ponto a insolencia dos contrarios, que obrigaram o redactor, que é meu vizinho, e que me tinha promettido, sem embargo de ser liberal, de nada dizer em contrario, a pôr no seu periodico tres artigos, sob pena de ser a sua casa e a minha, que lhe está unida, queimadas ambas logo que principiasse a revolução, já determinada a principiar logo que se fallasse nas côrtes em sua alteza real.

Para v. ex.ª formar uma idéa do interesse com que lucta-ram de palavras e por escripto, basta ler todos os papeis me remetto pró e contra, certificando-lhe que em todo o Cadiz por quatro dias não se tratou de outra cousa, não podendo já os meus amigos e deputados vir a minha casa, que estava rodeada de espias, e principalmente pela noite até andavam em perigo de vida. Finalmente, depois de grandes meditações e conferencias assentámos que era imprudente expor esta cidade a uma revolução, fazendo n'isto a vontade aos partidos contrarios, que não olham a outra cousa senão a estabelecerem uma republica e a perderem este desgraçado reino. Conviemos em ganhar tempo em não consentir que a regencia fosse amovivel, como pretendia a commissão, para seguir o systema dos governos revolucionarios dos consules em França e da junta de Buenos Ayres. Que a nova regencia se não compozesse de liberaes de dentro ou de fóra das côrtes, como elles desejavam, e que para aquietar os espiritos exaltados se confirmasse permanente a regencia actual do sr. cardeal de Bourbon, de D. Pedro Agar e de D. Gabriel Ciscar, o que teve logar no dia 22 do corrente. Por este modo nenhum dos partidos ficou satisfeito. Eu não pude conseguir que fosse chamada para a regencia a senhora princeza; os inglezes não poderam mudar Agar e Ciscar, que lhes são inteiramente contrarios, e que foram já expulsos pelos mesmos inglezes quando se estabeleceu a regencia que acabou, entrando o duque do Infantado, Villavicencio e O'Donnell, pessoas tão escolhidas pelo embaixador; e os liberaes só têem influencia com o secretario do sr. cardeal, que é tambem liberal, e que segundo se affirma domina seu amo; porém, com os outros dois regentes não têem acceitação, porque são muito boas pessoas e de optimas qualidades.

Se o governo em Cadiz podesse obrar livremente, poderia dizer-se que esta regencia continuaria até á reunião das novas côrtes em outubro d'este anno; porém, quem está vendo de perto a marcha desgraçada que têem seguido as differentes regencias aqui estabelecidas, e o quanto se tem augmen-

tado o frenetico despotismo dos liberaes, conhece já que todos os bons téem succumbido, e se deixam dominar por uma porção de malvados, os quaes farão as maiores novidades e exercitarão todo o seu despotismo, que terminaria, se por um milagre apparecesse o senhor D. Fernando VII e seu irmão; se viessem para Lisboa os nossos augustos principes; ou se as provincias (como ha bastantes indicios) dessem um grito e se separassem d'esta infeliz cidade, o que logo faziam a Galliza, a Extremadura e as Castellas, assim que chegasse a Lisboa a senhora princeza (tendo-me assegurado muitas vezes os deputados nas côrtes por aquellas provincias que immediatamente iriam buscar sua alteza real), então em algum d'estes casos se poderiam remediar as desgraças que nos ameaçam. Digo bastantes indicios, por ser constante o descontentamento em que estão as provincias e o odio que professam aos liberaes.

A Catalunha acaba de fazer uma representação ao congresso, com a ameaça de não obedecer ao governo, se lhe não mandam alguns auxilios; Valencia não tem cumprido muitas ordens; em Navarra Espoz y Mina, que governa toda a provincia, ainda não publicou ali a constituição; em Galliza e Extremadura bem sabe v. ex.ª o descontentamento que ali domina, e nas mesmas Andaluzias ha frequentes discordias, e muito mais agora depois de extincta a inquisição. Hoje mesmo chegou a noticia de se ter prégado na cidade de Cordova um sermão a favor da inquisição, e que todo o povo tomou o partido do orador, resultando uma grande desordem que deu trabalho a aquietar, e maiores consequencias se esperam quando ali chegarem os deputados d'aquella cidade e sua provincia, que foram lançados fóra do congresso por intrigas dos liberaes, e por serem quasi todos clerigos, e terem fallado a favor da mesma inquisição. Mais se admirará ainda v. ex.ª (e com bastante magua o refiro!) quando souber ter chegado a tal ponto a ingratidão e insolencia d'estes revolucionarios, que estão ultrajando os inglezes e o seu embaixador, passando de noite pela sua porta em grandes ranchos e com musicas, dando vivas a Ballesteros para des-

feitear o mesmo embaixador, espalhando por toda a cidade um sem numero de invectivas para indispor o povo contra os inglezes, e pretenderem que a regencia actual dê o commando do exercito a Ballesteros; que derogue o decreto de general em chefe a favor de lord Wellington; e que façam sair de Cadiz, ilha de Leão, Ceuta e Carthagena as guarnições inglezas, dizendo os chamados patriotas de Cadiz, ou, para melhor dizer, os revolucionarios, que não se precisa de inglezes na Hespanha.

Um dos projectos d'estes malvados é estorvar que para outubro proximo se reunam as novas côrtes. Já nomearam uma commissão de alguns deputados escolhidos entre os mais exaltados liberaes para a revisão dos poderes que vão apresentando os novos deputados que as provincias vão nomeando, e por qualquer pretexto tudo reprovam; e vendo que nas côrtes actuaes ha um grande partido de clerigos, e que um maior numero d'elles se acham nomeados para as proximas côrtes, esperam propor e vencer que não entrem mais clerigos no congresso, e o mais escandaloso ainda é o procurarem ajuntar muitas assignaturas entre as suas quadrilhas por fóra das côrtes, e formar uma representação pedindo a continuação das actuaes até março de 1814. Tal é o governo de Cadiz com a sua constituição, e a liberdade dos cidadãos, tão decantada por esta porção de patriotas revolucionarios. Deus permitta que se não communique nas provincias um contagio tão ruinoso, e que á maneira da França se levante entre os mesmos revolucionarios outro Buonaparte em Hespanha, que reduza á escravidão um reino e uma nação que tanta gloria adquiriu na sua resistencia contra os francezes para acabar tão desgraçadamente. Pelo que pertence aos que estão vivendo em Cadiz, já os considero inteiramente dominados por uma porção de malvados, de accordo com cinco periodistas que fazem a lei, desacreditando a quem lhes parece e a quem se lhes oppõe sem regresso algum, pois infeliz d'aquelle que procura defender-se de palavra ou por escripto.

Á vista d'este horroroso quadro, que julgo do meu dever

apresental-o a v. ex.ª com as côres mais vivas e significa
tes, tambem a minha consciencia me obriga a recomme
dar á consideração dos srs. governadores do reino e
v. ex.ª, se conviria que o governo informasse a lord W
lington com aquella circumspecção que lhe é propria, e s
entrar nas intrigas que ha contra os inglezes (porque ju
não deixará mr. Wellesley de informar seu irmão a e
respeito), que poupe quanto for possivel o sangue portug
dentro em Hespanha, pois que se o veneno, que presen
mente está dentro dos muros de Cadiz, se derrama p
provincias, talvez... com grande magua do meu cora
o digo, talvez nos faça falta nas fronteiras de Portugal.

De todos os papeis pró e contra que sairam n'estes d
de tribulação, tomo a liberdade de remetter a v. ex.ª du
cados para me fazer o favor de os dirigir ao sr. conde
Galveias com uma copia d'esta carta, para que tudo s
presente ao nosso augusto principe. No *Redactor* n.º 650
no *Conciso* n.º 23, observará v. ex.ª que já se vão dispo
os ataques contra os inglezes.

Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. Cadiz, 27 de ma
de 1813. — Tenho a honra de ser, ill.ᵐᵒ e ex.ᵐᵒ sr. D. Mig
Pereira Forjaz, de v. ex.ª obrigadissimo creado. = *Joaqu
Severino Gomes.*

DOCUMENTO N.º 111

(Citado a pag. 76)

Partes officiaes dirigidas por lord Wellington ao seu governo sobre a batalha dos Pyrenéus

Officio para o conde de Liverpool

Lesaca, 25 de julho de 1813.

Buonaparte fez partir Soult de Dresde a 4 por causa
noticia de termos passado o Ebro. Não soube da batalha
não a 6. V. s.ª não ignora que devemos continuar os no
esforços contra o inimigo, a fim de bem nos estabelecer

sobre esta fronteira, e então poderei decidir se os dirigiremos para França ou para a Catalunha durante o resto da campanha. Isto dependerá muito do que se houver de passar no norte da Europa. Não penso que possamos seguir com successo sobre esta fronteira de Hespanha o mesmo systema em que nos apoiámos no paiz entre o Tejo e o mar. Esta linha é pouco extensa, e as communicações muito faceis e curtas pela nossa parte. A linha dos Pyrenéus abrange, porém, não menos de setenta passagens nas montanhas, communicando-se todas da parte do inimigo, segundo me consta. Nós podemos facilitar a defeza fortificando algumas d'estas passagens, mas nunca fazer nos Pyrenéus o que praticámos no paiz entre o Tejo e o mar. As tropas hespanholas, presentemente uteis, ainda mais o serão para defender as passagens.

A verdade, porém, é que os exercitos hespanhoes não se augmentam consideravelmente pelos recrutas das provincias citadas por v. s.ª, posto tenham já fornecido um grande reforço ás divisões de Longa, Mina e Porlier, e ás tropas que servem sob as ordens de Mendizabal. E se eu disser a v. s.ª que contámos ao presente cento e sessenta mil homens, pensará sem duvida que temos gente bastante para defender as posições dos Pyrenéus; mas faltam os meios de pagar, nutrir e fornecer de vestuario esses individuos, a fim de mantel-os em campanha no estado de disciplina e de vigor convenientes para prestarem serviços reaes ao paiz que os emprega. O que affirmo, póde v. s.ª apreciar-o quando lhe disser que d'esse numero apenas um terço ou um quarto se occupa contra o inimigo, e ainda assim em circumstancias desfavoraveis de ordem e robustez. Os nossos esforços deveriam, portanto, applicar-se a melhorar os recursos financeiros da Hespanha, de preferencia a augmentar o numero de homens nos exercitos hespanhoes. Só hoje tive uma proposição de Longa para ir para a retaguarda, por não achar na frente nem soldo, nem viveres. Todos têem as mesmas precisões, e, quanto eu o posso saber, não ha agora tropas pagas em Hespanha, excepto aquellas a quem tenho podido

distribuir dinheiro da nossa caixa militar á conta do subs
que se dá á mesma Hespanha.

V. s.ª sabe muito bem qual tem sido o caracter dos he
nhoes durante a guerra e a nossa união com elles, para
nhecer que de nada servirá obrigal-os a tomar medidas
lhes não agradem. Não mostram o menor desejo de em
garem os nossos officiaes em disciplinar as suas tropa
ponto de provir d'ellas algum partido util, e creio que
das rasões por que me estimam tanto consiste em não
bordinal-os a officiaes inglezes, como esperavam. Por o
lado, como acima digo a v. s.ª, ás tropas hespanholas
falta disciplina, quando por disciplina se entenda instruc
o que ellas não possuem é systema de ordem, que só p
basear-se n'uma paga regular, sobre viveres, tratamen
vestuario seguros. Tudo isto é difficil garantir-lhes, e a
que os portuguezes sejam hoje os gallos do exercito, j
que mais devemos as suas qualidades ao cuidado que
pregâmos em lhes encher as bolsas e os estomagos, do
á instrucção recebida. Na ultima campanha conduziram
excessivamente mal, sendo uma das causas a miseria re
tante do governo portuguez não lhes pagar. Tenho obri
este anno o referido governo a arranjar-se de modo qu
paga em dia, e toda a gente sabe como se têem comport
As nossas tropas batem-se sempre, mas a influencia de
pagamento regular faz-se muito bem sentir na sua condi
saude e vigor. Quanto ás tropas francezas é notorio
nada fazem quando não são pagas e nutridas convenie
mente.

Se v. s.ª me fizer a graça de tornar a ler a carta que
escrevi em 1809 relativamente á defeza de Portugal, e
curar as notas da situação que cada semana enviava ao
cretario d'estado, ali verá que raras vezes temos tido
fileiras do exercito portuguez e inglez o numero com
que figurava nas referidas notas. Até mesmo n'estes ult
tempos nunca reuni sessenta mil homens no campo,
agora os tenho, não se contando, como assim deve se
corpo de lord W. Bentinck. O meu parecer é que pre

nos de sessenta mil homens de tropas britannicas e portuguezas, emquanto fizermos a guerra na peninsula; os exercitos hespanhoes terão aquillo que podérem.

Um dos resultados das operações d'este estio com que devereis contar é uma grande alteração na despeza, pelo menos quanto ao exercito inglez. Logo que me apodere de S. Sebastião começarei a reduzir todas as que fazemos em Portugal, completando a reducção assim que estiver senhor de Pamplona, independentemente de outras que possam effectuar-se na costa septentrional da Hespanha; espero, pois, que me será possivel ter os nossos principaes armazens em Inglaterra, e bem assim os hospitaes, e que pelo menos a despeza do transporte do exercito se reduzirá. Tambem me persuado que d'aqui em diante teremos mais dinheiro, e v. s.ª póde contar que todas as sommas dispendidas em compras no paiz aproveitarão enormemente ao governo.

Officio para o conde de Bathurst

Santo Estevão, no 1.º de agosto de 1813.

Duas brechas praticaveis se fizeram em S. Sebastião a 24 de julho, dando-se por esta causa as ordens para se atacarem na manhã de 25. Sinto annunciar-vos que a tentativa para nos assenhorearmos d'esta praça falhou, e que as nossas perdas foram consideraveis. Cheguei ao cerco a 25, e depois de ter conferenciado com o tenente general sir T. Graham e os officiaes de artilheria e engenheria, julguei necessario augmentar as facilidades do ataque antes de o recomeçar. Mas feito o exame do estado das nossas munições, vi que d'ellas não tinhamos bastantes para obter algum resultado antes da chegada das que pedira pela minha carta de 26 de junho. Tenho rasões para julgar que estes objectos foram embarcados em Portsmouth, e espero por elles a cada instante. Pedi, portanto, que o cerco se mudasse em bloqueio, como sendo a melhor medida, e de tarde parti para Lesaca.

O marechal Soult fôra nomeado logar-tenente do impera-

dor e commandante em chefe dos exercitos francezes
Hespanha e nas provincias meridionaes da França por
decreto imperial do 1.° de julho. Chegou elle a 13, e tom
o commando do exercito, ao qual, tendo-se-lhe juntado qu
pelo mesmo tempo o corpo que estivera em Hespanha
as ordens do general Clausel, e outros mais reforços, se
então o nome de *exercito de Hespanha*, compondo-se de n
divisões de infanteria, formando a direita, centro e esque
debaixo das ordens do general Reille, do conde d'Erlo
do general Clausel, como tenentes generaes; de uma
serva debaixo das ordens do general Villate e de duas di
sões de dragões e de uma de cavallaria ligeira, as duas p
meiras debaixo das ordens dos generaes Treillard e T
e a ultima debaixo das do general Pedro Soult. Tinha
alem d'isto aggregado ao exercito uma artilheria consi
ravel, e um grande numero de peças tinham já chega
O exercito alliado estacionava, como já informei a v.
nas passagens das montanhas, com o designio de cobri
bloqueio de Pamplona e o cerco de S. Sebastião.

A brigada de infanteria ingleza do major general By
e a divisão de infanteria hespanhola do general Morillo es
vam na direita, na passagem de Roncesvalles. O tenente g
neral sir L. Cole conservava-se em Viscaret para os apo
e o tenente general sir F. Picton em Olague com a terc
divisão em reserva. O tenente general sir R. Hill occup
o valle de Bastan com o resto da segunda divisão e a
conde de Amarante; a brigada portugueza do general Cam
bell estava destacada nos Aldudes, no territorio franc
A divisão ligeira e a setima occupavam as alturas de Sa
Barbara, a cidade de Vera e o Puerto de Echalar, guardan
as communicações com o valle de Bastan; a sexta esta
em reserva em Santo Estevão; a do general Longa guard
as communicações entre as tropas em Vera e aquellas q
estavam ás ordens do tenente general sir Thomás Grah
e do marechal de campo D. P. A. Giron sobre a estr
real. O conde de la Bisbal bloqueava Pamplona. O defe
d'esta posição era que as communicações entre muitas

nossas forças se tornavam lentas e difficeis, emquanto que as do inimigo na frente das passagens eram curtas e faceis, e em caso de ataque as tropas sobre a linha dianteira não se podiam auxiliar umas ás outras, nem procurar outro apoio senão o da retaguarda.

A 24 o marechal Soult reuniu as alas da direita e esquerda do seu exercito com uma divisão do centro e duas divisões de cavallaria em Saint-Jean Pied de Port, e a 25 atacou com trinta a quarenta mil homens a posição do general Byng em Roncesvalles. O tenente general sir L. Cole marchou em seu soccorro com a quarta divisão, e estes dois generaes poderam manter-se ali por todo o dia; mas o inimigo tendo-a torneado pela tarde, o tenente general sir L. Cole pensou que era necessario effeituar a retirada durante a noite, o que fez dirigindo-se para as vizinhanças de Zubiri. Nos acontecimentos que tiveram logar n'este dia distinguiu-se o regimento n.º 20. Duas divisões do centro do exercito inimigo atacaram a posição de sir R. Hill no Puerto de Maya, á entrada do valle de Bastan, depois do meio dia. O forte da acção foi sustentado pelas brigadas dos majores generaes Pringle e Walker, da segunda divisão, commandada pelo tenente general o honrado W. Stewart. Estas tropas foram ao principio obrigadas a ceder; mas sendo sustentadas pelo major general Barnes, da setima divisão, retomaram a parte da sua posição que era a chave de tudo, e isto lhes teria facilitado o estabelecerem-se n'ella, se as circumstancias lh'o permittissem; sir R. Hill, reconhecendo a necessidade que sir L. Cole tivera de se retirar, julgou tambem conveniente que as suas tropas fossem para Irurita, não avançando o inimigo no seguinte dia para alem do Puerto de Maya. Este, apesar da sua superioridade em numero, teve só uma fraca vantagem sobre as nossas bravas tropas durante as sete horas que durou o conflicto. Todos os regimentos carregaram á bayoneta. A conducta do regimento n.º 82, que marchou com a brigada do major general Barnes, é particularmente citada. O tenente general, o honrado W. Stewart, foi ligeiramente ferido.

De similhantes acontecimentos só tarde fui instruido, na noite de 25 para 26, de que resultou tomar logo as medidas para concentrar o exercito sobre a direita, a fim de prover ao cerco de S. Sebastião e ao bloqueio de Pamplona. Isto seria effeituado a 27 pela manhã; mas o tenente general sir L. Cole e o tenente general sir F. Picton concordaram que a sua posição em Zubiri não era sustentavel por todo o tempo que n'ella precisavam manter-se. Retiraram-se portanto a 27 pela manhã, e tomaram uma outra propria a cobrir o bloqueio de Pamplona; a sua direita, composta da terceira divisão, estava na frente de Huarte, estendendo-se até ás montanhas alem d'Olagné a sua esquerda, composta da quarta divisão, da brigada do major general Byng, da segunda divisão e da brigada portugueza do brigadeiro general Campbell, da divisão do conde de Amarante, nas alturas em frente de Villalba, tendo a esquerda n'uma capella por traz de Sorauren, sobre a estrada real de Ostiz a Pamplona, e a direita apoiada n'uma altura que defendia a estrada real de Zubiri a Roncesvalles. A divisão de infanteria hespanhola do general Morillo, e a fracção do corpo do conde de la Bisbal, que não estava occupada no bloqueio, ficaram de reserva. O regimento de Pravia e o do Principe foram destacados d'este ultimo corpo para occuparem uma parte da montanha á direita da quarta divisão, que defendia a estrada de Zubiri. A cavallaria ingleza do tenente general sir S. Cotton estacionou perto de Huarte sobre a direita; era este o unico terreno em que se podia empregar a cavallaria.

A ribeira de Lanz corre no valle que estava á esquerda do exercito alliado e á direita do exercito francez, ao longo da estrada de Ostiz. Por traz d'esta ribeira ha uma cadeia de montanhas ligada a Lizaso e a Marcalain, logares por que era necessario communicar com o resto do exercito. A 27 reuni-me á terceira e quarta divisões, exactamente quando ellas tomavam a sua posição, formando pouco depois o inimigo o seu exercito sobre uma montanha cuja frente se estende da estrada real de Ostiz para a de Zubiri. Poz elle uma divisão á esquerda d'esta estrada sobre a altura e em

muitas aldeias em face da terceira. Ali tinha elle igualmente um consideravel corpo de cavallaria.

Pouco depois de se ter estabelecido sobre o seu terreno o inimigo atacou a montanha á direita da quarta divisão, que estava occupada por um batalhão do 4.º regimento portuguez e pelo regimento hespanhol de Pravia. Estas tropas defenderam-se bem e repelliram o inimigo á bayoneta. Vendo a importancia d'esta montanha para a nossa posição, mandei de reforço o regimento n.º 40, o qual com os regimentos hespanhoes, o do Principe e Pravia ahi se mantiveram desde este momento, apesar dos repetidos esforços do inimigo durante os dias 27 e 28 para d'ella se assenhorear. Quasi ao mesmo tempo que se atacou esta altura a 27, o inimigo assenhoreou-se da aldeia de Sorauren sobre a estrada de Ostiz, o que o levou a ganhar uma communicação por esta estrada, entretendo um fogo de mosquetaria sobre toda a linha até á noite.

Pela manhã de 28 reuniu-se-nos a sexta divisão de infanteria. Ordenei que as alturas fossem occupadas á esquerda do valle de Lanz, e que a dita divisão se formasse através do valle por traz da esquerda da quarta divisão, apoiando a sua direita sobre Oricain e a esquerda nas alturas acima mencionadas. A sexta divisão tinha apenas tomado posição quando foi atacada por uma consideravel parte do inimigo que se reunira no valle de Sorauren; mas a sua frente foi tão bem defendida pelo fogo das tropas ligeiras, dirigido das alturas á esquerda pela quarta divisão e pela brigada portugueza do brigadeiro general Campbell, que o inimigo foi promptamente repellido com grande perda, devida ao fogo que apanhou de frente sobre os dois flancos e a retaguarda.

Então, vendo o embaraço das tropas no valle de Lanz, e desejando dar-lhe fim, veiu atacar a esquerda da quarta divisão no ponto occupado pelo 7.º batalhão de caçadores portuguezes. N'um instante se fez senhor d'ella; mas foi atacado de novo pelos caçadores do major general Ross e a brigada da quarta divisão, sendo repellido com grande pre-

juizo. A batalha tornou-se então geral sobre a frente das alturas occupadas por aquella, e em toda a parte foi a nosso favor, excepto no logar em que se achava um batalhão do 10.° regimento portuguez da brigada do major general Campbell. Este batalhão, sendo repellido e obrigado a fugir immediatamente á direita da brigada do major general Ross, teve que abandonar a sua posição. Ordenei todavia aos regimentos n.os 27 e 48 de carregar ao principio o corpo inimigo que se estabelecêra sobre a altura, e depois aos outros corpos da esquerda. O resultado foi proveitoso, porque o inimigo soffreu uma derrota e teve muitas baixas. A sexta divisão tendo avançado ao mesmo tempo sobre um logar mais proximo da esquerda da quarta, o ataque cessou por completo, e só frouxamente proseguiu sobre os outros pontos da nossa linha.

No decurso d'este combate a brava quarta divisão, que por muitas vezes se distinguira n'este exercito, excedeu-se sobremaneira. Todos os regimentos carregaram á bayoneta, e o 40.°, 7.°, 20.° e 23.° por quatro differentes vezes. Os officiaes deram-lhes o exemplo, e o major general Ross teve dois cavallos mortos debaixo de si. As tropas portuguezas tambem se comportaram admiravelmente, e tenho toda a rasão de estar satisfeito da conducta dos regimentos hespanhoes do Principe e de Pravia. Havia eu dado ordem ao tenente general sir R. Hill que marchasse para Lanz sobre Lizasso, logo que soube que os tenentes generaes sir F. Picton e sir L. Cole tinham partido de Zubiri, e o tenente general conde de Dalhousie de Santo Estevão para o mesmo logar, onde todos chegaram a 28. A setima divisão foi para Marcalain. As forças contrarias que tinham feito face a sir R. Hill seguiram a sua marcha, dirigindo-se para Ostiz a 29. O inimigo assim augmentado, e occupando sobre as montanhas uma posição que parecia inexpugnavel, vendo que não podia romper a nossa frente, diligenciou tornear a esquerda, atacando o corpo de sir R. Hill. Com este fim deu ordem a uma divisão de reforçar as tropas que tinham já sido opostas a este ultimo, e que estacionavam ainda nos mesmos

pontos onde se achava a sua principal força; chamou para a esquerda as que estavam nas alturas em face da terceira divisão, e na noite de 29 para 30 occupou em força a crista da montanha á nossa esquerda do Lanz, em face da sexta e setima divisões, conseguindo assim reunir a direita com estas ultimas que haviam sido destacadas para atacar o tenente general sir R. Hill.

Entretanto resolvi-me a tomar a offensiva. Em consequencia d'isto ordenei ao tenente general conde de Dalhousie que se assenhoreasse do alto da montanha adiante d'elle, de maneira a tornear-lhe a direita, e ao tenente general sir F. Picton de atravessar as alturas onde estava a esquerda, e de tornear esta pela estrada de Roncesvalles. Todas as disposições foram tomadas para o ataque de frente logo que o effeito d'estes movimentos sobre os flancos se fez notar. O major general o honrado E. Pakenham, que eu tinha enviado para assumir o commando da sexta divisão, por ter sido ferido o major general Pack, torneou a aldeia de Sorauren assim que o conde de Dalhousie expelliu o inimigo da montanha que sustentava este flanco; e a sexta divisão, quando a brigada do major general Byng, que havia soccorrido a quarta divisão á esquerda da nossa posição sobre a estrada de Ostiz, atacou fortemente e apoderou-se d'esta aldeia. O tenente general sir L. Cole atacou tambem de frente a principal posição do inimigo com o 7.º batalhão de caçadores portuguezes, sustentado pelo regimento portuguez n.º 11, pelo 40.º e o batalhão do coronel Bingham, composto do regimento n.º 53 e do da rainha. Todas estas operações forçaram o inimigo a abandonar uma posição que é das mais fortes e inaccessiveis que até hoje tenho visto occupadas por tropas. Na sua retirada o inimigo perdeu grande numero de prisioneiros.

Não posso louvar bastante a conducta de todos os generaes, officiaes e soldados durante o decurso d'estas operações. O ataque feito pelo tenente general conde de Dalhousie foi dirigido admiravelmente por s. s.ª, e executado da mesma maneira pelo major general Inglis e as tropas da sua brigada.

O do major general o honrado E. Pakenham e do majo
neral Byng, o do tenente general sir L. Cole e o movin
de sir T. Picton, mereceram a minha inteira approv
Este ultimo general cooperou para o ataque da mont
destacando as tropas da sua esquerda; o tenente coro
French foi ferido, porém não gravemente, como me
suado.

Durante estas operações, e à medida que observava
exito, enviei tropas para sustentarem o tenente gener
R. Hill. O inimigo appareceu na sua frente pela man
bastante tarde, e começou logo a manobrar e a estend
sobre o flanco esquerdo; isto obrigou-o a retirar-se d
tura que occupava por traz de Lizaso para as monta
vizinhas. Todavia ali se manteve, e junto aqui o seu rela
ácerca da conducta das tropas. Eu continuei a perseg
inimigo na sua retirada da montanha até Olague, onde
guei ao pôr do sol, immediatamente sobre a retaguard
forças que tinham atacado o tenente general sir R. Hill. (
migo retirou-se diante d'elle pela noite, e tomou hontem
forte posição com duas divisões para proteger a sua r
guarda na passagem de D. Maria. O tenente general si
Hill e o conde de Dalhousie atacaram e venceram a pa
gem, apesar da vigorosa resistencia do inimigo e da f
da sua posição. Sinto acrescentar que o tenente gener
honrado W. Stewart foi ferido n'este ataque. Junto aq
relatorio do tenente general sir R. Hill. Durante este te
puz-me em movimento com a brigada do major general I
e a quarta divisão, debaixo das ordens do tenente gener
honrado sir L. Cole, para a passagem de Velate, sobre
rita, a fim de tornear a posição do inimigo em D. M
O major general Byng tomou em Elizondo um conside
comboio em marcha para o inimigo no valle do Bida
e pela nossa parte muitos homens e bagagem. O majo
neral Byng assenhoreou-se do valle de Bastan e do P
de Maya, e o exercito estará esta noite quasi na mesm
sição que occupava a 25 de julho.

Espero que sua alteza real o principe regente ficará

feito da conducta das tropas de sua magestade, e da dos seus alliados n'estas circumstancias. O inimigo, depois de consideravelmente reforçado e reequipado, em consequencia da sua ultima derrota, fez uma tentativa das mais formidaveis para romper o bloqueio de Pamplona com todas as suas forças, á excepção da reserva commandada pelo general Villatte, que ficou na frente das nossas tropas sobre a estrada real de Irun. Esta tentativa foi completamente mallograda pelas operações de uma parte sómente do exercito alliado, e o inimigo experimentou uma derrota, soffrendo perdas sérias em officiaes e soldados. As esperanças de successo que o inimigo concebêra, alem do levantamento do bloqueio de Pamplona, eram por certo muito presumpçosas. Tinha elle trazido para Hespanha um consideravel corpo de cavallaria e grande numero de peças de artilheria; uma d'estas armas não póde ser empregada convenientemente para nenhum dos belligerantes na batalha que teve logar. O inimigo reenviou as peças para Saint-Jean Pied de Port pela tarde de 28, e por este modo se retirou para França com segurança.

Os detalhes d'estas operações farão ver a v. s.ª quanto fiquei satisfeito com a conducta dos generaes, officiaes e soldados. É impossivel pintar a bravura e enthusiasmo da quarta divisão. Sou muito devedor ao tenente general sir L. Cole pela maneira por que dirigiu as suas operações; aos majores generaes Ross, Anson e Byng, e ao brigadeiro general Campbell, ao serviço portuguez. Todos os commandantes e os officiaes dos regimentos se assignalaram pela sua coragem; mas notei particularmente o tenente coronel O'Toole, do 7.° batalhão de caçadores portuguezes, na carga contra o inimigo na nossa esquerda em o dia 28, e o capitão Joaquim Telles Jordão, do regimento portuguez de infanteria n.° 11, no ataque da montanha no dia 30. Desejo chamar igualmente a attenção de v. s.ª sobre a preciosa assistencia que me prestou durante todas estas operações o tenente general sir R. Hill, e sobre as do tenente general o conde de Dalhousie e do tenente general sir T. Picton, nos

rechal sir W. Beresford não me deixou durante toda
operações, e d'elle recebi a assistencia que os seus t
o habilitavam a dar-me. A boa conducta dos officiaes
dados portuguezes na presente campanha, e a corage
têem mostrado em todas as circumstancias não são
honrosas para esta nação, quanto para o caracter d
ral que pelas suas sabias medidas restabeleceu a dis
e fez renascer o espirito militar no seu exercito.

Devo ainda fixar a attenção de v. s.ª sobre o preci
xilio que recebi durante estas operações do quartel
general o major general Murray, do ajudante general
jor general Pakenham, e dos officiaes das respecti
partições; do lord Fitz Roy Somerset, do tenente
Campbell e dos officiaes do meu estado maior p
Ainda que o numero dos nossos feridos é bastante el
considero-me feliz em poder affirmar que a maioria
rimentos não tem gravidade. Sinto muita satisfação e
ao conhecimento de v. s.ª que os cuidados mais atte
lhe têem sido dados pelo inspector geral o dr. Mc. G
pelos officiaes da repartição que dirige. Attenta a e
e a natureza dos movimentos, e as continuas diffic
das communicações, tenho todo o motivo para estar
mamente satisfeito com o zêlo e esforços de sir R. K
commissario geral, e dos officiaes da sua repartição
esta campanha. Elle tem conseguido aprovisionar n
dade as tropas, de fórma tal, que excede toda a espe

genero de operações, que se não podem inserir n'um despacho. Sua alteza teve um cavallo morto debaixo de si na batalha perto de Sorauren, no dia 28 de julho.

P. S. — Esqueceu-me dizer a v. s.ª no corpo d'este despacho que as tropas em Puerto de Maya perderam quatro peças portuguezas no dia 25 de julho. O major general Pringle, que commandava no começo do ataque, mandou-as retirar para Maya; mas quando chegou o tenente general Stewart, ordenou-lhe que as fizesse de novo marchar, a fim de retirarem pela estrada da montanha para Elizondo. No entretanto o inimigo assenhoreou-se da passagem, interceptando a communicação que não poderam alcançar.

Junto aqui a nota das perdas em frente de S. Sebastião desde o dia 7 até 29 de julho, e a dos mortos, feridos e extraviados nas operações desde 25 do mez ultimo até ao 1.º do corrente.

DOCUMENTO N.º 112

(Citado a pag. 85)

Insuspeitos testemunhos de alguns generaes inglezes abonando o valor do exercito portuguez nas batalhas junto dos Pyrenéus

Officio do marechal Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz

Ill.mo e ex.mo sr. — Com a mais particular satisfação levo ao conhecimento de v. ex.ª, para que se sirva apresental-as a s. ex.as os srs. governadores do reino, a ordem do dia de 25 do corrente[1], e por sua intervenção levada á augusta presença de sua alteza real, que mandei publicar ao exercito pelo seu brilhante comportamento nas ultimas acções

[1] Esta ordem do dia vae transcripta no corpo da obra a pag. 426 do terceiro volume.

desde 9 até 13 d'este mez, e posso certificar a v. ex.ª de que não sou nada exagerado nas expressões com que elogio as valorosas tropas que o compõem, antes sinto muito que os termos de que uso não possam expressar o seu abalisado esforço e disciplina tão dignamente como ellas merecem.

Tomo tambem a liberdade de remetter a v. ex.ª as traducções inclusas das participações que recebi de alguns generaes britannicos, commandantes das divisões, que particularisam com mui distincto valor a exemplar conducta das tropas portuguezas que cooperaram com elles, e o efficaz auxilio que d'ellas receberam, confessando ser-lhes devida uma grande parte da gloria do successo d'aquelles dias, pois creio que será mui agradavel a s. ex.as ver o tributo de justa admiração que entre si se pagam as tropas das duas nações, britannica e portugueza, e a perfeita harmonia que entre ellas existe em todas as occasiões.

Eu não deixarei escapar esta opportunidade sem recommendar á consideração de sua alteza real as esforçadas tropas do seu exercito, e implorar ao mesmo tempo a sua protecção a favor das familias que ficaram sem abrigo pela sentida, porém gloriosa morte dos seus chefes no serviço do seu soberano, ainda que s. ex.as os srs. governadores do reino com o especial desvelo e patriotismo que os anima em favor do seu paiz têem tido toda a contemplação com as familias que, estando n'estas circumstancias, foram por minha intervenção postas debaixo do seu amparo.

Deus guarde a v. ex.as Quartel general em Ustaritz, 27 de dezembro de 1813.=*Marechal W. C. Beresford, Marquez de Campo Maior*.=Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Correspondencia a que se refere o officio anterior

Carta de Andrew Hay

Meu querido sir William: — Tomo o primeiro momento que tenho de descanso, por ter sido rendida em a noite passada a quinta divisão pela primeira, para informar-vos que

s dias 9, 10 e 11 do corrente fomos bem fortemente ata-
dos por uma força muito superior do inimigo, e sinto
uita satisfação em participar o extremamente bom com-
ortamento do coronel Rego (Luiz do Rego Barreto) e da
a brigada, e particularmente do coronel Mc. Creagh e do
egimento n.º 3, que teve occasião de fazer um dos mais
ellos ataques que eu nunca vi sobre a estrada de Bayonna,
ccasião em que foi morto infelizmente o tenente coronel
orjaz (Luiz Diogo Pereira Forjaz). O major Campbell e o
egimento n.º 15 tiveram occasião de se distinguirem parti-
cularmente (na verdade elle é um official muito benemerito)
em o dia 11 dito, quando foi com o 9.º regimento britannico
para cobrir o ultimo movimento da divisão n'aquelle dia.

Foram muito attendiveis em todos os tres dias o zêlo e
attenção do major de brigada Fitz Gerald e do capitão
Brackemburg, que me prestaram consideravel auxilio. O co-
ronel Rego, ainda que recebeu uma contusão grave, não
quiz deixar o campo; eu supponho que elle mandará prova-
velmente uma participação dos sujeitos que debaixo do seu
commando tiveram occasião de se distinguirem.

Eu posso certificar que no decurso d'estes tres dias as
tropas portuguezas competiram com as britannicas em bra-
vura, desempenhando as suas obrigações. O batalhão de ca-
çadores n.º 8 fez consideraveis serviços; mas pedi ao coro-
nel Rego que vos informasse que elle tem falta de officiaes.
Lamento que as casualidades tenham sido tão severas na
divisão, e tivemos mais do que um terço, que n'ellas foi
comprehendido, entrando muitos officiaes estimaveis. Tive
occasião de observar particularmente do alferes Antonio
Pinto de Carvalhaes, do regimento n.º 15, o qual ainda que
ferido não deixou o campo. Devo pedir licença para recom-
mendar á vossa protecção o sargento Antonio de Almeida
Rosado, o mesmo homem que me ajudou tanto a reunir as
tropas em a sortida de S. Sebastião, que se tem distinguido
muitas vezes desde então debaixo das minhas vistas, e par-
ticularmente n'estes ultimos dias. O major Rosado, do regi-
mento portuguez n.º 3, cujo comportamento foi exemplar,

e ainda que gravemente ferido, ficou no campo por espa
de algumas horas exposto a um fogo mui forte. O major So
res, do regimento n.º 15, distinguiu-se particularmente, c
brindo no dia 11 do corrente o ultimo movimento da divis
para a nossa posição. Eu me considero muito feliz por t
debaixo do meu commando similhantes tropas. E permane
com grande attenção vosso fiel.=*Andrew Hay*, comma
dante da quinta divisão.=A sir Guilherme Beresford.

P. S.—Não devo esquecer-me de recommendar à vos
protecção o tenente Farinha, de caçadores n.º 8, pelo s
comportamento no dia 9 do corrente, em o qual foi ferid
elle tambem se distinguiu em S. Sebastião.

Carta de H. Clinton

Villa Franca, 14 de dezembro de 1813.

Senhor:—Frequentemente tenho tido occasião de men
cionar a v. ex.ª o meritorio comportamento do tenente coro
nel Brown, de caçadores n.º 9, e tambem o do seu excel
lente corpo. Eu agora me dirijo novamente a v. ex.ª em
consequencia da participação extremamente favoravel que
me fez o major general Byng dos serviços hontem pratica
dos pelo tenente coronel Brown e pelos officiaes e soldados
de caçadores n.º 9, e peço licença para os recommendar á
favoravel attenção de v. ex.ª Tenho rasão para lamentar a
grave perda que este corpo soffreu ultimamente, com parti-
cularidade pela morte do major Harrisson e pela ferida que
hontem recebeu o tenente coronel Brown, a qual, ainda que
não é perigosa, privará o seu paiz por algum tempo de apro-
veitar-se dos seus uteis serviços. É na verdade um motivo
de mais para o meu sentimento que a força d'este corpo fi-
casse tão reduzida nos dois ultimos combates em que elle
entrou, de sorte que apenas poderá ser a sufficiente para os
serviços de um corpo. Era contrario inteiramente ás minhas
intenções que os deixassem ser os que mais soffreram n
acção que tiveram hontem; porém o tenente general s

Guilherme Stewart, a quem foram mandados como apoio até que chegassem as outras tropas, conhecendo muito bem o que devia esperar da bravura do tenente coronel Brown e do seu corpo, aproveitou-se da occasião que então tinha para os empregar.

Tenho a honra de ser de v. ex.ª o mais obediente e humilde creado. = *H. Clinton*, commandante da sexta divisão. = A s. ex.ª o marechal Beresford, cavalleiro da ordem do Banho.

P. S. — Omitti, pela pressa com que escrevi, o nome do tenente ajudante Simpson, cuja assiduidade no desempenho dos seus deveres tive frequentemente occasiões de observar, e cuja bravura e intelligencia no campo mereceu por muitas vezes a attenção do seu commandante. O major que succedeu no commando do batalhão ao tenente coronel Brown, quando elle foi ferido, recommenda pela bravura que mostraram no ataque sobre a montanha em frente da direita da nossa posição de hontem, o capitão Valente e o tenente ajudante Simpson, e remetto a sua recommendação convencido de que estes officiaes são dignos da attenção de v. ex.ª

Carta de William Steward

Briscous, 16 dezembro de 1813.

Querido senhor: — Em toda a carreira do meu serviço militar não tive de satisfazer uma obrigação mais agradavel do que aquella que me sinto obrigado a fazer para com os valorosos officiaes e soldados do exercito portuguez que foram postos debaixo das minhas ordens por sir Rowland Hill na acção de 13 do corrente. O valor que manifestaram a brigada de artilheria do tenente coronel Tulloh, a brigada do commando do brigadeiro general Ashwort e a divisão commandada pelo marechal de campo Lecor n'esta lucta foi tal como devia ser, e excitou a admiração de todos os que presencearam ou testemunharam os acontecimentos d'aquelle

dia. Sem disparidade do valor e disciplina dos nossos prios nacionaes, estou inteiramente prompto a dar pelo nos uma parte igual d'estas virtudes guerreiras a toda tropas portuguezas que têem estado debaixo das mi vistas em toda esta ardua campanha, nem estou m prompto a attribuir o successo que coroou os esforço corpo alliado em 13 do corrente ao comportamento ve deiramente valoroso das tropas portuguezas acima men nadas.

No meu officio a sir Rowland Hill, sobre o comportam d'aquellas tropas, que me fez a honra de pôr debaixo minhas ordens n'aquella occasião, conheço que não e sufficientemente o merecimento de muitos corpos e offic que se distinguiram; o zêlo, a constancia e a determin para vencer foi tão decidida da parte dos que combate que eu receiei quasi ser injusto se tivesse marcado me mento algum particular. Sir Rowland Hill presenciou oc mente, e póde juntamente com a minha participação o servir de amplo testemunho sobre a grande obrigaçã que está constituida a nossa causa para com a extrema aperfeiçoada disciplina das tropas portuguezas, e parti mente para com a conducta d'ellas no dia 13 do corr N'aquella participação mencionei o merecimento de corpo em termos quasi geraes. A brigada do brigade neral Ashwort (6 e 18 de infanteria com caçadores em todas as occasiões d'esta campanha tem excitado in velmente a minha admiração. Nem nos differentes ex da Europa em que tenho servido durante esta guerr passada eu me achei com tropas em cujo nobre espír podesse confiar tanto, sendo bem dirigido. Unidos aos lhões britannicos da segunda divisão, e em muitas ve gados com elles, os corpos portuguezes repelliram o in á bayoneta, no dia 13 do corrente, de um modo que p sempre apontar como exemplo a todos os que combat na causa commum juntos com estes nossos valorosos dos.

Offereci á immediata attenção de sir Rowland Hill

lhante ataque que em um periodo critico da acção foi executado pelo regimento n.° 14, commandado pelo major Jacinto Travassos (Jacinto Alexandre Travassos, major graduado em tenente coronel), que foi gravemente ferido (e que depois morreu por causa dos seus ferimentos); e é da minha obrigação para com este valoroso official que eu chame a attenção de v. ex.ª para com o merecimento d'elle, e infinitamente me alegrarei se vós o promoverdes com promoção ou lhe conferirdes outras distincções. Se um similhante signal de respeito se póde mostrar á familia e memoria do valoroso major José (cremos que será Mathias José de Sousa, major do regimento de infanteria n.° 18), que morreu em um ataque do regimento n.° 18, elle seria tributado com rasão. O capitão Borges, que succedeu no commando d'este esforçado corpo, vos será favoravelmente mencionado pelo brigadeiro general Ashwort, e serei feliz se souber que mereceu e recebeu a vossa especial protecção. Emquanto ao brigadeiro general Ashwort, ao tenente coronel Tulloh de artilheria, ao tenente coronel Trant do regimento n.° 6, ao tenente coronel Fearon, de caçadores n.° 6, e igualmente ao capitão Lumley, do regimento n.° 18, eu não posso explicar-me demasiadamente em seu louvor, e chamar com instancia a vossa attenção sobre o seu merecimento.

Eu assim me expressei na parte que dei a sir Rowland Hill; mas conheço que satisfaço agora por um modo agradavel, tanto á obrigação como á amizade, communicando comvosco directamente sobre este assumpto. Ha alguns outros officiaes cujos nomes eu não conheço, mas cujo valor observei durante a acção com particularidade. Se vós desejardes que vos transmitta um *memorandum* mais circumstanciado a respeito dos mesmos officiaes, ser-me-ha muito agradavel procurar as informações necessarias. Pelos vossos esforços e pela distincção do merecimento ganhou o exercito portuguez a grande reputação que com justiça conserva, e emquanto eu tiver a fortuna de servir com alguma parte d'elle, será uma tarefa agradavel para mim dirigir o meu auxilio

para o mesmo objecto, submettendo ao vosso conhecimento a benemerita conducta d'aquelles que fossem postos debaixo do meu commando.

Tenho a honra de ser com attenção, etc. = *W. Stewart*, tenente general commandante da segunda divisão[1].

P. S. — O marechal de campo Lecor terá a honra de vos participar o valoroso comportamento do regimento n.º 2, debaixo do commando do brigadeiro general Costa (Antonio Hypolito da Costa), quando foi destacado por minha ordem em um periodo critico da acção para recuperar o centro e esquerda da minha posição.

DOCUMENTO N.º 113

(Citado a pag. 151)

Parte official dirigida por lord Wellington ao conde de Bathurst sobre a batalha de Nivelle

Saint Pé, 13 de novembro de 1813.

O inimigo tinha desde o começo de agosto occupado uma posição em que a direita se apoiava no mar adiante de S. João da Luz e na margem esquerda do Nivelle, o centro sobre a pequena Rhune e as alturas por traz da povoação, e a esquerda, na força de duas divisões de infanteria debaixo das ordens do conde d'Erlon, no lado da margem direita d'este rio, em uma grande altura por traz de Ainhoué, e na montanha de Mondarrain, que defendia a approximação da aldeia. Tinha mais uma divisão sob as ordens do general Foy em Saint-Jean Pied de Port, á qual se juntára outra do exercito de Aragão, commandada pelo general París, no momento em que o exercito alliado atravessava o Bidassoa. Esta divisão do general Foy reuniu-se ás que occupavam as

[1] *Investigador* de março de 1814, pag. 102 e seguintes do vol. IX.

alturas por traz de Ainhoué, logo que sir R. Hill avançou para o valle de Bastan.

Ainda não contente com a força natural da sua posição, por toda a parte a fortificou; a direita tornou-se particularmente tão formidavel, que não julguei a proposito atacal-a de frente. Tendo-se entregado Pamplona a 31 de outubro, livrando por este facto a direita do exercito da necessidade de cobrir o bloqueio d'esta praça, resolvi que o tenente general sir R. Hill avançasse nos dias 6 e 7 para o valle de Bastan, logo que o estado dos caminhos, encharcados pelas recentes chuvas, o permittisse, propondo-me atacar a 8; mas a invernia de 7 deixou as estradas novamente impraticaveis, resultando ser d'ahi obrigado a differir o ataque até ao dia 10, em que conseguimos ganhar completamente todas as posições do inimigo na esquerda e no centro, separando as primeiras das segundas; e por este modo torneámos as occupadas pela direita sobre o baixo Nivelle, que elle se viu forçado a abandonar durante a noite, tomando-lhe nós cincoenta e uma peças e mil e quatrocentos prisioneiros.

Sendo o fim do ataque forçar o centro do inimigo e estabelecer o exercito por traz da sua direita, avançámos em columnas por divisões, cada uma conduzida pelo seu general commandante, e formando a sua propria reserva. O tenente general sir R. Hill dirigiu os movimentos da direita, composta da segunda divisão sob as ordens do tenente general o honorable sir W. Stewart; da sexta, commandada pelo tenente general sir H. Clinton; de uma divisão portugueza debaixo das ordens do tenente general sir J. Hamilton, e de outra hespanhola do general Morillo; das brigadas de cavallaria do coronel Grant e artilheria portugueza sob o commando do tenente coronel Tulloh; assim como de tres peças de artilheria de montanha, á frente das quaes se collocou o tenente Roche. Estas tropas atacaram as posições do inimigo por traz de Ainhoué.

O marechal sir W. Beresford dirigia a direita do centro, que se compunha da terceira, setima e quarta divisões, sob

o respectivo commando do major general o honorable C. Colville, marechal de campo Lecor, e tenente general o honorable sir L. Cole. Estes ultimos atacaram os reductos adiante de Sarre, esta aldeia e as alturas que lhe ficam por traz, sustentados na sua esquerda pelo exercito de reserva da Andaluzia, ás ordens do marechal de campo D. P. A. Giron, que atacou a direita de Sarre, sobre o declive da pequena Rhune, e as alturas por traz da aldeia á esquerda da quarta divisão. O major general barão C. Alten tomou a offensiva com a divisão ligeira e a hespanhola do general Longa contra as posições na pequena Rhune, e, tendo-as ganho, cooperou com a direita do centro no ataque das alturas por traz de Sarre. A brigada de cavallaria do general V. Alten, dirigida pelo tenente general sir S. Cotton, seguiu os movimentos do centro. Havia n'esta parte do exercito tres brigadas de artilheria ingleza, tres peças de montanha com o general Giron, e tres com o major general C. Alten. O tenente general D. M. Freyre dirigiu-se em duas columnas para as alturas de Mandale sobre Ascain, a fim de se aproveitar de todos os movimentos que o inimigo podesse fazer da direita para o centro, e o tenente general sir J. Hope lançou-se com a esquerda do exercito sobre os postos avançados adiante dos intrincheiramentos do baixo Nivelle, de que resultou levar os reductos acima de Urrugne e estabelecer-se nas alturas directamente em face de Siboure, prompto a tirar vantagem das operações que a direita do inimigo fizesse.

O ataque começou ao romper do dia; o tenente general sir L. Cole obrigou aquelle por uma canhonada a evacuar o reducto á sua direita adiante de Sarre. O que estava adiante da esquerda da aldeia foi igualmente abandonado ao approximar-se a setima divisão, commandada pelo general Lecor. O tenente general sir L. Cole tomou a aldeia, que foi torneada á esquerda pela terceira divisão, sob as ordens do major general o honorable C. Colville, e á direita pela reserva da Andaluzia, á frente da qual se encontrava D. P. A. Giron. O major general C. Alten adquiriu as posições sobre a pequena Rhune. Todos então cooperaram para o ataque do

ponto principal por traz da aldeia. A terceira e a setima divisões conquistaram immediatamente os reductos á esquerda do centro, e a divisão ligeira os que estavam á direita, emquanto que a quarta, com a reserva da Andaluzia á esquerda, atacava as forças do centro. Estes ataques obrigaram o inimigo a abandonar as formidaveis posições que com tanto custo e trabalho havia fortificado, deixando no principal reducto sobre a altura o primeiro batalhão do regimento n.º 88, que immediatamente se entregou.

Emquanto estas operações se passavam no centro tive o prazer de ver a sexta divisão, sob as ordens do tenente general sir H. Clinton, depois de ter atravessado o Nivelle, romper os piquetes do inimigo nas duas margens, e cobrir a passagem da divisão portugueza, commandada pelo tenente general sir J. Hamilton á sua direita, fazer um bellissimo ataque á direita da posição do inimigo por traz de Ainhoué e na margem direita do Nivelle, tomando todos os intrincheiramentos e o reducto d'este lado do rio. O tenente general sir J. Hamilton apoiou com a divisão portugueza a sexta divisão á direita, e ambas cooperaram para o ataque do segundo reducto, que foi immediatamente tomado. A brigada do major general Pringle, da segunda divisão, commandada pelo tenente general sir W. Stewart, rompeu os piquetes do Nivelle e adiante de Ainhoué, e a brigada do major general Byng apoderou-se dos intrincheiramentos e de um reducto mais longe á esquerda do inimigo, distinguindo-se muito n'esta occasião tanto o chefe como os subordinados. O major general Morillo cobriu a marcha de todas as forças sobre as alturas por traz de Ainhoué, atacando os postos do inimigo nos declives de Mondarrain, e perseguindo-os para Itassu. Estas operações, dirigidas pelo tenente general sir R. Hill, obrigaram as tropas estacionadas n'aquellas elevações a retirarem para a ponte de Cambo sobre o Nive, excepto as que occupavam Mondarrain, repellidas das montanhas para Baygorry pela marcha de uma parte da segunda divisão ás ordens do tenente general sir W. Stewart.

Logo que nos apoderámos dos pontos elevados nas duas margens do Nivelle ordenei ás terceira e setima divisões que formassem a direita do nosso centro, e marchassem pela margem esquerda d'este rio sobre Saint-Pé, e á sexta que se dirigisse pela margem direita sobre o mesmo ponto, emquanto que a quarta, a divisão ligeira e a reserva do general Giron occupavam as alturas acima de Ascain e cobriam o movimento por este lado, ao passo que o tenente general sir R. Hill o cobria pelo outro. Uma parte das tropas do inimigo tinha-se retirado do centro e atravessado o Nivelle em Saint-Pé, e logo que se viu a sexta divisão, a terceira, commandada pelo major general o honorable C. Colville, e a setima pelo general Lecor atravessaram este rio, atacaram immediatamente as alturas que o dominavam, e ganharam-nas.

Por este modo nos estabelecemos por traz da direita do inimigo; mas, sendo quasi noite, foi impossivel tirar vantagem d'essa circumstancia, sendo obrigado a adiar para a manhã seguinte as nossas operações ulteriores. O inimigo evacuou depois do meio dia a aldeia de Ascain, apoderando-se d'ella o tenente general D. M. Freyre; abandonou durante a noite todas as obras e posições adiante de S. João da Luz, retirando-se sobre Bidart, e destruindo todas as pontes sobre o baixo Nivelle. O tenente general sir J. Hope seguiu-o com a esquerda do exercito logo que pôde atravessar este rio, e o marechal sir W. Beresford poz em movimento o centro, tanto quanto lhe permittiu o estado dos caminhos depois das terriveis chuvas; o inimigo retirou-se de novo na noite de 11 para um campo intrincheirado adiante de Bayonna.

Tenho grande satisfação em assignalar a v. s.ª a excellente conducta de todos os officiaes e soldados no decurso das operações que acabo de relatar, e por meio das quaes expulsámos o inimigo das posições que durante tres mezes havia fortificado com muita fadiga, e nas quaes lhe tomámos cincoenta e uma peças de artilheria, seis caixões de munições e mil e quatrocentos prisioneiros. Vereis pelo rela-

torio quanta rasão tenho de estar satisfeito da conducta do marechal sir W. Beresford e da do tenente general sir R. Hill, que dirigiram os ataques do centro e da direita do exercito; tambem da do tenente general sir L. Cole, de sir W. Stewart, de sir J. Hamilton e de sir H. Clinton; dos majores generaes o honorable C. Colville e barão C. Alten, dos marechaes de campo Frederico Lecor e D. P. Morillo, commandante de divisões de infanteria, e da de D. P. A. Giron, commandante da reserva da Andaluzia. O tenente general sir R. Hill e o marechal sir W. Beresford, assim como os officiaes generaes acima mencionados, expressam o seu sentimento sobre a conducta dos generaes e das tropas debaixo das respectivas ordens.

Chamarei particularmente a attenção de v. s.ª sobre a conducta do major general Byng e do major general Lambert, que dirigiram o ataque da sexta divisão. Notarei tambem a brava conducta dos regimentos n.ºs 51 e 68, sob as ordens do major Rice e do tenente coronel Hawkins, da brigada do major general Inglis no ataque das alturas acima de Saint-Pé, depois do meio dia de 30. A oitava brigada portugueza (9 e 21 de infanteria com caçadores n.º 11), da terceira divisão, sob o commando do major general Manley Power, tambem se distinguiu no ataque da esquerda do centro do inimigo, assim como a brigada do major general Anson da quarta divisão, no ataque da aldeia de Sarre e do centro das alturas. Ainda que a parte mais brilhante d'esta expedição não caisse em sorte ao tenente general sir J. Hope, nem ao tenente general D. M. Freyre, tenho todas as rasões de estar satisfeito da maneira por que estes officiaes generaes dirigiram o serviço que lhes foi confiado.

A nossa perda, ainda que séria, não foi tão grande como se devia esperar, perante a força das posições atacadas e o longo espaço de tempo decorrido desde o romper do dia até á noite, que as tropas consumiram na lucta. Mas vejo-me afflicto por ter de acrescentar que o coronel Barnard, do regimento n.º 95, foi gravemente ferido, não perigando comtudo a sua vida, segundo espero, e bem assim que perdemos

o tenente coronel Lloyde, do 94.º, um official que por m
vezes se distinguira e que promettia muito. Recebi a m
assistencia nas disposições d'este ataque, e em todo o
curso das operações do quartel mestre general, sir G. Mur
e do ajudante general sir E. Pakenham, assim como do
nentes coroneis lord Fitz.Roy Somerset e Campbell, d
dos os officiaes do meu estado maior e de sua alteza s
nissima o principe de Orange. A artilheria prestou-nos g
des serviços, e não posso devidamente reconhecer a in
gencia e promptidão com que foi levada ao ponto de at
pelas ordens do coronel Dickson através de maus cami
por montanhas n'esta estação do anno.

DOCUMENTO N.º 114

(Citado a pag. 174)

Parte official que lord Wellington dirigiu ao conde de Bathu sobre a batalha de Nive

S. João da Luz, 14 de dezembro de 1813.

O inimigo, depois da sua retirada do Nivelle, occu
adiante de Bayonna uma posição que tinha fortificado
grande trabalho desde a batalha que tivera logar no me
julho ultimo em Vittoria. Parece achar-se debaixo do
das obras da praça; a sua direita apoia-se no Adour,
frente d'este lado é coberta por uma lagoa, formada por
ribeiro que se lança no mesmo Adour. A direita do ce
apoia-se sobre a mesma lagoa, e a sua esquerda sob
Nive. A ala esquerda está entre o Nive e o Adour, ap
do-se na margem esquerda d'este rio. Os seus postos a
çados estavam na direita, adiante de Anglet e para Biar
Com a esquerda defendia o Nive, ligando-se com a div
do general Paris do exercito da Catalunha, que estava
Saint-Jean Pied de Port. O inimigo tinha alem d'isto um
sideravel corpo acantonado em Villa Franca e em Mangu
Era impossivel atacal-o n'esta posição emquanto n'ell

chasse em força, sem estar certo de experimentar grandes perdas, ao mesmo tempo que não era provavel que se conseguisse o intento, achando-se o campo protegido por uma maneira tão directa pelas obras da praça. Pareceu-me, portanto, que o melhor meio de o obrigar ou a abandonar de todo aquelle posto, ou a enfraquecer consideravelmente as suas forças para nos dar uma occasião mais favoravel de o atacarmos, era passar o Nive e pôr a nossa direita sobre o Adour. Por esta manobra, privado já de viveres, perdia os meios de communicação com o interior que este rio lhe dava, e soffria ainda mais privações. A passagem do Nive era assim procurada para nos conseguir outras vantagens, como a de nos abrir uma communicação com a França, a fim de recebermos informações, etc., e para nos pôr em estado de obter comestiveis do paiz.

Determinei-me, portanto, a passar o Nive logo em seguida ao Nivelle, o que não pude conseguir pelo mau estado dos caminhos e engrossamento de todas as ribeiras causado pelas chuvas que tinham caido no começo d'este mez. Mas tendo-me, finalmente, permittido a mudança do tempo reunir os materiaes e fazer os preparativos para estabelecer as pontes, a fim de atravessar este rio, fiz sair no dia 8 as tropas dos seus acantonamentos, e ordenei á direita do exercito, sob as ordens do tenente general sir R. Hill, que no dia 9 operasse a sua passagem em Cambo e suas vizinhanças, emquanto que o marechal sir W. Beresford favoreceria e sustentaria a sua operação, fazendo passar em Ustaritz a sexta divisão, sob o commando do tenente general sir H. Clinton. Estas duas operações tiveram bom exito.

O inimigo foi promptamente expulso da margem direita do rio, retirando-se sobre Bayonna pela estrada real de Saint-Jean Pied de Port. Aquellas das suas tropas fronteiras a Cambo foram quasi cortadas pela sexta divisão e um regimento repellido da estrada e obrigado a marchar através do paiz. Havia uma força consideravel na cadeia de alturas que corre parallelamente ao Adour, occupando ainda Villa Franca pela sua direita. O 8.º regimento portuguez, debaixo

das ordens do coronel Douglas e o 9.º de caçadores, del
das do coronel Browne, assim como o batalhão de infan
ligeira inglez da sexta divisão, tomaram esta povoação
alturas que a avizinham. A chuva que tinha caido na pr
dente noite e na manhã de 8 por tal modo damnificára
trada, que era quasi noite quando chegou o corpo de s
Hill; fiquei, portanto, muito contente de me ter asse
reado do terreno que occupavamos.

No mesmo dia o tenente general sir J. Hope avançou
estrada real de S. João da Luz para Bayonna com a esqu
do exercito, sob as suas ordens, e reconheceu a direit
campo intrincheirado debaixo de Bayonna, assim com
curso do Adour para a parte inferior d'esta mesma cid
depois de haver cortado os postos do inimigo nas vizin
ças de Biarritz e de Anglet. A divisão ligeira, do comma
do major general C. Alten, avançou tambem de Bassuss
e reconheceu esta parte dos intrincheiramentos do inim
Sir J. Hope e o major general C. Alten retiraram-se dur
a tarde para o terreno que anteriormente tinham occup

Na manhã de 10 o tenente general sir R. Hill perc
que o inimigo abandonára a posição do dia anterior s
as alturas no campo intrincheirado d'este lado do N
occupou, portanto, o ponto que lhe fôra designado, te
a direita para o Adour e a esquerda em Villa Franca,
municando com o centro do exercito, debaixo das or
do marechal sir W. Beresford, por uma ponte lançada s
o Nive. As tropas que commandava o marechal voltaram
a margem esquerda d'este rio. A divisão de infanteria
panhola do general Morillo, que tinha ficado com sir R.
emquanto as outras tropas hespanholas acantonavam
fronteira da Hespanha, foi collocada em Urcuray, e a
gada de dragões ligeiros do coronel Vivian em Haspar
destinou-se observar os movimentos da divisão inimig
general París, que por occasião da nossa passagem do
se tinha retirado para Saint-Palais.

Na manhã de 10 o inimigo saiu do campo intrinchei
com todo o seu exercito, á excepção da parte das suas

s que occupavam as obras defronte da posição de sir R.
ill. Lançou-se sobre os piquetes da divisão ligeira e do
rpo de sir J. Hope, fazendo uma investida desesperada
ntra o posto d'esta divisão e igreja de Arcanguer e contra
s postos avançados do ultimo corpo sobre a estrada de
ayona para S. João da Luz, perto da casa do *maire* de
iarritz. Foram, porém, muito vigorosamente repellidos, e
corpo de sir J. Hope fez pouco mais ou menos quinhen-
s prisioneiros. A força do ataque com os postos avançados
e sir J. Hope caiu sobre a primeira brigada portugueza
e 16 de infanteria com caçadores n.º 4), commandada
elo major general Archibaldo Campbell, que estava de ser-
iço, e a brigada do major general Robinson, da quinta di-
isão, que a veiu sustentar. O tenente general fez um rela-
orio muito favoravel da conducta d'estas tropas e de todas
s outras que tomaram parte no conflicto; e sinto muita sa-
isfação em poder affirmar que esta tentativa, feita pelo ini-
migo contra a nossa esquerda, para nos impellir ao recuo
sobre a direita, foi repellida em toda a linha por uma com-
parativamente pequena parte das nossas forças. Não ha lou-
vor bastante para a habilidade, sangue frio e juizo do te-
nente general sir J. Hope, e dos officiaes generaes e estado
maior debaixo das suas ordens, dando ás tropas um tal
exemplo de bravura que deve ter contribuido para o favo-
ravel resultado do dia. Sir J. Hope recebeu uma grave con-
tusão, que ainda assim sou muito feliz em o dizer, não me
privou um só instante da vantagem da sua assistencia. De-
pois de findar o conflicto os regimentos de Nassau e de Fran-
cfort, sob as ordens do coronel Krüse, vieram reunir-se aos
postos da brigada do major general Ross, da quarta divi-
são, que se formaram para sustentar o centro.

Ao declinar do dia o inimigo tinha ainda grande força
diante dos nossos postos sobre o terreno d'onde repellíra os
piquetes. Retirou-se, porém, durante a noite diante do te-
nente general sir J. Hope, deixando pequenos postos que
foram immediatamente batidos. Occupava elle ainda em
força a ponte, onde se tinham conservado os piquetes da

divisão ligeira, sendo evidente que todo o seu exercito e-
tava ainda em face da nossa esquerda. Pelas tres horas d
tarde, pouco mais ou menos, lançou-se de novo sobre os p
quetes do tenente general sir J. Hope, atacando o seu post
mas teve de retirar com consideravel perda, recomeçan
pela manhã de 12, com igual insuccesso. A primeira di
são, commandada pelo major general Howard, veiu rend
a quinta, e o inimigo cessou o fogo depois do meio dia,
retirou-se de todo para o seu campo intrincheirado d
rante esta noite. Depois do dia 10 não renovou mais os at
ques contra os postos da divisão ligeira. O tenente gener
sir J. Hope faz um relatorio muito favoravel da conducta d
todos os officiaes e soldados, sobretudo da brigada port
gueza sob o commando do general Archibaldo Campbell
das brigadas dos generaes Robinson e Hay, da quinta divisão
ás ordens do coronel o honorable C. Greville. Cita elle parti
cularmente o major general Hay, commandante da quinta
divisão, os majores generaes Robinson e Bradford, o briga-
deiro general Campbell, e os coroneis Rego (Luiz do Rego
Barreto) e Greville, commandando as diversas brigadas;
o tenente coronel Lloyd, do 84.°, que foi desgraçadamente
morto; os tenentes coroneis Barns, das guardas reaes, e Ca-
meron, do 9.°; o capitão Ramsay, da artilheria real a ca-
vallo; o coronel de Lancey, deputado quartel mestre ge-
neral; o tenente coronel Macdonald, adjunto do ajudante
general, ligado ao corpo de sir J. Hope, e os officiaes do seu
estado maior pessoal.

A primeira divisão, commandada pelo major general
Howard, não se empenhou antes do dia 12, em que o ataque
do inimigo enfraquecêra; mas as guardas conduziram-se
com a sua costumada coragem. Este ultimo, vendo falhar to-
dos os ataques da totalidade das suas forças contra a nossa
esquerda, retirou-se para os seus intrincheiramentos durante
a noite de 12, e fez passar para Bayonna um grosso corpo de
tropas com o qual operou a 13 pela manhã um ataque dos
mais furiosos contra o tenente general sir R. Hill.

Prevendo o que succedeu, havia eu rogado ao marechal

W. Beresford que enviasse a sexta divisão ao dito tenente [general]. Passou ella o Nice ao romper do dia, e mais tarde [re]forcei-a com a quarta e duas brigadas da terceira. A che[g]ada da sexta, que o dito tenente general esperava, deu-lhe [g]randes facilidades para operar os movimentos; mas as tro[p]as que estavam debaixo das suas immediatas ordens, ti[n]ham já antes derrotado e repellido o inimigo, fazendo-lhe [e]xperimentar grandes perdas. O ataque principal, tendo-se [e]stendido ao longo da grande estrada de Bayonna a Saint-[J]ean Pied de Port, a brigada de infanteria ingleza do major [g]eneral Barnes e a quinta brigada de infanteria portugueza, [á]s ordens do brigadeiro general Ashworth, foram as que so[b]retudo se empenharam com o inimigo, conduzindo-se admi[r]avelmente. A divisão de infanteria portugueza, commandada pelo marechal de campo Frederico Lecor, marchou brava[m]ente em seu soccorro sobre á esquerda, e tomou uma po[s]ição importante entre estas tropas e a brigada do major ge[n]eral Pringle, em lucta com o inimigo na frente de Villa Franca. Notei tambem com grande prazer a conducta que teve a brigada de infanteria ingleza do major general Byng, sustentada pela portugueza do major general Buchan, que ganhou ao inimigo uma importante altura á direita da nossa posição, e n'ella se manteve, apesar de todos os esforços para a rehaver.

Duas peças e alguns prisioneiros se tomaram ao inimigo, que vendo-se batido em todos os pontos, e tendo perdido muita gente, foi obrigado a retirar-se para os seus intrin[c]heiramentos. Tenho muita satisfação de aproveitar esta nova occasião de exprimir o que penso dos serviços e meri[t]os do tenente general sir R. Hill n'esta batalha, bem como os do tenente general sir W. Stewart, commandante da se[g]unda divisão de infanteria; dos majores generaes Barnes, Byng e Pringle; do marechal de campo Frederico Lecor; [d]os majores generaes Buchan e Costa (Antonio Hypolito da [C]osta), e do brigadeiro general Ashworth. A artilheria in[g]leza, do commando do tenente coronel Ross, e a portugue[z]a, ás ordens do coronel Tulloh, distinguiram-se.

O tenente general sir R. Hill louva sobretudo no seu r
torio a assistencia que recebeu dos tenentes coroneis I
verie e Jackson, adjunto do ajudante general e adjunto
quartel mestre general ligados ao seu corpo; do tenente
ronel Goldfinch, dos reaes engenheiros, e dos officiaes
seu estado maior pessoal. O inimigo fez passar hontem
tarde um grosso corpo de cavallaria na ponte sobre o Ado
e esta manhã retirou as forças que tinha diante de sir R.
para as dirigir sobre Bayonna.

Recebi n'estas diversas operações toda a sorte de as
tencia do quartel mestre general G. Murray, e do ajuda
general sir E. Pakenham, assim como de lord Fitz Roy
merset, do tenente coronel Campbell, e dos officiaes do n
estado maior pessoal.

DOCUMENTO N.° 115

(Citado a pag. 238)

**Parte official dirigida por lord Wellington ao conde de Bathurs
sobre a batalha de Orthez**

Saint-Sever, 1 de março de 1814.

A opinião que formára das difficuldades que experim
taria a marcha do exercito pela sua direita, tendo de at
vessar tantas ribeiras, justificou-se depois de ter avança
e por isso me resolvi a passar o Adour abaixo da cidade
Bayonna, não obstante as difficuldades que se oppunham
este movimento; e o que mais me levou ainda a adoptar
plano foi o ver que de qualquer maneira que marchas
contra o inimigo era evidente que não podia contar co
uma communicação segura com Hespanha e os portos
mar d'este reino, assim como com S. João da Luz, a n
ser pela unica via praticavel no inverno, isto é, pel
estradas reaes que conduzem a Bayonna ou que d'e
partem. Tambem esperava que o estabelecimento de u
ponte abaixo de Bayonna me permittisse servir do Ad

como de um porto. Os movimentos da direita do exercito, cujo detalhe dei a v. s.ª no meu ultimo despacho, tinham por fim desviar a attenção do inimigo dos nossos preparativos em S. João da Luz e Passagens, para atravessar o Adour abaixo de Bayonna, e obrigando-o a dirigir as suas forças para a esquerda. Nós saimos completamente bem d'estes projectos; mas na minha volta para S. João da Luz, a 19, achei o tempo no mar tão desfavoravel e incerto que resolvi proseguir nas minhas operações sobre a direita, posto que ainda tivesse de atravessar os gaves de Oleron, de Pau e o Adour.

Em consequencia voltei para Garris a 21, e ordenei que a sexta divisão e a ligeira deixassem o bloqueio de Bayonna, e que o general D. Manuel Freyre abandonasse tambem os acantonamentos do seu corpo junto a Irun, e estivesse prompto para marchar logo que a esquerda do inimigo atravessasse o Adour. Achei os pontões juntos a Garris, os quaes foram nos seguintes dias conduzidos pelo gave de Mauleon. Entretanto chegaram as tropas do centro do exercito. No dia 24 o tenente general sir Rowland Hill passou o gave de Oleron em Villenave com as divisões ligeira, a segunda e uma portugueza do commando do major general barão Charles Alten, tenente general sir William Stewart e marechal de campo Frederico Lecor. Entretanto o tenente general sir Henry Clinton passava com a sexta divisão entre Monfort e Laas, e o tenente general sir Thomás Picton com a segunda dava demonstrações de querer atacar o inimigo na estrada de Sauveterre, o que o induziu a fazer saltar a ponte. O marechal de campo D. Pablo Morillo approximou-se dos postos perto de Navarreins e bloqueou aquelle logar. O marechal sir William Beresford, havendo igualmente ficado de observação sobre o baixo Bidouze, depois do movimento de sir Rowland Hill a 14 e 15, com as divisões quarta, setima e a brigada do coronel Vivian, atacou a 28 os seus pontos fortificados de Hastingues e Oeyregave, sobre a esquerda do gave de Pau, obrigando as forças inimigas a retirar-se para dentro da *cabeça de ponte*, em Peyrehorade.

Logo que se effeituou a passagem do gave de Oleron, sir Rowland Hill e sir Henry Clinton marcharam para Orthez pela estrada que seguia de Sauveterre, atravessando o gave de Pau, e ajuntando o seu exercito perto de Orthez a 25, depois de terem destruido as pontes d'aquelle rio. A direita do exercito e o centro ajuntaram-se defronte de Orthez. O tenente general sir Stapleton Cotton com a brigada de cavallaria de lord E. Somerset, e a terceira divisão do commando do tenente general sir Thomás Picton, estavam junto á destruida ponte de Berenx; e o marechal sir William Beresford com a quarta e setima divisões, debaixo do commando do tenente general sir Lowry Cole, o major general Walker e a brigada do coronel Vivian perto da juncção do gave de Pau com o gave de Oleron.

Tendo partido as tropas oppostas ao marechal no dia 25, atravessou elle o gave de Pau abaixo da juncção do gave de Oleron na manhã de 26, e marchou pela esquerda de Peyrehorade para Orthez, sobre a esquerda do inimigo. Á sua chegada, o general sir Stapleton Cotton passou com a cavallaria, e o tenente general sir Thomás Picton com a terceira divisão abaixo da ponte de Berenx, e eu dirigi as divisões sexta e ligeira para o mesmo ponto, emquanto o tenente general sir Rowland Hill occupava as alturas fronteiras a Orthez e a estrada que vae para Sauveterre. As divisões sexta e ligeira passaram na manhã de 27 ao romper dia, e nós achámos o inimigo n'esta forte posição junto a Orthez com a direita sobre as alturas que ficam na estrada de Dax, occupando a aldeia de Saint-Boès, e a esquerda nas elevações por cima de Orthez e aquella villa defronte da passagem do rio, atravessada por sir Rowland Hill. A direcção em que o inimigo havia postado o seu exercito, obrigava-o a retirar o centro, emquanto a força do ponto occupado dava extraordinarias vantagens aos flancos.

Ordenei ao marechal sir William Beresford que volteasse a direita do inimigo, atacando-a com a quarta divisão, ás ordens do tenente general sir Lowry Cole, e a setima, sob as do major general Walker e a brigada de cavallaria

do coronel Vivian, emquanto o tenente general sir Thomás Picton marchava pela estrada de Peyrehorade para Orthez contra as alturas occupadas pelo centro e esquerda do inimigo com as divisões terceira e sexta, sustentadas por sir Stapleton Cotton com a brigada de cavallaria de lord E. Somerset. O major general barão Charles Alten, com a divisão ligeira, entreteve a communicação e esteve de reserva entre os dois ataques. Pedi igualmente ao tenente general sir Rowland Hill que, passando o gave, volteasse a esquerda do inimigo para atacar. O marechal sir William Beresford tomou a aldeia de Saint-Boés com a quarta divisão, do commando do tenente general sir Lowry Cole, depois de uma obstinada resistencia; mas o terreno era tão acanhado que as tropas não poderam desenvolver-se, não obstante as repetidas tentativas do major general Ross e a brigada portugueza do commando do brigadeiro general Vasconcellos, e não era possivel voltear o inimigo pela direita sem estender excessivamente a nossa linha. Alterei, portanto, o plano que formára, e fiz avançar immediatamente a terceira e sexta divisões, utilisando a brigada do coronel Barnard, da divisão ligeira, contra a esquerda da altura em que se apoiava a direita do inimigo. Este ataque, que desalojou o inimigo e nos deu a victoria, fez-se simultaneamente á esquerda e á direita, entrando n'elle a sexta divisão, a terceira dividida em tres brigadas, uma brigada da quarta, e o regimento n.º 52, sob o respectivo commando do tenente general sir Henry Clinton, major general Brisbane, coronel Keane, general sir Thomás Picton e coronel Colborne.

Entretanto sir Rowland Hill tinha forçado a passagem do gave acima de Orthez, e vendo o estado das operações marchou immediatamente com a segunda divisão de infanteria do commando do tenente general sir William Stewart e a brigada de cavallaria do major general Fane em direitura pela estrada de Orthez para Saint-Sever, apertando d'este modo a esquerda do inimigo. Retirou-se este ao principio em boa ordem, tirando toda a vantagem das muito favoraveis posições que o paiz lhe dava. A perda, todavia,

que experimentou nos continuos ataques das nossas tropas, e o perigo com que o ameaçavam os movimentos de sir Rowland Hill, bem depressa acceleraram os seus movimentos e a retirada, convertendo-se a final em fugida, a qual lançou as tropas na maior confusão. O tenente general sir Stapleton Cotton aproveitou a opportunidade que se lhe offerecia de carregar com a brigada do major general lord E. Somerset, na vizinhança de Sault de Navailles, para onde o inimigo fôra repellido por sir Rowland Hill. O regimento n.º 7, de hussards, distinguiu-se n'esta occasião e tomou muitos prisioneiros. Nós continuámos no alcance d'elle até ao anoitecer, e fiz alto com o exercito nas vizinhanças de Sault de Navailles.

Não se pôde avaliar ao certo a perda do inimigo, que deixou nas mãos dos contrarios seis peças e uma grande quantidade de prisioneiros. Todo o paiz ficou juncado dos seus mortos. O exercito patenteava-se na maior desordem ao passar pelas alturas junto a Sault de Navailles, tendo muitos soldados largado as armas. A deserção foi depois d'isto immensa. Nós seguimos o inimigo até este sitio no seguinte dia, e hoje passámos o Adour. O marechal sir William Beresford com a divisão ligeira e a brigada do coronel Vivian foi sobre Mont de Marsan, apoderando-se ahi de um vasto armazem de provisões. O tenente general sir Rowland Hill marchou sobre Aire, e os postos avançados do centro estão em Cazeres. O inimigo, segundo as apparencias, retirou-se sobre Agen, deixando desimpedida a estrada de Bourdeaux.

Emquanto se passavam na direita do exercito as operações que acabo de relatar, o tenente general sir John Hope, de accordo com o contra-almirante Penrose, aproveitou a occasião que se lhe offereceu a 23 de fevereiro para atravessar o Adour abaixo de Bayonna, e assenhorear-se das duas margens do rio na sua embocadura. Os barcos necessarios para formar a ponte não chegaram senão a 24, dia em que a operação, difficil e perigosa n'esta epocha do anno, de os conduzir foi effeituada com uma coragem e habilidade raramente igualadas. O tenente general sir John Hope cita so-

etudo o capitão O'Reilly, o tenente Cheshire, o tenente ouglas e o tenente Collins da marinha, bem como o tenente ebenham, agente dos transportes. Sou infinitamente devedor ao contra-almirante Penrose pela cordial assistencia que me prestou na preparação d'este plano, e por aquella que deu ao tenente general sir John Hope durante a sua execução. O inimigo, pensando que os meios que o tenente general sir John Hope tinha á sua disposição para atravessar o rio, isto é, as jangadas e os pontões, não lhe haviam permittido no dia 23 fazer passar muita gente, atacou pela mesma tarde o corpo que já estava do outro lado, composto de seiscentos homens da brigada das guardas, sob o commando do major general o honorable Edward Stopford, mas foi repellido immediatamente. A brigada dos fogueteiros foi de uma grande utilidade n'esta occasião. Destruimos tres canhoneiras, e uma fragata que estava sobre o Adour soffreu consideraveis estragos de uma bateria de 18, e foi obrigada a subir pelo rio até perto da ponte. O tenente general sir John Hope investiu a cidadella de Bayonna a 25, e o tenente general D. Manuel Freyre avançou com o quarto exercito hespanhol, em consequencia das ordens que lhe havia transmittido.

Tendo-se acabado a ponte no dia 27, o tenente general sir John Hope julgou conveniente investir a cidadella de Bayonna mais estreitamente do que o tinha feito antes. Atacou a aldeia de Saint-Etienne, de que se assenhoreou depois de ter tomado ao inimigo uma peça e alguns prisioneiros. Os seus postos estão entretanto a 900 varas das obras externas da praça. O resultado das operações que tenho detalhado a v. s.ª é que Bayonna, Saint-Jean Pied de Port e Navarreins estão investidas, e que o exercito, tendo passado o Adour, acha-se de posse de todas as grandes communicações por meio do rio, depois de ter batido o inimigo e tomado os seus armazens.

Dei ordem para fazer avançar as tropas hespanholas sob as ordens do general Freyre, assim como a cavallaria pesada, e a grossa artilheria ingleza e portugueza. V. s.ª terá notado com satisfação a assistencia que me prestaram n'estas ope-

rações o marechal sir William Beresford, os tenentes gene-
raes sir Rowland Hill, sir John Hope e sir Stapleton Cotton
e todos os generaes, officiaes e soldados debaixo das suas
respectivas ordens. É-me impossivel exprimir quanto estou
penetrado dos seus meritos, e quanto o paiz lhes é devedor
pelo zêlo e habilidade que têem desenvolvido para que o
exercito se encontre no estado em que hoje se acha. Todas
as tropas se têem distinguido; a quarta divisão, sob as or-
dens do tenente general sir Lowry Cole, no ataque de
Saint-Boés e nos esforços que se seguiram para ganhar a
direita das alturas; a terceira, a sexta e a divisão ligeira,
sob o commando do tenente general sir Thomás Picton, do
tenente general sir Henry Clinton e do major general barão
Charles Alten, no ataque da posição do inimigo sobre as
alturas; e estas divisões, assim como a setima, dirigidas
pelo general Walker, nas diversas operações e differentes
ataques durante a retirada do inimigo. A carga feita pelo
7.º dos hussards, commandado pelo lord Edward Somerset,
é digna de grandes elogios. A conducta da artilheria durante
todo este dia mereceu a minha mais alta satisfação. Sou
igualmente muito devedor ao quartel mestre general sir
George Murray e ao ajudante general sir Edward Pakenham
pela assistencia que d'elles recebi, assim como ao lord Fitz
Roy Somerset, aos officiaes do meu estado maior pessoal e
ao marechal de campo D. Manuel de Alava.

DOCUMENTO N.º 115-A

(Citado a pag. 254)

Capitulação de Paris, feita com as potencias alliadas em 31 de março de 1814

O armisticio, feito por quatro horas, para tratar das con-
dições relativas á occupação de Paris e á saida das tropas
que ali havia, tendo dado occasião a que se concluisse u

aste a este respeito, os abaixo assignados, por auctoridade os seus respectivos commandantes, ajustaram e assignaram artigos seguintes:

Artigo 1.° Os corpos dos marechaes duques de Treviso e guza evacuarão a cidade de Paris a 31 de março ás sete ras da manhã.

Art. 2.° Levarão comsigo tudo que pertence aos seus corps de exercito.

Art. 3.° As hostilidades não se renovarão senão duas hos depois da evacuação da cidade, isto é, a 31 de março ás ve horas da manhã.

Art. 4.° Todos os arsenaes, estabelecimentos militares, ficinas e armazens ficarão no mesmo estado em que estam antes de ser proposta a presente capitulação.

Art. 5.° A guarda nacional não é considerada como tropa linha, e será conservada ou desarmada, segundo parecer s soberanos alliados.

Art. 6.° O corpo de gendarmaria municipal será considedo como guarda nacional.

Art. 7.° Os feridos e extraviados que se acharem em Paris depois das sete horas serão prisioneiros de guerra.

Art. 8.° A cidade de Paris fica recommendada á generosilade das altas potencias alliadas.

Feita em Paris, aos 31 de março ás duas horas da manhã. = *Coronel Orlof,* ajudante de campo de sua magestade imperador da Russia = *Coronel Conde Paar,* ajudante de ampo general do marechal principe Schwertzenberg = *oronel Barry Fabrier,* do estado maior do duque de Treso = *Coronel Denys,* primeiro ajudante de campo do due de Raguza.

DOCUMENTO N.º 116

(Citado a pag. 277)

Parte official dirigida por lord Wellington ao conde de Bathurst ácerca da batalha de Toulouse

Toulouse, 12 de abril de 1814.

Tenho a honra de informar a v. s.ª que hoje entrei n'es cidade, que o inimigo havia evacuado durante a noite, re rando-se pelo caminho de Carcassone. A continuação d chuvas e o estado do rio me impediu lançar n'elle uma pon até á manhã de 8, em que o corpo hespanhol e a artilher portugueza, debaixo do immediato commando do tenent general D. Manuel Freyre, e o quartel general passaram Garonne. Immediatamente avançámos até ás immediações d cidade, e o regimento n.º 18 dos hussards, do command do coronel Vivian, teve ensejo de fazer o ataque mais br lhante contra um corpo superior de cavallaria inimiga, qu arrojou pelo meio do povo de Croix-d'Orade, fazendo-lh cem prisioneiros e tomando posse da importante ponte s bre o rio Ers, pelo qual necessariamente se devia passa para o ataque á posição do inimigo. O coronel Vivian f desgraçadamente ferido n'esta occasião, e temo muito ve me privado por algum tempo da sua assistencia. A cidad de Toulouse está rodeada por tres lados pelo canal do Lan guedoc e pelo Garonne. Sobre a esquerda d'este rio tinha inimigo formado uma excellente cabeça de ponte, fortifi cando o arrabalde com fortes obras de campanha em frent da muralha antiga da cidade. Tinha igualmente construid outras nas mesmas condições em cada uma das pontes qu ha no canal, as quaes se achavam alem d'isso defendidas pelo fogo de fuzilaria de muitas partes da antiga muralh e pelo de artilheria em todas ellas.

Por traz do canal para o lado do oriente, e entre este e rio Ers, corre uma altura que se estende até Montaudran, sobre a qual passam todos os caminhos que vão da parte d

leste para o canal e para a cidade, á qual serve de defeza, e o inimigo, alem das cabeças de ponte que tinha construido sobre as pontes do canal, havia fortificado esta altura com cinco reductos ligados por linhas de intrincheiramentos, fazendo com toda a promptidão todos os preparativos da defensa. Tinham tambem cortado todas as pontes do Ers, que estavam ao nosso alcance, e pelas quaes se podia approximar á direita da sua posição. Comtudo, estando impraticaveis os caminhos de Arriege a Toulouse para a cavallaria e artilheria, e ainda quasi para infanteria, segundo manifestei a v. s.ª no meu officio do 1.º do corrente, não tinha outra alternativa mais que a de atacar o inimigo n'esta formidavel posição. Era mister mudar a ponte mais para cima do rio com o fim de encurtar a communicação com o corpo do general Hill logo que tivessem passado as tropas hespanholas, operação esta que se não pôde effeituar senão até á uma hora da tarde do dia 9, em que julguei por conveniente deferir o ataque até á manhã seguinte.

O plano, conforme ao qual tinha determinado atacar o inimigo, era: que o marechal Beresford, que se achava pela direita do Ers com a quarta e sexta divisões, devia atravessal-o na ponte de Croix-d'Orade, apoderar-se de Mont-Blanc, marchar rio acima e tornear a direita do inimigo, entretanto que o general D. Manuel Freyre com as tropas hespanholas do seu commando, sustentadas pela cavallaria ingleza, devia atacar a frente.

O tenente general sir Stapleton Cotton seguiria os movimentos do marechal Beresford com a brigada de hussards, commandada pelo major general lord Edward Somerset; e a brigada do coronel Vivian, commandada pelo coronel Arentschild, devia observar os movimentos da cavallaria inimiga por ambas as margens do Ers, mais desviada da nossa esquerda. Á terceira divisão e á ligeira, commandadas pelo tenente general sir Thomás Picton, e major general barão Charles Alten, e á brigada de cavallaria allemã cumpria-lhes vigiar o inimigo pela parte baixa do canal, e attrahir a sua attenção para aquelle lado, ameaçando atacar

as cabeças de ponte, cuja demonstração devia tambem ser executada pelo tenente general sir Rowland Hill no arrabalde da esquerda do Garonne. O marechal Beresford passou o Ers e dispoz o seu corpo em tres columnas na aldeia de Croix-d'Orade, formando a testa d'ellas a quarta divisão, com a qual se apoderou immediatamente de Mont-Blanc. Então foi pela margem do rio acima na mesma formatura sobre o terreno mais difficultoso e em uma direcção parallela á posição fortificada do inimigo, e tão depressa chegou ao ponto em que podia torneal-a, formou as suas linhas e poz-se em movimento para o ataque. Durante esta operação o general Freyre marchava pela vargea da esquerda do Ers direito á ponte de Croix-d'Orade, aonde o corpo formou em duas linhas com a reserva sobre uma altura em frente da esquerda da posição inimiga. Ahi estava a artilheria portugueza, e na retaguarda e de reserva a brigada de cavallaria ingleza do major general Ponsonby.

Logo que as tropas se formaram, e que se viu que o marechal Beresford estava prompto, o tenente general D. Manuel Freyre marchou ao ataque. As tropas subiram em boa ordem, expostas a um vivo fogo de fuzilaria e artilheria, e manifestaram grande valor, tendo á sua testa o general com todo o seu estado maior, e as duas linhas se alojaram promptamente a coberto de algumas banquetas que havia, debaixo do fogo immediato dos intrincheiramentos inimigos, permanecendo sobre a altura em que se tinham primeiramente formado as tropas, a reserva, a cavallaria ingleza e artilheria portugueza. Comtudo o inimigo rechaçou o movimento da direita da linha do general Freyre, torneando o seu flanco esquerdo; e tendo continuado as suas vantagens e volteando a nossa direita por ambos os lados do caminho real de Toulouse a Croix-d'Orade, obrigou promptamente todo o corpo a retirar-se.

Não obstante as consideraveis perdas que as tropas soffreram na retirada, vi com grande prazer que outra vez se reuniam com presteza igual á da divisão que estava pelo nosso flanco direito, e logo se punham em movimento.

E não posso sufficientemente elogiar os esforços do general Freyre, os dos officiaes do estado maior do quarto exercito hespanhol e os dos officiaes do estado maior general para esse fim. O tenente general Mendizabal, que estava de voluntario na acção, o general Ezpeleta e diversos officiaes e chefes dos corpos foram feridos; porém o general Mendizabal continuou no campo. O regimento de atiradores de Cantabria, do commando do coronel Leon de Sicilia, manteve a sua posição debaixo dos intrincheiramentos inimigos, até que lhes enviei ordem para se retirarem.

Entretanto o marechal Beresford com a quarta divisão, commandada pelo tenente general sir Lowry Cole, e a sexta pelo tenente general sir Henry Clinton, atacava, conquistando-as, as alturas da direita e o reducto que cobria e protegia aquelle flanco, e estabelecia as suas tropas na frente do inimigo, que ficou comtudo de posse de quatro reductos e do intrincheiramento e casa fortificada. O mau estado do caminho tinha induzido o marechal a deixar a artilheria no reducto do Mont-Blanc, e passou-se algum tempo antes de poder chegar aonde estava, e que o corpo do general Freyre podesse reforçar-se e voltar para o ataque. Verificado isto continuou o marechal o seu movimento todo ao longo da crista da altura, e tomou com a brigada do general Pack, da sexta divisão, os dois principaes reductos e as casas fortificadas que o inimigo tinha no centro d'elles. Este fez desde o canal um esforço desesperado para retomar o reducto; porém, foi rechaçado com grande perda, e a sexta divisão, continuando os seus movimentos por cima da altura, e as tropas hespanholas o que lhe correspondia na frente do inimigo, foi este arrojado dos dois reductos e intrincheiramentos da esquerda e toda a posição ficou em nosso poder.

Não foi sem grande perda que nós ganhámos esta vantagem, particularmente da bizarra sexta divisão. O tenente coronel Coghlan, do 61.º, official de grande merito e grandes esperanças, morreu infelizmente no ataque das alturas. O major general Pack foi tambem ferido, porém pôde per-

manecer no campo. O coronel Douglas, do regimento portuguez n.º 8, perdeu uma perna, e receio deveras que me veja privado por longo tempo dos seus serviços. Os regimentos n.os 36, 44, 79 e 61 perderam muita gente e distinguiram-se sobremaneira durante todo o dia.

Não posso sufficientemente elogiar a tactica do marechal Beresford no decurso de todas as operações d'este dia, a dos tenentes generaes Cole e Clinton, e a dos majores generaes Pack e Lambert. O marechal Beresford refere sobretudo a conducta dos brigadeiros generaes d'Urban e Manuel de Brito Mousinho, quartel mestre e ajudante general do exercito portuguez. A quarta divisão, ainda que exposta na sua marcha por toda a larga frente do inimigo a um fogo mui activo, não esteve tão empenhada e exposta como a sexta, e não padeceu tanto como ella; porém conduziu-se com a sua costumada bizarria. Tenho alem d'isto todos os motivos de estar satisfeito da fórma por que se houveram os tenentes generaes D. Manuel Freyre e D. Gabriel Mendizabal; os marechaes de campo D. Pedro Barcenas e D. Antonio Garcez de Marcilla; o brigadeiro D. José Ezpeleta e o chefe do estado maior do quarto exercito D. Estanislau Sanches Salvador. Os officiaes e soldados conduziram-se bem em todos os ataques que successivamente se fizeram depois de se haverem tornado a formar. Como o terreno era improprio a poder-se empregar a cavallaria, não teve esta arma occasião alguma de carregar.

Emquanto pela esquerda se executavam as operações que acabo de descrever, o tenente general sir Rowland Hill arrojou o inimigo das obras exteriores no arrabalde sobre a esquerda do Garonne, até encerral-o dentro da antiga muralha; e o tenente general sir Thomás Picton com a terceira divisão obrigou-o a entrar na cabeça de ponte na propria ponte do canal que está mais immediata ao rio; porém as suas tropas, tendo feito um esforço para se apoderarem d'ella, foram rechaçadas, experimentando uma parte d'ellas alguma perda. O major general Brisbane foi ferido, posto que espero não seja de um modo que me prive por muito

tempo dos seus serviços; e o tenente coronel Forbes, do regimento n.º 45, official de grande merecimento, ficou infelizmente morto.

Estabelecido por este modo o exercito sobre os tres lados de Toulouse, destaquei immediatamente a cavallaria ligeira para cortar a communicação pelo unico caminho praticavel para carruagens que restava ao inimigo, até que podesse fazer as minhas disposições para estabelecer as tropas entre o canal e o Garonne. Comtudo aquelle retirou-se na noite passada, deixando em nosso poder os generaes Harispe, Baurot e Saint-Hilaire com mil e seiscentos prisioneiros; uma peça se tomou no campo da batalha e outras mais, assim como grande quantidade de provisões de toda a especie, foram encontradas na cidade.

Depois que enviei o meu ultimo relatorio tenho recebido da parte do almirante Penrose uma relação das vantagens conseguidas no Gironda pelas embarcações pequenas dos navios da esquadra do seu commando. O tenente general conde de Dalhousie passou a cavallaria quasi ao mesmo tempo que o almirante entrava no rio, e repelliu as partidas inimigas commandadas pelo general Lhuiller do outro lado do Dordogne, atravessando este rio no dia 4, perto de Santo André de Cubzac, com um destacamento de tropas no intento de atacar o forte de Blaye. O referido tenente general encontrou os generaes Lhuillier e Desbarreaux postados perto de Etanliers, e estava fazendo os seus preparativos para os atacar quando se retiraram, deixando em seu poder uns trezentos prisioneiros.

Nas operações que acabo de referir tenho todos os motivos de estar satisfeito da coadjuvação que me prestaram o quartel mestre general, o ajudante general e os officiaes das suas respectivas repartições; os marechaes de campo D. Luiz Wimpffen e M. de Alava, e os officiaes do estado maior hespanhol. Remetto inclusos a v. s.ª os mappas dos mortos e feridos que teve o exercito alliado na acção do dia 10, assim como um da perda que temos soffrido no bloqueio de Bayonna desde 5 do mez passado até 7 do corrente.

Este despacho será entregue a v. s.ª pelo meu ajudante campo o major general W. Russel, o qual recommend benigna protecção de v. s.ª

Resumo da perda do exercito alliado na acção junto a Toulouse no dia 10 de abril de 1814

	Mortos	Feridos	Extraviados	[illegible]
Portuguezes	78	529	–	[illegible]
Inglezes	307	1:789	17	[illegible]
Hespanhoes	205	1:724	1	[illegible]
	590	4:042	18	[illegible]

DOCUMENTO N.º 117

(Citado a pag. 294)

Proclamação do marechal principe de Schwartzenberg aos habitantes de Paris

Habitantes de Paris! — Os exercitos alliados estão defro de Paris. O objecto da sua marcha para a vossa capital é f dado na esperança de uma sincera e permanente reconci ção com a França. Os esforços que se tem feito para termo a tantas desgraças têem sido infructuosos, porq existe no vosso governo um insuperavel obstaculo á p Qual é o francez que não está convencido d'esta verdad Os soberanos alliados buscam em boa fé uma auctorid benefica em França, a qual possa cimentar a união de tod as nações e de todos os governos. Nas presentes circumst cias é á cidade de París que se offerece a opportunidade accelerar a paz do mundo. A decisão d'esta cidade espera com aquella anciedade que um tão ponderoso resultado de inspirar. Declare-se ella, e desde esse momento o exerc que está defronte das suas muralhas promoverá os seus sejos.

Parisienses! Vós não ignoraes a situação do vosso paiz, a conducta dos habitantes de Bordéus, o modo com que as nossas tropas foram recebidas em Leão, os males que affligem a França e os verdadeiros dos vossos concidadãos. Apressae-vos a finalisar uma guerra desoladora e a discordia civil. Vós não podeis achar uma mais opportuna occasião. A perservação e tranquillidade da vossa cidade será o objecto dos cuidados e medidas que os alliados estão promptos a adoptar em união com as auctoridades e notaveis que forem mais estimados do publico. As nossas tropas não serão abo-letadas nas vossas casas. É n'esta linguagem que vos falla a Europa em armas defronte das vossas muralhas. Não frus-treis a alta opinião que ella concebe do amor que tendes para com o vosso paiz e da vossa prudencia. = O comman-dante em chefe dos exercitos alliados, *Marechal Principe de Schwartzenberg.*

DOCUMENTO N.° 118

(Citado a pag. 297)

Convenção para suspensão de armas entre os exercitos alliados da peninsula e as tropas francezas de Montauban

Artigo 1.° O limite entre o territorio occupado pelos exer-citos alliados e o que occupar a guarnição de Montauban ás ordens do general Loverdo seguirá a margem direita do Tarn, desde o limite do mesmo Tarn e Garonne acima de Villebrumier até á confluencia do Tarn com o Garonne. A guarnição de Montauban occupará sobre a margem es-querda do Tarn um circuito de terreno que não poderá estender-se a mais de tres quartos de legua, tomando por centro a ponte sobre o Tarn para Montauban. Abaixo da confluencia do Tarn com o Garonne a linha de demarcação seguirá a margem direita do Garonne até ao limite do de-partamento do Tarn e Garonne com o de Lot e Garonne.

Art. 2.° A navegação do Garonne será livre desde a con-

fluencia do Tarn até ao limite do departamento do mes[illegible] Tarn e Garonne com o de Lot e Garonne. Por este rio p[illegible] sarão sem nenhum obstaculo os barcos empregados no s[illegible] viço do exercito alliado.

Art. 3.° Os correios que vierem e forem para Paris, e [illegible] que vierem e forem para Bordéus poderão seguir a [illegible] direcção sem nenhum obstaculo por meio do territorio [illegible] cupado pelas tropas que estão ás ordens do general Lover[illegible]

Art. 4.° Igualmente deixará o exercito alliado ir e vir [illegible] vremente os correios que passarem pelo territorio que [illegible] occupa, á excepção dos que forem dirigidos para os depa[illegible] tamentos ou exercitos que não tiverem acceitado a consi[illegible] tuição de 6 de abril.

Art. 5.° A presente suspensão de armas terá logar des[illegible] o momento que se assignar a presente convenção entre [illegible] general Loverdo e o sr. coronel Dundas, encarregado d[illegible] poderes de mylord, marquez de Wellington, general e[illegible] chefe dos exercitos alliados. Se alguns acontecimentos i[illegible] previstos derem logar a que cesse o presente armistici[illegible] tanto da parte de lord marquez de Wellington, como do ge[illegible] neral Loverdo, dever-se-ha isso prevenir reciprocament[illegible] seis dias antes.

Feito em Montauban, em 15 de abril de 1814.=O gene-ral de brigada, *Conde de Loverdo*=*Roberto L. Dundas*, ma-jor do real corpo do estado maior e tenente coronel.

DOCUMENTO N.° 119

(Citado a pag. 297)

Convenções para suspensão de armas entre os exercitos alliados e os dos marechaes francezes

1.ª

O marechal general marquez de Wellington e os mare-chaes duque de Dalmacia e duque de Albufera, desejosos de concluirem uma suspensão de hostilidades entre os exer-

citos debaixo das suas respectivas ordens e de convirem n'uma linha de demarcação, nomearam para este fim os officiaes abaixo mencionados; convem a saber: o marquez de Wellington; o major general George Murray e o general D. Luiz Wimpffen, e o duque de Dalmacia e o duque de Albufera, o general de divisão conde de Gazan, os quaes, depois de reciprocamente haverem trocado os seus plenos poderes, convieram nos artigos seguintes:

Artigo 1.° Desde a data da presente convenção haverá uma suspensão de hostilidades entre os exercitos alliados, commandados pelo marechal general marquez de Wellington e os exercitos francezes commandados pelo marechal duque de Dalmacia e o marechal duque de Albufera.

Art. 2.° Não poderão tornar a começar as hostilidades por qualquer das partes, sem previamente se fazer d'isso aviso cinco dias antes.

Art. 3.° Os limites do departamento do alto Garonne, como os departamentos do Arriege, das Landes e do Tarn, formarão a linha de demarcação entre os exercitos até á villa de Buzet sobre o rio Tarn. Seguirá então a linha o curso do Tarn até á sua juncção com o Garonne, fazendo, comtudo, um circulo sobre a margem esquerda do Tarn, defronte de Montauban, em distancia de tres quartos de legua da ponte de Montauban. Desde a embocadura do rio Tarn seguirá a linha de demarcação a margem direita do Garonne até aos limites do departamento do Lot e Garonne com o departamento da Gironda. Então passará por La Reale, Sauveterre e Rozan até ao mar. No caso, todavia, de se haver determinado differente linha de demarcação pelo tenente general conde de Dalhousie e pelo general Decaen, estar-se-ha pela linha fixada por estes officiaes.

Art. 4.° Cessarão tambem as hostilidades por ambas as partes com as praças de Bayonna, Saint-Jean Pied de Port, Novarrens, Blaye, e o castello de Lourdes. Os governadores d'estas praças terão a liberdade de prover á subsistencia diaria das suas guarnições, tirando do paiz adjunto, convem a saber: a guarnição de Bayonna dentro de um raio de 8 le-

guas, contadas desde esta cidade; e as guarnições das mais praças nomeadas dentro de um raio de 3 leguas ao redor de cada uma d'ellas. Enviar-se-hão officiaes aos governadores das sobreditas praças para participar-lhes as condições da presente convenção.

Art. 5.° A villa e fortes de Santonha serão evacuados pelas tropas francezas e entregues ás hespanholas; levará comsigo a guarnição franceza todas as propriedades que lhe pertencerem, assim como armas, artilheria e outros effeitos militares, que originariamente não pertencessem ao governo hespanhol. O marquez de Wellington determinará se a guarnição franceza de Santonha tem de voltar para França por terra ou por mar, e em qualquer dos casos segurar-se-ha a passagem da guarnição, que será dirigida a uma das praças ou portos do exercito do duque de Dalmacia. Os navios de guerra ou outros vasos pertencentes á França, e que ora se acham no porto de Santonha, poderão passar para Rochefort, para cujo fim serão munidos dos necessarios passaportes. O duque de Dalmacia enviará um official a participar ao commandante francez de Santonha as condições da presente convenção, e fazer com que ellas se cumpram.

Art. 6.° O forte de Benasque será entregue quanto antes ás tropas hespanholas, e a guarnição franceza marchará pela estrada mais curta ao quartel general do exercito francez. Sairá a guarnição levando comsigo as armas e munições que forem originariamente francezas.

Art. 7.° A linha de demarcação entre os exercitos alliados e o do marechal Suchet será a fronteira da Hespanha e França desde o Mediterraneo até aos limites do departamento do alto Garonne.

Art. 8.° As guarnições de todas as praças que estão occupadas pelas tropas do duque de Albufera terão faculdade de voltar sem demora para França. Sairão estas guarnições com tudo quanto lhes pertence, assim como com todas as armas e artilheria que forem originariamente francezas. As guarnições de Murviedro e Peniscola unir-se-hão á guarnição de Tortosa, e então partirão estas tropas todas juntas

pela estrada real para entrarem em França por Perpinham. No dia da chegada d'estas guarnições a Gerona entregar-se-hão ás tropas hespanholas as fortalezas de Figueira e de Rosas, e as guarnições francezas d'estas praças encaminhar-se-hão para Perpinham. Assim que se souber haverem as guarnições francezas de Murviedro, Peniscola e Tortosa passado a fronteira da França, entregar-se-hão ás tropas hespanholas a praça e fortes de Barcelona, e immediatamente marcharão as guarnições francezas para Perpinham. As auctoridades hespanholas cuidarão em que se forneçam os meios necessarios de transporte ás guarnições francezas em sua marcha para a fronteira. Os doentes ou feridos de qualquer das guarnições francezas que não estiverem em estado de partir com os seus corpos ficarão para serem curados nos hospitaes em que se acham, e serão mandados para França logo que estiverem restabelecidos.

Art. 9.° Desde a data da ratificação da presente convenção não se poderá tirar de Peniscola, Murviedro, Tortosa, Barcelona ou alguma das mais praças, artilheria, armas, munições ou outros quaesquer effeitos militares pertencentes ao governo hespanhol; e os viveres que restarem ao tempo da evacuação d'estas praças serão entregues ás auctoridades hespanholas.

Art. 10.° Serão as estradas livres para a passagem dos correios pelo acantonamento de ambos os exercitos, comtanto que sejam aquelles munidos de passaportes regulares.

Art. 11.° Emquanto durar a presente convenção serão os desertores de um e outro exercito presos, e entregues no caso de serem reclamados.

Art. 12.° A navegação do Garonne será livre desde Tortosa até ao mar, e todos os barcos empregados no rio em serviço de um ou outro exercito poderão passar sem ser molestados.

Art. 13.° Os acantonamentos das tropas serão estabelecidos de modo que fique um espaço ao menos de 2 leguas entre os quarteis dos differentes exercitos.

Art. 14.° Os movimentos das tropas para os estabeleci-

mentos dos seus acantonamentos começarão assim que
ratificar a presente convenção. Far-se-ha a sua ratifica
dentro em vinte e quatro horas para o exercito do duque
Dalmacia, e dentro de quarenta e oito horas para o exerc
do duque de Albufera.

Feito por triplicado em Tortosa, a 18 de abril de 1814.
George Murray, major general = *Luiz Wimpffen*, marec
de campo = *Conde de Gazan*, general de divisão.

Ratificado. = *Wellington*.

2.ª

O feld-marechal marquez de Wellington e o marechal S
chet, duque de Albufera, desejando concluir uma suspens
de armas entre os exercitos de seu respectivo command
fixar entre elles uma linha de demarcação e estabelec
alem d'isso, a fórma com que devem evacuar-se as fortal
zas que o exercito francez occupa ainda em Hespanha, n
mearam para esse fim os abaixo assignados; a saber: p
parte do marquez de Wellington ao major general sir Georg
Murray e ao marechal de campo D. Luiz Wimpffen, e p
parte do duque de Albufera ao coronel Ricard, ajudant
commandante. Estes officiaes, depois de haverem trocad
mutuamente seus respectivos poderes, convieram nos se
guintes artigos:

1.º A base estabelecida na convenção de hontem, 18 d
abril, e formada pelo major general sir George Murray, pel
marechal de campo D. Luiz Wimpffen e pelo tenente gene-
ral conde de Gazan, fica confirmada; porém tendo o mare-
chal Suchet desejado não tratar absolutamente, mas estipu-
lar em separado sobre o que tiver relação com o exercito do
seu commando, devem os artigos da convenção acima cita-
da, que dizem respeito ao exercito do marechal Suchet, con-
siderar-se como não incluidos n'aquella convenção, e devem
supprir-se pelos artigos seguintes:

2.º A fronteira de Hespanha e França, desde o Mediter-
raneo até ao departamento do alto Garonne, fica determinad

mo linha de demarcação entre os exercitos alliados do ommando do feld-marechal marquez de Wellington e o xercito francez do commando do marechal Suchet.

3.° Todas as praças que o exercito francez ainda occupa m Hespanha serão entregues immediatamente ás tropas espanholas. A praça de Tortosa será a primeira entregue, a guarnição franceza d'aquella praça passará a França om as marchas costumadas pela estrada real que vae para Perpinham. As praças de Murviedro e Peniscola e a de Hostalrich entregar-se-hão tambem ás tropas hespanholas, om a menor dilação possivel; e as guarnições francezas d'estas praças unidas marcharão da mesma maneira para França pela estrada real de Perpinham. Logo que a guarnição de Tortosa chegar á fronteira de França, entregar-se-ha a praça de Barcelona ás tropas hespanholas, e marchará a guarnição franceza para Perpinham. Os viveres e meios de transporte que forem necessarios para as guarnições acima mencionadas durante a sua marcha até á fronteira de França, serão providos pelas auctoridades hespanholas. Os enfermos e feridos, que não poderem acompanhar as guarnições francezas na sua marcha, deverão ficar e ser tratados nos hospitaes em que actualmente se acham e enviados a França logo que se restabelecerem.

4.° As guarnições francezas das diversas praças acima mencionadas marcharão com as suas armas, bagagens e artilheria de campanha e os carros pertencentes ao exercito francez.

5.° Todas as armas, artilheria e carros originariamente hespanhoes deverão ficar nas praças.

6.° As fortificações das praças, seus armazens de armas, le munições de guerra e de bôca que em si contêem, não receberão nenhum damno nem prejuizo desde o momento em que se notificar o presente tratado, e se entregarão ás tropas hespanholas no estado em que então se acharem.

7.° Tendo o marechal Suchet restituido alguns prisioneiros hespanhoes sem troca, e tendo tenção de restituir todos s que se acharem dentro dos limites do districto de seu

rei, logar-tenente geral do reino de França, a uma sus-ensão de hostilidades entre as forças respectivas, e ao stabelecimento das antigas relações de amizade entre si. Sua magestade o rei do reino unido da Gran-Bretanha e landa por elle e os seus alliados de uma parte, e sua alteza al *monsieur*, irmão do rei, logar-tenente geral do reino de rança da outra parte, nomearam em consequencia os ple-ipotenciarios para convencionarem um acto, que sem pre-dicar as disposições da paz encerre as estipulações de ma suspensão de hostilidades, e que será seguida o mais reve possivel de um tratado de paz, a saber: sua mages-ade o rei do reino unido da Gran-Bretanha e Irlanda o muito onrado Robert Stewart, visconde de Castlereagh, etc., etc., sua alteza real *monsieur*, irmão do rei e logar-tenente ge-al do reino de França, o sr. Carlos Mauricio de Talleyrand erigord, principe de Benevento, etc., etc., os quaes, depois le trocados os seus poderes, têem concordado nos seguintes rtigos:

Artigo 1.º Todas as hostilidades por terra e mar são e fi-cam suspensas entre as potencias alliadas e a França, a sa-ber: para os exercitos da França logo que os generaes, com-mandando os exercitos francezes e praças fortes, tiverem feito conhecer aos generaes commandando as tropas allia-das, que lhes são oppostas, que elles têem reconhecido a au-ctoridade do logar-tenente geral do reino de França; e no que toca sobre o mar a respeito das praças e estações mari-timas, logo que as frotas e portos do reino de França ou occupados pelas tropas francezas tiverem feito a mesma submissão.

Art. 2.º Para verificar o restabelecimento das relações de amizade entre as potencias alliadas e a França, e para a fa-zer gosar tanto quanto de antemão é possivel as vantagens da paz, as potencias alliadas farão evacuar pelos seus exer-citos o territorio francez, tal qual se achava no 1.º de ja-neiro de 1792, á medida que as praças occupadas ainda fóra d'estes limites pelos exercitos francezes forem sendo eva-cuadas e entregues aos alliados.

Art. 3.° O logar-tenente geral do reino da França dará conseguintemente aos commandantes d'estas praças a ordem para as entregarem nos seguintes termos, a saber: as praças situadas sobre o Rheno, não comprehendidas nos limites da França no 1.° de janeiro de 1792, e as comprehendidas entre o Rheno e estes mesmos limites, no espaço de dez dias, a contar o da assignatura do presente acto; as praças do Piemonte e das outras partes da Italia, que pertenciam á França, no espaço de quinze dias; e as da Hespanha no de vinte dias; e todas as outras praças, sem excepção, que se acham occupadas pelas tropas francezas, de maneira que a entrega total se effeitue no 1.° de janeiro proximo. As guarnições d'estas praças saírão com as armas e bagagens, e as propriedades particulares dos militares e empregados de qualquer grau. As ditas guarnições poderão tambem levar a artilheria de campanha na proporção de tres peças por cada mil homens, comprehendendo n'este numero os doentes e os feridos. O pertencente ás fortalezas, e tudo o que não for propriedade particular ficará e será entregue na totalidade aos alliados, sem que d'isto se possa distrahir um só objecto. No pertencente ás fortalezas comprehendem-se não sómente os depositos da artilheria e munições, mas tambem as mais provisões de todo o genero, assim como os archivos, inventarios, planos, cartas, modelos, etc., etc. Logo depois da assignatura da presente convenção os commissarios das potencias alliadas e os da França serão nomeados e enviados para as fortalezas, a fim de verificarem o estado em que ellas se acham, e para regularem em commum a execução d'este artigo. As guarnições serão dirigidas pelos differentes pontos em que se convier para a sua entrada em França. Será immediatamente levantado pelos exercitos alliados o bloqueio das praças fortes na França. As tropas francezas que fazem parte do exercito da Italia, ou occupam as praças fortes n'este paiz ou no Mediterraneo, serão immediatamente chamadas por sua alteza real o logar-tenente geral do reino.

Art. 4.° As estipulações do precedente artigo serão appli-

cadas igualmente ás praças maritimas, reservando-se, todavia, ás potencias contratantes o regular no definitivo tratado de paz a sorte dos arsenaes, dos navios de guerra armados e desarmados que se acham em similhantes praças.

Art. 5.º As esquadras e as embarcações da França ficarão na sua respectiva situação, exceptuando a saida das embarcações encarregadas de missões; mas o immediato effeito do presente acto, a respeito dos portos francezes, será o levantamento de todos os bloqueios por terra e por mar, a liberdade da pesca, a de cabotagem, particularmente d'aquella que é necessaria para o aprovisionamento de Paris, e o restabelecimento das relações de commercio, conforme ao regulamento interior de cada paiz; e este immediato effeito a respeito do interior será o livre aprovisionamento das cidades e o livre transito dos transportes militares ou commerciaes.

Art. 6.º Para prevenir todos os motivos de queixa e de contestações que possam nascer por occasião das presas que se fizerem no mar depois da assignatura da presente convenção, reciprocamente se convem que os navios e effeitos que se possam tomar na Mancha e nos mares do norte depois do espaço de doze dias, a contar o da troca das ratificações do presente acto, serão de uma e outra parte restituidos no termo de um mez desde a Mancha e os mares do norte até ás ilhas Canarias, até ao Equador, e finalmente de cinco mezes para todas as outras partes do mundo, sem alguma excepção, nem outra distincção mais particular de tempo e logar.

Art. 7.º De uma e outra parte os soldados e officiaes prisioneiros de terra e mar ou de qualquer natureza que seja, e particularmente os refens, serão immediatamente enviados para os seus respectivos paizes sem mais paga ou encargo. Os commissarios serão reciprocamente nomeados para proceder a esta entrega geral.

Art. 8.º Os co-belligerantes, immediatamente depois da assignatura do presente acto, entregarão a administração dos departamentos ou cidades actualmente occupadas pelas

suas forças aos magistrados nomeados por sua alteza real o logar-tenente do reino de França. As auctoridades reaes proverão á subsistencia e precisões das tropas até ao momento em que tiverem evacuado o territorio francez, na certeza de que as potencias alliadas têem sómente em vista, por um effeito da sua amizade para com a França, fazer cessar as requisições militares logo que se effeitue a entrega ao poder legitimo. Tudo o que tende á execução d'este artigo será regulado por uma convenção particular.

Art. 9.º Quanto aos termos do artigo 2.º accordar-se-ha sobre os caminhos que as tropas das potencias alliadas têem a seguir na sua marcha, para n'elles se lhes prepararem os meios de subsistencia, e os commissarios serão nomeados para regularem todas as disposições de detalhe, e acompanhar as tropas até ao momento em que hão de deixar o territorio francez.

Em fé do que os plenipotenciarios respectivos têem assignado a presente convenção e lhe têem posto o sinete das suas armas.

Feito em Paris, aos 23 de abril de 1814.=(L. S.) *Castlereagh*=(L. S.) *O Principe de Benevento.*

Artigo addicional

O termo de dez dias, admittido em virtude das estipulações do artigo 3.º da convenção d'este dia para a evacuação das praças sobre o Rheno, e entre este rio e as antigas fronteiras da França, é applicado ás praças fortes e estabelecimentos militares de qualquer natureza que sejam nas provincias unidas dos Paizes Baixos.

O presente artigo addicional terá a mesma força e valor como se textualmente tivesse sido inserido na convenção d'este dia.

Em fé do que os plenipotenciarios respectivos o têem assignado e lhe têem posto o séllo das suas armas.

Feito em Paris, aos 23 de abril, anno da graça 1814.= (L. S.) *Castlereagh*=(L. S.) *O Principe de Benevento.*

Em fé do que os plenipotenciarios respectivos assignaram o presente acto de adhesão e lhe pozeram o sêllo de suas armas.

Feito em Paris, a 8 de maio de 1814. = (L. S.) *Conde do Funchal* = (L. S.) *O Principe de Benevento.*

DOCUMENTO N.° 121

(Citado a pag. 306)

Officio do conde do Funchal ao marquez de Aguiar sobre o tratado de paz de 30 de maio de 1814

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — José da Silva Areias é o portador do tratado de paz geral com a França, que mylord Castlereagh e os plenipotenciarios da Russia, Austria e Prussia, conde de Nesselrode, principe de Metternich e barão de Hardemberg assignaram hontem 30 de maio depois da meia noite, e que eu me verei litteralmente obrigado a assignar um dia d'estes com mr. de Talleyrand, principe de Benevento, e apparentemente na mesma data, a não querer tomar sobre mim a responsabilidade de deixar sua alteza real o principe regente nosso senhor só em guerra contra a França, como decisivamente me declarou mylord Castlereagh hontem na vespera da sua volta para Londres em presença do conde de Palmella, que eu pedi repetidas vezes a mylord que deixasse entrar nas conferencias por muitas rasões, e até para supprir a impossibilidade em que a minha modestia me põe de fazer qualquer applicação, ao que mylord sempre consentiu sem difficuldade alguma.

V. ex.ª se dignará observar na relação que fez o conde de Palmella as poucas esperanças que elle dava do apoio que acharia no commissario da Gran-Bretanha, na commissão de limites, ás tão moderadas pretensões feitas em nome de sua alteza real:

1.ª Dos limites da Guyanna;

2.ª Da restituição de Olivença e territorio de Juromenha;

3.ª A annullação dos tratados de Badajoz e de Madrid em 1801, e convenção de Lisboa em 1804.

E na breve relação que fiz (no officio n.º 2) da conferencia que tivemos, o embaixador de Hespanha e eu com mylord, e sobre o primeiro aviso que nos foi dado que elle ia assignar a paz sem ajustar cousa alguma para Portugal, verá v. ex.ª que elle repetiu o mesmo que já tinha dito, que estava esperando um correio de Londres antes da chegada do qual nem discutir podia.

Mylord mesmo suggeriu as duas notas que passei ao principe de Benevento, com as datas ambas de 22 de maio, as quaes até hoje estão sem resposta (inclusas n.os 1 e 2 por copia).

Chegou o correio que mylord esperava de Londres; e tendo n'este intervallo sido dados primeiramente os dois projectos chamados primeira e segunda redacção, que vão no documento letra A, a que eu me oppuz pelas rasões no mesmo documento dadas, e tendo-se depois offerecido os projectos expostos nos documentos letras B e C, reciprocamente rejeitados pelas rasões nos mesmos documentos dadas; e havendo eu mais escripto a mylord a carta notada, letra D, com data de 26 de maio, com a copia e traducção das instrucções que eu tenho, determinou-se mylord irrevogavelmente a acceitar a ultima redacção de mr. de Benevento, que parece illusoria, e que vae copiada no artigo 10.º do tratado.

Quando elle me participou esta sua resolução sabbado passado 29 do corrente, tinha eu já prompta a declaração inclusa por copia, letra E, que lhe pedi que me fizesse acceitar pelos plenipotenciarios e pelo principe de Benevento, porque de outro modo eu não assignava o artigo. Mylord não fez difficuldade; então ficou de dar-me a resposta no dia seguinte, em que o não pude ver, mas hontem segunda feira á noite tivemos uma longa altercação, em que não foi possivel mudal-o do seu proposito de assignar n'aquella noite, e partir no dia seguinte para Londres; passo a referir o que se disse:

Usámos, eu e o conde de Palmella, quantos argumen
nos occorreram, já usados ou novos, para persuadir myl
a não acceitar a redacção do principe de Benevento par
artigo 10.° dos limites da Guyanna, que faria um pessi
effeito no animo de sua alteza real e de todos os seus v
sallos, exaltados com a muito justa gloria da honra que
nham adquirido pelas armas e pelo seu heroico soffrimen

Mylord, fixo no seu intento, respondeu vagamente q
não se devia fazer caso do que o publico dirá de um trata
porque ignorava as circumstancias. Disse que elle tinha
tado bem perto de fazer a paz com Buonaparte em Chatill
com a certeza que tinha a opinião de toda a nação ingle
contra si, e que não obstante isto nunca lhe dera o minim
cuidado!

A isto replicámos nós que um ministro inglez tinha
occasião de se justificar em parlamento, que nós não tinha
mos; e o conde de Palmella observou que mylord se en-
ganava muito se pensava que em Portugal não havia opinião
publica.

Mylord fugiu para a asserção generica que elle não podia
obrigar a França a ceder um ponto litigioso sem discussão,
e em que elle nada entendia por ora.

Eu observei a mylord que a má fé de mr. de Benevento
era evidente, pois que ser o nosso limite o rio Oyapock ou
outro rio mais abaixo não dava logar a discussão, e nenhuns
commissarios ou plenipotenciarios podiam decidir cousa al-
guma mais antes ou depois do exame, porque não se tratava
senão de ceder ou não ceder uma das partes o districto
comprehendido entre os dois rios.

Que a França fazia esta difficuldade havia cem annos de-
pois do tratado de Utrecht, e que nenhuma epocha occorre-
ria jamais para forçar a França igual a esta em que ella se
achava conquistada pelos exercitos alliados. Pelo contrario
o artigo composto por mr. de Benevento não fallava em dis-
cussão de limites para o interior, que é a unica parte em
que a discussão podia ser necessaria. Que o artigo era por
consequencia simplesmente composto para illudir a decisão

a nosso favor, agora que a Inglaterra a podia forçar se quizesse.

O conde de Palmella observou a mylord que a França, á proporção que se tinha achado mais poderosa, tinha augmentado as suas pretensões sobre este limite da Guyanna, de sorte que do tratado feito em 1797 ao de 1801 em Badajoz e depois em Madrid, gradualmente nos foi fazendo recuar a fronteira. Que nada havia por consequencia mais justo agora do que aproveitar a circumstancia para lhe fazer reconhecer o nosso direito. Mylord respondeu sempre com generalidades, que não entendia a questão, que não podia forçar a decisão sem exame, que elle era mediador, e que ninguem havia de duvidar que, ficando a questão a decidir debaixo da mediação da Gran-Bretanha, seria decidida a favor de Portugal.

Instando eu para que se decidisse aqui e logo, pois que a necessidade da discussão era illusoria quanto ao rio que devia servir de limite, disse mylord «que se nós queriamos ficar sós em guerra com a França que o podiamos fazer!» Aqui exclamei eu que não esperava que os plenipotenciarios alliados pensassem assim, e que eu particularmente duvidava que o imperador Alexandre se resolvesse a sacrificar-nos d'essa maneira, porque a generosidade do seu real animo era bem conhecida, e que se fosse necessario eu não teria duvida de lembrar a sua magestade imperial que no tempo em que os portuguezes sós no continente da Europa luctavam com vantagem contra a força franceza, sua magestade imperial não se atrevia a reconhecer um ministro de Portugal, nem podia um navio portuguez entrar nos portos da Russia sem papeis que fingissem que vinha das ilhas ou do Brazil.

Se eu considerasse, disse eu a mylord, os feitos do exercito portuguez com os olhos de um seu natural, poderia admittir a objecção de parcialidade, mas era da bôca de inglezes e na propria casa de mylord que eu tinha ouvido affirmar publicamente que a não ter feito o exercito portuguez o que fez não teriam os russos chegado a Paris!

Mylord não replicou ao argumento, ainda que annuiu aos louvores geraes que mereceu o nosso exercito; porém, firme na sua tenção, repetiu «que se nós queriamos correr o risco de ficar sós em guerra, que podiamos fazer um tratado separado».

Então, vendo todas as tentativas baldadas e mylord resolvido a assignar e partir, pedi-lhe que insistisse na acceitação da minha declaração, porque sem ella eu não podia assignar o tratado. Mylord estava já tão disposto a ceder á França que começou a fraquejar, e a dizer-me que se eu queria reservar o nosso direito, que mr. de Benevento me havia de dar uma contra-declaração em que resalvasse o seu.

Eu insisti em que mylord fizesse acceitar a minha declaração, qualquer que fosse a contra-resposta de mr. Benevento. D'este passo, disse-lhe, necessito eu, mylord, para me justificar perante o meu soberano e perante todos os meus nacionaes, e provar que eu não cedi o seu justo direito, posto que abandonado por vós! Servi-me da expressão vulgar franceza: *je vous passe le senné pour que vous me passiez la rhubarbe.*

Levantámo-nos, e fóra achou-se o conde de Fernan Nunes, o qual, não me posso lembrar os termos, mas fallou tão asperamente a mylord sobre o desamparo em que deixava os ministros da peninsula que tinham sido o verdadeiro motor de toda a resistencia e victoria da Europa sobre Buonaparte, que mylord chegou quasi a perder o sangue frio que tão eminentemente o caracterisa, e tomando o seu espadim e chapéu se foi embora precipitadamente, dizendo que elle tinha precisão absoluta de se achar em Londres alguns dias e fallar com o seu soberano antes que lá chegasse o imperador Alexandre, que se achava de partida.

Saíu mylord, e na propria casa do principe de Benevento assignaram com a data de hontem o tratado de paz geral os plenipotenciarios da Russia, da Austria, da Inglaterra e Prussia, deixando exactamente de fóra Portugal, Hespanha e Suecia, isto é, as tres nações cuja resistencia aos planos

de Buonaparte fizeram recobrar animo ás tres maiores potencias do continente, que tremiam á voz de Buonaparte, principalmente Portugal, que, pela confissão geral de todos os plenipotenciarios, foi a que abriu os olhos de todas as nações pelo seu heroismo e valor afortunado, pois que o merito da Suecia e da Hespanha se póde mais considerar como passivo, uma por não ter atacado a Finlandia, como Buonaparte queria, a Hespanha por ter opposto a sua resistencia de inepcia aos francezes, ainda que não soube adquirir a disciplina militar.

(Este officio estava escripto até á data de 31 de maio; o que se segue comprehende as datas até 14 de junho.)

Esta assignatura e partida abrupta de mylord, recaindo sobre a certeza que os plenipotenciarios das quatro potencias maiores, Russia, Inglaterra, Austria e Prussia, nos tinham sempre excluido das conferencias particulares que tinham com o principe de Benevento, e sobre a nossa demora forçada em Londres até que recebemos o aviso de mylord para partir, aggravou particularmente para mim a magua da perda de tantas malas do Brazil, em que eu esperava a decisão real sobre as nomeações successivas que o conde de Palmella e eu solicitámos para elle se adiantar a cumprimentar o imperador Alexandre, e a assistir ao congresso de Praga, etc., etc., e pela falta inesperada das reaes ordens, nem elle nem eu nos atrevemos a forçar, contra o voto do ministerio inglez, a partida do conde de Palmella como viajante, como avisei nos meus officios.

Esta jornada, alem de outras vantagens muito obvias, teria poupado a grande fadiga que me custou para persuadir a mr. de Benevento a necessidade da minha accessão á convenção de suspensão de hostilidades assignada a 23 de abril proximo passado, antes que eu recebesse o aviso de mylord Castlereagh para partir de Londres.

Portugal era a unica potencia que a não tinha assignado, porque não se achando aqui o conde de Fernan Nunes, persuadiu mylord a mr. Pizarro, ministro de Hespanha junto a el-rei da Prussia, que a assignasse; e, portanto, se tivesse es-

mente, e nem conferencias queria para os con
as conversações em sua casa, e sempre de salt
duziam senão altercações inuteis. Eu estava já
a não assignar o tratado sem lhe dar e elle ac
tantas declarações ou protestos quantos os art
julgava indispensaveis.

Emfim, depois de uma altercação mui viva e
em que elle me dizia que deixaria as cousas co
isto é, que se não assignaria tratado entre nós,
tiça e á verdade de informar a v. ex.ª que sir Ch
nomeado *ad interim* enviado extraordinario e
nipotenciario em Paris (o mesmo que acaba de
boa), a quem lord Castlereagh deixou o encarg
cundar n'esta negociação, apertou com mr. de
de maneira que elle fixou o dia para a assign
(no ministerio das relações exteriores) me perg
eram os artigos separados que eu queria. Leu-o
lh'os, e disse-me que lhe era preciso pedir as or
magestade, e que d'ali a dois dias assignariamo

N'este intervallo se concertaram os artigos
Bernardière, director geral e hoje o principal e
repartição dos negocios estrangeiros; e a final,
sado 11 do corrente, se assignou o tratado geral
separados, assim como a accessão á convenção d
proximo passado.

Na discussão com o director geral mudou-se

do no tratado com a Gran-Bretanha. Soube do director ge-
al que mylord Castlereagh com effeito tinha cumprido com
que me prometteu, de não acceitar o artigo de mr. de
aforet, e de não prometter mais do que os seus bons
fficios para a fiel execução da capitulação.

Por curiosidade remetto, letra F 1, 2, 3 e 4, o dito ar-
igo IV, que não teve effeito, e as cartas dos condes de
Laforet, Munster e minhas.

Pelo mesmo motivo remetto, letra G, a carta que escrevi
ao conde de Munster sobre a impossibilidade que talvez ha-
veria de entregar Cayenna dentro de tres mezes da data das
ratificações, no caso que sua alteza real estivesse no Brazil
n'esta ultima epocha. Este ponto ficou bem explicado e en-
tendido pelo principe de Benevento, que respondeu constan-
temente ás observações que eu e o conde de Palmella lhe
fizemos, que estava bem entendido que sua magestade chris-
tianissima não pedia mais do que fosse praticavel, e que a
entrega se faria *le plutôt que faire se pourra*.

Aproveito a occasião para fazer observar a v. ex.ª que eu
pedi tambem ao principe de Benevento que deixasse entrar
o conde de Palmella ao momento da assignatura, porque eu
desconfiava que os seus plenos poderes estavam no fundo
do mar, e que o seu conselho ou o seu auxilio para ler me
seriam muito essenciaes no estado de molestia em que me
achava. O principe de Benevento não fez a mais leve difficul-
dade e o conde de Palmella entrou commigo.

Tambem para informação de sua alteza real remetto, le-
tra H e I, as notas que para esse effeito me communicaram
o conde de Fernan Nunes e os plenipotenciarios da Suecia,
conde de Stedingk e barão de Wetterstedt.

Com estes ultimos teve o principe de Benevento uma
grande altercação sobre a mudança que queria fazer no
preambulo, dizendo que não convinha á Suecia adoptar a
phrase «*Et sa majesté le roi de Suède et Norwege et ses alliés
ne voulant plus exiger de la France*»; ao que queria substi-
tuir «*Et les puissances alliées ne voulant plus exiger de la
France*». Os plenipotenciarios suecos insistiram que sendo

o tratado geral, não consentiam a minima alteração, [illegible] e o principe de Benevento, depois de uma hora boa de disputa, cedeu.

O conde de Fernan Nunes não quiz assignar por varios motivos: 1.°, porque recebeu o aviso da sua côrte, que, vista a sua experiencia e habilidade provada, o mandava ficar em Londres, e que outra pessoa seria nomeada para o congresso; 2.°, porque o principe de Benevento não tinha respondido ás notas que acima annunciei respeito a Parma e ao reino de Napoles, e assim o escreveu ao principe de Benevento.

O cavalheiro Stuart, até hontem e por escripto, apertou com o conde de Fernan Nunes, mas elle está mais firme do que nunca em não assignar agora que sabe que o seu successor, mr. Labrador, chegou já a Bayonna.

V. ex.ª se lembrará que em consequencia do que propoz o conde de Palmella na commissão de limites, e dos votos dos membros d'ella, escrevi uma circular a todos os plenipotenciarios dos soberanos alliados, cuja copia foi remettida com o officio de Paris n.° 1 e documento n.° 7.

Tenho a honra de juntar, letra L, a resposta principal, que é a do conde de Nesselrode, promettendo, em nome de sua magestade o imperador Alexandre, os bons officios pedidos para a restituição de Olivença.

Esqueceu na segunda relação da commissão de limites, que o conde de Munster declarou que a promessa dos bons officios da parte da Gran-Bretanha estava já dada e executada, havendo o ministerio inglez emprehendido esta negociação já de Londres por via do conde de Fernan Nunes, e por ordens dadas ao embaixador sir Henry Wellesley, e pelas instrucções que levou lord Wellington quando d'aqui voltou para Madrid, de tudo o que tenho tido a honra de avisar nos meus officios de Londres e de Paris.

Faltam por consequencia entre as importantes as duas promessas da Austria e da Prussia, que o principe de Metternich e barão de Hardemberg ambos prometteram, mas com a pressa da partida para Londres acompanhando suas

magestades o imperador Alexandre e rei da Prussia, não me deram ainda, e que por outra occasião remetterei.

Emfim, como acima tive a honra de dizer a v. ex.ª, alguns dias antes da assignatura do tratado entreguei ao principe de Benevento, e deixei nas mãos de mr. de la Bernardière, a minha declaração, letra E, já citada e por mim assignada.

Tornámos, eu e o conde de Palmella, no acto da assignatura, a fallar longamente com o principe de Benevento sobre a restituição de Olivença, o que elle sempre disse que não soffreria difficuldade alguma, e acrescentou que havia de dar uma resposta á minha declaração. Nós insistimos em que ella fosse positiva a este respeito, porque era o ponto essencial para sua alteza real e para todos os seus vassallos.

Voltando á noite para casa achei a resposta ou contra-declaração inclusa, letra M; não satisfeito com a qual, e depois de a mostrar a sir Charles Stuart, na presença d'este escrevi a nota inclusa, letra N, exigindo uma resposta menos generica na parte que expressava os bons officios promettidos para a restituição de Olivença.

Fallei diversas vezes ao principe de Benevento; fallou-lhe sir Charles Stuart; foi-lhe fallar o ministro da Russia e o da Prussia, mas elle parecia teimoso em dizer que bastava a primeira. Por fim fallei eu mesmo a mr. de la Bernardière; tive uma longa explicação com elle, e hontem á noite recebi uma segunda contra-declaração pedida, que vae inclusa e marcada, letra O. Eu teria preferido o que propuz a mr. de la Bernardière, isto é, retirar a primeira resposta e a minha réplica, e mandar uma resposta com a mudança da phrase pedida, mas como parece que este ministro prefere o methodo forense, é necessario ir com elle.

Comparando agora, ex.ᵐᵒ sr., o que está feito e assignado, com o que está prescripto nas instrucções eventuaes de 20 de janeiro de 1809, que são as unicas que tenho, e fazendo novamente observar a v. ex.ª o que está exposto na primeira conferencia que tive em París com mylord Castlereagh, isto é, que a obra da paz com a França foi separada, de commum

e todas as reclamações de governo a governo. Quanto ás le individuos a cargo do governo, o artigo é claro e os dois soberanos obraram um como o outro; por consequencia se a França negar justiça aos portuguezes, sua alteza real póde negal-a aos francezes.

7.ª Restituição de Olivença e territorio de Juromenha. — Este importantissimo negocio, não pertencendo immediatamente á paz com a França, foi tratado entretanto com todo o calor que elle merece á real contemplação, e v. ex.ª terá observado que eu forcei o principe de Benevento a explicar a promessa dos bons officios de sua magestade christianissima com segunda contra-declaração. O plenipotenciario de sua alteza real ao congresso apresentar-se-ha com o voto unanime das maiores potencias a favor d'esta restituição, se for tal a obstinação do gabinete de Madrid, que não ceda antes ás instancias que tem feito o governo britannico directamente por varias vias, e eu espero aqui dois dias para saber de lord Wellington o que elle fez em Madrid. Mylord espera-se aqui depois de ámanhã.

8.ª Declaração dos direitos eventuaes de sua alteza real a princeza nossa senhora. — Pertence ao congresso, e não sei se n'elle mesmo será proprio renovar o assumpto depois da restauração de sua magestade catholica e dos serenissimos infantes seus irmãos.

P. S. — De Londres no 1.º de julho.

Quando expedi antecipadamente a Londres J. da S. Areias, para se aprouptarem aqui as segundas vias do tratado que mando por Lisboa, não tinha ainda recebido a carta inclusa por copia, letra P, do marquez de Osmond, a quem eu tinha fallado para que se lembrasse ao principe de Benevento o que se tinha passado na commissão de limites (aonde o marquez era o ministro commissario por parte da França) sobre a proposição que o conde de Palmella foi instruido de fazer relativamente a Cayenna e a Olivença.

A resposta do marquez de Osmond é um documento necessario junto ás duas declarações do principe de Benevento.

a favor do santo padre produza o effeito que seria para
sejar.

Eu, tendo em vista tudo o que por mim passou, e o
tenho tido a honra de escrever n'estes cinco annos, julg
faltar á minha obrigação se deixasse n'este momento de l
brar e de inculcar como remedio indispensavel para sa
a dignidade e independencia da monarchia, que sua al
real o principe regente nosso senhor, queixando-se, co
dignidade que lhe é propria, de todos os alliados, seja i
xivel por esse motivo em não conceder favores mercanti
Brazil e em Portugal ás nações estrangeiras que não t
tratados, e insista na justiça que se lhe deve sobre o tra
com a Gran-Bretanha.

Ha um só ponto sobre o qual, pelos mesmos princi
julgo indispensavel que sua alteza real esteja prevenido
tomar as providencias e dar as instrucções necessaria
ministro que for ao congresso, pois agora chegarão ai
tempo: este é o commercio da escravatura.

A França de certo não está inclinada á abolição immed
O imperador Alexandre tem ouvido informações, que e
riam um pouco o ardor philantropico com que em Pari
fendeu a causa da abolição immediata!

Mas a Russia, a Austria e a Prussia, não tendo colo
é muito de receiar que façam este obsequio á Inglaterr
ainda ha algum favor ou subsidio que d'ella os faça de
dentes, o que, porém, não vejo que possa haver depois d
com a França sem Buonaparte.

O partido em favor da abolição é tão violento em I
terra, como eu sempre tenho representado e como v.
verá nos quadros politicos, que eu, para sustentar a c
de sua alteza real, sem me comprometter na opinião pu
tenho sempre dito e publicamente, que distingo a caus
abolição da injusta aggressão sobre os navios portugu
e que sua alteza real nunca poderá ouvir proposição al
de abolição, seja gradual ou immediata d'este trafico,
quanto o insulto que lhe foi feito, e o damno que soffr
os seus vassallos, não se acharem reparados; e devo

a v. ex.ª que é a minha opinião firme que, persistindo-se n'esta distincção com o mesmo rigor, sua alteza real ha de alcançar a indemnisação devida, mas tambem depois ha de se julgar obrigado a consentir ou na abolição ou na suspensão d'este commercio emquanto as mais nações o prohibirem.

Sobre este ponto são necessarias e urgentes as instrucções e ordens mais claras para o ministro que for ao congresso.

De assumpto connexo com o tratado em algum modo não me resta que acrescentar senão remetter a v. ex.ª as copias dos officios que escrevi ao secretario do governo D. Miguel Pereira Forjaz com as datas de 13 e 20 de junho proximo passado, e do que d'elle recebi com a data de 23 de maio precedente, a que respondi com o officio n.º 64 no dia 28 de junho, de que tambem tenho a honra de ajuntar copia.

Eu, apesar do muito que ouvi a sir Charles Stuart em Paris desapprovando a carta escripta em nome dos governadores do reino a sua magestade christianissima, affirmando que se elle estivesse ainda em Lisboa não a teria escripto, porque muitas vezes os tinha dissuadido de actos similhantes, comtudo, como se poderia imputar-me algum resentimento pessoal, achei mais prudente não enunciar na minha resposta opinião propria sobre as rasões de D. Miguel Pereira Forjaz no officio acima citado de 23 de maio.

Entretanto, vendo que o tempo se passava sem poder concordar com o principe de Benevento ou com mr. de la Bernardière, sobre algum artigo ou intelligencia que fixasse o estado provisorio das duas nações a respeito dos agentes diplomaticos, dos consules e vassallos respectivos, e nomeação de algum agente interino, julguei que, para evitar todo o risco de antecipar sobre a auctoridade real, não podia fazer melhor do que pedir com a carta inclusa por copia, letra R, ao conde de Palmella que ficasse em Paris algum tempo a ver o que podia convir confidencialmente com o principe de Benevento, como eu lhe pedi em duas notas, S e T, cujas copias acompanham o precitado officio n.º 63, de 20 de junho, a D. Miguel Pereira Forjaz.

Termino com os mais ardentes votos pela conservação da preciosissima saude de sua alteza real o principe regente nosso senhor e de toda a real familia.

Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. Londres, 1.º de julho de 1814. = *Conde do Funchal.*

DOCUMENTO N.º 122

(Citado a pag. 308)

Officios do marquez de Aguiar ao conde do Funchal ácerca da entrega de Cayenna

1.º

Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr. — Recebi e levei á augusta presença do principe regente meu senhor os officios que v. ex.ª me dirigiu de Paris, n.^os^ 1, 2 e 3, nas datas de 22, 23 e 24 de maio do presente anno, com os documentos que elles mencionam. Sua alteza real não podia deixar de admirar-se, e mesmo de resentir-se de que o seu antigo e fiel alliado negociasse e fizesse patente no tratado de paz concluido em Paris em 30 do sobredito mez de maio um artigo tão indecente como nocivo aos interesses e decoro da sua corôa. As causas d'esta admiração e resentimento são tão obvias que sua alteza real reflectiu immediatamente que no artigo 10.º do tratado se declara que sua magestade fidelissima, em consequencia dos ajustes feitos com os seus alliados se obriga a restituir á sua magestade christianissima, em um periodo abaixo fixado, a Guyanna franceza, tal qual èra no 1.º de janeiro de 1792.

Não ha ajuste algum contratado entre as duas corôas de Portugal e Inglaterra posteriormente aos artigos secretos do tratado de alliança de 19 de fevereiro de 1810, e n'elles o que se diz é o seguinte:

«Sua magestade britannica promette contribuir com toda a sua influencia para que os limites da America portugueza

lado de Cayenna sejam aquelles que se conformam com a terpretação que Portugal constantemente tem dado ás es-pulações do tratado de Utrecht.»

Nada apparece n'este artigo por onde sua alteza real se rigasse a restituir á França, ou ceder aquella colonia a tra alguma potencia. Portanto a mediação de sua mages-de britannica sobre limites só podia ter logar na eventua-lade de que sua alteza real livremente ou por meio de ne-ciação se resolvesse a ceder aquella conquista.

Contra esta decisão dos negociadores inglezes espera sua teza real que v. ex.ª não deixaria de fazer as necessarias nstas protestações, porque infelizmente assim o exigia o coro da soberania do mesmo senhor. E ainda que sua al-za real não podia prever que qualquer protestação podesse cair sobre uma resolução tão inesperada da parte do seu iado, como esta de que se trata, comtudo, por uma bem tendida precaução na distancia em que se acha da Europa, torisou os seus plenipotenciarios destinados para o con-esso, como v. ex.ª já saberá, da maneira seguinte para os sos occorrentes d'esta natureza:

«Quando v. ex.ª as ache estabelecidas (as bases prelimi-res para o tratado da paz geral) em sentido vantajoso e ecente, sua alteza real lhe ordena a prompta acceitação ellas, expressando a sua gratidão. Quando, porém, não tejam ainda designadas, deve v. ex.ª fazer todas as repre-ntações para que o sejam n'esta conformidade; e, no caso ntrario, todas as reclamações e protestos que julgar ne-ssarios e convenientes.»

Não havendo aqui recebido officio algum de v. ex.ª em e communicasse a deliberação que tomou de partir de ndres para o continente, provavelmente porque esta par-ipação viria pelo paquete de maio, que consta ter sido to-ado, sómente se receberam agora pelo de junho, que aqui egou no dia 17 do corrente, os já citados officios de v. ex.ª criptos de Paris. N'elles refere v. ex.ª o estado em que hou n'aquella capital as negociações para a paz; as confe-ncias que teve com lord Castlereagh, as communicações

Termino com os mais ardentes votos pela conservação [illegible] preciosissima saude de sua alteza real o principe rege[illegible] nosso senhor e de toda a real familia.

Deus guarde a v. ex.ª muitos annos. Londres, 1.º de jul[illegible] de 1814. = *Conde do Funchal.*

DOCUMENTO N.º 122

(Citado a pag. 308)

Officios do marquez de Aguiar ao conde do Funchal ácerca da entrega de Cayenna

1.º

Ill.^mo e ex.^mo sr. — Recebi e levei á augusta presença do principe regente meu senhor os officios que v. ex.ª me dirigiu de París, n.^os 1, 2 e 3, nas datas de 22, 23 e 24 de maio do presente anno, com os documentos que elles mencionam. Sua alteza real não podia deixar de admirar-se, e mesmo de resentir-se de que o seu antigo e fiel alliado negociasse e fizesse patente no tratado de paz concluido em Paris em 30 do sobredito mez de maio um artigo tão indecente como nocivo aos interesses e decoro da sua corôa. As causas d'esta admiração e resentimento são tão obvias que sua alteza real reflectiu immediatamente que no artigo 10.º do tratado se declara que sua magestade fidelissima, em consequencia dos ajustes feitos com os seus alliados se obriga a restituir a sua magestade christianissima, em um periodo abaixo fixado, a Guyanna franceza, tal qual èra no 1.º de janeiro de 1792.

Não ha ajuste algum contratado entre as duas corôas de Portugal e Inglaterra posteriormente aos artigos secretos do tratado de alliança de 19 de fevereiro de 1810, e n'elles o que se diz é o seguinte:

«Sua magestade britannica promette contribuir com toda a sua influencia para que os limites da America portugueza

orquido do que importante, ou seja em rasão de rendimento ou de praça militar. Pedir a restituição de Olivença como compensação de qualquer outra cousa que cedemos, é não dar valor ao que militar e politicamente occorreu. Foi cedida á Hespanha pelo tratado de Badajoz, o qual ficou nullo *ipso facto* pela guerra subsequente. Sobrevindo a revolução e a feliz união com a Hespanha, contribuimos para a sua restauração com sacrificios de todo o genero, e mui particularmente de gente em reconquistar praças importantes d'aquella monarchia. Por conseguinte assiste todo o direito a sua alteza real para ser reintegrado na possessão de Olivença.

Sua alteza real reparou tambem que depois de v. ex.ª ter declarado nas suas instrucções ao conde de Palmella que a unica discussão de limites entre as costas de Portugal e França seria sobre os de Guyanna, no caso de sua magestade christianissima pedir a restituição de Cayenna, o mesmo conde na nota verbal que apresentou na commissão, sem esperar que precedesse requisição alguma a este respeito da parte da França, se antecipasse a fazer a offerta d'aquella conquista, referindo a v. ex.ª na conta que lhe dirigiu em 20 de maio, que a offerecêra em nome de sua alteza real, o que, como já fica dito, não podia propor-se sem preceder a necessaria auctorisação.

Á vista, pois, de todas estas considerações está sua alteza real na firme resolução de protestar contra uma marcha tão irregular, e que põe Portugal abaixo das outras potencias nas vantagens que lhe deveriam competir. N'esta conformidade ordena sua alteza real aos seus plenipotenciarios, nos officios que n'esta mesma occasião lhes vão dirigidos, que hajam de pôr em pratica as instrucções que sua alteza real por precaução lhes mandou dar para casos eventuaes d'esta natureza, segundo os termos que acima vão transcriptos, e isto ainda mesmo quando v. ex.ª tenha feito as devidas protestações contra o artigo do tratado, como é natural.

N'estas circumstancias, sendo mais que provavel que v. ex.ª já tenha revertido de Paris para Londres, ou que

que este lhe fez, assim como as notas que lhe passou o principe de Benevento, e o convite que teve para intervir nas commissões delegadas pelos plenipotenciarios, e destinadas para tratar de limites e reclamações, nomeando v. ex.ª para seu substituto nas ditas commissões o conde de Palmella.

Sua alteza real viu ainda com maior admiração as instrucções que para este effeito v. ex.ª passou ao referido conde. Tal foi a estranheza de sua alteza real, que ordenou o exame dos plenos poderes e instrucções que a v. ex.ª mandou dar em 20 de janeiro de 1809 para poder assistir a qualquer congresso eventual. A auctorisação que v. ex.ª recebeu pelas ditas instrucções não foi para conceder a restituição da Guyanna, tanto assim que n'aquella data não havia, nem podia haver n'esta côrte ainda, noticia da conquista da dita colonia. Em artigos secretos, concluidos em 19 de fevereiro de 1810, não se trata cousa alguma a respeito da sobredita cessão, mas unicamente de limites, d'onde se evidenceia que nem aquellas instrucções podiam ter applicação alguma nas presentes circumstancias, nem existe convenção ou ajuste pelo qual sua alteza real se obrigasse á restituição da Guyanna.

Igualmente não podiam as mesmas instrucções servir de norma a v. ex.ª quanto a requisição sobre Olivença e o seu territorio, porque felizmente as circumstancias presentes são mui diversas, não existindo já Buonaparte, e tendo nós feito á Hespanha os mais attendiveis serviços na cooperação efficaz do nosso exercito para a salvação da peninsula, o que nos dá o mais irrefragavel direito a obtermos esta restituição independentemente da intervenção que v. ex.ª solicitou pela sua circular dirigida aos plenipotenciarios das outras potencias do congresso. Olivença jamais póde ser compensação da reversão da Guyanna, e sua alteza real preferiria, e prefere, abandonal-a quando da sua reencorporação á monarchia portugueza houvesse de resultar tão grande sacrificio. Portanto sua alteza real não póde approvar que se solicitasse a mediação da França e das outras potencias sobre um objecto que é mais de capricho pela maneira por que foi ex-

torquido do que importante, ou seja em rasão de rendimento ou de praça militar. Pedir a restituição de Olivença como compensação de qualquer outra cousa que cedemos, é não dar valor ao que militar e politicamente occorreu. Foi cedida á Hespanha pelo tratado de Badajoz, o qual ficou nullo *ipso facto* pela guerra subsequente. Sobrevindo a revolução e a feliz união com a Hespanha, contribuimos para a sua restauração com sacrificios de todo o genero, e mui particularmente de gente em reconquistar praças importantes d'aquella monarchia. Por conseguinte assiste todo o direito a sua alteza real para ser reintegrado na possessão de Olivença.

Sua alteza real reparou tambem que depois de v. ex.ª ter declarado nas suas instrucções ao conde de Palmella que a unica discussão de limites entre as costas de Portugal e França seria sobre os de Guyanna, no caso de sua magestade christianissima pedir a restituição de Cayenna, o mesmo conde na nota verbal que apresentou na commissão, sem esperar que precedesse requisição alguma a este respeito da parte da França, se antecipasse a fazer a offerta d'aquella conquista, referindo a v. ex.ª na conta que lhe dirigiu em 20 de maio, que a offerecêra em nome de sua alteza real, o que, como já fica dito, não podia propor-se sem preceder a necessaria auctorisação.

Á vista, pois, de todas estas considerações está sua alteza real na firme resolução de protestar contra uma marcha tão irregular, e que põe Portugal abaixo das outras potencias nas vantagens que lhe deveriam competir. N'esta conformidade ordena sua alteza real aos seus plenipotenciarios, nos officios que n'esta mesma occasião lhes vão dirigidos, que hajam de pôr em pratica as instrucções que sua alteza real por precaução lhes mandou dar para casos eventuaes d'esta natureza, segundo os termos que acima vão transcriptos, e isto ainda mesmo quando v. ex.ª tenha feito as devidas protestações contra o artigo do tratado, como é natural.

N'estas circumstancias, sendo mais que provavel que v. ex.ª já tenha revertido de Paris para Londres, ou que

mesmo ministerio, como já em precedentes occasiões
commendado, e expressamente sua alteza real dete
aos seus plenipotenciarios.

Devo prevenir a v. ex.ª de que sua alteza real jul
cessario aos interesses e decoro da sua corôa expe
ordens ao governador militar de Cayenna e ao intend
ral, cuja copia remetto inclusa, para que no caso de
se apresentassem os commissarios para tomar entr
parte de sua magestade christianissima d'aquella
elles impugnassem esta pretensão, nos termos qu
verá pela sobredita copia, podendo mui bem acontec
tudo que, ao tempo em que chegar esta ordem a Cay
os ditos commissarios ali tenham chegado, supposto
praso que se estipulou no tratado de Paris para a
ção das colonias tomadas á França; mas ao menos
em tal caso este passo para sua alteza real manif
mundo e em particular aos seus vassallos, em qu
novidade inesperada causou a mais desagradavel imp
que fez tudo quanto estava da sua parte para evita
cução de um artigo injusto e indecoroso, como é o d
da Guyanna, feita pelo modo por que vem annunciada
tado.

N'este sentido, e mesmo por se não ter admitti
pensação alguma, julga sua alteza real que v. ex.ª
como devia, em allegar os sacrificios que temos feit
clamações a que temos direito, incluindo as presas
que os francezes nos fizeram, e todos os outros dam

e o methodo que seguiu com outros portuguezes não militares que ali se lhe apresentaram. O que tudo participo a v. ex.ª, de ordem de sua alteza real, para sua intelligencia e execução.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1814.=*Marquez de Aguiar*.=Sr. conde do Funchal.

2.º

Tive a honra de levar á presença de sua alteza real o principe regente meu senhor os officios de v. ex.ª, que trouxe José da Silva Areias, e posteriormente os que vieram pelo bergantim inglez *Argelino;* e segundo as ordens do mesmo senhor vou responder a v. ex.ª, separando as respostas pelas differentes materias.

A mais importante é a accessão de v. ex.ª ao tratado de Paris de 30 de maio. Pelo meu officio antecedente, em data de 27 de agosto, de que foi portador Manuel Rodrigues Gameiro Pessoa, já v. ex.ª terá colligido o desgosto em que se acha o nosso augusto soberano, que é transcendente a todas as classes dos seus vassallos, da offerta de Cayenna, sem que de um sacrificio tão injusto, como inconsiderado, resulte outra cousa mais do que desdouro e incerteza sobre os outros pontos que temos a reclamar, e obstaculos que necessariamente se nos opporão no congresso de Vienna nas negociações que nos pertencerem.

Pelo sobredito officio terá v. ex.ª reconhecido as rasões incontestaveis que tem sua alteza real para a sua reprovação das transacções politicas de v. ex.ª em Paris, e sinto ser obrigado a repetir a v. ex.ª que pelas instrucções que v. ex.ª mesmo copiou para mostrar ao negociador inglez, e que remetteu por copia para esta côrte, não estava v. ex.ª auctorisado para fazer uma abertura, propondo logo a cessão da Guyanna, porque a data d'estas unicas instrucções que v. ex.ª tinha é de 20 de janeiro de 1809, e a capitulação da tomada d'aquella colonia é datada de 12 do mesmo mez e anno;

portanto v. ex.ª devia reflectir que ellas não podiam ter vigor depois da alteração que se seguiu pela conquista. Antes d'ella era justa e util a reclamação dos limites pelo Oyapock; mas depois não cumpria a v. ex.ª (porque não estava para isso auctorisado de principio algum precedente) offerecer a cessão d'aquella colonia, nem ligar esta offerta com as outras proposições que lhe foram repellidas.

Sua alteza real esperou com impaciencia a chegada dos posteriores officios de v. ex.ª que trouxe o Areias, lisonjeando-se com a esperança de que v. ex.ª emendaria o erro, fazendo uma positiva protestação com o fundamento de se não terem acceitado as condições que propoz o conde de Palmella na sua nota verbal de 19 de maio. Este recurso era tão obvio e tão justo, que não podia ter uma repulsa bem fundada da parte dos negociadores, e teria evitado o compromettimento de v. ex.ª, assim como salvado o decoro da nossa côrte e os interesses da nação. É verdade que v. ex.ª fez a declaração annexa ao seu officio de Paris n.º 4; porém esta versa unicamente sobre os effeitos da offerta da Guyanna, quando v. ex.ª podia retirar ou annullar a proposição da mesma offerta, que foi a causa do desarranjo de toda a negociação.

Outro recurso restava ainda a v. ex.ª decente e tantas vezes praticado em diplomacia, qual era o de assignar sómente *sub spe rati*. V. ex.ª declara no seu officio n.º 603, que por motivo de fazer saír do estado de guerra e libertar o commercio preferíra assignar com protesto antes do que assignar *sub spe rati*, porque o primeiro modo incluia a duvida, e o segundo incluia a esperança da ratificação; mas seja qual for a differença que v. ex.ª acha entre os dois modos de assignar, é certo que v. ex.ª, pelo methodo que seguiu, confirmou a base prejudicial que propoz, visto que o protesto que fez não foi aquelle que devia fazer, como já fica dito. Se v. ex.ª tivesse assignado *sub spe rati*, dava todo o tempo para sua alteza real estabelecer os principios da negociação, conforme julgasse mais util e decoroso, depois da conquista da Guyanna e das victorias alcançadas pelo va-

lor prodigioso e reconhecido dos seus exercitos. Felizmente, por precaução do mesmo augusto senhor, nas instrucções que mandou passar ao conde de Palmella e aos outros plenipotenciarios no congresso, preveniu o caso de ser necessaria alguma energica impugnação e protestação contra transacções preliminares, prejudiciaes ao seu decoro e interesse, que se podessem ter praticado. Já pelo meu officio precedente de 27 de agosto ao conde de Palmella, de que foi portador Gameiro, mandou sua alteza real reforçar as sobreditas instrucções, o que presentemente reitera pelo modo mais decisivo, resolvendo-se a não ratificar estipulações que não só desgostam, mas até affligem profundamente os seus vassallos, e que são contrarias á sua real dignidade. Sua alteza real está muito certo de que as opiniões de todas as côrtes da Europa hão de ser unanimes sobre esta verdade.

Não houve jamais ajuste algum em que sua alteza real se obrigasse para com a côrte de Londres ou para com qualquer das outras alliadas n'esta guerra a pôr á sua disposição a entrega da Guyanna á França. Estipular ou pedir a intervenção para limites no tempo em que v. ex.ª teve instrucções sobre este objecto, isto é, antes da noticia da conquista, não era, nem podia ser senão emquanto aquella possessão pertencia a potencia inimiga; nem depois de conquistada se expressou nos artigos secretos do tratado de 10 de fevereiro de 1810 condição alguma que fosse fundada na eventualidade de uma cessão á França, para a qual sua alteza real jamais deu o seu consentimento.

Sua alteza real entende que o receio que v. ex.ª parece haver concebido a respeito de ficarmos sós em guerra com a França não podia justificar a v. ex.ª de não fazer a devida protestação contra um acto que prejudicava a Portugal. Ninguem poderá conceber que as outras potencias da Europa consentissem em que a França continuasse a guerra com Portugal, e que ella se lembrasse de um similhante procedimento n'aquella conjunctura. Quando assim não fosse, antes passar por este inconveniente, de que nos não haviam

principe regente do reino unido, nem do seu sabio
rio, deixar de contemplar os direitos soberanos do
regente meu senhor, que mesmo pelas relações d
attribue esta marcha ao methodo com que v. ex.ª p
e acabou a negociação. Pelo que ordena sua alteza
v. ex.ª assim o haja de declarar ao ministerio br
porque tendo-se feito publico no tratado de paz, pe
dimento politico de v. ex.ª, aquella transacção, quer
o mesmo senhor que se conheça que ella não teve
gem em alguma regia determinação, satisfazendo
modo aos seus fieis vassallos e ao seu real decoro.

Sua alteza real espera que mesmo por esta since
ração o ministerio inglez não deixará de continuar
cer a boa fé com que sua alteza real tem sempre
praticado, prestando-se a todas as demonstrações
zade que exigiram os successos politicos e a sua
á tão antiga como necessaria alliança entre as dua

Finalmente, depois de todas as ponderações que
zer em negocio de tanta consideração um soberan
felizmente é o nosso, fiel aos seus contratos, pr
justo nas suas deliberações, zeloso dos direitos q
videncia lhe conferiu, assim como efficaz em promo
fender os interesses dos vassallos que compõem a
narchia, resolveu sua alteza real não ratificar a ac
v. ex.ª ao tratado de 30 de maio, e por consequen
tigos addicionaes, porque ficam sendo n'este sentid
visto não se ratificar o mesmo tratado. Sua alteza

; seus plenipotenciarios no congresso tratarão de concluir na nova convenção a este respeito sem condições gravosas i bases que difficultem a conclusão de um tratado defini-ro. O mesmo augusto senhor, porém, foi servido ratificar acto de adhesão á convenção da suspensão das hostilida-s, que v. ex.ª assignou em Paris com data de 8 de maio presente anno. A ratificação se remette a Francisco José aria de Brito, para fazer a troca em Paris.

Remetto a v. ex.ª, por cautela, copia do officio que escrevi r. ex.ª em data de 27 de agosto, de que foi portador Ma-iel Rodrigues Gameiro.

Deus guarde a v. ex.ª Palacio do Rio de Janeiro, 17 de tubro de 1814. = *Marquez de Aguiar.* = Sr. conde do ınchal.

DOCUMENTO N.º 123[1]

(Citado a pag. 421)

Mappa do estado em que chegaram a Londres algumas das peças pertencentes á baixella de prata que o governo portuguez mandou de presente a lord Wellington

Marcas	Qualidade das peças	Estado em que chegaram
M CENTRO	Emblema da Victoria das tres nações unidas, festejada pelas quatro partes do mundo.	Quebrada a haste que sustém a figura da Victoria; caída esta e o globo em que se firma, e festões quebrados.
M A 2	Dois grifos com inscripções e quatro luzes.	Sem defeito.
M A 3	Terço de columna com a figura de uma tagide e inscripções, e dois genios tocando instrumentos.	Caídas as flores.
M A 4	Facho da Victoria, com doze luzes e quatro nymphas.	Quebrados os troncos interiores de todas as palmas, dois em duas partes, e duas palmas tambem quebradas.

[1] Por lapso está marcado no respectivo volume com o n.º 121.

Marcas	Qualidade das peças	Estado em que chegaram
M A 5	Columna com inscripções e seis nymphas com seis luzes.	Todos os fachos despregados das mãos das figuras, e flores caidas.
M A 6	Dois grifos com dez luzes.	Hastes das dirandellas aluidas e curvadas.
M A 7	Cabeceira do plateau, termino com inscripções e tres luzes, e dois genios tocando instrumentos.	Hastes das dirandellas aluidas e curvadas, despregado um dos instrumentos.
M B 2	Dois grifos com inscripções e quatro luzes.	Uma tabella aluida.
M B 3	Terço de columna com a figura de uma tagide e inscripções, e dois genios tocando instrumentos.	Sem defeito.
M B 4	Facho da Victoria, com doze luzes e quatro nymphas.	Quebrados nove troncos interiores das palmas, e uma d'estas tambem quebrada.
M B 5	Columna com inscripções e seis nymphas com seis luzes.	Dois festões quebrados e aluidos os fachos.
M B 6	Dois grifos com dez luzes.	Aluidas todas as dirandellas, e duas d'estas quebradas.
M B 7	Cabeceira do plateau, termino com inscripções e tres luzes, e dois genios tocando instrumentos.	Quebradas uma dirandella e uma palma.

Peças destacadas

Pertencentes ao plateau

Qualidade das peças	Estado em que chegaram
Quatro serpentinas de seis luzes.	Uma d'estas com as dirandellas todas aluidas.
Quatro serpentinas de tres luzes.	Uma o mesmo, e solta uma das corôas.

Pertencentes á baixella	
Qualidade das peças	Estado em que chegaram
Quatro terrinas ovadas.	Uma com os adornos do prato despregados e alguns quebrados.
Quatro terrinas redondas.	Todas sem defeito.

N. B. — Todas as peças que pertencem á baixella estão apenas algum tanto mareadas da humidade; e as chapas que cobrem o plateau estão roçadas em todos os logares em que caíram os pedaços das peças quebradas.

Londres, 14 de outubro de 1816.=*Vicente Pires da Gama.*

DOCUMENTO N.º 124

(Citado a pag. 439)

Tratado de paz entre o principe regente de Portugal e seus alliados e o rei de França

Em nome da santissima e indivisivel trindade.

Sua alteza real o principe regente de Portugal e dos Algarves e seus alliados por uma parte, e sua magestade el-rei de França e de Navarra por outra parte, achando-se animados de igual desejo de pôr fim ás longas agitações da Europa e ás desgraças dos povos por uma paz solida, fundada sobre uma justa divisão de forças entre as potencias, e que em suas estipulações tenha as garantias da sua permanencia; e sua alteza real o principe regente de Portugal e dos Algarves e os seus alliados, não querendo já exigir da França (hoje que, tendo-se de novo posto debaixo do governo paternal dos seus reis, offerece assim á Europa um penhor de segurança e de estabilidade) condições e garantias que lhe

haviam com pezar pedido quando estava debaixo do seu ultimo governo, nomearam sua dita alteza real e sua dita magestade plenipotenciarios para discutirem, ajustarem e assignarem um tratado de paz e de amizade; a saber:

Sua alteza real o principe regente de Portugal e dos Algarves ao ill.mo e ex.mo sr. D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, conde do Funchal, gran-cruz e commendador da ordem de S. Thiago da Espada, do conselho de sua alteza real o principe regente de Portugal, seu embaixador extraordinario e plenipotenciario junto de sua magestade britannica; e sua magestade el-rei de França e de Navarra a mr. Carlos Mauricio de Talleyrand-Périgord, principe de Benevento, gran-cruz da Legião de Honra, gran-cruz da ordem de Leopoldo de Austria, cavalleiro da ordem de Santo André da Russia, das ordens da Aguia Negra e da Aguia Vermelha da Prussia, etc., seu ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros; os quaes, depois de terem trocado os seus plenos poderes, achados em boa e devida fórma, convieram nos artigos seguintes:

Artigo 1.º Haverá de hoje em diante paz e amizade entre sua alteza real o principe regente de Portugal e dos Algarves e seus alliados por uma parte, e sua magestade el-rei de França e de Navarra por outra parte, seus herdeiros e successores, seus estados e vassallos respectivos para sempre.

As altas partes contratantes porão todo o seu desvelo em manter, não só entre si, mas tambem, quanto estiver da sua parte, entre todos os estados da Europa, a boa harmonia e intelligencia tão necessarias ao seu repouso.

Art. 2.º O reino de França conserva a integridade dos seus limites, taes como existiam na epocha do 1.º de janeiro de 1792. Receberá demais um augmento de territorio comprehendido na linha de demarcação fixada pelo artigo seguinte.

Art. 3.º Do lado da Belgica, da Allemanha e da Italia será restabelecida a antiga fronteira, tal como existia no 1.º de janeiro de 1792, começando do mar do norte, entre Dunkerque e Nieuport até ao Mediterraneo, entre Cagnes e Nice, com as rectificações seguintes:

1.° No departamento de Jemmapes, os cantões de Dour, Merbes-le-Château, Beaumont e Chimay ficarão á França; a linha de demarcação passará no ponto em que toca o cantão de Dour, entre este cantão e os de Boussu e Paturage, assim como, mais adiante, entre o Merbes-le-Château e os de Binch e de Thuin.

2.° No departamento de Sambre e Meuse, os cantões de Valcour, Florennes, Beauraing e Gêdinne pertencerão á França; a demarcação, em chegando a este departamento, seguirá a linha que separa os cantões mencionados do departamento de Jemmapes e do resto do de Sambre e Meuse.

3.° No departamento de Moselle, a nova demarcação, no logar onde se afasta da antiga, será formada por uma linha tirada desde Perle até Fremesdorf, e pela que separa o cantão de Tholey do resto do departamento de Moselle.

4.° No departamento de Sarre os cantões de Saarbruck e de Arneval ficarão á França, assim como a parte do de Lebach, que fica situado ao meio dia de uma linha tirada ao longo dos confins das aldeias de Herchenbach, Ueberhofen, Hilsbach e Hall (deixando estes diversos logares fóra da fronteira franceza) até ao ponto onde, tomado de Querseille (que pertence á França) a linha que separa os cantões de Arneval e de Ottweiler, toca na que separa os de Arneval e de Lebach; a fronteira d'este lado será formada pela linha acima designada, e depois pela que separa o cantão de Arneval do de Bliescastel.

5.° Tendo a praça de Landau formado antes do anno de 1792 um ponto isolado na Allemanha, conserva a França alem das suas fronteiras parte dos departamentos de Mont-Tonnerre e do Baixo Rheno para ajuntar á praça de Landau, e o seu radio ao resto do reino. A nova demarcação, partindo do ponto onde, perto de Obersteinbach (que fica fóra dos limites da França) a fronteira entre o departamento de Moselle e Mont-Tonnerre entesta com o departamento do Baixo Rheno, seguirá a linha que separa os cantões de Weissenburg e de Bergzabern (do lado da França) dos cantões de Pirmassens, Dahn e Anweiler (do lado da Allemanha), até ao ponto

onde estes limites, perto da aldeia de Wolmersheim, tocam o antigo radio da praça de Landau. D'este radio, que fica como estava em 1792, seguirá a nova fronteira o braço do rio Queich, que deixando este radio, perto de Queichheim (que fica á França), passa pelo pé das aldeias de Mertenheim, Knittelsheim e Belheim (que ficam tambem á França) até ao Rheno, que continuará depois a formar o limite da França e da Allemanha.

Quanto ao Rheno, o thalweg constituirá o limite, de maneira comtudo que as mudanças, que tiver pelo tempo adiante o curso d'este rio, não terão para o futuro effeito algum sobre a propriedade das ilhas que n'elle se acham. O estado de posse d'estas ilhas restabelecer-se-ha como existia na epocha da assignatura do tratado de Lunéville.

6.° No departamento de Doubs será a fronteira rectificada de modo que comece acima de Rançonnière ao pé de Locle, e siga a crista do Jura entre Cerneux-Péquignot e a aldeia de Fontenelles, até um dos cumes do Jura, situado cousa de 7:000 a 8:000 pés ao nordeste da aldeia de Brévine, onde tornará a caír na antiga raia da França.

7.° No departamento de Léman, as fronteiras entre o territorio francez, o paiz de Vaud e as diversas porções da republica de Genebra (que fará parte da Suissa), ficam os mesmos que eram antes de encorporada Genebra á França. Mas o cantão de Frangy, o de Saint-Julien (á excepção da parte situada ao norte de uma linha tirada do ponto onde o rio Loire entra perto de Chancy no territorio de Genebra, ao longo dos confins de Seseguin, Lacouex e Seseneuve, que ficam fóra da raia da França), o cantão de Regnier (excepto a porção que se acha a leste de uma linha que segue os confins de Muraz, Bussy, Pers e Cornier, que ficam fóra dos limites francezes), e o cantão de Roche (excepto os logares chamados la Roche e Armanoy com os seus districtos) ficarão á França. A fronteira seguirá os limites d'estes diversos cantões e as linhas que separam as porções que ficam á França das que ella não conserva.

8.° No departamento de Mont-Blanc adquire a França a

sub-prefeifura de Chambery (á excepção dos cantões do Hôpital de Saint-Pierre d'Albigny, de Bocette e de Montmélian); e a sub-prefeitura de Annecy (á excepção da parte do cantão de Faverge, situada a leste de uma linha que passa entre Ourechaise e Marlens do lado da França, e Marthod e Ugine do lado opposto, e que segue depois a crista das montanhas até aos confins do cantão de Thones); é esta linha que, com o limite dos cantões mencionados, formará d'este lado a nova fronteira.

Do lado dos Pyrenéus ficam as fronteiras taes quaes existiam entre os dois reinos de França e de Hespanha na epocha do 1.º de janeiro de 1792, e nomear-se-ha logo uma commissão mixta por parte de ambas as corôas para fixar a sua final demarcação.

A França renuncia a todos os direitos de soberania, de senhorio e de posse sobre todos os paizes e districtos, cidades e quaesquer logares situados fóra da fronteira acima designada, ficando, comtudo, o principado de Monaco nas mesmas relações em que se achava antes do 1.º de janeiro de 1792.

As côrtes alliadas asseguram á França a posse do principado de Avignon, do condado Venaissin, do condado de Montbéliard e de todas as terras encravadas que outr'ora pertenceram á Allemanha, comprehendidas na fronteira acima indicada, estivessem ellas encorporadas na França antes ou depois do 1.º de janeiro de 1792.

As potencias se reservam reciprocamente a plena faculdade de fortificar este ou aquelle ponto de seus estados que julgarem conveniente para a sua segurança.

Para evitar toda e qualquer lesão de propriedades particulares, e pôr a coberto, conforme os principios mais liberaes, os bens de individuos domiciliados nas fronteiras, nomeará cada um dos estados limitrophes da França commissarios para procederem, juntos com commissarios francezes, á demarcação dos paizes respectivos.

Assim que estiver acabado o trabalho dos commissarios, formar-se-hão cartas assignadas pelos commissarios respe-

ctivos, e pôr-se-hão marcos que comprovem os reciprocos limites.

Art. 4.º Para assegurar as communicações da cidade de Genebra com outras partes do territorio da Suissa, situadas sobre o lago, a França consente em que seja commum aos dois paizes o uso da estrada de Versoy. Os governos respectivos se entenderão amigavelmente sobre os meios de evitar o contrabando, e de regular o curso das postas e a conservação da estrada.

Art. 5.º A navegação pelo Rheno, desde o ponto em que este começa a ser navegavel até ao mar, e reciprocamente, será de tal sorte livre que não possa ser prohibida a ninguem; e no futuro congresso se tratará dos principios, segundo os quaes se poderão regular os direitos que hão de perceber os estados que ficam nas suas margens, do modo mais igual e mais favoravel ao commercio de todas as nações.

Examinar-se-ha e se decidirá no futuro congresso de que modo, para facilitar as communicações entre os povos e fazel-os cada vez menos estranhos uns aos outros, poderá a disposição sobredita estender-se igualmente a todos os outros rios, que no seu curso navegavel separam ou atravessam diversos estados.

Art. 6.º A Hollanda, posta debaixo da soberania da casa de Orange, receberá um augmento de territorio. O titulo e exercicio da soberania não poderão ali, em caso algum, pertencer a principe que tenha ou que seja chamado a cingir corôa estrangeira.

Os estados da Allemanha serão independentes e unidos por um laço federativo.

A Suissa independente continuará a governar-se a si mesma.

A Italia, fóra dos limites dos paizes que tocarem á Austria, será composta de estados soberanos.

Art. 7.º A ilha de Malta e suas dependencias pertencerão em plena propriedade e soberania a sua magestade britannica.

Art. 8.° Sua magestade britannica, contratando por si e pelos seus alliados, obriga-se a restituir a sua magestade christianissima, dentro dos prasos adiante estipulados, as colonias, pescarias, feitorias e estabelecimentos de toda a qualidade que a França possuia no 1.° de janeiro de 1792 nos mares e nos continentes da America, Africa e Asia, exceptuando, comtudo, as ilhas de Tabago e de Santa Luzia, e a ilha de França e suas dependencias, declaradamente as de Rodrigues e Séchelles, as quaes sua magestade christianissima cede em toda a propriedade e soberania a sua magestade britannica, como tambem a parte da ilha de S. Domingos cedida á França pela paz de Basiléa, e que sua magestade christianissima cede a sua magestade catholica em toda a propriedade e soberania.

Art. 9.° Sua magestade el-rei da Suecia e de Noruega, em consequencia dos arranjamentos feitos com seus alliados, e para execução do artigo precedente, consente em que a ilha de Guadeloupe seja restituida a sua magestade christianissima, e cede todos os direitos que possa ter sobre esta ilha.

Art. 10.° Sua alteza real o principe regente de Portugal e dos Algarves, em consequencia de arranjamentos feitos com seus alliados, e para execução do artigo 8.°, se obriga a restituir a sua magestade christianissima, dentro do praso adiante estipulado, a Guyanna franceza, tal qual existia no 1.° de janeiro de 1792.

Fazendo o effeito d'esta estipulação reviver a contestação existente n'aquella epocha a respeito dos limites, fica convencionado que esta contestação será terminada por um arranjamento amigavel entre as duas côrtes, debaixo da mediação de sua magestade britannica.

Art. 11.° As praças e fortes existentes nas colonias e estabelecimentos que hão de ser restituidos a sua magestade christianissima, em virtude dos artigos 8.°, 9.° 10.°, serão entregues no estado em que se acharem no momento da assignatura do presente tratado.

Art. 12.° Sua magestade se obriga a fazer gosar os sub-

ditos de sua magestade christianissima, relativamente ao commercio e á segurança de suas pessoas e propriedades nos limites da soberania britannica no continente das Indias, das mesmas facilidades, privilegios e protecção que actualmente são ou forem concedidas ás nações mais favorecidas. Sua magestade christianissima pela sua parte, tendo muito a peito a perpetuidade da paz entre as duas corôas de França e de Inglaterra, e querendo contribuir quanto lhe for possivel para afastar desde já das relações dos dois povos tudo quanto poderia algum dia alterar a boa intelligencia mutua, obriga-se a não fazer obra alguma de fortificação nos estabelecimentos que lhe hão de ser restituidos, e que ficam situados nos limites da soberania britannica no continente das Indias, e a não pôr n'aquelles estabelecimentos senão o numero de tropas necessarias para manutenção da policia.

Art. 13.º Quanto ao direito da pesca dos francezes no grande banco da Terra Nova, nas costas da ilha d'este nome e das ilhas adjacentes, e no golfo de S. Lourenço, tudo tornará a ser posto no mesmo pé em que estava em 1792.

Art. 14.º As colonias, feitorias e estabelecimentos que devem ser restituidos a sua magestade christianissima por sua magestade britannica ou seus alliados, serão entregues, a saber: o que fica nos mares do norte ou nos mares e continentes da America e da Africa dentro dos tres mezes, e o que fica alem do Cabo da Boa Esperança dentro dos seis mezes depois da ratificação do presente tratado.

Art. 15.º Tendo-se reservado as altas partes contratantes, pelo artigo 4.º da convenção de 23 de abril passado, regular no presente tratado de paz definitivo a sorte dos arsenaes e dos vasos de guerra armados e não armados que se acham nas praças maritimas entregues pela França em cumprimento do artigo 2.º da dita convenção, fica convencionado que os ditos vasos e embarcações de guerra armados e não armados, assim como a artilheria naval e as munições navaes, e todos os materiaes de construcção e de armamento, serão divididos entre a França e os paizes onde as praças estão situadas, na proporção de dois terços para a França

e um terço para as potencias a que as ditas praças pertencerem.

Serão considerados como materiaes e repartidos como taes na proporção acima declarada, depois de haverem sido desmanchados, os vasos e embarcações que se estiverem construindo, e que não estiverem em estado de se lançarem ao mar seis semanas depois da assignatura do presente tratado.

Nomear-se-hão commissarios por uma e outra parte para ajustarem a repartição e formarem de tudo um mappa, e dar-se-hão passaportes ou salvos-conductos pelas potencias alliadas para assegurarem a volta para França dos operarios, gente de mar e empregados francezes.

Não entram n'estas estipulações os vasos e arsenaes existentes nas praças maritimas que houvessem caído em poder dos alliados antes de 23 de abril, nem os vasos e arsenaes que pertenciam á Hollanda, e especificadamente a esquadra do Texel.

Obriga-se o governo de França a retirar ou a mandar vender tudo o que lhe pertencer pelas estipulações acima declaradas, dentro de tres mezes depois de effectuada a repartição.

D'aqui em diante o porto de Antuerpia será unicamente porto de commercio.

Art. 16.º As altas partes contratantes, querendo pôr e fazer pôr em inteiro esquecimento as divisões que agitaram a Europa, declaram e promettem que, nos paizes restituidos e cedidos pelo presente tratado, nenhum individuo, seja de que classe e condição for, poderá ser perseguido, inquietado ou perturbado em sua pessoa ou em sua propriedade, debaixo de pretexto algum, ou por motivo da sua conducta ou opinião politica, ou da sua adhesão, quer a alguma das partes contratantes, quer a governos que cessaram de existir, ou por qualquer outra rasão, a não ser por dividas contrahidas para com individuos, ou por actos posteriores ao presente tratado.

Art. 17.º Em todos os paizes que devem ou deverem mu-

dar de possuidores, tanto em virtude do presente tratado, como dos arranjamentos que se hão de fazer em consequencia d'elle, conceder-se-ha aos habitantes naturaes e estrangeiros, de qualquer condição e nação que forem, o espaço de seis annos, a contar desde a troca das ratificações, para disporem, se o julgarem conveniente, das suas propriedades adquiridas, quer antes quer depois da guerra actual, e retirarem-se para o paiz que bem lhes aprouver.

Art. 18.º Querendo as potencias alliadas dar a sua magestade christianissima um novo testemunho do seu desejo de fazer desapparecer, quanto está na sua mão, as consequencias da epocha de desgraça tão felizmente terminada pela presente paz, renunciam á totalidade das sommas que os governos têem a reclamar da França em rasão de contratos, de fornecimentos ou de quaesquer adiantamentos feitos ao governo francez nas diversas guerras que tem havido desde 1792.

Pela sua parte sua magestade christianissima renuncia a toda e qualquer reclamação que podesse fazer contra as potencias alliadas pelos mesmos titulos. Em cumprimento d'este artigo as altas partes contratantes se obrigam a mutuamente se entregarem todos os titulos, obrigações e documentos que tocarem aos creditos a que reciprocamente têem renunciado.

Art. 19.º O governo francez se obriga a fazer liquidar e pagar as sommas que se achar dever alem das sobreditas fóra do seu territorio, em virtude de contratos ou de outras obrigações formaes, passadas entre individuos ou estabelecimentos particulares e as auctoridades francezas, tanto para fornecimentos como por obrigações legaes.

Art. 20.º As altas potencias contratantes nomearão, logo depois da troca das ratificações do presente tratado, commissarios para regularem e fazerem executar todas as disposições conteúdas nos artigos 18.º e 19.º Occupar-se-hão estes commissarios em examinar as reclamações de que se falla no artigo precedente, a liquidação das sommas reclamadas, e o modo como o governo francez ha de propor pagal-as. Serão tambem encarregados da entrega dos titulos, obrigações e

documentos relativos aos creditos a que as altas partes contratantes renunciam mutuamente, de modo que a ratificação do resultado do seu trabalho completará esta reciproca renuncia.

Art. 21.° As dividas especialmente hypothecadas em sua origem nos paizes que cessam de pertencer á França, ou contrahidas para a sua administração interior, ficarão a cargo d'esses mesmos paizes. Debitar-se-ha por conseguinte o governo francez, desde 22 de dezembro de 1813, d'aquellas d'estas dividas que têem sido convertidas em inscripções no livro mestre da divida publica de França. Os titulos de todas as que foram preparadas para a inscripção, e que ainda não foram averbadas, serão entregues aos governos dos respectivos paizes. Formará uma commissão mixta os mappas de todas estas dividas.

Art. 22.° O governo francez ficará pela sua parte encarregado de embolsar todas as sommas mettidas, pelos subditos dos paizes acima mencionados, nas caixas francezas, fosse a titulo de fianças, de deposito ou de consignação. Do mesmo modo os subditos francezes, servidores dos ditos paizes, que entregaram sommas a titulo de fianças, deposito ou consignação, nos seus respectivos thesouros, serão fielmente reembolsados.

Art. 23.° Os titulares dos logares sujeitos a fiança, que não têem manejo de dinheiros, serão embolsados com interesses até completo pagamento em Paris por quinto e por anno, desde a data do presente tratado.

A respeito dos que são responsaveis começará o embolso o mais tardar seis mezes depois da apresentação das suas contas, excepto sómente o caso de erro de officio. Uma copia da ultima conta será entregue ao governo do seu paiz para lhe servir de indicação e de ponto de partida.

Art. 24.° Os depositos judiciaes e as consignações feitas na caixa de amortisação em cumprimento da lei de 28 *Nivose* do anno 13.° (18 de janeiro de 1805), e que pertencem a habitantes dos paizes que a França cessa de possuir, serão entregues, no termo de um anno a contar da troca das rati-

ficações do presente tratado, nas mãos das auctoridades dos ditos paizes, á excepção dos depositos d'esta natureza e consignações que interessam a subditos francezes, em cujo caso ficarão na caixa de amortisação, para não serem entregues senão depois das justificações que resultarem das decisões das auctoridades competentes.

Art. 25.° Os fundos depositados pelas communas e pelos estabelecimentos publicos na caixa de serviço e na caixa de amortisação, ou em qualquer outra caixa do governo, ser-lhes-hão reembolsados por quintas partes de anno em anno, a começar da data do presente tratado, deduzindo-se o que anteriormente tiverem recebido, e salvo opposições regulares feitas sobre estes fundos por credores das ditas communas e dos ditos estabelecimentos publicos.

Art. 26.° Desde o 1.° de janeiro de 1814 cessa o governo francez de ficar encarregado do pagamento de qualquer pensão civil, militar, ecclesiastica, soldo de aposentado e pensão de reformado a qualquer individuo que fique não sendo já subdito francez.

Art. 27.° Os predios nacionaes adquiridos por titulo oneroso por subditos francezes nos que se chamavam departamentos da Belgica, da margem esquerda do Rheno e dos Alpes, fóra dos antigos limites da França, são e ficam garantidos aos que os adquiriram.

Art. 28.° A abolição dos direitos de aubaine e de detracção e outros da mesma natureza nos paizes que o estipularam assim com a França reciprocamente, ou que lhe haviam precedentemente sido reunidos, fica expressamente conservada.

Art. 29.° O governo francez se obriga a fazer restituir as obrigações e outros titulos que houvessem sido tomados nas provincias occupadas pelos exercitos ou administrações francezas; e, no caso em que se não possa effectuar a restituição, são e ficam nullas estas obrigações e estes titulos.

Art. 30.° As sommas que se deverem por quaesquer trabalhos de utilidade publica ainda não terminados, ou termi-

nados depois de 31 de dezembro de 1812, sobre o Rheno e nos departamentos separados da França pelo presente tratado, passarão a cargo dos futuros possuidores do territorio, e serão liquidados pela commissão encarregada da liquidação das dividas do paiz.

Art. 31.° Os archivos, cartas, planos e documentos, sejam quaes forem, pertencentes aos paizes cedidos, ou concernentes á sua administração, serão fielmente entregues ao mesmo tempo que o paiz, ou, sendo possivel, em um praso que não poderá ser de mais de seis mezes depois da entrega dos mesmos paizes.

Esta estipulação é applicavel aos archivos, cartas e plantas que se possam ter tirado nos paizes momentaneamente occupados pelos differentes exercitos.

Art. 32.° Dentro do termo de dois mezes todas as potencias que por uma e outra parte entraram na presente guerra, enviarão plenipotenciarios a Vienna para regular, em um congresso geral, os arranjamentos que devem completar as disposições do presente tratado.

Art. 33.° O presente tratado será ratificado, e serão trocadas as suas ratificações no termo de cinco mezes, ou antes se for possivel.

Em fé do que os plenipotenciarios respectivos o assignaram e lhe pozeram o sêllo de suas armas.

Feito em Paris, a 30 de maio do anno de salvação de 1814. = *O Conde do Funchal* (L. S.) = *O Principe de Benevento* (L. S.)

Artigos addicionaes

N.° 1

Sua alteza real o principe regente de Portugal e dos Algarves promette e se obriga a que aquellas das clausulas da capitulação da Guyanna franceza que não houvessem sido executadas, tenham, na occasião da restituição d'esta colonia á França, pleno e inteiro cumprimento.

Feito em Paris, a 30 de maio de 1814. = *O Conde do Funchal* (L. S.) = *O Principe de Benevento* (L. S.)

N.º 2

Em relação ás reclamações que os subditos de uma da altas partes contratantes houverem de fazer a cargo da ou tra, se usará de uma perfeita reciprocidade, de modo qu por cada especie de reclamação, o que um dos dois govern tiver feito virá a ser a norma do outro.

Feito em Paris, a 30 de maio de 1814.=*O Conde do Fu chal* (L. S.)=*O Principe de Benevento* (L. S.)

N.º 3

Comquanto os tratados, convenções e actos concluidos e tre as duas potencias anteriormente á guerra estejam a nullados de facto pelo estado de guerra, as altas partes co tratantes julgaram não obstante conveniente declarar out vez expressamente que os ditos tratados, convenções e acto especialmente os tratados assignados em Badajoz e Madr em 1801, e a convenção assignada em Lisboa em 1804, cam nullos e de nenhum effeito pelo que dizem respeit Portugal e á França, e que as duas corôas renunciam m tuamente a todo o direito e se desligam de qualquer obri ção que d'elles podesse resultar.

Feito em Paris, a 30 de maio de 1814.=*O Conde do Fu chal* (L. S.)=*O Principe de Benevento* (L. S.)

Artigos separados e secretos

Artigo 1.º A disposição que se houver de fazer dos terr torios a que sua magestade christianissima renuncia p artigo 3.º do tratado patente, e as relações, de que deve sultar um systema de equilibrio real e duravel na Europ serão reguladas no congresso sobre as bases ajustadas pel potencias alliadas entre ellas, e segundo as disposições raes contidas nos artigos seguintes.

Art. 2.º As possessões de sua magestade imperial e r apostolica na Italia terão por limites o Pó, o Tessino e o La Maior. El-rei de Sardenha tornará a entrar na posse de se antigos estados, á excepção da parte da Saboya assegur

á França pelo artigo 3.° do presente tratado. Receberá um augmento de territorio pelo estado de Genova.

O porto de Genova ficará porto livre, reservando-se as potencias fazer a tal respeito arranjamentos com el-rei de Sardenha. A França reconhecerá e garantirá conjunctamente com as potencias alliadas, e como ellas, a organisação politica que se dá á Suissa sob os auspicios das ditas potencias alliadas, e segundo as bases com ellas ajustadas.

Art. 3.° Exigindo o estabelecimento de um justo equilibrio na Europa que a Hollanda seja constituida com proporções que a habilitem a sustentar a sua independencia pelos seus proprios meios, os paizes comprehendidos entre o mar, as fronteiras da França taes como se acham reguladas pelo presente tratado, e o Mosa, serão reunidos perpetuamente á Hollanda. As fronteiras na margem direita do Mosa serão reguladas segundo as conveniencias militares da Hollanda e de seus vizinhos.

A liberdade da navegação do Escalda será restabelecida sobre o mesmo principio que regulou a navegação do Rheno no artigo 5.° do presente tratado.

Art. 4.° Os paizes allemães na margem esquerda do Rheno, que foram reunidos á França depois de 1792, servirão para o engrandecimento da Hollanda, e de compensações para a Prussia e outros estados allemães.

Art. 5.° A renuncia do governo francez contida no artigo 18.° estende-se especialmente a todas as reclamações que poderia apresentar contra as potencias alliadas a titulo de dotações, doações, de rendimentos da Legião de Honra, de senadorias, de pensões e outros cargos d'esta natureza.

Art. 6.° Tendo o governo francez offerecido, pelo artigo secreto da convenção de 23 de abril ultimo, mandar procurar e empregar todos os seus esforços para encontrar os fundos do banco de Hamburgo, promette ordenar as mais severas pesquizas para descobrir os ditos fundos, e perseguir todos aquelles que forem detentores dos mesmos.

Os presentes artigos separados e secretos terão a mesma força e valor como se fossem inseridos palavra por palavra

no tratado patente d'este dia. Serão ratificados e as suas r
tificações trocadas ao mesmo tempo.

Em fé do que os respectivos plenipotenciarios os assign
ram e lhes pozeram o séllo de suas armas.

Feito em París, a 30 de maio do anno de salvação
1814. = *O Conde do Funchal* (L. S.) = *O Principe de Ben
vento* (L. S.)

FIM DA SEGUNDA PARTE DO QUINTO VOLUME
DA SEGUNDA EPOCHA

INDICE

DOS

DOCUMENTOS CONTIDOS N'ESTE VOLUME RELATIVOS A SEGUNDA EPOCHA

DOCUMENTOS CITADOS NO SEGUNDO TOMO DA DITA SEGUNDA EPOCHA COM A DESIGNAÇÃO DAS RESPECTIVAS PAGINAS

Pag.

N.º 82-A (Citado a pag. 512). Barbaro procedimento que na villa de Monforte teve o coronel do regimento n.º 13 de cavallaria britannica para com alguns paizanos 1

N.º 82-B, parte I (— 520 e 526). Memoria sôbre a linha defensiva que deve cobrir Lisboa, pelo major de engenheiros e lente da antiga academia de fortificação, Lourenço Homem da Cunha de Eça 5

N.º 82-B, parte II (— 520 e 526). Memoria militar em que se descrevem as posições defensivas do terreno vizinho e ao norte de Lisboa, escripta em maio de 1809 pelo major do real corpo de engenheiros José Maria das Neves Costa 11

N.º 82-C (— 526). Idéa do plano de defeza d'esta capital (Lisboa), pela qual se mostram as rasões por que foram escolhidos os pontos que se andam fortificando e vão fortificar, assim como o uso que se deve fazer d'estas fortificações, e utilidade que d'ellas se póde tirar para uma vigorosa defensa; escripto assignado pelo marechal de campo José de Moraes Antas Machado...... 49

Pag.

N.º 82-D (Citado a pag. 527). Considérations militaires sur les frontières de terre et de mer du Portugal, par le colonel du genie Vincent, de l'armée du Portugal (1808)........................ 57

—— Reconnaissance d'une portion de terrain en avant de Lisbonne, comprise entre le Tage et la mer, et considérations sur les attaques de terre à redouter pour la ville.................... 63

—— Défense extérieure de Lisbonne........................... 74

N.º 83 (— 585). Força dos exercitos francezes na Hespanha, incluindo o de Massena, em 15 de agosto e 27 de setembro de 1810, e 1 de janeiro de 1811................................ 82

DOCUMENTOS CITADOS NO TERCEIRO TOMO
DA SEGUNDA EPOCHA

N.º 84 (Citado a pag. 33). Exigencias de lord Wellington, ou allegações por elle feitas a Carlos Stuart, de que as operações militares dos dois exercitos combinados eram da sua privativa attribuição, sem n'elles poderem intervir os governadores do reino 87

N.º 84-A (— 33). Carta regia conferindo a Jorge Cranfield Berkley o posto de almirante portuguez e o commando em chefe das forças navaes estacionadas em Portugal........................ 90

N.º 85 (— 34). Causas que determinaram a demissão do major Verissimo Antonio Ferreira da Costa, e a ser depois readmittido no exercito.. 91

—— Officio do marechal Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz, em data de 18 de junho de 1809........................... 91

—— Carta do major Verissimo Antonio Ferreira da Costa para o marechal Beresford, em 11 de junho de 1809................. 92

—— Officio do marechal Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz, aos 12 de fevereiro de 1810.............................. 93

—— Carta de Verissimo Antonio Ferreira da Costa para D. Miguel Pereira Forjaz, em 19 de junho de 1810..................... 94

—— Officio do marechal Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz, sobre a correspondencia anterior, datado de 4 de agosto de 1810.. 95

N.º 85-A (— 35). Officio de lord Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz, expondo as rasões por que se devia sobreestar n'uma promoção feita no Rio de Janeiro, sem preceder proposta do marechal Beresford.. 96

N.º 86 (— 41). Carta de D. Miguel Pereira Forjaz a lord Wellington, remettendo-lhe uma memoria para a defeza de Lisboa pela margem esquerda do Tejo................................. 99

Pag.
N.° 86 (Citado a pag. 41). Memoria a que se refere a carta anterior 100
—— Resposta de lord Wellington á carta e memoria alludidas... 105
N.° 87 (— 42). Projecto para que o Minho seja a base das operações militares no caso de perder-se Lisboa.................. 109
—— Officio de D. Miguel Pereira Forjaz para lord Wellington... 109
—— Resposta de lord Wellington ao precedente officio......... 111
N.° 87-A (— 82). Officio de lord Wellington, participando a D. Miguel Pereira Forjaz a quéda de Almeida..................... 113
N.° 87-B (— 83). Portaria dos governadores do reino, estabelecendo pensões para as familias dos mortos e prisioneiros durante o cerco de Almeida................................ 115
N.° 87-C (— 89). Aviso expedido do Rio de Janeiro ao patriarcha eleito de Lisboa, relativo ao marquez de Alorna e aos «setembrisados».. 117
N.° 88 (— 93). Officio do conde de Linhares ao ministro de Portugal em Londres, sobre terem-se mandado para Inglaterra alguns «setembrisados» com destino á ilha Terceira............ 118
N.° 89 (— 94). Memoria que os governadores do reino remetteram a lord Wellington ácerca dos «setembrisados», por intermedio de um officio de D. Miguel Pereira Forjaz, de 17 de setembro de 1810.. 121
—— Resposta de lord Wellington á precedente memoria........ 124
N.° 90 (— 94). Representação dirigida á côrte do Rio de Janeiro pelos governadores do reino contra os «setembrisados» e a sua volta para o reino.. 126
N.° 91 (— 96). Officio dos governadores do reino para o principe regente, solicitando a liberdade dos «setembrisados».......... 131
N.° 92 (— 96). Aviso expedido do Rio de Janeiro ao marquez monteiro mór, sobre a vinda dos «setembrisados» dos Açores para o reino, pondo-se tambem em liberdade os que tinham sido presos e se achavam em homenagem........................ 133
N.° 92-A (— 97). Officio dos governadores do reino para o principe regente, opinando que os «setembrisados» com empregos publicos sejam pagos dos seus vencimentos, embora não tenham exercicio.. 134
N.° 92-B (— 100). Aviso dos governadores do reino, mandando syndicar a respeito dos portuguezes que vieram no exercito de Massena contra a sua patria............................... 137
N.° 92-C (— 100). Portarias dos governadores do reino, mandando processar o marquez de Alorna e sequestrar-lhe os bens....... 137
—— Primeira portaria, em 25 de junho de 1810................ 137
—— Segunda portaria, em 6 de setembro de 1810.............. 138
N.° 93 (— 111). Perdão concedido ao marquez de Loulé, que fôra banido do reino por jacobino............................... 139

Pag.

N.º 93 (Citado a pag. 111). Primeiro decreto, em 20 de março de 1818.. 139

—— Segundo decreto, em 29 de agosto de 1818................ 140

—— Aviso expedido ao sobredito marquez na data supra....... 141

N.º 94 (— 117). Proclamação dos governadores do reino quando se approximou o exercito invasor, commandado por Massena, em 1810.. 141

N.º 94-A (— 132). Carta de lord Wellington a mr. Villiers, ministro inglez em Lisboa, queixando-se do principal Sousa........ 144

N.º 94-B (— 132). Carta de lord Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz, contra o procedimento do governo portuguez......... 147

N.º 94-C (— 132). Carta de lord Wellington a Carlos Stuart, sobre o mesmo assumpto da precedente........................ 148

—— Carta de lord Wellington a Carlos Stuart, provando-se pelo seu conteúdo que o dito lord foi interrogado sobre a nomeação e attributos de uma regencia em Lisboa.. 150

N.º 95 (— 136). Nota dirigida do Rio de Janeiro pelo conde de Linhares ao ministro britannico n'aquella côrte, repellindo as queixas que se faziam contra o principal Sousa, seu irmão..... 152

N.º 95-A (— 136). Carta de lord Wellington a Carlos Stuart, queixando-se dos governadores do reino não terem feito observar as suas propostas para a remoção dos generos alimenticios entre o Tejo e o Mondego.. 160

N.º 95-B (— 136). Carta de lord Wellington a Carlos Stuart, pedindo castigo para os desertores de milicias................. 165

N.º 96 (— 140). Carta dirigida por lord Wellington ao principe regente de Portugal, queixando-se do principal Sousa......... 167

N.º 96-A (— 142). Officio do conde de Linhares para o embaixador de Portugal em Londres, sobre o procedimento dos generaes inglezes, e pouca confiança que mereciam na côrte do Rio de Janeiro D. Miguel Pereira Forjaz e João Antonio Salter de Mendonça.. 174

N.º 97 (— 142). Officio do conde de Linhares para o embaixador portuguez em Londres, defendendo o principal Sousa, censurando o plano de lord Wellington, e pedindo a remoção de Carlos Stuart e de D. Miguel Pereira Forjaz......... 177

N.º 98 (— 144). Officio do conde de Linhares para o embaixador portuguez em Londres, ordenando que em ultimo caso concorde na demissão do principal Sousa.......................... 181

N.º 98-A (— 144). Officio do conde de Linhares ao embaixador portuguez em Londres, remettendo, para ser posto á disposição do principe de Galles, regente de Inglaterra, o decreto demissorio do principal Sousa, mas continuando a invectivar D. Miguel Pereira Forjaz.................................... 183

Pag.

N.º 99 (Citado a pag. 179). Participações officiaes da batalha do Bussaco dadas ao governo portuguez 184
—— Officio de lord Wellington, em 30 de setembro de 1810 184
—— Officios do marechal Beresford, em 30 de setembro e 2 de outubro de 1810 192
N.º 99-A (— 151). Mémoire militaire sur le Portugal remis au moment de l'entrée de l'empereur en Espagne, par le colonel du génie Vincent, de l'armée du Portugal (année 1808) 198
—— Lettre adressée au ministre de la guerre en novembre 1809 ... 210
N.º 99-B (— 159). Parte official descrevendo a surpreza feita, no caminho de Adesoromil para Bans, nas bagagens do exercito francez, sob o commando de Massena, em 21 de setembro de 1810 212
—— Officio do marechal Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz, em 11 de outubro de 1810 212
—— Officio do coronel Trant ao general Manuel Pinto Bacellar, em 22 de setembro de 1810 213
N.º 99-C (— 182). Parte official que o general Massena enviou ao governo francez sobre a batalha do Bussaco 216
N.º 99-D (— 236). Parte official que o coronel Trant remetteu ao marechal Beresford, ácerca da tomada de Coimbra, quando Massena marchou para Lisboa em perseguição de lord Wellington ... 219
N.º 99-E (— 238). Réflexions sur la situation de l'armée de Massena près de Lisbonne après l'affaire de Bussaco, par le colonel du génie Vincent, de l'armée du Portugal (année 1808) 222
N.º 99-F (— 267). Parte official dirigida por lord Wellington ao governo portuguez sobre a retirada do marechal Massena das linhas de Lisboa para Santarem 228
N.º 99-G (— 280). Relatorio da campanha do anno de 1810, dirigido por lord Wellington ao governo inglez 232
N.º 99-H (— 367). Parte official da retirada de Massena de Portugal, expedida por lord Wellington a D. Miguel Pereira Forjaz ... 257
N.º 100 (— 382). Proclamação dirigida á nação portugueza por lord Wellington quando Massena foi expulso de Portugal 265
N.º 100-A (— 452). Ordem do dia do marechal Beresford, contendo duas cartas em que lord Wellington agradece os serviços dos corpos de milicias durante o tempo que o exercito alliado recolheu ás linhas de Torres Vedras 268
—— Primeira carta (sem data) 268
—— Segunda carta, em 10 de abril de 1811 269
N.º 100-B (— 459). Correspondencia de lord Wellington com o principe regente, governadores do reino e o ministro inglez em Lisboa, relativamente ao principal Sousa e ao patriarcha eleito 271
—— Carta para o principe regente, em 7 de maio de 1811 271

Pag.

N.º 100-B (Citado a pag. 459). Carta regia em resposta á missiva de lord Wellington, aos 24 de julho da 1811 273

—— Carta para os governadores do reino, em 20 de outubro de 1811 276

—— Resposta dos governadores do reino á precedente carta, em novembro de 1811 278

—— Carta para Carlos Stuart, notando a incoherente conducta do patriarcha eleito sobre os assumptos da guerra 280

N.º 100-C (— 343). Ordem do dia do marechal Beresford, em 1 de maio de 1811, relativa á batalha da Barrosa, junto a Cadiz 284

N.º 100-D (— 497). Instrucções dadas aos dois commissionados que foram ás terras invadidas pelos francezes, no anno de 1810, fazer a distribuição do donativo das £ 100:000 votadas pelo parlamento inglez para soccorro dos respectivos moradores 286

N.º 100-E (— 502). Resumo geral da distribuição do gado nas provincias da Extremadura e Beira 289

N.º 100-F (— 508). Distribuição geral das £ 100:000 dadas pelo governo inglez 292

—— Officio de João Antonio Salter de Mendonça para Manuel Nicolau Esteves Negrão, em 5 de julho de 1815. (Junto á nota que amplia a inserta na pag. 512 do tom. III da segunda epocha) 294

N.º 101 (— 524). Carta de D. Miguel Pereira Forjaz ao marechal Beresford, expondo-lhe a escassez de meios pecuniarios para o custeamento das despezas do exercito 295

N.º 102 (— 554). Parte official dirigida por sir William Carr Beresford, ao governo inglez, relativamente á batalha de Albuera 297

N.º 103 (— 582 e 620). *Memorandum* das operações militares de lord Wellington no anno de 1811 307

N.º 104 (— 621). Carta regia expedida do Rio de Janeiro para o marechal Beresford, ampliando-lhe as suas prerogativas com o fim de obstar ás deserções, de augmentar o recrutamento e remonta do exercito, de castigar os remissos entre os que do mesmo recrutamento eram incumbidos de reformar as milicias e ordenanças, etc 332

—— Carta regia para os governadores do reino, com referencia á precedentemente transcripta 342

DOCUMENTOS CITADOS NO QUARTO TOMO, PRIMEIRA PARTE, DA SEGUNDA EPOCHA

N.º 105 (Citado a pag. 121). Ordem do dia do marechal Beresford, contendo a de lord Wellington com os agradecimentos do parlamento inglez ao exercito luso-britannico pela tomada de Badajoz 347

Pag.

N.º 106 (Citado a pag. 192). Parte official da batalha de Salamanca, dada por lord Wellington ao conde de Bathurs........... 350

N.º 106-A (— 222). Officio de Joaquim Severino Gomes a D. Miguel Pereira Forjaz, sobre o levantamento do sitio de Cadiz, como consequencia da batalha de Salamanca............... 359

N.º 107 (— 481 e 490). Partes officiaes dadas por lord Wellington ao conde de Bathurst, relativamente á marcha do exercito luso-britannico sobre Vittoria e á batalha ali ganha.............. 361

N.º 108 (— 492). Ordem do dia do marechal Beresford, elogiando os corpos do exercito portuguez que se distinguiram na batalha de Vittoria... 371

N.º 109 (— 494). Decreto ordenando as legendas de distincção para as bandeiras dos corpos das duas brigadas de infanteria portugueza que entraram na batalha de Vittoria................. 373

DOCUMENTOS CITADOS NO QUARTO TOMO, SEGUNDA PARTE, DA SEGUNDA EPOCHA

N.º 110 (Citado a pag. 48). Officio do ministro de Portugal em Cadiz, expondo a rasão por que não póde vencer nas côrtes, installadas n'aquella cidade, a regencia da princeza D. Carlota Joaquina.. 379

N.º 111 (— 76). Partes officiaes dirigidas por lord Wellington ao seu governo sobre a batalha dos Pyrenéus.................. 384

—— Officio para o conde de Liverpool, em 25 de julho de 1813... 384

—— Officio para o conde de Bathurst, em 1 de agosto de 1813... 387

N.º 112 (— 85). Insuspeitos testemunhos de alguns generaes inglezes, abonando o valor do exercito portuguez nas batalhas junto dos Pyrenéus.. 397

—— Officio do marechal Beresford a D. Miguel Pereira Forjaz, em 27 de dezembro de 1813.............................. 397

—— Correspondencia a que se refere o officio anterior......... 398

—— Carta de Andrew Hay (sem data)........................ 398

—— Carta de H. Clinton, em 14 de dezembro de 1813......... 400

—— Carta de William Steward, em 16 de dezembro de 1813.... 401

N.º 113 (— 151). Parte official dirigida por lord Wellington ao conde de Bathurst, sobre a batalha de Nivelle............... 404

N.º 114 (— 174). Parte official que lord Wellington dirigiu ao conde de Barthurst, sobre a batalha de Nive................. 410

N.º 115 (— 238). Parte official dirigida por lord Wellington ao conde de Barthurst, sobre a batalha de Orthez................ 416

N.º 115-A (— 254). Capitulação de Paris, feita com as potencias alliadas em 31 de março de 1814......................... 422

Pag.

N.º 116 (Citado a pag. 277). Parte official dirigida por lord Wellington ao conde de Bathurst, ácerca da batalha de Toulouse... 424
N.º 117 (— 291). Proclamação do marechal principe de Schwartzenberg aos habitantes de Paris.......................... 430
N.º 118 (— 297). Convenção para suspensão de armas entre os exercitos alliados da peninsula e as tropas francezas de Montauban.. 431
N.º 119 (— 297). Convenções para suspensão de armas entre os exercitos alliados e os dos marechaes francezes............ 432
N.º 120 (— 298). Convenção para se suspenderem as hostilidades entre as potencias alliadas e a França.................... 438
—— Artigo addicional.................................... 442
—— Artigo secreto....................................... 443
—— Acto de adhesão do principe regente de Portugal á convenção de 23 de abril de 1814.............................. 443
N.º 121 (— 306). Officio do conde do Funchal ao marquez de Aguiar, sobre o tratado de paz de 30 de maio de 1814........ 444
N.º 122 (— 308). Officios do marquez de Aguiar ao conde do Funchal, ácerca da entrega de Cayenna....................... 460
N.º 123 (— 421). Mappa do estado em que chegaram a Londres algumas das peças pertencentes á baixella de prata que o governo portuguez mandou de presente a lord Wellington............ 469
N.º 124 (— 439). Tratado de paz entre o principe regente de Portugal e seus alliados e o rei de França..................... 471
—— Artigos addicionaes.................................. 483
—— Artigos separados e secretos........................... 484